



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



**OS FASTOS**

DE

**BLIO OVIDIO NASÃO**

COM TRADUÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

**ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO**

SEGUIDOS DE NOTAS

POR

**QUASI TODOS OS ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS**



**TOMO II**

**LISBOA**

EM ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

**1888**

211  
C. 54  
V. 2  
p. 1

# PUBLII OVIDII NASONIS

## FASTORUM



### LIBER III

#### Martius mensis



**B**ellice, depositis clypeo paulisper et hasta,

Mars, ades ; et nitidas casside solve comas.

Forsitan ipse roges, quid sit cum Marte poetae.

A te, qui canitur, nomina, mensis, habet.

Ipse vides manibus peragi fera bella Minervae ;

Num minus ingenuis artibus illa vacat ?

Palladis exemplo ponendae tempora sume

Cuspidis ; invenies, et quod inermis agas.

Tum quoque inermis eras, quum te romana sacerdos

Cepit ; ut huic urbi semina digna dares.

Silvia Vestalis, (quid enim vetat inde moveri ?)

13-369041

**OS FASTOS DE OVIDIO**  
**TRADUZIDOS EM VERSO PORTUGUEZ**

POR

**ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO**

---

**LIVRO III**

**● mez de Março**

---

**D**epostos um momento escudo e lança,  
sôlta do elmo a coma luzidia,  
baixa a meus rogos, bellicoso Marte.

Invocação  
a Marte

Pasmas de que um poeta a Marte invoque?  
De *Marte* se diz *Março*, e *Março* eu canto.

Etimolo-  
gia de  
*Março*

Minerva como tu folga nas lides;  
vem nas artes da paz folgar como ella;  
como ella, imprega inerme a actividade.

Bem inerme eras tu, quando entre os braços  
d'essa albana gentil sacerdotiza  
davas digno principio á gran cidade.

Marte e a  
vestal  
Rhea Sil-  
via

Silvia (ás causas subir quem me prohibe?)

Sacra lavaturas mane petebat aquas.

Ventum erat ad molli declivem tramite ripam ;

Ponitur e summa fictilis urna coma.

Fessa resedit humi ; ventosque accepit aperto

Pectore ; turbatas restituitque comas.

Dum sedet, umbrosae salices, volucresque canorae,

Fecerunt somnos, et leve murmur aquae.

Blanda quies victis furtim subrepat ocellis ;

Et cadit a mento languida facta manus.

Mars videt hanc, visamque cupit, potiturque cupitam ;

Et sua divina furta fefellit ope.

Somnus abit ; jacet illa gravis ! jam scilicet intra

Viscera, Romanae conditor urbis, eras.

Languida consurgit ; nec scit, cur languida surgat ;

Et peragit tales arbore nixa sonos :

Utile sit, faustumque, precor, quod imagine somni

Vidimus, (an somno clarius illud erat?)

Ignibus Iliacis aderam ; quum lapsa capillis

sai do templo (é manhã) vai buscar linfa,  
às sacras abluções indispensavel.  
Desce relvoso atalho ; eil-a na fonte ;  
do alto da cabeça entre as mãos ageis  
toma o nutante cantaro vermelho,  
submette-o á bica, e senta-se ; vem lassa ;  
às frescas virações descobre o seio,  
e os turbados cabellos reconcerta.

Em quanto em ocio ameno assim repousa ;  
do salgueiral a sombra, o canto de aves,  
a agua mansa a correr, lhe invidam somno ;  
a pouco e pouco os olhos se lhe fecham ;  
a alva dextra, em que a face está sustida,  
languida lhe descai.

Mavorte ao vél-a,  
arde, ferve de amor ; ousa.... triunfa ;  
e, por mago condão só dado a numes,  
da mesma a quem roubou seu furto incobre.

Acordou ; como jaz desfallecida !  
que muito !, se no seio alvorotado  
da eterna Roma o fundador se alberga !  
Alevanta-se a custo ; e não intende  
o porque assim a custo se alevante.

Incostando-se a uma arvore : — « Propicio  
« praza aos deuses me saia — exclama — « o sonho  
« que ora live.... se imagens como aquellas,  
« se tão claras visões, em sonhos cabem ! :

« Junto do altar, em pé, velava o fogo ;



Decidit ante sacros lanæ vitta focos.  
Inde duæ pariter, visu mirabile, palmae  
Surgunt; ex illis altera major erat;  
Et gravibus ramis totum protexerat orbem;  
Contigeratque nova sidera summa coma.  
Ecce meus ferrum patruus molitur in illas;  
Terreor admonitu, corque timore micat.  
Martia, picus, avis, gemino pro stipite pugnant,  
Et lupa; tuta per hos utraque palma fuit.

Dixerat; et plenam non firmis viribus urnam  
Sustulit; implebat, dum sua visa refert.

Interea crescente Remo, crescente Quirino,  
Coelesti tumidus pondere venter erat.

Quo minus emeritis exiret cursibus annus,  
Restabant nitido jam duo signa Deo.  
Silvia fit mater; Vestae simulacra feruntur  
Virgineas oculis opposuisse manus.  
Ara Deae certe tremuit pariente ministra;  
Et subiit cineres territa flamma suos.

Haec ubi cognovit, contemtor Amulius aequi,  
(Nam raptas fratri victor habebat opes),  
Amne jubet mergi geminos; scelus unda refugit;  
In sicca pueri destituuntur humo.

Lacte quis infantes nescit crevisse ferino,

« da fronte eis que, per si, se me desata  
« o lanoso listão sagrado a Vesta,  
« e cai aos pés do altar ! Eis (oh ! prodigio !)  
« duas palmas que subito rebentam !  
« e uma d'ellas, maior, assombra o orbe,  
« varre as estrellas co'as viçosas plumas !  
« Corre o irmão de meu pai co'o ferro em punho  
« contra vós, bellas arvores ; esgrime-o,  
« vai cortar-vos !.... eu tremo ! eu gélo ! eu morro !  
« Uma loba, um picanço, ave de Marte,  
« vos acodem, vos livram, vos protegem ! » —

Em quanto assim fallava incheu-se a urna ;  
cala ; e esforçando as mãos põe-n-a á cabeça.

Co'o celeste pendor do gemio fruto,  
que hade ser Remo, que hade ser Quirino,  
o maternal sacrario em tanto cresce.

Só dois signos do anno ao fim restavam,  
quando Silvia foi mãe. 'Naquelle ponto,  
diz-se, ó Vesta, e se crê, que a imagem tua  
com as virgineas mãos tapára os olhos ;  
tremeu o altar, e a chamma espavorida  
foi sob a propria cinza homiziar-se.

Sabedor do successo o fero Amulio,  
iniquo usurpador dos bens fraternos,  
manda os gemios lançar do Tibre ás aguas ;  
do attentado cruel refoge o Tibre,  
e no inxuto areal os deixa illesos.

Por nimio conhecida a historia calo

Nascimen-  
to de Ro-  
mulo e  
Remo

Romulo e  
Remo  
lançados  
ao Tibre  
e salvos

A loba e  
o picanço

Et picum expositis saepe tulisse cibos ?

Non ego te, tantae nutrix Larentia gentis ;

Nec taceam vestras, Faustule pauper, opes ;

Vester honos veniet, quum Larentalia dicam ;

Acceptus geniis illa december habet.

Martia ter senos proles adoleverat annos,

Et suberat flavae jam nova barba comae ;

Omnibus agricolis armentorumque magistris

Iliadae fratres jura petita dabant.

Saepe domum veniunt praedonum sanguine laeti ;

Et redigunt actos in sua rura boves.

Ut genus audierunt, animos pater editus auget ;

Et pudet in paucis nomen habere casis ;

Romuleoque cadit trajectus Amulius ense ;

da pia loba, que os nutriu na infancia ;  
do picanço, que o pródigo alimento  
na puericia lhes dava. A ti, Larencia,  
que ao grande povo-rei salvaste o germen,  
pobre Faustulo, a ti, que em choça humilde  
thezoiro de tal preço agazalhaste,  
a vós rustico par, primordios santos,  
brazões primevos dos romanos Fastos,  
eu, dos Fastos cantor, darei meus versos,  
lá quando as *Larentaes* entre as mais festas  
aos genios grato nos trazer dezembro.

de Romu-  
lo e Remo

Larencia e  
Faustulo

Annos tres já contava após tres lustros  
de Marte a egregia prole, e já nas faces  
sob as loiras madeixas fluctuantes  
vello subtil lhe aveludava as rosas.  
De toda a cercanía a flux corriam  
os maioraes do armento, os lavradores,  
a lhes pedir justiça e recebê-la.  
Que de vezes ao lar volvendo á noite  
os juvenis heroes, seus ferreos braços  
de salteadores gotejavam sangue !  
Quantas manadas de roubados toiros  
os magnanimos dois não conduziram  
dos donos seus a repastar nos campos !

Exercicios  
juvenis de  
Romulo e  
Remo

Mal porem lhes foi nota a clara estirpe,  
o nome do grão pai lhes dobra audacia,  
e brios lhes requinta o deus da guerra.  
Fama que nasce e morre entre uns tugurios  
não basta a corações que á gloria aspiram ;  
cái do usurpado Solio Amulio morto ;

Romulo  
mata a  
Amulio e  
restitue o  
governo  
de Alba a  
Numitor

Regnaque longaevo restituantur avo.

Moenia conduntur ; quae, quamvis parva fuerunt,

Non tamen expedit transiluisse Remo.

Jam, modo qua fuerant silvae, pecorumque recessus,

Urbs erat ; aeternae quum pater urbis ait :

Arbiter armorum, de cujus sanguine natus

Credor ; et, ut credar, pignora certa dabo ;

A te principium Romano ducimus anno :

Primus de patrio nomine mensis eat.

Vox rata fit ; patrioque vocat de nomine mensem ;

Dicitur haec pietas grata fuisse Deo.

Et tamen ante omnes Martem coluere priores :

Hoc dederat studiis bellica turba suis.

Pallada Cecropidae ; Minoia Creta Dianam ;

Vulcanum tellus Hypsipylea colit ;

Junonem Sparte ; Pelopeiadesque Mycenae ;

Pinigerum Fauni Maenalis ora caput.

Mars Latio venerandus erat, quia praesidet armis ;

Arma ferae genti remque decusque dabant.

Romulo o derrubou. Romulo intrega  
a seu avô lóngo o reino livre.

Eis se funda a cidade ! a grande ! aquella,  
já tão soberba em seus nascentes muros,  
que impune o proprio Remo os não traspassa !

Fundação  
de Roma

Negras florestas, rusticos pastíos,  
pereceis ! parabens, que já sois Roma !

O fundador então : — « O' tu das armas  
« supremo nume — exclama — « ó tu que a gente  
« cré ser meu genitor (este meu braço  
« bem claro ao mundo provará que o foste)  
« por ti, Marte, de Roma o anno inceto ;  
« do anno o mez primeiro a ti consagro. » —

Consagra  
Romulo a  
Marte o  
primeiro  
mez

Prometteu e cumpriu : de Roma o anno  
em março desde então principio teve,  
e a filial piedade aprouve ao nume.

Aos deuses todos já porêm no Lacio  
era Marte de muito o preferido ;  
culto aos povos belligeros aceito.  
A Pallas os Cecrópidas festejam :  
Cretenses a Diana ; ao deus do fogo  
queima a terra de Hipsipile os incensos ;  
Juno preside a Esparta, aos de Mycenias ;  
e o pinigero Fauno a vós, Menalios ;  
taí Mavorte aos do Lacio presidia,  
fera raça como elle, e costumada  
a mercar honra e bens co'a espada em punho.

Marte já  
antes de  
Romulo  
tinha no  
Lacio pri-  
mazia

Sidoniis; Helicen Graia carina'notet?

Signaque, quae longo frater percenseat anno,

Ire per haec uno mense sororis equos?

Libera currebant, et inobservata per annum

Sidera; constabat sed tamen esse Deos.

Non illi coelo labentia signa movebant,

Sed sua; quae magnum perdere crimen erat;

Illaque de foeno; sed erat reverentia foeno,

Quantam nunc aquilas cernis habere tuas.

Pertica suspensos portabat longa maniplos;

Unde manipularis nomina miles habet.

Ergo animi indociles, et adhuc ratione carentes

Mensibus egerunt lustra minora decem.

Annus erat, decimum quum Luna repleverat orbem.

Hic numerus magno tunc in honore fuit:

Seu quia tot digiti, per quos numerare solemus;

Seu quia bis quino femina mense parit;

Seu quod ad usque decem numero crescente venit,

Principium spatiis sumitur inde novis.

Helis, que aponta á grega proa o rumo ?  
¿ Quem lá na circular sidérea estrada  
suspeitou signos doze, e o sol correl-os  
cada anno uma só vez, e doze a lua ?

Livres os astros pelos ceos fugiam,  
rodeando estações, medindo tempos,  
sem que humano os explore, ou leis lhes dicte ;  
d'estes corpos magnificos, celestes,  
só constava na terra o serem nunes ;  
¿ que importava o demais ? pendões guerreiros,  
só vos ereis, só vós, ao lacio povo  
alta constellação de eterno estudo ;  
perder-vos era crime, horror, opprobrio.  
Entretanto, ó pendões da marcia Roma,  
que ereis vós senão feno ! mas o feno  
'nessas mãos triunfaes valia as aguias ;  
tinha, como ellas hoje, acatamento.  
Dos fenos em *manipulo* arvorados  
no tope de alta vara, se nomeia  
um troço de peões *manipularios*.

Tão rudes, tão boçaes, que maravilha  
que nossos bis-avós aguarentassem  
*mezes dez*, sem cuidar, em cada lustro !  
Dez vezes cheia a lua era o seu anno ;  
grão numero era aquelle : ou porque os dedos  
ajudem no contar, ou porque brotam  
no mez dezeno á luz d'amor os frutos ;  
ou porque emfim dos numeros a serie  
chega aos dez, ali pára, e recomeça,  
por espaços iguaes decemplicando.

O numero  
dez



Inde pares centum denos secrevit in orbes

Romulus, hastatos instituitque decem ;

Et totidem princeps, totidem pilanus habebat

Corpora, legitimo quique merebat equo.

Quin etiam partes totidem Titiensibus idem,

Quosque vocant Ramnes, Luceribusque dedit.

Adsuetos igitur numeros servavit in anno.

Hoc luget spatio femina moesta virum.

Neu dubites, primae fuerint quin ante Kalendae

Martis, ad haec animum signa referre potes.

Laurea Flaminibus, quae toto perstitit anno,

Tollitur, et frondes sunt in honore novae.

Janua nunc regis posita viret arbore Phoebi ;

Ante tuas fit idem, Curia prisca, fores.

Vesta quoque ut folio niteat velata recenti,

Cedit ab Iliacis laurea cana focis.

Adde: quod arcana fieri novus ignis in aede

Dicitur ; et vires flamma resecta capit.

Nec mihi parva fides, annos hinc esse priores ;

Anna quod hoc coepta est mense Perenna coli.

Hinc etiam veteres inite memorantur honores

Ad spatium belli, perfide Poene, tui.

Assim, creando Romulo as *centurias*, cada centuria desde logo a extrema em dez *mós*, cada *mó* de dez soldados : dez, *lanceiros* ; dez, *principes* e *pilanos* outros dez. Dez a dez, como os infantes, repartiu igualmente os cavalleiros.

A exemplo da milicia ordena as *tribus* : os *Ticiences*, os *Celeres*, os *Ramnes*.

Seu numero usual deu pois aos mezes ; e mezes dez em luto a afflicta esposa as cinzas conjugaes com pranto orvalha.

Que as primicias do anno eram de Marte provam claros signaes : tira-se o loiro, que adornava dos Flamines a estancia, e loiro novo a estancia lhes adorna.

Phebéa rama, ó rei dos sacrificios, verdeja aos teus umbraes, e a cada porta da curia velha em Roma. A teucra Vesta despe os murchos festões de em torno ás aras, e de loiro viçoso as adereça ; momento em que tambem (segundo é fama) nos penetraes incognitos do templo accendem lume novo, e se restaura, vivaz, e radiosa, a sacra flamma.

Outra forte razão me abona a crença : de Anna Perenna o culto abriu-se em Março. Em Março começavam de exercer-se, nos diz a tradição, de Roma os cargos ; usança, que ha chegado aos tempos vossos, barbaras guerras do traidor Annibal ;

Primeira  
prova de  
haver co-  
meçado o  
anno em  
Março

Segunda e  
terceira  
prova

Quarta  
prova

Quinta  
prova

Sexta pro-  
va

Sétima  
prova

Denique quintus ab hoc fuerat Quintilis, et inde  
Incipit; a numero nomina quisquis habet.

Primus, oliviferis Romam deductus ab arvis,  
Pompilius menses sensit abesse duos;

Sive hoc a Samio doctus, qui posse renasci  
Nos putat; Egeria sive monente sua.

Sed tamen errabant etiamnum tempora; donec  
Caesaris in multis haec quoque cura fuit.

Non haec ille Deus, tantaeque propaginis auctor  
Credidit officiis esse minora suis;

Promissumque sibi voluit praenoscere coelum;  
Nec Deus ignotas hospes inire domos.

Ille moras solis, quibus in sua signa rediret,  
Traditur exactis disposuisse notis.

Is decies senos ter centum et quinque diebus  
Junxit, et e pleno tempora quarta die.

Hic anni modus est: in lustrum accedere debet,  
Quae consummatur partibus, una dies.

Si licet occultos monitus audire Deorum  
Vatibus, ut certe fama licere putat;

Quum sis officiis, Gradive, virilibus aptus,  
Dic mihi, matronae cur tua festa colant?

o quinto mez enfim de Março avante  
chamava-se *Quintil*; os subsequentes  
inda nós por seu conto os designâmos.

Olivaes da Sabinia, o filho vosso,  
que Roma alçara a rei, foi-quem primeiro  
(sabio Numa!) advertiu no annuo curso  
minguarem mezes dois; ¿ quem lh'o insinára?  
¿ Seria o Samio, o introductor da crença  
do nosso transmigrar? ¿ Seria Egeria,  
Egeria a mestra, a inspiradora sua?  
Inda entretanto o computo dos tempos  
desde então até nós vagou errado;  
Cesar, que olha por tudo, olhou por elle:  
a gloria de emendal-o obteve-a Cesar.  
Um deus, um pai de divinal progenie.  
não houve por indigno aquelle assumpto  
dos pensamentos seus; predestinado  
a ser um dia morador do Olimpo,  
por não intrar como hospede na patria,  
lhe aprouve de antemão reconhecê-la.  
Os marcos donde o sol reverte ao giro,  
elle os assignalou, pregoa a fama;  
elle, quem dias cinco após sessenta  
a trezentos uniu, e fez co'as sobras  
ao quarto anno do lustro um novo dia.

Se é dado aos vates segredar co'os numes,  
se luzes, qual se crê, nos baixam d'elles,  
uma duvida, ó Marte, aqui me solve:  
¿ sendo tu varonil por excellencia,  
a que vem damas frequentar-te as festas?

Oitava  
prova

Numa re-  
forma, e  
ainda não  
acerta, o  
Calenda-  
rio

Cesar cor-  
rige o Ca-  
lendario

Março I  
— As mu-  
lheres na  
festa de  
Marte; ra-  
zão por-  
que

Jugeraque inculti pauca tenere soli.

Cum pare quaeque suo, coeunt, volucresque, feraeque,

Atque aliquam, de qua procreet, anguis habet.

Extremis dantur connubia gentibus; at, quae

Romano vellet nubere, nulla fuit.

Indolui; patriamque dedi tibi, Romule, mentem;

Tolle preces, dixi; quod petis, arma dabunt.

Festa para Conso; Consus tibi caetera dicet.

Illo facta die, quum sua sacra canes.

Intumueres Cures, et quos dolor attigit idem;

Tum primum generis intulit arma socer.

Jamque fere raptae matrum quoque nomen habebant;

Tractaque erant longa bella propinqua mora.

Conveniunt nuptae dictam Junonis in aedem;

Quas inter mea sic est nurus orsa loqui:

O pariter raptae, quoniam hoc commune tenemus,

« de algumas geiras de terreno inculto !....  
« Amor entre os iguais seu jugo assenta :  
« junta-se a ave á ave, a fera á fera,  
« ao reptil o reptil; a cada especie  
« mutua, branda affeição mantem, propaga ;  
« cada povo, inda os ultimos da terra,  
« dura pelo himeneu, por elle avulta ;  
« ; para os romanos só não ha consortes ? !  
« Pesou-me por meu Romulo ; influi-lhe  
« a paterna altivez : — *Não peças* — clamo —  
« *o que embalde has pedido ; arma-te, colhe-o.*  
« *Vai, prepara ao deus Conso insignes jogos ;*  
« *tudo mais Conso mesmo hade inspirar-t'o,*  
« *quando em seu dia lhe intoeis as glorias.*

Festa de  
Conso;  
rapto das  
sabinas

« Consumado o grão rapto, as iras fervem ;  
« a sede da vingança abraza a Cures,  
« e aos mais povos, como ella espoliados ;  
« rebenta a guerra alfim. Já contra Roma  
« hostes dos sogros seus bramindo avançam.

« ; A longa duração quem ha que ignore  
« d'essa implacavel guerra entre visinhos,  
« e já com parentesco intrelaçados ?....

Guerra  
dos sabinos  
contra  
os roma-  
nos

« Das que amor conquistou, raras carecem  
« do titulo de mãe. De Juno ao templo,  
« prazo dado entre si, concorrem todas ;  
« lá de meu filho a esposa assim lhes falla :

« — *Vós a quem tocou sorte igual á minha,*  
« *vós que amante violencia ha feito esposas ;*

Discurso  
da mulher  
de Romu-

Non ultra lente possumus esse piae.

Stant acies ; sed utra Di sint pro parte rogandi,

Eligite ; hinc conjux, hinc pater, arma tenent.

Quaerendum, viduae fieri malimus, an orbae :

Consilium vobis forte piumque dabo.

Consilium dederat. Parent ; crinemque resolvunt ;

Moestaque funerea corpora veste tegunt.

Jam stabant acies ferro mortique paratae ;

Jam lituus pugnae signa daturus erat ;

Quum raptae veniunt inter patresque virosque ;

Inque sinu natos, pignora cara, ferunt.

Ut medium campi passis tetigere capillis,

In terram posito procubuere genu ;

Et, quasi sentirant, blando clamore nepotes

Tendebant ad avos brachia parva suos.

Qui poterat, clamabat avum, tum denique visum ;

Et, qui vix poterat, posse coactus erat.

Tela viris animusque cadunt ; gladiisque remotis

Dant soceri generis, accipiuntque, manus.

Laudatasque tenent natas ; scutoque nepotem

« ó donas attendei-me : a inercia nossa  
« já degenera em barbara impiedade.  
« Eis em campo os exercitos. ¿ Aos numes,  
« donas, por qual dos dois faremos preces ?  
« d'alem, temos o pai ! d'aqui, o esposo !  
« ¿ quereis viúvas ser ? ¿ quereis ser orfãs ?  
« é forçado escolher ; ¿ mas quem o ousára ?  
« segui pois meu conselho ; é nobre é pio. »

lo ás ma-  
tronas

« Deu-lh'o, aprouve, cumpriu-se : eis se desgrenham,  
« eis de funereo luto se carregam.

« Face a face os exercitos postados  
« aguardam, que a trombeta horrisonante  
« dê pregão de investir ; eil-as armadas  
« dos filhinhos gentis, que ao seio apertam,  
« acorrem a interpor-se a pais, e esposos.  
« Ali curvo o joelho, ali prostradas,  
« solto o cabello, á compaixão presentam  
« os de amor e himeneu mimosos frutos.  
« Notai como os bracinhos cór de leite  
« alçam para os avós que nunca viram,  
« e no infantil clamor, suave, ingenuo,  
« inexpertos do mal sentil-o inculcam.  
« Chamam *avô avô* os que já fallam ;  
« e os que mal podem a poder se obrigam.

I n t e r-  
poem-se  
as matro-  
nas entre  
os roma-  
nos e os  
sabinos

« Cáem rendidos animos e lanças ;  
« espadas para longe se arremeçam ;  
« sogros, genros, as mãos se dão, se tomam.  
« Mais formosas de gloria as heroínas  
« nos braços paternaes seu premio colhem ;

C o n s e-  
guem-se  
as pazes



Fert avus ; hic scuti dulcior usus erat.

Inde diem, quae prima, meas celebrare Kalendas

Oebalides matres non leve munus habent.

An quia committi strictis mucronibus ausae,

Finierant lacrimis Martia bella suis ;

Vel quod erat de me feliciter Ilia mater.

Rite colunt matres sacra, diemque meum ?

Quid ? quod hiems, adopertâ gelu, nunc denique cedit,

Et pereunt victae sole tepente nives ?

Arboribus redeunt detonsae frigore frondes ;

Vividaque e tenero palmite gemma tumet.

Quaeque diu latuit, nunc se, qua tollat in auras,

Fertilis occultas invenit herba vias.

Nunc fecundus ager ; pecoris nunc hora creandi ;

Nunc avis in ramo tecta laremque parat.

Tempora jure colunt latiae fecunda parentes,

Quarum militiam votaue partus habet.

Adde, quod excubias regi Romanus agebat,

« e os avós, convertendo o escudo em berço,  
« levam 'nelle com sofrega ufania  
« de suas filhas as ridentes copias.

« Eis por que a ebalia stirpe, as lacias donas,  
« têm por uso e dever do mez na intrada  
« calendas minhas celebrar com festa.

« Mas seria da usança unica origem  
« lembrar de idade a idade o esforço heroico  
« das que atravez das armas prorompendo  
« afogaram nas lagrimas a guerra?

« Tal honra feminil dada a meu nune  
« não provirá tambem, de que a meus fogos  
« deveu Ilia, a vestal, ser mãe de Roma?

Segunda  
explicação  
do festejo  
feminil a  
Morte

« Não será finalmente acção de graças,  
« porque as furias do inverno afugentando  
« ao rir de brandos sóes dissolvo as neves?  
« volve ás despidas arvores folhagem;  
« a vinha desabrolha; o chão viceja  
« co'os rebentados grãos luxuriante;  
« agora ri a esp'rança em campo e campo;  
« nas pelejas de amor as greis se exercem;  
« a ave ingenha no ramo o tecto, os lares.

Terceira  
explicação:  
a primavera

« Quadra de universal fertilidade,  
« com razão lacias mãis te rendem cultos,  
« ellas que por milicia amor só contam,  
« e no almo produzir só põem seus votos.

« Mais: no oiteiro, hoje Esquilias nomeado,

Quarta  
explicação

Qua nunc Esquilias nomina collis habet.

Illic a nuribus Junoni templa latinis

Hac sunt, si memini, publica facta die.

Quid moror? et variis onero tua pectora causis?

Eminet ante oculos, quod petis, ecce tuos.

Mater amat nuptas; matris me turba frequentat;

Haec nos praecipue tam pia causa decet.

Ferte Deae flores; gaudet florentibus herbis

Haec Dea; de tenero cingite flore caput.

Dicite: Tu lucem nobis, Lucina, dedisti;

Dicite: Tu voto parturientis ades.

Si qua tamen gravida est, resolutō crine precetur,

Ut solvat partus molliter illa suos.

Quis mihi nunc dicat, quare coelestia Martis

Arma ferant Salii, Mamuriumque canant?

Nympha, mone, nemori stagnoque operata Dianae,

Nympha, Numae conjux; ad tua festa veni.

Vallis Aricinae sylva praecinctus opaca

Est lacus, antiqua religione sacer.

« onde aos umbraes de Romulo outro tempo  
« sentinellas vagar já foram vistas,  
« lá, se a ponto me lembra, é que as latinas  
« 'noutras eras, em dia igual a este,  
« á sacra Juno o templo inauguraram.

ção: no  
mesmo  
dia inau-  
guração  
do templo  
de Juno  
no Esqui-  
lino

« Não te quero cançar com mais origens ;  
« é obvia a explicação do que procuras :  
« Juno ás esposas quer ; Juno as protege :  
« a mim, por filho seu, dão pois seus cultos.  
« Tão pia explicação prefiro a todas. » —

Quinta  
explica-  
ção: Juno  
Lucina

Flores á deusa dai, que se regala  
co'as hervas a florir ; trançae-vos c'rôa  
de multicores morbidas boninas ;  
dizei-lhe : — *Tu, Lucina, á luz nos deste ;  
conserva-te benigna ás que te invocam ;  
nas dores maternas sê nossa amparo !* —  
Se já grávida alguma acode á festa,  
essa de coma esparsa intôe o rogo,  
porque lhe assista no apertado lance.

Oração  
das mu-  
lheres a  
Lucina

¿ Quem me ora explicará levarem Salios  
armas de Marte, que dos ceos cairam,  
e o cantarem Mamurio ? O' tu que outr'ora  
com Diana habitaste o lago, a selva,  
ninfa, consorte e oraculo de Numa,  
aos sacrificios teus eis-me chegado ;  
imploro o teu favor, Egeria, inspira-me !

Continua-  
ção de 1  
de Março  
— Salios e  
Mamurio

Jaz no Aricino valle, em selva opaca,  
lago já lá d'avós por sacro havido.

Bosque de  
Aricia —  
Hipolito  
virbio

**Hic latet Hippolytus furiis direptus equorum ;**

**Unde nemus nullis illud initur equis.**

**Licia dependent, longas velantia saepes,**

**Et posita est meritae multa tabella Deae.**

**Saepe potens voti, frontem redimita coronis,**

**.Femina lucentes portat ab urbe faces.**

**Regna tenent fortesque manu pedibusque fugaces ;**

**Et perit exemplo postmodo quisque suo.**

**Defluit incerto lapidosus murmure rivus ;**

**Saepe, sed exiguis haustibus, inde bibes.**

**Egeria est, quae praebet aquas, Dea grata Camenis :**

**Illa Numae conjux, consiliumque fuit.**

**Principio nimium promptos ad bella Quirites**

**Molliri placuit jure, Deumque metu.**

**Inde datae leges, ne firmior omnia posset ;**

**Coeptaque sunt pure tradita sacra coli.**

**Exiit feritas ; armisque potentius aequum est :**

Posto que humana vista o não descubra ;  
Hipolito lá mora, o lacerado  
por seus igneos corseis ; corsel na matta  
não põe pé.

Pelos comoros silvosos  
poisam nuvens de liços ; quadros pendem  
por toda a parte á deusa bemfeitora.

Promessas  
e ex voto  
no bosque  
de Aricia

Romanas, a quem votos ha cumprido,  
cada dia ali vão florir'roadas  
com vivo facho em punho ; ali só reina  
servo fugido, que se abriu co'o ferro  
caminho ao sacerdocio ; o que elle ha feito,  
far-lh'o-ha outro mais forte ; o gráo e a vida,  
como elle os usurpou hão-de usurpar-lh'os.

Singular  
governo  
de Aricia

¿ Vês aquelle regato ? o seu murmurio  
por cima dos calhaos mal se percebe ;  
a miude bebe 'nelle, e a curtos sôrvos.  
¿ Sabes quem d'invisivel urna o verte ?  
é das musas a tacita pupilla,  
a rainha de Roma, Egeria, a deusa,  
amante, esposa, oraculo de Numa.

Egeria e  
sua fonte  
no bosque  
de Aricia

Eram nossos avós 'naquella idade  
ao mavorcio furor nimio propensos.  
Houve de se invocar para amansal-os  
dos numes o rigor, das leis a força :  
póz-se entre o forte e o fraco alma justa ;  
despem-se da rudeza a fé e o culto ;  
cedem armas ao jús ; foge a barbarie ;

Amansa  
Numa a  
ferocidade  
romana

Et cum cive pudet conseruisse manus.

Atque aliquis, modo trux, visa jam vertitur ara;

Vinaque dat tepidis salsaque farra focus.

Ecce Deum genitor rutilas per nubila flammis

Spargit, et effusis æthera siccat aquis.

Non alias missi cecidere frequentius ignes.

Rex pavet, et vulgi pectora terror habet.

Cui Dea: Ne nimium terrere; piabile fulmen

Est, ait; et soevi flectitur ira Jovis:

Sed poterunt ritum Picus Faunusque piandi

Prodere, Romani, numen uterque, soli.

Nec sine vi tradent: adhibeto vincula captis.

Atque ita, qua possint, erudit, arte capi.

Lucus Aventino suberat niger ilicis umbra,

Quo posses viso dicere: Numen inest.

In medio gramen, muscoque adoperta virenti

Manabat saxo vena perennis aquae.

Inde fere soli Faunus Picusque bibebant.

Huc venit, et fonti rex Numa mactat ovem;

Plenaque odorati disponit pocula Bacchi;

Cumque suis antro conditus ipse latet.

Ad solitos veniunt silvestria numina fontes;

entre concidadãos são pejo as brigas ;  
o iroso, olhando o altar, esquece as furias,  
e vinho, farro, e sal, já verte ás chammas.

Eis pelo negro ceo desfeito em chuvas  
da alta dextra de Jove desparados  
começam de luzir troar coriscos.  
Incruzam-se, redobram-se, ribombam ;  
treme o rei, treme o povo ; igual tormenta,  
tão crebro fulminar, jamais o hão visto !

Esconju-  
ração do  
raio

— « Não succumbas Pompilio — exclama Egeria ; —  
« contra o raio ha conjuro : ha para Jove  
« possante expiação, que o propicie.  
« Pico e Fauno, ambos deuses 'neste solo,  
« possuem todo o arcano ; agrilhoal-os  
« é comtudo mister para extorquir-lh'o ;  
« vai, agrilhoa-os pois. » — Diz, e lhe amostra  
onde os possa colher. Tremendo luco  
d'espesso azinheiral 'naquella idade  
inoitecia as faldas do Aventino !  
— « Deus ha hi ! » — se exclamava ao pôr-lhe os olhos.  
No meio, em chão relvado, borbuhlava  
musgosa veia de agua, em que só usam  
Pico e Fauno beber.

Pico e  
Fauno  
consulta-  
dos por  
Numa

Antigoluc-  
co ás abas  
do Aven-  
tino

Ali vai Numa ;  
á fonte immola ovelha ; á borda, taças  
põe de Bacho oloroso ; e se homizía  
co'os seus fieis 'num antro.

Eil-o que chega  
á solita matriz o par silvestre ;



Et relevant multo pectora sicca mero.

Vina quies sequitur; gelido Numa prodit ab antro;

Vinclaque sopitas addit in areta manus.

Somnus ut abscessit, tentando vincula pugnant

Rumpere; pugnantes fortius illa tenent.

Tum Numa: Di nemorum, factis ignoscite nostris,

Sicelus in genio scitis abesse meo;

Quoque modo possit fulmen monstrate piari.

Sic Numa; sic quatiens cornua Faunus ait:

Magna petis; nec quae monitu tibi discere nostro

Fas sit; habent fines numina nostra suos.

Di sumus agrestes, et qui dominemur in altis

Montibus; arbitrium est in sua tela Jovi.

Hunc tu non poteris per te deducere coelo;

At poteris nostra forsitan usus ope.

Dixerat haec Faunus; par est sententia Pici.

Deme tamen nobis vincula, Picus ait.

Jupiter huc veniet, valida deductus ab arte.

Nubila promissi Styx mihi testis erit.

Emissi quid agant laqueis, quae carmina dicant,

eis no abundante vinho a sede estancam ;  
eis o somno que os toma ; eil-os dormindo.

Sái da caverna o rei ; prende-lhe os pulsos  
com mão subtil, mas em forçosos laços.  
Despertam, vão mover-se ; estão captivos !  
lidam contra as prisões ; lidando as cerram.

— « Selvaticas deidades — Numa exclama —  
« sacrilego não sou ; perdão supplico ;  
« venho aprender como se expia o raio. » —

Meneando a fronte armigera : — « Não pouco  
« pedes tu — Fauno acode ; — « é-nos defeso  
« satisfazer-te o impenho : o poderio  
« de deidades, quaes nós, tem raias curtas :  
« numes somos agrestes ; nosso imperio  
« dos montes não transcende. O jus do raio  
« toca a Jove tão só ; forçal-o, impor-lhe,  
« que dos ceos baixe á terra, em ti não cabe ;  
« salvo se por ventura auxilio nosso  
« te franquear tal don. » —

Calou-se Fauno.

Pico o mesmo responde. — « As prisões nossas,  
« quebra porem — lhe diz ; — « verás em breve  
« de artes possantes constringido Jupiter  
« do Olimpo aqui baixar ; por testimunha  
« dou da promessa a nebulosa Estige. » —

O que, soltos dos vinculos por Numa,  
hão feito, os versos magos que resaram,

**Sed tibi, protulerit quum totum crastinus orbem**

**Cynthius, imperii pignora certa dabo.**

**Dixit, et ingenti tonitru super aethera motum**

**Fertur; adorantem destituitque Numam.**

**Ille redit loetus, memoratque Quiritibus acta;**

**Tarda venit dictis, difficilisque fides.**

**At certe credemur, ait, si verba sequatur**

**Exitus; en, audi crastina, quisquis ades.**

**Protulerit terris quum totum Cynthius orbem,**

**Jupiter imperii pignora certa dabit.**

**Discedunt dubii, promissaque tarda videntur;**

**Dependetque fides a veniente die.**

**Mollis erat tellus rorataque mane pruina;**

**Ante sui populus limina regis adest.**

**Prodit, et in solio medius consedit acerno.**

**Innumeri circa stantque silentque viri.**

**Ortus erat summo tantummodo margine Phoebus;**

**Sollicitae mentes speque metuque pavent.**

**Constitit, atque caput niveo velatus amictu,**

**Jam bene Dis notas sustulit ille manus;**

**Atque ita : Tempus adest promissi muneris, inquit:**

**Pollicitam dictis, Jupiter, adde fidem.**

**Dum loquitur, totum jam sol emererat orbem.**

« Amanhã quando o sol fôr já nascido,  
« claros abonos te darei de imperio. » —

Cala : estoiram trovões ; revôa ao polo,  
deixando a Numa atonito, por terra,  
submerso no adorar. Alfim surgindo,  
ledo aos Quirites seus Numa reverte ;  
narra todo o successo ; é crido a custo.

— « Dos portentos que ouvís dêem prova plena  
« portentos, que amanhã vereis vós todos :  
« mal que fôr nado o sol, Jupiter mesmo  
« penhores claros nos dará de imperio. » —

Retiram-se perplexos ; já lhes tarda  
que aponte o dia novo ; o desingano  
só d'elle está pendente.

Ao rômper d'alva  
inda o frigido orvalho está caindo,  
quando ás portas reaes já ferve o povo.  
Abriram-se ; lá sái ; lá toma assento  
no throno simples de grosseiro bôrdo.  
Na turba circumfusa, innumeravel,  
nem se ouve respirar. Alfim, desponta  
do auri-tremulo disco o primo raio !  
arfam, dubios de esp'rança e medo os peitos.  
Surge elrei ; 'num véo alvo envolve a fronte,  
e as pias mãos, aos deuses conhecidas  
para os deuses levanta. — « É vinda a hora  
« de se cumprir teu don ; teu don se cumpra  
« ó Jupiter » — exclama. — O sol emtanto  
acabou de emergir !

O ANGLIO  
baixado  
dos ceos

Et gravis aethero venit ab axe fragor.

Ter tonuit sine nube Deus, tria fulgura misit.

Credite dicenti : mira, sed acta, loquor.

A media coelum regione dehiscere coepit ;

Submisere oculos cum duce turba suos.

Ecce levi scutum versatum leniter aura

Decidit ; a populo clamor ad astra venit.

Tollit humo munus, caesa prius ille juvenca,

Quae dederat nulli colla premenda jugo ;

Idque ancile vocat, quod ab omni parte recisum est ;

Quaque notes oculis, angulus omnis abest.

Tum, memor imperii sortem consistere in illo,

Consilium multae calliditatis init.

Plura jubet fieri simili caelata figura,

Error ut ante oculos insidiantis eat.

Mamurius, morum fabraene exactior artis,

Difficile est, illud, dicere, clausit opus.

Cui Numa munificus : Facti pete proemia, dixit ;

Si mea nota fides, irrita nulla petes.

Jam dederat (Saliis, a saltu nomina ducunt),

Armaque, et ad certos verba canenda modos.

Tum sic Mamurius : Merces mihi gloria detur,

Nominaque extremo carmine nostra sonent.

Fragor profundo

lá na abobada azul subito estoira !  
tres trovões, tres relampagos, sem nuvens  
desfere a flux o deus ! (ficções não canto)  
abrem-se ao meio os ceos ! monarcha e povo  
baixam olhos ! lá desce em brandas auras  
boiando ethéreo escudo ! alta celeuma  
sóbe unisona ao polo ! o chefe ovante,  
immolada novilha ignota a jugo,  
alça da terra o don ; e, por que em torno  
boleado e sem angulos o observa,  
nome lhe põe de *Ancilio*. Então, pois sabe,  
que são fados do imperio os d'esse escudo,  
traça dá com mui provido conselho,  
a que de igual feição se lavrem muitos.  
D'esta arte, quando um perfido o cubice,  
tem de sair burlado.

Os Anci-  
lios de Ma-  
murio

O bom Mamurio,

homem de toda a conta, e mestre insigne,  
foi o que pôz por obra a astuta ideia.  
— « Pede o que te aprouver em recompensa —  
diz magnanimo Numa ; — « aqui te impenho  
« a minha real fé, que hei-de outorgar-t'o. » —

Já 'nesse tempo aos *salios* sacerdotes  
(do seu *saltar* dançando assim chamados)  
havia dado a solita armadura,  
e dos canticos seus os tons e as frases.

— « Pois bem — volve Mamurio — « a gloria peço ;  
« outra paga não quero : entre o meu nome  
« como remate em cabo dos seus versos. » —

Etimolo-  
gia, ar-  
m a s, e  
cantar dos  
SALIOS

Inde sacerdotes operi promissa vetusto  
Praemia persolvunt, Mamuriumque vocant.

Nubere si qua voles, quamvis properabitis ambo,  
Differ: habent parvae commoda magna morae.  
Arma movent pugnam; pugna est aliena maritis.  
Condita quum fuerint, aptius omen erit.

His etiam conjux apicati cincta Dialis  
Lucibus impexas debet habere cōmas.

Tertia nox emersa suos ubi moverit ignes,  
Conditus e geminis Piscibus alter erit.  
Nam duo sunt: austris hic est, aquilonibus ille  
Proximus; a vento nomen uterque tenet.

Quum croceis rorare genis Tithonia conjux  
Coerperit, et quintae tempora lucis aget;  
Sive est Arctophylax, sive est piger ille Bootes,  
Mergetur, visus effugietque tuos.  
At non effugiet Vindemitor: hoc quoque causam  
Unde trahat sidus, parva docere mora est.

Ampelon intonsum, Satyro Nymphaque creatum  
Fertur in Ismariis Bacchus amasse jugis.  
Tradidit huic vitem pendentem frondibus ulmi,  
Quae nunc de pueri nomine nomen habet.  
Dum legit in ramo pictas temerarius uvas,  
Decidit: amissum Liber in astra vehit.

Eis o por que ind'agora os coros salios  
se ouvem clamar *Mamurio* ; andam pagando  
da patria Roma a divida vetusta.

Por mais que impaciente amor vos punja,  
evita agora, ó noiva, atar consorcio ;  
tens no breve espaçar proveito grande.  
Armas são guerra ; esposos a detestam ;  
deixal-as recolher, para que ás bodas  
mais prosperos auspicios vos presidam.

'Nestes dias tambem deve a cingida  
consorte do Dial não pentear-se.

Quando terceira noite espargir astros,  
já se avista um só peixe, e dois são elles :  
um, de aquilões visinho ; outro, dos austros ;  
dos ventos um e outro houveram nome.

Quando a Titonia moça lacrimosa  
nos rasgar quinta luz, já te ha fugido,  
mergulhado no mar, esse a quem chamam  
Tardo Bootes uns, outros Arctófilax.  
Mas o Vendimador inda apparece.  
D'esta constellação vá breve a historia.

De uma ninfa e dos satiros nascido,  
diz que Ampelos do Ismaro nos serros  
dilecto foi de Bacho. O deus por mimo  
lhè deu, pendente de frondoso olmeiro,  
vide, que o nome d'elle inda conserva.  
Vê as uvas pintar, trepa a colhel-as,  
cái, morre. Áfflicto o nume o pôz nos astros.

É o 1.º de  
Março  
aziago pa-  
ra caza-  
mentos

Não se  
penteia a  
mulher do  
Flamine  
Dial

Março 3  
— Occaso  
de um dos  
dois pei-  
xes

Março 5  
— Occaso  
do Bootes

Ainda se  
vê a cons-  
tellação  
do Vendi-  
mador.  
Ampelos



Sextus ubi oceano clivosum scandit olympum

Phoebus, et alatis aethera carpit equis,

Quisquis ades, canaeque colis penetralia Vestae,

Cratera Iliacis turaque pone focus.

Caesaris innumeris, quem maluit ille mereri,

Accessit titulis pontificalis honos.

Ignibus aeternis aeterni numina praesunt

Caesaris Imperii pignora juncta vides.

De veteris Trojae dignissima praeda favilla,

Qua gravis Aeneas tutus ab hoste fuit;

Ortus ab Aenea tangit cognata sacerdos

Numina: cognatum, Vesta, tuere caput.

Quos sancta fovet ille manu, bene vivitis, ignes;

Vivite inextincti, flammaque, duxque, precor.

Una nota est Martis Nonis: sacrata quod illis

Templa putant lucos Vejovis ante duos.

Romulus, ut saxo lucum circumdedit alto,

Quilibet, huc, inquit, confuge, tutus eris.

O quam de tenui Romanus origine crevit!

Turba vetus quam non invidiosa fuit!

Ao subir sexto sol do oceano ao polo,  
ó vós, que rendeis culto á prisca Vesta,  
taças levae, e incenso ao fogo iliaco.

Marco 6  
— Obla-  
ç õ e s a  
Vesta

Do grão Cesar aos titulos sem conto  
acresceu 'neste dia o que o mais enche  
de almo prazer, por tól-o merecido :  
a summa, a pontificia autoridade !  
D'est'arte, ás chammas immortaes preside  
de um principe immortal a divindade ;  
dois abonos de imperio estão conjunctos.

Toma Ce-  
sar o titu-  
lo de Pon-  
tífice

Sacros objectos, que de Troia em cinzas  
pio heroe carregou, reliquias santas  
que Eneas d'entre as turbas inimigas  
salvou, dando-lhe vós a immundade ;  
d'esse Eneas é prole o sácerdote,  
que vos toca, vos trata ; avítos númes,  
vinculos parentaes comvosco o prendem.  
Protege-o pois, e o guarda ; é teu ó Vesta.  
Fogos da augusta mão favorecidos,  
nunca extinctos sereis ; eternos durem  
a par lume e pontífice depreco.

Um só ponto abalísa as marcias Nonas :  
crê-se, que ante os dois lucos 'nesse dia  
fôra sagrado a Vejove o seu templo.  
Murou Romulo o bosque, e lançou bando :  
*Quem aqui se acolher fique seguro.*

Marco 7  
— Templo  
e asilo de  
Vejove,  
fundação  
de Romu-  
lo

Que humilde berço a tão fastoso imperio !  
homens de então ! quão pouco vos bastava !

Ne tamen ignaro novitas tibi nominis obstet,

Disce, quis iste Deus, curve vocetur ita.

Jupiter est juvenis; juveniles adspice vultus;

Adspice deinde manum; fulmina nulla tenet.

Fulmina, post ausos, coelum affectare Gigantas,

Sumta Jovi; primo tempore inermis erat.

Ignibus Ossa novis, et Pelion altior Ossa

Arsit, et in solida fixus Olympus humo.

Stat quoque Capra simul: Nymphae pavisse feruntur

Cretides: infanti lac dedit illa Jovi.

Nunc vocor ad nomen: ve grandia farra coloni,

Quae male creverunt, vescaque parva vocant.

Vis ea si verbi est, cur non ego Vejovis aedem

Aedem non magni suspicer esse Jovis?

Jamque, ubi caeruleum variabunt sidera coelum,

Suspice: Gorgonei colla videbis equi.

Creditur hic caesae gravis cervice Medusae

Se o titulo do deus, que ali se adora,  
vos parecer acaso estranho, escuro,  
escutae-me, ouvireis do nome a causa.

Etimolo-  
gia de Ve-  
Jove

O Jove, a quem veneram 'neste alcaçar  
representa inda moço ; olhae seu rosto :  
é rosto menineiro ; olhae-lhe a dextra :  
inda raio não tem, que esse attributo  
só o tomou, depois que ambicionaram  
roubar-lhe os ceos sacrilegos gigantes ;  
ao principio era inerme ; estreou raios,  
quando houve de abrazar Pelion sobre Ossa,  
e o Ossa sobre o Olimpo acastelado.

¿ Notais aos pés da estatua aquella cabra ?  
era a que as ninfas Crétides pasciam ;  
era a que ao deus amamentou na infancia.

Mas venhamos ao nome : os lavradores  
na sua lingua rustica designam  
pør *vegrande* o minguado : o opposto a grande ;  
*vegrandes cereaes*, são infesados ;  
coisa pequena é *vesca* ; o *ve* preposto  
a accepção do vocabulo aguarenta.  
Sendo assim, suspeitar me é permittido  
que ao templo do seu Jove inda pequeno,  
sanctuario de *Vejove* o chamassem.

Aguarda que se estelle o ceo ceruleo ;  
então, se ergues o rosto, o collo avistas  
do gorgoneo corseel. Foi este nado,  
segundo crêm, da grávida garganta

N a s c i -  
m e n t o e  
o r i g e m d a  
c o n s t e l l a -  
ç ã o P e g a -  
s o

Sanguine respersis prosiluisse jubis.

Huic supra nubes, et subter sidera lapsa

Coelum pro terra, pro pede penna fuit.

Jamque indignanti nova frena receperat ore;

Quum levis Aonias ungula fodit aquas.

Nunc fruitur coelo, quod pennis ante petebat;

Et nitidus stellis quinque decemque micat.

Protinus adspicies venienti nocte Coronam

Gnosida: Theseo crimine facta Dea est.

Jam bene perjuro mutarat conjugem Bacchum,

Quae dedit ingrato fila legenda viro.

Sorte tori gaudens, Quid flebam rustica? dixit:

Utiliter nobis perfidus ille fuit.

Interea Liber depexus crinibus Indos

Vincit, et Eoo dives ab orbe redit.

Inter captivas facie praestante puellas

Grata nimis Baccho filia regis erat.

d'essa Medusa, a quem Perseu de um talho  
decepára a cabeça, e saltou logo,  
fero, sanguinea a crina, transpoz nuvens,  
roçou astros co'o dorso, que assim tinha  
azas por pés, por campo o firmamento.  
Já morde alfim co'a reluctante boca  
freio oppressor; descendo ao solo escarva-o,  
rebenta Aonia fonte. Hoje sereno  
desfruta os ceos, por onde errou volante,  
e quinze estrellas de esplendor o arreiam.

Logo á seguinte noite has a corôa  
da Cretense, infeliz mas fortunosa,  
que a affronta de Theseu tornou deidade.

Já pelo esposo perfido, que a fuge,  
deslembrado do horrendo labirinto  
e fio salvador, já logra Ariadne  
melhor conjuge em Baccho; entre as delicias  
do thalamo segundo, alegre exclama:  
— « E eu louca a prantear-me! oh! graças! graças!  
« perjurio de Theseu! »

— Baccho entretanto,  
o seu Baccho, o seu Libero, o seu tudo,  
o seu tão lindo dos gentis cabellos,  
houve de se ir a terras do levante.  
Foi, venceu Indos, regressou colmado  
de oriental opulencia.

Entre as captivas  
que traz de peregrina formosura,  
uma vem, que em belleza excede á todas,  
filha do rei vencido, e vencedora  
do proprio vencedor.

Março 8  
— Nascimento e  
origem da  
constella-  
ção Coroa  
de Ariadne

Flebat amans conjux, spatiataque litore curvo

Edidit incultis talia verba comis :

En interum similes, fluctus, audite querelas!

En interum lacrymas accipe, arena, meas.

Dicebam, memini, perjure et perfide Theseu!

Ille abiit: cadem crimina Bacchus habet.

Nunc quoque nulla viro, clamabo, femina credat.

Nomine mutato causa relata mea est.

O utinam mea sors, qua primum coeperat, isset!

Jamque ego praesentii tempore nulla forem!

Quid me desertis perituram, Liber, arenis

Servabas? potui dedoluisse semel.

Bacche levis, leviorque tuis, quae tempora cingunt,

Frondeb, in lacrymas cognite Bacche meas:

A amante esposa  
adivinhou seu mal, chora em segredo.  
Anda ao longo da praia sinuosa,  
afflicta, esparsa a coma ; a sós vagueia ;  
sólta ao frigido vento as magoas ternas :

— « Ouvi segunda vez os meus queixumes,  
« vagas do mar ! bebei as minhas lagrimas  
« segunda vez areias d'esta praia !  
« Aqui mesmo hei clamado (inda me lembra !)  
« *Vai Theseu desteal ! Theseu perjuro !*  
« foi-se, vem Baccho, e o seu exemplo imita :  
« Baccho é perjuro, é desteal como elle.

« Posso hoje, como então, clamar : — *Ai ! loucas !*  
« *não vos feis, não vos feis dos homens ;*  
« sou de novo traída ; é só diverso  
« o nome do traidor !

Ai ! ¿ porque, ó fado,  
« me atalhaste a primeira desventura ?  
« se a deixasses correr.... já no presente  
« não existia a victima !

Tiranno !  
« ¿ quem te pediu, quem te mandou salvar-me ?  
« em Naxos sepultadas minhas penas  
« ficariam comigo !

Ai ! Baccho ! Baccho !  
« mais versatil, que os pampanos, que te ornam !  
« Haver-te eu com tal jubilo avistado



**Ausus es ante oculos adducta pellice nostros**

**Tam bene compositum sollicitare torum?**

**Heu! ubi pacta fides? ubi, quae jurare solebas?**

**Me miseram, quoties haec ego verba loquor!**

**Thesea culpabas, fallacemque ipse vocabas:**

**Judicio peccas turpius ipse tuo.**

**Ne sciat hoc quisquam tacitisque doloribus urar;**

**Ne toties falli digna fuisse puter.**

**Praecipue cupiam celari Thesea; ne te**

**Consortem culpae gaudeat esse suae.**

**At, puto, praeposita est fuscae mihi candida pellex....**

**Eveniat nostris hostibus ille color.**

**Quid tamen hoc refert? vitio tibi gratior ipse est.**

**Quid facis! amplexus inquinat illa tuos.**

**Bacche, fidem praesta; nec praefer amoribus ullam**

**Conjugis adsuetae semper amare virum.**

« para chorar-te agora !! ¿ ousaste, ingrato,  
« vir co'a minha rival ante os meus olhos,  
« e a tão suave amor dar fim tão fero?!!!

« ¿ Que é da jurada fé? ¿ que é d'esses votos,  
« renovados por ti d'istante a instante?

« Misera ! sempre, sempre iguaes lamentos,  
« e sempre, e sempre em vão !

Theseu culpavas,  
« impunhas-lhe labéo de fementido,  
« e o foi ; mas condemnaste-te chamando-lh'o.

« Ninguem saiba o que eu soffro ; ancias d'est'alma,  
« devorai-me em segredo ; que não digam  
« que eu nunca mereci senão repudios !

« Theseu mais que ninguem meu mal ignore ;  
« não quero que o malvado se glorie  
« de que um deus foi como elle ! A mim ! a Ariadne  
« rivaes assim !

Sem duvida sou fusca,  
« e ella branca de neve ! o carão d'ella  
« tenha-o quem me quer mal.

Porem que importa ?  
« gostas do negro, apraz-te a fealdade.

« Furta o candido corpo aos seus abraços  
« se não queres lisnar-te.

Oh ! não prefiras,  
« meu Baccho, outra mulher á fida esposa.

Ceperunt matrem formosi cornua tauri;

Me tua; at hic laudi est, ille pudendus, amor.

Ne noceat, quod amo, neque enim tibi, Bacche, nocebat,

Quod flammis nobis fassus es ipse tuas.

Nec, quod nos uris, mirum facis: ortus in igne

Diceris, et patria raptus ab igne manu.

Illa ego sum, cui tu solitus promittere coelum.

Hei mihi! pro coelo qualia dona fero!

Dixerat; audibat jamdudum verba querentis

Liber, ut a tergo forte secutus erat.

Occupat amplexu; lacrymasque per oscula siccatur;

Et, Pariter coeli summa petamus, ait.

Tu mihi juncta toro, mihi juncta vocabula sume.

Jam tibi mutatae Libera nomen erit.

Sintque tuae tecum, faciam, monumenta Coronae,

Vulcanus Veneri quam dedit, illa tibi.

« Minha mãe foi de um toiro enamorada ;  
« de sua fronte cornigera a lindeza  
« a cegou ; deu-lhe opprobrio esse transvio ;  
« Tua fronte cornigera, meu nume,  
« seduziu-me tambem, mas deu-me gloria.

« Se me punes de amar-te é ser injusto ;  
« ¿ puni-te eu, quando amor me declaraste ?

« ¿ Se ardo por ti, se me abrazaste e abrazas,  
« que admira ? ¿ não se diz que origem tua  
« fôra o fogo do ceo ? ¿ que á luz vieste,  
« pela paterna mão roubado ás chammas ? !

« Sou inda a tua Ariadne ; a tua ; aquella  
« a que os ceos tantas vezes promettias ;  
« pelos ceos, ai ! de mim ! tenho este inferno ! » —

Calou. Baccho seguindo-a occultamente  
as namoradas magoas lhe escutára ;  
eil-o em subito abraço a aperta, a beija,  
e co'os beijos as lagrimas lhe inchuga.

— « Voemos ao mais alto firmamento,  
« os dois a par — exclama ; — « associámos  
« cá, o amor ; lá, té nome associaremos :  
« Libero eu sou ; tu, Libera te chama.

« Agora que o teu ser vai transformar-se,  
« penhor do affecto meu lhe ponho ao lado  
« a c'rôa dada por Vulcano a Venus,  
« e por Venus a ti. » —

Dicta facit: gemmasque novem transformat in ignes.

Aurea per stellas nunc micat illa novem.

Sex ubi sustulerit, totidem demerserit orbes,

Purpureum rapido qui vehit axe diem,

Altera gramineo spectabis Equiria campo,

Quem Tiberis curvis in latus urget aquis.

Qui tamen ejecta si forte tenebitur unda,

Caelius accipiat pulverulentus equos.

Idibus est Annae festum geniale Perennae,

Haud procul a ripis, advena Tibri, tuis.

Plebs venit, ac virides passim disjecta per herbas

Potat, et accumbit cum pare quisque sua.

Sub Jove pars durat; pauci tentoria ponunt

Sunt, quibus e ramis frondea facta casa est:

Pars sibi pro rigidis calamos statuere columnis,

Desuper extentas imposuere togas.

Sole tamen vinoque calent: annosque precantur,

Quot sumant cyathos; ad numerumque bibunt.

Preenche o dito :  
as nove gemas que a marchetam, muda-as  
em nove estrellas, com que brilha a c'ròa.

Mais seis vezes o sol rirá no Eóo,  
e morrerá no occaso, até que volvam  
do preterito mez reproduzidos  
jogos equirios no arrelvado campo,  
que o boleado Tibre orla fugindo.

Quando cheia do rio o campo afogue,  
no Celio irá correr a viva festa  
entre nuvens de pó.

Temos nos idos  
o culto folgasão de Anna Perenna ;  
faz-se proximo ao Tibre, o amigo Tibre,  
que vem lá de tão longe a visitar-nos.

Afflue povo ; por cima d'essas relvas  
se espalham a beber ; cada festeiro  
jaz co'a sua festeira recostado ;  
quasi tudo ao ar livre ; alguns apenas  
armam de longe a longe uma barraca ;  
alguns tambem de ramos a fabricam ;  
outros, cravando á laia de columnas  
cannas grossas no chão, despem as togas,  
e armaram toldo. A todos sol e vinho  
vão coando quentura ; são as preces  
tantos annos viver, quantos os copos  
que inchugar cada um ; o impenho é serio ;  
quer-se crescido numero. Lá vedes

Março 13  
— Jogos  
equirios  
em honra  
de Marte  
e no cam-  
po do seu  
nomealiás  
no monte  
Celio

Março 15  
— Festa e  
romaria  
de Anna  
Perenna á  
beira-Ti-  
bre.

Invenies illic qui Nestoris ebibat annos;

Quae sit per calices facta Sibylla suos.

Illic et cantant quidquid dedicere theatris;

Et jactant faciles ad sua verba manus;

Et ducunt posito duras cratera choreas,

Cultaque diffusis saltat amica comis.

Quum redeunt, titubant; et sunt spectacula vulgo;

Et fortunatos obvia turba vocant.

Occurri nuper; visa est mihi digna relatu

Pompa; senem potum pota trahebat anus.

Quae tamen haec Dea sit, quoniam rumoribus errant,

Fabula proposito nulla tegenda meo.

Arserat Aenea Dido miserabilis igne;

tal devoto da honrada macrobía  
que de Nestor jurou beber os annos ;  
tal contra as cãs intrepida, que aposta  
a trago e trago desbancar sibillas ;  
garganteiam as modas dos theatros,  
co'os ademans do estilo.

Achado o fundo  
ao cangirão, que alimentára os brindes,  
vem baile ; gira a ronda afferventada,  
inculta nos meneios, nos pés rispida ;  
lá vão prisões da coma á namorada,  
que dança toda sécia.

Á volta, é vél-os,  
como vêm pelas ruas bordejando ;  
a gente que transita observa-os, pára,  
e exclama : — *Aquelles sim, que vão contentes.* —  
Inda muito não ha que eu vi, eu proprio,  
no regressar d'aquella romaria,  
um passo que fez rir, e ha jus á fama :  
vinha um velho borracho, e uma borracha,  
velha tambem, com maternal carinho  
a sustel-o, a guial-o, a qual mais tropego.

Mas que deusa será esta Perenna,  
caro leitor ? as tradições variam ;  
devo-as todas expôr.

Quem é  
Anna Pe-  
renna

Dido, a mesquinha,  
a lamentosa victima de Eneas,  
já de seu triste amor trocára as chammas

Primeira  
lenda: a  
irmã de  
Dido



Arserat exstructis in sua fata rogis;

Compositusque cinis; tumulique in marmore carmen

Hoc breve, quod moriens ipsa reliquit, erat:

Praebuit Aeneas et causam mortis, et ense;

Ipsa sua Dido concidit usa manu.

Protinus invadunt Numidae sine vindice regnum.

Et potitur capta Maurus Iarba domo;

Seque memor spretum, Thalamis tamen, inquit, Elissae

En ego, quem toties reppulit illa, fruor.

Diffugiunt Tyrii, quo quemque agit error; ut olim

Amisso dubiae rege vagantur apes.

Tertia nudandas acceperat area messes;

Inque cavos ierant tertia musta lacus;

Pellitur Anna domo; lacrymansque sororia linquit

Moenia; germanae justa dat ante suae.

Mixta bibunt molles lacrymis unguenta favillae;

pelas chammás da pira, horrenda pira,  
com que pôz termo á barbara tragedia.

Poisa na urna a cinza ; este epitafio,  
que ella propria deixou, se lê na pedra :  
*De Eneas foi a culpa, e d'elle a espada ;*  
*de Dido a mão só foi, que ha morto a Dido.*

Logo o reino indefenso o invadem Númidas ;  
no conquistado paço alfim domina  
Jarbas a mauritano. Inda lhe lembram  
repudios que amargou. — « Por tantas vezes  
« repelliu meu amor !.... e agora.... — exclama —  
« seu nupcial aposento é meu dominio ! » —

Aterrada, perdida, a Tiria gente  
vai sem norte fugindo, errando á toa,  
como inchame de trepidas abelhas,  
a que é morta a rainha.

Já cearas  
terceira vez co'o grão doiraram eiras ;  
vez terceira o lagar ferveu co'os mostos ;  
quando a irmã da infeliz, Anna saudosa  
deixa o palacio expulsa ; consternada  
sáí dos muros, feitura, monumento,  
e jazigo da irmã, da irmã querida,  
a cujos manes ao partir-se (ai ! luto !)  
deu co'as honras finaes o 'adeus eterno.  
Inda uma vez, e a ultima, beberam  
aquellas brandas cinzas co'os aromas  
o pranto de seus olhos orfanados.

Vertice libatas accipiuntque comas.

Terque, Vale dixit: cineres ter ad ora relatos

Pressit, et est illis visa subesse soror.

Nacta ratem comitemque fugae pede labitur aequo,

Moenia respiciens, dulce sororis opus.

Fertilis est Melite, sterili vicina Cosyrae

Insula, quam Libyci verberat unda freti.

Hanc petit hospitio regis confusa vetusto.

Hospes opum dives rex ibi Battus erat;

Qui, postquam didicit casus utriusque sororis,

Haec, inquit, tellus quantulacumque, tua est.

Et tamen hospitii servasset ad ultima munus;

Sed timuit magnas Pigmalionis opes.

Signa recensuerat bis sol sua; tertius ibat

Annus; et exsulibus terra petenda nova est.

Inda uma vez, e a ultima, sobre ellas  
arrancou seus cabellos ; por tres vezes  
lhes disse adeus ; e vezes tres beijando-as  
lhe pareceu no amante seu delirio  
a propria irmã beijar. Enfim, são prestes  
a imbarcação e o sequito ; já parte  
com tardo pé ; nos muros que lá deixa,  
fica-lhe o coração, ficam-lhe os olhos.

Duas ilhas açoita o mar da Libia :  
Cosira esteril, Mélite fecunda,  
visinhas ambas ; Mélite demandam.

Ali achára outr'ora gasalhado ;  
confia em que o benevolo hospedeiro,  
o opulento rei Batto, hade acolhel-a.  
Batto, assim como ouviu as desventuras  
das antigas suas hospedas, restando  
das duas esta só — « Dispõe — lhe disse —  
« da terra como tua ; amplos Estados  
« não te posso offertar ; dou-te o que tenho. » —

Era sincero, e cumpriria o dito  
pontual até ao fim, se não viessem  
medos de desprazer ao potentado  
da maritima Tiro, ao mais que offeço  
Pigmalião feroz.

Já duas vezes  
rodeára o sol os signos ; percorria  
anno terceiro ; quando houveram de ir-se  
a novo exilio os exules. Assoma

Frater adest, belloque petit; rex arma perosus,

Nos sumus imbelles, tu fuge sospes, ait.

Jussa fugit; ventoque ratem committit et undis;

Asperior quovis aequore frater erat.

Est prope piscosos lapidosi Crathidis amnes

Purus ager; Cameren incola turba vocant.

Illuc cursus erat; nec longius abfuit inde,

Quam quantum novies mittere funda potest.

Vela cadunt primo, et dubia librantur ab aura;

Findite remigio, navita dixit, aquas.

Dumque parant torto subducere carbasa lino,

Percutitur rapido puppis adunca Noto;

Inque patens aequor frustra pugnante magistro

Fertur; et ex oculis visa refugit humus.

Adsiliunt fluctus, imoque a gurgite pontus

Vertitur, et canas alvaeus haurit aquas.

Vincitur ars vento; nec jam moderator habenis

Utitur, at votis; hic quoque poscit opem.

Jactatur tumidas exsul Phaenissa per undas;

o irmão, perseguidor da foragida ;  
em som de guerra vem. — « Foge, princeza !  
« põe-te em salvo ! inda é tempo ! a forças tantas  
« não podemos ter rosto. » — exclama Batto  
que os márciaes conflictos abomina.  
Anna obedece ; intrega-se de novo  
ás ondas, aos tufões ; não ha tormentas,  
que tanto como o irmão terror lhe infundam.

Não remoto do Crátide piscoso,  
rio de grossas penhas, corre um plaino  
escalvado, a que os incolas dão nome  
Câmere.

Para ali dirigem rumo.  
Nove tiros de funda apenas distam ;  
mal sopra a viração ; arreiam velas ;  
— « A chusma aos remos — brada o mestre — « e voga ! » —

Na faina andavam de amarrar os pannos,  
quando um tufão do Noto assalta o lenho,  
balda, escarnece as nauticas manobras,  
e os repulsa ao mar largo. A terra ha pouco  
já tão propinqua, aos olhos se esvaece ;  
escarcéos e escarcéos rebentam, bramam,  
alvejam, troam ; o intimo do abismo  
sóbe á flôr, desce a espuma ao fundo ignoto.  
Cede a sciencia ás furias da tormenta ;  
d'entre as mãos o piloto esmorecido  
larga ao baixel as redeas ; elle proprio  
recorre aos votos, salvação postrema.

Nos baloiços do pégo marulhoso

Humidaque opposita lumina veste tegit.

Tum primum Dido felix est dicta sorori ;

Et quaecumque aliquam corpore pressit humum.

Figitur ad Laurens ingenti flamine litus

Puppis ; et expositis omnibus hausta perit.

Jam pius Aeneas regno nataque Latini

Auctus erat, populos miscueratque duos.

Litore dotali solo comitatus Achate,

Secretum nudo dum pede carpit iter,

Adspicit errantem ; nec credere sustinet Annam

Esse. Quid in Latios illa veniret agros ?

Dum secum Aeneas.... Anna est, exclamat Achates !

Ad nomen vultus sustulit illa suos.

Quo fugiat ? quid agat ? quos terrae quaerat hiatus ?

Ante oculos miserae fata sororis erant.

Sensit, et alloquitur trepidam Cythereius heros ;

Flet tamen admonitu mortis, Elissa, tuac.

Anna, per hanc juro, quam quondam audire solebas

anda jogada á sorte a foragida  
miserrima Phenicia ! horrorisada  
tapa co'a veste os olhos lacrimosos ;  
e agora.... até da irmã já sente inveja ;  
d'ella, e de quantas poisam descansadas  
sob um torrão qualquer ! !

Baldão sem rumo

da tremenda refrega, a não perdida  
cá vem bater na Laurentina costa ;  
põe salva a gente, e afunda-se.

Reinava,

genro já de Latino, o pio Eneas,  
juntos co'os aborigenes os teucros.  
Girava então o heroe co'o fido Achates  
pela praia deserta, undosa extrema  
do seu reino dotal. — « ¿ Que peregrina  
« será essa, que alem vaga descaleça  
« 'num reconcavo escuso ? ! ¿ Anna ? ! impossivel !  
« ¿ que viria fazer aos laços campos ? » —  
Hesita — « É ella ! é Anna ! » — exclama Achates.  
Anna, que ouviu seu nome, o rosto volta ;  
conhece-os ; que fará ! quem lhe depara  
um abismo que a trague ! inteira, viva  
a tragedia da irmã lhe avulta aos olhos.  
De tanta angustia commovido Eneas,  
tenta de a confortar ; mas recordando  
de Dido a morte, em lagrimas prorompe.

— « Ó Anna — exclama — « juro-te por este  
« chão que pizâmos de felice Italia,



**Tellurem fato prosperiore dari;**

**Perque Deos comites, hac nuper sede locatos:**

**Saepe meas illos increpuisse moras.**

**Nectimui de morte tamen; metus abfuit iste.**

**Hei mihi! credibili fortior illa fuit.**

**Ne refer; adspexi non illo pectore digna**

**Vulnera, Tartareos ausus adire domos.**

**At tu, seu ratio te nostris adpulit oris,**

**Sive Deus, regni commoda carpe mei.**

**Multa tibi memores, nil non debemus Elissae:**

**Nomine grata tuo, grata sororis, eris.**

**Talia dicenti (neque enim spes altera restat),**

**Credidit, errores exposuitque suos.**

**Utque domum intravit Tyrios induta paratus,**

**Incipit Aeneas (caetera turba silet):**

**Hanc tibi cur tradam, pia causa, Lavinia conjux,**

**Est mihi: consumsi naufragus hujus opes.**

« para onde (mil vezes vol-o disse)  
« me arrastava o meu fado ; pelos deuses .  
« no exilio socios meus, e aqui meus socios  
« 'neste almo asilo emfim ; de novo juro  
« serem elles os proprios, que as tardanças  
« me andavam increpando. Ah ! mas tal morte  
« quem-n-a ousava prever ? tudo eu temia ;  
« isto.... não ; realisou-se o incalculavel.

« Escusas de contar-me o caso infando :  
« quando ousei penetrar no Estigio reino  
« lá a achei : vi eu proprio o caro seio  
« roto exangue ; mas tu, quer sejas vinda  
« por espontaneo impulso ás praias nossas,  
« quer por superna lei, colhe, ó princeza,  
« quantos bens, quantos cómmodos te offerta  
« por mim o imperio meu. Devi-te muito,  
« muito a Dido devi ; guardo cá dentro  
« memorias de ambas vós ; por ti, por ella,  
« sempre ao meu coração has-de ser cara. » —

D'estas phrases benevolas vencida  
Anna, tão só, tão vácuca de esperanças....  
dá-lhe credito, expõe-lhe os seus trabalhos.

Já com ella, trajada á Tiria usança,  
chega a palacio Eneas ; e a apresenta  
entre o geral silencio á regia esposa.

— « A hospeda que intrego a teus cuidados,  
« Lavinia minha — diz — « merece-os todos ;  
« é naufraga ; fui naufrago, salvou-me ;

Orta Tyro, regnum Libyca possedit in ora;

Quam, precor, ut carae more sororis ames,

Omnia promittit, falsumque Lavinia vulnus

Mente premit tacita, dissimulatque fremens.

Donaque quum videat praeter sua lumina ferri

Multa palam, mitti clam quoque multa putat.

Non tamen exactum, quid agat; furialiter odit;

Et parat insidias, et cupit ulta mori.

Nox erat. Ante torum visa est adstare sororis

Squalenti Dido sanguinolenta coma;

Et: Fuge, ne dubita, moestum, fuge, dicere, tectum.

Sub verbum querulas impulit aura fores.

Exsilit; et velox humili super arva fenestra

Se jacit; audacem fecerat ipse timor.

Quaque metu rapitur, tunica velata recincta,

Currit, ut auditis territa dama lupis.

Corniger hanc cupidis rapuisse Numicius undis

Creditur, et stagnis occuluisse suis.

Sidonis interea magno clamore per agros

« Tiro lhe dera o berço ; a Libia um solio ;  
« e perdeu tudo. Em ti se lhe depare  
« agora nova irmã no amor, no extremo. » —

Sim ; promette-o Lavinia ; mas ciume,  
ciume injusto, a rói ; serenidade  
exprime o rosto, o coração braveja.  
; Quando em sua presença os mimos fervem,  
a occultas que será ? ! ! ! que arbitrio tome  
não sabe ; já no odio iguala as furias ;  
quer traições, quer morrer.... porem vingada.

É de noite ; Anna jaz ; de Dido a sombra  
desgrenhada, cruenta, eis lhe apparece.  
— « Foge ! ai foge — lhe diz — « da crua estancia ! » —  
Ao derradeiro som d'estas palavras  
misturou-se um gemido lastimoso :  
era o vento de incontro á cega porta.

Salta do leito ; da janella aos campos  
(alta não é) se arroja ; audacia e azas  
lhe impresta o medo ; esvoaça na corrida  
a tunica ressolta, unica veste  
com que fugiu precipite do somno.  
Voa, como alva corça amedrontada,  
que ouviu lobos ao longe.

É voz no povo,  
que entre as amantes ondas a tomára  
cornigero Numicio, e que reclusa  
a retexe em seus vaos. No emtanto, á busca  
da princeza sidonia, se percorrem

Quaeritur; apparent signa notaeque pedum.

Ventum erat ad ripas; inerant vestigia ripis,

Sustinuit tacitas conscius amnis aquas.

Ipsa loqui visa est: Placidi sum Nympha Numici;

Amne perenne latens Anna Perenna vocor.

Protinus erratis laeti vescuntur in agris;

Et celebrant largo seque diemque mero.

Sunt quibus haec Luna est, quia mensibus impleat annum;

Pars Themis; Inachiam pars putat esse bovem.

Invenies, qui te Nymphen Atlantida dicant;

Teque Jovi primos, Anna, dedisse cibos.

Haec quoque, quam referam, nostras pervenit ad aures

Fama; nec a veri dissidet illa fide.

Plebs vetus, et nullis etiamnum tuta tribunis

os campos, com seu nome inchendo os ecos.  
Vêem um rasto, conhecem-lhe os vestígios,  
seguem-n-òs ; da corrente á borda param.  
O rio amante, o complice do furto,  
vendo olhos mil sondal-o curiosos,  
não ousa murmurar, correr não ousa.

D'entre aquella calada então se cuida  
escutar esta falla harmoniosa :

— « Naiade sou do placido Numicio :

« na *perenne* corrente homisiada

« *Anna-Perenna* se dirá meu nome. » —

Foi-se o affan ; reina o jubilo nos campos ;  
onde pouco ha só brados ullullavam,  
banqueteiam-se agora ; em honra ao dia  
de tal achado, e á gloria de si mesmos,  
pois que deram com ella, a frouxo bebem.

Não falta quem supponha *Anna Perenna*  
ser a lua, que a mez e mez nos fia,  
sem quebra, o anno, o seculo, as idades ;  
que é *Themis* teima algum ; outro que é *Io* ;  
nem falta quem de *Atlante* a creia prole,  
*Anna* chamada, e lhe attribua a gloria  
de haver nutrido a *Jupiter* menino.

Outra versão contudo ouvi, e a tenho  
por mais digna de credito ; escutae-a ;

A plebe antigamente, sem tribunos,  
guardas dos foros seus, deixada Roma

Terceira  
variante  
de *Anna*  
*Perenna* :  
a lua

Quarta,  
quinta, e  
sexta:  
*Themis*,  
*Io*, uma  
das *Pleia-*  
*des*

Setima: a  
padeira  
dos *Bovis*

Fugit; et in Sacri vertice montis erat.

Jam quoque, quem secum tulerant, defecerat illos

Victus, et humanis usibus apta Ceres.

Orta suburbanis quaedam fuit Anna Bovillis,

Pauper, sed multae sedulitatis, anus.

Illa, levi mitra canos redimita capillos,

Fingebat tremula rustica liba manu;

Atque ita per populum fumantia mane solebat

Dividere. Haec populo copia grata fuit.

Pace domi facta signum posuere Perennae;

Quod sibi defectis illa tulisset opem.

Nunc mihi, cur cantent, superest, obscaena puellae,

Dicere; nam coeunt, certaue probra canunt.

Nuper erat Dea facta; venit Gradivus ad Annam;

Et cum seducta talia verba facit:

Mense meo coleris; junxi mea tempora tecum;

Pendet ab officio spes mihi magna tuo.

no Monte Sacro estanciava livre ;  
já porém (tanto o numero da gente !)  
as levadas virtualhas se exauriram ;  
até Ceres lhes falta ; reina a fome.

Na aldeia dos Bovis, de Roma ás abas,  
vivia uma tal Anna, uma velhusca,  
pobre, mas em seu trátego mui lestes.  
Gosto era vél-a, na singela touca  
apertadas as cãs, toda aguçosa  
a amassar, a tender pádinhas rusticas,  
e manhã cedo andal-as repartindo  
no povo ás rebatinhas, com mão tremula,  
fumegantes do forno. Tanto o povo  
ingraçou co'o soccorro, e co'os almoços  
da bemfeitora velha, que ao voltarem,  
feitas as pazes, a seus patrios muros,  
lhe pozeram em publico uma estatua,  
e *Perenna* em memoria a appellidaram,  
de lhes ter contra a fome esteiado a vida.

Cabe-me pôr patente o por que as moças  
que á romaria acodem, têm por uso  
travarem-se em cantigas despejadas.

Era ainda novel entre as deidades  
a nossa Anna, quando Marte a busca,  
aparta-se com ella, assim lhe falla :  
— « Março é meu, Março é teu : tens n'elle culto  
« e eu tenho n'elle o nome ; andâmos socios ;  
« sê-me fiel, e ajuda-me, te peço,  
« que só do teu favor me está pendiente  
« do meu mais vivo impenho o desinlace . .

A estatua  
da padeira  
dos Bovis  
sob o no-  
me de An-  
na Peren-  
na

Cantares  
licenciosos  
das moças  
na roma-  
ria de An-  
na Peren-  
na

Burla de  
Anna Pe-  
renna a  
Marte na-  
morado de  
Minerva



Armifer armiferae correptus amore Minervae

Uror; et hoc longo tempore vulnus alo.

Effice, Di studio similes coeamus in unum.

Conveniunt partes hae tibi, comis anus.

Dixerat; illa Deum promisso ludit inani;

Et stultam dubia spem trahit usque mora.

Saepius instanti, Mandata peregrinus, inquit;

Evictas precibus vix dedit illa manus.

Gaudet amans, thalamosque parat; deducitur illuc

Anna tegens vultus, ut nova nupta, suos.

Oscula sumturus.... subito Mars adspicit Annam;

Nunc pudor elusum, nunc subit ira, Deum.

Ridet amatorem carae nova Diva Minervae;

Nec res hac Veneri gratior ulla fuit.

Inde joci veteres obscaenaque dicta canuntur;

Et juvat hanc magno verba dedisse Deo.

« Pela guerreira deusa, eu, deus guerreiro,  
« ardo ha muito de amor. Vê se me alcanças  
« que dois numes tão uns 'num só se aggreguem.  
« Vá, minha santa velha, aceita o cargo,  
« que has de desimpenhal-o ás maravilhas. » —

Quanto elle quer, tudo ella lhe promette,  
mas sem tenção de tal ; de dia a dia  
lhe espaça, lhe renova a louca esp'rança ;  
tral-o sempre ao socairo, e burla-o sempre .

Marte já das tardanças anojado  
um dia aperta mais. — « Não ha remedio —  
torna a manhosa — « agora ouvirás tudo :  
« custou-lhe, mas cedeu : tambem.... podera !  
« co'os rogos que lhe eu fiz.... » —

O amante exulta ;

tem já prestes o talamo. Perenna,  
escondido o semblante em veo de noiva  
é recebida na amorosa estancia ;  
Marte vóa a beijal-a, e reconhece-a ;  
córa de pejo, em colera se abraza ;  
e Anna, a deusa novata, a já vencida  
Minerva do amator impetuoso,  
a rir, a rir, a rir ; dizem que Venus  
funcção de um gosto assim nunca a tivera.

Já percebeis a origem dos motejos,  
e do cantar sem peias ; vem de longe  
toda esta usança ; a plebe acha mil pilhas  
só em pensar como uma incarquilhada  
pregou a deus tamanho um tal calote.

**Praeteriturus eram gladios in principe fixos,**

**Quum sic a castis Vesta locuta focus:**

**Ne dubita meminisse; meus fuit ille sacerdos;**

**Sacrilegae telis me petiere manus.**

**Ipsa virum rapui; simulacraque nuda reliqui;**

**Quae cecidit ferro, Caesaris umbra fuit.**

**Ille quidem coelo positus Iovis atria servat;**

**Et tenet in magno templa dicata foro.**

**At quicumque nefas ausi, prohibente Deorum**

**Numine, polluerant pontificale caput,**

**Morte jacent merita; testes estote, Philippi.**

**Et quorum sparsis ossibus albet humus.**

**Hoc opus, haec pietas, haec prima elementa fuerunt**

**Caesaris: ulcisci justa per arma patrem.**

**Postera quum teneras Aurora refecerit herbas,**

**Scorpios a prima parte videndus erit.**

**Tertia post Idus lux est celeberrima Baccho.**

**Bacche, fave vati, dum tua festa cano.**

' Era minha intenção deixar no olvido  
a dos Idos tragedia abominosa :  
o principe na Curia apunhalado.  
Do fundo do seu templo sacrosanto  
d'entre o fogo immortal bradou-me Vesta :  
— « Animo ! ; porque não ? memora tudo ;  
« era meu sacerdote ; os golpes impios  
« arrojaram-se a mim ; o heroe salvei-o ;  
« o que se baqueou não era Cesar ;  
« era de Cesar illusoria sombra. » —

Continua-  
ção do 15  
de Março  
— Cesar  
apunhalado na Curia

Cesar, o nosso, o vivo, o immorredoiro,  
defende lá no ceo de Jove os atrios,  
e cá, no magno foro, em templo digno,  
recebe do seu povo o incenso, as preces.  
Mas os reos da sacrilega impiedade,  
os que inchendo de horror aos proprios deuses  
ousaram tanto insulto ao seu pontifice,  
pagaram-n-o co'a morte. E que o denegue  
de Philippos o campo, inda alastrado  
co'os brancos ossos da relé vencida ;  
tal foi do pio Augusto a prima impresa,  
a sua estreia cesarea : em guerra santa  
desagravou do pai a magestade.

Quando aos borrifos da seguinte aurora  
a relva se aljofrar, ha-de já ver-se  
metade do Escorpião.

Março 16  
Emmerge  
meio Es-  
corpião

Terço apoz Idos  
é dia grande pertencente a Baccho.  
Baccho ! inspira ao cantor dos teus festejos !

Março 17  
— Bac-  
chanaes

Nec referam Semelen ; ad quam nisi fulmina secum

Jupiter adferret, parvus inermis eras ;

Nec, puer ut posses maturo tempore nasci,

Expletum patrio corpore matris onus.

Sithonas, et Scythicos longum enumerare triumphos :

Et domitas gentes, turifer Inde, tuas.

Tu quoque Thebaeae mala praeda tacebere matris,

Inque tuum furiis, acte Lycurge, genu.

Ecce libet subitos pisces, Thyrrhenaque monstra

Dicere ; sed non est carminis hujus opus.

Carminis hujus opus causas expromere, quare

Vilis anus populos ad sua liba vocet.

Ante tuos ortus arae sine honore fuerunt,

Liber, et in gelidis herba reperta focis.

Te memorant, Gange totoque Oriente subacto,

Não fallarei de Sémele, a quem Jove  
sobreveio flammigero ; desastre,  
que a remiu de ser mãe de um filho imbele.  
Tão pouco hei-de explanar a maravilha,  
com que provido o padre extorque o feto  
d'entre a materna einza, em si o assume,  
e o guarda, até que o parto amadureça.  
Menos, que o veda o tempo, hão de arrolar-se  
os triunfos innumerados, que houveste  
de Sithonios, de Scithicos, das gentes  
d'essas terras do incenso ás beiras do Indo ;  
nem a allucinação da thebea Agáve,  
que lacerou, sem conhecel-o, ao filho ;  
nem a do impio frenetico Licurgo,  
que a foice contra as vínhas afiada  
contra si a voltou, cerceando as pernas.  
Quizera sim narrar a repentina  
transformação dos nauticos tirrhenos,  
saltando peixes do baixel ás ondas ;  
mas fôra estranho ao canto em que ora escrevo ;  
no canto em que ora escrevo o que está proprio  
é saber donde vem no dia de hoje  
o uso tradicional das broas — *libos*,  
que essa velha carcassa pregoeira  
anda vendendo ao povo.

Origem  
dos libos  
nas bac-  
chanaes

Antes que Baccho  
fosse nado, era o culto um desamparo :  
aras ermas ; fogões de sacrificios  
gelados, que até herva lhes crescia.  
Tu foste, conta a fama, o que, tornado  
da conquista gangetica, e dominio

**Primitias magno seposuisse Jovi.**

**Cinnama tu primus, captivaque tura dedisti,**

**Deque triumphato viscera tosta bove.**

**Nomine ab auctoris ducunt libamina nomen,**

**Libaque; quod sacris pars datur inde focis.**

**Liba Deo fiunt, succis quia dulcibus ille**

**Gaudet; et a Baccho mella reperta ferunt.**

**Ibat arenoso Satyris comitatus ab Hebro**

**(Non habet ingratos fabula nostra jocos);**

**Jamque erat ad Rhodopen, Pangaeaue florida, ventum;**

**Aeriferae comitum concrepuere manus.**

**Ecce novae coeunt volucres tinnitibus actae;**

**Quaque movent sonitus aera, sequuntur apes.**

**Colligit errantes, et in arbore claudit inani**

**Liber; et inventi praemia mellis habet.**

**Ut Satyri, levisque senex, tetigere saporem,**

**Querebant flavos per nemus omne favos.**

de todo o vasto Oriente, a Jove summo  
reservaste as primicias do despojo.  
Primeiro lhe offertaste os cinamomos,  
os incensos no fogo, e 'nelle as visceras  
do boi, triunfo teu. Vem do teu nome,  
*ó Libero*, de *libos*, e *libames*  
dar-se o nome á porção, que para as chammas  
se deduz do total do sacrificio.  
*Libos* tambem se hão dito as boroinhas  
classicas em tal festa, porque Baccho  
gosta dos sucos doces; e até consta  
que o mel o inventou elle.

Etimolo-  
gia de LI-  
BOS e LI-  
BAMES

Invenção  
de mel por  
Baccho

Um dia (o caso  
tem sua graça) um dia, como vinha  
do Hebro arenoso, em meio dos seus satiros,  
intrado já no Rhódope, e floridas  
campinas do Pangeu, prorompe o bando  
no alti-echoante estrepito dos cimbalos.  
A aquelle retintínulo estampido  
aggrega-se uma nuvem zumbidora  
de pequenos volateis nunca vistos;  
eram abelhas; estas, namoradas  
do barbaro concento, os vêm seguindo.  
Baccho, topando uma arvore vazia,  
inchota-as para dentro, e as inclausura.  
No mel, que em tal prisão lhe fabricaram,  
teve a gloria de autor, e teve o premio.

Não bem tinham do mel provado os satiros,  
e o calvo folgasão, quando já todos  
se andavam pelo bosque a farejarem,

A necdota  
de Sileno  
com os  
vespões



**Audit in exesa stridorem examinis ulmo,**

**Adspicit et ceras, dissimulatque, senex.**

**Utque piger pandi tergo residebat aselli,**

**Applicat hunc ulmo, corticibusque cavis.**

**Constitit ipse super ramoso stipite nixus;**

**Atque avide trunco condita mella petit.**

**Millia crabronum coeunt; et vertice nudo**

**Spicula defigunt, oraque summa notant.**

**Ille cadit praeceps, et calce feritur aselli;**

**Inclamatque suos, auxiliumque rogat.**

**Concurrunt Satyri, turgentiaque ora parentis**

**Rident; percusso claudicat ille genu.**

**Ridet et ipse Deus; limumque inducere monstrat;**

**Hic paret monitis, et linit ora luto.**

**Melle pater fruitur; liboque infusa calenti**

**Jure repertori candida mella damus.**

**Femina cur praestet, non est rationis opertae.**

**Femineos thyrsos concitat ille choros.**

buscando loiros favos. O meu velho  
que ouviu zumbir inchame em cavo de olmo,  
e lobrigou lá dentro as aureas ceras,  
desfarça ; vai tocando o derreado  
jumentinho, que o leva bambaleante,  
té o incostar ao tronco carcomido,  
e estaca. Ali, valendo-se dos ramos,  
sobe-se em pé na albarda, se impertiga  
co'o madeiro, decrepito como elle ;  
mette-lhe uma das mãos pela abertura ;  
afuroa-lhe sofrego a melgueira ;  
horbolão de vespões rebenta, ferve,  
zôa, cobre-o ; milhão de ferroadas  
o indoidece, lhe assanha a calva, o rosto ;  
vai-se de chofre a terra ; o burro aos coices  
a malhar 'nelle, e o desastrado aos gritos,  
a bradar pelos socios que lhe valham.

Prestes acodem satiros, que ao verem  
o velho maioral, co'o rosto opado,  
e manco de um joelho, a rir desfecham.  
Baccho mesmo se ri ; mas para cura  
implastrar-se de lodo lhe aconselha.  
Sileno assim o faz : com lodo implastra  
o turgido carão repintalgado.

Já tendes porque ao deus os meis contentam,  
e o porque em honra da invenção lhe offertam  
infuso em libo quente o mel mais puro.

O ser mulher a que desparte os libos,  
tem clara explicação : co'o thirso em punho  
Baccho arrebanha em coros as bacchantes.

Razão de  
ser mu-  
lher quem  
reparte os  
libos

Cur anus hoc faciat, quaeris? vinosior aetas

Haec est, et gravidæ munera vitis amans.

Cur hedera cincta est? hedera est gratissima Baccho :

Hoc quoque cur ita sit, dicere nulla mora est.

Nysiades Nymphae, puerum querente noverca,

Hanc frondem cunis apposuerunt novis.

Restat, ut inveniam, quare togâ libera detur

Lucifero pueris, candide Bacche, tuo.

Sive, quod ipse puer semper, juvenisque videris,

Et media est aetas inter utrumque tibi ;

Seu, quia tu pater es, patres sua pignora natos

Commendant curae numinibusque tuis ;

Sive, quod es Liber, vestis quoque libera per te

Sumitur, et vitae liberioris iter ;

An quia, quum prisci colerent studiosius agros,

Et patrio faceret rure senator opus,

Et caperet fasces a curvo consul aratro,

Nec crimen duras esset habere manus,

Rusticus ad ludos populus veniebat in urbem ;

Sed Dis, non studiis, ille dabatur honos.

Velha, intende-se ; aquelles annos frios  
carecem de calor, e as vinhas dão-lh'o.

Rasão de  
ser velha

¿ Traz c'roa de hera ? E quadra-lhe, que as heras  
presa-as Baccho ; o motivo é muito simples :  
Para esconderem da madrasta irosa  
ao numesinho recém-nado, as ninfas,  
que lá em Nysa a infancia lhe amparáram  
lhe cobriram com ramas de hera o berço.

Rasão de  
andar co-  
roada de  
hera

Só falta descobrir porque em teu dia  
estreiam toga libera os mancebos.

Tomam os  
mancebos  
toga libera

¿ Será que adolescencia e meunice  
brilham mixtas em ti perpetuamente ?

Primeira  
explica-  
ção

¿ Será que, porque pai te appellidamos,  
os pais ao nume teu e aos teus cuidados  
filhos, penhores d'alma, intregar folguem ?

Segunda

¿ Ou porque, sendo *Libero* o teu nome,  
te caiba dar um trajo que é mais *livre*,  
e que um viver mais *livre* outorga aos moços ?

Terceira

¿ Seria emfim talvez, porque algum dia,  
quando era em mór apreço a agricultura,  
o senador seus campos amanhava,  
e da rabiça aos feixes ia o consul,  
nem ter calos nas mãos era desdoiro,  
nessas eras, o povo todo rustico,  
vinha assistir aos jogos na cidade,  
mais por dar honra aos numes venerandos,

Quarta

Luce sua ludos uvae commentor habebat,

Quos cum taedifera nunc habet ipse Dea.

Ergo, ut tironem celebrare frequentia possit,

Visa dies dandae non aliena togae.

Mite, pater, caput huc placataque cornua vertas;

Et des ingenio vela secunda meo.

Itur ad Argeos (qui sint, sua pagina dicet),

Hac, si commemini, praeteritaque die.

Stella Lycaoniam vergit proclinis ad Arcton

Milvius; haec illa nocte videnda venit.

Quid dederit volucris, si vis cognoscere, coelum:

Saturnus regnis ab Jove pulsus erat.

Concitat iratus validos Titanas in arma;

Quaeque fuit fati debita, poscit opem.

Matre satus terra, monstrum mirabile, taurus

Parte sui serpens posteriore fuit.

Hunc triplici muro lucis incluserat atris

Parcarum monitu Styx violenta trium.

Viscera qui tauri flammis adolenda dedisset,

Sors erat aeternos vincere posse Deos.

que por mera folgança? O deus das uvas  
tinha por seu de festa um dia todo;  
hoje parte-o co'a deusa vagabunda,  
que á luz dos fachos procurava a filha.  
É dia pois de se incontrar mais gente,  
e por isso convem aos que apparecem  
pela primeira vez de toga livre.

O dia da  
festa de  
Baccho é  
tambem  
de Ceres

A cáprea fronte, ó padre, e olhar benigno  
inclina para mim! sopra ao meu estro!

'Neste dia, e na vespera costumam  
(se inda me lembra o que se passa em Roma)  
ir em pompa aos Argeus. A historia d'elles  
para os Idos de maio a guarda o canto.

Procissão  
aos Ar-  
geus 'nes-  
te dia e  
na vespe-  
ra

Constellação do Milvio ha-se esta noite  
de vêr ir-se inclinando para a Ursa.  
— ; Tal passaro nos ceos?! — por certo; explico.

A constel-  
lação do  
Milvio  
descai pa-  
ra a Ursa

Destronado por Jove era Saturno;  
furioso brada alarma aos Titães validos;  
e o que os fados por ultimo recurso  
lhe abonam, quer tental-o.

Historia  
do Milvio

Um raro monstro  
vivia então, progenito da terra;  
toiro sanhudo, rematado em serpe.  
Impetuosa Estige o incarcerara,  
das tres Parcas á voz 'nuns lucos lobregos,  
rodeados de altivos muros triplices.  
— « Quem lograr — disse o oraculo — « do toiro  
« as visceras queimar, dá mate aos deuses. » —

**Immolat hunc Briareus facta ex adamante securi;**

**Et jam jam flammis exta daturus erat.**

**Jupiter alitibus rapere imperat; adtulit illi**

**Milvius; et meritis venit in astra suis.**

**Una dies media est; et sunt sacra Minervae;**

**Nominaque a junctis quinque diebus habent.**

**Sanguine prima vacat; nec fas concurrere ferro.**

**Causa, quod est illa nata Minerva die.**

**Altera, tresque super, strata celebrantur arena;**

**Ensibus exsertis bellica laeta Dea est.**

**Pallada nunc, pueri, teneraeque, ornatæ, puellae:**

**Qui bene placarit Pallada, doctus erit.**

**Pallade placata, lanam mollite, puellae,**

**Discite jam plenas exonerare colos.**

**Illa etiam stantes radio percurrere telas**

**Erudit, et rarum pectine denset opus.**

**Hanc cole, qui maculas laesis de vestibus aufers;**

Briareu, com machada diamantina  
o immola ; extrai-lhe as visceras ; ás chammass  
vai rojal-as já já. Que lh'as extorquam  
intima Jove aos passaros ; o milvio  
lh'as extorque, as vai pôr aos pés do nume.  
Brilha nos ceos em paga do que ha feito.

Mais um dia, e vêm festas de Minerva,  
do quinquíduo quinquátrios nomeadas.

Não soffre o primo sol combate ou sangue,  
porque ao natal da deusa o dedicaram.

O segundo, os tres mais, têm livre a arena ;  
que aos olhos da guerreira divindade  
praz relampaguear de folhas nuas.

Tenras donzellas, delicados moços,  
sus ! correi á porfia ! a vossa Pallas  
já lá conta co'as floridas capellas ;  
dar-lhe culto é colher sabedoria.

Tendo-a implorado bem, tornem-se as moças  
a aprender como as lãs se rarefazem,  
e co'o mirrar da roca o fuso ingorda ;  
ella, a que vos influe destreza e graça,  
quando em face ao tear rojais cantando  
de cá lá, de lá cá, por entre os fios  
do alvo ordume a lisa lançadeira,  
e dos pedaes ao compassado toque  
o pente acode, e vos condensa o panno.

Vós tambem lhe offertae devidos cultos,

Março 19  
— Dã o  
principio  
os Quin-  
quatrios  
de Miner-  
va

O primei-  
ro dia in-  
cruento ;  
nasce Mi-  
nerva

Nos res-  
tantes,  
gladiado-  
res no Cir-  
co

Exortação  
aos devo-  
tos de Mi-  
nerva pa-  
ra que a  
festejem

Carpea-  
deiras e  
fiandeiras

Tecedei-  
ras

Desinno-  
doadores e  
tintureiros



Hanc cole, velleribus quisquis ahena paras.

Nec quisquam invita faciat bene vincula plantae

Pallade, sit Tychio doctior ille licet;

Et licet antiquo manibus collatus Epeo

Sit prior; irata Pallade mancus erit.

Vos quoque, Phoebæ morbos qui pellitis arte,

Munera de vestris pauca referte Deæ.

Nec vos turba Deam censu fraudata magistri

Spernite: discipulos adtrahit illa novos.

Quique moves coelum; tabulamque coloribus uris;

Quique facis docta mollia saxa manu.

Mille Dea est operum: certe Dea carminis illa est;

Si mereor, studiis adsit amica meis.

Caelius ex alto qua mons descendit in æquum,

Hic ubi non plana est, sed prope plana via est;

Parva, licet, videas Captæ delubra Minervæ,

Quæ Dea natali coepit habere suo.

vós que expurgais de maculas as vestes,  
e vós que as lãs tingis.

Nem mesmo o artifice,  
que nos reveste os pés, terá freguezes  
se Pallas seu lavor desfavorece ;  
embora exceda a Tichio ; e dou-lhe mesmo,  
que vença ao prisco Epeu na habilidade,  
sem Pallas será sempre um decepado.

Sapateiros

Ó vós, que a arte phebêa exercitando  
os males profligais, parti co'a deusa  
os dons, que recebeis na industria vossa.

Medicos

Nem vós a desprezeis, mizeros mestres  
que tendes erma a escóla, a bolça mirra ;  
que se ella por vós fôr, tereis alumnos.

Mestres de  
escola

¿ Meneias os burís ? ¿ lanças em quadros  
aceso esmalte ? ¿ ao marmore dás vida ?  
todos vós a implorai ; preside a tudo  
quanto é lavor, trabalho, industria, ingenho.

Gravado-  
res, es-  
maltado-  
res, e es-  
cultores

Á poesia sem duvida preside ;  
possa ella, se indigno me não julga,  
sempre aos estudos meus sorrir piedosa.

Poetas

Lá onde o monte Celio ao campo desce,  
e é já quasi planura, um sacellino  
se vos mostra de *Capita Minerva*,  
casa, que em seu natal lhe foi dicada.

Capella de  
Minerva  
Capita ás  
faldas do  
Celio

**Nominis in dubio causa est: capitale vocamus**

**Ingenium sollers; ingeniosa Dea est.**

**An, quia de capitis fertur sine matre paterni**

**Vertice cum clypeo prosiluisse suo?**

**An, quia perdomitis ad nos captiva Faliscis**

**Venit? (et hoc ipsum litera prisca docet)**

**An, quod habet legem, capitis quae pendere poenas**

**Ex illo jubeat furta reperta loco?**

**A quacumque trahis ratione vocabula, Pallas,**

**Pro ducibus nostris aegida semper habe.**

**Summa dies e quinque tubas lustrare canoras**

**Admonet, et forti sacrificare Deae.**

**Nunc potes ad solem sublato dicere vultu:**

**Hic here Phryxaeè vellera pressit ovis.**

*Capita* ambiguo titulo parece.  
Entre os romanos delicado ingenho  
chama-se *Capital*; pois bem: Minerva  
certo é deusa de ingenho delicado.

Eti molo-  
gias de CA-  
PITA: pri-  
meira

Outra a causa é quiçá: Minerva, dizem,  
filha sem mãe, saltou á luz da tumida  
*cabeça* do grão padre; e tão perfeita,  
que já trazia, a arrodelar-se, a égide.

Segunda

Tambem me occorre se ingendrasse o termo  
por corrupção de *capta*, pois *captiva*,  
quando ads Faliscos impozemos jugo,  
a trouxemos a Roma, como rezam  
chronicas d'esse tempo.

Terceira

Emfim, se advirto,  
que pena *capital* castiga os furtos  
feitos no templo seu, motivo incontro  
'nessa sancção de a nomearem *Capita*.

Quarta

Venha donde vier tal nome, ó Pallas,  
aos *cabeças* do imperio ampare-os sempre  
da tua égide eterna a sombra augusta.

Dos cinco dias o ultimo convida  
á lustração das tubas clangorosas,  
e a sacrificios á esforçada virgem.

Ultimo dia  
dos Quin-  
q u atrios;  
festa tubi-  
lustria

Agora, olhando o sol, dizer já podes:  
— « Brillou hontem no aurigero carneiro. » —  
Memoremos-lhe a historia.

De sappa-  
recimento  
e origem  
do carnei-  
ro

Seminibus tostis sceleratae fraudc novercae,

Sustuterat nullas, ut solet, herba comas.

Mittitur ad tripodas, certa qui sorte reportet,

Quam sterili terrae Delphicus edat opem.

Hic quoque corruptus, pro semine nuntiat Helles

Et juvenis Phryxi funera sorte peti.

Utque recusantem cives, et tempus, et Ino

Compulerunt regem jussa nefanda pati;

Et soror, et Phryxus, velati tempora vittis,

Stant simul ante aras; junctaque fata gemunt.

Adspicit hos, ut forte pependerit aethere, mater;

Et ferit attonita pectora nuda manu;

Inque draconigenam nimbis comitantibus urbem

Desilit; et natos eripit inde suos.

Utque fugam rapiant, aries nitidissimus auro

Os grãos de Ceres,  
tostados por traição de impia madrasta,  
sem proveito nos sulcos se espargiam ;  
nem felpa de verdura á luz brotava,  
dos negrejantes chãos ; tremenda a fome  
a Thebas ameaça.

Fabula de  
Helles e  
Phrixo

Nuncio mandam  
a consultar a Tripode de Delphos ;  
d'esse infallivel deus conselho aguardam,  
que, refecunde o solo. Mas o nuncio  
vai já da mesma perfida peitado.

Volve, e diz ser do oraculo resposta,  
que, se querem colheita, o sangue vertam  
da princeza e do principe ; o teu, Helles ;  
viçoso Phrixo, o teu. Resiste á ordem  
no regio peito o coração paterno.

Mas o povo, a penuria, Ino madrasta,  
constrangem-n-o a ceder á lei nefanda.

Eil-os perante as aras retoucados  
de frondeos ramos, victimas consocias,  
irmãos no affecto, irmãos na desventura,  
e ambos carpindo o seu commum desastre.

A mãe, que 'neste lance anda pairando  
lá nos altos do ar, os vê ; delira ;  
fere o peito ; de chofre, involta em nuvens,  
descende á draconigena cidade,  
rouba-lhe os filhos seus ; para que fujam

**Traditur; ille vehit per freta longa duos.**

**Dicitur infirma cornu tenuisse sinistra**

**Femina, quum de se nomina fecit aquae.**

**Paene simul periit, dum vult succurrere lapsae,**

**Frater; et extentas porrigit usque manus.**

**Flebat, ut amissa gemini consorte pericli,**

**Caeruleo junctam nescius esse Deo.**

**Litoribus tactis Aries fit sidus; at hujus**

**Pervenit in Colchas aurea lana domos**

**Tres ubi Luciferos veniens praemiserit Eos,**

**Tempora nocturnis aequa diurna feres.**

**Inde, quater pastor saturos ubi clausurit haedos,**

**Canuerint herbae rore recente quater;**

**Janus adorandus, cumque hoc Concordia mitis,**

**Et romana Salus, araque Pacis erit.**

**Luna regit menses; hujus quoque tempora mensis**

**Finit Aventino Luna colenda jugo.**



lhes intrega auri-fulgido carneiro ;  
leva-os elle a travez das vastas ondas.

De Helles a esquerda mão mal firme ás pontas  
desfallece, despega-se ; precipite  
cái a misera, afunda-se no pégo,  
desde então *Hellesponto* appellidado.  
O irmão, que inda lidou para acudir-lhe,  
ia tendo igual sorte. As mãos estende,  
chora, crendo afogada a companheira  
dos infortunios seus ; inda não sabe  
que o deus do campo azul a quiz por sua.

Já na praia aportou. Sóbe ás estrellas  
o carneiro, astro novo ; mas o vélo  
grenha de oiro, é mandado á regia Colchos.

Quando a alva matinal por mais tres vezes  
houver brotado o sol, vereis que o dia  
reparte iguaes quinhões á luz, ás trevas.

Depois, quando o pastor haja cerrado  
quatro vezes no aprisco os seus neixentes,  
e vezes quatro clarejado a relva  
co'o rocio da manhã, dar-se-hão seus cultos  
a Jano, á suavissima Concordia,  
á Salvação romana, á Paz do imperio.

A lua os mezes regra ; é pois á lua  
que a extrema d'este mez é dedicada ;  
sabida festa no Aventino oiteiro.

Etimolo-  
gia de  
HELLES-  
PONTO

Março 26  
— Equi-  
nocio ver-  
nal

Março 30  
— Festas  
de Jano,  
da Con-  
cordia, da  
Salvação  
publica, e  
da Paz

No mes-  
mo dia as  
festas da  
Lua no  
Aventino



# **FASTORUM**



## **LIBER IV**

### **Aprillis mensis**



**A**lma, fave vati, geminorum mater Amorum.

Ad vatem vultus rettulit illa suos.

Quid tibi, ait mecum? certe majora canebas;

Num vetus in molli pectore vulnus habes?

Scis, Dea, respondi, de vulnere. Risit; et aether

Protinus ex illa parte serenus erat.

Saucius, an sanus, numquid tua signa reliqui?

# OS FASTOS



## LIVRO IV

### ● mez de Abril

**M**ãi dos amores, creadora Venus,  
valha-me o teu favor ! inspira o vate !

Invocação  
a Venus

Olhos attentos a immortal me volve ;  
e — « ¿ Que buscas de mim ? — severa exclama ; —  
« ¿ não sei eu que teu estro ambicioso  
« a mais subido assumpto has dedicado ?  
« ¿ já por ventura o fogo d'outro tempo  
« no fragil coração renasceria ?... » —

— « O que dentro me vai — respondo — « ó nume,  
« mui bem o sabes tu !.... — (Ri, e ao seu riso  
maga subita luz clareia os ares).  
« ¿ Quer ferido quer são, deixei-te eu nunca ?  
« ¿ desamparei jámais bandeiras tuas ?

Tu mihi propositum, tu mihi semper, opus.

Quae decuit, primis sine crimine lusimus annis:

Nunc teritur nostris area major equis.

Tempora cum causis, annalibus eruta priscis,

Lapsaque sub terras, ortaue signa, cano.

Venimus ad quartum, quo tu celeberrima, mensem.

Et vatem, et mensem scis, Venus, esse tuos.

Mota Cytheriaca leviter mea tempora myrto

Contigit; et, coeptum perfice, dixit, opus.

Sensimus; et subito causae patuere dierum.

Dum licet, et spirant flamina, navis eat.

Si qua tamen pars te de Fastis tangere debet,

Caesar, in Aprili, quo tenearis, habes.

Hic ad te magna descendit imagine mensis;

Et fit adoptiva nobilitate tuus.

Hoc pater Iliades, quum longum scriberet annum,

« foste sempre, qual és, serás, qual foste,  
« dos pensamentos meus suave imprego.

« Mas se lá no verdor dos floeos annos  
« pinteí, sem que estranhar se me podesse,  
« loucuras minhas com vivazes cores....  
« outro tempo, outro estílo, outros assumptos!  
« area mais ampla meus corseis percorrem:  
« festas e origens dos Annaes arranco;  
« marco aos astros o occaso, o nascimento;  
« orno a sciencia; a antiguidade acclaro.  
« Ora que Abril, teu mez, ao canto assoma,  
« deidade minha e d'elle, influe-me o canto. » —

Antepõe o  
poeta aos  
seus amos  
os Fastos,  
e Venus o ins-  
pira

Annue! roçou-me a fronte hastea de mirto!  
frangancias de Cithera a mente inundam!  
no ouvido meiga voz me ha dito — « Ávante! » —  
luz repentina me desfaz as trevas!  
festas e causas n'um relance avisto!  
Em quanto a inspiração me favoneia,  
ávante pois, que o roseo mar convida!

Se houve jámais, ó príncipe, nos Fastos  
para a tua attenção condigno assumpto,  
é sobre tudo Abril quem o offerece.

Porque  
interessa  
Abril á ca-  
sa cesarea

¿ Pela adopção que aos Cesares te inlaça,  
não é teu este mez? ¿ não te corôa  
com mil reflexos do esplendor avito?

Já de Ilia o filho, dos Romãos o padre,  
nosso Romulo emfim, já o intendia,

Vidit; et auctores rettulit ipse suos.

Utque fero Marti primam dedit ordine sortem,

Quod sibi nascenti proxima causa fuit.

Sic Venerem gradibus multis in gente repertam

Alterius voluit mensis habere locum.

Principiumque sui generis, revolutaque quaerens

Saecula, cognatos venit ad usque Deos.

Dardanon Electra nesciret Atlantide cretum

Scilicet; Electram concubuisse Jovi?

Hujus Erichthonius; Tros est generatus ab illo;

Assaracon creat hic; Assaracusque Capyn.

Proximus Anchisen; cum quo commune parentis

Non dedignata est nomen habere Venus.

Hinc satus Aeneas, pietas spectata per ignes,

Sacra, patremque humeris, altera sacra, tulit.

Venimus ad felix aliquando nomen Iuli,

Unde domus Teucros Julia tangit avos.

Postumus huic; qui, quod silvis fuit ortus in altis,

Silvius in Latia gente vocatus erat.

Isque, Latine, tibi pater est; subit Alba Latinum.

Proximus est titulis Epitos, Alba, tuis.

quando, ao distribuir do anno os mezes,  
pôz nos primeiros dois sua prosapia.  
Marte, como seu pai, lhe abria o anno ;  
logo de Marte apoz seguia Venus ;  
pois que de grão em grão sua ascendencia  
Venus ia incontrar nas priscas eras.

Pela noite dos seculos minando  
não achou só um nume em sua estirpe ;  
viu da Atlantide Electra unida a Jove  
Dardano descender ; d'este, Erichthonio ;  
e de Erichthonio Tros ; de Tros, Assáraco ;  
d'elle, Capis ; de Capis finalmente  
Anchises, o feliz, com quem não córa  
de unir-se em brando laço a Idalia deusa.

O fruto d'esse amor tu foste, Eneas,  
piedoso coração provado ao fogo,  
que do incendio atravez, por entre as lanças,  
sobre sangue, cadaveres, ruinas,  
salvas aos hombros as reliquias santas,  
e a mais santa reliquia : o pai longevo.

Filho d'Eneas, lá desponta Iulo !  
predestinado nome ! *Iulo* ! aquelle,  
que une a teucros avós a *Julia* casa !

A Iulo segue Postumo, entre os lacios  
(por que em selvas nasceu) chamado Silvio.

De Silvio vem Latino ; de Latino  
vem Alba, a quem tu, Epito succedes ;

Descenso  
genealogi-  
co de Ju-  
piter a  
Troia, e  
de Troia a  
Roma  
Dardano,  
Erichtho-  
nio, Tros,  
Assáraco,  
C a p i s,  
A n c h i s e s  
(e Venus)

Eneas

Iulo

Postumo  
Silvio

Latino,  
A l b a,  
Epito

Ille dedit Capii recidiva vocabula Trojae;

Et tuus est idem, Calpete, factus avus.

Quumque patris regnum post hunc Tiberinus haberet,

Dicitur in Tuscae gurgite mersus aquae.

Jam tamen Agrippan genitum, Remulumque nepotem

Viderat; in Remulum fulmina missa ferunt.

Venit Aventinus post hos; locus unde vocatus,

Mons quoque; post illum tradita regna Procae;

Quem sequitur diri Numitor germanus Amuli.

Ilia cum Lauso de Numitore sati.

Ense cadit patruo Lausus; placet Ilia Marti;

Teque parit gemino, juncte Quirine, Remo.

Ille suos semper Venerem Martemque parentes

Dixit; et emeruit vocis habere fidem.

Neve secuturi possent nescire nepotes,

Tempora Dis generis continuata dedit.

Sed Veneris mensem Grajo sermone notatum

Auguror: a spumis est Dea dicta maris.

tu, em memoria da perdida Troia,  
dás teucro nome ao filho : é dito Capis.

Capis

De Capis, tens a Cálpeto por neto ;  
Cálpeto é genitor de Tiberino,  
esse, que o nome ao rio em que se afoga  
de Albula Tibre fez, refere a fama.

Calpeto  
Tiberino

Já vindos são ao mundo, antes que morra,  
seu filho Aggrippa, e Remulo seu neto,  
o que se diz que um raio o destruiu.

Aggrippa,  
Remulo

D'estes o sangue, o reino, herda Aventino  
(que ao monte dá seu nome), e o testa a Proca.

Aventino  
Proca

De Proca Numitor recebe o throno ;  
irmão do fero Amulio ; e tem de prole  
Ilia e Lauso ; mas Lauso ás mãos do tio  
expira ; a amor de Marte Ilia succumbe ;  
e tu, com Remo, ó Romulo, tu nasces ;  
tu, que de Marte e Cipria egregio sangue  
te blasonas ; e sêl-o em feitos provas !

Numitor

Ilia (e  
Marte)

Romulo

Sim, mas o tempo estragador de tudo  
podia no provir escurecel-o ;  
eis por que do seu berço os dois luzeiros  
cravou, para memoria, ás portas do anno.

¿ Mas porque *Abril*?! ¿ voz grega em lacia lingua?  
sim, *Abril* ; pois da espuma, alva como ella,  
foi nascida Aphrodite a mãe de amores.

Etimolo-  
gia grega  
de Abril



**Nec tibi sit mirum Graio rem nomine dici:**

**Itala nam tellus Graecia major erat.**

**Venerat Evander plena cum classe suorum;**

**Venerat Alcides; Grajus uterque genus.**

**Hospes Aventinis armentum pavit in herbis**

**Claviger; et tanto est Albula pota Deo.**

**Dux quoque Neritius; testes Laestrygones exstant;**

**Et, quod adhuc Circes nomina, litus habet.**

**Et jam Telegoni, jam moenia Tiburis udi,**

**Stabant, Argolicae quod posuere manus.**

**Venerat Atrides fatis agitatus Halesus;**

**A quo se dictam terra Falisca putat.**

**Adjice Trojanae suasorem Antenora pacis,**

**Et generum Qenidem, Appule Daune, tuum.**

**Serus ab Iliacis, et post Antenora, flammis**

**Adtulit Aeneas in loca nostra Deos.**

**Hujus erat Solimus, Phrygia comes exsul ab Ida,**

Vocabulos da Grecia ha mil, como este,  
recebidos, geraes, na Ausonia falla.  
Sabem todos que Italia entre os antigos  
era a *Grecia* maior.

Etimolo-  
gias gregas  
a bundam  
no latim  
Antigui-  
dades gre-  
gas na Ita-  
lia

Na Italia Evandro

desimbarca dos seus immensa frota ;  
á Italia Hercules vem ; ¿ progenie Grega  
não são ambos os dois ? Sim ; o da clava,  
o grande, o invicto, o domador de monstros,  
folgou ter hospedage em nossas plagas ;  
guardou as vaccas no Aventino oiteiro ;  
bebeu bebeu no Albula, no Tibre.

Evandro

Hercules

¿ E Ulisses ? ! ¿ foi-lhe acaso a Hesperia estrañha ?  
que o digam Lestrigões, que o digam praias,  
que inda de Circe o nome em si conservam.

Ulisses

Mas já então vós, muros, existieis  
de Telégone ; e os teus, aquosa Tibur,  
da argiva dextra fundações fastosas.

Telégone

Tibur

¿ E o foragido Haleso, Atriça raça !  
não cré Falisca terra haver-lhe o nome ? !

Haleso

¿ E Antenor, o da paz entre os Troianos  
exortador constante ? ! ¿ e Diomédes,  
a quem o Appulio Dauno admitte a genro ? !

Antenor

Diomédes

¿ E mais tarde, e apoz esse, e escapo ás chammas  
da perdita Ilion, não veio Eneas  
patrios numes depor 'nestes logares ?

Eneas

Do Phrigio Ida profugo com elle

Solimo ;  
origem do

A quo Sulmonis moenia nomen habent.

Sulmonis gelidi, patriae, Germanice, nostrae.

Me miserum! Scythico quam procul illa solo est!

Ergo ego tam longe? sed supprime, musa, querelas;

Non tibi sunt moesta sacra canenda lyra.

Quo non livor abit? sunt, qui tibi mensis honorem

Eripuisse velint, invidiantque, Venus.

Nam, quia ver aperit tunc omnia, densaque cedit

Frigoris asperitas, foetaque terra parit,

Aprilem memorant ab aperto tempore dictum;

Quem Venus injecta vindicat alma manu.

Illa quidem totum dignissima temperat orbem;

Illa tenet nullo regna minora Deo;

Juraque dat coelo, terrae, natalibus undis;

Perque suos initus continet omne genus:

Sólmo fundador não foi dos muros,  
da que em memoria sua inda é Sulmona?!  
a mui fresca Sulmona! a terra minha,  
o meu berço, ó Germanico!

nome de  
Sulmona,  
terra do  
poeta

E lembrar-me  
que hoje a Scithia.... ai de mim!.... Deuzes! é crível!....  
eu 'nestas regiões!.... tão longe d'ella!....  
eu tão longe! e viver?! Silencio, musa;  
funebre lira não condiz a festas.

O poeta no  
desterro

Malignos corações nem deuses poupam;  
alguns te hão denegado, ó mãe das graças,  
gloria de presidir ao mez das flores.

Como então primavera ao sopro amigo  
de temperados zefiros nos abre  
os campos á verdura, os ceos ao dia,  
as hervas á fragrancia, o bosque ás aves,  
a amor os corações, e ao goso os seios,  
de tão suave *abrir* — *Abril* deduzem.

Etimolo-  
gia latina  
de Abril  
(aperire)

Surri do sacrilegio a omnipotente;  
mas de seu caro mez defende a posse.

¿ Quem, se não ella, é arbitra do mundo?  
¿ que outro deus lhe disputa a primazia?  
aos ceos, á terra, ás natalicias ondas,  
pela attracção d'amor irresistivel,  
conserva, reproduz, sem fim, sem conto,  
vidas, sentir, bulicio, actividade.

Venus e o  
poeta pre-  
ferem a  
etimologia  
grega

**Illa Deos omnes, (longum enumerare), creavit;**

**Illa satis causas, arboribusque dedit;**

**Illa rudes animos hominum contraxit in unum;**

**Et docuit jungi cum pare quemque sua.**

**Quid genus omne creat volucrum, nisi blanda voluptas?**

**Nec coeant pecudes, si levis absit amor.**

**Cum mare trux aries cornu decertat, at idem**

**Frontem dilectae laedere parcit ovis.**

**Deposita taurus sequitur feritate juvencam.**

**Quem toti saltus, quem nemus omne tremunt.**

**Vis eadem, lato quodcumque sub aequare vivit,**

**Servat; et innumeris piscibus implet aquas.**

**Prima feros habitus homini detraxit; ab illa**

**Venerunt cultus mundaque cura sui.**

**Primus amans carmen vigilatum nocte negata**

Ella os deuses creou, fecunda as plantas ;  
ella os rudes mortaes dissociados  
congregou em familia, em gente, em povos ;  
ella a cada animal influe o instincto,  
que o leya a procurar seu semelhante.

¿ Sem meiga tentação voluptuosa,  
onde estariam do arvoredo os ninhos ?  
os multicores hospedes ?, os cantos ?  
¿ onde dos valles o pezado armento ?  
¿ onde, incostas, as greis que em vós fluctuam ?

Vêde o carneiro : co'as nativas armas  
feroz contra o rival ; cortez, medroso  
de ferir, de offender a branda ovelha !  
¿ quem lhe ha dado esse ardor, e esses melindres ?

Vêde o toiro, terror do campo e bosque !  
mal conquistou, já perde a feridade,  
e da novilha a par só muge amores.

No oceano igual virtude anima os peixes,  
e os argenteos cardumes centuplica.

Venus, Venus á sordida brutesa  
do primevo existir subtrai os homens,  
inspira-lhes o aceio, o alinho, as artes.

Por ella a poesia introu no mundo ;  
diz-se, que ante os umbraes inexoraveis  
de uma esquiva beldade, á luz d'estrellas,  
e ouvido apenas das nocturnas auras,  
foi primeiro cantor magoado amante ;

Venus  
cria a reli-  
gião, a  
conviven-  
cia, a civi-  
lização, as  
artes, a  
poesia, a  
eloquen-  
cia

Vere nitent terrae; vere remissus ager;

Nunc herbae rupta tellure cacumina tollunt;

Nunc tumido gemmas cortice palmes agit.

Et formosa Venus formoso tempore digna est;

Utque solet, Marti continuata suo.

Vere monet curvas materna per aequora puppes

Ire nec hibernas jam timuisse minas.

Rite Deam Latiae colitis, matresque, nurusque;

Et vos, quis vittae longaue vestis abest.

Aurea marmoreo redimicula solvite collo:

Demite divitias: tota lavanda Dea est.

Aurea siccato redimicula reddite collo;

Nunc alli flores, nunc nova danda rosa est.

Vos quoque sub viridi myrto jubet illa lavari;

Causaque, cur jubeat, discite, certa subest.

Litore siccabat rorantes nuda capillos;

Viderunt Satyri, turba proterva, Deam.

Sensit, et opposita texit sua corpora myrto.

Tuta fuit factio; vosque referre jubet.

na primavera a terra está lustrosa  
a abrir por toda a parte os almos seios!  
brotam do chão mil plumulas de Ceres,  
e abre a tumida vinha os olhos verdes!

nus não  
vem o  
Abril

Convêm á deusa bella os bellos dias,  
e junto ao mez de Marte o mez de Venus.

Filha do mar, ao mar convida os lenhos,  
das carrancas do inverno alfim seguros.

Com razão lhe dais culto, ó lacias donas,  
ó donzellas, e vós, a quem proibe  
fitas a lei severa, e vestes longas!

Abril 1—  
Culto das  
romanas  
de todos  
os estados  
a Venus

Eia, vós todas á marmorea estatua  
tiraes o collar d'ouro, as vestes ricas;  
desnuadae-m'a; a ablução a pede nua;  
inchugae-m'a depois; volvei-lhe as galas;  
novas flores lhe ponde, e rozas frescas.

Despe-se,  
ablu-se,  
reveste-se  
e adorna-  
se a ima-  
gem de  
Venus

Vós mesmas (ella o manda) eia banhae-vos  
das murtas crespas á cheirosa sombra:  
a razão do preceito, eu vol-a narro.

Banho das  
mulheres  
nesta fes-  
ta

Nua ás auras na praia estava a deusa,  
as orvalhosas tranças inchugando,  
quando protervos Satiros a viram;  
sentiu-os vir correndo; e por furtar-lhes  
da cubiçosa vista o que os namora,  
d'uns mirtos na espessura introu voando.  
É por memoria do que devé aos mirtos,  
damas formosas, que o preceito houvestes.

Porqué  
d' esta  
usança



**Discite nunc, quare Fortunae tura Virili**

**Detis eo, calida qui locus humet aqua.**

**Accipit ille locus posito velamine cunctas;**

**Et vitium nudi corporis omne videt.**

**Ut tegat hoc, celetque viros, Fortuna Virilis**

**Praestat; et hoc parvo ture rogata facit.**

**Nec pigeat niveo tritum cum lacto, papaver**

**Sumere, et expressis mella liquata favis.**

**Quum primum cupido Venus est deducta marito,**

**Hoc bibit; ex illo tempore nupta fuit.**

**Supplicibus verbis illam placate: sub illa**

**Et forma, et mores, et bona fama manet.**

**Roma pudicitia proavorum tempore lapsa est.**

**Cumaeam, veteres, consuistis anum.**

**Templa jubet Veneri fieri; quibus ordine factis,**

**Inde Venus verso nomina corde tenet.**

Ora direi, porque á Viril Fortuna  
incensos offertais, lá onde o solo  
de calidas nascentes se humedece :  
ali despidas vos congrega o banho ;  
e, se os trages defeito em vós cobriam,  
a franca desnudez o patenteia ;  
a Fortuna Viril toma a seu cargo,  
que esses senões, velados de misterio,  
ante olhos varonis nunca appareçam ;  
tão alto privilegio obtem sem custo  
uma oração piedosa um grão de incenso.

Porquê  
do templo  
á Fortuna  
Viril

Leite e mel com pizadas dormideiras  
não duvideis tomar ; assim fez Venus,  
quando ao fervido esposo a deram noiva :  
bebera ; para logo almo deliquio  
lhe conquistou o peito, e voluntaria  
nos braços lhe cafu delicias toda.

Porquê de  
tomarem  
as mulhe-  
res infu-  
zão de  
dormidei-  
ras em lei-  
te e mel

Oh ! com palavras supplices placae-a !  
costumes, formosura, honrada fama,  
tudo á sua tutella é confiado.

Protecção  
de Venus  
ás mulhe-  
res

Da pudicicia dos primevos tempos  
Roma se deslisava ; a anciã de Cumas  
por nossos bisavós sendo inquirida,  
mandou que a Venus se erigissem templos.  
Erigiram-se ; a castos de improviso  
corruptos *corações* se restituem ;  
em memoria do prospero milagre  
*Verticordia* por nome á deusa fica.

Culto de  
Venus  
Verticor-  
dia ; ex-  
plicação  
historico-  
etimologi-  
ca

Semper ad Aeneadas placido, pulcherrima, vultu

Respice; totque tuas, Diva, tuere nurus.

Dum loquor, elatae metuendus acumine caudae,

Scorpions in virides praecipitatur aquas.

Nox ubi transierit, coelumque rubescere primo

Coeperit, et tactae rore querentur aves;

Semustamque facem vigilata nocte viator

Ponet, et ad solitum rusticus ibit opus;

Pleiades incipiunt humeros relevare paternos.

Quae septem dici, sex tamen esse solent.

Seu quod in amplexum sex hinc venere Deorum;

Nam Steropen Marti concubuisse ferunt;

Neptuno Halcyonen, et te, formosa Celaeno;

Maian, et Electran, Taygetenque Jovi;

Septima mortali Merope tibi, Sisypho, nupsit.

Poenitet; et facti sola pudore latet.

Ó tu, das immortaes a mais formosa,  
olha sempre benigna os descendentes  
do teucro pio heroe, teu caro filho ;  
e de teus netos ás gentis esposas  
a tua protecção jamais recuzes !

Em quanto fallo aqui, lá se me ingolfa  
no verde mar o Escorpião sanhudo,  
que a ponteaguda cauda arvora em lança.

Quando, finda esta noite, a prima folha  
das rosas da manhã boiar no espaço,  
e estranhadas do frigido rooío  
brando queixume as aves pipilarem ;  
á hora, em que o nocturno viandante  
deixa na estrada o semigasto archote,  
e o rude campones volve ao trabalho ;  
a escorregar-se dos paternos hombros  
as luminosas Pléiadas começam.

Costumamos vêr seis, mas sete as dizem.  
Na explicação do numero discordam.

Querem uns que das sete as seis lograssem  
amores divinaes : de Marte, Estérope ;  
de ti, Neptuno, Halcione e Celeno ;  
Maia, Electra e Taigete alfim, de Jove ;  
e que Merope, a setima, corrida  
de pertencer a Sisipho, de vêr-se,  
unica, intregue a talamo de humano,  
confusa e pesarosa esconde a face ;

Ocaso do  
Escorpião

Abril 2—  
Começa a  
descer o  
setestrello  
(as Pleia-  
des)

Diversas  
explica-  
ções de se  
não avia-  
tar uma  
das sete  
Pleiades

Primeira

Sive quod Electra Trojae spectare ruinas

Non tulit; ante oculos opposuitque manum.

Ter sine perpetuo coelum versetur in axe;

Ter jungat Titan, terque resolvat, equos:

Protinus inflexo Berecynthia tibia cornu

Flabit; et Idaeae festa parentis erunt.

Ibunt semimares, et inania tympana tudent;

Aeraque tinnitus aere repulsa dabunt.

Ipsa sedens molli comitum cervice feretur

Urbis per medias exululata vias.

Scena sonat, ludique vocant; spectate, Quirites;

Et fora Marte suo litigiosa vacent.

Quaerere multa libet; sed me sonus aeris acuti

Terret, et horrendo lotos adunca sono.

Da, Dea, quas sciter, doctas, Cybeleia, nepotes.

Audit; et has curae jussit adesse meae.

Pandite, mandati memores, Heliconis alumnae,

Gaudeat assiduo cur Dea magna sono.

Outros dizem, que a triste homisiada  
era Electra ; a catastrophe de Troia  
por tal arte a affligiu, que, por não vél-a,  
co'as aterradas mãos vendou seus olhos.

Segunda

Deixa o ceo vezes tres volver-se, e Phebo  
tres vezes seus frisões jungir, soltal-os,  
e escutarás a trompa Berecinthia  
da Idêa madre pregoar as festas.

Abril 4—  
Festas de  
Cibelle

Sairão seus semiviros ministros  
batendo os retumbantes atambores  
ao retintim metallico dos cimbalos.  
Vél-a ! lá vai no andor correndo as ruas  
por entre estrepitosos alaridos  
ás costas dos imbelles servidores !

Lá se abre, lá restruge a fausta scena !  
Quirites, o espectaculo vos chama !  
hoje, á guerra forense impoem-se tregoa.

Coisas mil perguntar desejaria. . .  
mas aturdem-me, atterram-me os estrondos  
d'esses metaes vibrantes, que entrebatem,  
d'esses lótos, que horrendas vozes roncam !

Consente, ó gran Cibelle, ao vate indouto  
que ás tuas sabias netas se inderece !

Invoca o  
poeta por  
Cibelle as  
musas

Parabens ! escutou-me ! eil-as me acodem.  
— « Pois vos deu tal incargo a avó celeste,  
« Heliconias gentis, patenteae-me,  
« por que é, que tal motim praz a tal deusa ? » —

Sic ego: sic Erato; (mensis Cythereius illi

Cessit, quod teneri nomen amoris habet):

Reddita Saturno sors haec erat: optime regum,

A nato sceptris excutiere tuis.

Ille suam metuens, ut quaeque erat edita, prolem

Devorat; immersam visceribusque tenet.

Saepe Rhea questa est toties fecunda, nec unquam

Mater, et indoluit fertilitate sua.

Jupiter ortus erat; pro magna teste vetustas

Creditur; acceptam parce movere fidem.

Veste latens saxum coelesti viscere sedit:

Sic genitor fati decipiendus erat.

Ardua jamdudum resonat tinnitibus Ide,

Tutus ut infanti vagiat ore puer.

Pars clypeos sudibus, galeas pars tundit inanes;

Hoc Curetes habent; hoc Corybantes opus.

Res latuit patrem; priscique imitamina facti,

Érato, a quem Abril também pertence,  
pois do nome de amor extrai seu nome,  
d'est'arte me fallou :

— « Quando Saturno  
« pedia outr'ora ao Fado os seus destinos,  
« eis o que ouviu : *Rei optimo, teu filho*  
« *te esbulhará do sceptro.*

Um só remedio  
« lhe occorre : é, um a umi, logo á nascença,  
« il-os tragando a flux ; pôl-o por obra.

« Misera Rhea ! Malfadada esposa !  
« ser mãe, sem nunca o ser ! de amor os frutos,  
« á hora de os tomar, vél-os perdidos !  
« ter na fecundidade o horror, a augustia !!  
« Alfim dá Jove á luz. (Vetusta crença  
« valha por veneranda testemunha ;  
« deixae intacta a fé que achais nos povos).  
« Penedo, em faxas infantis involto,  
« porque ao diante o oraculo se cumpra,  
« ingana ao genitor ; cai-lhe no ventre.

« Mui de industria entretanto andam fervendo  
« lá por serros do Ida altos estrepitos,  
« porque o vagir do filho ao pai não chegue :  
« Curétes, Coribantes, malham rijo  
« com bordões em broqueis, em capacetes.

« Saiu a ponto o ardil ; logrou-se o impenho ;

A musa  
Érato, que  
tem nome  
derivado  
de amor e  
a quem A-  
bril tam-  
bem per-  
tence, ap-  
parece ao  
poeta

Explica-  
lhe Érato  
o estrondo  
nas festas  
de Cibelle



Aera Deae comites raucaque terga movent.

Cymbala pro galea, pro scutis tympana pulsant;

Tybia dat Phrygios, ut dedit ante, modos.

Desierat; coepi: Cur huic genus acre leones

Praebent insolitas ad juga curva jubas?

Desieram; coepit: Feritas mollita per illam

Creditur; id curru testificata suo est.

At cur turrata caput est ornata corona?

An Phrygiis turres urbibus illa dedit?

Annuit. Unde venit, dixi, sua membra secandi

Impetus? Ut tacui, Pieris orsa loqui:

Phryx puer in silvis, facie spectabilis, Attis

Turrigeram casto vinxit amore Deam.

Hunc sibi servari voluit, sua templa tueri;

Et dixit: Semper fac puer esse velis.

Ille fidem jussis dedit; et, Si mentiar, inquit,

Ultima, qua fallam, sit Venus illa mihi.

Fallit; et in Nympha Sagaritide desinit esse.

« Saturno ignorou tudo. É por memoria,  
« que inda agora, ó Cibelle, os teus sequazes  
« batem cavos metaes, retezas pelles :  
« finge escudo o atambor ; e casco os cimbalos,  
« dando a fruta, quaes dava, os frigios modos. » —

Calou ; recomecei : — « ¿ Da deusa o carro,  
« porque o pucham leões ? raça tão féra  
« co'a jubosa cerviz submissa ao jugo ! » —

Dá-lhe ra-  
são dos  
leões no  
carro de  
Cibelle

Calei ; recomeçou : — « De feridades  
« triunfou ; cre-o a fé, seu carro o mostra. » —

— « ¿ Que nos imblema a acastelada c'rôa ?  
« ¿ frigias cidades, torrou-as ella ? » —

A coroa  
torreada  
de Cibelle

Annue.

— « Mas — volvi eu, — « ¿ como se explica  
« a furia de cortar nas proprias carnes ? » —

Origem da  
castração  
dos sacer-  
dotes de  
Cibelle

— « Attis, frigio mocinho — acode a musa —  
« rosto foi que deu fama ás patrias selvas.  
« Cibelle o amou qual mãe ; tomou a cargo  
« pôl-o guarda em seu templo ; e — *Nunca percas*  
« *d'essa idade* lhe disse *a alva innocencia.* —

« Jurou elle cumpril-o ; accrescentando,  
« que, se jámais quebrasse o juramento,  
« o deleite de amor lhe dêsse a morte.

« E com tudo o quebrou ; colheu-lhe a rosa

TOM. II.

Quod fuit: hinc poenas exigit ira Deae.

Naiada vulneribus succidit in arbore factis.

Illa perit; fatum Naiados arbor erat.

Hic furit; et, credens thalami procumbere tectum,

Effugit, et cursu Dyadima summa petit.

Et modo, Tolle faces; Remove, modo, verbera, clamat.

Saepe Palaestinas jurat adesse Deas.

Ille etiam saxo corpus laniavit acuto;

Longaque in immundo pulvere tracta coma est;

Voxque fuit: Merui; meritas de sanguine poenas.

Ah! pereant partes, quae nocuere mihi!

Ah pereant.... dicebat adhuc: onus inguinis aufert;

Nullaque sunt subito signa relicta viri.

Venit in exemplum furor hinc, mollesque ministri

Caedunt jactatis vilia membra comis.

Talibus Aoniae facunda voce Camenae

Reddita quaesiti causa furoris erat.

Hoc quoque, dux operis, moneas, precor: unde petita

Venerit; an nostra semper in urbe fuit?

Dindymon, et Cybelen, et amoenam fontibus Iden

« do virginio pudor Sagaria ninfa.

« Irritada Cibelle, impoz-lhe a pena :  
« fere ; derriba a arvore da Naiade  
« e a Naiade com a arvore perece.  
« O infeliz perde o siso ; o lar o aterra,  
« julga-o vèr desabar ; foge correndo,  
« vinga os cumes do Díndimo ; *Arredae-me*  
« *esses fachos exclama esses açoites*  
« *tirae-os d'ante mim.* D'istante a instante  
« das Furias avernaes se cré cercado.

« Com aguçada pedra as carnes rasga ;  
« volve na terra immunda as longas comas  
« clamando : *Mereci ! foi minha a culpa !*  
« *que a pague o sangue meu ; desappareça*  
« *o que ao torpe delicto ha dado origem !*  
« *desappareça !* Apenas o tem dito,  
« e já não é varão. Ficou o exemplo  
« aos de Cibelle ignobeis servidores ;  
« que, solta a grenha, ao ser viril se arrancam. » —

Foi assim, que do barbaro costume  
razão me deu a Musa.

— « Ó de meu canto  
« facunda inspiradora, Aonia virgem,  
« explica-me — lhe digo — « onde nasceram  
« os ritos de Cibelle ; ¿ acaso em Roma ? » —

O culto de  
Cibelle  
proveio de  
Troia

— « Montes Díndimo e Cibeles — responde —  
« fontes do Ida, Iliacas grandezas,

Semper, et Iliacas mater amavit opes.

Quum Trojam Aeneas italos portaret in agros.

Est Dea sacriferas paene secuta rates.

Sed nondum fatis Latio sua numina posci

Senserat; adsuetis substiteratque locis.

Post, ut Roma potens opibus jam saecula quinque

Vidit, et edomito sustulit orbe caput,

Carminis Euboici fatalia ve ba sacerdos

Inspicit: inspectum tale fuisse ferunt:

Mater abest; matrem jubeo, Romane, requiras;

Quum veniet, casta est accipienda manu.

Obscurae sortis patres ambagibus errant,

Quaevae parens absit, quoque petenda loco.

Consulitur Pæan; Divumque arcessite matrem,

Inquit; in Idaeo est invenienda jugo.

Mittuntur proceres. Phrygiae tum scepra tenebat

Attalus. Ausoniis rem negat ille viris.

Mira canam. Longo tremuit cum murmure tellus;

Et sic est adytis Diva loçuta suis:

Ipsa peti volui. Ne sit mora; mitte volentem.

« fostes vós da immortal sempre delicias.  
« Quando Eneás de Troia ao Lacio trouxe  
« nos sacrarios das náos os patrios ritos,  
« co'os mais deuses tambem quiz vir Cibelle ;  
« occorreu-lhe porem que inda seus fados  
« lhe não davam a Italia, e resignada  
« permaneceu nos costumados sitios.

« Roma possante, a capital do mundo  
« seculos cinco já contava, quando  
« nos Euboicos fatidicos poemas  
« o sacerdote lendo achou taes frases,  
« segundo é tradição : *Fullece a madre ;*  
« *Romãos, ide-a buscar ; eu vol-o ordeno ;*  
« *achando-a, casta mão que a suba ás aras.*

« Perdiam-se na escura profecia  
« perplexos vossos pais. ¿ Quem era a madre,  
« que aos Romãos fallecia ? ¿ onde ir busca-a ?  
« Consulta-se Pean : — *Buscae dos numes*  
« *a mãe, que alberga no Ida* — elle responde.

« Imbaixadores proceres se inviam  
« a Atalo, que então reinava em Frigia.

« Atalo á gente ausonia o don refusa.

« Maravilhas memoro : a terra treme  
« com longo remurmurio ; e taes palavras  
« se ouvem sair dos aditos da deusa :

« *Hei permittido eu propria o ser pedida.*

**Dignus Roma locus, quo Deus omnis eat.**

**Ille soni terrore pavens, Proficiscere, dixit;**

**Nostra eris; in Phrygios Roma refertur avos.**

**Protinus innumerae caedunt pineta secures**

**Illa, quibus fugiens Phryx pius usus erat.**

**Mille manus coeunt; et picta coloribus ustis**

**Coelestem matrem concava puppis habet.**

**Illa sui per aquas fertur tutissima nati;**

**Longaque Phryxae stagna sororis adit,**

**Rhoeteumque rapax, Sigeaque litora transit;**

**Et Tenedum, et veteres Eetionis opes.**

**Cyclades excipiunt, Lesbo post terga relicta;**

**Quaque Carysteis frangitur unda vadis.**

**Transit et Icarium, lapsas ubi perdidit alas**

**Icarus, et vastae nomina fecit aquae.**

**Tum laeva Creten, dextra Pelopeidas undas**

**Deserit; et Veneri sacra Cythera petit.**

**Hinc mare Trinacrium, candens ubi tingere ferrum**

« *Não mais hesitações ; partir desejo.*  
« *E' Roma a qualquer deus condigno templo.*

« *Co' o tremendo prodigio elrei turbado,*  
« *— Nas boas horas vás — exclama — ó numen !*  
« *lá mesmo serás nossa : á Frigia estirpe*  
« *deveu augusta Roma origens suas. —*

« Já nos proprios pinhaes, que ao pio Eneas  
« haviam dado naos, machados troam,  
« sem conto a abater troncos ; ferve inxame  
« de obreiras mãos no edificar do enorme  
« sacrifero baixel. Já ri ás vagas  
« a repintada pôpa baloiçosa ;  
« já do bojo fez templo a mãe dos deuses.

« Pelos espumeos páramos do filho  
« eil-a vai descuidosa resvalando.  
« Já sulca de Helles o estirado estreito,  
« os vortices Rheteus, Sigeias costas,  
« Ténedos, Ecion, potencia antiga ;  
« passa Lesbos ; nas Cielades se ingolfa ;  
« transpõe segura o mui revoltado pego  
« dos baixos de Carista, o mar, que as azas  
« e o corpo inguliu de Icaro, e lhe guarda  
« na profusa extensão memoria e nome.

« Á esquerda Créta ; as aguas Pelopeias  
« fogem-lhe á dextra ; alonga-se no rumo  
« do Cithereo jardim mansão de Venus ;  
« sulca o Trinacrio mar, lago em que os Brontes  
« Esteropes, e Acmonides têm de uso

Derrota de  
Cibelle  
desde a  
Frigia até  
Roma



Brontesque, et Steropes, Acmonidesque solent.  
Aequoraque Afra legit, Sardóaque regna sinistris  
Prospicit a remis; Ausoniamque tenet.

Ostia contigerat, qua se Tiberinus in altum  
Dividit, et campo liberiore natat.

Omnis eques, mixtaque gravis cum plebe senatus  
Obvius ad Tusci fluminis ora venit.  
Procedunt pariter matres, nataeque, nurusque;  
Quaeque colunt sanctos virginitate focos.

Sedula fune viri contento brachia lassant;  
Vix subit adversas hospita navis aquas.

Sicca diu tellus fuerat; sitis usserat herbas.  
Sedit limoso pressa carina vado.

Quisquis adest operi, plus quam pro parte laborat;  
Adjuvat et fortes voce sonante manus.

Illa velut medio stabilis sedet insula ponto.  
Attoniti monstro, stantque, paventque, viri.

Claudia Quinta genus Clauso referebat ab alto;

« ao ferro acceso nas eternas fragoas  
« dar 'num mergulho a tempera ; costeia  
« d'África os reinos ; a Sardenha á sestra  
« da vista dos remeiros se esvaece ;  
« Ausonia suspirada alfim descobrem.

« Imbocam pela foz, por onde o Tibre  
« contente sai para a amplidão fluctigera.

« Plebe, senado, cavalleiros, tudo  
« conflue alvoroçado á tusca praia,  
« a saudar desde a barra a immortal hospeda.  
« Donas, donzellas, noivas, e as que ó Vesta  
« virgens velam no altar teu santo lume,  
« lá vão correndo em confusão festiva.

« Mas em vão longo cabo atado á prôa  
« valentes braços pucham, suam, cançam ;  
« pela corrente o lenho peregrino  
« recusa remontar.

« Seccura estranha  
« tisnava já de muito os chãos hervosos ;  
« no alveo inlodado se interrava a quilha  
« sem ousar a surdir ; todos no impenho  
« poem mais que humano esforço ; alta celeuma  
« dobra vigor aos obstinados pulsos ;  
« que prol , se firme a não dá mostras d'ilha,  
« que tem saxea raiz no mar profundo !

« Já pasmo, já pavor domina o povo !

« Claudia Quinta, do antigo Clauso prole,

Maravi-  
lhosa his-  
toria de  
Claudia  
Quinta

Mira, sed et scena testificata, loquor.

Mota Dea est; sequiturque ducem, laudatque sequendo.

Index laetitiae fertur in astra sonus.

Fluminis ad flexum veniunt: Tiberina priores

Ostia dixerunt, unde sinister abit.

Nox aderat; querno religant a stipite funem;

Dantque levi somno corpora functa cibo.

Lux aderat: querno solvunt a stipite funem;

Ante tamen posito tura dedere foco.

Ante coronatam puppim sine labe juvencam

Mactarunt, operum conjugiique rudem.

Est locus, in Tiberin qua lubricus influit Almo,

Et nomen magno perdit ab amne minor.

Illic purpurea canus cum veste sacerdos

Almonis dominam sacraque lavit aquis.

Exululant comites, furiosaque tibia flatur;

Et feriunt molles taurea terga manus.

« é portento; que inda hoje espanta em scena)  
« boia a nau! fende o rio! a deusa avança!  
« e seguindo a formosa conductora,  
« ante o povo a protege, a glorifica.  
« Sobe unísono aos ceos clamor fervente.

« Já vinham junto á curva, donde o rio  
« retorçe á esquerda o curso, e que os antigos  
« *portaes* do padre Tibre appellidaram.

« Queria anoitecer; o cabo amarram  
« 'numa estaca de roble, e restaurados  
« com breve refeição, do somno invidam  
« o almo favor deitados pela margem.

« Queria amanhecer; o cabo soltam  
« do roble, que o reteve, não sem darem  
« primeiro ao fogo rituaes incensos.  
« Novilha, estranha a amor, ignota a jugo,  
« e sem mancha, ante a pópa ingrinaldada  
« cai victima.

« Chegados onde o Tibre,  
« mettendo o Almon em si lhe apaga o nome,  
« sacerdote de cans, trajando purpura,  
« as alfaias da deusa, a propria imagem  
« vai no Almon abluir; rebenta, ecôa  
« dos servidores d'ella alto alarido!  
« com furia a frauta silva, as taureas pelles  
« sob as castradas mãos rufam, reboam!

**Claudia praecedit laeto celeberrima vultu ;**

**Credita vix tandem teste pudica Dea.**

**Ipsa sedens plaustro porta est invecta Capena ;**

**Sparguntur junctae flore recente boves**

**Nasica accepit ; templi tunc extitit auctor.**

**Augustus nunc est ; ante Metellus erat.**

**Substitit hic Erato ; mora fit, si caetera quaeram.**

**Dic, inquam, parva cur stipe quaerat opes ?**

**Contulit aes populus, de quo delubra Metellus**

**Fecit, ait : dandae mos stipis inde manet.**

**Cur vicibus factis ineant convivia, quaero,**

**Tum magis, indictas concelebrentque dapes.**

**Quod bene mutarit sedem Berecynthia, dixit ;**

**Captant mutatis sedibus omen idem.**

« Claudia, forçado o povo a crel-a pura,  
« pois tal deusa a protege, a ufana Claudia  
« guia o cortejo com risonho aspecto.  
« Pela porta Capena entra á cidade ;  
« segue-a d'apoz sua augusta protectora  
« sobre um plaustro, que duas vaccas puxam,  
« sob um chuveiro de recentes flores.

« Nasica toma o Nume, e lhe alça templo.  
« Metello lh'o refaz. Em vossos dias  
« o derradeiro consagrou-lh'o Cesar. » —

Parou aqui a Musa um breve espaço  
a aguardar novo inquerito. — « Folgara —  
torno-lhe eu — « de intender por que motivo  
« deusa tão principal vai mendigando  
« pobres estipes ! ; que opulencia espera  
« de moeda tão vil ? » —

Rasão dos  
estipes es-  
molados a  
Cibelle

— « Foram de cobre  
« as esmolas do povo — ella responde —  
« com que Metello construiu seu templo.  
« D'ahi a usança d'esmolar-lhe estipes. » —

— « ; E estes festins, agora tão frequentes,  
« que uns aos outros vão dando ? ; estes convites  
« de banquetear rasgado, em que prenderam ? ! » —

Rasão dos  
banquetes  
entre os ci-  
dadãos na  
festa de Ci-  
belle

— « Prenderam, em que a nossa Berecintia  
« no trocar de poisada achou proveito ;  
« por isso os cidadãos, trocando as suas,  
« têm que se estreiam com ditoso auspicio. » —

Institeram, quare primi Megalesia ludi

Urbe forent nostra; quum Dea (sensit enim),

Illa Deos, inquit, peperit; cessere parenti:

Principiumque dati mater honoris habet.

Cur igitur Gallos, qui se excidere, vocamus,

Quum tanto Phrygia gallica distet humus?

Inter, ait, viridem Cybelen altasque Celaenas

Amnis it insana, nomine Gallus, aqua.

Qui bibit inde, furit: procul hinc discedite, quis est

Cura bonae mentis; qui bibit inde, furit.

Non pudet herbosum, dixi, posuisse moretum

In dominae mensis? an sua causa subest?

Lacte mero veteres usi memorantur, et herbis,

Sponte sua si quas terra ferebat, ait

Candidus elisae miscetur caseus herbae,

la-lhe perguntar, porque entre os jogos damos logar primeiro aos Megalesios.

Ella, que o presentiu — « ¿ A mãe dos numes, « que nume disputára a precedencia? — respondeu logo — « as festivaes primicias « tocavam-lhe de jus. » —

Rasão dos jogos megalesios

— « ¿ E este de gallos  
« nome estranho, que hão dado a seus eunucos?! . . .  
« ¿ que têm Gallias que ver co'a Frigia terra?! » —

Rasão de se chamarem gallos os sacerdotes de Cibelle

— « Nem é de lá, que o titulo proveio.  
« Entre o Cibelio monte verdejante,  
« e a alta cidade de Celenas, passa  
« um rio singular (Gallo o seu nome)  
« que os delirios, a insania em si revolve.  
« Quem lá bebe, doideja; ó vós sisudos,  
« nunca o proveis! doideja quem lá bebe!

« Já vês agora se quadrou o apodo,  
« a quem dos foros varonis se esbulha,  
« e de insensato estrepito se pasce! » —

— « Um derradeiro ponto emfim me illustra:  
« em tão santos e opiparos banquetes  
« ousarem pôr moreto! . . . ¿ esse indigesto  
« manjar villão de tão grosseiras hervas  
« involverá tambem sentido occulto? » —

Rasão do moreto nos festins de Cibelle

— « Deleite simples de silvestres plantas —  
conclue a sabia mestra — « era' o sustento  
« dos antigos mortaes, se crês na fama;



Cognoscat priscos ut Dea prisca cibos.

Postera quum coelo motis Pallantias astris

Fulserit, et niveos Luna levarit equos,

Qui dicet, quondam sacrata est colle Quirini

Hac Fortuna die Publica, verus erit.

Tertia lux (memini) ludis erat, at mihi quidam

Spectanti senior, contiguusque loco ;

Haec, ait, illa dies, libycis qua Caesar in oris

Perfida magnanimi contudit arma Jubae.

Dux mihi Caesar erat, sub quo meruisse tribunus

Glorior : officio praefuit ille meo.

Hanc ego militia sedem, tu pace parasti,

Inter bis quinos usus honore viros.

Plura locuturi subito seducimur imbre :

Pendula coelestes Libra movebat aquas.

Ante tamen, quam summa dies spectacula sistat,

Ensiger Orion aequore mersus erit.

« logo, alvo queijo e vegetaes p̄sados  
« quem assim os mistura, está lembrando  
« a prisca deusa e os priscos alimentos. » —

Quando outra aurora os astros afugente,  
co'os brancos seus frisões fugindo a lua,  
fallará certo quem disser que outr'ora,  
em dia igual, no oiteiro de Quirino  
templo á Fortuna Publica sagraram.

Vem o terceiro dia. Era 'eu nos jogos,  
que então costuma haver ; ancião maduro,  
espectador tambem, me estava ao lado  
(como se hontem passára, inda o recorde!).

— « Faz annos — me diz elle — « que na Libia  
« Cesar calcou aos pés as armas perfidas  
« do façanhoso Juba. O grande Cesar !  
« tive-o por general ! Jactar-me posso,  
« que sob o seu commando era eu tribuno ;  
« se cumpri meu dever, deu-me elle exemplo.  
« Ambos nós temos jus de aqui sentar-nos ;  
« como o ganhaste em paz, ganhei-o em guerra ;  
« tu, honrado decemviro ; eu, tribuno. » —

Mais fôra ávante a pratica, se a chuva  
não viera de subito apartar-nos ;  
era a balança astrigera intornando  
as torrentes do ceo.

Antes que aos jogos  
tenha chegado o fim co'o fim do dia,  
já sepulto é no mar o Orion ensifero.

Abril 6—  
Sagração  
do templo  
á Fortuna  
Publica  
no Quiri-  
nal

Abril 8—  
Anniver-  
sario da  
derrota de  
Juba por  
Cesar; jo-  
gos Julia-  
nos ou da  
Fortuna  
Publica

M e s m o  
dia ; chu-  
vas no oc-  
caso de Li-  
bra, e ter-  
mi nação  
dos jogos

Occaso do  
Orion

**Proxima victricem quum Romam inspexerit Eos,**

**Et dederit Phoebo stella fugata locum,**

**Circus erit pompa celebr, numeroque Deorum;**

**Primaque ventosis palma petetur equis.**

**Hi Cereris ludi; non est opus indice causae:**

**Sponte Deae munus; promeritumque patet.**

**Messis erant primis virides mortalibus herbae,**

**Quas tellus nullo sollicitante dabat:**

**Et modo carpebant vivaci cespite gramen;**

**Nunc epulae tenera fronde cacumen erat.**

**Postmodo glans nata est: bene erat jam glande reperta;**

**Duraque magnificas quercus habebat opes.**

**Prima Ceres homini ad meliora alimenta vocato**

**Mutavit glandes utiliore cibo.**

**Illa jugo tauros collum praebere coegit;**

**Tum primum soles eruta vidit humus.**

**Aes erat in pretio; chalybeia massa latebat;**

**Heu! quam perpetuo debuit illa tegi!**

**Pace Ceres laeta est; at vos optate, coloni,**

**Perpetuam pacem, perpetuumque ducem.**

**Farra Deae micaeque licet salientis honorem**

**Detis, et in veteres turea grana focos;**

**Et, si tura aberunt, unctas accendite taedas;**

Dos Idos quando á vespera resurja  
ao rir da aurora triunfante Roma,  
e no estrellado campo o sol domine,  
ver-se-ha patente o circo, apparatuso  
co'a fausta pompa e numero dos deuses.

Eis o equino certame! a prima palma,  
alipedes corseis, a vós compete!  
estes de Ceres os festivos ludos!  
o porquê não carece interpretado:  
¿ seus favores, seus dons quem ha que ignore?

As hervas que por si brotava o solo,  
aos primevos mortacs suppriram messe.  
Relva mimosa em cespide colhida,  
de arvore tenro cume, eram regalos.  
Seguiu-se a glande; acharam-n-a delicia,  
foi thesoiro o carvalho. Emfim á glande  
substitue dadivosa a madre Ceres  
pão mais robusto, mais suaves mesas.  
Ella á taurea cerviz impoz o jugo,  
e abriu ao sol as visceras da terra.

Já então ao metal se dava apreço;  
mas o rigido aceiro, o que devera  
sempre occulto jazer, jazia occulto.  
Céres folga co'a paz. Orae, colonos,  
perpetua duração á paz, e a Cesar.

Da vossa deusa aos mui antigos fogos  
lançae co'o farro o sal e uns grãos d'incenso;  
o incenso, a não n-o haver, podem suppril-o

Abril 12  
— Festas  
cereaes no  
circo ma-  
ximo

Procissão  
das ima-  
gens dos  
deuses

Certames  
equestres

Ceres aca-  
bu com o  
rude sus-  
tento das  
eras pri-  
mitivas

Exhorta  
o poeta  
aos lavra-  
dores para  
que feste-  
jem a Ce-  
res

Parva bonae Cereri, sint modo casta, placent.

A bove, succincti, cultros removete, ministri;

Bos aret; ignavam sacrificate suem.

Apta jugo cervix non est ferienda securi;

Vivat, et in dura saepe laboret humo.

Exigit ipse locus, raptus ut virginis edam.

Plura recognosces: pauca docendus eris.

Terra tribus scopulis vastum procurrit in aequor

Trinacris; a positu nomen adepta loci.

Grata domus Cereri: multas ibi possidet urbes,

In quibus est culto fertilis Henna solo.

Frigida coelestem matres Arethusa vocarat.

Venerat ad sacras et Dea flava dapes.

Filia, consuetis ut erat comitata puellis,

Errabat nudo per sua prata pede.

Valle sub umbrosa locus est, adspergine multa

Uvidus ex alto desilientis aquae.

unctuosos fogareos ; que á boa Ceres,  
sendo as mãos puras, qualquer don lhe basta.

Ministros, que já vejo arregaçados,  
de ferro em punho, ao sacrificio prestes,  
poupae o boi o boi, que lavra os campos !  
prostrae a ociosa bacora : mas colo,  
que aceita a canga que suou no rego,  
que ama o trabalho, que sustenta os povos !.....  
pio não fôra que o truncasse o alfange !

A Ceres  
não se ha  
de immo-  
lar o boi,  
sim a ba-  
cora

Agora, pois que o lanço o vem pedindo,  
da Sícula donzella o memorando  
o indigno rapto a relatar me apresto.  
Por entre coisas mil que sabem todos,  
algo não dito aventarão meus versos.

Rapto de  
Prosérpi-  
na em  
Henna

Com promontorios tres boja ao mar largo  
a que lhes deve o nome : a grã Trinacria ;  
ali folga habitar, e ali tem Ceres  
de cidades sem conto o senhorio,  
como Henna, em pingue solo regalada.

Convidára as celicolas matronas  
a mui fresca Arethusa a bôdo lauto.  
Co'a flava Idêa mãi viera a filha.

Esta, co'as moças, comitiva sua,  
andava pelos prados seus amores  
descalça a retoçar.

Jaz perto um valle,  
fundo, umbroso, orvalhado de cascatas.

Tot fuerant illic, quot habet natura, colores;

Pictaque dissimili flore nitebat humus.

Quam simul adspexit; Comites, accedite, dixit;

Et mecum vestros flore replete sinus.

Praeda puellares animos prolectat inanis,

Et non sentitur sedulitate labor.

Haec implet lento calathos e vimine textos;

Haec gremium, laxos degravat illa sinus.

Illa legit calthas; huic sunt violaria curae;

Illa papavereas subsecat ungue comas.

Has, Hyacinthe, tenes; illas, Amarante, moraris;

Pars thyma, pars casiam, pars meliloton amant.

Plurima lecta rosa est; et sunt sine nomine flores.

Ipsa crocos tenues, liliaque alba legit.

Carpendi studio paulatim longius itur;

Et dominam casu nulla secuta comes.

Hanc videt, et visam patruus velociter aufert;

Regnaque caeruleis in sua portat equis.

Illa quidem clamabat: Io, carissima mater,

Auferor! ipsa suos abscideretque sinus.

Juncam-n-o flores mil ; quantos matizes  
a natureza sabe, ali trêmulam.

Mal deu com tal jardim — « Correi, ó socias,  
« vinde — exclama — incheremos os regaços. » —  
Confluem todas ; trefegas se afanam  
(ditosa idade !) no apanhar boninas ;  
a lida lhes é festa. Uma assobérba  
de ramilhetes o vimínio cesto,  
outra o seio, essa o gremio ; qual dá cresta  
aos violaes, qual aos aureos bem-me-queres,  
qual as hasteas somniferas destouca  
das fogosas papoilas ; vão jacintos  
'nestas mãos, vão 'naquellas amarantos ;  
cá prefere-se o timo, as alfazemas  
se amam além, mais longe as regias c'rôas ;  
as rozas sobre tudo, as pafias rosas,  
vão voando em cardume ; e que de flores  
sem nome conhecido !.... Ella entretanto  
quer subtils assafrões, quer lirios alvos.

Accêsas no fervor da florea caça,  
para aqui, para ali, se vão, se alongam ;  
e eis sósinha Prosérpina. Seu tio,  
que tão a ponto a vê, a toma, a furta,  
lança-a no coche, e a rapido galope  
dos frisões negros, lá se vão rodando,  
via do Averno.

— « Ai mãi ! — clamava a triste —  
« roubada vou ! defende-me ! soccorro ! » —  
e entre o inutil clamor co'as mãos de neve  
seus vestidos frenetica rasgava.



Panditur interea Diti via; jamque diurnum

Lumen inadsueti vix patiuntur equi.

At chorus aequalis, cumulatis flore canistris.

Persephone, clamant, ad tua dona veni.

Ut clamata silet, montes ulatibus implent;

Et feriunt moesta pectora nuda manu.

Adtonita est plangore Ceres; modo venerat Hennam;

Nec mora: Me miseram! filia, dixit, ubi es?

Mentis inops rapitur; quales audire solemus

Threicias passis Maenadas ire comis.

Ut vitulo mugit sua mater ab ubere rapto,

Et quaerit foetus per nemus omne suos;

Sic Dea; nec retinet gemitus; et concita cursu

Fertur; et e campis incipit, Henna, tuis.

Inde puellaris nacta est vestigia plantae,

Et pressam noto pondere vidit humum.

Forsitan illa dies errori summa fuisset,

Si non turbassent signa reperta sues.

No entanto o boqueirão que leva ao Orco,  
se escancarou em frente! os igneos brutos  
que o diurno clarão deslumbra, vexa,  
dentro se precipitam. Disparecem.

Terminada a colheita, os açafates  
cugulados de flôr, o côro ingenuo  
entra a bradar: — « Prosérpina! Prosérpina!  
« vem! onde és tu? vem ver nossos regalos! » —  
Logo que a tão chamada não responde,  
rompem alto alarido, estrugem echos,  
alvorotam a serra, e delirantes  
ferem os peitos nús com as mãos convulsas.

Ceres, que 'nesse lance intrara em Henna,  
escutando o motim — « Ai triste! ó filha!  
« filha! ó ceos! onde estás?! » — pasmada exclama.  
Gira sem tino; vai quaes se nos pintam  
de côma solta as Ménades da Tracia.  
Como a novilha mãi, se o bezerrinho  
lhe arrancaram da têta anda aos mugidos  
de canto em canto a procurar no soito,  
assim a deusa em ais se desintranha;  
corre á toa.

Perigri-  
nação de Ce-  
res por ter-  
ra, mar, e  
ceos, á  
procura  
de Prosér-  
pina

Mal sai das orlas de Henna,  
da tão querida planta acha os vestigios!  
na pisada campina estão recentes!  
segue-os; vai ser feliz. Mas... oh! desdita!  
suinas trombas revolvendo o solo  
as pégadas que segue aniquilaram!

Jamque Leontinos, Amenanaque flumina cursu

Praeterit, et ripas, herbifer Aci, tuas;

Praeterit et Cyanen, et fontem lenis Anapi,

Et te, vorticibus non adeunde Gela.

Liquerat Ortygien, Megareaque, Pantagienque,

Quaque Symetheas accipit,aequor aquas,

Antraque Cyclopum positis exusta caminis,

Quique locus curvae nomina falcis habet;

Himeram et Didymen, Acragantaque, Tauromenonque;

Sacrorumque Melan pascua laeta boum.

Hinc Camerinan adit, Thapsonque et Heloria Tempe,

Quaque patet zephyro semper apertus Eryx.

Jamque Peloriaden, Lilybaeaque, jamque Pachynon

Lustrarat, terrae cornua prima suae.

Quacumque ingreditur, miseris loca cuncta querelis

Implet; ut amissum quum gemit ales Ityn;

Perque vices, modo, Persephone; modo, Filia, clamat;

Clamat, et alternis nomen utrumque ciet.

Sed neque Persephone Cererem, neque filia matrem,

Audit, et alternis nomen utrumque perit.

Unaque, pastorem vidisset, an arva colentem,

Vox erat: Hac gressus si qua puella tulit?

Jam color unus inest rebus; tenebrisque teguntur

Omnia: jam vigiles conticuere canes.

Tem que perigrinar ! Já Leontinos,  
já ribas do Amenano, e as que tu vestes  
de alma verdura, ó Ace, agil a viram  
transpôr dominios seus ; áquem já deixa  
Ciane, a fonte do sereno Anápo,  
e o remoinhoso o inhospedeiro Gela ;  
pretere Ortigie, Mégare, Pantagie,  
a barra do Siméto, as requeimadas  
penedias dos Ciclopes ferreiros,  
o sitio, a que deu nome a curva foice ;  
Himéra, Didime, Acraganta ; passa  
o Taumene, o Mela, d'onde ás áras  
refeitas rezes vêm ; d'ahi, demanda  
e Camerina, e Thapso, e Helorios valles,  
e Erix mansão do zefiro querida ;  
Lustrou Pelóro, Lilibeu, Pachino,  
da ilha sua as tres famosas pontas.  
Por onde quer que passa, ares e povos  
vai com flebil querela alvorotando,  
qual ave que pranteia a morte de Itis.  
Umaz vezes — « Prosérpina ! Prosérpina ! » —  
vozeia ; outras exclama : — « ó filha ! ó filha ! » —  
Pára . . . escuta . . . e ninguem, ninguem responde !  
Prosérpina infeliz não ouve a Céres ;  
a desditosa filha á mãi não ouve !  
no éco ao longe o clamar se esvai perdido !  
Se avista um lavrador, um pegureiro,  
logo a pergunta lhe revôa d'alma :  
— « Não passou 'neste sitio uma donzella ? » —

Mas do mundo o matiz sumiu-se em trevas.  
Nem já latir de cães rompe o silencio

Alta jacet vasti super ora Typhoeos Aetne,

Cujus anhelatis ignibus ardet humus.

Illic accendit geminas pro lampade pinus ;

Hinc Cereris sacris nunc quoque taeda datur.

Est specus exesi structura pumicis asper ;

Non homini regio, non adeunda ferae ;

Quo simul ac venit, frenatos curribus angues

Jungit; et aequoreas sicca pererrat aquas.

Effugit et Syrtes, et te, Zanclaea Charybdi ;

Et vos, Nisaei, naufraga monstra, canes ;

Adriacumque patens late, bimaremque Corinthon.

Sic venit ad portus, Attica terra, tuos.

Hic primum sedit gelido moestissima saxo :

Illud Cecropidae nunc quoque triste vocant.

Sub Jove duravit multis immota diebus,

Et lunae patiens, et pluvialis aquae.

Fors sua cuique loco est: quo nunc Cerealis Eleusin,

sobre a cabeça de Tifeu sepulto,  
d'esse que lá em baixo abraza a terra  
co'o igneo resfolgar. A aquellas chammas  
dois pinheiros por lampadas accende.

Por isso, é que inda agora accendem tédas  
nos ritos cereaes.

Abrira o tempo  
em congerie de pomes escabrosas,  
caverna a humanos pés inaccessible,  
té ás feras defesa ; ali chegada,  
seus bridados dragões ao coche adjunge ;  
arremessa-se ao mar ; intacta o corre ;  
vara por longe as Sirtes ; salva as fauces  
da Zancleia Caribidis, e a fronteira  
canina Silla, espumea, naufragosa.  
Transpõe largo Adriatico ; não pára  
em Corinto, a bimar, até que poja  
na tua costa, o Attica ; ali poisa  
pela primeira vez em fria penha ;  
tão triste, que inda agora a aquelle poiso  
a *pedra da tristeza* por memoria  
soe o povo chamar.

Dias e dias  
curtiu no mesmo pasmo as intemperies,  
os lentores da lua, o vento, as chuvas.

Tem cada palmo do orbe os seus destinos :  
onde hoje Eleusis, festival de Ceres  
cidade, avulta, 'nessas eras, contam

Herdade  
do velho  
Celeu on-  
de depois  
se veio a  
edificar a  
cidade de  
Eleusis

Dicitur hoc Celei rura fuisse senis.

Ille domum glandes, excussaue mora rubetis

Portat, et arsuris arida ligna focis.

Filia parva duas redigebat rupe capellas;

Et tener in cunis filius aeger erat.

Mater, ait virgo (mota est Dea nomine matris),

Quid facis in solis incommitata jugis?

Restitit et senior, quamvis onus urget, et orat,

Tecta suae subeat quantulacumque casae.

Illa negat; simularat anum, mitraque capillos

Presserat; instanti talia dicta refert:

Sospes eas, semperque parens; mihi filia rapta est.

Heu! melior quanto sors tua sorte mea!

Dixit; et, ut lacrymae (neque enim lacrymare Deorum est),

Decidit in tepidos lucida gutta sinus;

Flent pariter, molles animi, virgoque, senexque.

que eram campos de um rustico, por nome  
Celeu, homem já velho.

'Nesse lance  
adergava Celeu ir-se á poisada,  
levar glandes, amoras de silvado,  
e um feixe de paos seccos para o lume.  
Mocinha filha sua (eram já horas)  
vinha tocando do visinho oiteiro  
para o redil o fato : duas cabras ;  
e havia mais em casa um filho infermo.

Ceres hos-  
pedada  
por Celeu

— « Mãi ! — diz a pastorinha — (a aquelle nome  
estremeceu a deusa) — « aqui sósinha,  
« minha mãi 'neste monte descampado ! » —

O bom velho, se bem o avergue a carga,  
pára tambem, e a roga que a choupana  
honrar lhe queira, dado que mesquinha.

A presupposta velha (pois em velha  
se desfarçara a deusa, recolhidas  
na touca as tranças de oiro) não aceita ;  
como Celeu aperta, assim lhe torna :  
— « Alegria e fortuna te acompanhem ;  
« que nunca percas filho ; uma que eu tive  
« filha do coração foi-me roubada !  
« ai ! quem te houvera a sorte !! » — Assim dizendo,  
logo uma como lagrima (que em deuses  
não cabem d'outras) lhe estilou dos olhos ;  
rodou lucida, e foi no seio em fragoa  
sumir-se. Os dois ouvintes compassivos,  
a donzellinha e o velho, tambem choram.



**E quibus haec justī verba fuere senis :**

**Sic tibi, quam raptam quereris, sit filia sospes ;**

**Surge ; nec exiguae despice tecta casae.**

**Cui Dea : Duc, inquit ; scisti, qua cogere posses ;**

**Seque levat saxo, subsequiturque senem.**

**Dux comiti narrat, quam sit sibi filius aeger ;**

**Nec capiat somnos, invigiletque malis.**

**Illa soporiferum, parvos initura penates,**

**Colligit agresti lene papaver humo.**

**Dum legit, oblito fertur gustasse palato,**

**Longamque imprudens exsoluisse famem.**

**Quae quia principio posuit jejunia noctis,**

**Tempus habent mystae sidera visa cibi.**

**Limen ut intravit, lactus videt omnia plena ;**

**Jam spes in puero nulla salutis erat.**

**Matre salutata (mater Metanira vocatur)**

**Jungere dignata est os puerile suo.**

— « Permitta o ceo — responde o ancião benigno —  
« se te depare breve a que procuras  
« sã e salva ; entretanto o que te peço  
« é que te ergas da pedra, e não me ingeites  
« o recobro da nossa choupaninha. » —

— « Pois vamos, vamos — lhe responde Ceres —  
« que o teu fallar tocou-me os seios da alma. » —  
Da pedra se alevanta, e segue ao velho.

Este guiando a hospeda, lhe conta  
quanto o filho está mal ; que leva as noites  
sem pregar olho, e sempre atribulado.

Antes que entre aos humilimos penates,  
a divina viandante vai colhendo,  
aqui e ali, pelos agrestes comoros  
purpureas soporíferas papoilas.  
Diz que por distracção provára d'ellas,  
e para logo a fome que trazia  
de tão longo jejum se esvaecera.

Por haver sido aquillo á prima noite,  
é que os Mistes só tomam alimento  
quando ja vêm os ceos estrellejando.

Mal transpoz a soleira, o que divisa  
é só consternação ; nada se espera  
já da triste creança. Dado o *salve*  
do estilo a Metanira, á mãe do inferno,  
dignou-se a mãe sem prole unir os labios  
aos labios do menino. Para logo

O menino  
Triptóle-  
mo filho  
de Celeu  
curado  
por Ceres

**Pallor abit, subitaque vigent in corpore vires :**

**Tantus coelesti venit ab ore vigor !**

**Tota domus laeta est : hoc est, materque, paterque,**

**Nataque; tres illi tota fuere domus.**

**Mox epulas ponunt : liquefacta coagula lacte,**

**Pomaque, et in teneris aurea mella favis.**

**Abstinet alma Ceres ; somnique papavera causas**

**Dat tibi cum tepido lacte hibenda, puer.**

**Noctis erat medium, placidique silentia somni ;**

**Triptoleum gremio sustulit illa suo ;**

**Terque manu permulsit eum ; tria carmina dixit ;**

**Carmina mortali non referenda sono ;**

**Inque foco pueri corpus vivente favilla**

**Obruit, humanum purget ut ignis onus.**

**Excutitur somno stulte pia mater : et amens :**

**Quid facis? exclamat ; membraque ab igne rapit.**

**Cui Dea : Dum non es, dixit, scelerata fuisti :**

**Irrita materno sunt mea dona metu.**

**Iste quidem mortalis erit ; sed primus arabit,**

foge o pallor, as forças reverdecem ;  
tal condão tinha o halito divino !

Exulta a casa toda ; a casa toda  
é o pai, a mãe, e a filha ; arranjam brodio :  
vem coalhada, vem fruta, vem cheiroso  
mel doirado nos frageis crespos favos.  
De nada prova a hospeda celeste ;  
mas infunde as somniferas papoilas  
em leite morno, e o dá ao pequenino.

Em meio corre a noite ; impera o somno ;  
o silencio é geral. Ergue o innocente,  
que no regaço placido lhe dorme ;  
o innocente é Triptólemo. Tres vezes  
co'as mãos o nu corpinho lhe annedia ;  
recita versos tres, sagrados versos  
que repetir não deve humana lingua. .  
Estende-o na lareira, e cobre-o de ascuas,  
por que a porção mortal lh'a trague o fogo.

Como Triptólemo  
esteve para  
sair immortal  
e veio a ser  
o propagador  
dos dons cereaes

Aqui desperta a mãe sobresaltada ;  
(ai ! cegueira do amor !) — « Que fazes ? » — grita  
e arrebatada do lume o seu thesoiro.

— « Piedosa na intenção, no effeito és impia —  
exclama a potestade — « o intempestivo  
« do maternal pavor meus dons annulla :  
« queria eternisal-o, e fica humano ;  
« por mercê todavia inda lhe outorgo  
« que elle d'entre os mortaes seja o primeiro  
« que lavre, que semeie, e que recolha,

Et seret, et culta praemia tollet humo.

Dixit; et egrediens nubem trahit, inque dracones

Transit, et aligero tollitur axe Ceres.

Sunion expositum, Piraeaque tuta recessu

Linqvit, et in dextrum quae jacet ora latus.

Hinc init Aegaeum, quo Cycladas adspicit omnes;

Ioniumque rapax, Icariumque legit;

Perque urbes Asiae longum petit Hellespontum;

Diversumque locis alta pererrat iter:

Nam modo turilegos Arabas, modo despicit Indos;

Hinc Libys, hinc Meroe, siccaque terra subest.

Nunc adit Hesperios, Rhenum, Rhodanumque, Padumque,

Teque, future parens, Tibri, potentis aquae.

Quo feror? immensum est erratas dicere terras;

Praeteritus Cereri nullus in orbe locus.

Errat et in coelo; liquidique immunia ponti

Alloquitur gelido proxima signa polo.

« premio da lida, aurigeras searas. » —  
Cala, sai.

Ao sair, some-se em nuvens,  
remonta ao coche dos dragões volantes.

Continua  
a perigri-  
nação de  
Ceres

Deixa Sunio bojante promontorio,  
o abrigado Pireu, e as costas baixas  
que se alongam á dextra. Egéas vagas,  
já vos vai sobre, dominando todas,  
esparso grupo em vosso gremio, as Cycladas.  
Transcorre o Jonio pego impetuoso,  
e o mar de Icaro ; asiáticas cidades  
vai salvando em demanda do Hellesponto.  
Pelas regiões dos ares infinitos  
altivola discorre a um lado a outro.

Agora sotopõe terras de arabios  
turíferas, agora indiano solo,  
já Libia, Méroe já, já plainos ermos  
do estuoso deserto ; á propria Hesperia  
traz os bordos ; o Rheno a avista, o Rhodano,  
Pado, e tu mesmo, ó Tibre !, ó padre !, ó grande !,  
ó destinado a universal dominio ! !

Que faço ? innumerar quanto ha corrido  
fôra canto sem fim ; logar não houve  
que ella não explorasse em todo esse orbe.

Nem vós, mansões ethereas, lhe escapastes :  
perigrinou por vós ; subiu té onde  
brilham no polo, regelado, extremo,  
astros immunes do voraz Oceano.

Parrhasides stellae (namque omnia nosse potestis,

Aequoreas nunquam quum subeatis aquas),

Persephonen miserae natam monstrate parenti.

Dixerat; huic Helice talia verba refert:

Crimine nox vacua est; solem de virgine raptam

· Consule, qui late facta diurna videt.

Sol aditus: Quam quaeris, ait, ne vana labores,

Nupta Jovis fratri tertia regna tenet.

Questa diu secum, sic est affata Tonantem

(Maximaeque in vultu signa dolentis erant):

Si memor es, de quo mihi sit Proserpina nata,

Dimidium curae debet habere meae.

Orbe pererrato, sola est injuria facti

Cognita: commissi praemia raptor habet.

At neque Persephone digna est praedona marito,

Nec gener hoc nobis more parandus erat.

Quid gravius, victore Gyge, captiva tulissem,

— « Astros, filhos da Arcadia e gloria d'ella,  
« vós que tudo observais da immensa altura,  
« pois nunca ao mar desceis, mostrae, vos rogo,  
« á pobre mãi afflicta onde é Prosérpina ! !. » —

Helice lhe responde : — « A noite, ó Ceres,  
« não foi complice em tal ; o Sol, que observa  
« quanto se faz de dia, é quem da virgem  
« roubada ao teu amor talvez dê novas. » —

D'ali vai ter co'o Sol. — « A que procuras —  
lhe diz o Sol — « escusas de cançar-te ;  
« casada está co'o grande potentado  
« irmão de Jove, no terceiro imperio. » —

Depois que espaço longo a sós comsigo  
Ceres se amesquinhou, gemeu, carpiu-se,  
sobe alfim ao Tonante ; a magoa interna  
leva-a no rosto escripta

— « Se te lembra  
« quem foi o pai da filha que deploro,  
« da minha dor — lhe diz — « metade é tua.  
« Perigrinei o globo, e obtive apenas  
« saber a minha injuria, em quanto immune  
« de seu crime o raptor em paz se logra.  
« Prosérpina a la fé que merecia  
« melhor que um salteador para consorte !  
« E nós quando aceitassemos um genro,  
« não era, não, d'est'arte ! ah ! se os gigantes  
« houveram triunfado, e fôra Giges  
« o despota dos ceos, que mór affronta



Quam nunc, te coeli sceptrā tenente, tuli?

Verum impune ferat; nos haec patiamur inultae;

Reddat; et emendet facta priora novis.

Jupiter hanc lenit, factumque excusat amore:

Nec gener est nobis ille pudendus, ait;

Non ego nobilior: posita est mihi regia coelo,

Possidet alter aquas, alter inane chaos.

Sed, si forte tibi non est mutabile pectus,

Statque semel juncti rumpere vincla tori,

Hoc quoque tentemus, siquidem jejuna remansit;

Sin minus, inferni conjugis uxor erit.

Tartara jussus adit sumtis Caducifer alis;

Speque redit citius, visaque certa refert:

Rapta tribus, dixit, solvit jejunia granis,

Punica quae lento cortice poma tegunt.

Haud secus indoluit, quam si modo rapta fuisset,

« me poderam fazer no captivoiro,  
« que esta que amargo em teu reinado, ó Jove!!? »

« Embora ! eu fique inulta, elle impunido,  
« mas reponha-me a filha ! o mal que ha feito  
« que o repare sequer ! » —

Jove a conforta ;  
para a resserenar imputa o feito  
á violencia do amor. — « Plutão — diz elle —  
« genro não é que a gloria nos deslustre :  
« mais nobre nem o eu sou ; dos tres Saturnios  
« tive eu em dote os ceos ; Neptuno as ondas ;  
« elle o cahos, o Averno, os vacuos reinos.  
« Se persistes porem, se á força queres  
« desatar as prisões d'este consorcio,  
« tente-se muito embora, se entretanto  
« não tomou lá o minimo alimento ;  
« aliás, tem por fado irremissivel  
« do principe avernal ficar-se esposa. » —

Avia-se Mercurio, as azas cinge,  
baixa ao Tartaro, e volve inesperado ;  
'Num relance viu tudo, e o narra a ponto :

— « Com tres unicos bagos purpurinos —  
diz elle — « dos que incerra em loira casca  
« o pomo de Carthago, com tres unicos.  
« se desjeuou no Averno a vossa filha. » —

Qual não ficou a mãe com tal resposta ?!  
tanta foi 'nella a dor, como se o roubo  
se houvera 'nesse instante effectuado.

Moesta parens; longa vixque relecta mora est.

Atque ita: Nec nobis coelum est habitabile, dixit;

Taenaria recipi me quoque valle jube.

Et factura fuit, pactus nisi Jupiter esset,

Bis tribus ut coelo mensibus illa foret.

Tum demum vultusque Ceres, animumque recepit;

Imposuitque suae spicea sarta comae.

Largaque provenit cessatis messis in arvis;

Et vix congestas area cepit opes.

Alba decent Cererem; vestes Cerealibus albas

Sumite; nunc pulli velleris usus abest.

Occupat Apriles idus cognomine Victor

Jupiter: hac illi sunt data templa die.

Hac quoque, ni fallor, populo dignissima nostro

Atria Libertas coepit habere sua.

Luce secutura tutos pete, navita, portus:

Apoz não curto prazo em si volvendo,  
— « Já que em ceos habitar não posso — exclama —  
« que me acolham tambem nos valles do Orco  
« presto ordena ó senhor ! » —

Tel-o-hia feito,  
como o chorava em seu delirio Ceres,  
se o Padre a bom concerto a não quietára,  
jurando que Prosérpina cada anno  
mezes seis gosaria ethereas auras,  
da cara mãi na alegre companhia.

Prosérpi-  
na passa  
metade do  
anno no  
inferno,  
metade na  
terra

Com isto, de suas nuvens se despiram  
o aspecto, o peito, o animo, da deusa,  
e na fronte gentil, nas tranças nuas,  
tornaram a brilhar as tremulantes  
de espigas de oiro esplendidas grinaldas ;  
recobriram-se os chãos de messes pingues ;  
e trasbordou das eiras a abundancia.

Ceres ama o candor ; candidas roupas  
nas festas cereaes convem se vistam ;  
trajes de escuras lãs são lá defezos.

Nas ce-  
reaes ves-  
timentas  
brancas

Jupiter *Vencedor* cognominado  
tem os Idos de Abril, porque em tal dia  
sob esta invocação lhe hão dado templo.  
No mesmo dia, se a memoria acerta,  
pricipiou tambem de ter seu atrio,  
nume a Roma condigno, a Liberdade.

Abril 13  
— Jupiter  
Vencedor

Templo  
da Liber-  
dade

No dia que apoz vem buscae refugio

Abril 14  
—Tempo-

Ventus ab occasu grandine mixtus erit.

Sit licet, et fuerit; tamen hac Mutinensia Caesar

Grandine militia contudit arma sua.

Tertia post Veneris quum lux surrexerit idus,

Pontifices, forda sacra litate bove.

Forda ferens bos est; fecundaque dicta ferendo:

Hinc etiam fetus nomen habere putant.

Nunc gravidum pecus est; gravidae nunc semine terrae

Telluri plenae victima plena datur.

Pars cadit arce Jovis; ter denas Curia vaccas

Accipit, et largo sparsa cruore madet.

Ast, ubi visceribus vitulos rapuere ministri,

Sectaque fumosis exta dedere focis;

Igne cremat vitulos, quae natu maxima, Virgo;

Luce Palis populos purget ut ille cinis.

Rege Numa, fructu non respondente labori,

em cauto abrigo, ó nautas, que lá trazem  
ventos do occaso asperrimo granizo.

raes com  
pedrisco

Embora seja assim, e embora o fosse ;  
foi 'neste mesmo dia, e sob o pezo  
da saraivada inhospita, que Cesar  
vos esmagou, falanges Mutinenses.

Victória  
de Mutina

Chegada a luz terceira alem dos Idos,  
litae co'a forda vacca os sacrificios,  
ó pontifices ! *Vacca forda* chamam  
á que é fecunda, á prenhe. A voz latina  
com que se diz *trazer* produziu esta ;  
como de *feto* a origem lhe attribuem.

Abril 15  
— Sacrifi-  
cio da VAC-  
CA FORDA  
a Jupiter  
Capitolino e em  
cada uma  
das trinta  
curias

Agora que anda gravido o rebanho,  
e os semeados campos estão gravidos,  
prenhe rez é devida á terra prenhe.  
Cai parte d'essas victimas lá onde  
Capitolino Jupiter pompeia,  
e as trinta curias vaccas trinta immolam.

Mas logo que os ministros arrancaram  
das maternas intranhas os vitellos,  
dando as cortadas visceras ao fogo,  
a Vestal que na idade excede ás outras  
esses mesmos vitellos torna em cinzas ;  
cinzas que em dia da campestre Pales  
hão-de servir para expurgar-se o povo.

Incinera-  
ção dos fe-  
tos das  
vaccas pe-  
la deã das  
Vestaes ;  
para que  
fim

Houve, reinando Numa, um tempo infausto,  
em que suou sem fruto a agraria lida,

Esterili-  
dade da  
terra e ga-

Irrita decepti vota colentis erant,  
Nam modo siccus erat gelidis aquilonibus annus;  
Nunc ager assidua luxuriabat aqua.  
Saepe Ceres primis dominum fallebat in herbis,  
Et levis obsesso stabat avena solo;  
Et pecus ante diem partus edebat acerbos;  
Agnaque nascendo saepe necabat ovem.  
  
Silva vetus, nullaque diu violata securi,  
Stabat, Maenalio sacra relictæ Deo.  
Ille dabat tacitis animo responsa quieto  
Noctibus. Hic geminas rex Numa mactat oves  
  
Prima cadit Fauno; leni cadit altera Somno;  
Sternitur in duro vellus utrumque solo.  
Bis caput intonsum fontana spargitur unda;  
Bis sua faginea tempora fronde premit.  
Usus abest Veneris; nec fas animalia mensis  
Ponere; nec digitis annulus ullus inest.  
  
Veste rudi tectus supra nova vellera corpus  
Ponit, adorato per sua verba Deo.

e aos votos do colono o ceo foi surdo.  
Ora o frio aquilão seccava o anno,  
ora chuva sem fim cobria as terras.  
Ceres a rir no verdejar dos trigos  
desmentia-se logo, e o seareiro  
só tinha apoz um matagal de colmos.  
Feto immaturo os gados abortavam;  
e ás vezes o nascer da cordeirinha  
era da ovelha a morte.

dos sob El  
Rei Numa

Um bosque antigo  
havia então, densissimo, defezo  
de largo tempo a injurias de machado.  
Não lhe ousava ninguem, por ser um luco  
sacro ao Menalio deus. Elle, o bom Fauno,  
ali pela calada da alta noite  
dar em sonhos soía aos seus devotos  
repostas que o futuro lhes raiavam.

Consulta  
de Numa  
a Fauno  
no seu  
bosque.  
Resposta  
do deus

'Nesta mata El-Rei Numa sacrifica  
duas ovelhas : a primeira, a Fauno ;  
a outra, ao brando somno ; ambos os velos  
na dura terra estende ; vezes duas  
banha em agua de fonte a grenha intonsa ;  
duas a cinge de frondosa faia.  
Tem-se esquivado aos mimos teus, ó Venus ;  
de carnes de animaes privou seus labios ;  
não traz nas mãos anel ; vestiu-se á rustica.

Incommenda-se ao deus co'as preces proprias,  
e sobre as frescas pelles estiradas  
estira-se.



**Interea placidam redimita papavere frontera**

**Nox venit, et secum somnia nigra trahit.**

**Faunus adest; oviumque premens pede vellera duro,**

**Edidit a dextro talia dicta tōro:**

**Morte boum tibi, rex, Tellus placanda duarum :**

**Det sacris animas una necata duas.**

**Excutitur terrore quies; Numa visa revolvit;**

**Et secum ambages caecaque jussa refert.**

**Expedit errantem nemori gratissima conjux ;**

**Et dixit: Gravidae posceris exta bovis.**

**Extā bovis dantur gravidae; felicior annus**

**Provenit; et fructum terra pecnsque ferunt.**

**Hanc quondam Cytherea diem properantius ire**

**Jussit, et aetherios praecipitavit equos;**

**Ut titulum imperii quam primum luce sequenti**

**Augusto juveni prospera bella darent.**

Entretanto, coroada  
de dormideiras a serena fronte,  
baixa a noite e com ella os turvos sonhos.

Eis Fauno que apparece ; o pé caprino  
á direita do principe que dorme  
da rude cama a lã lhe está pisando ;  
elle mesmo este oraculo lhe expira :

— « Rei ! se intentas placar a madre Tellus,  
« por tal arte lhe ingenha o sacrificio,  
« que immolando uma vacca immoles duas. » —

Co'o terror do sonhado esperta Numa,  
volve 'nalma a visão ; de balde explora  
no inleado oraculo saída.

Como divaga pela selva absorto,  
a cara esposa Egeria eis lhe apparece,  
e a vã perplexidade assim lhe atalha :

— « De vacca prenhe intranhas se te exigem. » —

Já intranhas se dão de prenhe vacca ;  
volve prospero o anno á terra, aos gados ;  
nascem, medram, abundam, crias, frutos.

Fez Cithereia outr'ora que este dia  
passasse mais veloz ; **acelerou-vos,**  
aureos corceis do sol, contra o poente,  
porque a seguinte luz ao moço Augusto  
prestes viesse co'a feliz victoria  
de Imperador o titulo ofertar-lhe.

Explica  
Egeria a  
Numa o  
oraculo de  
Fauno ;  
co'o sacri-  
ficio da  
vacca for-  
da volta a  
fertilidade

É este dia  
15 d'Abril  
vesperada  
outorgado  
titulo de  
Impera-  
dor a Ce-  
sar e seus  
descen-  
dentes

**Sed jam praeteritas quartus tibi Lucifer idus**

**Respicit.**

**Hac Hyades Dorida nocte petunt.**

**Tertia post Hyadas quum lux erit orta remotas,**

**Carcere partitos circus habebit equos.**

**Cur igitur missae vinctis ardentia taedis**

**Terga ferant vulpes, causa docenda mihi.**

**Frigida Carseolis, nec olivis apta ferendis,**

**Terra, sed ad segetes ingeniosus ager.**

**Hac ego Pelignos, natalia rura, petebam,**

**Parva, sed assiduis humida semper aquis.**

**Hospitis antiqui solitas intravimus aedes;**

**Demserat emeritis jam juga Phoebus equis.**

**Is mihi multa quidem, sed et haec, narrare solebat,**

**Unde meum praesens instrueretur opus.**

Quatro vezes a estrella matutina  
deixou traz si os Idos.

Abril—17  
Occaso das  
Hiades

'Nesta noite  
lá vos ides sumir, Hiades tristes,  
no espumeo seio da marinha Doris.

Ás Hiades seguida a terça aurora  
trará no Circo Maximo as corridas  
dos, livres das prisões, corceis briosos.

Abril—19  
Carreiras  
de caval-  
los no Cir-  
co Maxi-  
mo

Cabe-me ora explicar porque ali mesmo  
vão as soltas raposas, cegas, doidas,  
correndo, remoinhando espavoridas,  
co'os fachos presos nos fumantes dorsos.

Queima  
das rapo-  
sas no  
mesmo  
Circo

É Carseole um frigido terreno,  
a oliveiras inhospito, mas de alma  
para crear os pães. Como eu me fosse  
uma vez de jornada aos meus Pelignos,  
terra minha natal ; (pequena terra !,  
mas tão formosa !, tão amena de aguas ! !)  
dirigi por Carseole o caminho.

Raão d'  
esta quei-  
ma. Caso  
succedido  
em Car-  
seole

Ali intrei, que o tinha por costume,  
em casa de um meu hospede já de annos.  
Era a hora em que Phebo, tambem lasso  
de tanto viajar, disjunge os potros.  
Mil coisas me contava aquelle amigo ;  
memorias de outro tempo, e sobre tudo  
o que vinha a proposito dos *Fastos*,  
que eu então planejava, e que hoje escrevo.

Hoc, ait, in campo (campumque ostendit), habebat

Rus breve cum duro parca colona viro.

Ille suam peragebat humum: sive usus aratri,

Sive cavae falcis, sive bidentis erat.

Haec modo verrebat stantem tibicine villam;

Nunc matris plumis ova fovenda dabat:

Aut virides malvas, aut fungos colligit albos;

Aut humilem grato calfacit igne focum.

Et tamen assiduis exercet brachia telis;

Adversumque minas frigoris arma parat.

Filius hujus erat primo lascivus in aevo;

Addideratque annos ad duo lustra duos.

Is capit extremi vulpem sub valle salicti;

Abstulerat multas illa cohortis aves:

Captivam stipula foenoque involvit, et ignes

Admovet. Urentes effugit illa manus.

Qua fugit, incendit vestitos messibus agros.

Damnosis vires ignibus aura dabat.

Disse-me pois : — « Alem 'naquelle campo —  
(e o campo me apontou) — « vivia outr'ora,  
« 'numa herdade pequena, uma aldeana,  
« mulher muito poupada ; e seu marido,  
« homem dado ao trabalho. Elle sósinho  
« lá amanhava tudo ; era preciso  
« lavrar ? lá ia arado ; vinha a ceifa ?  
« prompto co'a foice ; a poda ?, a cava ?, a roça ?  
« prestes podoas, inchadões, ensinbos.

« A femia então, só vista ! ella, varrendo  
« o espécado cazebre ; ella, ageitando  
« no cesto á mãi plumosa a deitadura ;  
« ora, a apanhar os alvos cogumellos,  
« e as verdes malvas ; ora na lareira  
« soprando acocorada o lume alegre.  
« E inda lhe ficam horas para as teias,  
« com que a tempo mui trefega se escuda  
« contra os rigores do gelado inverno.

« Tinha um filho, travesso como todos  
« 'naquella tenra idade, porque apenas  
« sobre dois lustros annos dois contava.  
« Este um dia, á saída da valleira  
« do salgueiral, pilhou uma raposa  
« de que já na capoeira havia culpas ;  
« infeixa a ré captiva em feno e palha,  
« e põe-lhe fogo. A pobre da raposa  
« se fugiria d'entre as mãos danadas !  
« Vêl-a lá vai qual fogareo volante  
« por entre um mar de messes já maduras !  
« lavra geral o incendio ; o vento o dobra.

Factum abiit; monumenta manent: uam vivere captam

Nunc quoque lex vulpem Carseolana vetat.

Utque luat poenas gens haec, Cerealibus ardet;

Quoque modo segetes perdidit, ipsa perit.

Postera quum veniet terras visura patentes

Memnonis in roseis lutea mater equis,

E duce lanigeri pecoris, qui prodidit Hellen,

Sol abit; egresso victima major adest.

Vacca sit, an taurus, non est cognoscere promptum:

Pars prior apparet; posteriora latent.

Seu tamen est taurus, sive est hoc femina signum,

Junone invita munus amoris habet.

Nox abiit, oriturque Aurora. Palilia poscor.

Non poscor frustra, si favet alma Pales;

Alma Pales, faveas pastoria sacra canenti,

Prosequor officio si tua festa pio.

Certe ego de vitulo cinerem, stipulasque fabales,

Saepe tuli plena, februa casta, manu.

Certe ego transilui positas ter in ordine flammis;

Virgaque roratas laurea misit aquas.

« Do caso que passou duram vestigios :  
« no codigo da terra é texto expresso :  
« *raposa que se apanhe ha de ser morta.*  
« Nas cereaes inda hoje por castigo  
« queimam d'essa relé ; talião mui propria :  
« fogo lançavam, lança-se-lhes fogo. » —

Quando ao postero dia a mãe de Memnon  
no auri-roseo coche aos ceos galgando  
diffundir pela terra a claridade,  
sai o sol do Carneiro, a que tu Helles,  
te fiaras vamente, e se traslada  
a mais amplo animal. Se vacca ou toiro,  
não é facil dizer-se ; pois nos mostra  
constante a frente, e nos resguarda o resto.

Abril—20  
Passa o sol  
do Carnei-  
ro ao Tau-  
ro

Mas, quer toiro quer vacca, é sempre um signo,  
que a despeito de Juno está provando  
quão liberal é Jove em tendo amores.

Foi-se à noite ; alvorece ; oiço as Palilias  
a chamarem por mim ; cedo ao reclamo ;  
cantal-as-hei, se Pales me é propicia.

Abril—21  
Palilias

Alma Pales ! permite-me celebre  
as festas pastoris, pois não ignoras  
quão fiel a teu culto hei sido sempre.  
Quanta vez te não dei com mãos profuzas  
as cinzas do vitello, os pés das favas,  
as februas que os humanos purificam !  
Saltei-te em correnteza as tres fogueiras,  
e agua aspergi lustral co'os laureos ramos.

Invoca o  
Poeta a  
Pales



**Mota Dea est; operique favet. Navalibus exi,**

**Puppis; habent ventos jam tua vela suos.**

**I, pete virginea, populus, suffimen ab ara;**

**Vesta dabit. Vestae munere purus eris.**

**Sanguis equi suffimen erit, vitulique favilla;**

**Tertia res durae culmen inane fabae.**

**Pastor, oves saturas ad prima crepuscula lustra;**

**Unda prius spargat, virgaque verrat humum.**

**Frondebis et fixis decorentur ovilia ramis;**

**Et tegat ornatas longa corona fores.**

**Caerulei fiant vivo de sulphure fumi,**

**Tactaque fumanti sulphure balet ovis.**

**Ure mares oleas, taedamque, herbasque Sabinas;**

**Et crepet in mediis laurus adusta focis.**

**Libaque de milio milii fiscella sequatur;**

**Rustica praecipue est hoc Deo laeta cibo.**

**Adde dapes mulctramque suas; dapibusque resectis,**

**Silvicolam tepido lacte precare Palen.**

**Consule, dic, pecori pariter, pecorisque magistris;**

**Effugiat stabulis noxa repulsa meis.**

Annuiu a deidade ; apraz-lhe a impreza ;  
ao mar pois, baixel meu, que o vento é prospero.

Às aras virginaes o povo acuda ;  
peça expiações, que Vesta as dá benigna.  
São estas expiações purificantes  
equino sangue, a cinza do vitello,  
e emfim as hasteas vans das favas seccas.

Vão-se  
buscar ex-  
piações ao  
templo de  
Vesta

Pastor, lustra as ovelhas repastadas  
ao clarear do diluculo ; borriça  
com agua o chão, com verde ramo o varre.  
Infrondem-se, ingrinaldem-se os apriscos,  
e o comprido festão que infeite as portas ;  
fumegue a chamma azul do inxofre vivo,  
té que do acerbo estimulo irritada  
a ovelha bale ; de oliveira macha  
queimae ramas, queimae resinio archote,  
queimae herva sabina, e estralem loiros  
no meio dos fogões. Cesta de milho  
venha as tortas de milho acompanhando.  
; Que monta ser agreste essa iguaria ?  
Pales gosta bem d'ella, é deusa rustica.  
Juntae a isto as solitas viandas,  
e a mungidura quente ; as iguarias  
talhal-as-heis ; o leite heis de offertal-o  
com preces, inda morno, á vossa Pales,  
pois sabeis que é selvatica deidade.

Lustração  
dos gados  
e curraes

— « Protege ao mesmo tempo as greis e os guardas,  
« ó deusa ! — lhe direis — « intrar não deixes  
« azar algum ruim 'nestes apriscos.

Oração  
dos pasto-  
res a Pales

Sive sacra pavi ; sedive sub arbore sacra ;

Pabulaque in bustis inscia carpsit ovis ;

Seu nemus intravi vetitum ; nostrisve fugatae

Sunt oculis Nymphae, semicaperve Deus ;

Seu mea falx ramo lucum spoliavit opaco,

Unde data est aegrae fiscina frondis ovi ;

Da veniam culpae. Nec, dum degrandinat, obsit

Agresti fano supposuisse pecus.

Nec noceat turbasse lacus ; ignoscite, Nymphae,

Mota quod obscuras ungula fecit aquas.

Tu, Dea, pro nobis Fontes fontanaque placa

Numina ; tu sparsos per nemus omne Deos.

Nec Dryadas, nec nos videamus labra Dianae ;

Nec Faunum, medio quum premit arva die.

Pelle procul morbos : valeant hominesque gregesque ;

Et valeant vigiles provida turba canes.

Neve minus multas redigam, quam mane fuerunt ;

Neve gemam referens vellera rapta lupo.

« Se eu em sacro pascigo intrei co'o gado ;  
« se me assentei de arvore sacra á sombra ;  
« se alguma vez á toa ovelha minha  
« tozou herva nascida em sepultura ;  
« se penetrei jámais defeso bosque,  
« e fui causa de fuga ás santas ninfas,  
« e ao capripede nume ; emfim se em luco  
« foicei com que trazer um cabazinho  
« de folha tenra a alguma ovelha inferma ;  
« perdôa-m'o, e perdôa-me não menos  
« se já por traz de capellinha agreste  
« abriguei do pedrisco o meu rebanho.

« E a vós, ninfas, tambem supplico indulto,  
« se o meu gado ao beber no lago vosso  
« vos impanou co'o lodo o espelho liquido.

« Ora ó deusa por nós, por nós applaca  
« as fontes, as deidades que as tutelam,  
« e quantas vão por esses bosques, todas.

« Seja-nos concedido o nunca vermos  
« nem Driades, nem banho de Diana.  
« nem a sésta de Fauno ao meio dia.

« Longe afasta de nós enfermidades ;  
« mantem os homens sãos, as greis sádias,  
« e valentes os cães seus guardadores ;  
« que nunca á noite, ao recontar cabeças  
« contadas de manhã, lhes note eu mingua ;  
« que nunca eu volte aos meus curraes gemendo  
« com roto velo arrebatado ao lobo ;

Absit iniqua fames; herbae frondesque supersint.

Quaeque lavent artus, quaeque bibantur, aquae.

Ubera plena premam; referat mihi caseus aera;

Dentque viam liquido vimina rara sero.

Sitque salax aries; conceptaque semina conjux

Reddat: et in stabulo multa sit agna meo.

Lanaque proveniat nullas laesura puellas

Mollis, et ad teneras quamlibet apta manus.

Quae precor, eveniant; et nos faciamus ad annum

Pastorum dominae grandia Niba Pali.

His Dea placanda est. Haec tu conversus ad ortus

Dic ter, et in vivo perlucet rore manus.

Tum licet, apposita, veluti cratere, camella,

Lac niveum potes, purpuramque sapam.

Moxque per ardentis stipulae crepitantis acervos

Trajicias celeri strenua membra pede.

« que nos não vexa a fome e sobrem pastos ;  
« que as aguas para a sede e para os banhos  
« corram em larga cópia ; que mungindo  
« incontre sempre retezadas tétas ;  
« que bons cobres me renda a queijaria ;  
« que para tal pelos vimínios cinchos  
« se escoe todo o soro, e inrije a massa ;  
« que no carneiro pai não falte o cio ;  
« que bem conceba a femia, e bem produza ;  
« e que fervam no estabulo as cordeiras ;  
« que farta a lã nos venha ; e tão macia,  
« que apraza ás mãos de moças fiandeiras,  
« e até a mais mimosa ame o tratá-la.

« Como imploro assim seja ; e nós, pastores,  
« a Pales, dos pastores padroeira,  
« votemos annuaes libos melhorados. » —

Assim é que a immortal se propicia.

Voltado o rosto á parte do sol nado,  
esta oração recitarás tres vezes,  
e agua viva depois as mãos te abluá.

Então põe-se em logar de urna vinaria  
gamelão de madeira ; d'ali tomam  
candido leite com purpureo arrobe.

Seguem logo as estridulas fogueiras  
de amontoada palha ; agora, invida  
ligeireza nos pés, no corpo audacia,  
que has-de transpor pulando as labaredas.

Saltar fo-  
gueiras  
nas Pali-  
lias

**Expositus mos est; moris mihi restat origo.**

**Turba facit dubium, coeptaque nostra tenet.**

**Omnia purgat edax ignis, vitiumque metallis**

**Excoquit; idcirco cum duce purgat oves.**

**An, quia cunctarum contraria semina rerum**

**Sunt duo discordes ignis et unda Dii,**

**Junxerunt elementa patres; aptumque putarunt**

**Ignibus et sparsa tangere corpus aqua?**

**An, quod in his vitae causa est, haec perdidit exsul,**

**His nova fit conjux, haec duo magna putant?**

**Vix equidem credo. Sunt qui Phaetonta referri**

**Credant, et nimias Deucalionis aquas.**

**Pars quoque, quum saxis pastores saxa feribant,**

**Scintillam subito prosiluisse ferunt:**

O costume narrei ; narrar-lhe a causa  
já tão facil não é : tantas se apontam,  
que até na escolha o espirito se inleia :

Varias ra-  
zões d'este  
costume

Tudo no voraz fogo se acrisola ;  
'nelle os proprios metaes se purificam ;  
por isso, intendem que ao pastor e ao gado  
conjuntamente os purifica o fogo.

Primeira  
razão

¿ Não será por ventura outro o motivo ?  
São Neptuno e Vulcano oppostos deuses ;  
mas na agua e no fogo, inda que oppostos,  
de quanto existe se contém os germes ;  
por isso nossos pais consociariam  
os elementos dois 'neste festejo,  
fazendo com que a linfa e com que a flamma  
dos homens sobre o fisico actuassem.

Segunda  
razão

¿ Será pela importancia aos dois principios  
presupposta, em razão de que só elles  
a vida nos mantém ?, e tanto que exules  
se privam de agua e fogo ?, e fogo e agua  
são devidos rituaes á nova esposa ?  
Esta razão destôa-me ; confesso.

Terceira  
razão

Ha quem julgue que ali se commemoram  
Faetonte e Deucalião : o incendio do orbe,  
do orbe o undoso diluvio.

Quarta ra-  
zão

Dizem outros  
que os pastores, ferindo entre si pedras,  
viram faiscar fagulhas ; as primeiras

Quinta ra-  
zão



Prima quidem periit; stipulis excepta secunda est;

Hoc argumenti flamma Palilis habet.

An magis hunc morem pietas Aeneia fecit,

Innocuum victo cui dedit ignis iter?

Hoc tamen est vero propius: quum condita Roma est,

Transferri jussos in nova tecta Lares;

Mutantesque domum tectis agrestibus, ignem

Et cessaturae supposuisse casae;

Per flammam saluisse pecus, saluisse colonos;

Quod fit natali nunc quoque, Roma, tuo.

Ipse locus causas vati facit: urbis origo

Venit. Ades factis, magne Quirine, tuis.

Jam luerat poenas frater Numitoris; et omne

Pastorum gemino sub duce vulgus erat.

Contrahere agrestes; et moenia ponere utrique

se esvaneceram sem deixar vestigio ;  
mas alguma, caindo em palhas seccas,  
levantou chamma ; e d'essa chamma, inferem,  
nasceram as fogueiras das Palilias.

¿ E não serão quiçá reminiscencias  
de quando o teucro incendio ao pio Eneas  
por entre tanto horror deu fuga incolume ?

Sexta ra-  
zão

O que mais á verdade se avisinha  
é porem que ao fundar-se outr'ora Roma,  
gente que por ali tinha os seus lares  
foi mandada sair ; como era eterno  
aquelle adeus aos tectos seus agrestes,  
largaram-lhes o fogo ; homens e gados  
saltando d'entre o incendio se evadiram ;  
do que inda agora, ó Roma, se costuma  
no teu dia natal fazer lembrança.

Setima ra-  
zão

Chão da cidade eterna, em ti pulullam  
anciãs memorias ao cantor dos Fastos.  
Eis, eis o prazo de cantar seu berço ;  
venerando Quirino, assiste ao canto ;  
são ora assumpto meu façanhas tuas.

Continua-  
ção de 21  
de Abril  
— Anni-  
versario  
da funda-  
ção de Ro-  
ma

O irmão de Numitor já foi punido.

Romulo e Remo a seu arbitrio regem  
toda essa profusão de pegureiros.

Concorda-se entre os dois que se ergam muros,  
e 'nelles se concentre o bando agreste.

Convenit. Ambigitur, moenia ponat uter.

Nil opus est, dixit, certamine, Romulus, ullo.

Magna fides avium est; experiamur aves.

Res placet. Alter init nemorosi saxa Palati;

Alter Aventinum mane cacumen adit.

Sex Remus; hic volucres bis sex videt ordine; pacto

Statur; et arbitrium Romulus urbis habet.

Apta dies legitur, qua moenia signet aratro.

Sacra Palis suberant; inde movetur opus.

Fossa fit ad solidum; fruges jaciuntur in ima,

Et de vicino terra petita solo.

Fossa repletur humo, plenaque imponitur ara;

Et novus accenso fungitur igne focus.

Inde premens stivam designat moenia sulco;

Alba jugum niveo cum bove vacca tulit.

¿ Mas qual dos dois os fundará ? discordam.

— « ¿ Por que se hão de entre nós travar certames ? —  
diz Romulo — « ha-se credito nas aves ;  
« decidam ellas sós. » —

Apraz o arbitrio.

Na manhã nova ascendem separados :  
um, do alto Palatino, então silvestre,  
ao pedregoso cima ; o outro, á crista  
do Aventino oiteiro.

Avistou Remo  
seis aves ; aves doze avista Romulo:

Cumpre-se o ajuste ; é Romulo quem rege.

Opta-se dia sacro á cerimonia  
de contornar co'a relha aos muros ambito.  
É de Pales a festa.

Abre-se um fosso,  
té dar em leito solido ; no fundo  
lhe desparzem sementes ; e ás sementes  
sobrevai terra dos visinhos campos.  
Cheia e calcada a fossa ao rez do solo,  
ara lhe sobrepõem, lhe accendem fogo.

Logo o chefe, co'a dextra vencedora  
impunhando a rabiça, rasga a eito  
o fundamento ás inclitas muralhas ;  
niveo par, toiro e vacca, o jugo levam.

Vox fuit haec regis: Condenti, Jupiter, urbem,

Et genitor Mavors, Vestaque mater, ades;

Quosque pium est adhibere Deos, advertite cuncti;

Auspicius vobis hoc mihi surgat opus.

Longa si huic aetas, dominaeque potentia terrae;

Sitque sub hac oriens, occiduusque dies.

Ille precabatur; tonitru dedit omina laevo

Jupiter; et laevo fulmina missa polo.

Augurio laeti jaciunt fundamina cives;

Et novus exiguo tempore murus erat.

Hoc Celer urget opus, quem Romulus ipse vocarat;

Sintque, Celer, curae, dixerat, ista tuae;

Neve quis aut muros, aut factam vomere fossam,

Transeat, audentem talia dede neci.

Quod Remus ignorans, humiles contemnere muros

Coepit; et: His populus, dicere, tutus erit?

Nec mora: transiluit. Rutro Celer occupat ausum;

— « A mim, que esta metropole preparo —  
brada o rei — « assisti-me : ó Jove summo,  
« ó genitor Mavorte, ó madre Vesta !  
« vós todos, todos, sacrosantos numes,  
« que ora devo implorar, me olheis propicios.  
« Logre o que estou fundando auspicios vossos ;  
« sob o vosso favor floresça, avulte :  
« fadae-lhe duração, fadae-lhe imperio ;  
« que no Oriente dê leis, dê leis no Occaso ! » —

Como assim deprecava, o rei do Olimpo  
troou (felice agoiro !) á sestra parte,  
e de lá despediu fulmineos lumes.

Incantados co'a estrêa auspiciosa,  
os cidadãos já lançam alicerces ;  
ferve a lida, que Céler a afferventa,  
Céler, a quem o principe deu cargo  
de maturar a obra, impor-lhe termo,  
defendêl-a, guardál-a. — « A ti — lhe disse —  
« estes muros confio ; e por que nunca  
« haja audaz que se affoite a ultrapassar-nos  
« a muralha já feita, ou mesmo o fosso  
« dos fundamentos seus, quem quer que o tente  
« morra por tua mão. » —

Remo, ignorando  
prescripção tão severa, havendo em pouco  
tão debeis construcções — « E ha-de com isto  
« defender-se — dizia — « o povo nosso ? ! » —  
Ao dito ajunta a prova, e salta o muro.  
Ferreo instrumento pela mão de Céler

Ille premit duram sanguinolentus humum.

Haec ubi rex didicit, lacrymas introrsus obortas

Devorat, et clausum pectore vulnus habet.

Flere palam non vult, exemplaue fortia servat:

Sicque meos muros transeat hostis, ait.

Dat tamen exsequias; nec jam suspendere fletum

Sustinet; et pietas dissimulata patet.

Osculaque applicuit posito suprema feretro;

Atque ait: Invito frater ademte, vale.

Arsurosque artus unxit; fecere, quod ille.

Faustulus, et moestas Acca soluta comas.

Tum juvenem (nondum facti) flevere Quirites;

Ultima plorato subdita flamma rogo.

Urbs oritur (quis tunc hoc ulli credere posset?)

Victorem terris impositura pedem.

Cuncta regas; et sis magno sub Caesare semper;

Saepe etiam plures nominis hujus habe.

subito o colhe da ousadia em paga ;  
cai, jorra o sangue, expira.

A aquella nova

Elrei devora as lagrimas ; concentra  
a dor, que olhos de fóra a não presintam ;  
de um peito varonil tal é o esforço.  
— « Quem ousar muros meus transpôr como elle,  
« como elle acabe ! » — diz.

Honra no emtanto

o extinto irmão com funebres obzequias ;  
ao reprezado pranto ali dá curso ;  
desafoga o piedoso sentimento ;  
imprime os beijos ultimos no esquite,  
e brada : — « Irmão ! adeus ! adeus, querido,  
« mau grado meu dos braços meus roubado ! » —  
Unge o cadaver, destinado ás chammas ;  
Faustulo, e Acca de cabellos soltos,  
o ajudam nos luctuosos exercicios ;  
os que o tempo depois chamou Quirites  
carpiram do mancebo o caso acerbo ;  
a pranteada pira emfim se ateia.

É nascida a cidade, a grande, aquella  
(¿ se o predissesse alguém, quem o creeria ?)  
que tinha por condão calcar segura  
sob o pé vencedor o globo oppresso.  
Roma ! ó Roma ! preenche os teus destinos ;  
governa tudo, e Cesar te governe !  
elle seja immortal ! vergonteas d'elle,  
herdeiros do seu nome em ti não faltem.



Et quoties steteris domito sublimis in orbe,

Omnia sint humeris inferiora tuis.

Dicta Pales nobis; idem Vinalia dicam.

Una tamen media est inter utramque dies.

Numina, vulgares, Veneris celebrate, puellae;

Multa professorum quaestibus apta Venus.

Poscite ture dato formam, populique favorem;

Poscite blanditias, dignaque verba loco.

Cumque sua dominae date grata sisymbria myrto,

Textaque composita juncea vincla rosa.

Templa frequentari Collinae proxima portae

Nunc decet (a Siculo nomina colle tenent).

Utque Syracusas Arethusidas abstulit armis

Claudius, et bello te quoque cepit, Eryx;

Carmine vivacis Venus est translata Sibyllae;

Inque suae stirpis maluit urbe coli.

Cur igitur Veneris festum Vinalia dicant,

E tu, perpetuamente em pé no orbe,  
em meio das nações a fronte alçando,  
nem uma avistes que te dê pelo hombro.

Disse as Palilias; as Vinaes me chamam.

Abril 23  
— Festas  
Vinaes

Um só dia separa as duas festas.

Celebrae Venus, ó venaes beldades;  
(é ella quem prospera a vossa industria)  
incensae-a, e pedi-lhe em recompensa  
lindeza, favor publico, blandicias,  
e as frases que ao prazer e ao sitio quadram.  
Pois que é vossa rainha, offerecei-lhe  
á mistura, co'os mirtos do seu gosto,  
em mólhos frescos a hortelã cheirosa,  
e intrelaçadas co'os flexiveis juncos  
fartas capellas de punicias rosas.

Festejam  
as mere-  
trizes a  
Venus

Viçosos  
presentes  
d'estas  
festeiras á  
sua deusa

Ide co'as turbas ao festivo templo  
d'esta Ericinna Venus; conheceil-o:  
junto á porta Collina é situado,  
e inda de um monte Siculo tem nome.

Festa de  
Venus  
Ericinna  
no seu  
templo  
junto á  
porta Col-  
lina

Lá quando armas de Claudio te venceram,  
Siracusa Aretusea, e a ti ó Erix,  
cumpriu-se da Sibilla o vaticinio:  
de Erix a Roma trasladada Venus,  
bem que inda aceite o nome de Ericinna,  
prefere ter seu culto entre os seus netos.

Razão do  
nome ERIC-  
CINNA

— « Mas porque são Vinaes da deusa as festas,

Razão de  
serem as

Quaeritis, et quare sit Jovis ista dies?

Turnus, an Aeneas, Latiae gener esset Amatae,

Bellum erat. Etruscas Turnus adoptat opes.

Clarus erat, sumtisque ferox Mezentius armis;

Et vel equo magnus, vel pede major erat.

Quem Rutuli Turnusque suis adsciscere tentant

Partibus; haec contra dux ita Tuscus ait:

Stat mihi non parvo virtus mea; vulnera testes;

Armaque, quae sparsi sanguine saepe meo.

Qui petis auxilium, non grandia divide mecum

Praemia, de lacubus proxima musta tuis.

Nulla mora est operae; vestrum dare; vincere nostrum est.

Quam velit Aeneas ista negata mihi!

Annuerant Rutuli; Mezentius induit arma.

Induit Aeneas, alloquiturque Jovem:

Hostica Tyrrheno vota est vindemia regi;

Jupiter, e Latio palmita musta feras.

« e o dia d'ellas pertencente a Jove? » —  
Solver-vos-hei a duvida ; escutae-me :

Fervia em guerra o Lacio ; Enéas, Turno,  
disputavam-te a dextra, ó regia virgem,  
dos Estados de Amatta unica herdeira.

Turno invoca em seu prol da Etruria as forças ;  
Mezencio, illustre principe que a rege,  
é nas armas feroz, grão cavalleiro,  
peão inda maior ; por isso os Rutulos  
pela voz de el-rei Turno o sollicitam  
a adoptar na contenda as partes suas.

— « Não comprei mui barato o que hoje valho —  
responde o tusco chefe — « estas costuras,  
« e estas armas retintas no meu sangue  
« já tanta vez e tanta, assaz o amostram.  
« ; Queres o auxilio meu ? tel-o-has em conta ;  
« dar-me-has unicamente o que expremem  
« teus lagares na proxima vendima ;  
« e é já sem mais tardar ; tu dás, eu venço ;  
« folgára Enéas bem, se o recusasses. » —

Praz o accordo ; eis Mezencio as armas veste.

Veste-as Enéas, e depreca a Jove.

— « Meus contrarios ao principe Tirrheno  
« votam sua vendima ; e a ti eu voto,  
« Jupiter, quanto vinho o Lacio crie. » —

festas de  
Ericinna  
Vinaes, e  
as Vinaes  
pertence-  
rem a Ju-  
piter  
Duello de  
Enéas e  
Mezencio

Vota valent meliora: cadit Mezentius ingens,  
Atque indignanti pectore plangit humum.

Venerat Autumnus calcatis sordidus uvis;  
Redduntur merito debita vina Jovi.

Dicta dies hinc est Vinalia; Jupiter illam  
Vindicat, et festis gaudet inesse suis.

Sex ubi, quae restant, luces Aprilis habebit;  
In medio cursu tempora veris erunt.

Et frustra pecudem quaeres Athamantidos Helles;  
Signaque dant imbres; exoriturque Canis.

Hac mihi Nomento Romam quum luce redirem,  
Obstitit in media candida pompa via.

Flamen in antiquae lucum Robiginis ibat,  
Exta canis flammis, exta daturus ovis.

Protinus accessi, ritus ne nescius essem.  
Edidit haec Flamen verba, Quirine, tuus:

Aspera Robigo, parcas Cerealibus herbis;  
Et tremat in summa laeve cacumen humo.

Prevalece a piedade : o grão Mezencio dá co'os peitos no chão, raivando, e morre.

Chega o outomno em mostos escorrendo ; o licor promettido a Jove é pago.

D'aqui vem que *vinaes* se chama o dia que o nume quiz por seu, e em suas festas se alegra de incluir este folguedo.

Quando só dias seis a Abril restarem tendes chegada ao meio a primavera.

Foi-se o Carneiro da Athamantia virgem.

Vem lá chuva abundante ; o Cão já nasce.

Como eu voltasse de Nomento a Roma em dia tal, no meio do caminho topo uma turba candida ; era o Flamen que se ia d'essa gente acompanhado ao luco da Robigine vetusta, para lançar, conforme o rito, ás chammas as intranhas de um cão, e as de uma ovelha.

Deu-me curiosidade a cerimonia ; acerco-me ao teu Flamen, ó Quirino ; oiço-o dizer assim :

— « Aspera deusa,  
« ó Robigine, poupa as cereaeservas ;  
« deixa que á flôr das leivas a abundancia

Abril 25  
—Parte-se  
a meio a  
primavera

Occaso do  
Carneiro

Ultimas  
chuvas ;  
nascimen-  
to do Cão  
Procissão  
vestida de  
branco pe-  
la via No-  
mentana  
ao bosque  
da Robi-  
gine

Oração do  
Flamine  
Quirinal a  
Robigine

**Tu sata sideribus coeli nutrita secundi**

**Crescere, dum fiant falcibus apta, sinas.**

**Vis tua non levis est; quae tu frumenta notasti,**

**Moestus in amissis illa colonus habet.**

**Nec venti tantum Cereri nocuere, nec imbres,**

**Nec sic marmoreo pallet adusta gelu,**

**Quantum, si culmos Titan incalfacit udos;**

**Tum locus est irae, Diva timenda, tuae.**

**Parce, precor, scabrasque manus a messibus aufer;**

**Neve noce cultis; posse nocere sat est.**

**Nec teneras segetes, sed durum contere ferrum;**

**Quodque potest alios perdere, perde prior.**

**Utilius gladios, et tela nocentia carpes.**

**Nil opus est illis. Otia mundus agat.**

**Sarcula nunc, durusque bidens, et vomer aduncus,**

**Ruris opes, niteant; inquinet arma situs;**

**Conatusque aliquis vagina ducere ferrum,**

**Adstrictum longa sentiat esse mora.**

**At tu ne viola Cererem; semperque colonus**

**Absenti possit solvere vota tibi.**

« ria nas lizas plumulas do trigo ;  
« dá que os pães co'o favor do ceo creados  
« medrem, até que a aceifa os leve opímios.

« Grande é teu poderio ; o seareiro,  
« vendo por ti seus trigos mareados,  
« logo os chora perdidos. Ventos, chuvas,  
« marmoreos gelos que requeimam Ceres,  
« nada lhe é peste, como quando aos colmos  
« repletos de agua vem o sol cozêl-os.  
« Então é que é tremer dos teus rigores !

« Tuas mãos escabrosas, deusa, afasta  
« das messes nossas ; não lhes faças damno ;  
« poder fazer-lh'o á tua gloria baste.

« Ferrugem que ao teu halito negreja,  
« se ha-de infestar paveias delicadas,  
« que ataque o duro ferro ; armas que assolam,  
« assola-as tu primeiro ; espadas, lanças,  
« se as destroes, graças mil te deve o mundo.

« Reine, floresça a paz ; brilhem co'o uso  
« sacho, arado, inchadões, do campo alfaias ;  
« quanto ás de Marte, o mugre que as devore.  
« Quando alguém tente desvestir a espada,  
« da imperrada bainha em balde a pucho.

« Robigine ! respeita a mãe das messes ;  
« que sempre, bemdizendo a auzencia tua,  
« votos ao nume teu renda o colono. » —



Dixerat; a dextra villis mantele solutis,

Cumque meri patera turis acerra fuit.

Tura focus vinumque dedit, fibrasque bidentis,

Turpiaque obscoenae, vidimus, exta canis.

Tum mihi: Cur detur sacris nova victima, quaeris?

(Quaesieram) causam percipe, Flamen ait:

Est canis (Icarium dicunt), quo sidere moto

Tosta sitit tellus, praecipiturque seges.

Pro cané sidereo canis hic imponitur arae;

Et, quare pereat, nil, nisi nomen, habet.

Quum Phrygis Assaraci, Titonia, fratre relicto,

Sustulit immenso ter jubar orbe suum,

Mille venit variis florum Dea nexa coronis;

Scena joci morem liberioris habet.

Exit et in Maias sacrum Florale kalendas.

Tunc repetam; nunc me grandius urget opus.

Aufert Vesta diem; cognato Vesta recepta est

Limine; sic jussi constituere patres.

Dissera ; estava á dextra uma toalha  
franjada, vinea taça, e uma naveta  
de rezinoso incenso ; o incenso e o vinho  
lança-os ao lume, logo apoz lhe atira  
as intranhas da ovelha, e (vi-o eu mesmo)  
torpe de ventre de cadella impura.

Sacrificio  
de ovelha  
e cadella  
a Robigi-  
ne pelo  
mesmo  
Flâmme

— « Já Tão insolita rez como se explica ? » —  
perguntais vós ; igual pergunta ao Flamen  
fiz eu, e eis a resposta que me ha dado :

Razão de  
se immo-  
lar a ca-  
della:  
anuncio  
de tempo  
calmoso  
para os  
canicula-  
res

— « Ha lá nos ceos um Cão (Icario o chamam) ;  
« constellação que intrando em movimento  
« incalma as terras, as searas tisna ;  
« em memoria d'esse astro sitibundo,  
« se immola este animal, que outro-delicto  
« não tem para ser morto afora o nome. » —

Quando tres vezes a Titonia moça  
inunde de esplendor o ar e as terras,  
lá vem Flora, involvida em mil grinaldas,  
e com ella soltura aos jogos scenicos.

Abril 28  
— Jogos  
floraes no  
theatro  
que adi-  
ante em  
Maio se  
concluem  
e lá se  
descrevem

Mas a festa floral calendas maias  
terão de a continuar ; cantal-a-hei 'nellas ;  
outro impenho maior me incalça agora.

Vesta arroga este dia, em que hospedagem  
nos paços parentaes lhe instituiram,  
respeitando-lhe o juz, de Roma os padres.

'Neste dia  
se festeja  
Vesta,  
por haver  
sido 'nelle

Phoebus habet partem ; Vestae pars altera cessat ;

Quod superest illis, tertius ipse tenet.

Stet, Palatinae laurus, praetextaque quercu

Stet domus ; aeternos tres habet una Deos.



Parte a Phebo pertence, e parte a Vesta ;  
do edificio o restante o enche Augusto.

recebida  
ao Paço  
imperial

Loireiros, que adornais o Palatino ;  
e tu, que o roble civico atalaia,  
palacio venerando : o ceo vos guarde !

Saudação  
do Poeta  
à Casa  
Cesaria

Incerra essa mansão tres grandes numes.

---



# NOTAS

AOS

**DOIS LIVROS CONTIDOS 'NESTE SEGUNDO VOLUME**



## NOTA PRIMEIRA

PAGINA 5— VERSO 5

### ORIGEM DO MEZ DE MARÇO

Ainda que seja o meiz de Março o terceiro do anno christão, e fosse tambem o terceiro no calendario romano, muitos seculos antes da reformação de Julio Cesar, é todavia certo que nos primeiros tempos de Roma, 'nelle tinha seu principio o anno, regulado segundo a computação attribuida a Romulo. 'Neste calendario rude e primitivo, que revelava no seu autor as mais escaças noções de astronomia, repartia-se o tempo apenas por dez meses, que se accommodavam ao curso lunar, e d'estes o primeiro era Março, cujo nome latino, *Martius*, bem claro está dizendo a divindade pagã, em cuja honra fôra instituido. Duas questões agita o cantor dos *Fastos*, ao tratar do meiz de Março, e ao narrar as festas e solemnidades com que os romanos durante elle rememoravam as suas tradições heroicas, e saudavam os deuses da sua absurda religião.

Foi Março o primeiro meiz do anno no primitivo calendario ?



Donde provém o nome que lhe deram ?

A te principium Romano ducimus anno :  
Primus de patrio nomine mensis erit.

« por ti, Marte, de Roma o anno inceto  
« do anno o mez primeiro a ti consagro. » —

São estes versos, postos por Ovidio na bocca do seu Romulo, os que autorisam e explicam a origem. Bem é que no contar dos tempos romanos, no fixar a era da cidade heroica, se vá tomar o principio não menos longe do que do proprio Olimpo, e a deus não menos autorisado, do que o proprio pai do fundador, do que o patrono, sob cuja protecção Roma hade crescer, e alagar o universo com a torrente impetuosa das suas legiões. Quem é Romulo na tradição arrogante dos romanos ? É o filho que o deus da guerra deixa, como se fôra seu legado e tenente, para inclinar em favor da nascente cidade as armas e a victoria. Que é Roma para os romanos e para o mundo ? É a guerra e a victoria. Logo comece o anno com a cidade, e a cidade com a denominação guerreira. Seja o mez da guerra o primeiro mez, como para denotar, que hade ser a guerra o principal officio dos romanos.

Qui bene pugnarat, Romanam noverat artem !  
Mittere qui poterat pila, disertus erat.

do romano o saber eram pelepas,  
e o mais discreto o que as melhor feria.

Pelejar e vencer, hão-de ser a arte e a sciencia predilecta. Será mais discreto, o que melhores armas jogar ao inimigo. E inimigo para Roma é tudo o que existe fora dos seus muros. As boas artes que as cultive e venere a Grecia. Que Pallas seja a primeira divindade em Athenas. Embora. A Grecia nasceu pre-

destinada para erigir monumentos e estatuas; Roma para as conquistar depois de fabricadas. A Grecia para polir e urbanisar a eloquencia; Roma a sua eloquencia põe toda no laconismo irrespondivel da sua espada. A Grecia nasceu para crear poetas; Roma para lhes offerecer o thema dos seus cantos. Grecia e Roma repartiram entre si a dominação do mundo até á mais remota posteridade; Grecia pela sua luz, Roma pela sua lança. Guarde a Grecia para si a sua Minerva, e Roma escolherá por nume fidelissimo o seu Marte.

Mas era o bellicoso deus honrado tambem antes de Roma, pelos povos da Italia, remotos ou fronteiros da cidade.

*Mars Latio venerandus erat; quia praesidet armis.*

*Arma feroc genti remque decusque dabant.*

tal Mavorte aos do Lacio presidia,  
fera raça como elle, e costumada  
a mercar honra e bens co'a espada em punho.

Era elle que dava aos povos latinos a honra e a fazenda. Era elle o primeiro fundamento, como ainda hoje não raro acontece, do direito de propriedade. No calendario d'aquellas pequenas republicas, que circundavam Roma, e que ella foi audaz ou astutamente absorvendo e conquistando, tinha Marte o seu mez particular. Era em Alba o terceiro, para os Faliscos o quinto, para os Hernicos o sexto; entre os Equos o decimo, o quarto para os Sabinos. Marte era honrado por estes povos, mas vê-se que não era o predilecto entre os seus deuses. As cidades do Lacio tem-n'o dentro dos seus muros; só Roma porem é delle, só Roma o leva comsigo a toda a parte aonde move os seus ar-raiaes. Aos outros povos Marte é incerto, e por isso vario é o seu mez. Aos Romanos jurou fidelidade, por que é Roma como se fôra a sua prole, segundo a presumçosa genealogia d'aquelles antigos dominadores.

Marte começa o anno, por que o primeiro tempo para os romanos é o da guerra. Para elles não ha campinas que arrotear, senão campos em que vencer. Os outros que semeiem, por que elles irão colher. Em Roma não ha vão para colleiros. O seu granel é a seara dos vencidos. Os outros que façam pascor o armento, que elles o virão offerecer em Roma nos sacrificios dos seus deuses. O romano calcula mal o anno, por que não sabe o que vai pelos ceos; tão absorto o trazem sempre as ambições da terra. Por isso não acerta em concordar o calendario com as revoluções dos planetas. E como o poderia fazer, se do firmamento sabe apenas, que o tem por tecto nas noites de *bivaque*, dormidas ao relento? Ha 'nelle milhares de pontos que scintillam nas noites serenas do Lacio. Separado dos gregos, que já de muitos annos se atreveram com os ceos, ignora o romano o que são *hyades* e *pleiades*, e mal sonhára que a phantasia risonha da Grecia debuxára poeticamente a astronomia, povoando o ceo de personagens heroicos e de mythologicos animaes.

Elegantemente enuncia Ovidio esta quasi infantil ignorancia no seu

*Libera sidera : currebant, et in observata per annum*

que o nosso poeta, emulando valentias de metreficação e de opulencia ovidiana, verteu com tão primorosa felicidade.

Constava aos romanos apenas que aquelles astros eram deuses,

*constabant sed tamen esse Deos.*

A adoração dos corpos celestes mais notaveis, como são o sol, a lua, e as mais visiveis constellações, foi geral nos mais antigos tempos da humanidade. Ainda hoje fórma o principal fundamento das crenças religiosas de muitas tribus nómadas e selvagens. E assim devia acontecer, por que para os olhos das multidões é o firmamento, pela sua immensidade, o principal espelho onde se

reflecte com toda a sublimidade a Omnipotencia do Creador. Que para o philosopho e para o que observa e medita de perto as obras da criação, provas são tão eloquentes da omnisciencia ineffavel do Ente Supremo os mais pequeninos insectos, ou as mais humildes cryptogamicas, como os planetas de mais vulto e esplendor.

Era resumida, como acabamos de o lèr em Ovidio, a astronomia dos romanos primitivos. O poeta exprime elegantemente a especie de desdem, com que os seus antigos tratavam as boas artes e sciencias julgando-as quasi indecorosas em povo tão varonil e bellicoso, e reputando-as mais proprias da Grecia, a quem sem fundamento chama *male forte genus*, raça mal esforçada e desvalente, sem se lembrar de quão gloriosas façanhas acabaram os gregos, e de que brios e virtudes militares nos deixaram innumeraveis testemunhos nos trofeos das suas Leuctres e Salaminas, e nos loiros dos seus Milciades, dos seus Themistocles, e dos seus Epaminondas; sem se lembrar que maior gloria ganharam os trezentos das Thermopylas que as legiões de Roma em Cannas.

Ao desprezo com que tratavam os astros oppõe Ovidio, com a jactancia propria de romano, a religião com que as cohortes seguiam, não as constellações do ceo, mas as constellações de Roma, fazendo nos versos. . . .

Non illi coelo labentia signa movebant;  
Sed sua; quae magnum perdere crimen erat.

que são realmente de uma belleza admiravel, um equivoco ou jogo de palavras no termo *Signa* que igualmente sôa em portuguez constellação e bandeira, ou insignia militar. Eram pois as insignias das legiões os astros a que ajustavam o seu roteiro nas suas aventureosas expedições militares. E que insignias eram estas? O poeta o diz, e o sabemos já d'outras origens.

**Ilhaque de foeno :**

Eram de feno. E por que eleger o feno para pendão? Não havia então brazões, nem divisas heráldicas, que só no seculo decimo, como attestam os eruditos, vieram a usar-se. Ao depois deixaram os romanos estas bandeiras de tamanha simplicidade, e adoptaram as aguias, os dragões, os minotauros, os porcos e os lobos, que todos symbolisavam differentes ideas, e traziam ao animo diversas significações. Depois Caio Mario parece que desterrou das legiões romanas esta variedade de animaes, e as aguias vieram a dominar soberanamente.

E foi judiciosa e significativa a eleição, por que é a aguia a rainha das aves, e parece que a organisou a natureza para vencer, dando-lhe todas as qualidades que deve ter um general: a perspicacia para observar o inimigo, a ligeireza para acometter de subito, e a força para o destroçar e perseguir.

Voltemos, porem, desta digressão, ás origens do mez de Março, de que não andamos muito desviados, por que de Marte havemos recorrido. Aponta Ovidio para corroborar a idéa de que o mez de Março era o primeiro do anno, o ser 'neste mez que se adornava de loiros novos a habitação dos Flamines. 'Neste mez mudavam os loiros antigos da porta da casa, aonde assistia o *Rex sacrorum*, ou rei dos sacrificios, chamado tambem *Rex sacrificulus*, o qual tinha a presidencia e direcção das coisas sacras, e era tido em grande honra e veneração entre os romanos, que o elegiam em seus comicios *centuriatos* com absoluta defesa de gerir magistraturas ou de orar perante o povo; que vendo 'nisto os romanos significar que não havia de mesclar-se nas coisas terrenas e profanas o que devia ter a seu cuidado e jurisdicção a honra e bom agasalho, em que desejavam ter os seus deuses.

De loiros se adornavam tambem nas calendas de Março as portas da Curia antiga, *Curia prisca*, que Romulo fundára no

monte Esquilino, para que ali fossem celebrar as suas ceremonias e sacrificios religiosos as trinta *curias* em que se dividiu o povo romano. Em Março se ingrinaldavam de loiros viridentes as aras de Vesta, e se accendia lume novo.

Corrobora Ovidio a idéa de ser Março o primeiro mez do anno antigo, segundo Romulo o instituira, citando a festa de Anna Perenna, que em Março era celebrada pelos romanos. Sobre quem fosse esta divindade são varias as sentenças dos eruditos. Uns opinam que fôra a irmã de Dido, memorada por Virgilio na sua epopea. Outros suppoem que por aquelle nome se designava a lua, chamando-se Anna, por que o anno consta de mezes, que se ajustam pelo curso do satellite da terra. Julgam alguns que fôra Anna Perenna uma das Athlantides, a qual amamentára Jupiter. Outros a confundem com Io e ainda com Themis. Pareceres estes que Ovidio explica elegantemente nos seus *Fastos*. Tem outros antiquarios para si que esta Anna Perenna tivera uma origem menos maravilhosa e sobrenatural, mais romana porem. Dizem que fôra uma velha piedosa, que ao povo congregado no Aventino, e emigrado de Roma, pelas sedições entre patricios e plebeos, acudira com as regueifas ou pães rusticos, que ella mesma fabricava; acrescentam que feita a paz entre os padres e a plebe, instituira o povo que o seu nome fosse para sempre festejado, em reconhecimento e memoria do beneficio recebido. Tem Macrobio que Anna Perenna significava a perpetuidade do tempo ou a continuidade dos annos. No livro 3.º dos *Fastos* se lê a maior parte d'estas origens e se descrevem em primorosos versos, que o sr. Castilho elegantemente verteu, as festas e folguedos, muitas vezes licenciosos, de que constavam as solemnidades d'Anna Perenna.

Não é menor argumento em favor da primazia do mez de Março, o ser 'nelle que entravam a exercer as magistraturas os que o povo para ellas elegia. Mas a prova que não deixa a me-

nor duvida é o proprio nome de algum dos mezes do anno, ainda hoje conservados no calendario christão. Chamava-se o setimo mez do anno romano, já depois de principiar em janeiro, o mez *Quintilis*, ou o quinto: assim se chamou até Julio Cesar, em que Roma por lhe fazer honra e perpetuar o seu nome na computação do tempo, deu ao mez setimo a denominação de *Julius*, d'onde por corrupção fizemos nós os portuguezes a palavra *Julho*. Os mezes nono, decimo, undecimo e duodecimo do anno de Numa e de Julio Cesar, chamaram-se e chamam-se ainda hoje setembro, outubro, novembro e dezembro, que valem tanto como se disseramos o setimo, o oitavo, o nono, o decimo dos mezes do anno. Prova irrefragavel que o anno se contava de Março que depois veio a ser o terceiro mez. *Sextilis* chamaram os romanos sempre ao que hoje apellidamos *agosto*, corrupção d'*Augustus*, nome dado ao sexto mez antigo em obsequio a Octaviano a quem o senado condecorou com o epitheto d'*Augusto*, em signal da sua magestade, ou quasi divindade imperatoria.

É para notar como Ovidio aproveita o ensejo que lhe offerecem as antiguidades do calendario romano para exaltar a dynastia imperial, a casa Julia, que surgia triunfante das ruinas da republica. Fôra o dictador, o vencedor das Gallias, o fundador da estirpe dos Cesares, o que remediara depois de Numa a desordem, em que andava o calendario. Aqui a posteridade perdoadoa facilmente a lisonja do poeta cortesão, por que mais fama grangeou Cesar com a só reformation Juliana do calendario, que até ao seculo XVI regulou na christandade o computo dos tempos, do que com todas as suas victorias e triunfos.

Lisboa 4 de Novembro de 1859.

BARÃO DO CASTELLO DE PAIVA.

## NOTA SEGUNDA

PAGINA 17— VERSO 21

### CONTAGEM DECIMAL

Na discussão philosophica da origem dos nossos conhecimentos talvez não fosse difficil mostrar, diz *Montucla, Histoire des Mathematiques*, que a arithmetica devia ter precedido a todos os outros; as primeiras sociedades policiadas por certo não poderiam prescindir d'ella, porque basta possuir alguma coisa para ser obrigado a usar de numeros; e se considerarmos povos de maior riqueza e commercio muito mais alargariam os limites d'essa arithmetica natural, inventando signaes e processos abreviados para alliviar o espirito nos calculos um pouco mais complicados; o que porem se torna digno da maior admiração, é o acordo quasi geral de todos os homens, escolhendo o mesmo systema de numeração; exceptuando dois antigos povos, todos os mais parece terem-se ajustado, e entre si combinado, adoptarem para os seus systemas de numeração a base *dez*; este extraordinario accordo é muito provavel que procedesse, de começarmos na infancia da nossa razão a contar pelos dedos; acabada a primeira decada, poderia começar-se segunda, depois terceira, etc. até contar dez decadas, empregando sempre os mesmos dez dedos; passado este limite seria então indispensavel imaginar um equivalente do nosso *cem*, para se exprimirem os numeros seguintes; e do mesmo modo estabelecer outro equivalente para representar *dez vezes cem*, e assim por diante.



O systema decuplo da numeração fallada era por tanto natural e facil ; porem ficaria sempre sem grande importancia, em quanto se não descobrisse algum modo systematico de representar os numeros por signaes escriptos ; quasi todas as antigas nações conhecidas empregavam os caracteres de seus alphabets, o que era razoavel, não só por lhes ser familiar a forma d'esses caracteres, mas por que a ordem do logar que occupavam na serie do alphabeto, lhes suscitava logo a idéa da sua grandeza relativa : foram os orientaes os primeiros que tiveram esta lembrança, que os gregos adoptaram dos hebreus ; este povo empregava as primeiras nove letras do seu alphabeto para representar os nove primeiros numeros ; as nove letras seguintes para exprimir as dezenas até nove ; e o resto do alphabeto com mais alguns signaes particulares para indicar as centenas.

Diz-se que alguns pithagoricos inventaram e empregavam em seus calculos nove caracteres particulares, em quanto outros se serviam das letras do alphabeto ; seja como for nota-se grande analogia entre esta arithmetica particular e a que hoje se emprega, e cujo engenhoso systema de numeração, base da actual arithmetica, foi por longo tempo familiar aos arabes, antes de ser conhecido na Europa ; com tudo não coube a este povo a honra da sua invenção, por que elle mesmo teve a generosidade e franqueza de apresentar grande numero de provas, para mostrar que essa arithmetica lhe viera dos indios.

O verdadeiro merecimento do actual systema de numeração não consiste na adopção da base *dez*, mas sim no estabelecido valor convencional, que o logar de ordem imprime aos algarismos ; podia-se ter adoptado qualquer outra base, que combinada com o principio do valor local, daria outro systema de numeração : pertence por tanto á sciencia indagar entre tão variado numero de bases, qual seria a mais vantajosa. Como os algarismos devem ser tantos, quantas forem as unidades da base

adoptada, é evidente que quanto esta for maior, tanto mais se sobrecarregará a memoria de algarismos: entre os numeros de 1 a 23 só 12, 18, e 20 são os que tem quatro divisores, em quanto o numero 10 tem dois sómente; por consequencia teria sido muito mais vantajoso, que em logar da base *dez*, se tivesse adoptado a base *doze*: decorados mais dois caracteres para representar os numeros 10 e 11, teriamos conseguido maiores vantagens. Considerada por tanto a questão unicamente pela sciencia especulativa, deveriamos immediatamente regeitar o *systema decimal* e adoptar o *duodecimal*.

Vejamos agora a possibilidade pratica d'esta mudança; suppondo que os numeros 10 e 11 eram representados por  $\alpha$  e 6, seriam no *systema duodecimal* os valores da nova

Dezena.....	12
Centena.....	144
Milhar.....	1728
etc.....	etc.

por consequencia os numeros abaixo designados nos dois *systemas* de numeração serão equivalentes.

<i>Systema decimal</i>	<i>Systema duodecimal</i>
3643.....	2137
7547.....	4446
9754.....	578 $\alpha$

Para verificarmos se estes numeros, á primeira vista tão diferentes, estão bem escriptos em um e outro *systema* de numeração, decomponhâmos o ultimo.

Systema duodecimal	Systema decimal
5000.....	8640
700.....	1008
80.....	96
φ.....	10
578 6	9754

Se a simples representação dos números pelo systema duodecimal já apresenta ás pessoas mais illustradas alguma difficuldade na pratica ; como acreditar que se tornaria facil ao geral dos homens os calculos das operações arithmeticas mais complicadas ?

Considerando por tanto que o systema *duodecimal* introduziria na numeração alterações, que por certo seriam repellidas pelos usos e praticas seculares da numeração *decimal*, julgamos temeraria e infructuosa qualquer tentativa que se pretendesse fazer sobre a adopção d'este novo systema apesar das suas vantagens. É por tanto para lamentar que a natureza não nos tivesse antes dado seis dedos em cada mão, unico meio talvez de se ter tornado possivel o systema da numeração *duodecimal*.

Estabelecido entre todas as nações cultas o systema da numeração *decimal* ; reconhecida por todos os homens illustrados a facilidade e promptidão com que se executam as operações arithmeticas nos números decimaes, era mui razoavel a pretensão de expulsar das sciencias applicadas, das artes, do commercio, e até dos usos da vida commum, esse labirinto de complexos e de quebrados ordinarios, cujas praticas arithmeticas são tão complicadas e morosas ; por consequencia a idéa de harmonisar o systema de pesos e medidas com o systema da numeração em uso, era assaz philosophica, não podia deixar de se aceitar, e merecia que quanto antes se pozesse em pratica : entretanto

diz-se, que ha quem prefira o systema *duodecimal* para as moedas, pesos, e medidas : não teriamos certamente a menor duvida em aceitar essa preferencia, se a actual arithmetica tivesse tambem a base *duodecimal* ; na impossibilidade, como vimos, de se adoptar uma similhante base, custa-nos na verdade a acreditar, que haja alguem no tempo em que vivemos, que pretenda com uma arithmetica *decimal* estabelecer um systema *duodecimal* de medidas !! Julgamos muito mais razoavel a opinião de outros adversarios que em attenção aos usos arreigados no povo, propõe o systema da bissecção successiva das differentes especies de unidades ; este systema é em verdade tão simples, que não pode deixar de ser entendido pelos homens de cerebro mais inherte. Parece-nos que se poderia transigir com este systema, se os povos afferrados aos seus usos, resistissem obstinadamente ao systema decimal de pesos e medidas : com effeito as differentes especies de unidades, tendo sempre uma grandeza appropriada aos usos communs da vida, bastariam as bissecções successivas de  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{1}{8}$ ,  $\frac{1}{16}$ , d'estas unidades ; e como todas estas bissecções successivas são representadas por quebrados da forma  $1 \frac{1}{2^n}$ , sendo  $n$  um numero inteiro, os quaes se transformam exactamente em fracções decimaes, segue-se que ficam excluidos dos calculos arithmeticos os numeros complexos e os quebrados ordinarios, que são uma das bellezas do systema decimal de pesos e medidas.

Se toleramos por tanto nos sub-multiplos das differentes especies de unidades o systema da bissecção unicamente para os usos da vida commum dos povos, não é porque julgemos impossivel, que elles venham a intender e a acostumar-se aos sub-multiplos na razão decupla, uma vez que os governos applicuem os meios, que consistem em os educar e instruir.

FILIPPE FOLQUE.

## NOTA TERCEIRA

PAGINA 19—VERSO 4 E SEGUINTE

### MILICIA ROMANA

Refere-se Ovidio 'nestes versos á legião romana, instituição muito mais perfeita do que a phalange grega, que a precedeu, e da qual, em grande parte, tirou a origem; devendo-lhe ós romanos as vastas conquistas, com que a cidade eterna chegou a avassallar o mundo.

Como todas as instituições humanas, a legião passou por diversas phazes, aperfeiçoando-se successivamente. Seria longo e difficil seguir a passo e passo os seus progressos, até mesmo pela discordancia em que se acham os escriptores da antiguidade ácerca dos respectivos promenores; bastando talvez para a intelligencia d'este trecho dos *Fastos*, a breve noticia que passo a dar.

Como é sabido, o primeiro rei de Roma organisou militarmente a população masculina, dividindo-a em tres tribus, composta cada uma, de dez centurias de peões e uma de cavalleiros. A centuria dividia-se em dez decurias ou mós, e os seus chefes denominavam-se respectivamente centuriões e decuriões. Foi esta a primitiva legião.

O augmento da população permittiu, que da gente d'essas tribus se extremasse a mais propria para a guerra, convertendo-se as tribus em viveiros de legionarios, assim peões, como cavalleiros. divididos aquelles em quatro classes, a saber: tropa

ligeira ou velites, e tropa de linha, constando de hastarios, principes e triarios.

Os cavalleiros eram escolhidos d'entre os cidadãos mais ricos. Para velites tomavam-se os mancebos mais moços e mais pobres, os quaes, só eram admittidos a servir na tropa de linha depois de algumas campanhas, ou de haverem praticado algum acto de valentia.

Os que se seguiam em idade aos velites, eram alistados como hastarios; os mais fortes e robustos compunham a classe dos principes; e aquelles que longos serviços, ou honrosos feitos de armas distinguiam entre os hastarios e os principes, formavam a dos triarios, que era por consequencia a tropa escolhida da infantaria legionaria.

A primeira legião tinha a força de tres mil homens de infantaria, e trezentos de cavalleria; mas Romulo creou depois um corpo de outros trezentos cavalleiros, escolhidos entre os individuos das familias mais distinctas, destinando-os para o combate, e mais particularmente para guarda da sua pessoa, dando-lhes a denominação de celeres, e bem assim instituiu a classe dos velites, em numero de mil, havendo os hastarios, antes da existencia d'aquelles, desempenhado as funcções de infantaria ligeira, para as quaes, os velites foram destinados. Dos tres mil infantes, mil e duzentos eram hastarios, mil e duzentos principes, e seis centos triarios; numero este, que se conservou constante mesmo quando, pelo decurso do tempo, teve augmento o numero dos hastarios e dos principes da Legião.

Com quanto os velites formassem um corpo particular para o combate, não o constituíam para a administração; por que, para os fornecimentos e para acampar, estavam divididos nas tres classes da infantaria de linha, proporcionalmente á força numerica d'estas. Só lhes davam officiaes e officiaes inferiores, prioritivos, na occasião de combate.

Posto que a centuria constasse ao principio de cem individuos, foi depois reduzida a sessenta para os hastarios e os principes, e a trinta para os triarios. Então duas centurias de infantas d'esta força constituiram um manipulo, e desde tres até dez manipulos uma cohorte.

A cohorte comprehendia individuos das tres classes da infantaria de linha, e os proprios velites estavam tambem divididos, como já disse, em tres ordens, com suas particulares denominações.

Tres ou quatro cohortes constituiam a primitiva legião, a qual era commandada por um grande tribuno; mas quando se augmentou a força da legião, deu-se-lhe por chefe um perfeito, destinando um pequeno tribuno para o commando de duas cohortes, ou de uma só, segundo a sua antiguidade no serviço. Os manipulos e as centurias obedeciam a centuriões, postando-se o mais antigo das duas centurias de cada manipulo, que tomava a denominação particular de primipilo, á direita do manipulo, e o mais moderno á esquerda. Os decuriões collocavam-se como chefes de fila á direita da primeira fileira das suas decurias, tendo um cerrafila postado á esquerda, na fileira da retaguarda da mesma decuria.

Assim, o perfeito e o grande tribuno correspondiam a generaes de divisão e de brigada; o pequeno tribuno a coronel ou chefe de batalhão; o centurião a capitão, e os decuriões a officiaes inferiores; havendo tambem certo numero d'estes ultimos encarregados do traçado manual do campo, outros para copiarem as ordens e leval-as aos quartéis, e outros emfim destinados á nobre funcção de porta-guiões.

A cavalleria legionaria era commandada por um tribuno, ordinariamente pessoa de muita distincção. As tres centurias, divididas primeiro em decurias, o foram depois em turmas de trinta e dois homens cada uma; sendo tambem officiaes e officiaes inferiores, de denominações analogas ás da infantaria.

Os aliados de Roma eram obrigados a dar por legião um numero de cavalleiros ligeiros duplo dos da legião, e essa tropa dividia-se igualmente em turmas de trinta e dois homens cada uma.

Dezeseis turmas formavam um compacto de cavalleria denominado ala, commandado por um perfeito, cuja authoridade era muito ampla.

A infantaria da legião, que ao principio devia formar uma linha cheia, á imitação da ordem da phalange grega, ordenou-se depois em tres linhas com intervallos, sendo a primeira occupada pelos hastarios, a segunda pelos principes, e a terceira pelos triarios. Estas linhas distavam entre si desde 20 até 100 metros, segundo as circumstancias, e na mesma linha, ficavam os manipulos separados lateralmente uns dos outros por intervallos iguaes á propria frente, correspondendo os cheios da segunda aos vasio da primeira, e os cheios da terceira aos vasio da segunda. A cavalleria formava ordinariamente nos flancos da infantaria, e os velites tomavam tambem posição nos flancos, ou nos intervallos das linhas de infantaria, d'onde saíam para combater.

A ordem de batalha, assim da infantaria, como da cavalleria, era a profunda, isto é, a da primeira a dez ou a oito de fundo, e a da segunda a oito ou a quatro, tambem de fundo, segundo convinha. As filas conservavam entre si o intervallo necessario, para poderem fazer uso das suas armas.

Cada manipulo tinha um guião particular, e uma aguia doirada, arvorada na competente astea; era a bandeira da legião. Os romanos tributavam uma especie de culto a estas insignias, e esforçavam-se por defendel-as até á morte.

As armas offensivas e defensivas de que usavam os legionarios, differiam segundo a classe da tropa.

Os hastarios usavam do pilo, especie de chuço, de dez a



treze decímetros de comprimento, incluindo o ferro que era pyramidal triangular; os principes e os triarios, do meio pique, arma tambem de arremêso, mais curta do que o pilo, e os velites do arco e settas, e depois fizeram uso de dardos, de ponta muito aguda, e a astea de onze a doze decímetros de comprido, e de grossura tal, que o soldado podia abranger sete na mão. Alem d'estas armas offensivas, todos tinham a espada, que desembainhavam logo que haviam despedido as armas de arremêso.

A cavalleria tinha por armas offensivas a lança, a asta, e a espada.

Os combatentes da infanteria de linha não usavam todos das mesmas armas defensivas. Os hastarios tinham o casco ou capacete, o escudo grande, coiraças ou peitos de malha, e grêvas ou armadura das pernas. Os principes não usavam de coiraça, e os triarios não traziam coiraça, nem grêvas.

O escudo grande tinha a fórma semi-cylindrica, com treze decímetros de altura e cinco de largura; era formado de duas ou tres taboas, talhadas á maneira de aduellas, e cobertas de pelle de beserro. As extremidades superior e inferior estavam guarnecidas de chapa de ferro, para poder resistir aos golpes de talho, e a convexidade achava-se reforçada por uma chapa curva de metal, destinada a fazer resvalar as pontas das armas de arremêso dos adversarios. O escudo dos velites era redondo.

O soldado romano tinha particular cuidado na conservação do seu escudo: mettia-o 'num estojo de coiro, quando não se servia d'elle, e no mesmo escudo se lia o nome do individuo a quem pertencia, e a indicação da tropa de que era parte.

Um morrião de pelles de animaes cobria ao principio a cabeça do legionario, sendo depois substituido, com particularidade na cavalleria, por um casco ou capacete de metal, superiormente enfeitado com plumas escaletes e pretas, e seguro debaixo da barba com jugulares de escamas tambem de metal.

A cavalleria tinha por armas defensivas, além do capacete, o peito de armas, os braços, os cotos, e as grêvas; e os seus cavallos eram acobertados, isto é, revestidos de uma armação de escamas de ferro, como os catafractas gregos.

Um exercito consular compunha-se de quatro legiões, duas d'ellas recrutadas no territorio romano, e as outras duas nos paizes alliados. A força de tal exercito orçava por uns dezoito a vinte mil homens.

Quando a infantaria tinha seguros os seus flancos, a cavalleria conservava-se em reserva na retaguarda dos triarios, d'onde era facil aos seus pequenos esquadrões de oito de frente e quatro de fundo, accorrer á frente das linhas, passando pelos intervallos, que os manipulos deixavam entre si.

Os velites começavam a acção como atiradores. Quando já não podiam continuar, ou lhes era ordenado, retiravam á retaguarda da legião, passando pelos intervallos dos manipulos. Os hastarios empenhavam então o combate, avançando para o inimigo, contra o qual lançavam um dos dois pilos de que iam armados, desembainhando logo a espada, e pelejando com ella, reservando o outro pilo na propria mão que segurava o escudo, para poderem resistir á cavalleria, se esta por fim os atacasse. Se não conseguiam romper a linha contraria, ou eram repellidos, retiravam tambem pelos intervallos dos manipulos dos principes, e estes se substituiam no combate, sendo por sua vez substituidos pelos hastarios, já repostos em ordem.

Entretanto os triarios conservavam-se com o joelho em terra, cobertos com os escudos, ficando o conto dos meios piques no terreno, com a ponta inclinada para diante, formando com elles uma especie de estacada na frente da respectiva linha. Se a fortuna se declarava tambem contra os principes, estes se retiravam a pouco e pouco até aos triarios, que se levantavam então, e reuniam a si os principes e os hastarios, recebendo-os nos inter-

vallos dos seus manipulos, e formando assim uma só linha cheia e continua, com a qual se arremessavam contra o inimigo: era este o seu ultimo recurso. Nada mais terrivel aos olhos de um adversario, que julgava não ter já que perseguir senão vencidos, do que esta linha numerosa e compacta, que se lhe apresentava de improviso.

Os velites, que se tinham estendido em atiradores antes que as linhas viessem ás mãos, e que na occasião da carga effectuada pelos hastarios, se haviam retirado para a retaguarda e para os flancos d'estes, continuavam d'ali a lançar settas, em quanto durava o combate, e juntavam-se á cavalleria, para perseguir o inimigo, quando as linhas o tinham rompido e posto em fuga.

Nada ha mais engenhoso do que esta ordenança da legião, porque tudo 'nella estava calculado e previsto. Ao principio os velites preludiam a acção, conduzindo-se á frente para demorar a marcha do adversario, descobrir as suas intenções, espiar os seus movimentos, encobrir os do proprio exercito, e dar tempo a que este tome as convenientes disposições. Os soldados de nova leva, os hastarios, combatem em primeira linha, á vista de todo o exercito, prompto a applaudil-os, ou a exprobral-os. 'Nesta situação ou hão-de fazer o seu dever, ou perecer no combate, porque a fuga se torna impossivel aos que fossem tomados de medo. Seguem-se os principes, mais idosos e aguerridos que os precedentes, aos quaes, em um relancear d'olhos, podem substituir, ou combater juntamente com elles, já recebendo-os nos intervallos das suas fileiras, já avançando, para se lhes incorporarem. Finalmente resta ainda um terceiro e ultimo meio de colher a victoria: são os triarios, antigos guerreiros, que honrosas cicatrizes fazem distinguir das duas primeiras classes. Que admiração não merece a distribuição e o arranjo d'estes diferentes combatentes! Poderá haver ordem mais solemne do que a

d'estas tres linhas, promptas a reunir-se, ou a succeder-se umas ás outras ?

FORTUNATO JOSÉ BARREIROS.

## NOTA QUARTA



PAGINA 17 — VERSO 26

### MESES DA GESTAÇÃO

..... brotam  
no mez dezeno á luz d'amor os fructos

Deve ser nos mezes lunares que Ovidio aqui se refere como já tambem no 1.º livro a pag. 7, v. 6 :

Do gerar ao nascer dez mezes correm.

Só assim se podem achar duzentos e setenta dias, que é o tempo da gravidez. Durando vinte e sete dias cada uma das revoluções da lua, multiplicando por dez, teremos por producto duzentos e setenta dias, que é o tempo que as observações modernas, e mesmo já as antigas, dão á gravidez. D'aqui vem ainda contar-se muitas mulheres o tempo de gravidas pelo numero das luas, o que assim mesmo é preferivel, por induzir menos a erros, do que dar dez mezes ao estado gravido. Quando se conta por mezes, sem acrescentar outra designação mais, todos intendem os mezes solares, e 'neste caso dizer-se que a gravidez dura dez, é o mesmo que dizer que leva trezentos dias, o que só por gran-

de excepção se pode dar. Não é por certo este o sentido das palavras d'Ovidio. Não se pode acreditar que elle ignorasse o que a mais boçal romana devia saber. Na linguagem da sciencia ha differença entre o parto precoce e o prematuro. O *precoce* é aquelle em que o producto da concepção vem á luz um pouco antes do nono mez, porem como se tivesse todo esse tempo, e por tanto nas condições favoraveis para prolongar a vida. O *prematuro* é tambem parto antes de tempo, mas quando o feto não tem ainda o seu desenvolvimento acabado, supposto que já possa continuar a viver fora do ventre materno, tanto tempo quanto poderia viver um feto de duzentos e setenta dias. Tambem por excepção se tem observado o parto tardio, havendo mesmo casos, assaz raros comtudo, de vir o feto vivo aos trezentos dias de gravidez: morto, muito mais tarde pode sair: ha casos e bem averiguados de ter sido expellido alguns mezes e até annos depois do nono mez de gestação. Está admittido que ao acabar do setimo mez o feto tem adquirido a robustez necessaria para nascer vivo e prolongar a vida fora do utero. Antes d'esse tempo pode ainda nascer respirando, mas depressa succumbe. A lei franceza admitte nascimentos *viaveis* (1) aos cento e oitenta dias (seis mezes) e partos tardios de trezentos dias (dez mezes). Estas excepções foram consignadas na legislação para evitar certas duvidas de que os tribunaes se tem occupado por vezes, e cujo esclarecimento não deixa de trazer grave lesão á moralidade. — Hippocrates acreditava que o feto de sete mezes podia nascer vivo e continuar a viver, mas que o de oito succumbia necessariamente. Esta opinião, ou antes este preconceito, de Hippocrates acha-

(1) *Viavel*. Não poderá derivar de *via*, *ae*, caminho? É uma etymologia que explica metaphoricamente a peregrinação do homem 'neste mundo. Parece-nos aceitavel e por isso escrevemos a palavra *viavel* sem medo de um gallicismo. É ella preferivel a *vítavel*, que não está em uso e a *vivax* que tem differente significação.

mol-o nós ainda hoje em muita gente. Singular coincidência é esta entre um erro que conta mais de vinte e dois seculos e as crenças d'agora ! ; Por que razão se ha de ter herdado o erro 'numa serie tão longa de seculos, e se hade ás vezes ter perdido a verdade ? Hippocrates tambem já o tinha herdado, provavelmente. ; Ter-lhe-hia vindo do povo ? Seria a sciencia que o tivesse propagado ? Exemplos d'uma e outra coisa podemos achar com facilidade. Temos porem tanto amor a Hippocrates, que somos tentados a julgar que não fôra sua uma tal heresia. O que é certo, é, que podemos duvidar de que lhe pertencessem os fragmentos que vem na collecção Hippocratica com os titulos de *περι επταμηνου και περι οκταμηνου*. Erociano, medico de grande erudição, e que viveu no tempo de Nero, não comprehendeu nas obras d'Hippocrates os fragmentos citados. Plutarcho, e Clemente d'Alexandria, tão versados nas lettras gregas deram-nos a Polybio, genro d'Hippocrates. ; Mas não será da nossa parte um grande escrupulo quereremos salvar Hippocrates da responsabilidade d'uma opinião, que já no seu tempo se devia ter visto que era um erro ? Talvez o seja. Ainda as profundas lucubrações da critica antiga e moderna não poderam separar da grande collecção Hippocratica os trabalhos genuinos d'aquelle Hippocrates com quem tratou Platão. ; Quantas variantes, quantas transformações não tem tido essas obras ? Pois seja muito embora a nossa quasi idolatria por Hippocrates, que nos faz julgar que o velho de Cós não acreditasse um tal erro. Não vem d'isto mal algum ao mundo. Já que tantos tem feito Hippocrates a seu bel-prazer, seja-nos tambem permittido julgal-o ao nosso. O que podem dizer é que não temos a auctoridade d'um Suidas, d'um Sorano, d'um Tezetezes etc. É verdade ; mas havemos de dizel-o, não está mais na nossa mão. ; Pois não ha muita gente boa que vive na contemplação extatica dos idolos que a imaginação lhe cria ? Nós temos tambem um typo d'Hippocrates. Por fim talvez venha a

ser mytho. Quem sabe mesmo se o não é já. Digamos porem as razões allegadas por Polybio, ou por Hippocrates, se quizerem para se admittir que o feto que vem á luz aos sete mezes pode ir ávante, e o de oito não. Diz-se no fragmento sobre o parto de sete mezes, que quando o producto da concepção tem chegado a este periodo, cresce de repente, as membranas que o envolvem rompem-se como as das espigas do trigo, e vem á luz. Por esta doutrina parece estabelecer-se que a terminação natural do estado gravido devia ser nos sete mezes. Suppondo-a porem excepção (como realmente é) e que o feto possa continuar a estar no utero apesar de se terem rompido as membranas, e chegue aos oito mezes, então 'neste periodo julgava-se, que o feto padecia muito no ventre materno. Se pois se effectuasse o parto 'nesta occasião devia vir morto o producto, ou morreria logo que nascesse, por ter passado por duas grandes crises, uma propria ao oitavo mez, e a outra ao parto. Ora eis-aqui toda a doutrina, que ainda recebeu o nosso Amato Lutzitano, e que expoz, acompanhando-a das razões dos astrologos. Não estamos lembrados da centuria onde o nosso Amato (não sabemos se nos quererão mal por lhe chamarmos nosso, sendo elle judeu) tratou a questão; o de que estamos lembrados é que elle a tratou, por occasião de citar que as creanças que nasciam em dezembro eram pela maior parte do sexo masculino. Esperamos que nos façam a justiça d'acreditar, e acreditarão, (bem se vê pela qualidade do trabalho) que esta nota não foi escripta tendo defronte pergaminhos; pois não nos era difficil talvez achar o logar de Amato. Temol-o aqui bem perto, mas a edição é tão errada, e o latim tão macarronico ás vezes, que nos falta a paciencia para o ler. Temos ainda outra razão. O exemplar que possuímos já passou por severa censura que lhe riscou muitas passagens suppostas hereticas. O que teriam feito ao pobre medico se o tivessem apanhado! Fez elle muito bem

que se pôz ao fresco. Mas vamos ao ponto em que estavamos. Amato Luzitano depois de transcrever as doutrinas d'Hippocrates dá as dos astrologos que são as seguintes: no primeiro mez da gestação impera Saturno, o primeiro dos planetas que favorece a genitura e por ser secco a condensa, no segundo é Jupiter, no terceiro Marte, no quarto o Sol, no quinto Venus, no sexto Mercurio, no setimo a Lua, no oitavo outra vez Saturno que por ser frio e secco, prejudica agora ao feto e impedirá que viva se então nasce. Eis-aqui o que diz a sciencia dos signos, dos horoscopos, dos lunarios perpetuos etc. Ainda outras patranhas tiradas dos signaes do zodiaco traz Leonardo Fuchsio e Jeronimo Cardano, citados tambem por Amato. Em conclusão d'esta nota diremos como o arabe Avicena: « O feto vem á luz quando e como apraz a Deus. »

JOSÉ EDUARDO DE MAGALHÃES COUTINHO.

## NOTA QUINTA

PAGINA 33—VERSO 10

### O ESCRAVO

.....ali só reina  
servo fugido, que se abriu co'o ferro  
caminho ao sacerdocio; o que elle ha feito  
far-lh'e-ha outro mais forte; o grao e a vida,  
como elle os usurpou, hão-de usurpar-lh'os.

A idéa que a sociedade antiga formava dos escravos, suppondo-os privados de consciencia e de razão, e considerando-os



como existindo fora do seu gremio, ao passo que lhe carcomou o vigor das instituições, deu causa a que os historiadores e os poetas desprezassem, uns a origem principal de muitos successos capitaes da historia, outros a situação, mais que todas pathetica, d'esses homens condemnados ao martyrio de servir perpetuamente d'instrumento a uma vontade estranha e oppressora. D'esse desprezo ou antes esquecimento dos escriptores antigos, proveio uma grande falta na historia, que é necessario supprir, descrevendo não só a vida exterior do escravo, mas, com preferencia ainda, a vida intima, o character moral, e esse constante desejo de vingança, escondido quasi sempre debaixo d'enganosa apathia, mas rebentando algumas vezes em violenta explosão de cholera. Difficil, senão impossivel, parece ao primeiro aspecto a empresa. Se reflectirmos, porem, em que, afóra as poucas paginas que nos legaram os historiadores, ha tambem, como subsidios para quem se votar a um tal trabalho, as leis e as ruinas d'esses tempos, e as instituições, os costumes e as idéas, que d'elles herdámos e que por desgraça conservâmos, veremos que é possivel sem muito custo, e a exemplo do que os naturalistas tem feito com o mundo antediluviano, averiguar qual foi a existencia do escravo, e reintegral-o, para assim dizermos, na sua miseria moral. Não se julgue, todavia, pelo que deixamos escripto, que nos atrevemos a tratar agora, com a rapidez que exige este trabalho, materia tão interessante e quasi inexgotavel; nós apenas promettemos traços e ligeiros toques que esbocem as feições principaes d'esses entes para quem o espaço e o futuro estavam igualmente cerrados, e que constituiañ a maior parte e a mais laboriosa da população antiga.

Ha poucos annos que um livro excellente, apresentando o spectaculo repugnante e lamentavel da vida do escravo na America, excitou os animos contra essa monstruosidade horrivel, execravel, maldita, da posse de um homem por outro homem.

Juntemos ás scenas descriptas 'nesse livro a crueldade natural, as opiniões erroneas, os habitos ferozes, os vicios abjectos e as leis de sangue que assignalaram o mundo pagão ; tornemos mais deploraveis as victimas, lembrando-nos de que eram em geral homens livres e ás vezes grandes engenhos os que, perdendo a patria, a familia e a liberdade, se viam sujeitos á maior das misérias, e só assim poderemos conceber esse drama lugubre que por tantos seculos se representou no mundo inteiro.

O aviltamento proveniente do estado servil devia produzir necessariamente no coração e no espirito dos escravos o desprezo de si mesmos e a depressão das proprias forças. De feito, não fallando já dos que eram destinados para misteres infames, cruentou ou ridiculos, vemos, ainda assim, homens tidos por iguaes ou pouco superiores aos brutos, comprados e transferidos como qualquer mercadoria, privados dos direitos naturaes e civis, domados systematicamente para um trabalho violentissimo, conhecidos apenas pelo nome de seus donos, sem protecção contra o insulto, sem repouso nem recompensa, não excitando jámais a compaixão, e castigados com espantosas sevicias pelo minimo delicto. Reduzidos a um tal estado, e vendo a escravidão admittida universalmente como dogma politico, esses infelizes não podiam deixar de julgar-se envilecidos e inferiores na realidade aos homens livres. Tal foi o motivo, por que nas suas proprias revoluções nunca se atreveram a contestar abertamente o principio que os escravisava, e apenas se limitaram a protestar contra os maus tratos de que eram victimas. Tal foi tambem a razão por que nunca tentaram abusar da liberdade que lhes era concedida, uma vez por anno, na soltura das saturnaes ; liberdade que lhes tornava ainda mais dura a severidade usual do regimen que os opprimia. Tal foi enfim uma das causas por que tiveram sempre o mesmo resultado, isto é, a ruina completa e irremediavel, essas revoltas começadas com tão bons auspícios e repetidas em tão differen-

tes épocas. Só depois de exacerbados os animos pelos vilipendios mais affrontosos, e pelas crueldades mais deshumanas, é que os escravos se atreviam a tentar eximir-se da sua miserrima condição; reis de um dia, porem, não sabiam que fizessem da victoria, tinham horror ao vacuo do seu triumpho, e racatam afinal, desfallecidos e desesperados, no poder dos inimigos.

Outros defeitos, que podemos chamar essenciaes á condição servil, influiam no character moral do escravo, e explicam-nos, melhor que os annalistas, alguns periodos da vida exterior da sociedade. Assim esses captivos, affeitos a verem os seus direitos sempre postergados, tinham naturalmente sobre a justiça as idéas mais confusas e contradictorias, e não admira que nem sequer respeitassem os mais sagrados direitos. A desconfiança de seus donos tornava-os negligentes, dissimulados, mentirosos, embusteiros. Os ultrages, as violencias, os supplicios, que soffriam, mantinham um rancor profundo no coração d'esses homens, que por unico desagravo apenas podiam deixar correr alguma lagrima furtiva, e que eram obrigados, para cumulo de miseria, a beijar com humildade a propria mão que os feria. Encurralados promiscuamente no mesmo carcere, homens e mulheres entregavam-se á mais brutal sensualidade. Privados enfim da familia, ou receando a cada momento vel-a prostituida, martyrisada, extincta por um mero capricho, ou por um sordido interesse dos senhores, os escravos não possuíam esse talisman poderoso, germen de toda a virtude, que nos dá resolução e constancia para o trabalho, alivio nas fadigas, conforto e resignação na desgraça, crença e esperança no porvir, bondade e alegria na alma, e que nos juvenesce e reanima 'nessa desejada resurreição a que chamamos descendencia.

Isso, porem, ainda não é tudo. A escravidão não actuou sómente sobre os servos, paralyzando-lhes as forças e pervertendo-lhes os sentimentos; actuou tambem sobre os senhores, nutriendo

ruins paixões e os vícios que as acompanham. O habito de submeter alguns homens a uma vontade despotica, inflammando as inclinações altivas, orgulhosas, egoistas da nossa natureza, generalizou, por exemplo, a desenfreada ambição de dominar. A devassidão extrema da sociedade antiga tambem procedeu da escravidão. No meio das tentações, a que os expunha a vista e o trato quotidiano de mulheres sem pudor nem protecção, os jovens eram arrastados para o vicio por um impulso irresistivel; os excessos dos primeiros annos preparavam os crimes da idade madura e os desvarios da velhice; e a felicidade das familias, a santidade do lar domestico, a dignidade pessoal, os deveres publicos, era tudo sacrificado á irritação dos appetites lascivos e á depravação geral. Assim se explica o poder das famosas meretrizes da Grecia e de Roma, a conspiração das bacchanaes, as festas ignóbeis em que matronas illustres simulavam delirios de prostitutas, os repetidos divorcios, os tolerados adulterios, as paixões hediondas que a penna não se atreve a descrever. Finalmente, o direito de propriedade absoluta, que os senhores tinham sobre os servos, contribuiu em grande parte para despertar instinctos de crueldade; cuja manifestação nos parece hoje impossivel, e que comtudo se acha provada pela certeza que dá a autoridade e pela que dá a razão: pela que dá a autoridade, por que, como nos referem contestes os historiadores, o mais leve delicto do escravó era punido como um grande crime; pelo que nos mostra o raciocinio, por que, para comprimir a maxima parte da população na ignominia, na miseria, no trabalho sem recompensa, no desamparo da familia, na sujeição completa da vontade, era indispensavel, como o é ainda hoje na America, a intimidacão permanente, effectuada por leis atrozes, restricta e rigorosamente, applicadas.

Tal é em resumo a influencia geral que teve a escravidão na sociedade antiga. Pelo que toca á vida exterior dos escravos,

diremos também algumas palavras, mas só quantas bastem para rematar o delineamento d'este quadro. A escravidão foi na sua origem, como tem sido sempre os grandes phenomenos historicos, um passo agigantado do progresso, porque veio substituir a morte inevitavel a que o vencedor condemnava d'antes o vencido. Não nos embrenhando, porém, no labyrintho d'esses tempos, cuja barbaridade coabecemos, não pelas noticias historicas, mas pela falta d'ellas, vemos a escravidão instituida e radicada nos povos desde a India, dirigida por uma theocracia tyrannica até ás cidades da Grecia que mais se preservam de livres. Roma também teve escravos, e é d'elles especialmente que fallaremos, não só porque a indole d'este escripto nos não permite um discurso mais amplo, mas também porque nas leis e costumes romanos se reproduzem os caracteres geraes da servidão, e porque, constituindo este trabalho uma nota aos *Fastos* de Ovidio, é justo que trate especialmente do que lhes diz respeito.

Julgando os romanos que a escravidão significava a situação do captivo a quem o vencedor poupava a vida como um despojo, ou a do homem livre, que, vendendo-se a si proprio, não reservava um só dos seus direitos, o escravo era com razão considerado entre elles plena propriedade de seu senhor. D'ahi provinha que o simples arbitrio do senhor decidia sem restricções do castigo do servo, que pela mais leve culpa, e ás vezes até sem ella, podia ser retalhado pelas varas, precipitado n'um abysmo, cravado na cruz, queimado a fogo lento, morto de fome, ou suspenso no ar em ganchos de ferro para ser devorado semi-vivo pelas aves de rapina.

Distinguiam-se os servos pelas qualificações de publicos e particulares. Os primeiros, pertencentes ao estado, dividiam-se em duas classes: uma, a dos menos humildes, compunha-se dos carcereiros, lictores, serventes dos magistrados etc.; a outra, a dos infimos, constava dos operarios encarregados da limpeza dos

aqueductos, da reparação das estradas, do serviço das galés, da cultura dos campos, da construcção dos edificios. Os particulares tambem se dividiam em rusticos e urbanos; os primeiros lavravam as terras, trabalhavam nas minas, conduzião os rebanhos e povoavam os extensos latifundios de seus opulentos senhores; os segundos, sob innumeraveis designações, exerciam nas casas e nas officinas das cidades os serviços e misteres, que a soberba do povo rei conculcava, e que todavia eram necessarios para sustentar a portentosa ostentação do seu modo de viver. Alguns d'entre esses escravos eram escolhidos para os officios mais abjectos e obscenos, outros para os cruentos combates do circo, outros, em fim, para verdugos dos seus socios no infortunio. A sorte das mulheres ainda era mais horrivel. Supportando os caprichos, a colera, o ciume e a brutalidade feroz das matronas romanas; tendo que prostituir-se á luxuria dos seus donos; á dos seus companheiros no ergastulo, ou á devassidão nos lupanares; não conhecendo do amor senão a momentanea excitação dos sentidos; vendo arrancarem-lhes os filhos para serem vendidos a estranhos; ou martyrisados ignobilmente,; que inquietações, que angustias; que dores immensuraveis, não padeceriam essas infelizes?

Crescendo o numero dos escravos com as conquistas successivas; com a dissolução dos costumes, e com o exercicio da piratagem, não devem causar espanto as tentativas de reacção que chegaram a intimidar a capital do mundo. Esses arranços, porrem, da raça captiva; anciosa de quebrar os ferros, foram todos, como já dissemos, impotentes para extinguir o flagello que tanto concorreu para a rapida decadencia dos dominadores da terra. Só o lento influxo da civilisação fortalecida pelo evangelho poude suavisar a principio e destruir depois na Europa essa instituição detestavel. Entretanto ainda no v. seculo, conforme affirma Salviãno, as disposições que abrogavam o direito de vida e morte

exercido pelos senhores sobre os servos eram muitas vezes illudidas, porque encontravam a resistencia de habitos e paixões enraizadas e geraes.

Hoje as idéas progressivas e os sentimentos philantropicos, posto que não hajam conseguido abolir de todo a escravidão, tem não obstante aniquilado inteiramente as subtilezas, os sophismas e as mentiras que pretendiam justificar-a; e pouco tardará a época, em que, triumphando a razão contra os preconceitos, e a realidade contra as tradições caducas d'uma organização social já impossivel, os povos reconhecerão, inspirados pelo amor da justiça, que lei nenhuma pode legitimar o aviltamento da humanidade, produzido por esse eterno captiveiro de milhões de individuos, creados para ser livres, e abatidos, por uma intoleravel tyrannia, á qualidade de coisas destituidas de razão e dignidade. Entre as nações modernas a Gran-Bretanha, a defensora natural da liberdade, essa terra da nobre raça anglo-saxonia, foi o paiz que encetou a extincção total da escravidão nas colonias; seguiu-se-lhe a republica franceza de 1848, que por um decreto, só por si sufficiente para tornar immortal o governo provisorio, libertou os escravos e indemnizou os colonos; e é tão fecundo o poder da liberdade que até o imperio dos czares, reconhecendo as grandes vantagens do trabalho voluntario, trata de emancipar os seus servos. Portugal, que foi o primeiro povo que reforçou os generosos esforços da Inglaterra para abolir o trafico infame da escravatura, providenciou tambem ultimamente de modo que se extinguisse em poucos annos o estado de escravidão nos seus dominios; e graças ao nobre empenho do sr. visconde de Sá, demos este exemplo mais de sabedoria e humanidade a algumas das maiores nações.

IGNACIO FRANCISCO SILVEIRA DA MOTA.

## NOTA SEXTA

PAGINA 38—VERSO 11

### ELICIAÇÃO DO RAMO

A mythologia ou fabula que os homens superficiaes e ignorantes consideram como uma especie de romance irregular, desconnexo, mentiroso e deshonesto, é aos olhos do philosopho a expressão figurada e poetica de mil verdades utilissimas, que a fantasia dos poetas engrinaldou de flores, e que as tradições populares foram a pouco e pouco alterando até nel-a tornarem quasi inintelligivel.

Assim como o geologo, examinando as camadas da terra irregularmente dispostas e profundamente alteradas pelos cataclysmos do globo, procura descobrir o segredo da criação; assim como o ethnografo, adivinhando os symbolos com que a sciencia dos egypcios pretendeu zombar da curiosidade do vulgo, deseja enriquecer a historia e revelar ao mundo segredos tão pertinazmente guardados; assim como o antiquario, revolvendo as ruinas das cidades que jaziam occultas sob o solo, e o numismatico soletando as medalhas pretendem illuminar com melhor luz as trevas da historia dos tempos passados; assim o philosopho moderno, apreciando o que a Grecia e Roma quizeram dizer no immenso poema das suas mythologias faz um valioso serviço á humanidade, a qual é una e solidaria comsigo mesma; desafronta-a de aleivosas ou estultas inculpações; neutralisa a obra de escriptores e mestres, ignorantes e fanaticos, mas acreditados,



os quaes em toda a parte, e desde longo tempo, hão dito que só mentiras e impiedades se contêm 'naquellas paginas, mysteriosas é verdade, mas riquissimas de factos históricos, como eram cheias de moral e de sciencia as parabolos de Christo.

Não é para as forças d'um só homem desembaraçar os fios da grande teia que tantos engenhos sublimes teceram em paizes em que tudo concorria para accender a imaginação, e onde esta coloria com suaves e variadissimas cores todos os assumptos, dando-lhes umas vezes a forma suave do idyllio e da elegia, outras a popular e quasi infantil do conto e do apologo, outras o entono da tragedia e da epopéa.

Muito se tem escripto sobre o assumpto; mas força é dizel-o, mais vezes superficial e erradamente do que com a elevação, criterio e verdade, que a materia, requeria, e não dispensa.

Nas mãos da puericia andam numerosos compendios e dictionarios de mythologia que, longe d'esclarecerem os leitores a que mais particularmente são destinados, os confundem e os inhabilitam de verem a luz, porque anhelam, atravez das nuvens que lh'a encobrem, e que parece muito de proposito lhes não quizeram dissipar.

Não seremos nós que aplanemos tamanhas difficuldades, e empreendamos tarefa para a qual muitos intendimentos grandes seriam ainda mingoados. Nem os proprios cabedaes, nem a occasião, embora tivessemos substancia para tanto, nol-o permittem.

O assumpto ácerca do qual vamos discorrer está consignado no bello periodo em que o poeta dos *Amores*, o cantor dos *Tristes*, descreve a eliciação do raio, ou antes a eliciação de Jupiter.

No que dissermos usaremos da liberdade philosophica.

Felizmente, já não é moda ser espirito forte; mas, o que jámais deixará de ser moda entre gente sensata, é fallar verdade e collocar o intendimento acima de tudo.

Indiquemos os pontos que nos parece merecerem mais serio estudo relativamente á eliciação do raio.

1.º Que era o Jupiter dos antigos, e quizes os seus attributos; 2.º porque o consideravam armado do raio; 3.º que idéa faziam os antigos do raio, e dos seus effeitos; 4.º em que consistia a eliciação; 5.º que relação pôde haver entre a eliciação dos antigos, e os meios que a sciencia moderna possui para dirigir o raio; 6.º que relação ha entre os conjuros que os pagãos empregavam para evitar o raio, e as praticas do vulgo d'hoje e mesmo as asconjuracões empregadas pela igreja com o mesmo intuito.

1.º Era Jupiter o deus supremo dos gregos e latinos. Nenhuma divindade o excedia na grandeza e na virtude. Era por excellencia o optimo e o maximo. Á sua voz, a um simples aceno de seus olhos illuminados d'uma luz deslumbrante obedeciam submissos os celicolas todos.

Foram seus pais Saturno filho do ceo, a quem a Italia deveu os venturosos dias da idade d'ouro, e Cybele, a Magna mater, a que muitos chamaram Ops e Rhéa, symbolizando nestes nomes o seu grande poder prolifico. Micenas, Olenos, Egos, a Beocia, a Arcadia e Creta disputaram entre si a honra de tel-o visto nascer.

Em quanto Saturno digeria a pedra ahadir, ou bétyle, que sua mulher lhe offerecêra envolvida em cueiros para enganar a sua sacrilega voracidade, era Jupiter amamentado pela cabra Amalthea, amimado pelas ninfas, filhas do rei Melisso, e seus vagidos encobertos pelas danças tumultuosas dos Coretes.

Quando a idade e as forças lh'ò permittiram, fez Jupiter sciente a Saturno de que tinha 'nelle um successor.

A vingança de Titan contra Saturno inflamou-lhe os brios, e eil-o lançado na carreira gloriosa que o devia conduzir á conquista do sceptro do Olympo.

À frente dos Cyclopes investe com os Titanes; fulmina-os, derruba-os do ceo, onde sacrilegamente haviam chegado, e os sepulta sob os mesmos montes que haviam sobreposto para lhes servirem de escada.

Passado algum tempo, empunha de novo as armas contra seu pai, que a ambição incitára a guerreal-o. Vence-o, expulsa-o do Olympo, e se manifesta, qual nol-o representa em sublimes versos, conforme com Homero, Virgilio, e todos os antigos, o immortal cantor dos *Lusiadas*.

O poder de Jupiter não tem por limite os terminos cellestes.

Na terra e no inferno sente-se a miude o poder d'aquelle braço :

«Que vibra os féros raios de Vulcano.»

Que o digam Ixion, Tantaló, Salmoneo, Prometheo, Lycaon, Esculapio, Capaneo, Idas e quantos outros !

Muitas foram as deusas, ninfas e simpleses mulheres que lograram os carinhos do pai dos deuses e rei dos homens. Todos conhecem a historia de Mnemosine, Themis, Latona, Proserpina, Semele, Europa, Leda, Danae, Ino, Calixto, e Alcmena, para não citarmos duzentas outras.

De tantos e tão variados amores houve Jupiter numerosa descendencia.

Foram seus filhos Hebe, a formosa e envergonhada; Vulcano, o disforme; Venus, a dissoluta; Apollo, o poeta, musico, medico, vaticino, e frecheiro; Diana, a casta; Mercurio o inventor da lyra, o mensageiro allado, o conductor das almas, o jocoso empalmador, e patrono dos negociantes; Baccho, o agricultor; Hercules, o inquebrantavel; Minerva, deusa da sabedoria, das artes e da guerra; Pollux, Perseu e quantos outros. Tal é o indice da historia do maior dos deuses.

Por mais absurda e licenciosa que pareça, á primeira vista,

entrevê-se 'nella copia immensa de factos verdadeiros na substancia, mas profundamente adulterados pela fantasia greco-romana.

Seguir por entre tão confuso labyrintho para extrair perfeita a verdade é hoje impossível. O que, porem, se pode affoitamente dizer é que Jupiter era para os pagãos o ente supremo, a quem na nossa linguagem singela e positiva chamamos Deus.

Quando outros argumentos não houvera (que os ha) para prova do que fica exposto, bastava para nos convencer o que se deduz da etymologia do nome do inclito filho de Saturno. As raizes (*Zev* e *Jov*), que nas linguas grega e latina dizem Jupiter, e que quasi se confundem uma com a outra, acham-se quasi identicamente 'num grande numero de linguas, para designarem o Ente Supremo.

Por assim o considerarem, é que os antigos o representavam e invocavam, como hoje fazemos a respeito do Verbo Divino, sob formas e titulos variadissimos.

Se Jupiter não symbolisase a luz, a providencia, a caridade, o valor, etc., não o teriam cognominado *Pai do dia* ou *Luz*, *Maximo*, *Optimo*, *Hospitaleiro*, *Stator*, *Tonante*.

2.º Uma religião ideal, metaphysica, isenta de todas as formas exteriores é quasi impossível.

O homem, talvez pela sua natureza terrena, carece de materialisar até, o que é mais sublime e incorporeo, para que o seu espirito não desvaire, e para que, buscando como Icaro elevar-se muito, se não despenhe nos abysmos da ignorancia.

Necessita o espirito, se nos é licito dizel-o assim, d'uma especie de mordente, que o prenda ás coisas em que tem de occupar-se. Se essas coisas são corporeas, 'nellas se apascentam os sentidos e com estes a alma; se o não são, é forçoso imaginallas taes, se bem e profundamente, e por muito tempo, as queremos considerar.

D'esta necessidade, que muitas vezes se pode ter em conta de defeito da nossa natureza, nasceram as artes bellas, e a parte mais dominativa do culto, entre todos os povos, que a civilisação tem illuminado. Nesta mesma necessidade teve origem a idolatria, com todos os seus desvarios.

O homem prostrado diante do sol e diante de Priápo, reconhecia a benefica influencia da luz, do calor e da força generica, elementos primitivos da felicidade material.

Humilhado diante dos irrationaes e das plantas, prestava homenagem á grandeza, á industria, ao trabalho, á força e á providencia do Ente Supremo, symbolisadas nas suas tão variadas e tão admiraveis producções.

Se a ignorancia parava nas apparencias e se não elevava da contemplação da creatura á do Creador, erro era esse que ainda hoje existe e com o que até a sabedoria da Igreja teve em certo modo de contemporisar.

Corporificada qualquer das divindades que se imaginou povoarem o Olympo, forçoso foi cercal-a d'attributos corporeos tambem, que indicassem as suas mais preclaras virtudes, das quaes pouco conceito se poderia fazer pelo simples exame do seu gesto e postura.

Neste ponto, a fantasia dos antigos, não mais desregrada que a de muitos estatuarios e pintores sacros dos nossos tempos, combinou quasi sempre o rigor da verdade com as liberdades da poesia e com as grandezas da arte.

É o que se nota nos attributos de Jupiter, como vamos observar. Foram elles, principalmente, a aguia, o sceptro, a victoria, o corno da abundancia, e o raio.

É a aguia desde remota antiguidade, considerada rainha das aves. De corpulencia agigantada, velocissima, e sobremodo audaz no vôo, podendo affrontar impune os raios do sol, armada de bico forte e adunco, e de garras muito robustas, implacavel

para com os seus inimigos, reúne todos os requisitos para ser havida por ministro de Jupiter, de cujas qualidades é uma especie de sombra, assim como na religião que professámos se representam os mensageiros da Divindade umas vezes sob a forma de candidos pombos, outras sob a apparencia de meninos rochunchudos e bellos, vestidos com alvissimas roupas, librando-se em azas d'ouro e prata.

Jupiter era a allegoria de Deos, que é por excellencia, a força, a magestade e o poder. A aguiã era a allegoria de Jupiter.

Foi por assim a considerarem, que os persas, no tempo de Cyro, a figuraram em seus estandartes; que Mario determinou que fosse ella o guião das legiões do povo-rei; Carlos Magno a adoptou por emblema, e modernamente a usou Napoleão I.

É clara a razão por que deram a Jupiter o sceptro, e por que lhe attribuiram a victoria e a abundancia. Mas que motivos houve para que o armassem com o terrivel e tonitruoso raio?

Vejamos. Antes d'entrarmos 'nessa indagação, fique já aqui declarado, sem offensa do filho de Saturno, nem quebra da sua dignidade, mas só para socego da nossa consciencia, que os etruscos acreditaram que nove deuses tinham o poder de lançar raios; que d'estes havia onze especies; e que o manejo de trez d'ellas pertencia exclusivamente a Jupiter.

Os romanos só duas especies de raios admittiam. Tinham como certo que de dia era Jupiter que os vibrava, e de noite os arrepassava Summano, deus que alguns mythologos affirmam ser mais temido e reverenciado que o proprio Tonante.

Dito isto, continuemos.

De todos os fenomenos naturaes exceptuados os terremotos, as grandes innundações e as repentinas subversões do solo, o que mais profundamente commove o espirito humano é sem contradicção o das trovoadas. Tudo 'nelle é grande, solemne e horrifico!

A natureza animada e a inanimada parece que adivinham a sua aproximação, a temem e a procuram evitar. Tolda-se de negras e espessas nuvens a atmosphera; escondem-se os astros, e, ou se desencadeiam furiosos os ventos, ou se detem subito a viração, e um ar morno e pesado opprime os peitos e fatiga os membros.

As aves, vendo enluctado o ceo, e como que temendo uma grande catastrophe voam espavoridas, rossando quasi os peitos pela terra, e se refugiam nos seus ninhos soltando lastimosos pios.

Nos campos os armentos dão inequivocos signaes de tristeza e susto; e até as proprias féras parecem horrorisadas com o perigo imminente.

Para logo, um sulco de fogo atravessa o espaço, deslumbrante e ameaçador; após elle a escuridão dos abysmos, e logo um estrondo immenso, longo, aspero, aterrador.

Tremem os montes, repercutindo aquelle fragor sinistro. Repetem-se as horrisonas descargas; allumia-se a espaços a atmosphera com sulfureos clarões; para alem da caliginosa abobada a todos se affigura um oceano de fogo.

Este, dos quatro elementos da antiga fisica o mais destruidor, desce impetuoso á terra sob aspectos variadissimos, derramando por toda a parte assolação e morte. Aqui trepida e rola um immenso penedo; ali reduz-se a pó e cinzas um edificio; acolá caem para jámais se erguerem os miseros que o raio tocou.

'Numas partes as aguas, como que assustadas retrocedem no seu curso, 'noutras rebentam impetuosas dos penhascos que o trovão abalou nos fundamentos.

Ás agonias da terra accrescem as do mar. Agitam-se as aguas, enbravecem-se, erguem-se em montanhas até ás nuvens, separaram-se abrindo immensos abismos que ameaçam submergir os fracos lenhos, e logo, como que impellidas por uma força infernal se levantam turvas e escumosas como que para devorar

rar os continentes e arrastar para as suas profundas os desvalidos mortaes.

No meio de tamanha calamidade que coração haverá tão de bronze que se não sinta profundamente commovido, e não se horrorise contemplando a apparente desordem dos elementos, que fazia dizer a um dos maiores doutores da Igreja que sempre se devia temer o Creador, mas principalmente quando trovejava? Nenhum por certo.

Foi este sentimento de natural temor, a convicção da propria fraqueza, a ingenita tendencia do homem para reconhecer o poder da divindade, quando uma grande desgraça lhe abate o orgulho, que levou os antigos a considerarem as trovoadas como manifestações da ira do pai dos deuses, o raio como o instrumento das suas vinganças, e a implorarem a sua benevolencia por meio de ceremonias religiosas, como hoje implorâmos o favor divino nas grandes e pequenas calamidades.

A idéa de attribuir o raio a Jupiter, ou em linguagem mais sincera, a crença de que era o raio a arma de que a Divindade se servia, não só para castigar os crimes dos homens, senão tambem para dar realce á sua magestade, não foi privativa dos povos, cuja religião tinha uma origem falsa e absurda.

Numerosos são os logares do velho e novo Testamento em que se attribue a Deus, ao Creador do ceo e da terra, o uso do raio e do trovão 'num estylo que (sem quebra do respeito que temos ás paginas inspiradas) nos aviva reminiscencias do que os pagãos attribuiam a Jupiter. Poucas citações, das muitissimas que poderiamos fazer, bastarão para convencer os menos familiarizados com a Biblia.

Oiçâmos o rei propheta, dando a Deos graças pelo haver livrado de todos os seus inimigos :

« Na minha tribulação invocarei o Senhor, e clamarei ao  
« meu Deus : e elle ouvirá a minha voz lá do seu templo, e o  
« meu clamor chegará aos seus ouvidos.



« Commoveu-se a terra e estremeceu; os fundamentos dos  
« montes foram agitados e abalados, porque se irou contra elles.

« O fumo de seus narizes se elevou ao alto, e fogo devorador  
« sairá da sua boca; por elle serão accessos carvões.

« Abaixou os ceos e desceu; e a escuridade debaixo de seus  
« pés.

« E subiu sobre os cherubins e voou; e desceu sobre as azas  
« dos ventos.

« Pôz trevas ao redor de si para se occultar, joeirando as  
« aguas das nuvens do ceo.

« Pelo esplendor da sua presença se accenderam carvões de  
« fogo.

« O Senhor trovejará do ceo: e o Altissimo fará soar a sua  
« voz.

« Disparou settas, e dissipou-os; raios, e consumiu-os. »

No Exodo lê-se que, determinando Deos castigar a contumacia de Faraó com setima praga, dissera a Moysés que estendesse a sua mão para o ceo, para que chovesse pedra em todo o Egypto sobre os homens, sobre os animaes, e sobre toda a herva dos campos, e que obedecendo Moysés, o Senhor despedira trovões, pedra e raios, até que Moysés ergueu de novo as mãos, por se ter mostrado constricto o rei.

Quando a Deus aprouve dar ao seu povo a lei escripta, cercado de todo o esplendor da magestade, com que mais se deveriam impressionar as turbas, passou-se no Sinai uma scena verdadeiramente aterradora.

Oiçamos o historiador sagrado:

« Era chegado o terceiro dia; começam a ouvir-se trovões e  
« a fusilar relampagos. Uma nuvem muito espessa cobriu o mon-  
« te, e um som de busina muito forte atroava o ar. O povo que  
« estava no arraial presenceava aquelle spectaculo cheio de te-  
« mor.

« Todo o monté fumegava, porque tinha descido a elle o  
« Senhor no meio de fogos; e do mesmo monte, como d'uma  
« fornalha, se elevava fumo ao alto. »

No psalmo noventa e seis canta o rei propheta a grandeza  
de Deus do seguinte modo :

« Nuvens e escuridão cercam o Senhor, justiça e juizo são  
« a base do seu throno.

« Fogo irá diante d'elle e abraçará ao redor os seus inimigos.

« Allumiarão os seus relampagós a redondeza da terra. »

Quando Zacarias prophetisa a destruição dos syrios, phenicios  
e philistheos e os beneficios de Deus para com o seu povo, ex-  
prime-se d'este modo :

« O Senhor Deus se verá por cima d'elles, e despedirá os  
« seus dardos como raios, e os animará com o som da trombeta,  
« marchando entré os redemoinhos do meio dia. »

No Apocalipse diz o apostolo que vira sair do throno, que  
lhe foi patenteado no ceo, relampagos, vozes e trovões.

Quando o Cordeiro abriu o setimo sello do livro mysterioso,  
um anjo tomou um thuribulo de oiro, encheu-o de fogo tirado  
do altar, lançou-o sobre a terra; e logo se ouviram trovões, vo-  
zes, relampagos e um grande terremoto.

Os mesmos prodigios presenciou o desterrado de Patmos,  
quando aberto o templo se lhe patenteou a arca do Testamento,  
e quando o setimo anjo derramou o calix que empunhava pela  
vastidão do ar.

No sonho de Mardoqueo, e no cantico de Anna, mãe de Sa-  
muel, memoram-se iguaes portentos.

Ou os passos que ficam expostos, se tomem no sentido natu-  
ral (como a muitos convem), ou no figurado, a unica conclusão  
que se pode tirar, é que foi esta crença religiosa, uma das que já  
tinha aventado a mais remota antiguidade.

3.º Ignoraram completamente os antigos o que o raio fosse.

É o que se deduz da leitura de todos os autores que trataram nos tempos remotos d'um tão notavel meteor. Nem admira que assim acontecesse, attendendo ao atrazo em que então estavam as sciencias phisicas, relativamente ao estado a que tem chegado de dois seculos a esta parte.

É curioso o que dizem a tal respeito os escriptores latinos. Citaremos apenas alguns passos de Plinio, que com quanto seja tido por muitos criticos na conta de um grande mentiroso, ou credeiro, se deve estimar como um incansavel collecter de factos que, a não ser elle, completamente ignorariamos.

Diz aquelle escriptor no livro 2.º da sua *Historia Natural* o seguinte que textualmente copiamos: « Distinguem-se muitas « especies de raios. Os que são seccos não consomem, dispersam ; « os que são humidos não queimam, ennegrecem. Ha terceira es- « pecie : são os raios claros, de natureza extraordinaria ; despe- « jam os toncis sem os offenderem, e sem deixarem signal da « sua passagem, fundem o oiro, o estanho, e a prata contidos « 'num sacco, sem o queimarem, nem damnificarem os sêllos de « cêra. »

'Noutra parte diz: « Não contestarei que os fogos das estrel- « las podem cair de cima sobre as nuvens, como se vê muitas « vezes no tempo sereno. É certo que o choque d'estes fogos « abala o ar. É por isso que elles sibillam no seu trajecto. Quan- « do chegam ás nuvens, ha formação de vapor, com estrondo es- « tranho, como quando se mergulha em agua um ferro quente, e « se forma um turbilhão de fumo. D'aqui nascem as tempesta- « des. Se nas nuvens ha lucta do ar, ou do vapor, ribomba o tro- «vão ; se ha erupção ardente, rompe o raio ; se ha esforço pro- « longado em grande espaço, brilha o relampago. »

Ainda 'noutro logar explica Plinio o fenomeno das trovoa- das. « Ignora-se geralmente (diz elle) que por uma observação « attenta do ceo, os sabios tem estabelecido que os tres planetas

« superiores projectam fogos, que, caindo sobre a terra, se chamam raios.

« Estes fogos provêm principalmente do planeta intermedio, talvez porque recebendo um excesso de humidade do circulo superior, e um excesso de calor do circulo inferior, se des-  
« embarça d'este modo; por isto é que se tem dito que Jupiter  
« arremessa o raio.

« Assim, do mesmo modo que a madeira inflammada projecta  
« um carvão com estampido, assim o astro projecta um fogo celeste que traz presagios, porque as operações divinas não cessam na parte projectada. É principalmente quando o ar está  
« agitado que se manifesta este fenomeno, porque as humidades  
« retidas na atmosphaera provocam a emmissão d'uma fogo abundante, ou porque a perturbação é devida a uma especie de  
« parto do planeta. »

Tudo o que Plinio aqui disse é para nós um enigma, ou antes uma serie de absurdos.

Em geral, confunde os effeitos do raio com a sua essencia; em especial attribue a sua origem, e consequentemente a sua essencia, a elementos, que de modo nenhum poderiamos admittir concorressem para a sua producção, embora ignorassemos qual fosse a sua verdadeira causa. Por entre a obscura e erronea explicação do meteor, que quiz descrever, entrevesse que Plinio confundiu ás vezes fenomenos meteorológicos, que hoje se designam mui especialmente. Se nos não enganamos muito, os *fogos das estrellas* não são outra coisa senão as bolides, ou estrellas cadentes.

Mas, se o são que parentesco poderiam ter com os raios e relampagos? Nenhum. Plinio, não foi um genio creador, como Lavoisier, como Descartes, como Newton, capaz de se elevar acima das crenças scientificas do seu tempo. Disse o que os seus antepassados e contemporaneos julgavam ácerca dos fogos atmos-

phéricos, e para sermos justos, devemos confessar que 'nisso mesmo nos fez um bom serviço.

Em Virgilio e 'noutros escriptores lê-se a descripção poetica do raio que os cyclopes fabricavam. Segundo o grande epico latino, entravam na confeição da temivel arma de Jupiter tres partes de agua gelada, tres partes de agua liquida ou chuva, tres partes de ar, e tres de fogo.

É provavel que os poetas pretendessem symbolisar 'naquella fabula os elementos meteorologicos que, simultanea ou alternadamente, acompanham o meteo-ro igneo.

Tudo o mais que os expositores tem dito a respeito do que os antigos pensavam ácerca do raio é tão futil, que o não adduziremos para aqui.

Os effeitos da electricidade atmospherica não poderam ser ignorados em tempo algum.

Plinio, como já vimos, menciona o poder dissolvente que o raio tinha sobre os metaes, e a dispersão e ennegrecimento que podia produzir sobre os corpos.

Era crença geral entre os romanos que o loireiro nunca era fulminado. O imperador Tiberio acreditava tanto no antagonismo do raio e do loireiro, que se coroava de ramos d'aquella arvore logo que o ceo começava a trovejar.

Herodoto affirma que o raio fere os animaes grandes e não os pequenos; e que, se offende os edificios mais altos e as mais corpulentas arvores é porque apraz a Deos derrubar tudo o que tende a elevar-se muito.

A explicação é d'uma candura angelica; pena é ser de todo ponto falsa.

Plutarco assevera que os que dormem jámais são fulminados; e entre outras razões, allega em favor da sua opinião, que os que dormem tem os espiritos e o calor concentrados, e os corpos tão molles que os raios os podem atravessar impunemente,

em quanto os que estão acordados tem os corpos mais duros, os poros mais tapados pelos espiritos e humores, resultando d'isso opporem ao raio uma resistencia que elle vence, roubando a vida.

Em quanto ao privilegio que se dizia ter o loireiro, parece ser uma fabula.

Lancellotti, declarando não acreditar em tal, invoca o testemunho de Vicomercatus, que viu loireiros feridos de raio.

Pelo que respeita a ter o raio uma certa predilecção para com as arvores e edificios altos, a sciencia explica-a.

Quando sobre qualquer logar paira uma nuvem electrizada, decompõe esta a electricidade neutra dos corpos que estão na sua esfera de actividade, repelle para o solo a electricidade do mesmo nome, e attrahe para o cume dos mesmos corpos a electricidade do nome contrario. Então, ou a nuvem se afasta impellida pelo vento, e se recombina lentamente as electricidades dos corpos, que por sua causa se haviam separado; ou a nuvem lança em outra o fluido electrico, e 'nesse caso, cessando subito a sua influencia, as electricidades, que estavam afastadas, combinam-se com tamanha violencia, que produz o despedaçamento dos corpos em que tal fenomeno se passa; ou finalmente as electricidades da nuvem e dos objectos sobre que ella actua, vencem a resistencia da massa do ar que as separava, e vem ao encontro uma da outra, para se combinarem.

A fulminação no segundo dos tres casos que apontámos, denomina-se *fulminação indirecta* ou *contra-descarga*. No terceiro caso chama-se *fulminação directa* do fluido electrico.

Para que esta se dê, é indispensavel, ou que a intensidade das nuvens e dos corpos terrestres seja muito grande para vencer a resistencia da camada atmospherica que lhes está entreposta, ou que esta camada seja relativamente pouco espessa.

É claro, pois, que todos os corpos que estiverem mais proximos das nuvens serão muito mais facilmente fulminados; e

que por estarem em tal circumstancia os grandes edificios, as arvores, as torres, os rochedos, etc., mais expostos se acham a ser destruidos pelo terrivel meteoro.

Entre os antigos tinha o raio tambem uma grande importancia como manifestação da vontade divina. Os augures, ou adivinhos, sacerdotes romanos, cujas funcções exigiam uma profunda sciencia, consideravam os relampagos, os trovões e os raios como bases seguras para os seus vaticinios.

O lugar onde caía o raio era pelo povo-rei considerado um lugar santo. Cercavam-no com uma sebe, ou com um muro, erguiam no meio um altar a que davam o nome de *puteal*, e sobre este sacrificavam os sacerdotes *bidentaes* uma ovelha de dois annos; em honra de Jupiter, do Coelo, do sol e da lua.

O ser uma arvore ferida pelo raio era 'naquelles tempos indicio de mui serios acontecimentos, bem como o manifestar-se a luz electrica da esquerda, ou da direita do sacerdote, como nol-o indicam, entre outros, Cicero e Virgilio na Ecloga 1.<sup>a</sup> e no 2.<sup>o</sup> livro da Eneida.

Era tamanho o respeito que tinham ao raio, que quando trovejava, cessavam os trabalhos nas reuniões publicas, não emprehendiam guerra alguma, e suspendiam todas as deliberações. Cicero diz-nos: *Jove tonante, fulgurante, comitia populi habere nefas.*

As pessoas que morriam de raio eram sepultadas no mesmo lugar em que haviam expirado, excepto quando o desastre acontecia dentro da cidade.

Cria-se que os que haviam tido tal morte ficavam isentos de corrupção; e, segundo alguns escriptores, não lhes cobriam de terra os corpos, assim como lhes não faziam honras funebres.

4.<sup>o</sup> Em que consistiria a eliciação do raio, de que Ovidio faz menção, e que era geralmente acreditada entre os romanos? Seria uma simples cerimonia religiosa trazida dos etruscos, ou

de qualquer outro povo, para entreter a imaginação da plebe e lhe diminuir o temor do famoso meteoro? Seria uma fabula ridicula sem fundamento algum que a abonasse? Seria finalmente uma conquista feita pelo homem á natureza, e envolvida no caliginoso veu do mysterio, para que as turbas indoutas a ignorassem nas suas particularidades, e apenas vissem através d'uma obscura e quasi inintelligivel narração o que 'nella havia de mais portentoso e sobrenatural?

Quem o poderá dizer?

Affirma Plinio que consistia em certos ritos e invocações.

Oiçâmos o escriptor latino :

« Contam os annaes que por certos ritos e invocações se fór-  
« ça, ou obtem a descida dos raios. É tambem tradição muito  
« antiga na Etruria que se fez d'este modo descer o raio sobre  
« um monstro chamado Volta, que ameaçava a cidade dos Vol-  
« sinios, depois de ter devastado os campos.

« Foi eliciado o raio pelo rei Persena; e antes d'este, ha-  
« via-o sido, muitas vezes, pelo rei Numa, segundo se lê no li-  
« vro 1.º dos Annaes de L. Pisão, autor serio.

« Foi imitando esta pratica de um modo pouco conforme aos  
« ritos, que Tullo Hostilio pereceu fulminado.

« Por isso temos bosques, altares, e ritos; e alem de Jupi-  
« ter Stator, Tonante, e Feretrio, recebemos um Jupiter Elicio.

« Varia sobre este ponto a opinião dos homens, segundo as  
« disposições de cada um. Ha audacia em crer que se impoem  
« preceitos á natureza; assim como é necedade negar os ser-  
« viços que se podem obter do raio, porque a sciencia chegou  
« na interpretação d'este fenomeno ao ponto de fixar o dia em  
« que o raio deve cair, e se hade interromper um destino, ou  
« abrir caminho a destinos novos, até ali occultos. Está isto pro-  
« vado com exemplos numerosos, tanto publicos como particu-  
« lares.»



Do que diz Plinio no logar citado, e do que a tal respeito escreveram outros, podemos concluir, com probabilidade de acertar, que tanto entre os romanos, como entre outros povos, houve meio de fazer descer das nuvens o raio e de dirigil-o; que esse meio foi ignorado pelos que não estavam iniciados nos segredos da sciencia augural, e que por fim veiu a perder-se como muitos outros descobrimentos dos antigos de que hoje temos conhecimento indirecto e imperfeito, mas certissimo.

Que meio poderiam empregar para conseguir tal fim? É o que vamos examinar.

5.º « O estudo da electricidade (diz Despretz no seu Tractado de Physica elemental) deve aos descobrimentos modernos « grande parte dos seus progressos. Por muitos seculos se limitaram os nossos conhecimentos sobre este objecto ao que nos « haviam ensinado os antigos ácerca da propriedade que o amber tem de attrahir os corpos leves, quando se lhes approximam depois de se ter esfregado. »

Este phenomeno fundamental da theoria electrica era conhecido no tempo de Thales de Mileto, seiscentos annos antes da nossa era.

Depois dos descobrimentos do decimo oitavo seculo, como observa o sabio Snow Harris, é que a sciencia da electricidade, que no primeiro periodo da sua historia, parecia reduzida ás attracções e repulsões desenvolvidas em alguns corpos, em consequencia de certos principios que 'nelles se cria existirem occultos, se desenvolveu e mostrou associada aos grandes e mysteriosos agentes de que dependem os phenomenos naturaes do universo.

O estudo tornou então um desenvolvimento immenso, e os physicos começaram a entrever que devia existir analogia entre os phenomenos electricos da atmosphaera, e os que se produziam nos gabinetes e laboratorios.

Wall, em 1705, estudando a luz e o estrondo que se ob-

servam quando a electricidade se desenvolve, notou a semelhança de taes phenomenos com o relampago e trovão. Grey, disse nas Transacções philosophicas, em 1735, que lhe parecia que a fiação electrica desenvolvida nas machinas era da mesma natureza que o raio e o trovão. O abbade Nollet, dez annos depois, affirmou ser o raio e o trovão nas mãos da natureza (sic) o que a electricidade é nas nossas; discutiu a probabilidade que havia de serem as nuvens de trovoada corpos electrizados, collocados nas mesmas condições dos conductores electrizados; mas não suppunha possivel, como attesta Despretz, que as nuvens podessem ser descarregadas por meio de pontas metallicas.

Taes eram os conhecimentos que a physica possuia ácerca da electricidade atmospherica, antes das importantes observações e experiencias de Franklin. Este sabio americano, que o mundo civilizado reverencia pela honestidade do seu character, e admira pela profundeza do seu talento, estudou os phenomenos; estabeleceu o perfeito parallelo entre o raio e a electricidade, por meio das baterias por elle inventadas, e indicou, 'numa Memoria publicada em 1749, as experiencias que se deveriam fazer para esgotar as nuvens de trovoada da electricidade, que 'nellas suppunha, por meio das pontas metallicas.

Movido pelas judiciosas considerações de Franklin, empreendeu o physico Dalibard, audaz como o filho de Japeto, roubar o fogo ao ceo. Para o conseguir, construiu 'num jardim em Marly-la-Ville, nos suburbios de Paris, uma barraca, sobre a qual levantou uma hastea de ferro de trinta e tres metros de comprimento, isolada, e terminada superiormente em ponta. No dia 10 de maio de 1752, pairando uma trovoada sobre Marly, produziu a barra de ferro um estrondo semelhante ao d'um trovão e fiascas sufficientes para carregar muitas garrafas de Leyde.

Franklin esperava entretanto, com bastante impaciencia, a conclusão de uma torre, que se andava construindo para no seu

cume collocar um varão metallico, como, sem que elle o soubesse, havia feito Dalibard, feliz sectario das suas idéas scientificas.

Não lhe soffrendo o animo maiores delongas, lembrou-se de dispensar a torre e de elevar a uma grande altura na atmosphera, uma ponta metallica, fixando-a a um papagaio.

Estavam aplanadas as difficuldades; o que o physico americano esperava, era só que se armasse uma boa trovoadas.

Eil-a 'num dia de junho de 1752.

Dirige-se Franklin a um campo, que ficava proximo de Philadelphia, ata uma chave de porta á corda, a que o papagaio estava preso; ata á chave um cordão de seda, para servir d'isolador, e prende este a uma arvore.

Espera que o papagaio se eleve bem alto, chega repetidas vezes os dedos á chave, observa attento a atmosphera, mas nada consegue. Tinha quasi perdido a esperanza de alcançar o resultado que esperava, quando de repente um chuvisco humedece a corda, torna-a boa conductora, e Franklin obtem faiscas electricas.

Estavam realisadas as hypotheses de Franklin; conquistára uma importante verdade para a sciencia; roubára o fogo ao ceo; preparára grandes beneficios aos homens, que tanto amava!...

Inundou-se-lhe a alma de alegria, e, como elle mesmo confessa, rebentaram-lhe lagrimas de jubilo; acabava de eliciar realmente a Jupiter.

Romas, levado, segundo se affirma, pelas suas proprias idéas ácerca das trovoadas, repetiu em França, um anno depois, em junho de 1753, a experiencia de Franklin.

Durante uma trovoadas, fez subir na atmosphera á altura de cento e sessenta e sete metros um papagaio atado a uma corda envolvida 'num fio de cobre, e presa na parte inferior a um tubo de ferro isolado. Do conductor isolado sairam faiscas de tres decimetros de comprimento, e sete centímetros de largura, produzindo um estrondo que se ouvia a cento e cincoenta metros de distancia.

Tres palhas que estavam no chão por baixo da corda começaram a erguer-se e a recair, attrahidas e repellidas alternativamente. Ouviram-se tres estampidos, e viram-se ao mesmo tempo tres clarões; estando o papagaio rodeado de uma capa luminosa de sete ou oito centímetros de grossura.

Citaremos ainda entre os sabios, que mais concorreram para se esclarecer este ponto da meteorologia, o infeliz Richman de Petersburgo. Em agosto de 1753, indo observar o indice d'um electrometro de mostrador que communicava com uma hastea isolada, que levantára no telhado de sua casa, desce sobre elle um globo de fogo, toca-lhe na cabeça e fulmina-o.

A este martyr da sciencia se refere mui chistosamente Voltaire no artigo *raio* do Diccionario philosophico.

Eisaqui resumida a historia do descobrimento da electricidade atmospherica e do invento do *guarda-raio*, maxima glória de Franklin, que Turgot memorou 'naquelle elegante verso:

Eripuit coelo fulmen, sceptrumque tyrannis.

Vejámos agora se ha probabilidade de ter sido conhecido dos antigos algum meio de esgotar as nuvens da sua electricidade, que podesse assemelhar-se ao guarda raio de Franklin.

No que vamos dizer quasi tudo é hypothetico; não permite mais o quasi absoluto silencio dos escriptores d'outros tempos a respeito de assumpto de tamanha importancia.

Sabe-se que desde remotas eras são conhecidos certos phenomenos luminosos, cuja verdadeira causa é a electricidade atmospherica. Conta Plinio que não era coisa rara no seu tempo, descerem do ceo estrellas, e virem sem o minimo estrondo, poisar no tope das vergas dos navios. A estes meteoros que sob formas differentes corôam muitas vezes as antennas das embarcações, chamavam os antigos Castor e Pollux, e chamam agora os maritimos fogo de Sant'Elmo.

O ancilio, finalmente, é provavel que não fosse mais nem menos que um aerolitho, ou pedra do ar.

Segundo os autores latinos era de bronze, ou de cobre aquelle famoso escudo de cuja conservação estava dependente a felicidade de Roma, como a de Troia o estivera da conservação do Palladio, e apresentava a particularidade, d'onde lhe veiu o nome, de ser arredondado nas duas extremidades do eixo maior, tendo chanfradas as duas partes lateraes, ou as extremidades do eixo menor.

Aconteceu a queda do ancilio, segundo Ovidio, estando a atmosphera limpa de nuvens, depois de soarem tres trovões e de fulgurarem outros tantos relampagos. O dom celleste era *boleado e sem angulos*.

Vejamos agora o que poderá haver de commum entre os aerolithos e o escudo que o habil Veturio Mamurio tão perfeitamente soube imitar.

Primeiramente, todos os que, desde Chladni até hoje, tem estudado as meteorites sabem que as de natureza lapidea (muito mais communs que as sidericas) são completamente revestidas de uma crosta mui delgada, lisa, negra e luzidia, que lhes dá aspecto metallico; sabe-se tambem que um dos caracteres constantes de taes aerolithos é o apresentarem-se com o aspecto de fragmentos pertencentes a massas mais consideraveis, e sempre com as arestas e angulos arredondados. Está tambem averiguado que quasi sempre acompanham a queda dos aerolithos phenomenos lucidos muito magestosos, e fortes detonações.

Parece-nos, pois, verosimil que d'um d'estes phenomenos meteorologicos se aproveitasse o astuto e previdente Numa, para os seus fins politicos; e isto tanto mais facilmente quanto a queda dos aerolithos, como está demonstrado, se faz com uma certa periodicidade, que lhe permittiria escolher occasião opportuna para esperar com o povo que o fenomeno se patenteasse.

Não se conclua, porem, de modo algum que no que havemos dito hajamos pretendido pôr em duvida a originalidade de Franklin.

Se os antigos souberam roubar o raio ás nuvens, foram tão avâros d'aquelle segredo, que Franklin pouco e talvez nada lhes deveu; mas ainda quando não fossem tão minguados os vestígios que nos deixaram de tal descobrimento, e 'nelles se houvesse podido inspirar o sabio e sympathico americano, ninguem lhe poderia negar as honras da invenção, attendendo ao modo por que a ella foi conduzido.

6.º Segue-se tratar dos meios empregados pelos antigos para evitar o raio, e dos que ora empregamos para o mesmo fim. É muito provavel que os antigos, ignorantes das verdadeiras causas das trovoadas, e crentes em que o raio e o trovão eram armas de que sempre estava munida a dextra de Jupiter, para castigar os erros da fragil humanidade, temessem os effeitos do raio, muito mais do que é bem que se temam.

A idéa que formavam do Ente Supremo, simbolizado em Jupiter, excluia a misericordia e o amor; attributos sem os quaes nos é impossivel a nós, que a luz da philosophia christã illumina, conceber a idéa da divindade.

'Naquelles tempos o raio e o trovão não se consideravam como um phenomeno natural, mas sim como effeito da ira celeste. Horacio nol-o diz:

Jam satis terris nivis adque dirae  
Grandinis misit Pater: et rubente  
Dextera sacras jaculatus arces  
Terruit urbem terruit gentes: . . .

D'esta crença se originaram as ceremonias religiosas que celebravam quando trovejava, e quando algures caia o raio affirm de aplacarem o deus. Consistiam taes ceremonias, principalmente

em preces, cujo texto não conhecemos, em sacrificios, na occultação de todos os vestigios do raio sob uma camada de terra, na erecção da sebe sagrada e do altar, e na eliciação.

Nos nossos tempos a piedade respeitavel de uns, a ignorancia de outros, e o fanatismo de muitos, emprega differentes meios para conseguir os mesmos fins que os antigos desejavam alcançar em tão criticas circumstancias,

Mencionar alguns d'estes meios parece-nos conveniente, não só para mais uma vez se provar a veracidade d'aquelle aphorismo *Nihil sub sole novum*, mas tambem para que se os nossos vindoiros se dignarem de pôr os olhos 'neste nosso escripto, aqui encontrem a resumida noticia de praticas, que mui provavelmente o tempo hade ir a pouco e pouco desluzindo das lembranças.

Na antiga igreja romana era costume distribuir ao povo, na domingo *in albis* pedaços do cirio paschal que tinha sido benzi-do no sabbado santo. Os fieis, que possuíam algum pedaço d'aquelle tocha, accendiam-no, com muita fé, para afugentar os diabos, dissipar as tempestades e pôr termo ás trovoadas imminentes. D'este uso da antiga igreja se derivou o que ainda hoje subsiste, de benzer o papa, depois da consagração da missa, na domingo *in albis*, mas somente de sete em sete annos, uns pães de cera, tendo gravada a figura d'um cordeiro, os quaes se distribuem aos fieis.

Outra pratica, é accender-se, mal começa a trovejar, um coto de vela, que na quinta, ou sexta feira maiores estivesse no throno d'alguma igreja.

Julga-se tambem remedio excellente para dissipar tormentas o queimar palma, benta em domingo de ramos, e derramar o seu fumo pelas casas. Crêm firmemente muitas pessoas que rezando com devoção o hymno *Magnificat anima mea Dominum*, que, segundo S. Lucas, Maria Santissima recitou em casa de Santa Izabel, não podem ser tocadas do raio.

A chamada pedra do raio, que é um persulphureto de ferro, que se julga caía do ceo com os raios, ou antes que formava a parte destruidora do meteoró, gosa de muito credito para preservar as casas em que está, e as pessoas que a trazem consigo, de serem fulminadas.

Da mesma virtude se crêu alguma tempo gosar a pedra de jacinto, preconizada para tal pelo proprio Aristoteles, se não mente um autor que temos á vista.

Entre a gente rustica é costume muito inveterado, correrem para a igreja, quando troveja rijo. Está demonstrado que são perigosas as grandes reuniões, em quanto troveja, porque a columna d'ar rarefeito, que resulta da respiração de muita gente, funciona como um conductor, accrescendo contra os ajuntamentos nas igrejas a circumstancia de terem quasi sempre proximas as torres, que pela sua forma e elevação estão desafiando o raio.

Usa tambem a gente rúde dos campos mandar tanger os sinos para que com a bulha a trovoada se assuste e fuja. Para se ficar sabendo quanto tem de absurda e prejudicial semelhante pratica, bastará dizer que d'um inquerito a que o governo francez mandou proceder, como affirma o nosso amigo Candido Albino, resultou que em dois departamentos, em que havia este costume, morreram em trinta e tres annos cento e tres sineiros, no acto de tocarem os sinos durante trovoadas.

Ainda agora muita gente crê que é benefica a protecção das arvores, quando é funestissima, mórmente não estando reunidas formando mata.

Como transicção para o que temos de dizer dos esconjuros que a igreja usa contra as trovoadas, citaremos os principaes patrones, cujo valimento para com Deos as pessoas piedosas costumam implorar na occasião de trovoada.

São elles os seguintes : a Virgem, sob o título de Senhora das Necessidades ; os Evangelistas ; Santa Barbara ; S. Jeronimo ;



S. Vicente Ferrer ; S. Pedro, martyr ; S. Pedro Celestino ; S. Venancio ; S. Julião ; Santos Modesto, Vito e Crescencia, martyres ; Santos Lucio, Alexandre, Andaldo, Raymundo e Urbano ; Santa Felicia Medenue ; Santa Escolastica ; Santa Martinha ; Santo Anastacio ; S. Vicente, martyr ; o Beato Bernardo ; S. Ubaldo ; S. Norberto ; S. Thomaz de Aquino ; S. Donato ; S. Simão Estilita ; S. Africano ; S. Audueno ; S. Anthimo ; S. Magno ; S. Domingos Soriano ; S. Nicolau Tolentino, e S. Irene.

A todos estes inclytos servos de Deos consagraram devotos hymnos Francisco José Fereire, na Arcadia Candido Lusitano, Garção, Diniz, Quita, Foyos e outros arcades ; hymnos que Freire colligiu em um pequeno volume dedicado ás pessoas pias.

O ultimo dos hymnos eucharisticos reunidos 'neste livrinho, por mais d'uma razão curioso, recommenda-se pelo titulo, semi-pagão que é o seguinte : *A Deos Optimo Maximo*. Resta-nos memorar os exorcismos de que a Igreja usa para esconjurar as tempestades.

Mencionamos summariamente o ritual, para não fatigar mais o leitor, transcrevendo por extenso só algumas rezas, que nos parecem mais curiosas.

O sacerdote diz o *Per signum crucis*, abençoando tres vezes a atmospherá, e em seguida diz o *Credo*, os *Kyries* e o *Pater noster*. Seguem-se sete versiculos, terminados os quaes se reza a seguinte oração :

« Senhor Jesus Christo, que fizeste o ceo e a terra, o mar e tudo o que no mundo habita ; que abençoaste o rio Jordão e 'nelle quizeste ser baptisado, e que estendeste na cruz as tuas mãos e braços santissimos, com que santificaste o ar ; imploramos a tua immensa piedade e bondade para que te dignes de dissolver e aniquilar estas nuvens que vejo adiante, atraz e por cima de mim, da direita e da esquerda, perturbando o ar, afim de que agrilhoada a potencia dos embravecidos demonios caduque e seja confundida para louvor do teu santissimo nome e poderosissima majestade. »

Terminada esta oração, voltado o sacerdote para a nuvem (sic) abençoa-a nove vezes, dizendo ao mesmo tempo :

« Cerque-te, ó nuvem, Deos Pai ; cerque-te Deos Filho ; cerque-te Deos Espirito Santo. Destrua-te Deos Pai, etc. Aniquile-te Deos Pai, etc. »

Segue-se a obsecração, em que se invocam os quatro evangelistas, e o exorcismo, do que mencionaremos apenas parte. Eil-a :

« E eu peccador e sacerdote de Christo, seu indigno ministro, pela autoridade e virtude do mesmo Deos e Senhor Nosso Jesus Christo, supremo imperador, vos ordeno ó immundissimos espiritos, que excitastes estas nuvens, ou nevoas.... que d'ellas saiaes e as disperseis para logares agrestes e incultos, onde não prejudiquem os homens, os animaes, os fructos, as hervas, as arvores, ou quaesquer coisas destinadas para o uso dos homens. »

Findo o exorcismo eleva o sacerdote a cruz, reza um versiculo, e asperge o ar com agua benta lançando-a para os quatro cantos.

Se a trovoadá ainda dura, fazem-se novos exorcismos. O que mais admira 'nesta prece, é a importancia que se dá aos espiritos malignos, fazendo-os representar o papel, que só á electricidade compete, e o modo severo por que são tratados elles, pobres astros decaidos, que nem ao menos podem, como nós, reabilitar-se e cercarem de novo as fronteas com as radiantes corôas, que o seu orgulho lhes fez perder.

É d'esperar que a Igreja, pois reúne á qualidade de mãe carinhosa a de mãe illustrada, prestando homenagem á sciencia, que é a mais bella expressão da Divindade, substitua a estas outras rezas mais conformes com a razão.

## NOTA SETIMA



PAGINA 39—VERSO 48

ADDITAMENTO Á PRECEDENTE

### PREZERVATIVOS CONTRA O RAI0

..... dá-me conjuro  
que de teus fogos a violencia esquivé.

Tem os nossos aldeãos do Minho um conjuro para o raio que elles não pedem a ninguem. Na noite de Natal assam pinhas, que apanharam por onde poderam, que as pinhas são de todos, e tiram d'isto dois proveitos: comem os pinhões e guardam as pinhas. Quando depois ha trovoadá põe-se uma d'estas pinhas no lume, ou um grande tóro de pinheiro que na dita santa noite ardeu na lareira; e que tiveram o cuidado de apagar antes de se consumir todo. Qualquer d'estes talismans é olhado como infallivel para afastar o raio, e abrandar a furia da trovoadá.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA.

## NOTA OITAVA

PAGINA 49—VERSO 4 E SEQUINTE

### VEJOVE

Os antigos escriptores romanos não são conformes sobre qual fosse a divindade que com este nome se adorava em Roma. Ovidio 'neste logar, fundando-se na etymologia da denominação, e nas feições e accessorios da estatua collocada no templo, affirma que *Véjove* é Jupiter considerado na idade juvenil, ainda que a fórma dubitativa, por que este passo termina, deixará, talvez com razão, suspeitar, que o poeta, ou não estava completamente firme na sua convicção, ou pelo menos reconhecia haver quem pensasse de differente modo; e com effeito, d'este seu sentimento não achamos outro sectario senão, seculos depois, o celebre grammatico Festo. (Voe *Vesculi*).

Aulo Gellio, indagador curiosissimo da lingua e antiguidades romanas, recorrendo igualmente á etymologia, mas interpretando-a por differente modo, sustenta uma opinião diversa (N. A. 5. 12.) affirmando que *Véjove* é uma divindade puramente malefica. Para o demonstrar, principia por observar que os romanos, assim como adoravam divindades beneficas para obter a sua protecção, assim tambem adoravam outras maleficas para desviar o seu maligno influxo: e na verdade, de todos os absurdos em que se tem despenhado a razão humana para resolver o

arduo problema de conciliar o mal fisico e moral com a bondade manifesta e innegavel do Ente Supremo, o de personalisar e converter em divindades, para as aplacar, as miserias que flagellam a especie humana, devia ser o mais obvio a espiritos rudes e superficiaes. A que excesso de desatino chegaram os romanos 'neste ponto, pode ver-se em Arnobio (liv. 3.<sup>o</sup>), em Santo Agostinho (De Civ. Dei 4. 21.); e se estes parecerem suspeitos, nos Mythografos latinos, e em Cicero no seu tratado de Nat. Deor.

Partindo d'este principio, affirma Gellio que, assim como á divindade benefica deram o nome de *Jove* deduzido de *juvare*, porque auxilia e protege, assim tambem áquella que destituida de todo o poder bemfazejo, só tinha o de offender, para denotar que nenhum auxilio se podia d'ella esperar, chamaram *Véjove*, fazendo preceder o nome *Jove* da particula *ve* na sua significação privativa. Diz que, para indicar o poder malefico d'este deus, é que a sua estatua o representava armado de frechas; dando logar a julgarem alguns que *Véjove* era *Apollo*, por quanto os raios do sol, ainda que em geral vivificam a natureza, dadas certas circumstancias são causa de epidemias devastadoras. Finalmente, para explicar talvez a razão por que tinham collocado a effigie de uma cabra junto á estatua, acrescenta que era aquelle animal a victima que se lhe costumava immolar.

Resta-nos ainda mencionar Marciano Capella, o qual (De Nupt. Philol.) nos diz que Plutão era tambem chamado *Dite* e *Véjove*, palavras que o glossador Papias explica por estas: *Vedio*, *Plutão* ou *Orco*.

Temos portanto quatro opiniões: Jupiter ainda moço, o Genio do mal, Apollo e Plutão; mas são tão vagas as provas em que cada uma d'ellas se funda, que não parece muito facil decidir qual mereça a preferencia. Que se pode deduzir da face juvenil, se é sabido que com essa mesma apparencia representa-

vam algumas vezes os antigos não só a Jove, mas igualmente a outras divindades como Baccho, Marte, Esculapio e Hercules? Que importa que junto á estatua figurasse uma cabra, se esta tanto pode significar a Amalthea, segundo Ovidio, como a victima segundo Gellio?

As provas etymologicas não são menos equivocadas. A palavra *Jove* (que aliás se não deriva de *juvare*, mas, com muita probabilidade, das raizes semíticas *Jova*, *Jehovah*, *Jabe*), era applicada pelos romanos não só ao supremo Jupiter Optimo Maximo, mas tambem a Plutão a quem Virgílio chama *Jovis Stygius* e *Orcus Stygius* (En. 4. 638 e 699), e Silio Italico *Jovis Niger* (Liv. 2.º).

A particula prefixa *ve* ou *vae*, provavelmente derivada da sanscrita *vi*, que como o alpha grego, tem força privativa para contrariar a significação da palavra a que se ajunta, (Eichhoff Parallel. pag. 133), recebeu na lingua latina applicação mais ampla, por quanto, se em certas palavras tem força privativa como em *vecors* e *vesanus*, em outras é ampliativa como em *vetus* e *vehemens*, e em outras finalmente pode produzir qualquer dos dois effeitos, ora augmentando, ora diminuindo, ou contrariando a força da significação, como em *vescus* e *vegrandis*. (Vid. A. Gellio 12. 5. e 16, 5). Assim vemos que Ovidio e Aulo Gellio, professando opiniões diversas, podiam ambos, como fizeram, recorrer a esta mesma palavra, tomando-a o primeiro como simplesmente diminutiva, e o segundo como adversativa.

Ainda que, tudo ponderado, a balança pareça propender algum tanto mais para a opinião de Gellio e de Marciano Capella, que são talvez uma só e a mesma; todavia quem ousará aventurar um voto nesta materia, quando vemos que o proprio Marco Tullio, depois de motejar, pela boca de Cotta, a temeraria facilidade com que os estoicos forjavam etymologias, até ridiculas, para explicarem os nomes de diversas divindades, os desafia, na

pessoa de Balbo, para que, apesar d'essa facilidade pouco escrupulosa, lhe dê a definição etymologica da palavra *Véjove*? (De Nat. Deor. 3, 24).

JOÃO DE SOUSA PINTO DE MAGALHÃES.

## NOTA NONA



PAGINA 51 — VERSO 15

### LABYRINTHOS

Quatro labyrinthos celebrou a antiga fama: o egypcio, o cretense, o lemnio e o italico. Em Heliopolis se viu o primeiro e o mais amplo, ao qual davam segurança e ornamento columnas de marmore de Paros e de Syene. Foi obra de muitos reis do Egypto, consummada enfim por Psamético. Pela traça d'este, mandou Minos, rei de Creta, edificar em Gortyna o segundo, sendo architectado pelo ingenhoso artifice atheniense Dédalo. Tinha apenas a centesima parte do primeiro; era, porem, muito mais admiravel no enredo. Foi o terceiro fabricado pelos architectos, Zmilo, Rholo e Theodoro, em Lemnos, ilha do mar Egeo; adornavam-no cento e cincoenta columnas. Fez, ultimamente, o etrusco rei Porsena construir, para seu jazigo, o quarto, em Clusio, na Italia; realçavam sua grandeza e magnificencia cinco pyramides, quatro nos angulos e uma no meio; tendo cada uma, na base, a largura de setenta e cinco pés, e de altura cento

e cincuenta; a todas, no vertice, coroava um globo de bronze, sotoposto a um Pégaso.

É, d'entre estes, o labyrintho de Creta aquelle a que allude este passo dos *Fastas*; e era elle uma cêrca ou estancia cerrada, e cheia de bosques e edificios, com innumeraveis ruas de bocas desencontradas; e com mil sendas, atalhadas por alêas d'arvores e paredes. Assim que, no meio de taes desvaires e incrusadas, quem lá intrava, errando por aquelles inleios, não podia encontrar saída. Ali fóra, por Minos, incerrado o Minotauro, que os poetas fabularam ser meio homem e meio toiro; o qual a rainha Pasiphae, mulher de Minos, mettida, por Dédalo, em uma novilha de pau, houvera do infame coito com um toiro. Do logar e da ficção dá Virgilio um bosquejo, 'nestes versos do sexto canto da *Eneida*:

Hic labor, ille domus et inextricabilis error.  
Hic crudelis amor tauri, suppositaque furto  
Pariphae, mixtumque genus prolesque biformis,  
Minotaurus inest, veneris monumenta nefandae.

O que mais desinvolve Ovidio no oitavo livro das *Metamorphoses*, e bem assim na *Arte de amar*. Ás devassidões de Nero nem escapou o dar d'esta fingida obscenidade um execravel espectáculo, como refere Suetonio, no liv. 6, cap. 12. Taurus Pasiphaen, ligueo juvencae simulacro abditam, iniit; ut multi spectantium crediderunt. E foi isto o que a Marcial inspirou este epigramma. (Spectac. lib., Epig. 5).

Junctam Pesiphaen dictaeo credite tauro.  
Vidimus: accepit fabula prisca fidem.  
Nec se miretur, Caesar, longaeva vetustas:  
Quicquid fama canit, donat arena tibi.

Parece haver dado logar á fabula a realidade de um facto,



variamente narrado. Uns, com o commentador, Servio Mauro, dizem que *Taurus* fôra o nome d'um aulico ou secretario, com quem, ausente o rei, tivera a rainha tractos illicitos, em casa de Dédalo; e que, havendo parto gêmeo, um filho se parecêra com Minos, o outro com aquelle ministro. Dizem outros que fôra um só o filho; o qual, todavia, como adulterino, podia attribuir-se a dois pais, um verdadeiro, outro supposto. Torne-mos ao mytho.

Pelo Minotauro eram devorados os moços, que Athenas era, por nove annos, forçada a intregar á crua vingança de Minos; a cujo filho, Androgêo, haviam dado a morte os megareos e os athenienses, invejosos das muitas victorias por elle ganhadas, nos jogos publicos da Grecia. Guerreados por isso, e subjugados por Minos estes povos, obrigou elle os athenienses á multa annual de sete moços e sete moças, que deviam ser pasto do monstro. Já dois annos, se tinha elle sevado no sangue atheniense, quando, no terceiro alfim, pôz um animoso principe o desejado termo ao cruentissimo tributo.

Ou forçado pela sorte, ou por querer eternisar seu nome, o famoso Theseu, filho do atheniense rei Egêo, partiu para Creta com outros mancebos, victimas destinadas á voracidade do horrendo monstro; e entrando na ilha, attraíu logo, por sua gentileza, o amor da propria filha do rei, a bella e affectuosa Ariadna. Ministrou-lhe esta, por industria de Dédalo, não só armas, senão tambem um fio, que pelos cegos meandros do labyrintho lhe guiasse os passos. Com taes aprestos, entra elle no enredoso cerrado, procurando o Minotauro; e, apenas o avista, affronta-o, estira-o, matou-o. Effeituado seu intento, sai Theseu victorioso, com os companheiros que salvava. De volta para a patria, leva comsigo a sua amante Ariadna; mas, olvidando os seus favores, perjuro e ingrato, a deixa ao desamparo em um rochedo da ilha de Naxos. Em praia deserta e estranha, chora ella a sua des-

graça ; até que, um dia, Baccho a faz sacerdotisa sua, e lhe dá a mão de esposo. Mais feliz, que outr'ora, se julga ella então ; mas novo desprezo, nova perfidia a espera.

Partira Baccho para a expedição do Oriente ; e voltando de suas conquistas, e trazendo d'ali, entre outras captivas donzellas, uma princeza, a todas muito superior em formosura, com ella se une, e deixa a esposa ; a qual outra vez começa a lamentar seu fado. Verte lagrimas, solta queixas ; mas queixas e lagrimas, que puderam alfim tocar o coração do esposo. Toma-a elle nos braços ; e logo, no seu carro tirado por lynces, a leva consigo aos ceos : *Lyncibus ad coelum vecta Ariadna tuis* (Propertio, liv. 3. eleg. 17). E lá nas alturas, transformando em estrellas as perolas da corôa, com que a distinguira Venus, põe Baccho essa corôa entre as constellações. É esta a constellação conhecida pelo triplice nome de — Corôa septentrional, Corôa de Ariadna, e Corôa Gnosia ; — de *Gnosos*, côrte do rei Minos, e berço da sua aventureira filha.

Neste mesmo poema dos *Fastos* se pode lêr toda esta narração, exposta em bellos e harmoniosos versos.

ANTONIO CARDOZO BORGES DE FIGUEIREDO.

## NOTA DECIMA

PAGINA 69—VERSO 41

### ROMARIAS

A mesma palavra *romaria*, está dizendo, que de Roma nos vieram essas festivas, religiosas, e poeticas usanças, entre nós conhecidas com aquelle nome. De *romaria*, nos veio tambem *romeiro*, e *romagem*; *romeiro*, o peregrino, que sai de sua terra a visitar algum santuario, cuja milagrosa fama o tornára dos catholicos frequentado; e *romagem*, apontado geralmente como synonymo de *romaria*, mas que nem sempre em nosso sentir, gosa d'aquella propriedade; dando-se ás vezes differenças, que porventura não desconvirá notar. *Romaria*, parece termo mais geral, e vulgar; applica-se ao composto das festas, quer divinas, quer profanas; ás cavalgadas, ao caminho de ida e volta, ao todo emfim. *Romagem* é vocabulo de significação mais restricta, mais culto, menos vulgar, e mais particularmente adstricto a quanto respeita á parte religiosa da *romaria*. Diremos, por exemplo: Santa Isabel, rainha de Portugal, foi, em *romaria* a S. Thiago, por ser casa de muita devoção, e *romagem*. Um autor nosso, dos que escreveram portuguez limpo, disse: que o *romeiro* deve saber como hade gastar o tempo na igreja da *romagem*, e como tornar para casa, depois de cumprida a *romaria*. A *romarias*, e a *vodas*, vão as loucas todas, diz tambem o prover-

bio. Em qualquer dos exemplos, a troca d'uma por outra palavra, não parece razoavel.

Sendo pois as romarias importadas de Roma, tem já se vé o beneplacito do chefe da christandade; que, não só as permite, mas ainda para maior attractivo dos fiéis, concede indulgencias, aos que rigorosamente as levarem a cabo. Verdade é que, por entre as romarias de maior privilegio, lá está a de S. Pedro de Roma; o que alguém poderia attribuir, mais a interesse, pela concorrência dos peregrinos, do que, á bem fundada superioridade das virtudes do santo; porem, não só outras, como as de S. Thiago, e Jerusalem, foram sempre tidas em primeira linha, como que, pelas successivas concessões pontificias, já hoje todos os paizes catholicos tem santos de casa, e santos que fazem milagres; a quem, com mais commodidades podem ir devotamente levar suas offerendas e supplicas.

Hoje são nacionaes, as romarias. Não ha mesmo provincia nossa, sem um, ou mais santuarios de particular devoção, que os povos visitam annualmente, concorrendo a prestar-lhes seus cultos e venerações. E todavia, nem por mais curtas as distancias dispensam ainda, que o povo se associe, e caminhe junto, não só para maior commodidade, e menos dispendio, mas para mutua segurança, que d'outra sorte corrêra risco, indo um ou outro separadamente, por estradas longas, e menos frequentadas.

Assim, realisa-se por meio da romaria, o que não fôra possível, o mais das vezes, a não ser ella. O rico vai sem receio, auxiliado pela companhia do pobre; e este, em troca de tal serviço, recebe d'aquelle os meios, que não tinha, para seguir sua devota jornada.

São, alem d'isto as romarias, sobre tudo para o povo que 'nellas toma maior quinhão, um como lucido intervallo de memoravel satisfação, que lhe vem certar a monotonia dos cuidados da vida; e d'onde faz larga colheita de saudosas lembranças,

para uma parte do anno; com as quaes modestamente aduba suas conversações familiares, e serões domesticos; até que, ao approximar-se o novo dia da sua devota peregrinação, aquellas lembranças se lhe transformam em desejos mais ardentes, em esperanças mais incantadas; semelhando alcachofras, que depois de queimadas, reflorecem com maior viço e frescura.

É finalmente a romaria, um livro, ao mesmo tempo util e recreativo, que o serrano mais sem arte comprehende; a que recorre, de continuo e onde acha: 'numa parte, o infinito poder da gloriosa imagem, a quem sagrara cultos; aqui, os lumes, o incenso, os divinos canticos, as predicas, as orações, e as lagrimas; mais longe, os aprestos, as galas, os ranchos, as chacotas, as danças, os banquetes, a conversação animada, os ditos saborosos.... tudo; ancora de salvação nas horas da adversidade; varias e gratas recordações, para as do infadamento; e a poesia da vida, emfim! Verdadeira e santa poesia, inspirada d'essas festividades nacionaes, onde o coração do povo se desopprime, para arrear mais fundas suas crenças religiosas.... Poesia popular.... singella e santa poesia.... salve!....

Popular, santa poesia!  
Como as auras da manhã,  
A brincar, por entre flores,  
Tu nasceste folgasã.

Mas onde nasceste tu,  
Singella, santa poesia?  
Foi em leito d'acajú,  
Que viras a luz do dia?

'Nesses, que o tempo consome,  
Não podias nascer, não  
Popular, santa poesia,  
Melhor foi o teu condão.

Nasceste em folgado peito,  
Singella, santa poesia,  
Tiveste rosas por leito.  
Puras rosas d'alegria.

Rosas, em que o ceo pozéra  
Virtudes do seu jardim;  
Que, rosas fazem eternas  
De frescura e de carmim.

Vejamos porem a differença entre a romaria christã, de que temos fallado, e a d'Anna Perenna, descripta por Ovidio; tomada para assumpto de nossas humildes reflexões. Eis como aquelle autor se expressa na primorosa traducção do sr. Castilho.

..... A todos sol e vinho  
vão coando quentura; são as preces  
tantos annos viver, quantos os copos  
que inchugar cada um; o impenho é serio  
quer-se crescido numero. Etc. etc.

Seguem-se as cantigas; vem a dança *inculta nos menceios*; d'ahi a geral embriaguez, com que todos se apartam; mas nem uma cerimonia importante, nem uma idéa religiosa apparece em toda a festa; sendo que, nas romarias catholicas é a parte, senão unica, a principal. O que na romaria pagã nos faz, até certo ponto duvidar d'uma escrupulosa exactidão em Ovidio, é dizer-nos elle, que os romeiros, depois de haverem lautamente sacrificado, se retiravam *bordejando*; em vez de caírem, como era d'esperar, e roncarem estendidos pelas margens do Tibre; figurando maduros cachos de videira agigantada. Aqui, ou ha inexactidão, ou faltou dizer, talvez, que os romanos na romaria d'Anna Perenna, em vez de falerno, ou mesmo zurrapa, apenas bebiam agua pé, e fraquinha.....

Em todo o caso, o silencio d'Ovidio prova, quando menos,

a desvaliosa conta em que era tida a parte não profana das romarias; ainda mesmo havendo-a. O que lá era juro de pouco preço, é entre nós momentoso capital.

Todavia, apesar de constantemente nobilitada pelos sagrados cultos da religião, a romaria christã incerra varios costumes menos esmaltados, que ainda mal, a desdoiram; uns, pouco intendidamente autorisados: taes são os individuos em trajo, mais de theatro do que d'igreja, figurando em procissões, e outros actos religiosos; os aleijões artisticos, sob o nome de santas imagens, que mais provocam riso do que respeito; outros, abusivos, mas que não menos conviera ir successivamente policiando: como os excessos d'intemperança, os desvios na justa applicação das esmolas; e tambem o pouco comedimento nas cantigas; não tanto 'nessas, que chamam *ao divino*, senão correctas, ao menos respeitosas; e ás vezes uma e outra coisa; tal por exemplo, esta, que de pequeno ouvia em Aveiro, onde nasci, cantada pelasromeiras do Senhor da Serra:

Divino Senhor da Serra,  
Divino Senhor sejais,  
Não tenho nada de meu,  
Vós, Senhor, tudo me dais.

mas em varias letras, desde a seguinte, que pode servir de tipo ás menos soltas:

Se fores á Pocarica,  
Não passes por Cantanhede;  
Que está lá um Deus te livre,  
Mettido 'numa parede;

até muitas outras sem gosto, sem medida; e de todo o ponto ignobeis, e sandias.

Taes irregularidades, são, todavia antes excepção do que regra. Aparece o vicio, mas não se louva, nem, muito menos,

se doira, como na romaria d'Anna Perenna; onde esse precognisado elixir de longa vida, está em o maior numero de copos, que cada um inchuga; proclamando-se d'este modo a embriaguez, decretando-a com *força de vida*, que a não ha maior; e á qual, não só os adoradores de Baccho; senão mesmo os que de raro, e escaçamente, tivessem de uso molhar a palavra, mal poderiam resistir.

É palpavel a excellencia da romaria catholica, sobre a dos antigos romanos; mas tendo ainda muito de condemnavel, incumbe por isso ao clero, a sua inteira reformação. Dever de honra lh'o aconselha. Dê-se pois, com estudo e desinteresse, muito desinteresse, a purifical-as; antes que, a pouco e pouco se vão desinfeitiçando d'esse prestigio religioso, que melhor as sustenta; e de todo se rebaixem na profanidade extrema da romaria pagã. Não se culpe no futuro o pouco fervor dos fieis. Proprietario, que vê contraminar o alicerce da casa, ainda estavel, e o não evita, mal se poderá defender depois, accusando o tempo, que lh'a puzera em ruinas.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES.



## NOTA DECIMA PRIMEIRA



PAGINA 75—VERSO 26 E SEQUINTES

### A PLEBE NO MONTE SACRO

A plebe antigamente. . . . .  
. . . . . deixada Roma,  
no Monte Sacro estanciava livre.

Este amuo da plebe, a resolução, que tomou de sair agastada para fora da cidade, parece uma coisa pueril e impropria de tal gente; mas sabidas as contas, não o é.

O povo tinha razão, como quasi sempre a tem; e muito bom foi elle em se ficar assim.

Contarci a historia aos que a não souberem.

A republica romana, cimentada nas ruinas da realeza proscripta, não apagou de todo os vestigios da antiga organização. Com outro nome, sim, tinha deixado em pé instituições, que repugnavam, pela sua indole, á sociedade, vasada em um molde democratico.

O que sobrava d'antes para manter illesa, á classe baixa, a sua mais querida regalia, faltava agora para lh'a abrigar; e a oligarchia dos nobres, que soubera salvar-se do naufragio com o deposito da autoridade, levára para o consulado o predominio monarchico, e d'ali estava pesando, com toda a sua soberba, sobre os populares, que já não tinham no throno, seu natural alliado, a protecção de algum dia.

Mais ou menos latente, este antagonismo revelava-se em todas as phases d'aquella vida politica e social ; e, se os conflictos se não amiudavam, a plebe achava-se, como se diz, em occasião proxima com o corpo aristocratico.

Era haver um pretexto.... E esse vinha, a cada passo, do disposto no codigo civil.

Ainda assentado á sombra da morte, segundo à phrase da Biblia, ainda cego pelo erro e pelo orgulho, o legislador não punha na cuia da balança as lagrimas dos que julgava seus inferiores, e a que exigia um tributo de sangue e dinheiro a beneficio commum ; e, apesar do que Numa disposera com o intento de adoçar os costumes nacionaes, e do que Bruto se desvelára para arregar na patria, o que suppunha ser a liberdade, a sua obra, sempre imperfeita, trazia ás vezes, o cunho da ferocidade e do despotismo. A luz, que o havia de guiar e de resplender sobre as algemas quebradas do escravo tornado homem, só tinha de despontar, cinco seculos depois.

Ora, uma das leis mais barbaras, era a que regulava os processos por dividas.

Quem não podia solver as que contraíra, não só ia prêso, ficava obrigado, até que pagasse, a servir os credores, e a sujeitar-se aos tratos, que lhe elles davam. E quando Deus queria, levavam-lhe os filhos, se os tinha.

O mecanico, impedido, de continuo, pelo encargo militar que se lhe impunha, de ganhar, com o suor do rosto, o pão quotidiano, e, sobre isso, coagido a concorrer para as despesas do erario, que lhe sisavam a pelle, não tendo de quem valer-se, nem para onde virar-se, mettia-se nas mãos dos onzeneiros (da agiotagem de então) enfeudava-lhes o corpo e a fazenda, e incorria, finalmente, na pena cominada ; mas, ao partir para o carcere, ou para a flagellação, já não soffria o grito da angustia suprema, que nunca deixou de achar ecco, nem mesmo em peitos

indurecidos pela indiferença pagã, e que é o presagio da commoção publica, como o gemido da ave aquatica costuma sê-lo do temporal.

Crescia com a oppressão a anciedade. Conhecia-se a excitação febril, que lavrava pelo corpo social; e a imminecia da guerra com os volscos fazia ainda mais assustadora a crise, que se avisinhava.

Um dia, appareceu na praça, um velho de terrivel catadura, magro como um esqueleto, descorado como a cêra, as barbas e os cabellos em desordem, a boca requeimada pela febre, os olhos fusilando indignação.

A aspereza das suas palavras condizia com a magestade da sua figura,

Era official do exercito; perdêra parte dos bens que tinha, durante a guerra sabina; o resto, fôra-lhe absorvido pelo fisco e pela usura.

Fallava da sua gloria e do seu vilipendio; dos seus serviços e dos seus vexames, e, arregaçando os andrajos, de que se cobria, mostrava, ao mesmo tempo, no corpo, as cicatrizes dos golpes, que recebera pela patria, e as feridas ainda verdes do azurraque do agiota.

Corria a gente em tropeis para o ver e o ouvir. Apinhou-se o Fôro. Começou a haver um susurro. Foi crescendo.... e o tumulto rebentou.

O anathema contra os pederosos saiu d'envolta, por milhares de bocas, com a exprobração da queixa. Já não podia atalhar-se. A cidade estava em plena sedição.

Com a primeira noticia acudiram os dois consules. Ouviram o que não queriam; e por pouco que não passava a mais. Exigiu-se-lhes a convocação do senado; e não houve remedio senão reunil-o.

Os senadores tinham medo, diga-se a verdade. Não queriam

comparecer. Mas conhecendo, enfim, que talvez fosse maior o risco a que se expunham cá fora, sempre se foram chegando á Curia, em torno á qual se postou, para observar o que sairia, a turba, que ingrossava a olhos vista.

A questão era seria; e as dificuldades para a resolver agravavam-se com a dilação.

Dos consules, um, Appio Claudio, homem teso e assomado, queria levar o caso á valentona; o outro, Publio Servilio, pertenciam á escola *ordeira*, digo, tinha por melhor que se usasse de algum paleativo.

Quando se estava 'nisto, solta-se uma voz: ahí vem os volscos....

E agora o vereis. A assèmléa ficou estatica. E, ao passo que os *pais da patria* tratavam de achar um modo de sair d'aquelle aperto, a villanagem folgava, e tanto a allucinava o odio, que antepunha a sua sêde de vingança, á liberdade e credito da patria.

— E que lhes parece? dizia um, haviam de querer agora que o povo miudo os auxiliasse.

— Pois sim, que esperem por isso, tornava outro.

— Que se defendam a si, se poderem.

— A si, e mais aos seus postos.

— Já que é tudo para elles....

— Nada. Quem come a carne que roa o osso. Não queremos.

— Era o que faltava. Nenhum vai.

— Nenhum. Não hade ir ninguem.

O senado estava em ancias. Todo a tremer, como varas verdes, virava-se para Servilio, pondo 'nelle a sua ultima esperanza. Só se esse lhe valesse.

E valeu-lhe com effeito.

Fel-os calar. Saíu fora; fallou á plebe; feriu-lhe, como estadista matreiro, a parte mais vulneravel do coração; appellou-lhe para a generosidade e para o ardor bellicoso; e, quando viu

que o ouviam, e que se ia serenando a tempestade, lavrou ali mesmo um decreto, que abolia a prisão e o sequestro aos perseguidos por dividas, e mandava resgatar os bens e os filhos a quem se promptificasse á defeza da nação; e o povo, sempre ingenuo e facil de vencer, quando o levam por bons modos, correspondeu nobremente á mercê, que recebia, e logo se prestou para alistar-se.

Ainda mais: impellidos por um novo brio queriam todos a primasia em correr ás armas e ao campo, e um exercito luzido foi, em pouco, a encontrar os invasores, capitaneado pelo proprio consul, que soubera acalmar as dissensões, ou ao menos, protrail-as.

Desbaratado o inimigo, não refiro promenores, por não ser esse o meu ponto, voltaram os romanos aos seus lares. Vinham alegres, tranquillos, sem suspeita do que ia succeder-lhes.

Foi o caso:

Appio Claudio, ou porque porfiasse em fazer vingar a sua, ou porque, com inveja do collega, quizesse impanar-lhe a gloria, recentemente obtida, e malquistal-o com a plebe, poz-se a julgar nos pleitos de creditos, que estavam pendentes e a infligir, com feroz desabrimento, aquella pena odiosa, não só aos que acabavam de salvar a causa publica e de acudir aos seus naturaes, mas ainda a outros novos devedores.

Isto era pôr o fogo ao rastilho e fazer com que a mina reventasse.

Feridos de improviso e á falsa fé, por um proceder tão insolito, ajuntavam-se os queixosos, iam-se ter com Servilio, e apertavam-no para que mantivesse a sua promessa, como magistrado, e fosse por elles, como seu capitão.

Bem queria o consul valer-lhes, porque não era ruim de seu natural, e via-se prêso pela palavra que dera; porem, reccando romper com Appio, e com a nobreza que o applaudia, soccor-

reu-se á triste evasiva dos *addiamentos*. Jogou com pau de dois bicos; pôz-se a contemporisar, e o resultado foi, como sempre acontece, ficar mal com uns e com outros.

O senado deu-lhe um nome, que devia equivaler a *pasteleiro*; o povo chamou-lhe falso, e odiou-o ainda mais do que ao collega.

Este mostrava-se inexoravel. As sentenças ferviam; e a indignação publica chegou a tal auge, que já nem havia força para as executar. A sua simples leitura era seguida de uma apupada.

Emfim a cidade revolvía-se em uma agitação medonha. Regia a força bruta. E os consules, (foi no que deram os seus pannos quentes e as suas bravatas), vendo que se approximava, invololladó de chammas o turbilhão, que tinham soprado, abdicaram o cargo; *demittiram-se*.

Aulo Virgínio e Tito Vetúcio que os substituíram, não lograram extinguir a agitação da plebe, que, desconfiada, e cuidando de se aperceber para o que dêsse e viesse, ia de noite, fazer colluios para as Esquilias, e para o Aventino; e, como intentassem que isto era perigoso, fizeram queixa ao senado.

A camara acceitou-lhes a denuncia; mas, esbravejando em recriminações, pol-os por fracos e incapazes do governo, por não prenderem os moços, que se achavam recrutados, com o que, cuidava ella, se acabaria a revolta, visto ser a ociosidade o que mais a promovia.

Sairam d'ali os consules corridos de vergonha. Chegaram ao tribunal; tentaram começar o alistamento.... e nem um só mancebo appareceu! O que fizeram, foi exacerbar toda aquella turba-multa, que se apinhoava no portico, e que se punha a rir, e a gritar, e a jogar-lhes ameaças.

Desistiram, pois; e, voltando para a curia, relataram o que tinha acontecido; e os senadores, então, não menos imprudentes que soberbos, quizeram ir por si proprios desinganar-se do caso.

Como teimaram, foram. Viu-se um recruta ; chamou-se por elle ; o rapaz não se moveu. Deu-se ordem a um lictor para o filar. Foi a deitar-lhe a mão.... o povo oppoz-se, não consentiu, repelliu-o. A secúre foi debaixo.

Os nobres, descendo dos assentos, vieram acudir ao aguazil, e houve uma bulha suja, em que, como diz a historia, foi mais a vozeria do que o sangue. Não corresponderam os ferimentos aos ferros.

Logo que aquillo se accommodou, reuniram-se de novo os senadores, e foram cannas na Curia.

Faça-se idéa.... tudo a fallar e sem ninguem se intender : os *salvadores da patria*, principalmente os que tinham ficado esmurrados, pedindo devassas e querellas, malhando, á uma, sobre os pobres consules !... e então, como 'nesse tempo, ainda não estava inventado o mister de *apagador*, a sessão promettia prolongar-se em quanto durasse o folego aos *illustres oradores*.

Felizmente, o canção ia chegando. A duvida já estava só entre o que dizia Publio Virginio, e o que expunha Tito Larcio, quando Appio Claudio acabou com a questão.

— Para tirar á plebe, exclamou elle, o subterfugio das apellações e forçal-a a submetter-se, não vejo senão um meio : é crear-se um dictador.

Appio Claudio, ao lembrar este parecer, punha a mira em ser o escolhido, e saciar assim á vontade as vis paixões que o moviam, verberando, sob a egide de um poder irresponsavel, os que ousavam contrapor-se-lhe aos designios ; porem a sorte saiu-lhe em branco. Outro subiu ao logar, que talhára para si.

'Num trance tão melindroso, e com uma guerra á porta com tres nações colligadas, era preciso escolher quem, longe de irritar a multidão, servisse para applacal-a ; e o voto da maioria caiu em Manlio Valerio, cidadão lhano, cordato, e que, sendo irmão de Publicola, e do esforçado guerreiro que expirou junto ao lago de Regilla, devia ser bem acceito pelos populares.

E na verdade, o foi: A plebe, com quanto conhecesse que se havia recorrido á dictadura para mais a hostilisar, deu por boa a eleição; pôz confiança em Manlio; accedeu ao que elle quiz, quanto ás demandas por creditos; promptificou-se a alistar-se; e, dividida em dez legiões, partiu, levando-o á frente, contra os volscos, os equos e os sabinos, que venceu, em breves dias, ceifando bastos loiros em Vellitras.

No termo d'esta campanha, que foi uma das mais gloriosas, e no meio do triumpho pomposissimo, que lhe fizeram em Roma, offerecendo-lhe nó Circo uma curul, não fugiu Manlio Valerio ao que tinha pactuado. O seu primeiro cuidado foi occupar-se dos pleitos, e resgatar os plebeus da oppressão, em que os trazia a ambição dos usurarios.

Porem estes, que eram passaros bisnaus, e que, em sendo necessario, sabiam abrir a bolsa, dispozeram as coisas por tal jeito que, quando se tratou d'isso na Curia, os senadores foram contra.

O povo ficou passado. Ninguem esperava uma paga semelhante! E o dictador, offendido, e erguendo-se com magestade, no ponto em que a ira popular 'ia accender-se de novo, dizia em voz firme e severa:

— O que se pensa de mim? que sou homem para enganos? nunca os fiz em minha vida, e muito menos á plebe. Prometti, hei-de cumprir, como um romano ás direitas. E se assim lhes não agrado... eu d'outro modo não sirvo, e ahi deixo vago o posto que me deram. Largo. Não o quero; e lavo as mãos pelo que haja de occorrer,

Mal havia posto o pé fora da camara, correu a turba a cercal-o, abençoou-o, e, cobrindo-o de louvores e acclamações, o foi acompanhando para casa.

O senado pôz-se então a reflectir no que d'ali sairia. Previu o perigo, e quiz atalhar-o; e, como desconfiava do animo do exer-



cito, ordenou ás legiões que se apromptassem para marchar contra os equos. Triste arbitrio, que deu nova força ao mal!

A alteração reviveu e mais assustadora que as passadas.

O que primeiro occorria aos amotinados era dar cabo dos consules, para assim se poderem desquitár do juramento prestado. Detinha-os, porem, um escrúpulo religioso, e por isso duvidavam; até que, por cabeça de um Sicinió, resolveu sair tudo da cidade e ir acampar em um monte, que ficava a tres leguas de distancia, para alem do Anio, hoje Teverone.

E ali se deixavam estar á ventura, sem viveres, e de certo, sem penates, não dando a menor mostra de attentar contra o senado, mas buscando amedrontal-o com este afastamento singular.

Foi durante esses dias de penuria que a tia Anna padeira lhes andou, como reza a tradição, repartindo o seu pão quente.

E que em memoria de tal favor lhe erguesse o povo uma estatua... acho eu coisa natural e que prova que os romanos eram mais agradecidos do que os soldados de Diu, que nem puzeram sequer uma pedra á sua Izabel Fernandes, pelos mimos, que lhes deu, em occasião peor; o que duvido, o que nego, e perdoe-me o poeta de Sulmona, é que d'ella se fizesse uma *deidade*.

Anna, como toda a gente sabe, é uma palavra phenicia, que quer dizer *graciosa*, e uma nação como aquella, tão lasciva e sensual, que só votava cultos á belleza, não havia de ir agora ajoelhar-se ante uma velha ingelhada, e mais feia do que um bode, que, por melhor que amassasse, e que desse de almoçar, era indigna do nome que trazia.

Por isso estou que a *Perenna*, ou seria a irmã de Dido, ou tudo quanto quizerem, menos a serpe de Bovis. De naiade para *cascata* vai uma grande differença.

Porem, voltando á plebe agastada, o susto que reinava na

cidade, não podia ser maior; e o senado, que já estava por quanto se quizesse, incumbiu a Menenio Aggripa, havido geralmente por sisudo, e da egualha dos plebeus, porque era de obscuro nascimento, de ir negociar as pazes.

O homem foi, chegou lá; disse ao que ia; e, como tinha o don da eloquencia, fez a sua arenga á gente, servindo-se de um certo apologo, em que, por um arrojio de rhetorica, se lembrou de comparar a um bucho humano o respeitavel corpo senatorio!

O certo é que a idéa foi de molde para pôr termo ao amuo; o populacho cedeu; mas para que não fosse mais burlado, impoz suas condições, e clamou por um penhor. Quiz que houvesse dois magistrados, privativamente seus, que soubessem defendel-os, pugnar-lhe pelos fóros, e zelar-lhe as regalias, sendo tidos, além d'isso, por immunes.

E, como Aggripa annuiu, celebrou-se o *protocolo*, e fez-se logo a escolha dos tribunos, e a promulgação da lei, que os tornava *inviolaveis*, vindo d'ahi chamar-se *sacro* ao monte, segundo a melhor archeologia.

tos usos e costumes. O antigo estilo etrusco, posto que tenha força e energia, não tem expressão, nem belleza; tudo em suas obras é exaggerado, os movimentos são angulares, os pannejamentos pesados, e os contornos mal desenhados e incertos.

O bom gosto da estatuaria entre os romanos começou a difundir-se, pela communição e alliança que tiveram com os gregos, depois das guerras da Macedonia e da Syria, duzentos annos antes da era christã; porque 'nesse tempo é que elles se apoderaram dos mais preciosos objectos das bellas-artes da Grecia. O Fôro romano foi ornado de mais de tres mil estatuas, e só no Capitolio passante de doze mil. Estas obras primorosas, e o exemplo dos artistas que vieram para Roma, melhoraram o gosto dos romanos; mas, no sentir da maior parte dos criticos competentes, as bellas-artes, exceptuando a architectura, nunca se naturalisaram bem em Roma. E assim como a estatuaria grega foi reconhecidamente egypcia em Argos, em Esparta, e em Athenas no tempo de Dédalo, e nos seculos heroicos, assim tambem a estatuaria romana, nos primeiros tempos da republica, foi etrusca, e nos tempos posteriores, foi verdadeiramente grega com pequenas excepções. Devendo porem fazer-se esta grandissima differença entre gregos e romanos, tão judiciosamente notada pelo sabio Schlegel, a saber: que no pequeno periodo dos vinte ultimos annos do governo de Pericles, Athenas se enriqueceu de mais obras primorosas de bellas-artes, no excellento estilo puramente grego, do que Roma, a soberana do mundo, jámais pode conseguir e igualar no decurso de sete seculos!!! É o estilo grego a reunião da magestade e da grandeza, acompanhadas de simplicidade, dirigidas por um sentimento puro, contidas nos limites da moderação e do bom gosto; e como bons imitadores d'este estilo são nomeados os distinctos estatuarios romanos *Cncio*, *Espoliano*, *Caio*, e outros; mas deve advertir-se que as suas obras em geral, aliás boas e estimaveis, não chegaram á belleza e per-

feição da estatuaría grega, que tem em seu abono *Phidias*, *Polyclito*, *Myron*, *Praziteles*, e outros; e o proprio Plinio assim o confessa no livro 34, cap. 18. De modo que, diz um grave historiador, deve considerar-se como lisongeira, e excessivamente exaggerada a expressão que Horacio dirige a Augusto na Epistola 1.<sup>a</sup> v. 33 do livro 2.<sup>o</sup>

..... Pingimus, atque  
Psallimus, et luctamur Achivis doctius unctis.

É verdade que no tempo de Sylla o gosto das obras de bellas-artistas, e mórmente da esculptura e da architectura, foi levado ao ultimo excesso, e até delirio; mas o tempo do seu florescimento foi o de Adriano; o caracter d'esta época foi o do muito acabado e polido, e o dos ornamentos. No governo dos Antoninos decaíram as artes, e no de Severo quasi que se extinguiram, e apenas apparecem d'ellas alguns traços no tempo de Constantino, o grande.

Emfim, no seculo 13.<sup>o</sup> tornaram as bellas-artistas a renascer na Italia; e Miguel Angelo Buonarotti, um dos maiores artistas, se não o maior de todos, que appareceram no seculo 15.<sup>o</sup>, o *gigante da esculptura*, como lhe chamava Joaquim Machado de Castro, nosso insigne estatuário, e meu douto e respeitavel mestre, Miguel Angelo, que na minha opinião pode bem emparelhar-se com os mais famosos artistas gregos, pelo seu prodigioso talento, pela força do seu genio, e pelos seus profundos estudos, soube concorrer, e acabar de restaural-as, e com os seus melhores discipulos fazer brilhar o bom gosto, a magestade e a belleza da arte estatuaría.

FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES.

## NOTA DECIMA TERCEIRA

PAGINA 81 — VERSO 28

### BACCHO

Desde as remotas eras do paganismo tem sido Baccho o objecto da mais alta consideração de todos os poetas; ora cantando-lhe versos, ora pedindo-lhe inspirações, ora arrebatando-se em vôos de enthusiasmo debaixo da sua influencia.

Quo me, Bacche, rapis tui  
Plenum? Quae nemora aut quos agor in specus,  
Velox mente nova?.....

(*Hor. lib. 3, ode 23*).

Segundo parece, os poetas celebravam tambem as festas do grande deus, havendo para isso um jantar poetico, onde se cantava um hymno solemne dedicado a Baccho. Assim nos informa Propercio no livro 4.º elegia 6.ª, e Ovidio no livro 5.º dos Tristes, elegia 3.ª

Illa dies haec est, qua te celebrare poetae,  
(Si modo non fallunt tempora) Bacche, solent:  
Festaque odoratis innectunt tempora sertis,  
Et dicunt laudes ad tua vina tuas.  
Inter quos, memini, dum me mea fata sinebant,  
Non invisata tibi pars ego saepe fui.

Tudo isso obriga a nossa curiosidade a indagar a causa de

tamanha devoção, e sobre tudo o motivo por que Baccho é inspirador de poetas.

Será porque Baccho e Apollo são uma e a mesma divindade?

Pode muito bem ser. As autoridades de Eschylo e Euripides assim nol-o podem fazer acreditar. Macrobio, no livro 1.º das Saturnaes, capítulo 18, confirma tambem esta asserção; e Horacio parece pensar do mesmo modo quando na sua ode 19 do 2.º livro diz assim:

Bacchum in remotis carmina rupibus  
Vidi docentem (credite posteri)  
Nymphasque discentes.....

Segundo os criticos, devem-se por ninfas intender aqui as musas, da mesma sorte que em Virgilio na ecloga 7.ª verso 21, quando Corydon lhes pede um canto.

Nymphae, noster amor, Libethrides.....

Á vista d'isto, parece-nos, para que Baccho se atrevesse a ensinar versos ás musas, que, ou elle deveria ser o proprio Apollo, ou pelo menos deveria ter uma veia igual á sua. De qualquer dos modos não admira nada que o divino habitante de Nisa seja mestre de poesias e inspirador de poetas.

Todavia não é esta a nossa opinião.

Ha uma razão mais forte, mais obvia, e que nos pode vir dos testemunhos, da observação, e até mesmo da experiencia.

O vinho que, na maior parte dos casos, se toma pelo deus que primeiro plantou vinha e pisou uvas, foi sempre benignamente acolhido por classicos e romanticos, e a lisonja dos poetas que exaltavam a Baccho, dirigia-se mais aos seus toneis do que á sua divindade. Que elle é pai de ledices e açoite de tristezas, não só o attestam autoridades profanas, mas tambem sagradas.

Ut educas panem de terra: et vinum laetificet cor hominis  
Ut exhilaret faciem in oleo

(*Psal. 103, § 15 e 16*).

É uma medicina que não soffre controversias ; remedio prompto das almas e dos corações.

Ora, assim como o vinho é capaz de alegrar o coração e tornar risonho o semblante, porque não ha de poder tambem dispor o animo para fazer versos ? Com effeito, os factos e as opiniões provam sobejamente este poder do vinho. A sua influencia foi e será sempre a alma dos festins, as suas propriedades desferrujam e tornam as linguas eloquentes, e o seu espirito creador aviva a imaginação e pode produzir muitos poemas. A tragedia surgiu d'entre as festas de Baccho e elevou-se talvez nos fumos do alcool. Horacio na sua epistola 19 do livro 1.º affirma-nos que nenhuns versos podem agradar, nem viver por muito tempo, escriptos pelos poetas que bebem agua. Nem admira que tal caso se dê entre os mortaes, quando na mesma epistola se vê que as proprias musas, logo pela manhã, buscavam a inspiração para todo o dia.

Vina fere dulces oluerunt mane Camoenae.

e em seguida

Laudibus arguitur vini vinosus Homerus:

Quem mais poeta do que Homero, e quem mais louvores teceu ao vinho a ponto de por isso o accusarem !

Ennius ipse pater nunquam nisi potus ad arma  
Prosiluit dicenda.....

Era o vinho para a mente do velho Ennio como as velas para o navio, ou como o vento para ellas, e bem lhe podera dizer como o poeta :

.....o olhar benigno  
Inclina para mim, sopra ao meu estro.

É pois nossa opinião que o vinho, assim como determinava o pai Ennio a cantar as armas, influiria da mesma sorte sobre os mais poetas. Para ver esta influencia basta comparar os versos inspirados pelo vinho com as poesias dos poetas d'agua doce.

HENRIQUE AUGUSTO DA SILVA.

## NOTA DECIMA QUARTA

PAGINA 83—VERSO 11

### O INCENSO

Essas terras do incenso ás beiras do Indo.

É o incenso o symbolo da oração; e a oração é o intimo perfume exhalado d'alma a involver-se nas pregas do manto do Creador, quando queimado sobre o fogo puro de acerbo soffrimento, ou de alentado fervor, no thuribulo do nosso coração!

Com effeito! quem ha visto, em horas de padecer, as oblações do incenso feitas perante o altar do templo christão, que não vista o pensamento do involtorio tenue das fluctuantes e perfumadas nuvens para juntos se erguerem até ao throno de Deus?... Quem não ha fantasiado um sorrir bondoso do Eterno ao receber o aroma singelo do incenso, que pelas naves se expande em ligeiros flocos, cortados além por um raio de sol de primavera,



que se escoa através das gelosias a colorir de mil cambiantes caprichosos as caprichosas ondulações de seu fumo subtil?... Quem não ha meditado na emblematica harmonia da prece e do incenso, quando uma vez ergueu até ao Grande Espirito a debil voz da sua oração, singela offrenda do seu abrazado fervor.... perfume exhalado dos mais ricos aromas da naveta de sua alma a crepitarem sobre o fogo da sua intima fé?

E porque razão este de preferencia a outro dos muitos e variados perfumes, que a natureza em si contém, costuma ser offerecido como tributo de adoração á divindade?... Eis o mysterio indecifrável!... Eis o magico segredo do incenso, predeterminado já pelo Ser Infinito (segundo se depreheende das sagradas lettras) para ser o unico aroma grato á côrte celestial.... o unico que, por mandado do proprio Deus, se queimava em honra sua perante os altares dos antigos sacrificios, como de uso ficou sendo tambem na lei da graça!.... Eis o hyeroglifico mysterioso, antevisto já pelo rei psalmista, confirmado pelo Apocalypse na revelação ao evangelista João e pelas allegorias de Chrysostomo, de Agostinho, e d'outros doutores da Igreja!.... Eis o mystico emblema gravado pelo proprio Creador do Universo nas fluctuantes columnas do incenso, e reconhecido por todos os povos da terra, que, como sabios, prestam grande culto e veneração á arvore ditosa que o produz, colhendo-o com grandes ceremonias e festejos.... como quem vai receber da natureza a balsamica offerta só grata ao Creador!.... Eis finalmente porque, no presepio de Bethlem, quando ao filho de Maria offereceram os magos myrrha e oiro, como rei e como homem, lhe depozeram tambem ás tenras plantas o tributo do incenso como Deus!.... Eis o mysterio!....

E o que é a oração senão um mysterio da nossa alma, involvido no tenne fumo de fervorosas palavras, a subir na amplidão do espaço até ao solio da Immensa Potestade? O que é a

oração senão o mesquinho tributo da nossa adoração ao Ente Supremo, já pedindo-lhe que nos minore os secretos padecimentos d'alma, já rendendo-lhe graças pelos gosos intimos que nos derramou no coração? E o que é a oração senão a elevação do espirito.... da essencia do nosso ser até ao Ser sempiterno, a diffundir-se nos odores da crença até receber um sorriso da divina bondade?

Tão mysterioso emblema das fragancias d'alma não podia deixar de ter uma origem involvida tambem nas obscuras trevas de caprichoso mysterio! É assim que, conhecido o incenso desde a mais remota antiguidade, pelo emprego que d'elle se fazia nos altares, era ainda no seculo de Plinio ignorada a arvore afortunada, que produzia a balsamica resina; nem dilucidaram esta ignorancia os embaixadores, que 'nesse tempo vieram da Arabia a Roma; e hoje mesmo, que frequentes observações e estudos hão sido feitos sobre o assumpto, um veu de duvidas circunda ainda em parte tão poetico mysterio!

O incenso d'Africa (chamado tambem *Olibanum* de *Oleum Libani*, e em latim *Thus de Ova*) e por ventura o mais puro, foi o primeiro conhecido na Europa; ácêrca porem da sua origem discordaram Theophrasto, Dioscorides e Plinio, tornando-a em suas descripções quiçá mais tenebrosa; nem maior felicidade coube em partilha aos modernos! assim Linneu o fazia originario da uma especie de *Juniperus* conhecida na Hespanha, e de outra, que vegeta nas regiões da Africa e no meio-dia da França, onde aliás se não apresenta vestigio de incenso; o moderno viajante Mollien dá-lhe nascimento 'numa arvore espinhosa da Nigricia; Beaufort attribue-lhe a origem a uma arvore do genero da figueira; e 'neste labyrintho de opiniões só se pode ter por sem duvida que o incenso é colhido em toda a região média e mais quente da Africa desde o Mar Vermelho até á Senegambia.

O incenso da India, ou de Moka, denominado pelos hindous *kundir zuchir* e confundido por muito tempo com o d'Africa, principalmente por vir como aquelle para o commercio europeu por via do Egypto, foi recentemente (1798) demonstrado ser produzido pela *Boswelìa serrata*, decandria monoginia da familia das terebinthaciàs, que Leschenault teve occasião de observar em Bengala; suppondo por isso alguns, embora productos semelhantes se encontrem em vegetaes de familias bem diversas, a possibilidade de ser identica á d'este a origem do incenso d'Africa.

O incenso, cujos caracteres physicos são bem conhecidos, cuja analyse chimica é devida a Braconnot, tem de propriedade um cheiro, que se não confunde com o das outras terebinthinas, balsamos, ou resinas, e de que bem curioso seria conhecer a essencia.

É ainda um mysterio a natureza intima d'esta substancia, predestinada para geroglifico da oração, que mysteriosa recende tambem quando do coração se eleva a Deus, sem que ninguem possa conhecer-lhe ou decifrar esse caracteristico especial do seu perfume.... esse cunho peculiar da sua secreta essencia!....

Mas como d'entre as preces, que se elevam puras d'alma, nascem ás vezes algumas, cuja particular e intrinseca natureza não tem o agradavel aroma da verdade, mas antes o falso odor da adulação; assim tambem d'entre os vegetaes alguns ha que dão nascimento a productos, que, embora simulem o incenso, não participam todavia da sua excellencia e sublime pureza.... concorrendo, pela illusão que trazem ao espirito dos observadores, para tornar mais obscura e confusa a origem do verdadeiro; tal é no Clisio *Helianthus thurifer*, a *Thuraria chileusis*, da familia das Solaneas, no mesmo paiz, e a *arvore do incenso* descoberta por Hernandez no Mexico; e assim como tambem d'entre as preces verdadeiras umas nascem espontanaes do imo d'alma, robustas e fortalecidas pela seiva vecejante de arrega-

das crenças, e outras desabrocham tibias e como effeminadas, apenas pelo estímulo forte de uma dôr profunda, tambem do mesmo modo entre a bella gomma-resina do incenso uma vem depôr as suas brilhantes lagrimas sobre a rugosa epiderme da arvore que lhe dá o ser por mero effeito da natural elaboração da pingue seiva, outra apenas brota em virtude de fundas incisões dadas na casca de sua progenitora. A tão bem fadada substancia deveria caber em sorte um papel brilhante nos empregos therapeuticos; e, se como a oração, efficaz remedio dos males d'alma, ella ha sido desprezada um pouco nas enfermidades do corpo, não deixa comtudo de se lhe reconhecer a excellencia de sua acção salutar, assim, bem como a prece minora os padecimentos do interior, dando alento aos pulmões, que com esforço buscam dilatar-se na inspiração de um ambiente puro que a dôr parece negar-lhes; taes, d'entre outros medicamentos, são os vapores do incenso por mais balsamicos, e penetrantes, os mais capazes de actuar com efficacia sobre o parenchyma pulmonar, dando-lhe tom e actividade no caso de debilidade ou de atonia; tal como a prece abranda o padecer de um pensar exaltado, ou de uma imaginação doente, assim tambem são os vapores do incenso dos agentes cephalicos mais efficazes para actuar sobre o orgão do pensamento; e finalmente bem como a efficacia da prece ha sido reconhecida desde a mais remota antiguidade no padecer d'alma e do coração, assim tambem se encontra o incenso prescripto como medicamento idoneo nas molestias do cerebro e do peito desde Hippocrates e Galeno.

Á emblematica significação d'esta odorifera gomma-resina, indicada pelo escriptor do seculo xvii frei Isidoro da Barreira, sobre fundamento dos sagrados textos, e confirmada pelas allegoricas deducções, que offerece o estudo da sua natureza, accresce ainda, como remate, a linguagem tão symbolica, que, bem como a prece, preserva o espirito de todo o genero de corrupção. Os

egyptios nas suas mumias, perpetuadoras dos individuos, faziam grande e principal emprego do incenso; mas o segredo d'esses preciosos embalsamamentos, que promettiam ao cadaver uma conservação eterna, jaz sepultado com os mesmos egypcios no pó do tempo; a preciosa substancia, não nol-o soube conservar!

ANTONIO MANUEL DA GUNHA BELEM.

## NOTA DECIMA QUINTA



PAGINA 83—VERSO 29

### OVIDIO E CAMÕES

Allude aqui Ovidio ás bem conhecidas façanhas de Baccho na India, que é inutil referir, porque tem servido de assumpto aos poetas, e se encontram narradas em todos os dictionarios mythologicos.

D'estas decantadas façanhas de Baccho na Asia tomou partido com a sua habitual habilidade e ingenho o nosso Camões para o antagonismo do Deus contra os portuguezes, que vão escurecer os seus antigos feitos, pelos seus descobrimentos e conquistas 'naquellas apartadas regiões; antagonismo este que se revela logo no principio do poema na despeitosa falla que lhe põe na boca, no concilio dos deuses, e que pelo decurso do poema constitue o seu principal enredo.

O nosso Camões era grande admirador do poeta latino, e mais de uma vez se encontraram os dois poetas, nas mesmas idéas,

pensamentos, e affectos, principalmente nas *Metamorphoses* e nos *Tristes*. No 1.º livro dos *Fastos* ha um logar notavel quando nos apresenta Jupiter abrangendo com a vista o orbe, e esse todo romano

Jupiter, arce sua totum cum spectet in orbem,  
Nil nisi Romanum, quod tueatur, habet.

Quão acanhado porem era esse orbe romano que regia o Jupiter de Ovidio, do qual se pode dizer que era uma extremidade o sitio onde o poeta escrevia, em comparação d'aquella vastidão de imperio que o Deus verdadeiro entregou aos nossos portuguezes para 'nelle arvorarem a cruz e sementearem á sua sombra a civilisação, e que o nosso poeta, com o mesmo pensamento, descreve na est. 8.ª do 1.º canto dos *Lusiadas*:

Vós poderoso Rei, cujo alto Imperio  
O sol logo em nascendo vê primeiro,  
Vê-o tambem no meio do Hemispherio  
E quando desce o deixa derradeiro.

Mas não é somente na similhança de pensamentos e affectos, mas ainda na do infortunio, que se encontra paridade entre os dois grandes poetas: fallo no desterro por amores palacianos; paridade a que o poeta se refere na sua elegia 3.ª que começa

#### O Sulmonense Ovidio desterrado

É curioso interrogar o coração dos dois poetas em tão dolorosas circumstancias da vida, e comparar as situações relativas. Não admira que ao poeta latino, em paiz arido, entre barbaros, lembrassem a mulher, os filhos, os penates e a patria, e que rompesse nas mais affectuosas expressões de sentimento. A dôr porem do nosso poeta, não era menos violenta, por ventura mais, por quanto deportado em um sitio cercado de todos os encantos da natureza,

onde parece que os amigos lhe vinham fazer companhia, nada podia mitigar-lhe a saudade que tão poeticamente traslada na já citada elegia ; a companhia era para elle a solidão e todos os encantos locaes se convertiam em ermo escabroso, solitario e aborrecido

Não vejo senão montes pedregosos  
E os campos sem graça e secos vejo.

Tanto pode o amor, que povoa quando feliz, com um sopro creador o deserto, e torna, quando infeliz, erma a companhia, taciturna a mesma hilaridade. Pedi emprestada a penna a Milton, e pintai-nos um paraizo, porem tirai-lhe a companheira da vida, a mulher, e guardai o vosso paraizo que ninguem o trocará pelo doce purgatorio do amor. O poeta porem em geral, 'nesta amargurada situação da vida, leva vantagem a qualquer outro ; tem sempre quem lhe faça companhia, quem lhe mitigue as dores do coração chagado ; é a sua musa :

Só sua doce musa o acompanha  
Nos versos saudosos que escrevia.

E isto acontecia aos nossos dois grandes poetas. Quando o latino escrevia as suas *Tristezas*, ou o nosso especialmente as suas primeiras elegias, e algumas das suas inimitaveis canções, deviam sentir um grande allivio á sua dôr.

VISCONDE DE JUROMENHA.

## NOTA DECIMA SEXTA

PAGINA 87—VERSOS 21 E 22

### FERROADAS DE VESPA

A applicação do lôdo em emplastro sobre as ferroadas das vespas, é ainda hoje remedio popular em muitas partes de que pude obter noticias. Com urina, ou saliva, ou mesmo agua simples, amassam os camponios uma porção de terra ou barro, e com este mixto emplastram a parte das ferroadas, e segundo dizem, com bom resultado, porque a dôr vai diminuindo, e bem assim a inchação até desaparecerem de todo.

Sendo innegavel o facto, como explical-o?

Nas ferroadas das vespas tres coisas ha para considerar : primeira, a ferida causada pelo ferrão ; segunda a inoculação d'um principio acido, distillado pelo ferrão como canal conductor do reservatorio d'aquelle principio segregado pelo insecto ; terceira, a inoculação accidental d'outros principios de peor natureza, o que só se dá quando o ferrão vem envenenado pelo contacto d'algum cadaver, ou d'outra qualquer substancia organica putrefacta.

No primeiro caso, o emplastro de lôdo interceptando a introduccão do ar na ferida, facilita a cicatrização, e obsta aos resultados do contacto do ar com a derme desnudada ; igual effeito produz nas pequenas slictinas resultantes da inoculação do principio acido, alem da acção chimica, que sobre elle devem operar, os principios alcalinos, que notavelmente figuram tanto na



urina e saliva, como na terra que se amassa, neutralizando-o completamente; na pratica que corresponde á que a medicina emprega em taes casos, usando de preparações ammoniacaes, ou calcareas. Duvido porem de que o emplastro popular seja sufficiente para atalhar o mal, quando se dê o terceiro caso.

Em geral as ferroadas das vespas só apresentam gravidade, quando são em demasia, e não se lhes tem acudido promptamente.

ANTONIO JOSÉ DE SOUSA.

## NOTA DECIMA SETIMA



PAGINA 95—VERSO 1

### OS TIRA-NÓDOAS E O SABÃO

*Hanc cole, qui maculas laesis de vestibus aufers*

Vós que expurgaes de maculas as vestes.

O aceio do corpo e a limpeza dos vestidos foram sempre indícios de uma civilização adiantada.

Na época mais florente de Roma, no principio do imperio, a elegancia dos habitos, que tendia a exaggerar-se, acompanhando a corrupção dos costumes, dava grande apreço áquelles signaes exteriores da propria estimação.

Nenhum povo da antiguidade deixou tantos vestigios da sua paixão pelo aceio do corpo, como aquelles que os romanos nos legaram nas ruinas das sumptuosas thermas e banhos, que ainda

hoje encontramos por toda a parte aonde se estendeu o seu dominio.

Os seus historiadores, poetas e esculptores attestam-nos exuberantemente o extremo cuidado, que os senhores do mundo punham na elegancia dos seus vestidos.

A industria dos pizoeiros, lavandeiros e tira-nodoas devia ser extensa e importante na capital do mundo, aonde se reuniam todas as grandezas da terra; e os escriptos de Plinio assás corroboram esta nossa conjectura.

Os romanos opulentos eram por extremo afeiçoados ás vestes alvas, apesar das antigas pragmaticas (1) e os pretendentes á magistratura e empregos publicos tiveram o nome de *candidatos*, porque se faziam notaveis pela alvura das suas tunicas, a que a industria dos lavandeiros romanos conseguia dar deslumbrante brilho.

Quaes fossem os meios empregados por estes industriaes de Roma para conseguirem tão perfeitamente a lavagem dos vestidos e a alvura das fazendas, com que elles se fabricavam, é o que nós hoje não podemos saber com toda a exacção, por serem incompletas as noticias que os escriptores latinos nos transmittiram sobre esses processos, sendo todavia os escriptos de Plinio aquelles que mais luz nos ministram a este respeito.

Quasi todas as artes e industrias vieram com a civilisação da Asia aclimatar-se na Europa, passando pelo Egypto e pela Grecia.

Nos livros sagrados dos israelitas se encontram disseminados os vestigios das mais remotas conquistas da industria humana, e ali costumam os historiadores ir buscar as provas de antiguidade de todas as artes.

Alguns dados nos offerecem já as Sagradas Escripturas para

(1) Tito Livio, liv. iv.

sobre elles assentarmos a bem fundada conjectura da existencia de processos de lavagem pelo emprego de materias, mineraes e organicas, aptas para aquelle intento.

É hoje o sabão a materia mais vulgar empregada no mister das lavagens. Querem alguns que no Velho Testamento se mencione já o sabão, como sendo empregado para aquelle fim ; mas esta asserção não tem fundamento seguro, e só podia nascer da errada versão que Luthero fez da Sagrada Biblia, e principalmente do v. 22 do cap. 11 de Jeremias, onde traduziu a palavra *borith* por *sabão*, que de nenhum modo lhe corresponde.

'Numa traducção portugueza da Biblia, pelo padre João Ferreira d'Almeida, ministro prégador do Santo Evangelho em Batavia, impressa em Londres em 1819, encontra-se o mesmo erro que, sem injustiça, se pode chamar grosseiro, e que elle repetiu ainda na versão do v. 2 do cap. 111 da prophecia de Malachias.

Eis aqui como elle traduziu aquelles dois citados passos :

« Pelo que ainda que te laves com *salitre*, e te amontoes *sabão*..... »

« ..... porque elle será como o fogo do ourives e como o *sabão* dos lavandeiros. »

O nosso erudito padre Antonio Pereira de Figueiredo foi mais prudente na versão d'aquelles dois passos, porque em ambos os versos deixou subsistir a palavra *borith*.

Vejamos a sua traducção.

« 22. Ainda que tu te laves em agua de *nitro* e amontoes herva de *borith* sobre ti, maculada está a tua iniquidade diante de mim, diz o Senhor Deus » (Jeremias cap. 11).

E na prophecia de Malachias, cap. 111 v. 2, diz : ..... porque elle será como o fogo que derrete os metaes, e como a herva dos lavandeiros. »

O *nitrum* ou *natrum* que o primeiro traduziu em salitre, e o segundo em nitro, é evidentemente a substancia que ainda

hoje se chama *natrão* ou o *sesqui-carbonato de soda*, producto natural que a evaporação de certos lagos da Syria, da Persia, da India, da Arabia, do Thibet, da China, da Hungria e principalmente do Egypto, deixa como residuo nos seus leitos. É esta substancia que desde os mais remotos tempos servia na lavagem das roupas, e na fabricação dos vidros e em outras industrias que, em nossos dias e na Europa, se servem da *barilla* ou da *soda* artificial, cuja composição pouco differe, e que funcionam do mesmo modo.

A herva do *borith* de que falla Jeremias, e a herva dos lavandeiros, a que se refere Malachias, devem seguramente ser identicas. Os antigos e os modernos, os selvagens e os povos civilizados serviam-se, e ainda se servem, das folhas e raizes mucilaginosas de certas plantas para a lavagem de tecidos. A herva do *borith* parece ser, segundo as descripções dos antigos, a mesma que o *struthion* dos gregos, ou a *gypsophylla struthrum* e a *herba lanaria* de que falla Plinio, e com a qual os lavandeiros de Roma tornavam tão bellas as tunicas dos candidatos. A *herba fullonum* dos antigos, ou a *saponaria* dos modernos, era já usada pelos antigos arabes para lavar os finos tecidos e apisoar as lãs, como se vê em Dioscorides liv. II, cap. 193. Mr. Jaubert, que no principio d'este seculo trouxe para a Europa as celebres cabras do Thibet ou de Cachemira, fez conhecida esta herva com o nome *ischkar* ou *saponaria* do Oriente, da qual os tiranodas se servem para lavar os chales finos de lã que hoje chamamos cachemiras.

O dr. Knapp, professor na universidade de Giessen inclina-se, não sei com que fundamento, a suppôr que o *borith* das Sagradas Escripturas seja o sal lexiviado das cinzas vegetaes (*vegetable lye salt*) ou a potassa; mas não me parece que seja necessaria uma interpretação tão forçada, quando nós sabemos que a lavagem com as mencionadas plantas era conhecida na Asia

desde os tempos mais remotos, apesar de que o uso das lexi-  
vias das cinzas e as do natrão ou soda são mais proprias para a  
lavagem dos tecidos vegetaes de linho e algodão do que para os de  
lã ; e como os antigos povos da Asia e da Europa civilizada usa-  
vam finos vestidos de lã é provavel que não empregassem na la-  
vagem d'estes nem a soda ou natrão, nem as cinzas, que breve  
lh'os destruiriam, e sempre lhes deviam communicar uma côr  
amarellada e um feio aspecto.

Outros meios de tirar as nodos gordurosos dos tecidos de  
lã e de os branquear empregâmos nós hoje os quaes tambem  
os romanos conheciam. São estes as terras absorventes e o gaz  
proveniente da combustão do enxofre.

Todos sabem que a gredas, as argilas brancas ou pardas, a  
terra do pisoeiro, que na essencia são uma e a mesma coisa, e  
até o cré, servem para absorver as substancias oleosas que ma-  
culam os vestidos de lã.

Plinio diz a este respeito : « Era estimada principalmente a  
greda da Thessalia ; encontra-se esta na Lycia, nas cercanias de  
Bubon. A cimolia serve tambem para desengordurar os vestidos.  
A que vem da Sardenha, a qual tambem chamam sarda, não é  
boa senão para os tecidos brancos, e não serve para os de côr ;  
é a menos estimada das cimolias. A que se tira da Umbria, e  
que se chama cimolia em pedra, é mais vantajosa. Tem esta ul-  
tima de particular que augmenta quando se macéra. Vende-se a  
pêso, em quanto a sarda se vende por medida de volume. A ci-  
molia da Umbria unicamente se emprega para tornar limos os  
tecidos. »

Mr. Ajasson de Gransagne, traductor francez de Plinio, diz  
em uma nota que a cimolia ou cimolithia fôra em outro tempo  
confundida com a argila smectica ou terra de pisoeiro, que é in-  
teiramente differente d'ella. Segundo diz M. Dumas a cimolia ou  
pedra cimoliana, ou de Cimole, uma das tres cyclades, parece

ser simplesmente a soda cretacea, ou o natrão que por muito tempo se confundiu com a soda ordinaria.

Assim em quanto a greda opera só no desenlodoamento dos tecidos pela sua simples acção physica absorvente, a cimolia actuava chimicamente, constituindo, pela soda que contém, um verdadeiro sabão com as materias gordas, tornando-as, por esse facto, soluveis na agua.

O branqueamento pelo enxofre queimado emprega-se com summa vantagem nas lãs e nas sedas e em todas as materias animaes. A combustão do enxofre é o acto da combinação d'este corpo com o oxigenio do ar, da qual resulta um gaz suffocante que os chimicos chamam gaz acido sulfuroso; este tem a propriedade de tornar incolores muitas materias corantes e d'ahi vem o seu emprego nos branqueamentos. Os asiaticos e depois os romanos conheceram e utilisaram este facto. Plinio diz a este respeito: « Não deixaremos de mencionar estas particularidades, porque existe uma lei *metelia* relativa aos primeiros, proposta á sancção do povo pelos censores Flaminio e L. Enafio, tão grande cuidado punham os antigos em todas as coisas. Eis-aqui como se procede: primeiramente lava-se o estofa com a sarda, expõe-se depois ás fumigações do enxofre. Faz-se cair o primeiro rebeco com a verdadeira cimolia; a falsa reconhece-se porque ennegrece, e se decompõe pela acção do enxofre. A verdadeira cimolia faz mais suaves e alegres as bellas e ricas côres que pareciam embaciadas pelo enxofre. Para os estofos brancos faz-se succeder ao enxofre a pedra cimolianna, que é inimiga das côres. A cimolia os gregos substituem o gesso de Tymphéa. »

Ainda que desta descripção reina uma certa confusão, e até contradicção, é certo que o enxofre queimado era já em Roma um meio empregado no branqueamento dos tecidos de lã.

É ainda questão para resolver se os antigos, e com especialidade os romanos, conheciam o sabão e o empregavam na la-

vagem da roupa. O silencio de Plinio a este respeito, quando elle menciona os outros meios a que já alludimos, induz-nos a acreditar que o sabão não era pelo menos de uso geral na lavagem dos tecidos.

Na realidade o sabão, que é um composto de um alkali (potassa ou soda) e de uma materia gorda (oleo, cebo ou gordura), é eminentemente proprio para a lavagem dos tecidos brancos fabricados com filamentos vegetaes, linho ou algodão; mas não é o mais conveniente nem para os tecidos tintos, nem para os de lã e seda, que, por serem constituídos de materia animal, são mais ou menos profundamente alterados pelo alkali que faz parte do sabão.

Os tecidos de lã eram os mais communs e vulgares entre os antigos, e as roupas brancas de linho, e depois as de algodão, só nos tempos modernos chegaram a ser de geral e consideravel consumo, que todos os dias augmenta, e ainda não attingiu, em relação a cada individuo, o maximo a que tende constantemente.

Não quero com isto dizer que o sabão fosse producto desconhecido em Roma no tempo do seu maior esplendor. Plinio menciona-o como invenção das Gallias, e empregado para tornar loiros os cabellos (1), applicação que nos parece mais do que duvidosa: Seja porem como fór, o que é verdade é que Plinio não só menciona claramente o sabão, mas até nos diz a sua composição *fit ex sebo et cinere*, e até parece distinguir as duas especies de sabão, o duro e o molle, nos termos *spissus ac liquidus*. É todavia verdade que não é com a cinza de todas as plantas que se podem fabricar estas duas especies. A cinza das plantas lenhosas e terrestres que contêm potassa, dão a especie molle, e o

(1) Prodest et sapo; Galliarum hoc inventum rutilandis capillis. Fit ex sebo et cinere. Optimus fagino et caprino: duobus modis, spissus ac liquidus. *Plin. Hist. nat. Lib. xxviii, cap. 12.*

natrão, a soda, ou as cinzas das plantas salgadas, como a bar-  
rillia, servem para fabricar a especie dura.

Querem alguns etymologistas derivar a palavra *sabão* do la-  
tim *sebum*, porque com sebo se fabrica; porem, sendo, como  
parece, este producto originario da Gallia celtica, é natural que  
venha antes de uma palavra celtica conservada na lingua pro-  
vençal, o *saboun* de que os gregos fizeram *sapon*, os latinos *sapo*  
e nós *sabão*.

Os marselhez, descendentes dos phoceos em linha recta,  
querem para si a gloria de haverem sido desde os tempos mais  
remotos, como hoje o são incontestavelmente, os primeiros fa-  
bricantes de sabão; porem os documentos antigos não offerecem  
base segura áquella sua pretensão; comtudo em Roma era co-  
nhecido o sabão gallo e o germanico.

No *Tratado dos sabões* de Poutet, que faz parte da grande  
Encyclopedia methodica, acho consignado o facto do descobri-  
mento de uma saboaria, com alguns dos seus productos, entre  
as ruinas de Pompeia onde a vida romana foi abafada no anno  
79 da nossa era debaixo das cinzas abrasadas do Vesuvio. O  
mesmo autor acrescenta que o sabão se achava no fim de mil  
e setecentos annos em perfeito estado de conservação; o que não  
é por modo algum impossivel.

« Theodoro Prisco menciona o sabão gallo; Martial chama-  
lhe *espuma batavia*, *espuma caustica* ou *germanica*. Tertuliano  
falla do sabão dos germanos; Quinto Sereno, Valerio Maximo,  
Galleno e outros muitos escriptores da antiguidade mostraram  
pelos seus escriptos que perfeitamente conheciam esta composi-  
ção. »

Os documentos mais positivos da historia das artes indus-  
triaes na Europa collocam em *Savone*, pequena cidade da Ita-  
lia, as mais antigas fabricas do sabão duro e doce de soda, tal  
como hoje se emprega. No 15.º seculo Savone gosava, em quanto



a fabrica do sabão, a celebridade que depois lhe foi roubada por Genova, que tiveram mais tarde as fabricas da Hespanha, e que afinal conquistou Marselha que ainda em nossos dias a conserva, lutando com a difusão d'esta industria por toda a Europa e America.

Mas aqui estamos já em plena historia moderna, e ha longo tempo que o imperio romano deixou de existir, e o elegante da *Via Saburra*, o Alcibiades romano, como o retratou Suétonio, já não passeia pelas ruas de Roma, vestido com a sua branca latiglava, cujas franjas lhe desciam até as mãos, e cujo cinto pendia com descuido affectado, para escandalo dos homens severos que chamavam aos moços voluptuosos *homines decemti*.

O meu intento era provar que aquelles, a quem se dirige Ovidio, quando diz:

..... qui maculas laesis de vestibus auferis

não empregavam o sabão no mister da lavagem.

Já não existia o imperio romano, e os medicos arabes empregavam, como medicamento externo, o sabão, que era um producto vulgar na medicina e na cosmetica, mas ainda 'nesse tempo as suas qualidades eminentemente deterativas não eram geralmente utilizadas. A lavagem das roupas e dos tecidos fazia-se com o auxilio das plantas mucilaginosas, da *Gypsophylla struthium* e das saponarias, das barrelas ou lexivias das cinzas, das encenradas, em que as proprias urinas se utilizavam pela ammonia que produzem, e das quaes Vespasiano tirava homa rendimento, e finalmente com o natrão, com as cimolias, com as grêdes e crés e com o gaz de enxofre queimado. O sabão não teve o vasto emprego que hoje tem como deterativo na lavagem das roupas, senão depois que os tecidos de linho e algodão se tornaram de uso geral.

Por mais antigo que quizerem fazer o seu uso não chega

elle ao tempo de Homero, que, descrevendo minuciosamente o que Nausica levava para o rio, quando ia lavar, não menciona o sabão, que seria hoje inseparavel das nossas lavadeiras ainda que fossem princezas.

JULIO MAXIMO D'OLIVEIRA PIMENTEL.

## NOTA DECIMA OITAVA

PAGINA 98—VERSO 2

### A TINTURARIA DOS ANTIGOS

Invoca o poeta os tintureiros, e não é muito para admirar que lhes quizesse dar no seu poema um lugar de honra, porque a tinturaria, se não era venerada nos artistas que a exerciam, pelas erradas idéas economicas do seu tempo, era comtudo muito apreciada nas suas obras, algumas das quaes representavam valores que hoje nos parecem fabulosos. Seria muito curioso e por ventura util para a sciencia investigar profundamente, não só o estado de aperfeiçoamento a que a tinturaria tinha chegado no tempo em que Ovidio escrevia o seu interessante poema dos *Fastos*, mas tambem seguir a historia d'esta arte desde os primeiros seculos em que as sociedades humanas começaram a deixar sobre a terra claros vestigios do seu trabalho industrial.

Para subir com segurança até ás origens da tinturaria seria necessario ter noções mais seguras do que aquellas que, de um modo tão incompleto, nos legaram os escriptores da antiguidade

espalhadas pelas suas obras. 'Nesta industria os monumentos não podem de modo algum supprir a falta dos escriptos ; os tecidos não podiam resistir á acção do tempo como as pedras, os metaes, os vidros e as loiças. Assim mesmo uma investigação completa nas fontes escriptas seria tarefa superior ás minhas forças e incompativel com as minhas occupações. 'Nestas condições, para satisfazer aos desejos do illustre traductor do poema latino, limitar-me-hei a compilar 'nesta breve nota o que a respeito da tinturaria antiga se acha disperso nos escriptores mais conhecidos, seguindo 'neste caminho os passos do distincto professor que tanto illustrou com as suas eruditas lições de chimica industrial a escola municipal de Rouen.

---

A belleza das côres, com que a natureza enfeita as suas mais vistosas creações, devia necessariamente seduzir e captivar a attenção dos primeiros homens, que se entregaram á contemplação das obras maravilhosas que por toda a parte os cercavam.

Desde que as primeiras sociedades se organizaram revelou-se em nós tendencia invencivel para contrariar o principio da igualdade, que parece devêra ser o mais solido fundamento d'essas sociedades ; vemos as manifestações d'esta tendencia no incessante trabalho de cada um em procurar distinguir-se, avantajando-se, entre os seus semelhantes.

É natural o suppor que d'este intimo sentimento de egoismo, que tem produzido grandes idéas, muitos loucos e innumeraveis erros, nascesse tambem a applicação das côres aos ornatos com que os individuos da nossa especie tentaram em todos os tempos e logares attrahir a attenção do vulgo. Assim, entre os povos selvagens das diversas partes do globo encontrámos as côres até empregadas barbaramente em tingir a pelle, os dentes e os cabellos, não se contentando já com os variegados atavios

das mais bellas plumagens que usurpavam ás aves das suas florestas.

A tinturaria é a arte de impregnar os tecidos de lã, sêda, linho, algodão, ou estas ou outras quaesquer materias texteis e ainda as pelles, os cabellos e as pennas, de côres mais ou menos permanentes, que devem resistir aos agentes atmosfericos, á acção dissolvente da agua e ao attrito. Assim differe ella essencialmente da pintura, na qual as côres se applicam por justa posição, constituindo camada externa simplesmente adherente á superficie do painel.

A antiguidade da tinturaria é incontestavel. No Oriente, aonde a civilisação se perde na escuridão dos tempos, e aonde as artes e as sciencias tiveram o seu berço, encontramos, sem lhe poder assignar a origem, a tinturaria praticada já com certa perfeição desde eras immemoriaes pelos chins, pelos indios, e pelos persas, e de lá transportada para o Egypto e para a Syria aonde a vemos florescente desde o começo dos tempos historicos.

Offerecem-n'os os livros sagrados dos hebreus sobejas provas da antiguidade da tinturaria e do apreço em que eram tidos os seus productos. Limitar-me-hei a citar algumas das mais importantes.

No tempo do patriarcha Jacob era já conhecida esta arte, porque Moyses diz no Genesis (cap. xxxvii, v. 3.º) o seguinte:

« Amava Israel a José mais do que a todos seus irmãos, pelo haver tido sendo já velho; e lhe tinha mandado fazer uma túnica de varias côres. »

No Exodo, nos cap. xxv e xxvi, em que trata das ordenações do Senhor ácerca da construcção da Arca e do Tabernaculo, menciona expressamente a *purpura tinta duas vezes; as pelles de carneiro tintas de vermelho e de roxo*, e as dez cortinas de linho fino retorcido de *côr de jacinto, de purpura, e de escarlate tingidas duas vezes*, as quaes haviam de formar unidas o véo do Tabernaculo.

Nos Paralipomenos e em outros muitos logares dos livros sagrados, que seria longo e até superfluo citar aqui, falla-se frequentes vezes dos ricos tecidos cõr de purpura, azues, escarlates e carmesins que Salomão importou de Tyro para ornar o templo do Senhor.

Não seriam menos numerosas as citações que podia pedir aos livros profanos da mais alta antiguidade; mas bastará invocar a autoridade a Homero, que na sua Iliada, liv. vi, v. 289, menciona como maravilhosos os tecidos de todas as côres, que se fabricavam em Sydonia; e em outras partes do mesmo poema, descreve os seus heroes adornados com a purpura.

Florescia na Phenicia, entre outras artes, a tinturaria; e a purpura de Tyro era estimada acima de todas as materias colorantes conhecidas dos antigos. Já nos primeiros tempos historicos se considerava tão remota a época da invenção da purpura, que bem se pode ter como fabulosa a casualidade que lhe deu origem. Contava-se que o inventor d'esta preciosa tinta fôra um pastor, cujo cão partira casualmente entre os dentes uma concha encontrada nas proximidades do mar: o liquido, que escorrera da concha quebrada, manchou vivamente o pelo do animal, e d'ahi veio ao pastor a idéa de tingir com a mesma cõr um vestido para a sua namorada. Idéa de pastor namorado, do tempo em que os pastores foram os primeiros astrônomos, e queriam tambem ser os primeiros tintureiros. Data a invenção da purpura, segundo conta a legenda, do xvi seculo antes de Jesu Christo, isto é, tem hoje mais de tres mil e trezentos annos.

Não pretendo negar, nem mesmo ponho em duvida, que a invenção da purpura fosse em Tyro; mas, considerando na perfeição da arte indiana, em tudo o que se refere aos tecidos, desde os mais remotos tempos, e attendendo principalmente á marcha lenta do progresso no Oriente, não posso deixar de me convencer de que nessas regiões da Asia a tinturaria deve datar de eras bem mais afastadas do que na Syria.

Os antigos não dispunham por certo de tão grande variedade de materias colorantes como aquellas que hoje são entre nós vulgares; porém os seus tintureiros tinham já à sua disposição bastantes recursos para alcançar ricos e variados effeitos; mas entre elles, com mais razão do que entre nós, certas côres e certos processos deviam ser especialidades de diversos paizes, pelas circumstancias locais ou pelas casualidades da invenção.

..Eosam seguramente os phenicios que ensinaram a tinturaria aos europeus, mas isso não obsta a que elles a tivessem aprendido dos indios, ou immediatamente dos egypcios. Das conquistas de Alexandre data a introdução de muitas invenções asiaticas nestas partes do velho mundo onde nasceu a civilização europea. Plinio refere que fôra Alexandre o primeiro que, voltando da India, trouxera as velas dos navios e os estandartes de côres, e que, a datar d'esse tempo, o pavilhão vermelho, collocado no tope dos mastros, ficára servindo de distinctivo da nação almirante.

Plutarco na vida de Alexandre, diz que, na tomada de Susa, os gregos acharam no thesouro de Dario, entre outras coisas, grande quantidade de vestidos de púrpura de Hermione (?), no valor de cinco mil talentos, e tão bellos como se fossem novos, apesar de terem cento e noventa annos de antiguidade.

Quando os monumentos da historia chinesa nos forem mais conhecidos, o que não tardará, em consequencia das mais largas relações que os últimos acontecimentos nos devem proporcionar no Celeste Imperio, veremos então que a origem dos processos da tinturaria terá de afastar-se ainda para eras bem mais remotas.

Não é só a simples tinturaria, isto é a coloração dos tecidos ou dos fios com uma só cor, que nós encontramos já muito perfeita desde a mais alta antiguidade; é tambem a applicação de muitas côres e variados desenhos no mesmo estoffo, como a que hoje se obtem pela impressão, nas fabricas de estamperia.

Se acreditarmos no poeta Valerio Flacco, já, na expedição dos argonautas, um dos guerreiros mortos em Colchos se distinguia por trajar uma tunica de linho fino estampada de varias côres.

Na traducção que Larcher fez de Herodoto, encontra-se, a pag. 203 do 1.º liv., que os habitantes do Caucaso imprimiam sobre os seus vestidos figuras de diversos animaes, com o auxilio de mordentes e côres tão fixas, que duravam tanto como o estofa, e Herodoto escrevia 400 annos antes da nossa era. Mais antigo do que elle, Homero nos deixa suspeitar a existencia d'este ramo da tinturaria nas officinas de Sidonia.

A descripção que Plinio nos transmittiu, no liv. xxxv, cap. 2.º da sua Hist. Nat., do processo usado pelos egypcios para pintar os pannos, apesar de ser em alguns pontos obscura, deixa bem claramente provada a antiguidade d'esta arte. «Pratica-se, diz elle, no Egypto um maravilhoso methodo de pintar os vestidos de côres. Empregam para isso tecidos brancos sobre os quaes applicam, não as côres, mas certas drogas, que tem o poder de absorver as tintas. Os desenhos traçados sobre os tecidos não se vêem; mas, quando estes se mergulham na caldeira, e depois de algum tempo se tiram, apparecem cobertos de desenhos, e, o que é mais admiravel, o tecido apresenta côres diversas, posto que na caldeira não exista senão uma unica materia colorante; as tintas variam, segundo a natureza da substancia que se impregna de côr, e estas côres não se podem fazer desaparecer pela agua. É claro que se o tecido estivesse coberto de desenhos corados, quando entra na caldeira, todas as côres se misturariam quando d'ella se tirasse. Aqui todas as côres se obtêm pela immersão 'numa só caldeira, que pinta em quanto cõse (*pingit que dum coquit*).» Estas ultimas frases descrevem com toda a verdade a parte essencial da estampagem das chitas.

Tudo nos leva a acreditar que tambem este ramo da tintu-

raria é originario da India. Quando os nossos navegadores devassaram aquellas regiões do Oriente, ahi encontraram, principalmente em Calecut, a industria dos algodões pintados, ou *chiatz*, que ali se exercia desde tempos immemoriaes, e d'ahi veiu que os inglezes, que depois vulgarisaram na Europa o commercio d'estes tecidos, denominaram *calico-printing* o processo de os fabricar.

Materias colorantes, mordentes, e processos de impressão, mais ou menos perfeita, tudo os antigos conheciam e com especialidade os asiaticos. A sciencia moderna tem por certo enriquecido consideravelmente pelos seus descobrimentos em chimica e em mechanica, a industria do presente seculo, tem principalmente facilitado os meios de execução, vulgarisado e explicando os processos, mas quando a chimica tomou conta da tinturaria, achou thesouros de industria e engenho accumulados 'nesta vasta herança que nos veiu transmittida da Asia.

Não me é possível 'nesta breve nota mencionar todas as materias colorantes de que a antiga tinturaria dispunha, e ainda menos discutir as questões que se podem suscitar pelas variadas interpretações a que se prestam os textos, extremamente concisos 'nestas materias, dos autores antigos; limitar-me-hei por tanto a indicar o que ha mais essencial 'nestes pontos.

Já mencionei com especialidade a purpura, a mais rara, e mais bella e estimada das materias colorantes da historia antiga. Parece incontestavelmente provada a existencia de varias especies de purpura, cujas differenças dependiam das substancias que as ministravam. A verdadeira purpura, a de Tyro ou maritima, era o principio colorante contido no liquido segregado por um orgão particular de muitas especies de janthinos, molluscos maritimos gasteropedes, entre as quaes a *janthina prolongata*, segundo as investigações do sr. Lesson, devia ser a mais importante. Quando se tira da agua a *janthina* deixa escapar um liquido côr de rosa violacea muito pura, viva e brilhante.



Outro molhoso o *murex*, (*bucino* ou *pequena massa d'Hercules*) que fixou já a attenção do Réaumur e Duhaucel, e que em 1833 foi estudado pelo distincto chimico italiano o sr. Bizio, devia tambem offerecer a purpura aos antigos tintureiros; segrega elle um liquido, que, sendo ao principio incolor, adquire, com presença da luz diffusa, coloração amarella, que successivamente passa a verde claro, verde esmeralda, azul, rubro, e finalmente, no fim de quarenta e oito horas se torna em bella purpura.

Uma especie inferior de purpura, a que alguns chamam purpura terrestre, para a differencar da purpura maritima ou de Tyro, era a que se obtinha com o *kermes* ou *coccus*, gallsucto que vive nos carvalhos verdes, e ao qual Silio Italico chama *cyniphus cocua*. Plinio menciona-o com o nome de *coccyranus*, e diz que se tingia de purpura com esta materia. O *kermes* era importado para as tinturarias romanas da Gallia narboneza, da Hespanha, da Galacia, da Armenia, da Sicilia e da Africa.

Depois que a arte de tingir com a verdadeira purpura de Tyro se perdeu, ficou o *kermes* servindo para substituir aquella; de aqui he os povos latinos o nome de *vermiculus*, pequeno bicho, e d'ahi veio o nome de *vermelhão* para a cor correspondente na nossa lingua: *kermes* é a palavra arabe que traduz *vermiculus*.

Ninguem confunda certamente o *kermes* com a *cochinilla*, outra especie de *coccus*, que hoje tem grande voga na tinturaria castilhe, e que se vulgarizou na Europa depois da descoberta da America. Querera alguns que os antigos não conhecessem esta bella materia colorante; mas segundo Delaval não parece duvida que ella fosse conhecida na Persia desde remotas eras, pois que o medico Clésias, que vivia 400 annos antes do começo da era christã, descreveu o insecto que a produz e a planta em que este vive.

O philosopho Aeliano, professor de rhetorica em Roma, no tempo do imperador Alexandre Severo faz a mesma descripção e diz que a India produzia enorme quantidade d'esta materia colorante, da qual fazia consideravel exportação. Na vida de Aureliano, por Vopisco, se refere que o rei da Persja enviara ao imperador romano, entre outros presentes, estofos de lã tintos de purpura tão viva, como até então se não tinham visto no imperio romano.

Foi da India que os tintureiros do Levante importaram os processos da tinturaria em vermelho com a raiz da ruiva, côr a que se deu por isso o nome de *vermelho das Indias*, e depois de *Andrinople*. Strabão não deixa a menor duvida, no liv. xv, sobre o conhecimento que os antigos tinham da arte de tingir o algodão com a ruiva. Os gregos davam-lhe o nome de *erythrodanon* (que dá o rubro); os romanos denominavam-a *rubia*. Vitruvio, Dioscorides e Plinio fallam claramente d'esta planta e de seu uso como materia colorante. É originaria da India, mas no tempo do imperio romano cultivava-se na Caria, em Galilea, em Ravenna e outros logares. O nome francez *garance*, segundo diz o professor Girardin, deriva de *verantia* com que era conhecida na idade media, e que significava verdadeira côr.

As côres que a ursela dá não eram desconhecidas dos antigos e a *purpura* de *Amorgos* de que fallam Théophrasto, Dioscorides e Plinio, era segundo Tournesfort produzida por este lichen que tem importancia capital na moderna tinturaria.

As côres azues eram offerecidas aos tintureiros romanos pela planta do *pastel* que se cultivava em grande escala. Não desconheceraam elles o anil, que Plinio e Dioscorides mencrõnam com os nomes de *indicum* ou *indikon* d'onde veiu o *indigo* com que é conhecido em muitas linguas da Europa, porem não se empregava em Roma senão como tinta da pintura, pois não o sabiam dissolver, porque não possuíam o acido sulfúrico, que é o

seu dissolvente por excellencia. A respeito da India não direi o mesmo, porque parece que ali e na China data de eras muito remotas o emprego do anil na tinturaria dos tecidos. Cita-se como existindo no muzeu de Glasgow um tecido de algodão tincto com anil, com que eram feitas as ligaduras de certas mummies do velho Egypto.

Mas para que ir mais longe? A raiz da anchusa, as flores do carthamo, as do hypericum e seus fructos, o açafraão, a gomma-gutta, o cachu, o lyrio dos tintureiros, as bagas da murtha, as giestas, e muitas raizes e madeiras coradas offereciam ainda no reino vegetal vastos recursos á tinturaria, e no reino mineral encontrava ella os seus mordentes usuaes. O alumen, os sulfatos de ferro e de cobre, o cré, o natrão, as cimelias e outras muitas materias eram auxiliares indispensaveis d'aquella industria.

O espantoso luxo, que nos primeiros tempos do imperio romano ostentava a capital do mundo, tão severa na sua origem, dava necessariamente grande apreço á riqueza dos tecidos e ás finas côres com que se ornavam. Para o demonstrar não careço mais do que transcrever aqui alguns versos do 3.º livro da *Arte de amar* do proprio Ovidio, extrahidos da traducção que d'este poema tem preparada o nosso illustre poeta portuguez, o sr. A. F. de Castilho, a cuja amabilidade devo a permissão de o fazer. São os versos que correm desde 168 a 192.

¿Das vestes que direi? não as quero eu distinctas  
com aurea barra, ou lãs em murice retinctas.

Ha tanta cór tão bella! e não custosa! ultrage  
fóra a boa razão pôr todo o seu 'num trage.  
Repara-me bem 'nesta! uma cór de atmospha  
limpa de sul chuvoso, alva de primavera!  
E esta! lembra o carneiro em cujo dorso, a nado,  
foge Helles á madrasta, e n'õ se esquivã ao fado.

Essa (o nome lhe basta) é ver do mar as lymphas;  
não usam certo de outra em seu vestuario as nymphas.

Esta finge o açafão (com manto açafreado  
é que a aurora franqueia o mundo ao sol doirado).

Escolhe: ha paphio myrtho; amethista violacea;  
ha rosa desmaiada; azul de grou da Thracia;  
ha côr de amendoa; ha côr da amarylia castanha;  
ha côr até, que á cêra o proprio nome apanha.

Quando, expedido o inverno, abre quentura as vinhas  
menos floreo matiz se espalha nas hervinhas,  
do que a tintoria industria as lãs varias costuma;  
elege a tua côr; pois cada qual tem uma.  
Às niveas quadra escuro; a branca Laodamia  
trajava preto, e em preto os raptos merecia;  
morenas querem alvo; a ti, Seriphia ilha,  
tal, raptada tambem, veiu da Ethiopia a filha.

Os primeiros versos d'este trecho mostram bem claramente o alto valor que tinha a purpura em Roma. Trajar as lãs em *murice retintas* equivalia a pôr todo o seu haver 'num traje. Era a purpura do *murex*, duas vezes tinta, ou *dibapha*, como então lhe chamavam. Por isso as leis sumptuarias não permittiam o uso d'esta côr senão aos membros da familia imperial. Uma industria que não podia ter vasto consumo, devia necessariamente finar-se. No tempo do imperador Theodosio já não existiam senão duas tinturarias de purpura, uma em Tyro, outra em Constantinopla. Os sarracenos e os turcos acabaram com ellas, e desde então ficou para sempre perdido o processo de tingir com verdadeira purpura.

Ainda que nos versos acima transcriptos se não falla dos tecidos de *furta-côres* ou peito de pombo, eram estes muito estimados e foram muito usados dos elegantes d'esses remotos tem-

pos. Temos as provas d'isto nas pinturas tiradas das *thermas* de Tito, e nas achadas em Herculanium, e tambem nas cartas de Aristéneto (liv. 1.º epist. 11) em que diz, fallando de um moço elegante « que trazia um manto leve, notavel pelas suas bellas côres, das quaes nenhuma era permanente, mas que mudavam e brilhavam como flores. » Philostrato, fallando do manto d'Amphyão, diz « não tem uma côr fixa, mas muda-as e apresenta muitas, como o arco iris. »

De tudo quanto levo dito, e de tudo o que se pode encontrar espalhado pelos escriptos dos autores que tratam das coisas antigas, o que fica bem patente é que os productos da tinturaria eram já muito variados, e mereciam a attenção dos poetas e dos escriptores, sem que a industria que lhe dava origem ou antes os industriaes, que d'ella se occupavam, merecessem a veneração publica. Não se nos falla dos tintureiros de Grecia e Roma como se nos falla dos pintores, dos escultores, e dos architectos; fallase-nos sómente dos tecidos e das côres; e quando muito, e muito incompletamente, dos processos da tinturaria.

Os romanos e principalmente os gregos, que tanto aperfeçoaram as bellas artes, que foram sublimes na architectura, na escultura, e ainda na pintura e talvez na musica, não brilharam nunca pela industria; o que 'nesses ramos possuíam veio-lhes, em grande parte, do Oriente. As sêdas, as côres, os perfumes, e todos os requintes do luxo no vestuario e na mobilia foram buscados á Asia; e comtudo os gregos e romanos, que não timbravam muito de verdadeiros e justos para com os outros povos, consideravam os habitantes da Asia como barbaros. As distancias, a incerteza da geographia, as difficuldades das communicações e a propria constituição das sociedades grega e latina eram causas bastantes para entreter a ignorancia e a confusão das idéas sobre o estado de adiantamento industrial dos povos da Asia.

Depois que audaciosos viajantes e intrepididos missionarios pe-

netraram na China e nos descreveram, como Fernão Mendes Pinto, e outros muitos, as maravilhas da civilização chinesa, reconheceu-se claramente que fôra ali o berço da maior parte das industrias. Da China passaram, pela força natural das coisas, muitas d'ellas para a India, depois para a Persia, aonde a industria dos tecidos se elevou por muito tempo a um alto grau de prosperidade: a belleza dos desenhos, a sciencia das côres tornaram celebres os tecidos persas e faziam-os appetecidos de todo o mundo civilizado. Da Persia para o Egypto e para a Syria a comunicação tornou-se facil, e a guerra, 'neste ponto, como em outros muitos, foi ainda um instrumento de civilização.

Os phenicios, que nasceram mercadores, conduziram as suas caravanas atravez do Euphrates e do Tigre, e sem que os fizessem desalentar nem a extensão das jornadas, nem as difficuldades do transito, trouxeram por longo tempo para o litoral do Mediterraneo as riquezas da Asia que vendiam aos outros povos.

Pena é que os phenicios não tivessem escriptores que se encarregassem de nos transmittir a historia das suas viagens e do seu commercio, que tanto nos podia elucidar sobre questões da economia industrial do velho mundo: mas parece que os seus negocios lhes tomavam todo o tempo e occupavam por tal modo o seu espirito, que só puderam curar do seu presente, sem lhes importar o seu futuro.

O que hoje sabemos é que Sidoni e Tyro foram as duas grandes praças commerciaes da antiguidade, que se occuparam, com grandes lucros, do trafico dos tecidos, e que primaram na tinturaria da purpura. Roma abastecia-se principalmente 'naquelles mercados, e não consta que na capital do imperio houvesse consideraveis officinas de tinturaria.

Sabem todos quanto foi ruinosa para a civilização pagã dos dois grandes imperios do Occidente e do Oriente a invasão das tribus do norte. No Occidente os barbaros suffocaram as artes

e a industria : para elles não havia mister nem de joias nem de ricos tecidos ; eram-lhes sufficientes as armas para combaterem e as pelles dos animaes para se cubrirem. O commercio das riquezas asiaticas cessou com a ruina dos opulentos habitantes de Roma. Bysancio, reduzida a uma cidade de rhetoricos, mas quasi isolada da nova e rude sociedade europea, conservou ainda os vestigios do antigo fausto, que serviram depois como de fermento á regeneração das artes e da industria, depois que os gregos, destruido o imperio do Oriente, se refugiaram na Italia.

As cruzadas, levando á Asia a flôr dos novos estados do Occidente, revelaram novamente á Europa a existencia de uma civilisação mais aprimorada, que já em parte os arabes tinham começado a introduzir 'nalgumas regiões da Hespanha : o gosto, ou o amor do bello, foi contagioso, e pouco a pouco renasceram as artes ; Genova e Veneza activaram o commercio dos tecidos e drogas do Oriente. Nós, posteriormente, abrindo pelo cabo da Boa-Esperança as communicações com a India e com a China, concorreremos poderosamente para revelar á industria nascente as grandes riquezas d'aquellas regiões ; finalmente a sciencia, ao principio occulta e resguardada nos laboratorios dos alchymistas, tendo-se fortalecido por longos e penosos trabalhos, tomou conta das officinas e creou os prodigios, que hoje se ostentam radiantes por toda a parte, e que fazem a gloria d'este seculo.

JULIO MAXIMO D'OLIVEIRA PIMENTEL.

## NOTA DECIMA NONA

PAGINA 93—VERSO 18

### FIANDEIRAS

Quando se lêem os monumentos litterarios que nos deixaram os gregos e os romanos, e se vê, pelos versos dos seus maiores poetas, que papel representaram entre os antigos a roca e o fuso, custa a crer como teve animo a mecanica moderna, apesar de vir em nome do progresso, para desterrar nas mais remotas aldeas e serranias da Europa o sympathico e gracioso typo da fiandeira.

Pela minha parte, nascido 'numa terriola do Minho, onde se conservam com todo o esplendor os usos e costumes das idades patriarchaes, declaro que detesto os teares sabios, as rodas de fiar, os moinhos que fazem girar duzentos fusos, e todos os inventos dos Hargreaves, dos Arkwright, Crompton (1), Girard (2), e quantos perseguem ha perto de um seculo as ultimas memorias que nos restam dos tempos primitivos. Reformadores de má morte, que, no seu furor de innovar tudo, materialisam a mulher, e dão intelligencia ás machinas para que estas se apossem do trabalho feminil!

(1) Dictionnaire des Sciences, Lettres et Arts., art. *Fillature*.

(2) Manuel du Filateur (Encyclopedie Roret). *Avvertissement*.



Não posso tolerar a tal mecanica que me quer roubar as minhas fiandeiras; mas se não sou economista adoro as tradições poeticas e os fastos da Grecia e Roma, onde as mulheres bellas e virtuosas, como Penelope (1) ou Lucrecia (2), passavam a vida fiando e tecendo; onde as mãis, as irmãs, e as filhas dos grandes principes, como Augusto (3), cingiam a roca; onde Minerva, a deusa da sabedoria e protectora das artes, invejando a destreza com que uma lydia obscura (4) manejava o fuso e a lançadeira, a desafiou para uma batalha, em que as duas fizeram surgir do tear as maravilhas da arte, e os milagres do amor, tecidos com as lãs, o ouro, e as purpuras de Tyro (5); e onde o trabalho da mulher excedeu o da divindade, que, furiosa, a converteu em aranha (6).

Peçam aos teares sabios e ás rodas de fiar a belleza e a poesia d'estes prodigios, d'estas ficções se querem, mas ficções mais bellas e risonhas do que a estúpida realidade dos nossos tempos.

Atrás d'estas doces memorias, deixadas por tantos poetas, historiadores, e biographos em paginas immorredoiras, me levou a fantasia á beira do meu berço, e aos dias da minha saudosa infancia. O tear, a roca e o fuso, sympathicos objectos, que eu via por toda a parte nos primeiros annos da vida, ali me appareceram agora como derradeiros vestigios de felicidade. Todas as mulheres da minha provincia fiavam e teciam. A pastorinha de nove ou dez annos, ao partir para o monte com o rebanho levava a roca bem carregada, e a estriga de linho, que completava a sua tarefa, enrolada por fora da copa do chapéu; a lavam-

(1) Homero. *Odyssea*.

(2) Ovidio. *Fastos*.

(3) Montfaucon. *L'Antiquité expliquée et représentée en figures*.

(4) Arachne.

(5) Ovidio. *Metamorphoses*.

(6) *Ibid*.

deira fiava no rio em quanto secava as meadas ou a têa; em casa seroava a lavradora fiando rodeada das filhas que espedelavam; fiava nas praias a mulher do pescador, em quanto esperava a volta do barquinho aventureiro que vagava no alto mar. Fiava-se por toda a parte e não havia casinha, por mais pobre, onde ao menos uma vez por anno se não fizesse uma têa de linho. Hoje, que a civilisação percorre a minha provincia, emmudece o tear em embrião diante dos teares sabios; e eu temo que dentro em pouco não haja ali alguns conhecimentos de mais, e algumas virtudes de menos.... Porque, diga-se a verdade, ha mais virtude onde estiver a roca e o fuso dos antigos, do que junto ás machinas de fiar, que nos grandes centros da industria moderna substituiram o modesto lavor da mão da mulher por agigantados braços de ferro.

Eu não resisto á invasão da mecanica, mas odeio-a. Tenho saudades do tempo em que a roca era o sceptro da minha aldeã, e penso se as nações não serão como eu; se nas eras em que os dedos mais formosos e delicados se exercitavam a fazer girar o fuso não haveria mais ventura real no seio das familias do que depois que esses dedos se applicam a correr sobre as teclas do pianno. Quem sabe?

A arte de fiar data da mais remota antiguidade em que era a principal occupação da mulher, fosse qual fosse a sua condição social. A roca e o fuso tinham a mesma forma das modernas, e o processo de fiar era identico ao das nossas camponezas, como se deprehe de uma figura gravada a paginas 426 do *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Greques* de Rich. A figura é copiada de um mosaico do Capitolio de Roma, e representa Hercules fiando com a roca e o fuso de Omphale. A pagina 182 do mesmo livro acham-se tambem duas gravuras, representando a primeira uma mulher sentada com a roca cheia na mão esquerda, o fio tendido, e o fuso entre os dedos da mão direita, na

acção de torcer. Não se comprehende porem o meio por que ella pucha a estopa, visto não ter a roca presa na cintura. É copia de um baixo relevo do forum de Nerva. A outra representa uma roca, em tudo semelhante ás nossas, e é copiada de um original egypcio do museu britanico.

A roca tem nariz, bojo, siso e baraça; faz-se geralmente de um pedaço de canna, do comprimento de noventa centimetros, approximadamente; á ponta de cima chama-se nariz, e logo abaixo d'ella se abre o bojo rachando a canna em costellas, de modo que mettendo-se-lhe dentro um pedaço de cortiça redonda ellas se apartem e formem os raios do bojo. Ao pedaço de cortiça se chama siso. A baraça, ou fita, está presa ao nariz da roca, e serve para atar a lã, o linho, o algodão, ou qualquer outra materia das que se fiam, comprimindo-a sobre o bojo.

O fuso é de pau torneado, do comprimento de vinte centimetros pouco mais ou menos; adelgado para a parte superior, grosso no meio, e redondo na parte inferior. Ha fuso aberto e fuso forrado; este tem maúnça, e o outro não, segundo diz Bluteau; mas os fusos minhotos tem maúnça.

O fuso antigo era tambem semelhante ao nosso, como se vê de tres gravuras a pag. 294, da obra já citada, representando a primeira o fuso de Leda, copia de uma pintura de Pompeia; e as duas ultimas, fusos copiados de modêlos egypcios.

No tomo 3.º de *L'Antiquité Expliquée et représentée en figures*, por Montfaucon, a pag. 358, fig. cxcv, se vê representada uma fiandeira com a roca empunhada na mão esquerda, que tem erguida á altura do rosto, em quanto com a direita torce o fio fazendo girar o fuso. Esta figura, muito parecida com a que se acha a pag. 182 do *Dictionnaire* de Rich, differindo apenas em estar uma de pé e outra sentada, parece indicar que os antigos conheceram duas maneiras de fiar. Nenhum escripto porem dos que nos chegaram, ao menos que eu saiba,

indica este segundo modo. As aldeãs da Italia e da Grecia moderna fiam, como todas as do resto da Europa, onde a roca e o fuso resistem ainda ás machinas, mettendo a roca na cinta, do lado esquerdo, e empregando ambas as mãos no trabalho; a esquerda em puchar a estopa ou linho, e a direita em fazer girar o fuso para torcer o fio. Provavelmente a attitude d'aquellas duas figuras é devida á fantasia de seus autores, e não representa em rigor o acto de fiar. O Hercules do antigo mosaico do Capitolio é que é typico, e, para mim, irrecusavel testemunho de que a fiandeira moderna é em tudo semelhante ás da Roma antiga, ás da velha Grecia, ás dos tempos biblicos e das primeiras eras do mundo.

E sendo isto assim, creio que se me deve desculpar a má vontade que tenho á invasão da mecanica moderna. É certo que de setenta annos para cá se creou uma industria gigante para reduzir a fio as substancias susceptiveis de serem fiadas; além da lã, do linho, do algodão, do canhamo, e da seda, fia-se toda a especie de cascas e hastes flexiveis e *filamentosas*, toda a qualidade de juncos, de crinas, de pêllos e pelles de quadrupedes, fia-se o ferro, o ouro, a pedra, o vidro, em uma palavra: fiam-se as estopinhas! Applicou-se o vapor ás machinas de fiação, os engenheiros mais celebres consagraram-lhe a vida para aperfeçoal-as, escreveram-se livros para as fazer conhecidas, puzeram-se á sua disposição capitaes enormes, e deram-se titulos de nobreza, e a immortalidade da historia, aos homens que ensinaram o ferro e o fogo a substituir a roca das filhas de Noé, de Leda e de Omphale, d'Arachne e de Lucrecia, da mulher de Augusto e das filhas de Carlos Magno!

Mas, em boa e leal verdade, diga-se que mal fez aos damnados innovadores aquelle modesto pedaço de canna, que as mãos de tantas princezas e divindades tornaram celebre. Não lhe descubro em toda a sua simples e interessante historia, senão duas leves sombras. A primeira é ser a roca na mythologia um attri-

buto das Parcas e em particular de Clotho ; e a segunda, o que refere Montfaucon, de que entre os antigos era prohibido ás mulheres o fiar pelos caminhos, porque uma louca superstição lhes fazia crêr que o girar do fuso prejudicava os fructos da terra ! Mas nós não sômos supersticiosos, e, a não ser algum poeta-tastro dos que por ahí vagam de lagrima no olho e nenia em punho, rimo-nos das Parcas em geral, e de Clotho em particular. O genio da ganancia e o furor de materialisar tudo, eis os perseguidores da fiandeira, do ultimo individuo que representa o mundo antigo, e da derradeira memoria dos trabalhos primitivos da especie humana.

É curioso ver a sympathia com que os antigos poetas fallam em seus contos da roca e das fiandeiras, e o apreço em que elles tinham o trabalho feminil. Ovidio, sobre todos, o mestre da Arte de Amar, era um dos que melhor sabiam sentir a poesia que realmente existe 'nessas lidas manuaes e innocentes, que elle, como secretario e confidente das heroínas amantes, nos pintou admiravelmente nas Heroides ! Em uma das Metamorphoses, Alcithoe, filha de Myneu, e suas irmãs, recusando suspender os seus trabalhos durante as festas de Baccho fiam a lã, fazendo girar o fuso e guiando um fio docil entre os dedos delicados. Mais adiante, na lucta maravilhosa de Arachne, a celebre fiandeira, com a deusa Minerva, vemos os prodigios que as duas obraram sobre o tear e quanto o poeta conhecia familiarmente os instrumentos do trabalho feminino. Por todas as suas obras o cantor dos Amores se comprouve em mostrar a roca, o fuso e o tear, como objectos da sua affeição ; já os encontramos no livro segundo dos *Fastos* quando achámos Lucrecia fiando a seroar entre as suas servas para suavisar as saudades do marido que anda na guerra ; e agora, nas festas de Minerva, vemos que Ovidio mette no rol dos que se devem encommendar á deusa as carpeadeiras de lã, as fiandeiras, e as tecedeiras.

Roma, nos tempos mesmo da sua maior dissolução, prestou sempre culto publico ás virtudes domesticas, quando a fama d'ellas voava do lar ao forum. Sobejam os exemplos: o pudor violado em Lucrecia mudou a forma do governo, e extinguiu uma dynastia; Cornelia, mãe dos Gracchos, teve estatuas em vida; e Tanaquil ou Caia Caecilia, tornou-se tão celebre pelas suas virtudes domesticas, que a representaram com *um fuso* no templo de *Semo Sancos*. Por honra e em memoria d'esta illustre fiandeira se instituiu na cerimonia do casamento o uso de se levar um fuso e uma roca carregada de lã após a desposada, para a advertir de que no seu novo estado devia occupar-se em fiar e trabalhar para seu marido e filhos.

A casa onde as mulheres romanas se reuniam com suas servas para trabalhar chamava-se, á grega, *Gyneceus*. Ali estava o tear armado com todas as suas peças, os sarilhos e dobadoiras, os sedeiros, as espadellas, as rocas e fusos, as cardas, e todos os instrumentos proprios para o trabalho manual da mulher. A dona da casa distribuia pelas filhas, ou servas, segundo a aptidão de cada uma, as tarefas do dia ou do serão. A esta incumbia, pela sua rara habilidade, fiar a sêda em finissimo fio; áquella o fio do linho mais puro, e tão delgado como o da sêda; est'outra, de lã alvissima, tirava fios que rivalisavam com a finura e o bem torcido do linho e da sêda. Para si reservava a senhora do melhor linho, ou tecia lãs de variadas côres, se era do tear que presidia ao trabalho.

Deve porem advertir-se que o uso do linho só se vulgarisou em Roma no tempo de Alexandre Severo, que o preferia á purpura e censurava os que o usavam bordado de ouro. A sêda tambem, só depois da republica começam a fallar 'nella os escriptores; mas o seu uso era ao principio prohibido aos homens. Hellogabalo foi o primeiro, segundo se diz, que teve um vestido todo de sêda. Antes d'este principe havia o costume de a tecer

com outras materias. Conta-se que o imperador Aureliano recusára a sua esposa um vestido de sêda por causa do preço exorbitante que elle custava ! A ser o caso verdadeiro, não foi o unico com que este barbaro deshonrou o nome romano. Que imperador era esse que recusava um vestido de sêda a uma dama ? Roma teve d'estes a par dos seus Augustos. E comtudo este unhas de fome fez grandes melhoramentos na capital do mundo. Apesar do que fica dito ácerca do linho não me parece comtudo muito provavel que, mesmo nos primeiros tempos, se ignorasse em Roma a sua existencia ; pois, como referem Herodoto, Xenefonte, e Pausanias, havia d'elle um grande commercio na Grecia e no Egypto. O certo porem é, que bem como a sêda, somente ás mulheres era permittido usal-o. Varão, conta Plinio, dizia ser costume remotissimo da familia dos Serranos, o não usarem as mulheres de vestidos de linho. Logo, parece que o seu uso era vulgar para o sexo feminino, porem que só no reinado de Alexandre Severo se generalizou para os homens.

Como quer que fosse, nem por isso antes da sua introdução deixou de haver famosas fiandeiras, e, o que é mais, fiandeiros da força de Hercules. E a este respeito cabe-me hoje a honra de proclamar 'neste logar os verdadeiros principios ácerca da conta em que deve ser tida a roca e o fuso, encaminhando a opinião desvairada ha seculos, até por graves e sisudos historiadores. Costumavam os mais feros cavalleiros da idade media, quando queriam injuriar algum homem, dizer-lhe *que largasse a espada e se fosse para casa a tomar a roca para far como as velhas*. As eras do feudalismo entre tantas memorias ruins tambem deixaram a d'esta iniquidade. Por ser a roca tida como instrumento só proprio das mulheres, considerava-se deshonra e vergonha para um homem o saber servir-se d'ella ; mas tal não é, porque, segundo escreveu Pomponio Mela, entre Casabath-

mon e os arabes ha uma terra em que as mulheres tratam dos negocios de fora, e ficam os homens em casa a fiar. E refere tambem o nosso Bluteau que em França, na provincia de Bressa e 'num logar que era do marquez de Trefort, costumam os homens fiar. Ora, sendo isto assim, não me parece que seja injurioso para o sexo barbado o pegar na roca e saber fiar, quando mulheres houve, a começar por Judith, que fizeram prodigios com a espada e não ficaram por isso deshonradas. Narses, general romano, ficou muito escandalizado porque, como era eunuco, a imperatriz Sophia o mandou para o quarto das mulheres do palacio, a fiar com ellas; para vingar-se d'este desprezo supposto, o eunuco disse-lhe: *Bem está; eu urdirei uma téa de modo que teu marido a não possa desfiar*. E assim foi porque teve traça para tirar aos longobardos a jurisdicção do imperio (1). — Este eunuco parece-me que se zangou sem motivo, não só por ser eunuco, mas tambem porque a roca que nobilitava a mulher pelo trabalho não pode razoavelmente envergonhar nem os homens a valer, quanto mais os Narses.

É a roca uma reliquia dos tempos biblicos, e como tal será sempre considerada pelos que, como eu, não são economistas; e os proprios economistas a podiam e deviam adorar como monumento que attesta o trabalho dos primeiros individuos da nossa especie.

Concluirei com alguns adagios portuguezes tirados de Bluteau, para illustrar o assumpto d'esta *nota*.

Adagios de fiandeira: — Fiandeira não ficaste, pois em maio não fiaste. — De boa filha, boa fiandeira. — Fiandeira preguiçosa, ao domingo é aguçosa. — Que fiandeira eu era, se ventura houvera.

Adagios de fiar: — Lá vai quanto Martha fiou. — Fiar del-

(1) Bluteau.



gado. — Não fiar tão delgado, que se quebre o fio. — A fiar e a tecer, ganha a mulher de comer. — Quem fia e tece bem parece. — Dizem em Roma que a mulher fie e coma. — Bem fiei, pois meu filho criei. — A mulher que pouco fia, sempre faz ruim camisa. — Mãe que coisa é casar? Filha, fiar, parir e chorar. — Digo uma digo outra, quem não fia não tem touca. — Não quebra o fio por delgado, senão por grosso e mal fiado. — Qual fiamos tal andâmos.

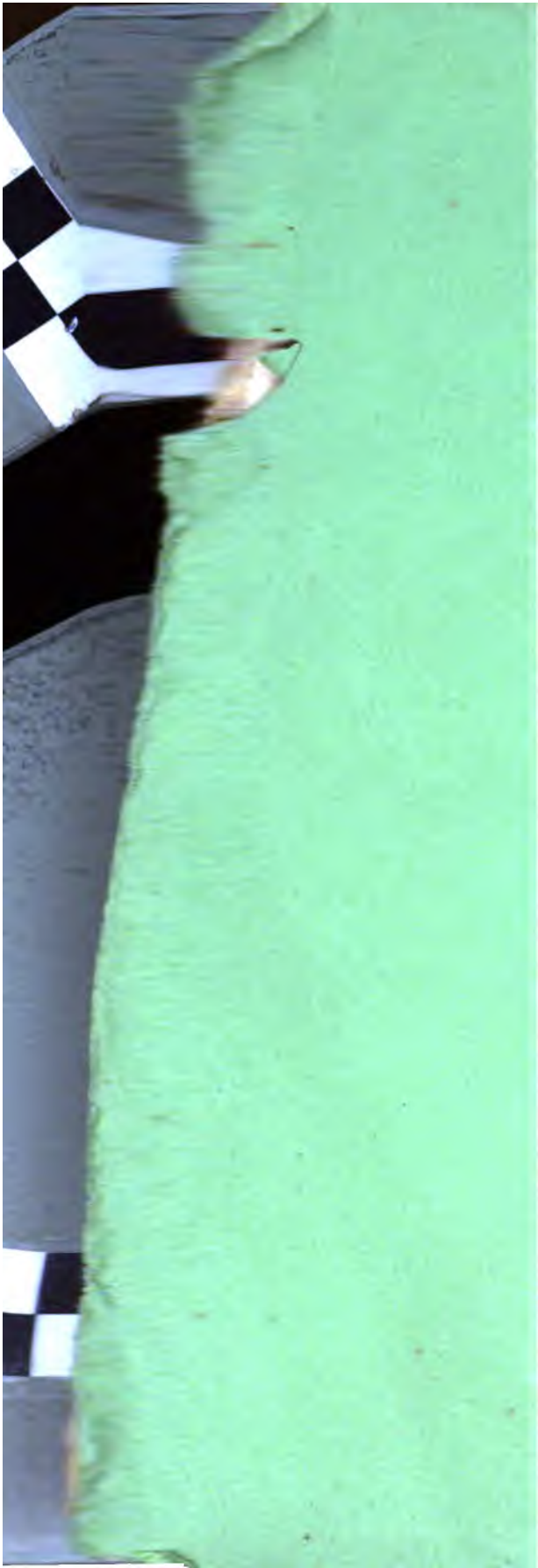
Adágios da roca: — Mal vai á casa onde a roca manda a espada. — Não ha casa forte onde a roca não anda. — Sabbado á noite, Maria dá-me roca. — Levantou-se a perguiçosa, deitou fogo á roca.

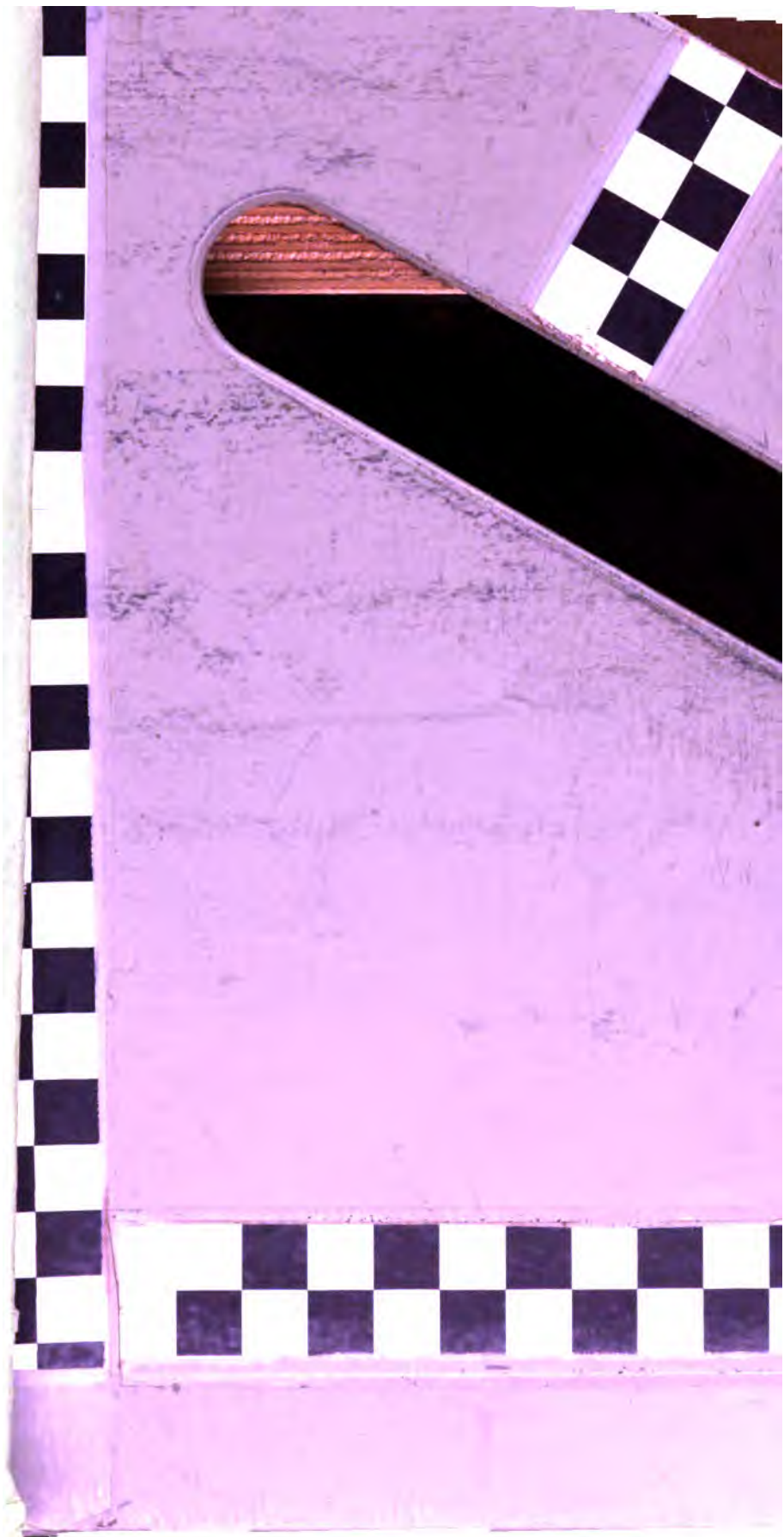
Adágios do fuso: — Quem faz tudo, não enche fuso. — Mal vai ao fuso quando a barba não anda em cima. — Perdi a roca e o fuso não acho, tres dias ha que lhe ando pelo rasto.

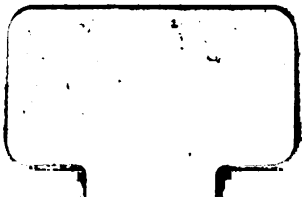
FRANCISCO GOMES DE AMORIM.

— 81









Ovidio Nasão, 1786

# OS FASTOS

DE

## PUBLIO OVIDIO NASÃO

COM TRADUÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

### ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

SEGUIDOS DE COPIOSAS ANOTAÇÕES

POR

QUASI TODOS OS ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS



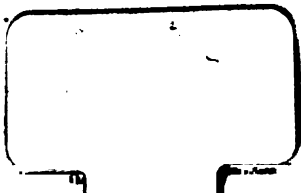
TOMO I

LISBOA

POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

M DCCCLXII

878  
084  
C35  
v.1  
pt.1



**TRIBUTO**

**PUBLICO, SOLEMNE, IMMUTAVEL,**

**DE**

**ADMIRAÇÃO, RESPEITO, E AFFECTO.**

**AO AUTOR**

**DOS MAIS RICOS FASTOS HISTORICOS PORTUGUEZES,**

**O TRADUCTOR**

**DOS FABULOSOS FASTOS ROMANOS.**

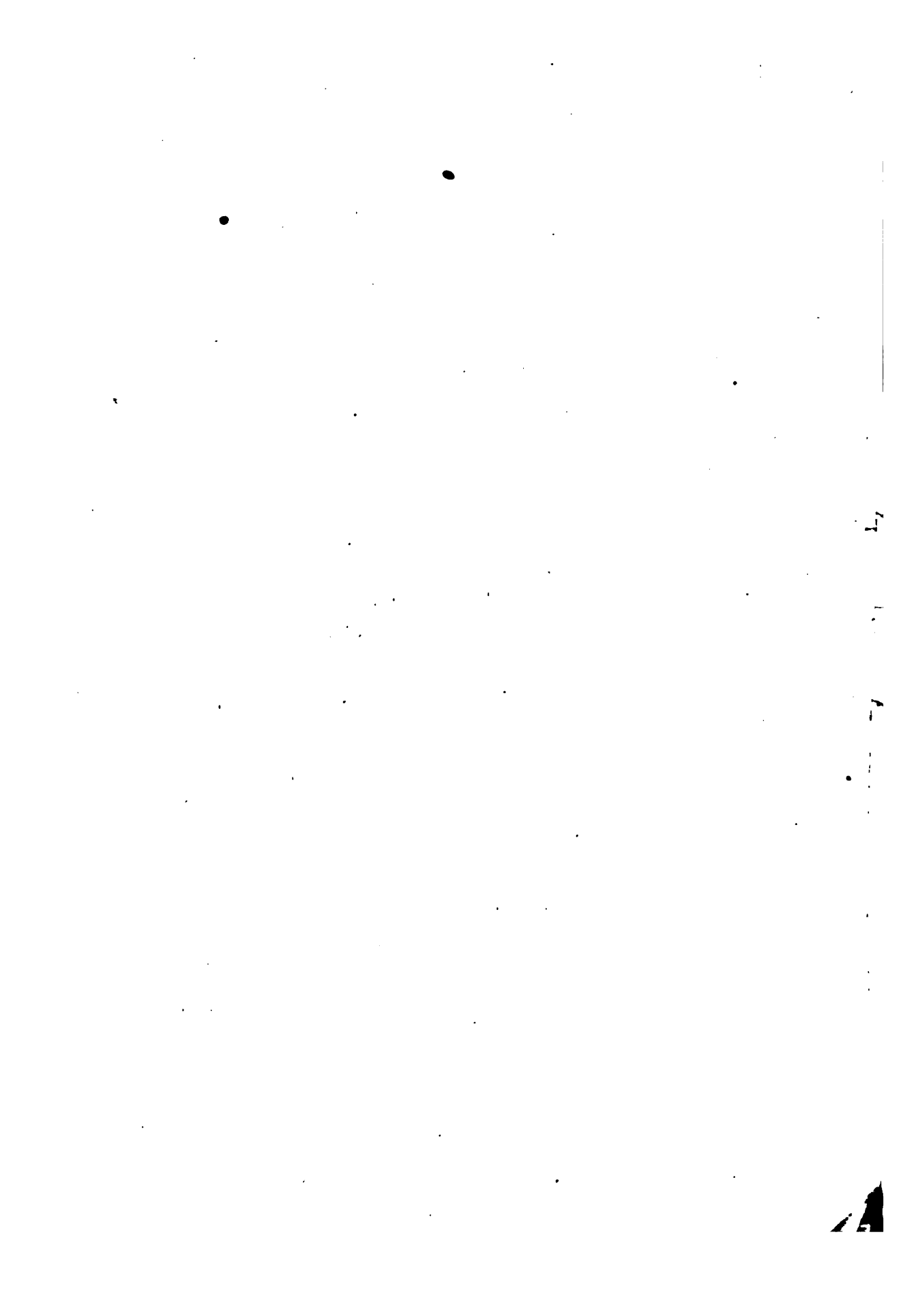
**AO INCOMPARAVEL**

**MARECHAL DUQUE DE SALDANHA,**

**ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO**

**O. D. C.**





## PROLOGO

**T**emos na presente obra a parte mais curiosa e instructiva, senão a mais bella, do monumento ovidiano. O que os *Fastos* sejam, e quanto valham, repete-o ha mil e oitocentos annos em todo o mundo, e por todas as linguas, um côro ininterrupto de eruditos e poetas, e continuará ainda a repetir-se em quanto por entre os edificadores do futuro andarem, como hão de sempre andar, estudiosos e devotos do passado.

Amiudar todas as ponderações que abonam este universal consenso em favor dos *Fastos*, fôra desde o principio o assumpto com que o traductor andava traçando regalar num preambulo substancial e florido aos seus leitores. Tomou-lhe porém o passo, e bem haja elle, quem perfeitamente o podia executar : um escriptor em quem o saber se casa com a elegancia, um poeta com fóros para julgar poetas. Mendes Leal, annotando o titulo do poema, disse tudo. Varios outros dos mais de cem commentadores que enriquecem estes volumes, exauriram, cada um por sua parte, os pontos mais momentosos do elogio do Sulmonense. Depois de taes ceifadores, e quando o celleiro está já pelos telhados e reben-

lando, que é o que nos fica para o rabusco? Em verdade coisa nenhuma. Assentemo-nos portanto a conversar em pratica chã, desenfadados e satisfeitos, como é uso dos lavradores apoz uma colheita abençoada. Amanhã, se irá lavar noutro chão dos latifundios do nosso poeta ; hoje, imitemos o estilo dos que tiram da terra pão e fructos para todo o povo, e que no ocio do dia festivo levantam os pensamentos a outra mais alta esfera de considerações, d'onde o espirito e o coração se lhes fecunda, em quanto o solo lhes descança. Deleitemo-nos, que não será de todo em todo sem proveito, em revolver, mas que não seja senão á superficie, algumas das ponderações, não já eruditas nem poeticas, senão moraes e religiosas, que se nos vieram suscitando ao longo da leitura d'estes *Fastos*.

Uma questão se levanta desde todo o principio : Que tem que ver com os *Fastos* de Ovidio a moral ou a religião, se a religião nelles estampada é falsa e absurda, e a moral do tempo em que elles brotaram era pouca, nulla, ou depravadissima? Eis-ahi precisamente uma valiosa recommendação.

O estudo da historia, quando paira do alto com olhos de aguia sobre os largos periodos da humanidade, descobre-lhes relações e influxos, que de perto e no momento se não viam ; ora esse estudo é, e todos o confessam, não só curioso, mas abundante de ensinamento. Logò, quem escurecerá ser para nós hoje em dia tão prestadio, como glorioso, o confronto dos costumes e crenças d'aquella idade, com os costumes e as crenças d'esta nossa? O que hoje sentimos e dizemos da polida barbarie de então, dil-o-hão por certo da civilisação d'estes dias os curiosos que d'aqui a dezoito seculos consultarem por acaso os monumentos do que nós fomos. A crença no progresso, que é tambem uma religião,

e sem a qual a Providencia não seria intelligivel, necessita, para se fortalecer em quanto é nova, para se acreditar em quanto é duvidada, de que em tudo e de toda a parte se lhe venham adduzindo estas e outras provas solemnes e incontesteis da perpetua evolução das trevas para a claridade, da escravidão para o livramento, do egoismo para o amor, da discordia para a harmonia, da torpeza, da abjecção, do desconforto, para o bello, para a dignidade, para o contentamento. É bom, para que o presente se anime de uma santa fé em si mesmo, que os seculos defuntos se lhe apresentem com todas suas miserias e andrajos, como o escravo ébrio nos jogos do povo austero da Laconia.

Postas as coisas a esta luz, verdadeira e solemne, pena é que Ovidio só nos escrevesse a primeira metade do anno pagão, ou que, se o escrevera todo, a segunda metade ande ainda sumida ou se perdésse. Se o poema existisse completo, seria a copia authentica inteira do abundantissimo testamento de Roma, a rainha escrava e prostituta, em favor de sua irmã mais nova, a Roma santificada pelo christianismo; d'esta Roma que addiu a beneficio de inventario a herança do mundo com mais efficazes auspicios de duração.

A Roma defunta não nos interessa menos que a Roma viva; se temos na segunda a capital dos espiritos, á primeira devemos conquistados o nascente arrebol da civilização; devemos-lhe na maxima parte a lingua, os costumes, a legislação, os mais preciosos documentos historicos e politicos, os monumentos mais esplendidos das artes e da litteratura. Se uma piedade de interesse nos liga á que subsiste, outra piedade de gratidão e de interesse quasi filial nos recommenda a que passou.

Na transição da primeira para a ultima Roma pelos tempos em que o scepticismo das classes illustradas, a philoso-

Creúsa neto d'el-rei Priamo. Ascanio funda a cidade de Alba-Longa, onde a sua descendencia continúa a reinar por-decurso de tres seculos. Ultimo rebento de tão profundas rai-zes apparece Romulo. O neto de mais de vinte reis, não en-contra um sceptro no berço, nem berço tem sequer.

Outro tanto acontecerá a Jesus, vergonlea da Tribu Real de Judá, descendente em mais de quadragessimo grão de el-rei David : entra no mundo sem herança nem vislumbre de grandezas terrestres.

É mãe de Romulo uma virgem vestal que tendo-se dei-xado adormecer á beira do Tibre teve por sonhos uma appa-rição divina e concebeu.

A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalem des-de os tres até aos quatorze annos de sua idade ; aos quinze recebe d'um Mensageiro celeste o ineffavel annuncio de que dará á luz um Filho Bemdito, gerado sem concurso de ho-mem, emanação da Divindade, mencionado nas mais anti-gas prophecias, desejado e esperado de todas as gentes, e cujo nome será Jésus.

O pai putativo de Romulo, o que elle ha de invocar e servir em toda a sua vida, ninguem o viu ; é um deus, o maior deus do Lacio, o deus das batalhas e ao mesmo tempo da fertilidade, o creador, o *Mars Pater*, a quem, sob diver-sos nomes, dão cullo vario as povoações italicas.

O verdadeiro Pai espiritual de Jesus, invisivel e omnipo-tente é o *Deus dos exercitos*, o autor unico de toda a *creação*.

Um tyranno sanguinario, receoso de uma usurpação no futuro, condemna á morte Romulo recém-nascido.

Receoso de uma usurpação no futuro, um despota feroz quer exterminar a Jesus apenas desabroxado.

O primeiro, não alinando a escolher entre dois gêmeos sacrifica-os a ambos.

O segundo, para que o Messias desconhecido lhe não escape, abrange na sentença de morte a quantos innocentes ha no reino.

Romulo é salvo. Jesus é salvo.

E aquella caverna, o Lupercal, ás abas do Palatino, convisinha á Figueira Ruminal, covil onde a loba amamentou a Romulo, e animaes lhe deram piedade que entre homens não achára, não lembra por longe o caridoso desconforto do presepio de Bellem? o pastor Faustulo e Acca Larencia primeiros soccorredores do filho da vestal, não se figuram sombras dos pegureiros que hão de trazer ás palhinhas do Menino da Virgem os seus presentes e adorações?

Uma grande escuridade cobte em commum a infancia, a puericia, a primeira adolescencia de um e outro personagem: do Homem Grande, e do Homem Deus.

D'essa escuridade vemos sair o Primeiro, cheio d'altos espiritos, a vencer e castigar malfeitores e bandoleiros que assolam a campanha das cercanias. O Segundo vem-o sair dominado de outros infinitamente mais altos espiritos, a colher no templo victoria dos doutores da lei antiga.

Já anda cada um na missão que o ceo lhe dispartiu.

Prosequil-a-ha o Primeiro adestrando-se nas armas para as guerras que medita.

O Segundo, dissipando erros, operando milagres, curando, resuscitando, doutrinando, santificando, marchará com passo firme e incessante para a conquista das almas.

Cerca-se o Heroe Albanex de rusticos, rusticamente armados, valorosos como elle.

O Nazareno rodeia-se d'uns poucos de plebeus humildes como elle, corações puros e despegados da terra, que attrahidos da suavidade da sua doutrina, desamparam tudo para o seguir.

Já o campeador da beira do Tibre ousa conceber a fundação de uma cidade. Alba-Longa, d'onde elle saiu, trema desde os fundamentos! A troyana Vesta, que ha trezentos annos a protege, pouco tardará que se transfira com o poderio para os muros que está fantasiando o Filho da sua real sacerdotisa. São chegados os dias de um imperio summo, prophetisados por Carmenta. Romulo tem plena fé em seu pai, plenissima no proprio coração, e no seu braço já provado. Alvorece o vinte e um de abril, festa de Pales, a boa deusa dos pastores. Abre-se no lugar escolhido uma cova onde cada um vem lançar devotamente flores, fructos, sementes, e terra trazida de toda a parte, e do mais longe que se pode. Romulo recobre este symbolico thesoiro de fecundidade, predominio e duração; abre com um arado de bronze os alicerces para a muralha quadrada, com portas por onde sairão no crescer dos seculos vencedores para todos os quatro pontos do orbe; e invocando a Jupiter, Vesta, e Marte, impetra d'elles estabilidade para a sua obra. Aves do ceo lhe fadaram imperio; ao primeiro que ousou zombar dos seus muros nascentes e saltal-os, não lhe valeu o ser irmão; cahiu sem vida. « E assim cahirão para todo sempre, exclamou elle, os que desacatarem esta mansão de Numes e de Heroes. »

D'est'arte preludiava nesciamente não á sua Roma, mas á que havia de renascer d'ella, fundada pelos humildes de Jesus, de Jesus, a quem a *pomba* do Emyreio augurou melhor que os *abutres*; e com mais certa prophecia annunciou que edificava em *pedra firme a Igreja contra a qual não prevaleceriam as portas do inferno*, e d'onde os seus Apostolos e Discipulos se derramariam pela terra universal instruindo, baptizando e convertendo.

A fé é a primeira virtude, mesmo em politica; Christo

faz d'ella o fundamento da sua religião. Romulo soubera inculir aos seus uma crença nas proprias forças e destinos, que foi a principal origem do seu dominio universal.

Roma, a velha, nasce destruindo sua mãe Alba.

Roma, a nova, nasce destruindo Romã a velha, sua mãe.

O oraculo que promettera ao deus Termino não pararia senão no fim do mundo, realisou-se, mas foi para com o o christianismo.

Romulo funda um asylo onde os escravos e os foragidos encontram a liberdade e foros de cidadão.

Jesus introduz a religião da liberdade e da igualdade.

No tempo de Romulo faz-se o primeiro arrolamento do povo romano.

No tempo de Christo faz-se o grande arrolamento do imperio.

Mais : Se attendermos a Dionysio de Halicarnasso, Romulo não foi só um guerreiro politico ; foi tambem um grande legislador, foi um civilisador religioso, um verdadeiro, um digno precursor de Numa. « Romulo, diz elle, desterrou as fabulas e tradições que vogavam ácerca dos deuses, e que eram, muitas d'ellas pelo menos, blasphemias crassas. Acostumou o povo a não boquejar em divindades senão com decencia, a só as imaginar sublimes, a lhes não attribuir acção indigna de sua natureza bemaventurada e immortal. » Poderá ser favorecido o retrato desenhado pelo historiador grego, mas o certo é que a Roma primitiva nos apparece como um exemplar de costumes rigidos e puros.

Será tudo ? Não é ainda tudo. O singular paralelo não acaba com a vida.

Romulo, diz a lenda, não morre : é assumido aos ceos por Marte, seu eterno pai ; fabuloso vaticinio da verdade evangelica da ascensão de Jesu-Christo.



Tumultuoso desconcerto de toda a natureza nos ceos, na terra, e nos sepulchros assignalará o fim da agonia da cruz.

Uma tempestade horrorosa tinha assignalado não menos o desaparecimento de Romulo do meio do seu povo na margem da lagoa Cáprea.

Duvida-se na Judea, como se duvidára em Roma, do que foi feito: cá, do fundador da religião; lá, do fundador do reino.

Uma fraude piedosa do senado faz acreditar, que o fantasma glorioso de Romulo apparecêra na estrada de Alba, por noite, a Julio Próculo, o serenára da turbação, e o incumbíra de ir narrar aquella mesma visão á curia e ao povo, exigindo honras divinas e sacrificios para o novo Celícola.

Era a credulidade sonhando a veneranda historia da resurreição.

Rematemos este já longo parallelo com a mais estranha das coincidencias.

Romulo, immortal e impassivel, desaparecido d'entre os seus, fica-lhes todavia presente sob o nome de deus Quirino, e occulto sob as apparencias de uma lança; antecipada, vã, e estulta parodia do mysterio da transsubstanciação, do Sacramento Augustissimo dos nossos altares. Mas que infinita differença de Roma a Roma! lá, por sacramento, o ferro; cá, o pão e o vinho; lá, a guerra, a devastação; cá, o amor, a paz, o convite, o banquete do ceo á terra.

Pelo seu Quirino emfim todos os romanos se ficaram presando de Quirites; como nós hoje por Christo de Christãos.

Mas, se nem a contemporanea idade de Ovidio e Jesus, nem as extraordinarias similhanças entre os começos das duas Romas, entre o semi-fabuloso ser de Romulo e o ser evangelico do Messias, mereceram ao leitor a attenção que

Ihes acabamos de conceder, outro tanto não acontecerá talvez ás rapidas observações em que vamos entrar sobre a religião romana, procurando descobrir a ligação logica e providencial das antigas crenças com as modernas, do culto idolatra com o espiritual, da Roma em summa dos *trinta mil deuses*, com a Roma do Deus Unico.

O Lacio, anterior á cidade eterna, apparece-nos do meio das tradições confusas e contradictorias dos tempos remotissimos e mal historicos, como um paiz de attracção pela sua formosura, e de hospitalidade pela sua abundancia e pela indole bondosa dos seus moradores aborigenes. Ainda hoje conserva essas feições. Colonias de toda a parte confluem á Italia. Antenor, Enéas, Evandro, Gregos do continente e da Sicilia, Gallos, Ibéros, talvez até Egypcios e Phenicios, tudo para ali acode; tudo ali se estabelece; tudo traz elementos para futura civilisação. Este caracter da hospitalidade latina, consagrado no proprio nome de *Lacio*, apparece no asylo de Romulo, na mistura das terras lançadas na sua fossa, no systema de aggregação e assimilação, seguido depois pelos reis e pela republica, em virtude do qual os inimigos vencidos se tornavam em geral cidadãos. É já então o systema de hospitalidade, que, mais desenvolvido e santificado, constituirá a principal feição caracteristica do christianismo, d'esta religião tão eminentemente communicativa e social, quanto a judaica, sua mãe, fôra concentrada, e, porque assim o digamos, restricta á nação hebréa.

Não seria facil hoje deslindar o que foram nas eras primordiaes as crenças e praxes das religiões italicas; tão poucos, tão desconnexos, tão imperfeitos e tão vagos são os monumentos que de si nos deixaram.

Isto porém se apura como coisa provavel em summo gráo: que o benigno dos ares e o dadivoso do solo, influin-

do suavidade nos animos, brandura nos corações dos moradores, desgastaram e destruíram sempre com o seu natural influxo tudo quanto de ferino e monstruoso lá entrára com os ritos e sacrificios oriundos de plagas menos favorecidas, e climas desamoráveis. Ar e solo aconselham para o bem, como para o mal. Se advenas de regiões agrestes e inhospitas, alguma vez introduziram por lá sacrificios de sangue humano para conciliar o favor celeste, essas horrorosas immolações breve se transformaram em festas incruentas. O Tibre via cabir despenhados nas suas aguas em vez de estrangeiros que se lhe haviam sacrificado em quanto era Albula, ou ainda mais antigamente, simulacros humanos, sob o titulo de Argeus ; notavel e significativa solemnidade, ainda em tempo de Ovidio celebrada duas vezes por anno. Não se objecte, contra esta virtude, que attribuímos de mitigar costumes ao temperamento dos ares e da terra, a prodigalidade quasi festiva com que se veiu a derramar nos jogos publicos o sangue dos escravos. Os gladiadores e as feras na arena, debaixo do esplendido sol e das fragancias da Italia, espectaculos que só lidos nos fazem estremecer, eram tão alheios á verdadeira indole italiana, como estranhos á religião. O longo uso da guerra fizera baratear na estimação as existencias ; a superabundancia da escravaria impederníra, até nas mulheres, parte da sensibilidade nativa ; as riquezas monstruosas e as delicias confluentes a Roma de todas as conquistas, haviam saciado tantas sêdes, que era já forçoso ir procurar nas sensações mais violentas um simulacro de deileite. O povo gigante devorára tanto, bebéra tanto no vaso de oiro das prosperidades, que para dormir agradavelmente a sua derradeira sesta, carecia de se embriagar, e não sabia como : inventou uma taça monstruosa : o circo ; mandou-a encher d'um licor ardente e vertiginoso : o sangue

dos escravos, dos gladiadores, dos martyzes e das feras; provou, sorriu, cresceu-lhe a avidez, delirou, adormeceu, cahiu. Era para morrer.

Não foram porém assim os aborígenes: para a sua fantasia ainda simples e infantil, bastava, como complemento das necessidades satisfeitas, o espectáculo de uma natureza que de toda a parte se devia rir, que de toda a parte murmurava caricias como de mãe. A religião teve a innocencia, o perfume, o viço, os devaneios amantes do idyllo; os animos agradecidos, davam-se bem com deuses quasi familiares, que exigiam pouco em oblações, e davam tudo. Os *Fastos* romanos, especialmente os rusticos, *Rustici Fasti*, transvasaram para o poema de Ovidio, e o poema de Ovidio nos conservou, preciosos fragmentos, que provam haver sido esta a poetica religião d'aquelles tempos. Era uma religião tão conchegada com o bom, tão agradecida a beneficios, tão louvavel em affectos, ainda quando desalumiada de fé e philosophia, que, se folheamos os *Fastos* da Igreja, é impossivel não divisarmos nelles como por baixo d'um escripto de piedade se enxerga um Virgilio num codice respansado, vestigios d'aquellas simplezas tão sympathicas de outr'ora. A Igreja, sempre amante, e sempre illustrada, as meteu em si, e as consagrou para as perpetuar, porque eram boas, como nadas e creadas no Paraiso, lembradas da destinação original do homem, a vida agricola, e com leves differenças de fórma conservadas sem quebra atravez de todos os tempos até ao nosso.

Era pois aquella uma religião sobre tudo campestre e agricola como o viver dos seus sectarios.

O pastor, o lavrador, o lenhador, o caçador, condemnados a passar os dias cada um na solidão mais ou menos profunda do seu mister, consolavam-se pensando que em

realidade não estavam tão sós como aos seus olhos parecia, pois que a terra era uma grande deusa, a atmospherá circumfusa outra, o ether o maior de todos os deuses; que sumido em cada rio morava um genio amigo e poderoso; uma Nayade, mais formosa que todas as mulheres, em cada fonte e em cada lago; que um bosque era uma cidade, e cada tronco a morada de uma Ninfa; que o rebanho, a seara, a vinha, o pomar, a horta, a montaria, a jornada, o marco da fazenda, o fogo domestico, o forno, a porta, o casamento, os filhos, tudo era velado e protegido.

Quem de tanto se gosava no torrão em que nascera, tinha obrigação e necessidade de o defender. O camponez pacifico, ao primeiro rebate de invasão convertia em armas os instrumentos do seu grangeio, invocava o seu Marte, que então se transformava, como elle, de creador em guerreiro, e confiado em tão alta protecção ia, pelejava por tudo que tinha de mais caro, e regressava modesto e contente; o carro da aceifa era o coche de triumpho que o esperava; o seu Capitolio, a choupana segura para a sua mulher e para a sua descendencia; a sua hecatomba, um festim singelo e folgasão com a familia e os visinhos, talvez por traz da capella de Vacuna, talvez diante do oratorio dos Lares protectores, talvez á sombra regalada das arvores semeadas por seus avós para elle, e por elle agora redimidas para seus netos pelos tempos fóra.

Se bem reparamos no aspecto da Roma primeva, reconhecemos facilmente que os homens que trouxeram para a fossa de Romulo flores, sementes, e terra de diversos pontos do paiz, trouxeram tambem em si para a communidade a religião mixta de campestre e bellicosa.

Mas o elemento agrario, que havia sido o preponderante no viver e no culto das povoações italianas, das quaes se

encheu, graças ao asylo, a cidadinha quadrada de Romulo, o elemento agrario houve de ceder para logo a primazia ao elemento guerreiro. O Marte da paz e dos fructos vestiu as armas para proteger e ampliar a fundação de seu filho, e nunca mais as largou.

O culto, verdade é, nunca se esqueceu de que o soldado nascêra camponez, e ainda no tempo de Julio Cesar se ouvia com deleite nos versos de Virgilio a arte da agricultura, ensinada não menos por Varrão, Catão, e Columella; mas a cidadinha recém-nascida, presentia já os seus destinos, e não os podia realisar senão ceifando cidades em lugar de farragiaes, e enfeixando com mão robusta povos: primeiro os comarcãos, depois os apartados, por ultimo os de todo o orbe. Tal foi, com pequenas interrupções, a obstinada missão, a missão assombrosamente feliz, da monarchia, da republica, e do imperio.

Tiveram porventura os romanos desde o principio uma consciencia clara e positiva de que trabalhavam para a dominação universal? Talvez não; é mais verosimil que o seu estado se foi encorpando e crescendo, desde o quasi nada da sua origem, até á sua remota immensidade, sem nunca pensar verdadeiramente senão em absorver o proximo, o accessivel, o que se podia sem custo digerir e assimilar. As victorias de hontem, inspiravam os commettimentos de hoje; a fortuna de hoje, os arrojos de amanhã. Como das conquistas brotavam os triumphos, brotavam dos triumphos as conquistas. Pode-se applicar para aqui o que da fama de Marcello dizia Horacio:

*Crescit occulto, velut arbor, aevo.*

É entretanto forçoso confessar, que, se os romanos não tinham, porque não a podiam ter, uma convicção antecipa-

da de fados tão inverosímeis e enormes, como os que lhes estavam guardados no thesoiro da Providencia, de feito obra-vam como se os conhecessem, e para lá encaminhavam tudo com um instincto de acerto que mal se explicaria se se recusasse á Providencia uma cooperação mais ou menos occulta em todas as coisas d'este mundo.

O povo romano, quando attentamos em certos actos de sua vida social, lembra-nos a ave ainda virgem que arribou de longes terras, sem guia, por estrada aerea que ninguem lhe assignalou, vai poisar na arvore que nunca viu, e que a hospéda como se já fossem antigas conhecidas, ou como se os ventos que vão e vem as tivessem uma á outra annuciado; vai tomando pelos arredores, com a certeza de quem os tivesse lá deixado, os materiaes dispersos de que ha de engenhar ninho, fortalecel-o por fóra, afôfal-o por dentro, ageital-o á medida e feição de ovos que ninguem lhe prophetisou, deposital-os ali no calculado asylo das ramas que melhor se alastraram para toldo contra soes e chuvas, abrigo contra os ventos, e anteparo contra os olhos prespicazes dos salteadores alados, e dos reptís perfidos e industriosos, como se as exhalações da terra, e do ceo as estrellas, lhe segredaram os perigos todos que do baixo lhe podiam trepar, ou despenhar-se-lhe do alto, e assim descansada, contente e feliz, já mãi no amor antes de ter filhos, esquece a comida e o vôo, abraça com as azas, fecunda com o seu calor o que ainda se não representa mais que umas pedrinhas redondas, mas em que se contém a sua posteridade, as legitimas ufanias da seguinte primavera. Os cantos com que o marido a desenfada a esvoaçar-se de alvoroço nos ramos proximos, parece estarem-lhe augurando boas ditas; e ella, pelo modo como olha para as alturas d'onde elle baixou, affirmar-se-hia que as espera.

O Sabio Invisível, que tantas coisas ensinou á avesinha inexperta, foi o mesmo que industriou o desalumiado povo da antiga Roma para apparelhar nella, sem o cuidar, o berço para a nova, para a suprema religião que os prophetas pre-disseram, e que a passos contados se approximava.

Já recordámos que ao asylo aberto no monte Capitolino para foragidos, devêra Romulo os primeiros cidadãos; com ruins companheiros começava sem duvida, mas não os havia melhores por então. Careciam de mulheres; deu-lh'as o rapto das sabinas. Foi acto innegavelmente de violencia perfida, odiosa, execranda; mas uma fatal urgencia o tornava indispensavel. D'ahi resultou não só vida e incremento á povoação, amansamento nos costumes, e amor ao lar domestico, primeiro fundamento do afferro á patria, mas tambem, como beneficio sobre beneficios, dilatação de estados. Em allianças, e em promiscuidade vieram a parar as guerras, provenientes d'aquella brutal injuria, guerras, em que as proprias involuntarias causadoras d'ellas, foram a final os candidos laços da concordia. Acrescentemos agora que o solo, asylo de criminosos, não tardou em fazer-se asylo tambem dos numes forasteiros; e que os mesmos que tanto haviam lucrado em tomar esposas á força nas proprias festas do deus *Conso*, do deus do *Bom Conselho*, não hesitaram em raptar igualmente para os seus muros as deusas e os deuses dos povos adversarios. Imaginaram andar nisso com mui prudente aviso como politicos, e assim era; mas a politica humana ia pelo caminho encoberto da Providencia; vê-se hoje cá de longe, e do alto da historia.

Era crença geral, e de todos os tempos, que assim como cada casa se mantinha e prosperava por mercê dos seus Lares, e cada navio pela dos seus, enthesoirados á pôpa, cada cidade tinha o seu melhor seguro no padroeiro ou padroei-



ros da sua peculiar invocação (até d'isto restam na christandade vestígios santificados!) : Baccho, tutelava a Thebas ; Apollo, a Delphos ; Minerva, a Athenas ; Pallas, Neptuno e Vesta, a Pérgamo ; Juno, a Samos e a Carthago ; Diana, a Aulide ; Jupiter, a Creta ; Venus, a Amathunta, a Paphos, a Gnido ; Isis, a Memphis ; Marte, com diversos nomes e attributos, a um sem conto de povoações por toda a Italia.

Marte, o pai de Romulo, foi, desde que Roma se erigiu, o seu primeiro Nume. O proprio rei da paz, Numa Pompilio, lhe adscreeu culto especial, a cargo do collegio dos Salios, e o fez depositario do Ancilio, um dos talismans do imperio, como o fogo de Vesta e o Palladio. O numero dos templos a Marte cresceu na cidade pelos tempos alem, com o progresso das guerras, das victorias e das conquistas.

Terem por si a Marte e Quirino, e com elles todos os deuses de primeira, de segunda, e de terceira plana, albergados em marmore e em oiro dos muros a dentro, parece que já se podia dar por bastante para a segurança interna dos Quirites, que não se descuidavam de renovar de continuo sacrificios e oblações, lectisternios e jogos dos mais solemnes a tão venerandos, sobre tudo a tão potentes hospedes. Mas Roma é que se não contentava com a certeza da sua inviolabilidade ; era mister que essa ventura fosse nella um privilegio, privilegio exclusivo em todo o orbe. Antes de arremetterem contra qualquer cidade para a avassallar, ou demolir, o general romano convidava os deuses protectores d'ella, conhecidos ou desconhecidos, para que se dignassem de lh'a desamparar á boamente, entendendo que assim se quebrava o escudo, e se embotava a espada ao inimigo.

Macrobio nos transmittiu a formula ritual d'aquellas deprecações ou *devoções*, como em latim as appellidavam : *reduziam-se a supplicar-lhes, infundissem nos moradores e seus*

soldados pavor e desacordo, nos acommettedores valentia ; promettendo-lhes, em paga da victoria, trasladar para melhores templos em Roma os Numes desertados dos seus antigos altares, com obrigação de sacrificios mais solemnes e jogos mais brilhantes na capital do mundo. « É assim, continúa o mesmo autor, que eu acho noticia de terem sido ritualmente amaldiçoadas (*devotas*) pelos romanos, a fim de poderem ser por elles expugnadas, as seguintes cidades : Stonios, Fregellas, Gabios, Veios, Fidenas ; isto dentro na Italia ; e fóra d'ella : Carthago e Corintho, sem fallar em muitas outras das Gallias, das Hespanhas, da Africa, da Mauritania, e d'outras nações, de que rezam os antigos Annaes. »

Para se precaverem de represalias, e tornal-as até impossiveis, é que em Roma, segundo o autor dos Saturnaes, se mantinha no maior mysterio, não só qual fosse o seu verdadeiro nume tutelar, mas até o proprio nome da cidade. Roma lhe chamavam os seus filhos, e todo o mundo ; e todo o mundo, e os proprios romanos, sabiam que era outra, ignota, e inefavel, a sua denominação.

Estes dois enigmas, que desatinaram a sete seculos, aclarou-os a religião nova : o nume latente saiu Christo ; a cidade innominada descobriu-se Jerusalem terrestre.

Emquanto Roma esponjava para si as idolatrias de todo o mundo, absorvendo na sua as nacionalidades alheias, e pela propria superstição se precavia de retalições, outro phenomeno, jámais visto antes nem depois, se lhe observava no interior.

Era a religião monopolio da aristocracia ; neste sentido o povo romano se dividia em duas *castas* perfeitamente distinctas : a plebe, os patricios ; o corpo, e o estomago, segundo a parabola de Menennio Agrippa ; ou, com mais exacção :

d'uma parte, os membros operosos ; da outra, o ventre e a cabeça.

Nunca desde o principio da republica, deixou a plebe de olhar de travez, com ciume e aversão, com animo hostil, com audacia de obras muitas vezes, para os que ella tinha por usurpadores dos seus direitos naturaes, e conculcadores insolentes de sua imprescriptivel liberdade. Innegavelmente dos plebeus para os magnates, pouco menos distancia me-deiava que dos escravos para os livres.

Não era só a exorbitancia das riquezas accumuladas nas familias nobres, os usurarios emprestimos dos opulentos aos necessitados, e a desabrida jurisprudencia enfeudando, porque assim o digamos, o devedor ao credor, o que mantinha esta desigualdade civica, sempre murmurada, e a miudo sacudida, mas sacudida em vão, pelos opprimidos ; era tambem o exercicio dos cargos mais importantes do estado, de que os proceres se não deixavam desapossar, por mais que as sedições lh'os disputassem ; mas era, com especialidade, a gerencia do sacerdocio e de tudo que de perto, ou por longe, tocava na religião, que era tudo absolutamente ; as demais cadéas ainda eram humanas, podiam quebrar-se ; esta porém, que era de bronze, e agrilhoava pés e mãos a todo o corpo social, tinha o seu primeiro argolão no Olympo. debaixo dos pés do Destino, e o seu argolão ultimo no fundo do Tártaro, defendido pelas Furias.

Coisa nenhuma se passava na vida romana, sem ter sido primeiro sanccionada por agoiros rituaes, e poucas sem serem acompanhadas de sacrificios. Eram usanças antigas, herdadas dos etruscos, e mais povos latinos ; bebiam-se com o leite ; constituiam segunda natureza. Ora para os sacrificios e para os agoiros, o plebeu estava á mercê, quasi nunca desinteressada, e nem sempre leal, da classe privilegiada.

Tanto como os actos summos da guerra e da paz, tanto como os do Foro Comicial e os dos tribunaes, a ritos eram sujeitos os contractos, os testamentos, os consorcios, os repudios, a tomada da toga viril, as exequias, as demarcações dos campos, o edificar das casas, o rompimento de uma porta nova, a erecção de um forno, ou de um muro, o arroteamento de um solo, a plantação de um arvoredos, a lustração de um predio, a manumissão de um escravo... tudo, pela palavra tudo. Os dias das festas mudaveis, os de bom ou máo agoiro, os de trabalho ou de guarda, os fastos e os nefastos, saiam-lhe determinados em tabellas feitas pelos seus senhores da ordem sacerdotal. A cargo d'elles é que estavam esses registos, de que alguma idéa se pode conceber por estes do poeta. (O catholicismo, com serem nelle dominio publico os almanachs, ainda hoje recorda aos fieis na estação da missa conventual dos domingos as solemnidades da semana que entra). O plebeu não podia formar um projecto, dar um passo, voltar os olhos, sem ver, sem sentir sobre si o braço dos que tinham monopolizado o commercio dos deuses com os homens, e do mundo com o alem-mundo.

« *Auspiciis hanc urbem conditam esse, auspiciis bello ac pace, domi militiaeque omnia geri, quis est qui ignoret? Penes quos igitur sunt auspicia more majorum? Nempe, penes Patres: nam plebeius quidem magistratus, nullus auspicato creatur* » (1). Assim exclamava um nobre defendendo sem hypocrisia os privilegios da sua classe, quando uma voz de magistrado da classe inferior ousou pedir communhão de direitos para a plebe nas coisas divinas.

O plebeu via-se pois rodeado de collegios ou congregações, em que só figuravam as familias illustres, e a cujos

(1) Tit. Liv. lib. vi, cap. xli.

multiplices influxos lhe não era possível, nem licito lhe fôra, subtrahir-se : Collegio dos Pontifices, verdadeira congregação dos ritos e a que o proprio Julio Cesar ambicionou presidir ; Collegio dos Augures ou agoureiros ; Collegio dos Septemviros Epulões, superintendentes dos festins e jogos votivos e sagrados ; Collegio dos Quindecemviro (os escrutadores dos versos sibyllinos) ; Collegio dos Aruspices, vaticinadores pelas entranhas das victimas ; Collegio dos Feciaes, reguladores das ceremonias dos direitos e das condições das guerras e das pazes ; Collegio das Vestaes, depositarias da salvação publica ; Collegio dos Salios, propiciadores de Marte, e guardas do Ancilio ; Collegio dos Ticios, conservadores das praxes religiosas dos Sabinos ; Collegio dos Flamines, para os sacrificios especiaes de Jupiter, de Marte e de Quirino ; por isso não admira que entre tantas divindades risonhas, como Venus, Graças, Amor, Flora, Vertumno, e Anna Perena, houvesse ali altares para Jove Trovejante, para Marte Vingador, para o Medo, e para a Pallidez. Quanto a Lupercos e Gallos, festeiros ignobeis de Pan e Cybelle, esses que fossem plebeus quanto quizessem ; a sua importancia era nulla, e os proprios plebeus se riam d'elles nas encruzilhadas.

Duas verdades se apuram no que deixamos esboçado : primeira, que a religião de Roma não era romana ; segunda, que não era sequer religião. Não era romana, porque o elemento italiano, de que originariamente se compozera, se confundiu, e quasi se perdeu, no concurso inextricavel e cahotico de tantos cultos adventicios, contradictorios, e mais consistentes em praticas externas que em pensamentos ou affectos ; e não era religião, não só por esse vicio radical, senão porque era, vê-se, uma politica, um meio de predominio do patriciado sobre o povo, e da cidade sobre o mundo (1).

(1) Ver *Le Génie des religions*, de mr. Edgard Quinet.

D'estes dois absurdos apparentes se compunha nos arcanos da Providencia a regeneração do futuro ; porque d'esta sorte, Roma, só muito superficialmente radicada nas crenças polytheisticas, Roma com fome e sede, sempre a mais, de uma verdadeira fé, de que a razão se não envergonhasse, era solo preparado para nelle se plantar a cruz e fructificar. Do Pontifice Maximo dos *trinta mil deuses*, passaria, porque era um progresso, para o Summo Pontifice, representante, por uma especie d'apothese em vida, do Deus Unico. Julio Cesar e seus successores tinham por herdeiro e testamenteiro ao santo pescador do mar de Tiberiade.

A romanisação das nações, o habito em que ellas estavam de receberem do Tibre as suas leis, e de aguardarem sempre do Capitolio os seus destinos, faria com que, apenas amanhecesse sobre os sete montes, a luz se diffundisse victoriosa para toda a parte até os confins do orbe conhecido. Os povos que haviam dado tão longamente á cidade do Filho da Vestal os seus cultos vãos, insensatos, caducos, receberiam d'ella, baptisada pelo Filho da Sempre Virgem, o livro da *Boa nova* ; o que o ferro lhes tirára de independencia, ia o amor restituir-lh'o centuplicado em independencia e em liberdade.

Como já indicámos : a caducidade do paganismo, effeito d'estes vicios de substancia, e de organisação, era ainda augmentada : de uma parte, pela crueldade, coisa sempre repugnada pela natureza ; d'outra pela devassidão, embriaguez contra a qual protestam sempre no fundo da alma instinctos honestos que no povo se não acabam ; e de outra, pelas doutrinas austeras do Portico, porque em realidade o estoicismo era na cerração da corrupta idolatria um arrebol precursor do christianismo. Mas ha mais. A Providencia de tudo faz materiaes para as suas edificações.

O monopolio dos agoiros e dos sacrificios pela aristocracia romana, essa causa permanente das murmurações e do dessocego da plebe, tinha, não sem tempo, nem sem custo, cedido a final ás reivindicações do bom senso e do interesse. O plebeu era já perante os altares igual ao patricio, ou pouco menos. Este facto importante, esta victoria de Roma sobre Roma, já era nella uma parte de iniciação para a religião democratica do filho do operario e dos pescadores seus companheiros, religião onde até os minimos podem ascender ao throno pontifical.

Finalmente : a superabundancia e a horrorosa miseria da escravaria estava multiplicando ao infinito o numero dos predispostos para abraçarem com entusiasmo, confessarem e defenderem até ao martyrio, uma crença que prégava o dogma natural e sacrosanto da igualdade de todos os homens perante Deus.

A transformação estava deveras começada ; e os imperadores, mesmo resistindo-lhe, a apressavam por todos os modos. As aguias, com o raio nas garras já meio apagado, trepidavam diante da pomba que só trazia no bico o ramo da oliveira. A lança cure, o emblema sacramental de Quirino, levantava-se por si para ir em mãos de Constantino ser o *labarum* ; preenchia-se a prophecia das sybillas, enterradas havia muito. O vaticinio virgiliano, resolvia-se em historia : vinha de feito assomando uma era nova :

Magnus ab integro seclorum nascitur ordo.  
Jam reddit et virgo ; reddeunt saturnia regna.

Este praso não foi curto, e foi sobre tudo trabalhoso. Tres seculos de lueta intestina, nos espiritos, nos costumes,

nos interesses se haviam de passar desde Christo até Constantino Magno, o pagão christão, ou christão pagão ; o homem que adorava o Deus, sacrificando aos deuses ; que edificava ainda um templo á Concordia, quando ia decretar emfim a paz á Igreja ; que celebrou jogos funebres da gentildade, e premiou cidades, por desterrarem os idolos ; que aboliu o supplicio da cruz, outorgou foros e immunidades ao clero, fez convocar o primeiro Concilio ecumenico, publicou leis humanas de caridade, e rematou com o seu proprio baptismo um reinado não isento de faustos orientaes, de perfidias e de verdadeiras crueldades. A igreja grega festeja-o como santo ; a historia, mais severa, hesita. Para muitos, Constantino só foi um politico, jogando com as crenças segundo as inspirações da conveniencia. Fosse o que fosse, amantes da civilisação, não seremos nós dos que o condemnamos. O seu apparecimento no throno foi um beneficio, foi um progresso incontestavel.

Se na alma de Constantino travaram batalhas reaes as opiniões novas e as antigas, levando alternativamente umas e outras a melhora, até a final triumphar do Olympo o *Filho do Homem*, outro tanto se passava no imperio.

Roma era como a phenix : debatia-se affrontada entre o fumo e as chammas, para renascer. Desde os primeiros perseguidores até Galerio Diocleciano, martyrisados e algozes, tinham sido todos romanos, concidadãos, consanguineos. No espectaculo d'estas magnificas tragedias, em que se continha na ignominia a glorificação, parte do povo applaudia, parte derramava lagrimas de piedosa inveja, esperando a sua vez de conquistar tambem o ceo. Nada ali era estrangeiro, senão as feras, mandadas vir da Africa, para que os verdugos podessem descansar alguns momentos. D'aquella arêa ensopada em sangue, se fabricava o cimento romano para os alicerces



da Igreja. O sacrificio incruento safu por derradeiro das catumbas depois de tres seculos, como Christo do sepulchro depois dos tres dias; foi celebrar-se nos altares donde os deuses, saciados de sangue, tinham sido atirados ao Lethes pelos seus antigos adoradores.

Aqui, e d'aqui ávante, apparece completa a metamorphose, o rejuvenescimento, ou o renascimento da capital do mundo.

A segunda Roma conserva da primeira quanto baste para mostrar a sua identidade; tudo mais despiu-o; parte por suas mãos, parte por mãos barbaras accorridas de longe a vingar as passadas injurias do universo.

O logar que ella occupa é ainda o mesmo no mappa do mundo; mas o solo em que se levanta é já composto das suas proprias ruinas; a Roma primeira jaz dez e quinze palmos sob os pés da Roma viva; comprehende esta no seu gremio as mesmas collinas; confronta-se com o mesmo Tibre e montes d'outr'ora; mas as estradas que d'ella se dispartiam para as regiões mais longinquas, estão desertas. Resumiu-se-lhe a espantosa população; dissiparam-se-lhe as opulencias; acalmou-se-lhe o susurro immenso das festas, dos commcios, dos exercitos, das sedições, dos negocios, das escólas, dos mercados de servos, dos theatros, das procições, dos jogos publicos, das armadas, e do trafego das gentes das conquistas, e de seus idiomas innumeraveis. Pallida, sentada no meio da campanha triste, despojada e doentia, lembra a antiga peccadora da Alexandria, penitente no deserto de alem-Jordão; tem um solio, e ainda domina; mas agora sem rumor, e sobre espiritos; é a soberania que lhe resta, mas soberania infinita e sem rebeldes, soberania sem os odios e os perigos, a que a temporal a trouxe e traz exposta agora mesmo.

Neste sentido, o verso com que Virgilio designava os seus contemporaneos, poderia ter sido escripto ainda hoje :

Romanos rerum dominos gentemque togatam.

Sim ! até a toga, as roupas talares dos antigos, as conservou no seu sacerdocio a igreja, como nos seus ritos salvou os ultimos restos da lingua de Cicero, e mil fragmentos do abolido culto e das artes que o acompanhavam.

Bem que o imperial calendario Juliano se reformou sob a autoridade papal de Gregorio ix, os nomes dos mezes, os dos signos do Zodiaco, os dos dias da semana, são ainda pagãos. As cannonisações succederam com vantagem ás apotheseos. As procissões dos santos giram por onde giravam as dos deuses. Estrêa-se o anno, como se estreava, com emboras e presentes. A alleluia accende o *lume novo*, como para Vesta se accendia no primeiro de março. Os banquetes das Caristias, para apertar ou renovar convivencia entre os parentes, não são menos lembrados na festa paschal do que a propria paschoa dos hebreus. Maio vê os parochos sairem a abençoar os fructos da terra, e recorda-se de quando os Arvaes, coroados de espigas e ínfulas alvas, andavam por ali a lustrar com sacrificios as fazendas. Os oratorios foram os lararios ; mas os Lares não se ausentaram sem deixarem claros vestigios de si no nome da *lareira*, no respeito ao fogo, nos loiros com que se enfeitam as cosinhas. Os mortos têm ainda as suas festas ; a partida para as guerras as suas preces ; a celebração das victorias os seus canticos de graças ; as esterilidades as suas supplicações, como no tempo da Rubigine ; as festas de Saturno, commemorativas da igualdade humana em eras apartadas, são, ponto por ponto, os folguedos delirantes do carnaval ; as Pallilias, renovam-se

nas fogueiras do S. João. O casamento perpetuou o nome de hymeneu ; celebrou-se nos templos, celebra-se na igreja ; teve dias bem e mal agoirados, como tem dias em que lhe são concedidas e outros em que lhe são recusadas, as bençãos. Pendemos nos templos memorias votivas, como as dos romanos, pela saude recuperada, ou outros beneficios obtidos por favor superno.

Então se consideramos as superstições que revestem, e em parte escondem e carcomem, como musgos, o tronco da religião, as palavras de virtude, os bruchedos, as feitiçerias, os dias aziagos, os passaros de agoiro, os lobishomens, e mil outras coisas d'este genero, espantamo-nos de ver que tambem nisto não possuimos quasi senão romanismos. A credulidade, e a tendencia para o maravilhoso, inextirpaveis no povo, fizeram para estas conservações muito mais que a piedade verdadeira e illustrada. A igreja salvou, mettendo-o em si, tudo quanto convinha salvar ; a superstição tudo absolutamente quanto pode.

Mais um ponto de contacto, mais uma inesperada similitude entre as duas Romas : a antiga, de quem fomos conquistados ; a moderna, de quem somos convertidos.

Os epithetos com que a primeira se gloriou, eram : *Victrix, Invicta, Aeterna, Sacra, Parens* ; de todos elles se gosa entre os escriptores piedosos a segunda. Aquella, representava-se commummente nas estatuas, nas pinturas, nos camapheus, e nas moedas, em forma feminil, com emblemas de victoria e poderio ; esta, figura-se num vulto de mulher, armada, em pé, de capacete e coiraça, fraldada de purpura ; na direita, uma lança com uma cruz por ferro, marcada com um P, e para recosto um escudo com as chaves do Paraizo, encruzadas, e o conto da lança a pesar sobre a cabeça do dragão que lhe jaz aos pés.

Emfim : se a pagã foi adorada como Nume, e obteve sacrificios dos muros a dentro e em regiões remotas (1), a moderna, é saudada como santa ; e é a metropole do mundo, como sua mãe fôra a cidade por excellencia.

Nesta nossa conversação desalinhada e correntia, nesta, não dissertação de eruditos, mas excursão á ventura pelo campo das saudades, teremos porventura cahido em visitar segunda vez algum dos pontos já mostrados. Isso tem consigo o passear por entre ruinas dotadas de summa força attractiva todas ellas : torna-se muitas vezes, sem o cuidar, das ultimas ás primeiras, e com serem velhas e sabidas todas, todas se nos figuram sempre novas e interessantes. A mão estava o remedio ; era decotar as redundancias ; mas escaceã-nos o tempo, fallece-nos o animo sobre tudo. Confessãmos o peccado, pedimos venia ; e prosigamos já agora para arribarmos quanto antes ao verdadeiro fim d'este nosso colloquio.

Todo o chão actual de Roma está recheado de ruinas preciosas ; maior numero d'ellas jaz talvez no fundo do Tibre. Não pouca gente se tem enriquecido com as empreitadas das excavações. Uma companhia de hebreus propunha a um Pontifice limpar o rio para commodo e saude da cidade, dando-se-lhe unicamente em paga o que d'entre as arêas e fodos surdisse de estatuas afogadas. Nada d'isto admira ; aquella corrente lucrôu por muitas vezes com as sedições e com as invasões ; a vindicta civica lhe arremessava as effigies ora bronzeeas, ora marmoreas, das suas victimas ; o mesmo fazia o patriotismo ás dos seus benemeritos, para as subtrahir ao excidio dos barbaros quando a sua entrada era imminente e inevitavel ; e o mesmo, ou pouco menos, os barbaros quando chegavam para saquear e destruir.

(1) Tit. Liv. lib. XLIII, cap. VI.

pestade ? onde o da Febre ? onde o do Pallor ? onde o do Pavor ? onde o de Bruto Callaico ? onde o de Cesar Dictador ? onde o dos Cesares no Palatino ? onde o de Augusto ? onde o de Antonia ? onde o de Caligula ? onde o de Tito Vespasiano ? onde o de Trajano ? onde o de Claudio ? onde o de Adriano ? onde os de Antonino Pio, e de Antonino Philosopho ? onde o de Heliogabalo ? onde o de Faustina ? onde o da Familia Flavia ? onde o de Adonis ? onde os quatro de Isis ? onde o de Serapis ? onde os dos Judeus ?

Onde eram todos elles ? !...

Disputa-se.

Mostrae-nos um só d'aquelles magnificos Porticos, onde todos iam passear, á sombra fresquissima das abobadas nas calmas do verão, e ao abrigo nos dias de agua ! O portico de Agrippa, o de Antonino Pio, o do Apollo Palatino, o dos Argonautas, o de Balbo, o do Bom Evento, o de Quinto Catullo, o do Circo Maximo, o da Concordia, o de Constantino, o Corinthio, o de Europa, o Fabario, o de Faustina, o de Gallieno, o de Cordiano, o de Gracciano, o Hecatontylos, o de Hercules, o de Jupiter Ultor, o de Isis, o de Julio, o da Liberdade, o de Livia, o de Marcello, o das Margaridas, o Meleagrico, o de Mercurio, o de Metello, o Milliarense, o Minucio, o de Neptuno, o de Nero, o de Nerva, o Numicio, o de Octavia, o de Octavio, o do Palatino, o de Paulo, o de Philippo, o de Pola, o de Pompêo, o Porphyretico, o de Quirino, o de Scipião, o de Severo, o de Sylvano, o de Trajano, o Vepsanio ?

Sumiram-se todos os Porticos !

Sumiram-se como elles os theatros : o de Balbo, o de Marcello, o de Pompêo, o de Scauro, o de Statilio, o de Suburra, o de Tiberio ; os amphitheatros : Castrense, de Claudio, de Vespasiano, o Statiliano, o do Campo Marcio, o Nemausense.

Como os theatros e amphitheatros, desapareceram os circos : de Adriano, Agonal, de Antonino Caracala, de Aureliano, Castrense, Constantinopolitano, de Domicia, de Heliogabalo, Flaminio, de Flora, Intimo, de Julio Cesar, Maximo, de Nero, de Sallustio e Vaticano.

Subverteram-se os banhos e as thermas, esses edificios como sonhos de *contos orientaes*, com gymnasios, jogos, musicas, danças, bibliothecas, guarda-roupas ; ornados de columnas, de estatuas, de pinturas, de mosaicos, de tapetes, de candelabros, de leitos, de flores ; perfumados, servidos de escravos e escravas em viço de annos e formosura, centros de reunião de poetas recitadores, de casquilhos, de estrangeiros ; uns, frequentados todo o dia ; outros, todo o dia e toda a noite ; uns, só por mulheres ; outros, só por homens ; outros por homens e mulheres promiscuamente :

Thermas Abascansianas, de Adriano, de Agrippa, de Agrippina, de Alexandre, de Ampelos, Antiochianas, Antoninianas, Aurelianas, de Bolano e Mamertino, de Cesar Dictador, de Cneio, de Domicio Calvino, de Claudio Hetrusco, de Commodo, de Constantino, de Daphnis, de Decio, de Diocleciano, de Domiciano, de Gordiano, de Narciso, de Novato, de Nero, de Olympias, Palatinas, de Paulo, de Philippo, de Polycleto, de Severo, de Sura, de Tacito, de Tito, de Torquato, de Trajano, Varianas ou de Heliogabalo, de Vespasiano.... Basta.

Por mais de oitocentas orça as Thermas Publio Victor !  
Nenhumas subsistem !

Subsistirão ao menos as Praças ou *Foros*? Tão pouco !  
Nem o Campo Marcio, nem o Foro de Augusto, nem o de Cesar, nem o Romano, nem o de Salustio, nem o de Trajano, nem o de Vespasiano, nem o de Aurelio, nem o Julio, nem o de Ahenobarbo, nem o Antonino, nem o de Do-

miciano, nem o de Nerva, nem o de Appio, nem o de Cassio, nem o de Cornelio, nem o de Fulvio, nem o Agonio, nem o Archemorio, nem o Cupedinis, nem o Olitorium, nem o Boarium, nem o Suarium, nem o Archemorium, nem o Piscarium, nem o Pistorium, nem o Vinarium!...

Seccaram-se e foram-se os soberbos aqueductos, os charizes estrepitosos, as brilhantes fontes e repuxos :

As aguas Albudinas, as Alexandrinhas, as Algencianas, as Alsielinas ou Augustas, as Annias, as Antonianas, as Appias, as Aurelias, as Caducas, as Capitolinas, as Ciminhas, as Claudias, as Crabras, as de Egeria, as Felizes, as Herculeas, as Janiculenses, as Julias, as de Juturna, as Labicanas, as Lollianhas, as Marcias, as Marianas, as de Mercurio, as Petronias, as Sabatinhas, as Septimianhas, as Tepulas, as Trajanhas, e as Virgineas!....

Quem nos dirá por onde havemos de tomar para os Passeios Publicos, copados de platanos, arvores tão amadas que se regavam com vinho em vez de agoa, variegados de flores, povoados de estatuas? Ninguem!

Aniquilaram-se os hortos: de Adonis, de Agrippa, de Antero, de Antonino Pio, de Argiano, de Asinio, de Caio e Lucio, de Colonia Fabia, do Celio, de Crassipede, de Dolabella, de Domicia, de Domiciano, os da Casa Aurea, os Ephrodictianos, os de Galba, os de Gallieno, os de Geta, os de Heliogabalo ou da Esperança velha, os de Julio Cesar, os de Lamiano, os de Luculo, os de Mecenas, os Marianos, os do poeta Marcial, os de Marcial Tullio ou Julio, os cognominados Admiraveis, os de Nero, os de Numa, os Pallacianos, os de Pompêo, os de Salustio, os do Philosopho Seneca, os de Servilio, os de Statilio, os de Tarquinio Soberbo, os Terencianos, e os Torquacianos!....

Depois os Monumentos, os Obeliscos, os Arcos de trium-

pho, os Palacios imperiaes e particulares, os milhões de portentos de todo o genero com que se aformosentavam todos aquelles antigos quatorze bairros, ou como então com propriedade se dizia *regiões (regiones)*, tudo se dissipou, como o fumo se dissipava da pyra dos mortos, ficando apenas para as lagrimas e saudades, de envolta com as cinzas, escassos fragmentos dos ossos desgastados.

O gosto de descobrir reliquias da antiguidade romana, não sem razão tem sido universal, constante e crescente, e ha de sempre durar sem nenhuma duvida.

Emquanto uns escavam no solo, outros escavam pelo estudo na litteratura. A Roma velha intermostrada aos olhos está resuscitada toda nos espiritos dos sabios.

O grande trafego do mundo moderno enfraqueceu, verdade seja, temporariamente ha poucos annos esta devoção para com o passado; chegou-se até a olhar com uma especie de desprezo e escarneo para este genero de investigações; e pela saciedade talvez a que se chegára, e pela nova direcção dada aos espiritos pela escola da litteratura boreal e christã, especie de segunda invasão dos barbaros sobre Roma, os estudos dos Grenovios, dos Heinsios, dos Newports, dos Manucios, dos Pitiscos, dos Rosinis, dos Scaligeros, dos Montfaucons, foram postos de parte, e os seus achados tão copiosos e opulentos passaram tambem, como os seus proprios assumptos, ao estado de fosseis; mas a attracção do passado é, e ha de sempre ser, repetimol-o, irresistivel. Fartada a primeira cubiça de conhecer a idade media, tornou-se a pouco e pouco a sentir o encanto que se aspirava d'aquellas idades mais antigas, mais cultas, mais artisticas, mais poeticas, da bella Grecia, e da bella Roma, que hoje voltam a ser evocadas á luz de estudos severos por homens ao mesmo tempo graves e de gosto.



Ao lado dos sabios que trabalham dia e noite nos observatorios, nos laboratorios, nas officinas, para se tornar rapida, segura, aprazivel, e frequentada a estrada do futuro, outros muitos empregam as noites e os dias em recompor a historia do nosso globo, já remontando de achado em achado, de inducção em inducção, até ao berço das eras geologicas; já pedindo á crusta superior do globo os vestigios das nações de quem tanto herdámos, ou espremendo, destillando, e distribuindo em vasos litterarios de modernas fórmas elegantes, o espirito e os conhecimentos dos poetas e prosadores com quem a voracidade dos tempos se não atreveu.

Assim vemos na Italia preparar-se com toda a fé a sua resurreição politica, ao mesmo tempo que se procuram de baixo dos pés novas inspirações millanarias de virtude e de heroicidade; por toda a parte se multiplicam á competencia os *Vade-Mecum* archeologicos dos viajantes, os *Diccionarios de antiguidades illustrados*, os *poemas e romances do tempo dos Cesares*, as *edições*, as *traducções* e os *commentarios* em todas as linguas dos principaes escriptores d'aquelles logares e tempos, que tantos d'entre nós visitavamos com delicias, quando cursavamos as escólas de nossos primeiros e saudosos estudos.

Não será tudo isto uma altissima recommendação do poema dos *Fastos*? Não se adivinha já desde todo o principio o feitiço que hão de achar ao lê-lo quaesquer espiritos que não sejam dos inteiramente desallumiados?

Nos *Fastos* apparecem successivamente, ora no primeiro plano, ora no segundo, ora na penumbra, já em grande, já a escapar, os pontos principaes da historia romana, desde Troya até Germanico Cesar; apparecem o culto e os ritos; reflectem-se usos e costumes; intermisturam-se a cada passo,

com os estrondos e faustos d'uma grande civilisação, as simples da vida campestre, de cujo amor nunca os romanos inteiramente se desapossaram; dominando por cima de todas estas coisas o vasto e diaphano ceo italiano com as suas constellações em movimento, animadas com o mais gracioso das ficções da Grecia.

A pena é, não nos cançaremos de o dizer, que de tal poema só metade nos viesse. O dia em que o restante se desencantasse de algum tiznado volume de Herculanium, ou de algum palimpsesto esquecido, mereceria que as Musas o festejassem illuminando os loireiraes e grutas do seu Parnaso, e a historia o assignalasse em lamina de oiro com perolas de Cleopatra. Oxalá!

O mesmo assumpto de *Fastos* romanos parece haver sido tratado tambem em poema por Aulo Sabino, contemporaneo e amigo de Ovidio, obra que a morte do autor deixára incompleta, e de que nenhum vestigio nos foi salvo.

Quique suam Traezena imperfectumque dierum  
Deseruit celeri morte Sabinus opus (1).

Parece que andava com o assumpto uma fatalidade aniquiladora!

---

O que existe dos *Fastos* de Ovidio, eil-o ahi vai face a face com a traducção portugueza.

(1) Pont. Eleg. Ult. vers. 15 e 16.

D'esta não fallaremos ; limitâmo-nos em dizer que forcejámos pela fazer fiel, sem exaggeração de escrupulos, e, quanto em nós coubesse, clara e elegante, que não deslustrasse muito o autor.

Alguns embaraços nos occorreram ; (aqui fallámos com pouca gente) : occorreram-nos em realidade algumas difficuldades não pequenas, quando houvemos de verter razões etymologicas, e outros pormenores propriamente da lingua-gem latina, para que não havia termos equivalentes em nossa lingua. Nesses casos, muito frequentes, procurámos o remedio : ora em derivações, mais ou menos achegadas, ora em analogias entre os dois idiomas, ora num pouco de des-envolvimento e explicação, arteiramente insinuado na redacção da nossa frase. Não affirmaremos que nos saíssemos sempre bem ; mas affirmáramos, se preciso fosse, que o procurámos bem deveras. Dita nos foi ainda assim o sermos portuguezes ; é uma lingua esta para muitissimo, se não é para tudo. Mais latina então não quero que a haja ; neguem-nos embora os italianos ; o Camões é que tinha razão. Se para algum dos modernos idiomas se podem os *Fastos* passar como deve ser, é para este, para este hoje tão calumniado por quem o não sabe nem estuda, monumento venerando e immenso dos nossos pais, que por ahi nos andam parvoamente emplas-trando e sarapintando á franceza escrevedores mui anchos e gloriosos com estes ricos feitios. Posso pôr isto aqui afoitamente, porque sei que me não hão de ler elles ! Deus os livre ! Se o diabo os tentasse a lerem os *Fastos*, lá os tinham em boa prosa francêza, que até vale mais que dez latins. Mas voltemos ao que é nosso.

Pelo que pertence á versificação, desejei, quanto m'ò consentia o empenho da fidelidade e clareza, que esse era o primeiro, dal-a facil e melodiosa. Outra, fôra desacerto e

profanação em obra Ovidiana. Não são versos musicaes de primeira qualidade ; mas são-no, cuido eu, quanto basta para se conhecerem por versos ; por isso não levam a calça da lettra maiuscula no principio. Fiquem essas condecorações typographicas, ou para as poesias que temem ser confundidas com a triste prosa ; ou para aquellas a que todas as honras vão somenos ; as minhas, correm pelo meio dos dois extremos : nem tão fidalgas, nem tão plebeas : *inter utrumque*. Se algum dia as poder fazer estupendas, tambem me não hei de contentar com uma só maiuscula no principio de cada linha : hei de lhe pôr outra no remate ; não ha menos razão para ella. Se se trata de dignidade, antes duas venéras do que uma ; se de mero enfeite, a linha assim com seu castão e ponteira deve ficar muito mais airosa. Perdoem-me os leitores sisudos : isto foi uma resposta que eu estava devendo a certo conservador meu visinho ali da outra rua, de quem aliás sou muito amigo, porque é excellente pessoa e até de muito juizo em tudo, uma vez que se lhe não bula na tecla das maiusculas.

Compoz Ovidio o seu poema quando as coisas de que elle havia de ser cheio eram vivas, eram presentes, eram familiares aos leitores a quem o destinava, e em cuja lingua, que era a sua propria, elle o escrevia. O traductor laborava aqui numa extraordinaria desvantagem, que tornava desigualissimo o duello ; (toda a traducção é um verdadeiro duello). Se completasse o que no original só vinha acenado, sairia paraphrasta, e não era esse o seu proposito ; se deixasse tudo ao desenvolvimento, á completação mental dos leitores presupondo-os todos-antiquarios, enganar-se-hia estranhamente, e pagaria caro o erro. Que arbitrio lhe restava então ? confiar o complemento do texto a commentarios.

Os commentarios largos e amenos, tinham segunda uti-

lidade : não se limitavam em elucidar o poema ; espartariam o gosto do antigo, e o antigo (poucos o duvidarão hoje) é um fermento excellenté que a litteratura moderna já não despreza, nem desagradece, nem verdadeiramente dispensaria. Para quem tinha sido obrigado a estudar os *Fastos* com a mais escrupulosa individuação, era trabalho agradável, e não difficil, redigir-lhes os commentarios ; mas occorreu melhor arbitrio, e adoptou-se : foi convidar para a empreza a quantos homens de sciencia e letras se conheciam hoje em dia entre os nossos conterraneos ; distribuir-lhes os assumptos segundo os seus particulares estudos e tendencias, quando estas fossem conhecidas, e deixar a cada um quanta margem lhe aprouvesse para se desenvolver com toda a liberdade de opiniões, de philosophia e até de politica ; assignando elles, cada um responderia pelo que era seu. Ao pé do monumento classico romano, ficaria d'est'arte levantado outro portuguez de summo interesse e curiosidade ; ver-se-hiam pela primeira, e pode ser que unica vez, reunidas em alarde geral pessoas que todos folgariam de conhecer, e cujo inesperado encontro aqui seria ainda mais agradável a ellas proprias ; brilhante congresso, que assignalaria de alguma sorte uma épocasinha na historia litteraria de Portugal.

E depois, quem não sabé quanto esta especie de justas e torneios litterarios, desperta emulações, accende brios, suscita engenhos e póde tirar do nada maravilhas ! Que o digam os jogos floraes de Clemencia Isaura ; que o digam mesmo as palestras scientificas, e os saráos artisticos já por sete vezes tentados entre nós, mallogrados outras tantas, mas que algum dia emfim poderão pegar. Todos elles em quanto duraram produziram fructos e flores que nunca aliás haveriam apparecido.

Dirigiu-se pois o traductor animoso e confiado a cada um

d'estes seus confrades, conhecidos ou desconhecidos, affieitados ou não ; se alguns preteriu, foi unicamente os de que não houve noticia, ou que não occorreram á memoria. A estes pede agora desculpa da omissão involuntaria.

A cento e seis chegaram os benevolos e cortezes que vieram ao convite.

Para que se não estranhe o acharem-se no fim de cada um dos tres volumes notas que pela chamada do texto deveriam ter sido collocadas antes, advertimos que essas preterições só foram occasionadas de não haverem chegado a tempo os respectivos originaes.

Passariam largamente de duzentos os annotadores (por credito das nossas lettras o declaro) se alguns dos rogados, apertados, obsecrados, com primeiras, segundas, terceiras e decimas instancias, não houvessem a tudo resistido. Sem encarecimento o posso dizer : em volumes iguaes aos tres d'esta obra, mal se poderiam encerrar as cartas que baldei nestas diligencias ; obtendo de uns promessas que nunca se chegaram a realisar, e não merecendo a outros nem sequer o favor de uma resposta. Fizeram o que entenderam ; eu fiz o que devia. Julguei indispensavel esta explicação para que se não cuidasse que eu tinha feito excepções villãs e mal cabidas.

Aos meus serviçaes e valiosos collaboradores, renovo pois aqui perante o publico os meus agradecimentos, e ao mesmo publico peço venia de ter eu consentido em que o meu nome saisse tantas vezes por essas notas carregado de louvores ; ditara-os a amisade entusiasta ; quiz supprimil-os eu, que me affrontavam, mas tive de ceder aos rogos intimativos dos que assim me queriam em carro de triumpho por umas victorias que só elles imaginavam.

A cento e seis annotadores pois, sommando o seu trabalho

mil duzentas e oitenta e duas paginas, pertence a commentação que nos desvanecemos em dar á luz. Os nomes d'elles achar-se-hão alphabeticamente catalogados logo apoz este prologo, com a declaração do logar do nascimento de cada um, das suas condecorações e titulos, das academias e sociedades a que pertence, dos cargos ou funcções que exerceu ou exerce; das obras que imprimiu, das obras que tem para imprimir, e da nota ou notas que nesta compilação lhe pertencem. Para este curioso catalogo, diligentemente elaborado, prestou mui valioso auxilio o *Diccionario Bibliographico* do nosso amigo e tambem collaborador o sr. Innocencio Francisco da Silva; o mais que nesse precioso livro minguava, por se não achar completa ainda a sua impressão, ou por ter escapado á summa diligencia do autor, houve de se andar mendigando por uma e outra parte, e não raro foi forçoso extorquil-o dos proprios individuos.

Tem pois o leitor nesta galeria litteraria um bosquejo biographico e ao mesmo tempo um specimen do trabalho de não poucos dos homens com quem se honra a nossa terra. Apresentando-lh'os, não sou mais do que era entre os romanos o Nomenclador; mas nem por isso deixo de sentir muita ufania.

Formam em ponto pequeno estas notas uma espécie do livro francez dos *Cento e um*, e provam que não era eu muito desassisado utopista quando propunha á nossa benemerita Academia, como coisa utilissima, exequivel, e facil, a feitura de um *Diccionario da conversação* ou *Encyclopedia popular portugueza*. Oxalá que por esta ou outra qualquer via chegue enfim a apparecer obra que tanto pode contribuir para a publica instrucção; quem na execute já se vê que não falta; e saindo ella como deve, tambem não faltará quem a procure.

Tenho emfim concluido mais um lanço, não pequeno, do Monumento Ovidiano, — o poema dos *Fastos*.

Ora quero confessar aqui uma tentação que bem a miúdo me andou salteando pelo decurso do trabalho. Só para não levantar mão d'elle é que lhe resisti; mas era realmente seductora! O que eu então não pude, nem talvez poderei já agora em tempo algum, por adstricto e ajuramentado a outras lidas e lides litterarias indeclinaveis, aqui o deixo lembrado aos talentos ambiciosos de gloria, e com animo e perseverança para a conquistarem.

Porque não ha de alguém emprehender, e levar ao cabo, o que Fylinto Elysio tentou, ainda que, força é dizel-o, sem grande felicidade: um poema dos *Fastos christãos e nacionaes*? A historia portugueza, tão heroica, o *Flos Sanctorum* e as lendas, as festas populares, as origens das terras, as tradições locaes, as festas campestres, os variados trabalhos da vida agricola, as demolições e as creações do nosso tempo, mil novidades scientificas, industriaes, commerciaes, artisticas, politicas, etc., não offereciam messe illimitada ao ceifeiro poetico mais intrepido? Se alguma coisa se pode a tal assumpto reprehender, é a superabundancia e não a mingua; não ha que desbravar, não ha que semear; tudo está nascido, tudo está em flor, tudo está á mão, abundante, variadissimo, para todos os gostos. É a alampada de Aladino: esfregar e pedir por boca.

Possa algum dos tantos mancebos que por ahi nascem poetas e se desfolham incultos e ignorados, como a flor pelos matos, ceder ás tentações d'este convite, e metter para o desempenho todo o necessario cabedal de boa vontade, de estudo e de diligencia. Por suas mãos nos poderá vir um livro monumental portuguez dos mais preciosos.

Volto ao meu assumpto: ás traducções de Ovidio. Oxalá



que a vida ou a saude me não faltem para o que ainda resta.

A minha versão paraphrastica e lyrica dos *Amores*, impressa no Rio de Janeiro em 1858, e seguida de preciosos e amplos commentarios por meu irmão o dr. José Feliciano de Castilho, está pelas bibliothecas dos curiosos.

Brevemente sairão dos excellentes prelos do sr. Laemmerl, na mesma cidade, a minha traducção, verso por verso, da *Arte de Amar*, e a paraphrastica e lyrica do *Remedio do Amor*, obras ambas findas ha já muito, e ambas enriquecidas tambem pelo mesmo diligentissimo e elegante annotador.

As *Metamorphoses*, de que ha vinte e um annos se deram á estampa os primeiros cinco livros, vão agora entrar incessantemente na forja para sairem completas de uma vez.

As *Metamorphoses*, seguir-se-hão as *Heroides*; ás *Heroides* as *Tristezas*, o *Ponto* e os mais escriptos e fragmentos que de tão fecunda e gentil musa subsistem.

Possa o nosso exemplo de trabalhador perseverante, concitar outros e melhores engenhos em Portugal e no Brazil, já que a lingua é commum, e as duas litteraturas uma unica em realidade; possa lá ou cá um governo crente no bello, uma Academia, uma sociedade qualquer, convidar, estimular com subsidios e premios, futuros exhumadores das opulencias litterarias dos romanos, até que possuamos completo o corpo dos poetas e dos prosadores d'aquella pasmosissima nação. Pode-se dizer (e ainda que vergonhoso seja o dito deve-se repetir): de todos os povos civilizados, só nós, que fallámos a mais latina de todas as linguas, só nós estamos privados de lermos em vulgar, de estudarmos sem o enorme sacrificio de annos de aprendizado, os admiraveis productos dos talentos immortaes d'aquellas eras. O francez, o allemão, o inglez, o hollandez, o italiano, o hespanhol, todos pos-

suem em seus idiomas estes livros de que uma educação litteraria bem feita já não pode prescindir. Uns paizes, os alardeiam em collecções uniformes, verdadeiros padrões compactos de duas glorias ; outros só os tem soltos, mas tem-nos ; neste caso está a visinha Hespanha. As suas bibliothecas, se não blasonam collecções como as de Panckoucke, Nisard, e Hachette, não temem que se lhes peça a traducção de qualquer romano poeta ou prosador ; tem-nas de todos ; de alguns d'elles muitas, e algumas d'essas optimas. Só nós, se o latim nos é desconhecido ou pouco familiar que o não deslindamos sem esforço, estamos condemnados, ou a prescindirmos de um estudo que é ao mesmo tempo um deleite, ou a recorrermos para supprir, como quer que seja, a tamanha mingua, a traducções forasteiras, que, inda quando nos dão a idéa do original, sempre nos descontam mais ou menos o beneficio pelo alheio do dizer. Não sei se ha lingua mais formosa do que a nossa ; o que sei é que o escripto bem vernaculo é sempre o melhor e o mais util para os nascidos na terra em que elle também nasceu.

É pois esta uma lacuna deploravel nas lettras patrias ; convem que o repitamos bem vezes e bem alto, até que se lhe acuda. O reinado recemfindo não fez pouco fundando um Curso Superior de Lettras ; mas o estudo da litteratura antiga, que é talvez das materias ali professadas a mais de-veras necessaria, mal poderá reputar-se valioso, solido, real, em quanto se não fizerem apparecer em estado de poderem ser lidos correntemente, e com deleite, os autores que ali têm de ser julgados. A escôla de litteratura antiga, ainda que regida, como o está sendo, por um dos mais habéis philologos, hellenista e romanista consumado, nunca poderá corresponder, nem ao intuito do Fundador, nem aos conscienciosos esforços de quem a preside, *avido colono*, faltando-

lhe os livros que são a materia prima e indispensavel dos seus trabalhos ; é como a zoologia ou a botanica, se as quizessem explicar sem se terem á vista animaes e plantas.

O Rei que perdemos era entendimento para comprehender isto ; ainda mal que se lhe apagou a vida logo no começo da jornada ! O Rei que lhe succedeu, e que Deus mantenha por largos annos, não lhe cede em espiritos e amor ás letras. Esperemos que ha de completar a obra do seu Augusto Irmão. O corpo dos classicos romanos em portuguez ficará sendo um monumento dos dois Principes, e uma gloria ao mesmo tempo da presente idade.



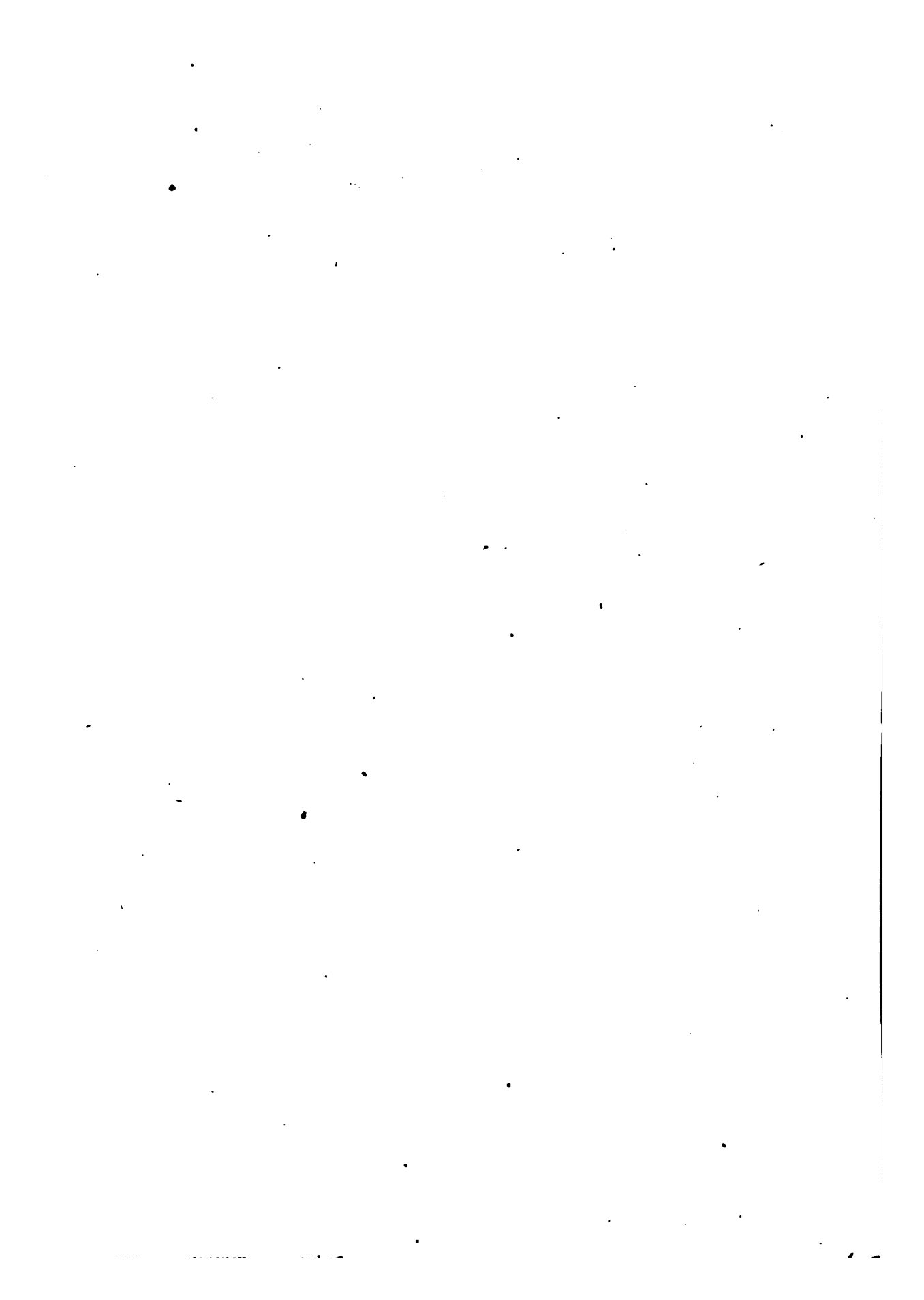
**CATALOGO ALPHABETICO**  
**DOS**  
**106 Srs. ANNOTADORES D'ESTA OBRA**

**DESIGNANDO-SE A RESPEITO DE CADA UM :**

**A TERRA EM QUE NASCEU**  
**AS CONDECORAÇÕES E TITULOS QUE O DISTINGUEM**  
**AS SOCIEDADES A QUE PERTENCE**  
**OS CARGOS QUE EXERCEU OU EXERCE**  
**AS OBRAS QUE PUBLICOU**  
**AS QUE TEM PARA PUBLICAR**  
**E A NOTA OU NOTAS COM QUE FIGURA NESTA COLLECÇÃO**

**POR**

**Manuel Vidal de Castilho**



**ABEL MARIA DIAS JORDÃO.** De Lisboa. Bacharel em medicina, e doutor na mesma faculdade pela Universidade de Paris, lente substituto na Escola de Medicina de Lisboa, da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, das Sociedades Medicas do Panthéon de Paris, de la Mozelle de Metz, da de Athenas, do Circulo Pharmaceutico de Montpellier.

Autor das seguintes obras impressas :

*Considérations sur un cas de diabète.* — A diabete, artigos publicados no Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas.

Pertence-lhe a nota *Abortos*, 1 - 504.

**ABOIM** (vide José Moreira Freire Manoel de).

**ABRANCHES** (vide Antonio Joaquim da Silva).

**ABRANCHES** (vide Guilherme da Silva).

**ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO.** Do Puy (França). Habili-

tado com os cursos da Escola Polytechnica e Naval, primeiro tenente da armada, engenheiro na commissão hydrographica.

Autor da seguinte obra por publicar :

Roteiro e descripção da Costa d'Africa.

Pertence-lhe a nota *Aerostatica*, 1 - 546.

**AMORIM** (vide Francisco Gomes de).

**ANDRADE** (vide Antonio Joaquim Gonçalves de).

**ANDRADE** (vide Francisco Martins de).

**ANDRADE CORVO** (vide João de).

**ANTONIA GERTRUDES PUSICH (D.)** De Cabo Verde. Da Associação Promotora de Educação Popular, e do Gremio Popular.

Autora das seguintes obras impressas :

Elegia á morte das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo na noite de 25 de julho de 1841. — Elegia á morte de D. Marianna de Sousa Holstein. — Elegia á morte da Duqueza de Palmella. — O sonho ou os gemidos das classes inactivas. — Á minha patria, memoria sobre um ramo de agricultura e commercio. — Olinda, ou a Abbadia de Cumnor-Place, poema original. — As minhas observações na galeria das senhoras na camara dos senhores deputados. — Irminio e Edgarde, ou dois mysterios, romance. — Constança, drama. — Canticos devotos. — Lamentos á saudosa memoria de D. Maria Henriqueta do Casal Ribeiro. — Saudade em memoria da virtuosa Rainha a Senhora D. Estephania. — Parabens a Sua Magestade o Senhor D. Fernando pelo consorcio de Sua Augusta Filha a Princesa D. Marianna. — Apontamentos biographicos e poesia, sobre o infeliz José Pedro de Senna, capitão do brigue *Marianna*, nau-

fragado em Aveiro. — Canto saudoso ou lamentos na solidão, em memoria do virtuoso monarcha o Senhor D. Pedro v. — Biographia do marechal A. Pusich.

Fundadora, e ex-redactora dos jornaes: Assembléa Litteraria, a Beneficencia, e a Cruzada. — Tem varias poesias no IV vol. da Revista Universal Lisbonense, e em outros jornaes. — Diversos artigos sobre politica ou utilidade publica, em muitos periodicos.

Tem por publicar:

Jerusalem, drama. — Julia, idem. — Amessis, idem. — Placida, idem. — A conquista de Tunis, idem. — Vingança por vingança, idem. — O regedor de parochia, comedia. — Asbevero, idem. — O espargo no monte, idem. — Meditações em abril, poesia. — Sobre educação, compendio. — Sonetos, idyllios, odes, cantatas, elegias, decimas, quartetos, epistolas, e varias poesias de differentes generos, antigas e modernas.

Pertence-lhe a nota *Hercules Musagete*, III - 571.

ANTONIO D'ALMEIDA D'ALARCÃO SOARES PORTUGAL (D.)  
(vide Marquez de Lavradio).

ANTONIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS. Do Porto. Bacharel em direito, advogado.

Autor da seguinte obra impressa:

Poesias, um vol. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *Tibur*, III - 522.

ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS. Do Porto. Moço fidalgo com exercicio no Paço, Commendador das ordens: de Christo, de Carlos III e de Izabel a Catholica de Hespanha, Cavalleiro da ordem de Leopoldo da Belgica, e de S. Luiz de Parma; bacharel formado em direito pela Universidade de Coim-



bra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Conservatorio Real de Lisboa, da Academia Lisboense das Sciencias e das Lettras, do Instituto Industrial do Porto, ex-presidente da Camara Municipal de Loanda na Provincia de Angola.

Autor das seguintes obras impressas :

Succinta narração das circumstancias que precederam, e seguiram a união dos realistas insurgentes com a Junta do Porto. — Oração funebre recitada nas exequias do ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Pedro Alexandrino da Cunha. — Carta ácerca do trafico dos escravos na provincia de Angola, dirigida ao Ministro e Secretario de Estado dos negocios da marinha e ultramar. — Roberto Valença, romance. — Les contemporains portugais, espagnols, et bresiliens. — Portugal et la Maison de Bragançe. — Galerie portugaise : Antonio Rodrigues Sampaio. — O Sampaio da Revolução de Setembro, paraphrase e ampliação da obra precedente. — Carta philosophica e critica sobre o estudo da historia portugueza. — Nós e elles. Primeira parte das memorias de A. A. Teixeira de Vasconcellos, estudante do 2.<sup>o</sup> anno juridico. — O juramento dos deputados realistas. — Biographias: de Silvestre Pinheiro, João de Loureiro, José Corrês da Serra, Duque de Lafões, Condessa de Oyenhausen, Pedro de Mello Breyner, Conde das Antas, Rodrigues de Bastos, Barão de Mauá, Latino Coelho, Antonio Rodrigues Sampaio. — De Paris a Madrid, romance. — De Paris a Lisboa, idem. — A Ermida de Castromino, idem. — Collaborador da Nova Academia Dramatica de Coimbra. — Proprietario e redactor principal do 2.<sup>o</sup> tomo da Illustração, jornal universal. — Redactor principal do jornal politico o Arauto. — Autor de muitos artigos em diversos jornaes estrangeiros e portuguezes, e nomeadamente no Commercio do Porto, na Revolução de Setembro, na Revista Contemporanea, no Mercantil do Rio, no Courier du Dimanche de Paris etc.

Tem por publicar :

Fundação da monarchia portugueza. — A origem dos portuguezes. — Os lavradores. — O gado. — Os homens de officio. — A religião. — O Mestre de Aviz. — Os tributos. — O ultimo fidalgo de provincia. — A mania de ir para o Brazil. — As ilhas da Madeira e dos Açores. — A liberdade do povo. — As pataretas. — A saude do povo. — O convento da Batalha. — Camões. — O Senhor D. Pedro. — Os Hohenzollern-Sigmaringen. — A cidade do Porto. — A divida publica. — A instrucção popular. — Do officio de rei. — Dos reis pequenos. — Os Philippes de Castella. — Os caminhos de ferro. — O exercito. — A marinha. — Os duques de Bragança. — Os empregados publicos. — O marquez do Pombal. — A Universidade de Coimbra. — Os livreiros em Portugal. — O commercio e a industria. — As commendas. — Garrett. — O Senhor D. Miguel. — O duque de Saldanha. — Um vol. de poesias africanas. — Um poema heroi-comico em quatro cantos. — Um vol. de poesias e prosas. — Encyclopedia das creanças que saem das aulas de instrucção primaria.

Pertence-lhe a nota *Palladio*, III - 492.

ANTONIO AYRES DE GOUVEA. Do Porto. Bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra, doutorando em direito, habilitado com o curso de administração na Universidade de Coimbra, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Agricola do Porto, deputado ás Cortes de 1862.

Autor da seguinte obra impressa :

A reforma das cadêas em Portugal.

Principal redactor do periodico o Novo Trovador, redactor do Instituto, traductor de Tibullo.

Tem por publicar :

Obra sobre agricultura.

Pertence-lhe a nota *Tarpeia*, I - 403.

ANTONIO DE CABEDO. De Lisboa. Da Secretaria de Estado dos negocios do reino, da Associação Promotora da Educação Popular, da Protectora da Infancia Indigente, da antiga Academia de Minerva, da Associação dos Professores, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, do Centro Promotor da Instrucção Primaria no districto de Leiria.

Autor das seguintes obras impressas :

O doutor a daguerreotypo. — Artigos em prosa e verso em varios jornaes politicos e litterarios.

Tem por publicar :

Um vol. de poesias.

Pertence-lhe a nota *Trabalho em dia de anno bom*, I - 335.

ANTONIO CARDOSO BORGES DE FIGUEIREDO. Da Castanheira de Fajão, comarca de Arganil. Cavalleiro da ordem da Conceição, presbytero, ex-professor publico de latim, actual de rhetorica e poetica no Lyceu Nacional de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas :

Instituições Rhetoricas em latim e em portuguez. — Bosquejo Historico da Litteratura Classica, grega, latina, e portugueza. — Logares Selectos dos classicos portuguezes em prosa.

Pertence-lhe a nota *Labyrinthos*, II - 282.

ANTONIO DA COSTA PAIVA (vide Barão de Castello de Paiva).

ANTONIO DA COSTA DE SOUSA DE MACEDO (D.) De Lisboa. Moço Fidalgo com exercicio no paço, Commendador da ordem da Conceição, bacharel formado em direito, primeiro official, e chefe de repartição da direcção geral da Instrucção publica no ministerio do reino, ex-secretario geral do governo civil do districto de Leiria, ex-deputado ás Cortes, ex-commissario do go-

verno junto ao theatro normal, um dos fundadores e presidente do Centro de Educação e de Instrucção Primaria do districto de Leiria, da Associação Promotora de Educação Popular.

Autor das seguintes obras impressas :

Moliere, drama. — Estatistica do districto administrativo de Leiria. — A instrucção primaria.

Tem por publicar :

Historia da pena de morte. — A reforma das cadéas. — O espirito do evangelho e beneficencia. — Alberto, drama. — O livro da vida, idem. — A pena de morte, idem. — Amor e gloria, idem. — Traducções: Chatterton, drama d'Alfredo de Vigni. — Izabel de Inglaterra, tragedia de Paulo Giacommetti. — Luiza de Nanteuil, de Leon Gozlan. — Os extravagantes de Paris. — Um dos fundadores e redactor do jornal Leiriense.

Pertence-lhe a nota *Julio Cesar*, II - 621.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. De Lisboa. Cavalleiro da Torre e Espada e Official da Rosa ; Commissario Geral de Instrucção Primaria pelo Methodo Portuguez no reino e ilhas, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real da Arte Dramatica, do Conselho Dramatico, da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, presidente honorario e vitalicio da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, 1.º socio honorario do Centro Promotor de Instrucção Primaria no districto de Leiria, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, da Sociedade dos Professores, do Instituto de Coimbra, da Associação Civilisadora da mesma cidade, da Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, da Associação Industrial Portuense, da Academia das Sciencias e Bellas Lettras de Ruão, da Arcadia de Roma, da Academia dos Ardentes de Viterbo, do Instituto Historico de Paris, do Instituto Historico e Geogra-

phico Brasileiro, da Sociedade de Leitura de Gibraltar, socio honorario da Academia das Bellas Artes, e do Gabinete de Leitura de Pernambuco, presidente da Associação Promotora da Educação Popular, socio benemerito do Gremio Alemtejano de Coimbra.

Autor das seguintes obras impresas :

Epicedio á morte da Rainha a Senhora D. Maria I. — Poema á aclamação do Senhor D. João VI. — Cartas de Echo e Narciso. — A Primavera. — Amor e Melancolia, ou a Novissima He-loisa. — Tributo portuguez á Memoria do Libertador. — A Noite do Castello e os Ciumes do Bardo. — Excavações Poeticas. — Quadros Historicos de Portugal. — Camões, estudo historico poetico. — Felicidade pela agricultura. — Estreias poetico-musicas para o anno de 1853. — Chronica da Maria da Fonte. — Mil e um mysterios, romance dos romances. — Noções rudimentaes para uso das escolas. — Tratado de metrificação portugueza. — Tratado de mnemonica. — Methodo Portuguez Castilho. — Ou eu ou elles. — Tosquia de um camello. — Felicidade pela instrucção. — Elogio historico de Augusto Frederico de Castilho. — Directorio para os senhores professores das escolas primarias pelo Methodo Portuguez. — Ajuste de contas com os adversarios do Methodo Portuguez. — Officio dirigido á Associação dos Professores do reino e ilhas, publicado no Diario do Governo, começando no n.º 70 de 25 de março de 1856, e continuando successivamente em muitos numeros d'este e do seguinte anno. — Tributo portuguez no transito d'El-Rei o Senhor D. Pedro V. — Biographias : de D. Francisca de Paula Pussolo da Costa, de Adelaide Ristori, de Emilia das Neves, de Fr. Francisco de Monte Alverne, de D. Maria Peregrina de Sousa. — Traducção paraphrastica dos Amores de Ovidio. — Traducção dos primeiros livros do Genio do Christianismo de Chateaubriand. — Idem das Palavras de um crente de Laménais. — Idem das Metamorphoses de Ovi-

dio. — Idem de Uma noite no serralho, e das Desgraças de um millionario, romances de Mery.

Foi redactor dos primeiros quatro annos da Revista Universal Lisbonense; do Agricultor Michaelense, collaborador effectivo ou accidentalmente de um grande numero de outros jornaes.

Tem por publicar :

Traducção de Anacreonte. — Novas Excavações Poeticas. — Usbeck ou os serões d'estio, conto persico. — As florinhas do Atrio — O Presbyterio da montanha. — Hero e Leandro, ou a sacerdotisa de Venus, romance em cartas em verso. — Novo curso da lingua latina. — Arte poetica, etc.

Pertencem-lhe as notas *Vivez*, I - 265. *Escripta*, I - 306. *Moreto*, II - 483. *Rapto de Europa*, III - 270. *Coroas*, III - 537.

ANTONIO GIL. De Villa Franca de Xira. Bacharel em direito, advogado em Lisboa, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Considerações sobre algumas partes mais importantes da moral religiosa, e systema de jurisprudencia dos pretos do continente da Africa occidental portugueza alem do equador. — Fundador e redactor da Gazeta dos Tribunaes.

Pertence-lhe a nota *As Fogueiras*, III - 456.

ANTONIO IGNACIO COELHO DE MORAES. De Cotivelos, comarca da Guarda. Presbytero secular, bacharel em canones, professor de grego no Lyceu Nacional de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas :

Compendio da Grammatica da lingua grega para uso das escolas do reino. — Diccionario greco-latino de José Vicente Gomes de Moura.

Pertence-lhe a nota *Victimas nos sacrificios a Ceres*, II - 523.

ANTONIO JOAQUIM GONÇALVES DE ANDRADE. Do Funchal. Official da ordem da Rosa ; da Academia Real das Sciencias de Lisboa, ex-professor de lingua latina e philosophia, e antigo lente de theologia dogmatica e moral, antigo juiz do Resido Ecclesiastico e Fabricas, deputado da Mesa Episcopal, examinador synodal, procurador da Mitra, defensor dos matrimonios e profissões religiosas, ex-vigario geral e visitador em todo o hispado, e chanceler (tudo no Funchal), antigo beneficiado na collegiada da camara de Lobos, conego magistral na cathedral da Madeira, deão da mesma, ex-commissario subdelegado da Bulla da Cruzada, confessor e capellão de Sua Magestade a Imperatriz do Brasil.

Pertencem-lhe as notas *Anno dos Romanos*, 1 - 217. *Sacerdocio Romano*, II - 585.

ANTONIO JOAQUIM DA SILVA ABRANCHES. Da villa de Avó, comarca de Arganil. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, advogado em Lisboa, do Conselho d'Estado Administrativo, secretario perpetuo da Associação dos Advogados de Lisboa, socio correspondente da Academia de Legislação de Tolosa, do Instituto dos Advogados Brasileiros, do Instituto de Coimbra, do Conservatorio Real de Lisboa, do Conselho Dramatico, ex-fiscal do Theatro de D. Maria II.

Autor das seguintes obras impressas :

O captivo de Fez, drama — Bibliotheca do advogado. — Influencia da religião sobre a politica do estado. — Relatorios juridico-litterarios lidos nas conferencias solemnes da abertura da Associação dos Advogados. — Necrologios dos advogados Luiz Duprat, José Maria da Costa, e Silveira da Motta. — A Ermida, comedia. — O barão de gallegos, idem. — Commentario do Codigo Commercial de Portugal. — Consultas da apreciação dos advogados, annotadas e comparadas.

Pertence-lhe a nota *Os Juramentos*, III - 244.

ANTONIO JOSE' D'AVILA. Da cidade da Horta no Fayal. Do Conselho de Sua Magestade, Commendador das ordens de Christo, e da Rosa do Brazil, Grão Cruz das de Leopoldo da Belgica e S. Mauricio da Sardenha, Cavalleiro da Legião de Honra da França, Ministro e Secretario d'Estado honorario, deputado ás cortes em quasi todas as legislaturas desde 1834 em diante, socio e vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e membro de outras corporações litterarias e scientificas estrangeiras.

Autor das seguintes obras impressas :

Relatorio sobre o cadastro. — Relatorio sobre os trabalhos do congresso de estatistica reunido em Bruxellas em 1853. — Relatorio ácerca da administração e monopolio do tabaco por conta do governo apresentado ao Ministro da fazenda em 11 de fevereiro de 1857. — Relatorio do commissario regio junto á commissão imperial da exposição universal de Paris. — Varios discursos nas camaras legislativas, já como deputado, já como ministro.

Pertencem-lhe as notas *Systema monetario dos romanos*, I - 350. *Pêso do pão romano*, II - 499.

ANTONIO JOSE' DE FIGUEIREDO. De Lisboa. Cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da de S. Gregorio Magno, da antiga Academia dos Pacificos, da Sociedade das Sciencias e Lettras, ex-professor publico de latim na villa de Constança, ex-archivista e secretario, e actual escrivão das bullas na nunciatura de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Introducção latina á obra De immaculato B. Virginis Conceptu Disquisitio theologica. — Introducção portugueza e annotações á Dissertação, escripta em italiano pelo cardeal Lambruscini sobre o mesmo assumpto da Conceição, e traduzida por D. fr. Fortunato de S. Boa-Ventura. — Serie de artigos no Diario



do Governo sobre as ceremonias que se fazem em Roma por occasião da morte, das exequias, da eleição, sagração e coroação dos Papas, etc. — Traducção do italiano das Conferencias sobre a definição dogmatica da Immaculada Conceição. — Idem da vida do abbade João de Brito. — Idem da questão romana, ou resposta ao folheto O Papa e o Congresso. — Idem dos Annaes da Propagação da Fé.

Tem por publicar :

Composições em prosa e verso latino e italiano, e em prosa portugueza. — Grammatica italiana para portuguez. — Apontamentos de litteratura latina, portugueza e italiana, de historia ecclesiastica portugueza, e de historia chronologica dos legados da Santa Sé em Portugal, correcção ou addicionamento ao 1.º tomo da Lusitania Sacra, obra inedita do padre Antonio Pereira de Figueiredo, e do Indice Chronologico que sobre a mesma materia publicou João Pedro Ribeiro, no tomo 1.º das suas Dissertações Chronologicas. — Traducção de Lucio Floro.

Pertencem-lhe a notas *Os dias romanos*, 1 - 287. *Do anno, dos mezes, e dos dias romanos, e especialmente das calendas, das nonas e dos idos*, 1 - 298.

ANTONIO JOSE' DE SOUSA. De Lisboa. Ex-continuo da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, um dos fundadores, vice-presidente, e 2.º secretario da antiga Sociedade Escholastico-Philomatica, ex-cirurgião ajudante de infantaria n.º 7, actual facultativo municipal em Vianna do Alemtejo, administrador substituto do concelho, socio correspondente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.

Autor de varios artigos em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Ferroadas de vespa*, II - 317.

ANTONIO JOSE' VIALE. De Lisboa. Commendador da ordem

de Christo, do Conselho de Sua Magestade, official da Bibliotheca Nacional de Lisboa, mestre de humanidades de Suas Altezas, lente do Curso Superior de Lettras, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real da Arte Dramatica, socio honorario do Instituto de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas :

Bosquejo metrico da Historia de Portugal. — Novo epitome da Historia de Portugal. — David triumphante. — O vi canto da Illiada e os dois primeiros cantos do Inferno, traduzidos das linguas originaes. — O canto v do Inferno de Dante nos Annaes das Sciencias e Lettras. — Fragmento do canto i da Odisséa, traduzida em verso solto. — Elogio historico do sr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal lido na sessão publica da Academia em 10 de março de 1861. — O canto III do Inferno de Dante, e varios trechos de poesia grega traduzidos em verso, publicados no Instituto de Coimbra. — Collaborador do Jornal da Sociedade Catholica.

Pertencem-lhe as notas *Advento de Saturno á Italia*, 1-391. *Februas*, 1-544.

ANTONIO LOBO DE BARBOSA FERREIRA TEIXEIRA GIRÃO  
(vide Visconde de Villarinho de S. Romão).

ANTONIO LUIZ DE SEABRA. Nascido no Rio de Janeiro. Comendador da ordem de Christo, Ministro de estado honorario, do Conselho de Sua Magestade, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, juiz da Relação do Porto, deputado ás Cortes em varias legislaturas desde 1834, e presidente nas de 1862, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Satyras e epistolas de Quinto Horacio Flacco traduzidas e annotadas. — A propriedade philosophica do direito, para servir

de introdução ao commentario sobre a lei dos foraes. — Observações sobre o artigo 630.º da Novissima reforma judiciaria. — Projecto do Codigo civil portuguez. — Apostilla ás observações do ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho, sobre a 1.<sup>a</sup> parte do projecto do Codigo civil etc. — Exposição apologetica dos portuguezes emigrados na Belgica, que recusaram prestar o juramento d'elles exigido no dia 26 d'agosto de 1820. — Observações do ex-corregedor d'Alcobaça, Antonio Luiz de Seabra, sobre um papel enviado á camara dos senhores deputados ácerca da arrecadação dos bens do mosteiro d'aquella villa. — Varios discursos na camara electiva como ministro e como deputado. — Fundador e collaborador do antigo jornal o Cidadão litterato, e do jornal politico o Independente.

Pertence-lhe a nota *Festa do deus Termino*, I - 578.

**ANTONIO MANOEL DA CUNHA BELLEM.** De Lisboa. Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas :

Poesias um vol. — Novas poesias um vol. — O estudante, folheto em verso. — Redactor e collaborador do jornal poetico a *Estrea litteraria*.

Tem por publicar :

Scenas contemporaneas, romance. — Luiza a engeitada, idem. — Affonso Vasques, drama. — O amor de um artista, comedia. — As duas mãis, idem. — Varias poesias ineditas serias e jocosas.

Pertence-lhe a nota *O incenso*, II - 309.

**ANTONIO MANOEL DA FONSECA.** De Lisboa. Cavalleiro da ordem de Christo, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa ; professor da aula de pintura historica da Academia das Bellas Artes de Lisboa, mestre de Suas Altezas Reaes, pintor da

Real Camara, academico de merito da Congregação dos Artistas Amadores do Pantheon, vice-presidente honorario da Sociedade Universal de Londres.

Autor das seguintes obras artisticas :

Venus e Adonis. — O rapto das Sabinas. — A subsequente batalha entre os sabinos e os romanos. — A apothese de Romulo. — O assalto da rocha Tarpeia. — O tecto da igreja de Nossa Senhora da Conceição Nova de Lisboa. — O panno de bocca de S. Carlos, e o da Rua dos Condes. — O retrato, de grandeza natural, do Sr. D. João VI na camara municipal de Lisboa. — A sacra familia. — Um peregrino portuguez. — Uma prédica de S. João. — A morte de Virginia. — Dois quadros de costumes orientaes. — A musa da pintura. — Uma paizagem representando a antiga cidade de Tivoli. — Outra representando umas montanhas cobertas de neve. — Uma peregrina sonineza prostrada em oração. — Quatro quadros e outras medalhas, e toda a decoração do tecto da igreja de S. Nicoláo em Lisboa. — A Senhora da Caridade. — A visitação de Nossa Senhora. — Jesu Christo entre os doutores. — Enéas salvando seu pai do incendio de Troia. — A morte de Affonso de Albuquerque. — Um grande numero de retratos, e de outras pequenas composições. — A communhão de S. Jeronymo do celebre Dominichino Zampiero. — A Sybilla romana de Dominichino. — Outra *replica* do mesmo autor. — A Fornarina de Raphael de Urbino. — O Christo na agonia, de Vandyck. — A Virgem da Soledade, de Sasso Ferrati. — A Santa Luzia, de Carlo Dolce. — A musa da poesia, do mesmo autor. — Cópia da parte superior de um quadro que existe na galeria pontificia em Roma, chamado vulgarmente *La Madonna del Monte Lucido*, de Julio Romano. — Retrato de um almirante hespanhol de Vandyck. — Cópia de um quadro que existe na galeria da Academia de S. Lucas em Roma, e é obra de Sasso Ferrati. — Um claro-escuro, cópia de um baixo-relevo em marmore

grego antigo. — A transformação de Christo, do grande Raphael Sanzio d'Urbino.

Autor da seguinte obra impressa :

O quadro de Enéas, carta dirigida aos redactores da imprensa portugueza.

Pertence-lhe a nota *Processo da pintura encaustica usada pelos antigos romanos*, II - 368.

**ANTONIO MARIA BAPTISTA.** De Lisboa. Professor de instrucção primaria, da Associação Promotora de Educação Popular, da Protectora da Infancia Indigente, da antiga Academia de Minerva, da Associação dos Professores, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, e do Gremio Popular.

Autor das seguintes obras impressas :

Compendio elementar de Grammatica portugueza. — O livro do povo, exercicios de leitura.

Pertence-lhe a nota *Castor e Pollux*, III - 282.

**ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE.** De Lisboa. Cirurgião-medico pela Escola de Lisboa.

Autor da seguinte obra impressa :

Biographia do sr. dr. Manuel dos Santos Cruz. — Fundador e collaborador do jornal o Esculapio, e do jornal a Agulha medica.

Pertence-lhe a nota *Cegueira*, III - 383.

**ANTONIO PEREIRA DA CUNHA.** De Vianna do Minho. Fidalgo da Casa Real, senhor do paço e torre do Solar de Cunha, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, do Conservatorio Dramatico de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da antiga Sociedade Philomatica de Lisboa, presidente da Sociedade dos Artistas de Vianna, deputado ás Cortes em 1856 e 1862.

Autor das seguintes obras impressas :

As duas filhas, drama. — A herança do Barbado, idem. — O governo nas mãos do villão, romance em prosa. — Macilgado, idem. — Os quatro irmãos, idem. — O Conde Marcos, idem de tradição popular e em verso. — O Castello de Gondar, idem. — D. Sapo (Florentim Barreto), idem. — Peccado em noite benta, idem. — A moira de Santa Luzia, e o Poço de D. Sancha, idem. — Martim Moniz, romance historico. — A filha por um cavallo, idem. — Vasconcellos, romance heraldico. — Leites, idem. — Pintos Botados, idem. — Diversas poesias, e algumas religiosas e politicas. — Não, resposta á obra de D. Senibaldo Más, intitulada a Iberia 1.º vol. acompanhado de notas e documentos. — Brios historicos de portuguezas.

Tem por publicar :

D. Leonor de Mendonça, drama em verso. — Brazia Parda, drama em prosa. — Victor Hugo em Guimarães, comedia. — A companhia monstro, idem. — Um poeta no tempo d'el-rei D. João v, idem. — A mineira, romance em prosa. — Camaras, romance heraldico em verso. — Mesquitas, idem. — Arraes, idem. — Não, 2.º vol. — Algumas poesias religiosas e politicas.

Pertence-lhe a nota *A plebe no Monte Sacro*, II - 292.

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA. De Sernancelhe, comarca de Trancoso. Commendador, cavalleiro fidalgo; bacharel formado em direito, mathematica e philosophia pela Universidade de Coimbra.

Autor das seguintes obras impressas :

A lyra erotica um vol. de poesias. — A nação portugueza por occasião do dia anniversario do fausto nascimento de Sua Magestade Imperial e Real a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. — A trombeta final (anonymo). — Analyse sobre o tratado de commercio de Portugal com Inglaterra. — O sr. Beirão e

o seu discurso deffectionario de 20 de julho (anonymo). — Cartas conspiradoras. — Um consideravel numero de opusculos politicos, scientificos e litterarios. — Foi correspondente por mais de dois annos do jornal da Haya, e collaborador por muito tempo do jornal de Dublin The Telegraph, do Morning Post, e de varios jornaes inglezes catholicos.

Tem por publicar :

A musa quotidiana, um vol. de poesias, e grande numero de extractos, reflexões, memorias, apontamentos, lembranças, para uma serie de volumes.

Pertence-lhe a nota *Saudades da patria*, II - 390.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO. De Espozende, districto de Braga. Ex-professor de portuguez e de latim, ex-secretario geral da administração de Bragança, ex-administrador geral de Castello Branco, deputado ás Cortes de 1851 a 1857, presidente do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, Conselheiro do Supremo Tribunal de Contas, redactor principal da Revolução de Setembro desde 1844, ex-redactor do Espectro.

Pertence-lhe a nota *Festa dos parvos*, I - 573.

ANTONIO TELLES DA SILVA (D.) (vide Marquez de Rezende).

ANTONIO XAVIER DE BARROS CORTE REAL. Do Rojão Pequeno, na Beira. Fidalgo cavalleiro da Real Casa, bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, antigo juiz de fora da villa de S. Lourenço do Bairro e seu termo, ex-secretario geral no districto administrativo do Porto, ex-administrador geral no de Vizeu, ex-governador civil no de Aveiro, e actualmente adjuncto na administração do Hospital de S. José em Lisboa.

Autor da seguinte obra por publicar :

Um vol. de poesias.

Pertence-lhe a nota *Eumenides*, 11 - 476.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO. De Leiria. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, deputado às Cortes de 1851 a 1857.

Autor das seguintes obras impressas :

Elogio historico, de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. — Varios discursos na camara electiva como deputado. — Fundador do jornal poetico o *Trovador*. — Collaborador com grande numero de artigos em prosa e em verso nos seguintes jornaes : *Revista Universal Lisbonense*, *Estrella do Norte*, *Revista Academica*, *Observador*, *Leiriense*, e *Futuro*. — Collaborador do *Almanach de Lembranças de 1862 e 1863*. — Redactor das *Sessões da Camara Electiva*.

Pertence-lhe a nota *Cesar Germanico*, 1 - 255.

ASSIS RODRIGUES (vide Francisco de).

AUGUSTO LUSO DA SILVA. Do Porto. Ex-professor de geographia, chronologia e historia, d'oratoria, poetica e litteratura classica no Lyceu Nacional de Leiria, e actual proprietario das mesmas cadeiras no do Porto, socio da Sociedade Agricola de Leiria.

Autor da seguinte obra impressa :

Um vol. de rimas. — Varios artigos e poesias em diversos jornaes.

Tem por publicar :

Uma obra de historia natural sobre os nossos molluscos terrestres e fluviaes.

Pertence-lhe a nota *A sciencia de Jupiter*, 111 - 242.



AVILA (vide Antonio José de)..

AYRES DE GOUVEA (vide Antonio).

**B**

BAPTISTA (vide Antonio Maria).

BARÃO DE CASTELLO DE PAIVA (Antonio da Costa Paiva).  
Bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, doutor em medicina na faculdade de Paris, lente jubilado na Academia Polytechnica do Porto, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, membro correspondente das Academias de medicina e cirurgia de Marselha, Tolosa, e Montpellier, socio correspondente da Sociedade de Aclimação da Prussia, membro do Conselho Dramatico, vogal do Conselho Geral do Commercio, Agricultura, e Manufaturas, vogal extraordinario do Conselho Geral de Instrucção Publica.

Autor das seguintes obras impressas :

Aphorismos de medicina e cirurgia praticas. — Descrição de dois insectos. — Descrição de duas novas especies de coleopteros das ilhas Canarias. — Collaborador com o lente da Academia Polytechnica do Porto o sr. Diogo Kopke na publicação do Roteiro de D. Vasco da Gama á India. — Collaborador com o sr. Alexandre Herculano na publicação da Chronica d'el-rei D. Sebastião.

Pertencem-lhe as notas *Origem do mez de março*, II - 217.  
*Origens de maio*, III - 191.

BARÃO DE VILLA NOVA DA FOSCOA (Francisco Antonio de

Campos). De Villa Nova da Foscoa. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da ordem de Christo; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, ex-Ministro e Secretario d'Estado por duas vezes, ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa, ex-deputado em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas:

A lingua portugueza é filha da latina. — Traducção do Burro aureo de Appuleio. — Traducção da Apologia do mesmo.

Tem por publicar:

Juizo critico do Genio da lingua portugueza pelo sr. Francisco Evaristo Leoni. — Relatorio do Ministro e Secretario de Estado dos negocios da fazenda, apresentado na camara dos senhores deputados em sessão de 29 de fevereiro de 1836.

Pertence-lhe a nota *Os appellidos entre os romanos e entre nós*, I - 499.

**BARREIROS** (vide Fortunato José).

**BARROS CORTE REAL** (vide Antonio Xavier de).

**BASTOS** (vide José Joaquim Rodrigues de).

**BEIRÃO** (vide Caetano Maria Ferreira da Silva).

**BORDALO** (vide Francisco Maria).

**BORDALO PINHEIRO** (vide Manoel Maria).

**BORGES DE FIGUEIREDO** (vide Antonio Cardoso).

**BRILHANTE** (vide Antonio Maria dos Santos).



CABEDO (vide Antonio de).

CABREIRA (vide Frederico Leão).

**CAETANO MARIA FERREIRA DA SILVA BEIRÃO.** De Lisboa. Commendador da ordem de Christo, condecorado com a medallha de gratidão de Lisboa pela epidemia da febre amarella, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico da Real Camara de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria, deputado ás Cortes, director do hospital de molestias de pelle de S. Lazaro, lente de materia medica na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, e no Instituto Agricola, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, honorario e tres vezes presidente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, membro benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, socio effectivo da Sociedade de Archeologia Lusitana, da Associação Industrial do Porto, da Sociedade de Medicina de Anvers, da de Emulação de S. Thiago, do Instituto Medico Valenciano, da Academia Cirurgica Malhorchina, da Academia d'Esculapio de Madrid, do Instituto Palestino das Sciencias Medicas, da Academia das Sciencias Medicas da Bahia, da Academia Cirurgica Cesar-Augustianna de Saragoça.

Autor das seguintes obras impressas :

Memorias ácerca da elephantiasse dos gregos. — Memoria ácerca dos arrozaes em Portugal. — Nota sobre a applicação da canabina nos cancros ulcerados. — Folheto ácerca da molestia das vinhas em Portugal. — Outro sobre o uso das aguas de

S. João do Deserto no tratamento da elephantíase. — Considerações sobre a reforma da instrução superior da medicina em Portugal. — Gazeta medica. — Tres dissertações recitadas perante a Sociedade Medica de Lisboa ácerca da importancia da hygiene publica. — Historia da instrução medica desde o principio da monarchia até á reforma de 1772, e das casas de alienados consideradas como meio de tratamento da loucura. — Memoria contendo apontamentos para a historia dos alienados em Portugal. — Descrição dosapparelhos electro-magneticos e sua apreciação medica. — Duas dissertações recitadas perante o corpo cathedratico da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa na abertura solemne das aulas. — Outra sobre a physiologia da respiração, no concurso para demonstrador de medicina em 1843. — Projecto de regulamento sanitario para a cidade de Lisboa, no caso de ser invadida novamente pela cholera morbus epidemica, apresentado á Sociedade das Sciencias Medicas. — Discurso recitado na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa na sessão anniversaria de 10 de junho de 1849. — Apontamento para a biographia do dr. Leal de Gusmão. — Discurso ou elogio funebre do distincto facultativo Joaquim José de Almeida. — Dissertação recitada na sessão solemne anniversaria da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa em 8 de janeiro de 1853. — Considerações ácerca do breve relatorio da cholera morbus em Portugal nos annos de 1853 e 1854 feito pelo Conselho de Saude Publica do Reino. — Compendio de materia medica.

Tem por publicar :

Os elementos de mechanica agricola para uso dos estudantes d'agricultura geral do Instituto. — Observações meteorologicas, feitas em Lisboa desde 1847 até 1859.

Pertence-lhe a nota *Castração*, II - 461.

CAMPOS (vide João Ferreira).

**D**

**DALHUNTY** (vide **Marcus**).

**DAMASIO** (vide **José Victorino**).

**DUQUE DE SALDANHA** (João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun). Conde, Marquez e Duque de Saldanha, Grão-Cruz da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada, do Valor Lealdade e Merito, da de Nosso Senhor Jesu Christo, por Sua Magestade Fidelissima, Cavalleiro da distincta ordem do Tosão d'Oiro, Grão Cruz da honrosa ordem de Carlos III, e da benemerita e militar ordem de S. Fernando de Hespanha, por Sua Magestade Catholica, Grão-Cruz da muito distincta ordem da Coroa de Arruda, por El-Rei de Saxonia, da de S. Gregorio o Grande, por Sua Santidade Pio IX, Grão-Cruz da Agua Branca, por Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, da de Leopoldo pelo Imperador d'Austria, da Legião de Honra, por Sua Magestade o Imperador dos francezes, da de Ernesto Pio na Saxonia, Grão-Cruz de Leopoldo I, por Sua Magestade o Rei da Belgica, da militar ordem de S. Mauricio e S. Lazaro por Sua Magestade El-Rei da Sardenha, do Leão Neerlandez por Sua Magestade El-Rei dos Paizes Baixos, da ordem do Salvador por Sua Magestade El-Rei da Grecia, Cavalleiro da sagrada ordem de S. João de Jerusalem, Comendador das ordens da Conceição de Villa Viçosa, e da Torre e Espada, condecorado com varias cruces, e medalhas de campanha, e commando em batalhas, por Suas Magestades: Fidelissima, Catholica, e Britannica, e com a estrella d'oiro pelas campanhas do Rio da Prata, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Con-

selheiro d'Estado, Ministro e Secretario de Estado honorario, Par do reino, presidente do Supremo Tribunal de Justiça Militar, mordomo-mór da Casa de Sua Magestade Fidellissima, marechal do exercito, e primeiro ajudante de campo de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando II, socio emerito e presidente honorario da Associação Promotora de Educação Popular, ex-vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, membro da Sociedade Geologica de França, e da Sociedade de Mineralogia e de Geognosia do grão-ducado de Saxe, socio da Academia das Sciencias e das Bellas Lettras de Anvers, membro da Sociedade Archeologica da Belgica e da Sociedade de Estatistica de França, premiado com uma medalha de oiro pela mesma sociedade, e membro de differentes outras associações scientificas.

Autor das seguintes obras impressas :

Exposição franca e ingenua dos motivos que decidiram o brigadeiro João Carlos de Saldanha a não acceitar o commando da expedição á Bahia. — Observações sobre a carta que os membros da junta do Porto dirigiram a Sua Magestade o Imperador do Brazil em 5 de agosto de 1828. — A perfidia desmascarada ou carta da junta do Porto a Sua Magestade o Imperador do Brazil e observações á mesma carta pelo conde de Saldanha e por outro emigrado. — Concordancia das sciencias naturaes, e principalmente da geologia com o Genesis, fundada sobre as opiniões dos santos padres e dos mais distinctos theologos, extrahida de um trabalho do marechal marquez de Saldanha sobre a philosophia de Schelling. — Curtissima exposição de alguns factos. — Requerimento e correspondencia do duque de Saldanha com o ministro da guerra, por occasião de ser demittido do officio de mordomo-mór da Casa Real. — O duque de Saldanha e o conde de Thomar. — O conde de Thomar e o duque de Saldanha, apontamentos para a historia contemporanea. — O folheto do nobre duque de Saldanha ou os seus detractores des-

mascarados. — Correspondencia do marechal duque de Saldanha e o jornal a Lei. — Algumas idéas sobre a fé. — Estado da medicina em 1858. — O sr. dr. Bernardino Antonio Gomes e o seu folheto.

Pertence-lhe a nota *Familia dos Fabios*, 1-566



ESTACIO DA VEIGA (vide Sebastião Philippe Martins).



**FELIX MANOEL PLACIDO DA SILVA NEGRÃO:** Da villa de Albufeira. Antigo alumno de philosophia, rhetorica, chronologia, historia, e theologia moral no Seminario de Faro, presbytero secular, conego da Sé Patriarchal Metropolitana de Lisboa, examinador synodal do patriarchado, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

Traducção em latim do prologo dos Monumentos historicos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e do codigo Wisigothico, e dos mais codices e chronicas latinas que vem no 1.º fasciculo 1 vol. — Grande numero de artigos nos jornaes: Bibliotheca Familiar, Panorama, Revista Universal, e outros.

Tem por publicar:

Obra sobre varios pontos de direito e disciplina ecclesias-

tica, como a respeito da ordem episcopal, se é ou não sacramento. — Outra sobre o primado de S. Pedro. — Memorias da igreja africana contra o celibato. — Traducção paraphrastica da philosophia de Kant, composta por Charles Villers.

Pertence-lhe a nota *Festas do culto romano*, 1 - 512.

**FERREIRA CAMPOS** (vide João).

**FIGANIERE** (vide Jorge Cesar de la).

**FIGUEIREDO** (vide Antonio Cardozo Borges de).

**FIGUEIREDO** (vide Antonio José de).

**FILIPPE FOLQUE**. De Portalegre. Commendador das ordens de Aviz e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, do Conselho de Sua Magestade. Fidalgo da Casa Real, doutor em mathematica, coronel graduado do corpo de engenheiros, lente da Escola Polytechnica, director geral dos trabalhos geodesicos do reino, mestre de mathematica de Suas Altezas, da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Memoria sobre os trabalhos geodesicos executados em Portugal. — Mais cinco memorias sobre os mesmos trabalhos, em continuação á primeira. — Diccionario do serviço dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino. — Instrucções pelas quaes se devem regular o director e officiaes encarregados dos trabalhos geodesicos e topographicos, seguidas da descripção e rectificações do theodolito. — Trabalhos geodesicos e topographicos do reino. — Varias reflexões a um artigo do ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Marino Miguel Franzini sobre os trabalhos geodesicos e topographicos do reino. — Taboa para determinar a influencia do



erro dos angulos sobre o calculo dos lados do triangulo. — Taboas para o calculo trigonometrico das cotas do nivel. — Taboas para o calculo da reduçãõ ao centro. — Taboas para o calculo das distancias á meridiana. — Instrucções para a execuçãõ, fiscalisaçãõ e remuneraçãõ dos trabalhos geodesicos e corographicos do reino. — Elementos de astronomia coordenados para uso dos alumnos da Escola Polytechnica. — Advertencias e reflexões no tomo VII da Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.

Pertence-lhe a nota *Contagem decimal*, II - 225.

FOLQUE (vide Filippe).

FONSECA (vide Antonio Manoel da).

**FORTUNATO JOSE' BARBEIROS.** D'Elvas. Cavalleiro da ordem da Torre e Espada, Commendador de Aviz, e de Leopoldo da Belgica, do Conselho de Sua Magestade, brigadeiro do exercito, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lente jubilado da Escola do Exercito, da antiga commissão que organisou a Escola Polytechnica, e reformou a do Exercito, ex-governador geral de Cabo Verde, inspector geral do Arsenal do Exercito.

Autor das seguintes obras impressas :

Ensaio sobre os principios geraes de estrategia e de grande tactica. — Principios geraes de castrametaçãõ, applicados ao acampamento das tropas portuguezas. — Memoria sobre os pêsos e medidas de Portugal, Hespanha, Inglaterra e França, que se empregam nos trabalhos do corpo de engenheiros e da arma de artilheria. — Um artigo contendo considerações sobre a defenza do porto de Lisboa, e outro ácerca dos odres nas pontes militares. — No Panorama : Memoria descriptiva da praça d'Elvas, e fortes adjacentes. — Na Revista militar : o artigo Nacionalidade por-

tugueza e outros. — Seis relatorios relativos ás suas viagens de dezanove mezes a Inglaterra, Belgica, Prussia, Aústria, Sardenha e França, com o fim de estudar os melhoramentos militares effectuados no material de guerra d'estas potencias. — Instrucção theorico-pratica para uso dos alumnos da Escola do Exército.

Tem por publicar :

Compendio de artilheria. — Memoria sobre os principaes melhoramentos que tem recebido a espingarda de infantaria desde 1815 até 1842.

Pertence-lhe a nota *Milicia romana*, II - 230.

FRANCISCO ANTONIO DE CAMPOS (vide Barão de Villa Nova da Foscôa).

FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO. De Carvalho, districto de Vizeu. Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, soció da das Sciencias Medicas da mesma cidade, socio honorario do Instituto de Coimbra, commissario dos estudos e reitor do Liceu Nacional de Castello Branco.

Autor das seguintes obras impressas:

Breve noticia sobre as aguas sulphurosas de Alpedrinha. — Breve noticia do collegio dos meninos orphãos que vai fundar na aldêa do Lourical o sr. fr. Agostinho da Annuniação, seguida de algumas considerações sobre a inconveniencia do local. — Bosquejos biographicos : O abbade Corrêa da Serra, e Felix de Avellar Brotero. — Ensaio estatistico: Expostos do concelho de Alpedrinha. — Summula de preceitos hygienicos ordenada para uso dos professores e alumnos das escolas de instrucção primaria. — Memoria da vida e escriptos do reverendo padre José Vicente Gomes de Moura. — Memoria da vida e escriptos de

**Estevão Dias Cabral.** — O estudo das linguas grega e latina é necessario para o perfeito conhecimento da portugueza. — Aparentamentos para a historia da epidemia da cholera-morbus que reinou em Portalegre em 1856. — Estudos philologicos. — Glossario das palavras e frases da lingua franceza... que se tem introduzido na locução portugueza moderna, pelo cardeal D. Francisco de S. Luiz Saraiva. — Brevissima noticia da parochial igreja de Santa Maria Magdalena da cidade de Portalegre. — Biographia do sr. José Accurcio das Neves. — Relatorio da Sociedade Agricola de Portalegre em 1856. — Breves apontamentos para a historia da epidemia de Castellejo. — Succinta noticia da epidemia que grassou na Lardosa em abril e maio de 1859. — Paralysis dos membros inferiores; memoria escripta em latim... e traduzida em portuguez. — Emphysema geral por causa traumatica. — Erysipela periodica felizmente prevenida. — Epilepsia curada pelo uso do cotyledon umbilicus, depois de dezoito annos de duração. — Providencias de policia sanitaria aconselhadas á camara de Alpedrinha. — Considerações analyticas ácerca das instituições de hygiene publica do sr. Candido Albino. — Sobre a phrenologia e homeopathia. — Relatorio da epidemia de Valvedre. — Relatorios medico-legaes. — Memorias biographicas de medicos e cirurgiões portuguezes, fallecidos no presente seculo, e que se deram a conhecer nos seus escriptos. — Juizo sobre o opusculo: O marechal duque de Saldanha e os medicos, etc. Breves considerações por Bernardino Antonio Gomes. — Juizo critico ácerca do Dictionario bibliographico portuguez, tom. 1.

Pertence-lhe a nota *A prostituição entre os romanos*, II - 553.

**FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES.** De Lisboa. Discipulo de Joaquim Machado de Castro, lente de esculptura, e director da Academia das Bellas Artes.

**Autor das seguintes obras artisticas :**

Varios retratos em cera, em gesso, e em marmore, o da regente do collegio da rua da Rosa, D. Anna Vicencia d'Oliveira ; o de A. F. de Castilho ; o de Antonio Evaristo do Valle, em marmore d'Italia ; o do marechal João José Ferreira de Sousa ; o do padre Biencardi ; o de Benjamim Conti ; o de Silvestre Pinheiro Ferreira ; os dos dois habéis professores da nossa Academia José Francisco Ferreira de Freitas, e Domingos José da Silva ; da estatua de Gil Vicente no angulo culminante do frontão do theatro de D. Maria II ; dos modelos para o grupo do tympano do mesmo frontão que representam Apollo e as musas ; da Comedia e da Tragedia sobre os angulos, e das quatro partes do dia nas tabellas do attico ; da estatua da Piedade collocada em um dos nichos do vestibulo do real palacio d'Ajuda. — A naiade da cascata do passeio publico. — O busto de Camões em gesso, e a estatua do mesmo poeta. — Em marmore de Carrara, para El-Rei o Senhor D. Fernando: o amor dormindo, copia de um modelo de C. A. Fraikin, e o genio da musica para o mesmo Augusto Senhor. — Muitos objectos sacros, taes como imagens de Nossa Senhora da Conceição, das Dores, S. Filippe Benicio, S. Julião e Santa Basilissa para a freguezia de S. Julião de Lisboa, Santa Cecilia para Setubal, e alguns modelos para o monumento de D. Pedro IV.

**Autor das seguintes obras impressas :**

Memoria d'esculptura sobre o methodo e processo dos trabalhos em pedra. — Methodo das proporções e anatomia do corpo humano, dedicado á mocidade estudiosa, que se applica ás artes do desenho. — Discurso pronunciado por occasião da sessão solemne, e distribuição de premios da Academia de Bellas Artes. — Alguns necrologios de professores da mesma Academia insertos na Revista Universal e Diario do governo.

**Tem por publicar :**

Memoria sobre a origem, progresso, e estado actual das bel-

Autor das seguintes obras impressas :

Opusculo ácerca da origem da lingua portugueza. — Catalogo das obras do xv seculo que possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Compendio de doutrina popular. — As irmãs da caridade ou a questão do momento. — Rudimentos de numismatica grega e romana. — Breves considerações ácerca de alguns pontos da numaria portugueza. — Apontamentos relativos ao insigne escriptor o padre Francisco de Macedo. — Recordações de um grande principe portuguez (o infante D. Henrique). — Apontamentos a respeito de D. João de Castro e dos seus conhecimentos scientificos extrahidos de escriptos nacionaes e estrangeiros. — Breve noticia de alguns monumentos litterarios ineditos existentes em Portugal, notaveis pela forma dos caracteres, e pela belleza das illuminuras. — Breves considerações a respeito da natureza origem e progressos do conto.

Tem por publicar :

Catalogo methodico dos manuscriptos paleographicos que possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa, illustrado com notas historicas, criticas, e bibliographicas. — Catalogo da collecção biblica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, igualmente illustrado com notas. — Grammatica philosophica da lingua portugueza. — Selecta portugueza, ou excerpto dos classicos portuguezes de melhor nota. — Breve compendio da historia da peninsula iberica. Pertence-lhe a nota *Dinheiro em Roma*, 1 - 385.

FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO. De Obidos. Ex-beneficiado na igreja matriz d'aquella villa, socio do Instituto de Coimbra, com o curso do Seminario de Santarem, capellão da igreja da Misericordia de Obidos, fundador da igreja de Olho-marinho.

Autor das seguintes obras impressas :

Oração funebre recitada na igreja de S. Vicente de Fora de

Lisboa nas exequias do conde de Barbacena. — Sermão prégado na igreja de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa a 13 de maio de 1855. — Sermões publicados pelo beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão. — Varias poesias publicadas nos jornaes Panorama, Revista Universal, e Semana. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *As cãs e a ruga senil*, III - 197.

FRANZINI (vide Marino Miguel).

FREDERICO LEÃO CABREIRA DE BRITO E ALVELOS DRAGO VALENTE. De Villa Real de Santo Antonio de Arenilha. Fidalgo cavalleiro da Casa Real, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Commendador da ordem de Aviz, e da de Izabel Catholica de Hespanha; lente e director da Academia Militar de Goa, ex-commandante de artilheria da mesma cidade, ex-ajudante general do exercito da India, ex-director de todas as praças e fortalezas, e ex-secretario geral dos mesmos estados, ex-governador das ilhas de Timor e Solor, ex-governador do castello de S. Jorge em Lisboa, ex-secretario militar do duque de Saldanha, ex-commandante da sub-divisão militar da ilha de S. Miguel, ex-governador militar da praça de Valença, da antiga commissão para a inspecção e reforma do Arsenal do Exercito, presidente da antiga commissão mixta luso-hispana destinada a regular os limites territoriaes dos dois paizes, ex-commandante do material de artilheria na 1.<sup>a</sup> divisão militar, commandante geral interino da mesma arma, brigadeiro do exercito, deputado por varias vezes ás Cortes, da Associação Maritima e Colonial de Lisboa, da Associação dos Professores Portuguezes, e do Gremio Africano de Paris.

Autor das seguintes obras impressas :

Instrucções dadas pelo vice-rei marquez de Alorna ao seu successor marquez de Tavora, sendo precedidas de uma noticia

historica sobre o primeiro d'elles, e de algumas notas illustrativas. — Inquerito industrial ácerca das ilhas de Timor e Solor, impresso nos Annaes da Associação Maritima e Colonial de Lisboa. — Resumo historico da vida e serviços do ultimo vice-rei da India D. Manuel de Portugal e Castro. — Varias poesias avulsas e em jornaes. — Collaborou na Revista dos Açores.

Tem por publicar :

Noticias das ilhas de Timor e Solor, contendo na primeira parte, todas as historicas que pode colligir desde o descobrimento das mesmas ilhas feito pelos portuguezes até aos nossos dias ; na segunda, as puramente geographicas e territoriaes de que teve conhecimento ; e na terceira, as do caracter, usos, costumes, e superstições d'aquelles povos, com uma extensa carta hydro-corographica das referidas ilhas, a qual existe no archivo do conselho ultramarino.

Pertence-lhe a nota *Pertinacia dos assedios antigos*, 1-597.



GIL (vide Antonio).

GOMES DE AMORIM (vide Francisco).

GOMES MONTEIRO (vide José).

GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO VELLASQUES SARMENTO. Da Vinha da Rainha no districto de Coimbra. Fidalgo cavalleiro da Casa Real, Cavalleiro da ordem da Torre e Espada ; bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra,

juiz de direito no quadro da magistratura, ex-alferes de lanceiros da Rainha; da Sociedade Agricola de Coimbra.

Autor do Estandarte da resistencia legal. — Antigo collaborador de diversos jornaes.

Pertencem-lhe as notas *As feiticeiras e bruxas dos romanos*, III - 306. *Os mesinheiros e mesinheiras dos romanos*, III - 354. *Deuses Lares e Penates* III - 556.

GONÇALVES DE ANDRADE (vide Antonio Joaquim).

GUILHERME DA SILVA ABRANCHES. Da villa de Avô, districto de Coimbra, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da ordem de Christo; bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico da Real Casa, do Hospital de S. José, da Misericordia, e das cadeas centraes; presidente do Conselho de Saude Publica do Reino, ex-vice-provedor de Saude Publica do bairro do Rocio.

Collaborador de varios jornaes de medicina, e dos relatorios officiaes da cholera-morbus e febre amarella.

Pertence-lhe a nota *Aguas mineraes*, I - 409.

GYRÃO (vide Visconde de Villarinho de S. Romão).

### III

HENRIQUE AUGUSTO DA SILVA. Do Porto. Com os cursos: de engenheiros de pontes e estradas, da Academia Polytechnica do Porto, e de artistas da mesma Academia; professor de principios de physica e chimica e introdução á historia natural dos



**JOÃO FELIX PEREIRA.** De Lisboa. Com o curso da Escôla Medico-Cirurgica de Lisboa, com o de mathematica na Escôla Polytechnica, com a maior parte do de engenharia civil da Escôla do Exercito, com o do Lyceu de Lisboa, e das cadeiras de linguas annexas ao mesmo Lyceu: francez, inglez, alemão, e grego, com o de tachigraphia, professor de geographia, chronologia e historia universal do Lyceu de Lisboa, socio effectivo da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

As expedições de Dario e Xerxes contra a Grecia. — Historia de Portugal desde o principio da monarchia até á morte de D. João VI, em 1826. — Compendio de historia de Portugal para uso das aulas de instrucção secundaria. — Cholera-morbus: o artigo *cholera* da Encyclopedia britannica, traduzido do inglez. — Chirúrgomicroscopiatromachia. — Compendio de chorographia portugueza, para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria. — Resumo de historia de Portugal para uso das aulas de instrucção primaria. — Idem. — Idem. — Febre amarella: o artigo *febre amarella* da Encyclopedia britannica, traduzido do inglez. — Anesthesia cirurgica. These defendida, em 16 de outubro de 1851 na Escôla Medico-Cirurgica de Lisboa. — Compendio de chronologia, para uso das aulas de instrucção secundaria. — Terceiro relatorio annual sobre a efficacia therapeutica das cadeias galvano-electricas de Goldberg, na sua applicação contra as molestias rheumaticas, gotosas e nervosas de todas as especies, traduzido do alemão. — Rudimentos de geometria, destinados principalmente aos alumnos, que frequentam as aulas de geographia, chronologia e historia. — Compendio de geographia, para uso das aulas de instrucção secundaria. — Resumo de geographia physica, politica e commercial, para uso das aulas de instrucção primaria. — Compendio de historia sagrada, para uso das aulas de instrucção secundaria. — Com-

pendio de historia sagrada, para uso das aulas de instrucção primaria. — O Visionario (*Geisterseher*), romance de Schiller, traduzido do alemão, (esta traducção é precedida da biographia de Schiller). — Rudimentos de arithmetica, para uso das aulas de instrucção primaria. — Abrégé de l'histoire de Portugal. — Fabulas de Lessing, traduzidas do alemão, (esta traducção é acompanhada do texto, e é precedida da biographia de Lessing). — Logica, ou analyse do pensamento. — Elementos de geometria para uso dos lyceus, (estes elementos são precedidos da historia resumida da geometria). — Abridgement of the history of Portugal. — Chorographia do Brazil. — Cyropedia (*Kirou paideia*), ou historia de Cyro, escripta em grego por Xenophonte, e traduzida do original, (esta traducção é precedida da biographia de Xenophonte). — Preceitos de civilidade, para uso das aulas de instrucção primaria. — Vidas dos capitães illustres (*De vita excellentium imperatorum*) por Cornelio Nepote (as que se acham na selecta segunda) traduzidas do latim; (esta traducção é precedida da biographia de Cornelio Nepote). — Additamento á 2.<sup>a</sup> edição do compendio de geographia de João Felix Pereira, para o adaptar ao programma publicado pela Escóla Polytechnica, na parte que diz respeito á geographia mathematica. — Additamento aos elementos de geometria, extrahidos dos melhores autores para accommodal-os ao programma, que regula os exames preparatorios de geometria elementar na Escóla Polytechnica. — Compendio de geographia mathematica, accommodado ao programma, que regula os exames preparatorios d'esta disciplina na Escóla Polytechnica. — Mappa de Portugal para intelligencia do compendio de chorographia portugueza acima indicado. — Mappa de Portugal para intelligencia do mencionado compendio, em escala maior que o antecedente. — Principios de moral, e cathecismo ou compendio de doutrina christã, para uso das aulas de instrucção primaria, approvado pelo Eminentissimo Senhor Cardeal Patriar-

cha. — Epitome da historia sagrada em verso rimado endecasyllabo ; (o compendio de historia sagrada, acima indicado, é o desenvolvimento em prosa d'este pequeno poema biblico). — Dicionario alemão-portuguez e portuguez-alemão. Neues deutsch-portugiesisch und portugiesisch-deutsch handwörterbuch 2 volumes da primeira parte. — Primeiro livro da historia dos gregos e dos persas por Herodoto, traduzido do grego ; (este primeiro livro contém principalmente a historia de Cyro, um dos maiores personagens da antiguidade). — Compendio da historia de França, tirado textualmente dos Estudos historicos de Chateaubriand, traduzido do francez. — Historia da philosophia, traduzida do francez. — Apreciação philosophica dos descobrimentos dos portuguezes, e das razões que os determinaram, seus effectos sobre a civilisação na Europa e no Oriente. — These do concurso para a 5.ª cadeira do Curso Superior de Lettras, sustentada no dia 9 de fevêreiro de 1860.

Pertence-lhe a nota *Mysterios de Eleusis*, II - 658.

JOÃO FERREIRA CAMPOS. — De Lisboa. Cavalleiro da ordem de Aviz ; bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, coronel graduado de engenbaria, lente jubilado da Escóla Polytechnica, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Autor da seguinte obra impressa :

Lições de algebra elementar para uso dos alumnos da Escóla Polytechnica.

Pertencem-lhe as notas *Nascimentos e occasos heliacos*, I - 248. *Os cães celestes*, II - 576.

JOÃO JOSÉ DE SIMAS. De Olhão. Cavalleiro da ordem de Carlos III de Hespanha ; bacharel em lettras pela Universidade de Montpellier, doutor em medicina pela Universidade de Paris,

medico da Real Camara, do Hospital de S. José, e da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, presidente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, socio das Academias de Medicina da Bahia e de Cadix.

Tem publicado varios artigos e relatorios sobre questões de medicina e d'hygiene em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Da papoila como afrodisiaco*, II - 456.

**JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES.** De Lisboa. Com o curso de pharmacia da Escola Medico-Cirurgica, da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, da Pharmaceutica Lusitana, da Associação Industrial Portuense, da Promotora de Educação Popular, professor de materia medica, pharmacia, philosophia e sciencias naturaes em varios cursos publicos e particulares.

Autor das seguintes obras impressas :

A filha da caridade, romance original. — Visitas ao horto botanico da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. — A açucena, romance original. — Reflexões ácerca da pharmacoepa do dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto. — O Cicero da Mouraria avaliado por Florencio Florindo Florido, professor de instrucção em Caparica, obra offerecida a todos os Tedeschis presentes e futuros. — Compendio elementar de botanica. — Compendio de introducção á historia natural dos tres reinos. — Varios artigos sobre medicina e chimica no jornal o Esculapio, e Jornal de Pharmacia.

Tem por publicar :

Compendio de hygiene privada. — Historia dos hospitaes de Lisboa.

Pertence-lhe a nota *Eliciação do raio*, II - 249.

**JOÃO DE SOUSA PINTO DE MAGALHÃES.** Grão-Cruz da ordem de Christo, e da ordem romana de S. Gregorio Magno ;

bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, ex-juiz do crime do bairro de Mocambo, deputado pela provincia do Minho nas Cortes constituintes de 1820, e nas de 1822 em que foi presidente; vogal da Junta creada em 1823 para formar um projecto de Carta Constitucional, official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, e deputado da Junta da Fazenda da cidade em 1826, sub-inspector dos correios e postas do reino em 1833, director da Secretaria de Estado da presidencia do conselho de ministros em 1834, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, e depois, dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça em 1835, deputado ás Cortes de 1836, e ás de 1840, em que foi presidente, Conselheiro de Estado extraordinario em 1845, Conselheiro do Tribunal de Contas em 1853, Conselheiro de Estado effectivo em 1858.

Pertence-lhe a nota *Vejove*, II - 279.

JOAQUIM ANTONIO DA SILVA. De Lisboa. Com o curso da Escola Medico-Cirurgica, lente da Escola Polytechnica, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade das Sciencias Medicas.

Autor das seguintes obras impressas:

Estudo da composição da agua da chuva que cabe em Lisboa. — Noticia dos trabalhos magneticos executados no observatorio do infante D. Luiz em 1859. — Varios artigos em diferentes jornaes. (Fallecido).

Pertencem-lhe as notas *Collocação do orbe terraqueo no universo*, III - 448. *A esphera de Syracuse*, III - 452.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES. De Aveiro. Cavalleiro da ordem de Aviz; ex-alumno e actual professor no Collegio Militar, com o curso d'engenharia, major d'artilheria, da antiga Socie-

dade Philomatica, do Conservatorio Dramatico, ex-vogal da antiga commissão inspectora do theatro de D. Maria II.

Autor das seguintes obras impressas : •

Prosas e poesias varias em muitos jornaes, nomeadamente no Panorama e Revista Universal.

Das seguintes peças representadas :

O valido, drama. — O castello de Faria, idem. — O alcaide de Faro, idem. — Giraldo sem sabor, ou uma noite de Santo Antonio na praça da Figueira, comedia. — Nem russo nem turco, idem. — O estrangeirado, idem — Fanatismo politico, idem. — O mineiro de Cascaes, idem. — A pedra das carapuças, idem.

Tem por publicar :

A inauguração da estatua equestre. — Descrição do edificio de Mafra. — Os anti-barbaros, poemeto.

Pertence-lhe a nota *Romarias*, II - 286.

**JOAQUIM JANUARIO DE SOUSA TORRES E ALMEIDA.** De Braga. Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa ; bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, socio e ex-secretario do Instituto de Coimbra, ex-vice-presidente da Camara Municipal de Braga, vogal do Concelho de Districto da mesma cidade, deputado ás Cortes de 1862.

Collaborador dos jornaes : o Instituto, Revista Academica, Murmurio, Grinalda, Farol do Minho. — Redactor do Independente.

Autor das seguintes obras por publicar :

Paula, drama. — O barão de fresca data, comedia. — O advogado nos auditorios de Braga.

Pertence-lhe a nota *Jogos equirios*, I - 604.

**JOAQUIM LOPES CARREIRA DE MELLO.** Da Mealhada, districto de Coimbra. Socio do Instituto de Coimbra, e da Associa-

ção Promotora de Educação Popular, director do collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Autor das seguintes obras impressas :

Tratado de chorographia portugueza historica e politica. — Compendios : de civilidade moral e religiosa, de doutrina christã dogmatica e moral, de historia de Portugal, de geographia universal, e de chronologia. — Biographia do padre José Agostinho de Macedo. — Selecta portugueza. — Resumo da historia sagrada antiga e da igreja christã. — Resumo da historia universal profana. — Redactor do jornal a Instrução publica.

Pertence-lhe a nota *Porta Capena*, II - 482.

**JOAQUIM PEDRO CELESTINO SOARES.** De Lisboa. Do Conselho de Sua Magestade Fidellissima, Cavalleiro das ordens da Torre e Espada, e de Christo ; Chefe de divisão, director da Escola Naval, e da Escola de Construção e Architectura Naval, commandante da companhia de guardas marinhas, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio honorario da Academia das Bellas Artes da mesma cidade, ex-deputado ás Cortes em 1835, 1837, 1839, 1841, e 1852.

Autor das seguintes obras impressas :

Bosquejo das possessões portuguezas no Oriente. — Folhetins maritimos, publicados no Patriota, e reimpressos em um volume separado.

Tem por publicar :

Epopéa naval portugueza. — Varias poesias e prosas.

Pertence-lhe a nota *Marinha*, II - 401.

**JORGE CESAR DE LA FIGANIÈRE.** Nascido no Rio de Janeiro. Commendador da ordem de Christo, do numero extraordinario de Carlos III e de Izabel a Catholica de Hespanha, do Salvador da Grecia, e da ordem imperial ottomana da Nichan-Iftchar ;

official ordinario e chefe de repartição no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, do Conservatorio Dramatico de Lisboa, socio correspondente do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico brasileiro, e honorario do Gabinete de Leitura no Maranhão.

Autor das seguintes obras impressas :

Epitome chronologico da historia dos reis de Portugal, e da bibliographia historica portugueza. — Varios artigos nos jornaes : Panorama, Revista Universal, Archivo Pittoresco, etc.

Tem por publicar :

Algumas obras começadas, e entre ellas Apontamentos genealogicos (da sua familia).

Pertence-lhe a nota *Bairros de Roma*, III - 227.

**JOSE' ANTONIO MARQUES.** De Lisboa. Cavalleiro da ordem de Christo, da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da de Leopoldo da Belgica ; cirurgião medico pela Escóla de Lisboa, doutor em medicina pela Universidade de Bruxellas, cirurgião de brigada honorario do exercito, socio honorario de 1.<sup>a</sup> classe da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, e actualmente seu presidente ; da Academia Real das Sciencias de Lisboa, socio de merito do Instituto Medico Valenciano, correspondente da Academia Medico-Cirurgica de Madrid, da Sociedade Humanitaria de Londres, chefe da 6.<sup>a</sup> repartição da 1.<sup>a</sup> direcção do Ministerio da Guerra.

Autor das seguintes obras impressas :

Elementos de hygiene militar ou collecção de assumptos e preceitos de hygiene, que interessam, ou são indispensaveis aos que se dedicam á profissão militar. — Aperçu historique de l'ophthalmie militaire portugaise ; memoire présenté au congrés ophthalmologique de Bruxelles. — Resultado d'uma commissão medico-militar em Inglaterra, França, Belgica e Paizes-Baixos,



seguido de varios capitulos sob o titulo de Londus-medica. — Discurso pronunciado na sessão solemne e anniversaria da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa em 1860. — Escho-liaste Medico, periodico quinzenal de sciencias medicas, que está no seu decimo setimo anno de existencia.

Pertence-lhe a nota *A doutrina das crises e dias criticos das doencas*, III - 251.

JOSE' DA COSTA SEQUEIRA. De Lisboa. Professor e ex-secretario interino da Academia das Bellas Artes de Lisboa, ex-ajudante architecto de 1.<sup>a</sup> classe da repartição das Obras Publicas.

Autor das seguintes obras impressas :

Compendio de geometria pratica applicada ás operações de desenho. — Elementos de perspectiva theorica e pratica. — Noções theoricas de architectura civil, seguidas de um breve tratado das cinco ordens de Jacomo Barrozio de Vinhol, (3.<sup>a</sup> edição). — Methodo graphico de desenho. — Memoria descriptiva do projecto para o monumento que se pretende consagrar á memoria de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro Duque de Bragança, offerecido aos amigos dos artistas nacionaes. — Relatorio que o professor substituto servindo de secretario da Academia das Bellas Artes de Lisboa. leu no dia 30 de novembro de 1840, em que teve logar a sessão magna da mesma academia. — Varios artigos publicados na Revista Universal Lisbonense.

Tem por publicar :

Estudos de architectura civil ou dissertações sobre os originaes fundamentos, e os principios theoricos d'esta nobre arte.

Pertence-lhe a nota *Dos theatros gregos e romanos comparados com os modernos*, II - 502.

JOSE' EDUARDO DE MAGALHÃES COUTINHO. De Evora. Do

Conselho de Sua Magestade Fidelissima ; com o curso da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, onde é professor ; da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade das Sciencias Medicas, deputado ás Cortes, e director geral de Instrucção Publica.

Autor das seguintes obras impressas :

Projecto de lei para a reforma das Escólas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto. — Discurso recitado na abertura da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa em 9 de janeiro de 1858. — Discurso do presidente da Sociedade das Sciencias Medicas recitado na sessão de 17 de fevereiro de 1859. — Principal redactor do jornal *Zacuto Lusitano*.

Pertence-lhe a nota *Mezes da gestação*, II - 237.

**JOSE' FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.** De Lisboa. Do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Fidalgo cavalleiro da Sua Real Casa, Commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição ; doutor e bacharel em direito, medicina e philosophia pelas Universidades de Coimbra, Paris e Rostock, presidente da commissão do Nacional e Real Archivo da Torre do Tombo, ex-bibliothecario mór e ex-deputado ás Cortes em varias legislaturas, tenente coronel, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, membro da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, da Academia de Historia de Copenhague, das Sociedades Pharmaceuticas : do Norte da Alemanha, de Salzufflen, e de Lisboa, do Instituto Historico de Paris, do Conservatorio Real, e da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro, do Instituto Historico da Bahia, do Conservatorio da mesma cidade, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, da Associação Promotora de Educação Popular, e de outras sociedades sabias etc.

antigo e novo testamento. — Resumo da Historia sagrada. — Cartas selectas do padre Antonio Vieira. — Codigo do bom tom. — Diccionario portuguez-francez. — Diccionario da lingua portugueza. — Diccionario de Synonimos. — Grammatica para os portuguezes e brasileiros. — Grammatica elementar da lingua franceza. — Historia do descobrimento da America. — Historia dos meninos celebres. — Alphabeto portuguez, ou novo methodo para aprender a ler com muita facilidade a letra redonda e manuscrita. — Cacographia portugueza, ou collecção de themas extrahidos dos melhores autores portuguezes, escriptos errada e incorrectamente, destinados a exercitar a mocidade no estudo e applicação das regras da orthographia. — Correccão da Cacographia portugueza, segundo a grammatica publicada pela junta da Directoria dos Estudos em Coimbra. — Lições de geographia. — Livro d'oiro dos meninos. — Museu pittoresco ou historia dos tres reinos da natureza. — Novo secretario portuguez. — Ornamentos da memoria. — Selecta franceza. — Idem pequena. — Thesouro da mocidade. — Thesouro de meninas. — Curso elementar de perspectiva. — Oração gratulatoria pelas melhoras e feliz restabelecimento de Sua Magestade El-Rei Nosso Senhor D. Miguel I. — Consulta do Supremo Conselho de Castella sobre a Tentativa theologica do padre Antonio Pereira de Figueiredo, traduzida em portuguez. — Edictor de: Leal Conselheiro. — Cornelius Nepos, De viris illustribus. — Epitome historiae sacrae. — Phoedri fabularum. — Ciceronis epistolae. — Titi Livii, Rex memorabiles et narrationes selectae; (todos estes livros enriquecidos de notas grammaticaes, litterarias, geographicas e criticas, que muito ajudam os professores e alumnos, assim como dictionarios completos para cada livro, que dispensam dictionarios volumosos). — A nomenclatura de botanica e historia natural, introduzida na ultima edição de Virgilio *ad usum Delphini*.

Tem por publicar :

Homilias em francez prégadas por elle em Paris, e alguns sermões parochiaes, que em tempo opportuno conta traduzir em portuguez, juntando outras e outròs para completar um curso d'este genero de prégação em harmonia com as regras que estabeleceu no seu Manual de eloquencia sagrada. — Sermões antigos.

Pertencem-lhe as notas *Lucrecio e Ovidio*, III - 288. *Estro poetico*, III - 290. *Fugacidade da vida*, III - 534.

JOSE' JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS. De Murtede, bispado de Azeiro. Do Conselho de Sua Magestade Fidellissima, Fidalgo cavalleiro da Casa Real, Cavalleiro da ordem de Christo; ex-advogado do numero da Relação do Porto, juiz de fóra da villa do Eixo, juiz do tombo da Casa de Bragança com jurisdicção ordinaria na comarca de Barcellos, deputado nas Cortes constituintes e nas primeiras que se lhes seguiram, desembargador graduado, corregedor provedor da comarca do Porto, membro da Junta da carta de lei fundamental, intendente geral da policia da corte e reino, desembargador do Paço.

Autor das seguintes obras impressas :

Meditações ou discursos religiosos. — Collecção de pensamentos maximas e proverbios. — A virgem da Polonia. — O medico do deserto. — Os dois artistas. — Biographia da Senhora Infanta D. Izabel Maria.

Pertence-lhe a nota *Pontifices*, III - 304.

JOSE' MARIA LATINO CORELHO. De Lisboa. Tenente do corpo de engenheiros, lente da Escola Polytechnica, secretario geral interino da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica, ex-director do Diario de Lisboa, deputado ás Cortes em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas :

Curso de introdução á historia natural dos tres reinos. —  
 Opposição systematica, proverbio num acto. — Relatorios dos  
 trabalhos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lidos nas  
 sessões publicas de : 19 de novembro de 1856 ; 20 de fevereiro  
 de 1859 ; 10 de março de 1861. — Elogios historicos recitados  
 nas sessões publicas da Academia : o de D. Fr. Francisco de  
 S. Luiz na de 19 de novembro de 1856 ; o de Rodrigo da  
 Fonseca Magalhães na de 20 de fevereiro de 1859 ; o do ba-  
 rão de Humboldt na de 10 de março de 1861. — Juizo cri-  
 tico sobre o Arco de Sant'Anna de Almeida Garrett. — Estu-  
 dos sobre os differentes methodos do ensino do ler e do escre-  
 ver. — O visconde de Almeida Garrett, estudo biographico cri-  
 tico. — Casal Ribeiro, perfil critico. — Antonio Feliciano de Cas-  
 tilho, biographia. — Encyclopedia das escolas de instrucção pri-  
 maria dividida em tres partes composta por distinctos escripto-  
 res sob a direcção de José Maria Latino Coelho. — Varios ar-  
 tigos nos jornaes : Emancipação, Revolução de Setembro, Civi-  
 lização, Discussão, Politica Liberal, Revista Contemporanea, etc.

Pertence-lhe a nota *Proposição do poema*, 1-207.

**JOSE' MARIA PEREIRA RODRIGUES.** De Lisboa. Com estu-  
 dos mathematicos na Escola Polytechnica, aspirante da Alfandega  
 Municipal, alumano do Curso Superior de Letras.

Fundador e redactor do jornal a Revista de Lisboa. — Col-  
 laborador accidental na parte litteraria de alguns periodicos.

Autor da seguinte obra impressa :

Biographia de Ristori. •

Tem por publicar :

Elogio de Lisboa.

Pertence-lhe a nota *Lyra*, III - 301.

**JOSE' MARIA DA PIEDADE LENCASTRE (D.)** (vide Marquez de Abrantes).

**JOSE' MARIA DE SOUSA MONTEIRO.** Do Porto. Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição; official graduado da Secretaria da Marinha, chefe de repartição na Secretaria da Camara dos Pares, presidente honorario da Sociedade Amante da Instrucção do Rio de Janeiro.

Autor das seguintes obras impressas :

Historia de Portugal desde o reinado da Senhora D. Maria 1 até á convenção de Evora-monte, com um resumo dos acontecimentos mais notaveis que tem tido logar desde então até aos nossos dias. — Diccionario geographico das provincias e possessões portuguezas no ultramar, em que se descrevem as ilhas e pontos continentaes que actualmente possui a coroa portugueza, e se dão muitas outras noticias dos habitantes, sua historia, costumes, religião e commercio. É precedido de uma introducção geographico-politico-estatistico-historica de Portugal. — Algumas considerações sobre a fixação da séde do governo na provincia e salubridade da ilha de S. Thiago de Cabo-Verde. — Representação dirigida ao governo de Sua Magestade pelas camaras municipaes e cidadãos da mesma ilha. — Tem collaborado nos jornaes: Chronica Constitucional, Dialveta, Nacional, Independente, Correio Brasileiro. — Redigiu a Regeneração e o Bem Publico.

Pertence-lhe a nota *Summano*, 111 - 526.

**JOSE' MARTINHO THOMAZ DIAS.** De Lisboa. Cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz; com os cursos da Academia de Fortificação e o da Aula do Commercio, major graduado de engenharis, lente proprietario da 1.ª cadeira da Escóla do Exercito.

Pertence-lhe a nota *Acampamento dos romanos*, 1 - 580.

Roma, idem. — Pai e ministro, drama. — Templo de Salomão, idem. — Miramar, idem. — Filho prodigo, idem. — Dote de Suzana, idem. — A praia dos naufragios, idem. — Auzenda, idem. — Miguel Angelo Buonaroti, idem. — D. Antonio de Portugal, idem. — S. Gonçalo de Amarante, idem. — O dedo de Deus, idem. — Os homens de bem, idem. — Egas Moniz, idem. — Um namoro da janella, comedia. — Satanaz em Lisboa, idem. — O theatro e a cosinha, idem. — Quem tudo quer tudo perde, idem. — A calçada da Pampulha, idem. — Pascoal Gonçalves, idem. — A filha de Figaro, idem. — Flores e fructos, idem. — O bombardeamento de Odessa, idem. — Heráclito, idem. — Demócrito, idem. — Os candidatos, idem. — Canticos, 2.º vol. poesia. — Fabulario da puericia, idem. — As africanas, idem. — Satyras, idem. — Cintra, poema. — Historia da guerra do Oriente, 3.º e 4.º volumes. — Elogios historicos do visconde de Santarem, e do conde de Sabugal. — Da arte novissima, memoria. — Influencia de Garrett na litteratura nacional, idem. — Excellencias e degeneração da lingua, philologia. — Calabar, 4 volumes, romance historico. — O conde de Castello Melhor, 2 volumes, idem. — Estatua de Nabuco, romance da actualidade, 2.º e 3.º volumes.

Pertence-lhe a nota *Fastos*, 1 - 177.

**JOSE' SILVESTRE RIBEIRO.** De Idanha a nova, districto de Castello Branco. Conselheiro d'Estado extraordinario, Ministro e Secretario d'Estado honorario, Commendador da ordem de Christo, e da Coroa de Carvalho da Hollanda, Cavalleiro das da Torre e Espada e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão-Cruz da de S. Estanslau da Russia; bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, ex-secretario geral da prefeitura da Beira Baixa, ex-secretario do governo civil de Castello Branco, ex-governador civil interino do districto de Por-

talegre, ex-administrador geral do districto de Angra do Heroismo, e ex-governador civil dos de Beja e Funchal, ex-Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, ex-deputado ás Cortes em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas :

Resoluções do conselho de estado na secção do contencioso administrativo. — Alguns fructos da leitura e da experiencia, offerecidos á mocidade portugueza. — Estudo moral e politico sobre os Lusíadas. — Primeiros traços de uma resenha de litteratura portugueza. — Os Lusíadas e o Cosmos. — Dante e a Divina comedia. — Uma época administrativa da Madeira e Porto Santo. — Collecção dos documentos relativos á crise da fome por que passaram as ilhas da Madeira e Porto Santo no anno de 1847. — Apontamentos sobre as classes desvalidas e institutos de beneficencia. — Collecção de alguns escriptos administrativos do governador civil de Beja. — Beja no anno de 1845. — Collecção dos escriptos do governador civil de Angra do Heroismo. — Traducções em portuguez do Leproso d'Aosta, dos Desposados, da Resignação, e de João Sbogar.

Tem por publicar :

Diccionario geral da administração e do direito administrativo de Portugal. — Continuação das resoluções, fructos e resenha da litteratura.

Perçence-lhe a nota *Carna*, III - 299.

**JOSE' VICTORINO DAMASIO.** Da villa da Feira. Commendador da ordem de S. Bento de Aviz, e official da antiga ordem da Torre e Espada ; bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, tenente coronel d'artilheria, membro do conselho das Obras Publicas, e do de Minas, inspector das Obras Publicas, professor da Academia Polytechnica do Porto, ex-director do Instituto Industrial de Lisboa, da Associação Industrial



Portuense, da Société libre d' mulation du Commerce et de l'Industrie de la Seine inférieure.

Pertence-lhe a nota *Industria dos metaes e pedras entre os antigos e os modernos*, II - 367.

**JULIO CESAR MACHADO.** De Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Claudio, romance. — A mulher casada, romance contemporaneo. — Estevão, paginas da ultima noite da vida, idem. — Amigos ! amigos ! proverbio. — O tio Paulo, drama. — O anel de alliança, comedia. — A vida em Lisboa. — Contos ao luar. — Scenas da minha terra. — Biographias dos actores Sargedas, Izidoro, e Taborda, e da cantora Lotti. — Varios artigos e folhetins em muitos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Dia de anno bom*, I - 345.

**JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL** (vide Visconde de Villar Maior).



**LATINO COELHO** (vide José Maria).

**LEÃO CABREIRA** (vide Frederico).

**LEONI** (vide Francisco Evaristo).

**LEVY MARIA JORDÃO PAIVA MANSO.** De Lisboa. Do Conselho de Sua Magestade, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, advogado em Lisboa, ajudante do procurador geral da Coroa junto ao Ministerio da Marinha, advogado da Serenissima Casa de Bragança, membro da commissão revisora do Co-

digo penal, ex-vereador da Camara Municipal de Lisboa, lente do Curso Superior de Lettras, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Agricultura de Ponta Delgada, honorario da Academia Real das Sciencias de Modena, correspondente das Academias Imperiaes das Sciencias de Rheims e de Toulouse, do Instituto Nacional da Suissa, da Academia de Legislação de Toulouse, e das Sociedades dos Antiquarios da Picardia em Amiens, da Historica de Alger, e da de Estudos diversos do Havre.

Autor das seguintes obras impressas :

Ensaio sobre a historia do direito romano. — Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas. — Commentario ao Codigo penal portuguez. — A suspensão do ex.<sup>mo</sup> arcebispo de Mitylene ou defeza do primado de Sua Santidade. — Resposta ao dr. Cicouro. — Minuta de appellação na causa de divorcio entre J. Antonio Dantas da Gama e sua mulher. — Memoria sobre a camara cerrada. — Étude historique sur la quotité disponible en Portugal. — Relatorios sobre a Casa de Santo Antonio e Mercieiras do Alqueidão, apresentados á Camara Municipal de Lisboa pelos vereadores dr. Levy Maria Jordão e José do Nascimento Gonçalves Corrêa. — Memoria historica sobre os bispos de Ceuta e Tanger. — Petição de aggravo que em defesa do prelado de Moçambique fez o advogado Levy Maria Jordão por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, etc. — Elogio do padre Antonio Pereira de Figueiredo, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 20 de fevereiro de 1859. — Portugalliae inscriptiones romanas edidit Levy Maria Jordão. — A propriedade litteraria não existia entre os romanos, memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa. — A philosophia do direito em Portugal. — Projecto de concordata sobre o padroado do Oriente. — Projecto do Codigo

penal. — Cours de droit pénal. — Essai sur l'histoire du droit pénal portugais. — Essai sur la quotité disponible en Portugal. — Le morgengabe portugais. — Essai historique sur le régime de la communauté en Portugal. — Varios artigos em muitos jornaes.

Tem por publicar :

Essai historique sur les épidémies et maladies contagieuses qui ont régné à Lisbonne depuis le XII siècle jusqu'à la fin du XVIII siècle. — Études sur l'influence de l'élément germanique dans le droit portugais.

Pertencem-lhe as notas *Annaes dos pontifices*, 1 - 261. *Dias fastos, nefastos, comiciaes e nundinaes*, 1 - 292.

LIMA (vide Polycarpo Francisco da Costa).

LUIZ ANTONIO DE ABREU E LIMA (vide Visconde da Carreira).

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA. De Lisboa. Professor da cadeira de historia patria e universal no Curso Superior de Letras, deputado ás Cortes em varias legislaturas, membro do Conselho Geral de Instrucção Pública, socio do Conservatorio Real, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra, ex-fiscal do Theatro de D. Maria II, e ex-redactor do Diario do Governo.

Autor das seguintes obras impressas :

A tomada de Ceuta. — Contos do serão. — Rauno por homisio. — Odio velho não cança, romance historico. — A mocidade de D. João V, idem. — A pena de Talião, idem. — Contos e lendas, uma aventura do rei D. Pedro. — Othelo, ou o moiro de Veneza, tragedia. — O infante santo, drama. — Fastos da igreja : historia da vida dos santos, ornamentos do chris-

tianismo, com autorisação e censura do patriarchado. — D. João 11 e a nobreza. — A ultima corrida de toiros em Salvaterra. — O mosteiro da Batalha. — A torre de Belem. — Introducção ás viagens de Beckford a Portugal. — A arcadia portugueza. — Poetas da arcadia. — Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage. — Estadistas portuguezes. — A escola moderna litteraria. O sr. Garrett. — Oradores portuguezes (fragmentos de um livro inedito). — João Baptista de Almeida Garrett. — Juizo critico sobre o drama Fr. Luiz de Sousa. — Alexandre Herculano (estudo litterario). — Juizo critico sobre o Monge de Cister. — Poetas lyricos da geração nova. Mendes Leal. — Memorias de litteratura contemporanea. — Oradores portuguezes. José Estevão; Raymundo Antonio de Bulhão Pato. — Cartas ao sr. ministro da justiça sobre o uso que faz do pulpito e da imprensa uma facção do clero portuguez. — O duque de Saldanha e o conde de Thomar. — Muitos artigos em varios jornaes portuguezes.

Pertence-lhe a nota *Adivinhação e prophacia*, 1 - 451.

LUSO DA SILVA (vide Augusto).

## M

MACHADO (vide Julio Cesar).

MAGALHÃES COUTINHO (vide José Eduardo).

MAGALHÃES (vide João de Sousa Pinto de).

MALHÃO (vide Francisco Raphael da Silveira).

**MANOEL MARIA BORDALO PINHEIRO.** De Lisboa. Da Secretaria da Camara dos Dignos Pares, antigo alumno da Academia das Bellas Artes de Lisboa, introductor da gravura em madeira em Portugal com o jornal o Panorama, fundador e director da officina de esculptura da Praça da Alegria, desenhador por muitos annos dos vestuarios dos principaes theatros de Lisboa.

Autor das seguintes obras artisticas :

Desenhos no Museu Pittoresco. — Illustrações dos poemas : Miragaia, Ruy o escudeiro, Figueiredo. — Copias feitas em Madrid, e conservadas no gabinete dos ex.<sup>mos</sup> duques de Palmella de quadros de Velasquez e Murillo. — Quadros originaes como o Juizo de Salomão, o Tributo das cem donzellas, Vasco da Gama na ilha dos Amores, Camões e o João, O baptismo do Senhor existente na igreja de S. José de Lisboa, O padre João de Brito cathequisando os indios de Maduré. — Retratos em grande numero e nomeadamente o de El-Rei o Senhor D. Pedro v. — Quadros ; tem executado em esculptura : os anjos apparecendo a Abrahão, uma estatua de Moysés, outra do Repouso, outra da Jurisprudencia, o busto para o tumulo de José Felix Nogueira, o do cardeal Carvalho para a camara dos dignos pares, o grupo do Camões e o João, a estatua do duque de Palmella, e a de A. F. de Castilho.

Autor das seguintes obras litterarias :

A Esmeralda, relicario infantil. — O Duende, comedia imitada do hespanhol. — Os costumes militares da monarchia portugueza. — Fundador do Jornal das Bellas Artes.

Pertence-lhe a nota *A fuga de Eneas*, III - 266.

**MANOEL DA SILVA PASSOS.** Do Porto. Bacharel formado em canones e em leis pela Universidade de Coimbra, deputado ás

Cortes em quasi todas as legislaturas, Ministro e Secretario de Estado honorario.

Autor d'um grande numero d'artigos em jornaes, de muitos relatorios e projectos de lei.

Tinha ineditas poesias. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *Sybelle e Attis*, II - 472.

**MARCELLIANO RIBEIRO DE MENDONÇA.** Do Funchal. Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; vereador da Camara Municipal do Funchal, membro da Junta do Conselho do Districto, secretario, commissario dos estudos, ex-professor de grammatica latina e latinidade, de grammatica geral e logica, de oratoria, poetica e litteratura classica, e principalmente a nacional, de historia chronologica e geographia, fundador da Associação de Conferencias.

Tem publicado varios artigos e relatorios em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Juizos humanos*, III - 238.

**MARCUS DALHUNTY.** De Belfast, na Irlanda. Com o curso de mathematica na antiga Academia de Marinha, professor do Collegio Militar.

Autor das seguintes obras impressas:

Grammatica ingleza. — Explicações de arithmetica theorica e pratica para o ensino popular. — Explicações de arithmetica superior, em seguimento ás da elementar. — Coincidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, em quanto durou neste reino a linha Affonsina. — A Compendium of the new system of weights and measures, by Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, etc. adopted for the use of schools in England. — The National Printing Office and its products; historical and statistical eclaircissements by an employe in that establishment, dedicated to the great international jury.

Tem por publicar :

Compendio de Geometria. — Diccionario portuguez-inglez e inglez-portuguez.

Pertence-lhe a nota *Razão de começar o anno no inverno*, 1 - 331.

MARIA DO CARMO DE CASTRO (D.) De Lisboa.

Tem por publicar varios versos.

Pertence-lhe a nota *Os casamentos entre os romanos*, III - 390.

MARIA JOSE' DA SILVA CANUTO (D.) De Lisboa. Professora regia, da Associação Promotora de Educação Popular, e do Gremio Popular.

Autora de varios artigos em prosa e verso em muitos jornaes. — Traductora do Jocelyn de Lamartine.

Pertence-lhe a nota *Lemurias*, III - 261.

MARIA DO PATROCINIO DE SOUSA (D.) Do Porto.

Tem publicado poesias fugitivas em varios periodicos.

Pertence-lhe a nota *Saudades da patria*, III - 278.

MARIA PEREGRINA DE SOUSA (D.) Do Porto.

Autora das seguintes obras impressas :

Retalho do mundo. — Bernardo del Carpio. — Erico e Batile. — Jacques 1. — Chacara. — Um cavalleiro portuguez. — A noiva de Lissibona. — Historia de Adelaide. — A falta de uma mãe. — Longinhos. — Zulima ou a cruz de oiro. — Ricardo e Margarida. — Roberta. — O amor missionario. — Vinganças de vinganças. — Uma historia contada a tempo. — Egoismo com capa de amor. — O tutor de Virginia. — Uma boa filha é a alegria de uma boa mãe. — Uma vida amargurada. — O caval-

leiro do cruzado novo, e o cavalleiro do botão de rosa. — O jogador. — O magnetismo. — O homem dos proverbios. — Fatalidade. — Carolina. — Consequencias de um máo passo. — Amarilis no campo. — Sala de visitas e pavorosa saída. — Os fantasmas. — Testamentos vocaes: — Aristocracias diversas, ou o genro desejado. — Providencias de Alvaro, e incurias de seu irmão. — O sobrinho da tia Brigida. — Passados quatro annos. — Henriqueta. — Inconstancia involuntaria. — Pepa. — Collaborou com romances, artigos, e poesias nos jornaes Archivo Popular, Pobres do Porto, Revista Universal Lisbonense, Lidador, Braz Tisana, Miscellanea Poetica do Porto, Bardo, Grinalda, Pirata, Iris do Rio de Janeiro.

Tem por publicar :

Rhadamanto.

Pertencem-lhe as notas (sem titulo), I - 571. *Cá e lá*, I - 381. *Influzos do leite*, I - 572. *Pancadas de amor*, I - 572. *Casamentos mal estreados*, I - 577. *Additamento á eliciação do raio*, II - 278. *Saturno*, II - 474. *Conjurios ao nascer do sol*, II - 551. *Saltar fogueiras*, II - 552. *Maias*, III - 236. *Medo aos fnados*, III - 264. *Malefcios de pessima qualidade*, III - 363. *Como os tempos julgam os tempos*, III - 460. *Incerteza das balanças do mundo*, III - 502. *Privilegio das aves*, III - 532. *Estriges e bruxas*, III - 582.

MARINO MIGUEL FRANZINI. De Lisboa. Conselheiro e Ministro de Estado honorario, Grão-Cruz e Commendador da ordem de Christo, Par do Reino; ex-brigadeiro da extincta brigada de marinha, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, ex-sub-director do Archivo Militar, ex-inspector da Real Cordoaria, deputado ás Cortes em varias legislaturas, vogal do Conselho de Justiça Militar.



Autor das seguintes obras impressas :

Carta hydrographica das costas de Portugal, e o seu respectivo roteiro, offerecido a Sua Magestade o Senhor D. João vi, a qual foi gravada em Inglaterra por ordem do almirantado em tres folhas, e reproduzida em França no deposito maritimo por ordem do governo. Este trabalho teve a felicidade de ser assaz aceito e elogiado pelas duas primeiras nações maritimas da Europa, e serve hoje ainda para regular e dirigir a navegação dos navios que demandam as nossas costas. — Extensa analyse ácerca do regulamento militar do marechal Beresford. — Estatisticas e considerações sobre a mortalidade annual e mensal de Lisboa, e sobre as duas epidemias que recentemente assolaram esta capital. — Orçamento da receita e despesa de Portugal e da sua divida, acompanhado de observações, e exames criticos sobre tal assumpto, a qual foi mui bem aceita em Portugal e até mesmo em paizes estrangeiros. — Varios artigos e memorias sobre meteorologia, e outros assumptos em varios jornaes e especialmente na Revista Universal Lisbonense e no Diario do Governo.

Tem por publicar :

Carta topographica do reino de Portugal, em grande escala.  
— Carta do golpho Adriatico. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *A meteorologia e o seu porvir*, III - 578.

MARQUES (vide José Antonio).

MARQUEZ DE ABRANTES. (D. José Maria da Piedade de Lancastre Tavora e Lorena Silveira Valente Castello Branco Almeida e Sá Menezes e Vasconcellos). De Lisboa. 1.º Marquez de Abrantes com honras de parente, 13.º Conde de Penaguião, 10.º Conde de Villa Nova de Portimão, Senhor das villas de Abrantes, Sardoal, Penaguião, Cever e Sobrado

Autor de varias poesias e artigos nos jornaes Revista Universal, Catholico, e Nação.

Pertence-lhe a nota *Sacrificios*, I - 430.

**MARQUEZ DE LAVRADIO.** (D. Antonio de Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Ataide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre). De Lisboa. 5.º Marquez de Lavradio, e 8.º Conde de Avintes; membro em Roma das Academias: de Religião Catholica, de S. Lucas, dos Virtuosos do Pantheon, de Archeologia, e pastor da Arcadia.

Autor das seguintes obras impressas:

Algumas reflexões em resposta á reacção ultramontana em Portugal ou á concordata de 21 de fevereiro. — Discurso repetido pelo marquez de Lavradio D. Antonio, procurador eleito pelos povos de Torres Vedras, na 1.ª conferencia que o braço dos povos celebrou em S. Francisco da cidade. — Historia abreviada das sociedades secretas. — Reflexões sobre a cholera morbus nos animaes brutos. — Algumas observações sobre a inquisição, sobre os cruzados e outros objectos analogos, etc.

Pertence-lhe a nota *Capitolio*, III - 461.

**MARQUEZ DE REZENDE.** (D. Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes). De Torres Vedras. Grão-Cruz das ordens de Christo, da Torre e Espada, da Coroa de Ferro, da Estrella Polar, e de S. Jorge; Cavalleiro de Malta, mordomo mór de Sua Magestade a Imperatriz do Brazil viuva, duqueza de Bragança, antigo Gentil-Homem da Real Camara, e antigo ministro nas Cortes de Vienna, S. Petersbourg, e Paris; socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia Real das Sciencias de Munich, do Instituto d'África, da Academia franceza d'Industria Agricola, Manufactureira e Commercial, da Sociedade de Estatistica Universal, e da Sociedade Real de Navegação de Londres.

Autor das seguintes obras impressas :

Eclaircissements historiques sur mes negotiations relatives aux affaires de Portugal. — Memoire sur l'origine de la langue portugaise. — Souvenirs de Coimbre. — Elogio historico de Sua Magestade o Senhor D. Pedro Duque de Bragança. — Observações de uma passagem da oração fudebre de Sua Magestade o Senhor D. Pedro I, imperador do Brazil e Rei de Portugal, recitada pelo arcebispo de Lacedemonia em 24 de setembro de 1835. — Descrição e recordações historicas do paço e quinta de Queluz. — Embaixada d'El-Rei D. Manoel ao papa Leão x. — Uma semana santa em Roma. — Breve noticia da familia real de Hohenzollern. — Descrição de Dresde. — Ultimos momentos da Rainha D. Estephania. — Memoria sobre quatro cartas geographicas antigas e manuscriptas em pergaminhos, que se acham no Conservatorio Militar de mappas em Munich ; (esta memoria foi lida por s. ex.<sup>a</sup> na sessão litteraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 30 de outubro de 1850). — Uma carta na Revista Contemporanea desfazendo uma equivocação historica, ácerca da sua familia. — Elogio historico de José de Seabra e Silva, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 10 de março de 1861. — Varios artigos publicados no Panorama e na Illustração Luso-Brazileira.

Tem por publicar :

Taboas chronologicas dos reis de Portugal. — Rhetorica portugueza.

Pertence-lhe a nota *Titulo de Augusto*, I - 478.

MARTINS DE ANDRADE (vide Francisco).

MATHILDE DE SANT'ANNA (D.) Da Madeira.

Tem para publicar :

Contos a minhas netas, e outros opusculos.

Pertence-lhe a nota *Maior*, III - 189.

**MENDES LEAL** (vide José da Silva).

**MENDONÇA** (vide Marcelliano Ribeiro de).

**MONTEIRO** (vide José Gomes).

**MONTEIRO** (vide José Maria de Sousa).

**MORAES** (vide Antonio Joaquim Coelho de).

**MORREIRA FREIRE MANOEL DE ABOIM** (vide José).

**N**

**NEGRÃO** (vide Felix Manoel Placido da Silva).

**NUNES** (vide Claudio José).

**O**

**OLIVEIRA PIMENTEL** (vide Visconde de Villar Maior).

**P**

**PAIVA** (vide Barão de Castello de).

PASSOS (vide Manoel da Silva).

PEREIRA DA CUNHA (vide Antonio).

PEREIRA RODRIGUES (vide José Maria).

PEREIRA (vide João Felix).

PIMENTEL (vide Visconde de Villar Maior).

PINTO DE MAGALHÃES (vide João de Sousa).

POLYCARPO FRANCISCO DA COSTA LIMA. De Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Elementos de economia politica. — Artigos de economia publica na Revista Universal e em varios jornaes. — Fundador e redactor dos jornaes : a Liga, e Revista Mensal.

Tem por publicar :

Memoria sobre historia philosophica da administração publica, para ser offerecida á Academia Real das Sciencias.

Pertence-lhe a nota *Padaria antiga e moderna*, III - 467.

PUSICH (vide D. Antonia Gertrudes).

## RR

RAMOS COELHO (vide José).

REBELLO DA SILVA (vide Luiz Augusto).

RIBEIRO DE MENDONÇA (vide Marcelliano).

RIBEIRO SARAIVA (vide Antonio).

RIBEIRO (vide Carlos).

RIBEIRO (vide José Silvestre).

RODRIGUES DE BASTOS (vide José Joaquim).

RODRIGUES CORDEIRO (vide Antonio Xavier).

RODRIGUES DE GUSMÃO (vide Francisco Antonio).

RODRIGUES SAMPAIO (vide Antonio).

RODRIGUES (vide Francisco de Assis).

RODRIGUES (vide José Maria Pereira).

ROQUETE (vide José Ignacio).

SA' E CASTRO (vide Antonio Lopo Corrêa de).

SALDANHA (vide Duque de).

SAMPAIO (vide Antonio Rodrigues).

SANT'ANNA (vide D. Mathilde).

SEABRA (vide Antonio Luiz de).

SEBASTIÃO PHILIPPE MARTINS ESTACIO DA VEIGA. De Tavira. Official da Secretaria da Sub-Inspeção Geral dos Correios e Postas do Reino.

Ex-redactor e collaborador de varios jornaes litterarios e politicos, e actualmente na secção litteraria do jornal A Nação, e no periodico de Madrid La America. — Collaborador na Encyclopedia para o uso das escólas, e no Almanach de lembranças.

Autor das seguintes obras por publicar :

Romanceiro do Algarve, um vol. — Cantigas populares da minha terra, um vol. — Memoria sobre varios monumentos, inscrições, e outras antiguidades do Algarve, comprehendendo uma noticia das notaveis moedas romanas, e arabes, encontradas naquella provincia, um vol. — Poesias, um vol. — A Rosa do mosteiro, poemeto lyrico em 4 cantos. — A Captiva de Santa Cruz, drama historico.

Pertence-lhe a nota *Hercules e os seus templos*, 1-469.

SEQUEIRA (vide José da Costa).

SERPA PIMENTEL (vide Visconde de Gouvea).

SILVA ABRANCHES (vide Guilherme da).

SILVA CANUTO (vide D. Maria José da).

SILVA PASSOS (vide Manoel da).

SILVA (vide Henrique Augusto).

**SILVA** (vide Innocencio Francisco da).

**SILVA** (vide Joaquim Antonio da).

**SILVEIRA LOPES** (vide Valentim José de).

**SILVEIRA MALHÃO** (vide Francisco Raphael).

**SILVEIRA DA MOTTA** (vide Ignacio Francisco).

**SIMAS** (vide João José de).

**SOARES DE PASSOS** (vide Antonio Augusto).

**SOUSA DE MACEDO** (vide D. Antonio da Costa de).

**SOUSA MONTEIRO** (vide José Maria de).

**SOUSA TELLES** (vide João José de).

**SOUSA** (vide Antonio José de).

**T**

**TEIXEIRA DE VASCONCELLOS** (vide Antonio Augusto).

**TELLES** (vide João José de Sousa).

**THOMAZ DE CARVALHO.** Do Porto. Lente da Escola Medi-



co-Cirurgica de Lisboa, da Academia Real das Sciencias, da Sociedade das Sciencias Medicas, da Associação Promotora de Educação Popular, deputado ás Cortes em varias legislaturas.

Autor das seguintes obras impressas :

Memoria sobre os ossos do carpo e do metacarpo. — Discurso pronunciado na camara dos senhores deputados sobre o monopolio do tabaco. — Discurso pronunciado na Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa na sessão solemne de abertura no dia 5 d'outubro de 1859. — O ministerio, o rei, e o paiz, revelações. — Varios artigos em diversos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Esculapio*, 1 - 421.

THOMAZ DIAS (vide José Martinho).

THOMAZ RIBEIRO. Dê Parada de Gonta, concelho de Tondella, districto de Vizeu. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, sócio do Instituto da mesma cidade, deputado ás Cortes.

Autor das seguintes obras impressas :

D. Jayme ou a dominação de Castella. — Varias poesias em diversos jornaes scientificos e litterarios.

Tem por publicar :

Um vol. de poesias.

Pertence-lhe a nota *Caristias*, 1 - 609.

TORRES E ALMEIDA (vide Joaquim Januario de Sousa).



VALENTIM JOSÉ DA SILVEIRA LOPES. De Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas :

Almanach omnibus para os annos de 1854 e 1855. — Relatorio do Collegio de Humanidades. — Compendio de corographia portugueza. — Sete de setembro, drama. — Traducção da historia do judeu errante. — Varios artigos em muitos jornaes.

Pertence-lhe a nota *Bruto o Callaico*, III - 497.

VIALE (vide Antonio José).

VISCONDE DA CARREIRA. (Luiz Antonio de Abreu e Lima). De Vianna do Minho. 1.º Visconde da Carreira com grandeza. Grão-Cruz das ordens da Torre e Espada, e de S. Bento de Aviz, Commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão-Cruz da de Leopoldo da Belgica, do Leão Neerlandez dos Paizes-Baixos, da Aguia Vermelha da Prussia, da de Ernesto Pio de Saxe-Coburgo-Gotha, de S. Genaro de Napoles, de Albrecht de Saxe, da Legião de Honra de França, da de S. Januario das Duas Sicilias, da de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha, Cavalleiro de 3.ª classe da de S. Wladimiro da Russia, Conselheiro de Estado effectivo, Aio de Suas Altezas os Infantes, Official mór da Casa Real, Ministro e Plenipotenciario em disponibilidade; marechal de campo reformado, antigo ajudante de campo do governador geral de Angola, ex-secretario e encarregado de negocios da Legação Portugueza em S. Petersburgo, designado membro da regencia da Terceira, agente em Londres do governo de D. Maria II durante a guerra dynastica,

socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da fundação do Instituto Historico de Paris, da Academia Nacional de Agricultura, Industria Fabril, e Commercio de França, da Sociedade Franceza de Estatistica Universal, da Academia de Santa Cecilia de Roma, da Real Sociedade Jenneriana de Londres.

Autor das seguintes obras impressas :

Carta escripta a Silvéstre Pinheiro Ferreira, ministro dos negocios estrangeiros, que acompanhava outra para Sua Magestade com a exposição dos motivos que decidiram a Luiz Antonio de Abreu e Lima, ministro na corte de S. Petersburgo, a não prestar juramento á constituição politica da monarchia portugueza. — La legitimité et le Portugal, reveries d'un portugais. — Investigations politiques par mr. d'Albemireau, portugais. — Quelques observations sur l'article *Portugal* de l'annuaire historique universel pour 1834. — Exposição dos motivos porque o visconde da Carreira, ministro de Portugal em Paris, se recusa a jurar a constituição de 1822. — Mémoires et pièces justificatives sur les reclamations des sujets portugais contre la France. — Memoria pratica sobre o modo de colher a azeitona, de a guardar, e tratar entre a colheita e a moenda, e de fazer o azeite, offerecida aos lavradores de Portugal. — Discurso do sr. visconde da Carreira, vice-presidente da Sociedade Promotora da Industria Nacional, em 24 de novembro, na sessão da inauguração do busto do duque de Palmella. — Memoria sobre pêsos e medidas, e a reforma de que carecem em Portugal, feita por Albemireau. — Memoria sobre as colonias de Portugal, situadas na costa occidental d'Africa, mandada ao governo pelo antigo governador e capitão general do reino de Angola, Antonio de Saldanha da Gama, em 1814, precedida de um discurso preliminar, e augmentada de alguns additamentos e notas.

Pertence-lhe a nota *Musica*, 111 - 503.

**VISCONDE DE GOUVEA.** (José Freire de Serpa Pimentel). De Coimbra. 2.º Visconde de Gouvea, Senhor dos morgados dos Prazeres de Gouvea, Amparo dos Paços, Sacramento do Penso, S. Sebastião da Guarita, e Nabainhos, Par do Reino; juiz de direito de Celorico da Beira, ex-governador civil do districto do Porto, socio honorario do Instituto de Coimbra, membro do Conservatorio Real de Lisboa.

Autor das seguintes obras impressas:

D. Sisnando conde de Coimbra, drama. — O Almansor Aben-Afan ultimo rei do Algarve, drama premiado pelo jury dramatico do Porto. — D. Sancho II, drama rejeitado pelo Real Conservatorio de Lisboa no concurso das peças para a chamada abertura do theatro de D. Maria II, em sessão de 7 de março de 1846. — Paulo e Virginia, cantata dedicada ás bellas conimbricenses. — Solãos. — Tradições cavalleirosas da minha patria: 1.ª época. — A Moira de Monte-mór, romance. — Cancioneiro, parte I, solãos. — A morte da infanta D. Maria Telles, episodio. — O infanção das trovas, fragmentos de uma historia. — D. Lucinda Moniz, soláo em tres partes. — S. Thiago e Belzebuth, soláo em seis partes. — Bernardim Ribeiro, soláo em quatro partes. — A virgem e martyr Santa Comba, soláo. — Engracia Lamilha, idem. — O cid, solãos. — Varias poesias em diversos jornaes.

Tem por publicar:

A boda em trajes de frasqueira, farça. — A actriz, drama. — Uma judia na corte de El-Rei D. João III, idem.

Pertence-lhe a nota *Fim*, III - 583.

**VISCONDE DE JUROMENHA.** (João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda). De Lisboa. 2.º Visconde e segundo Alcaide-mór de Juromenha, 15.º Senhor do morgado de Valle Formoso, Comendador da ordem de S. Bento de Aviz.

bonense, Annaes da Sociedade Promotora de Industria Nacional, etc. (Fallecido).

Pertence-lhe a nota *Festas vinaes*, II - 566.

**VISCONDE DE VILLAR MAIOR.** (Julio Maximo d'Oliveira Pimentel). Da Torre de Moncorvo. 1.º Visconde de Villar Maior. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Cavalleiro da Torre e Espada, de S. Bento de Aviz, e da Legião de Honra, Fidalgo cavalleiro da Casa Real; bacharel formado em mathematica, lente de chimica na Escóla Polytechnica, ex-presidente da 1.ª classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, director do Instituto Agricola, ex-director interino na Escóla Polytechnica, e no Instituto Industrial, ex-presidente da Camara Municipal de Lisboa, major graduado, ex-deputado ás Cortes, ex-membro do Jury internacional na exposição de Paris, da Commissão de Pautas, do Conselho Geral do Commercio e Industria, e vogal no Conselho de Saude por occasião da febre amarella.

Autor das seguintes obras impressas :

Curso de chimica elementar. — Lições de chimica geral e suas principaes applicações. — A agricultura e a chimica, lições sobre a dependencia em que a agricultura racional está da chimica, professadas no Gremio Litterario em 1849. — Analyse das aguas mineraes das Caldas da Rainha em julho de 1849, com um additamento importante a esta obra em 1858. — Analyse das aguas mineraes do Gerez feita em 1850. — Estudo chimico da agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel, offerecida á Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Uma carta sobre a composição chimica das aguas de Moira, no Alemtejo. — Memoria sobre a composição chimica da semente do amenduby (*arachis hypogea*). — Memoria sobre a producção do sulfato de soda natural do volcão da ilha do Fogo no archipelago de Cabo Verde.

— Elogio historico de Luiz Mousinho d'Albuquerque. — Rapport sur les Huiles et Graisses, dans la collection des rapports du jury mixte international à l'exposition universelle de 1855.

— Sur la composition du suif de mafurre, communication faite à l'Academie des Sciences de Paris par mrs. Oliveira Pimentel et J. Bouis. — Note sur les acides gras du brindão de Goa. —

Relatorio sobre a exposição universal de Paris; artes chemicas.

— Revista chimica e varios artigos originaes nos Annaes das Sciencias e Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Pertencem-lhe as notas *Os tira-nodoas e o sabão*, II-318. *A tinturaria dos antigos*, II-327. *Dos esmaltes e da pintura encaustica entre os antigos*, II-351.



# PUBLII OVIDII NASONIS

## FASTORUM



### LIBER I

#### Januarius mensis

---

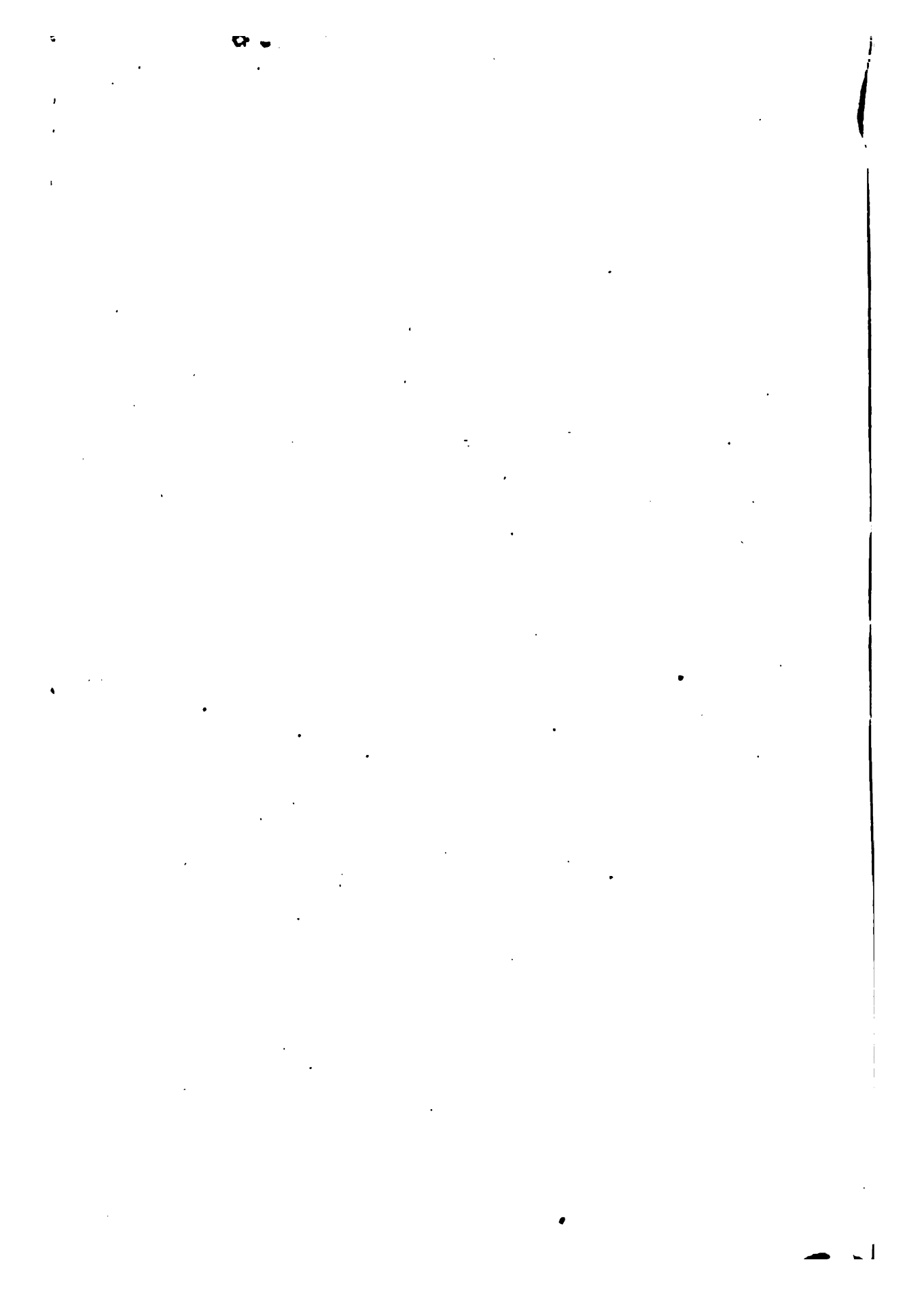
**T**empora cum causis Latium digesta per annum,  
Lapsaque sub terras, orta que signa, canam.

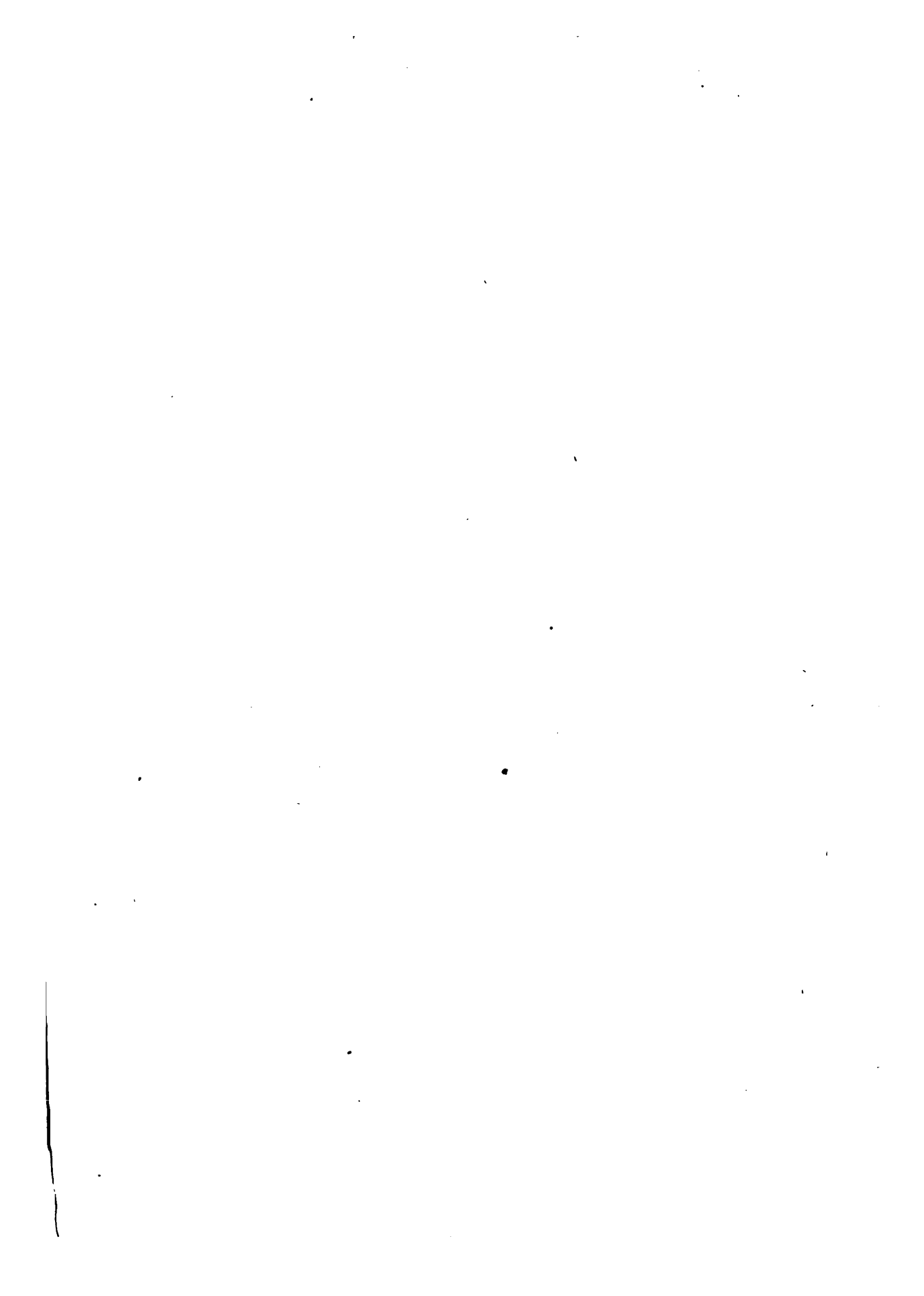
**Excipe pacato, Caesar Germanice, vultu**  
**Hoc opus; et timidae dirige navis iter.**  
**Officiique levem non aversatus honorem,**  
**In tibi devoto munere, dexter ades.**

**Sacra recognosces Annalibus cruta priscis;**  
**Et quo sit merito quaeque notata dies.**  
**Invenies illic et festa domestica vobis:**  
**Saepe tibi pater est, saepe legendus avus.**  
**Quaeque ferunt illi pictos signantia Fastos,**









# PUBLII OVIDII NASONIS

## FASTORUM



### LIBER I

#### Januarius mensis



**T**empora cum causis Latium digesta per annum,  
Lapsaque sub terras, ortaque signa, canam.

**Excipe** pacato, Caesar Germanice, vultu  
Hoc opus; et tímidae dirige navis iter.

**Officii**que levem non aversatus honorem,  
In tibi devoto munere, dexter ades.

**Sacra** recognosces Annalibus eruta priscis;  
Et quo sit merito quaeque notata dies.

**Invenies** illic et festa domestica vobis:  
Saepe tibi pater est, saepe legendus avus.

**Quaeque** ferunt illi pictos signantia Fastos,

# OS FASTOS DE OVIDIO

TRADUZIDOS EM VERSO PORTUGUEZ

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

---

## LIVRO I

● **mez de Janeiro**

---

**F**estas do lacio anno, origens suas,  
quaes astros vão, quaes vêm, dirão meus versos.

Proposi-  
ção e de-  
dicatória  
do Poema

Acolhe-os tu, Germanico ! surri-lhes !  
a timido baixel sê norte, ó Cesar !  
proteja teu favor a humilde off'renda.

Na dos priscos annaes sagrada mina  
ver-me-has andar notando os fundamentos  
ás modernas usuaes solemnidades,  
e a cada dia consignar seus fóros.  
Fastos vossos domesticos mil vezes  
virão de Roma aos fastos inlaçar-se :  
já do pae, já do avô lerás os nomes.  
Como elles ambos nos annaes do culto

Scilicet arma magis, quàm sidera, Romule, noras :

Curaque finitimos vincere major erat.

Est tamen et ratio, Caesar, quae moverit illum ;

Erroremque suum quo tueatur, habet :

Quod satis est, utero matris dum prodeat infans,

Hoc anno statuit temporis esse satis.

Per totidem menses a funere conjugis uxor

Sustinet in vidua tristia signa domo.

Hoc igitur vidit trabeati cura Quirini,

Quum rudibus populis annua jura daret.

Martis erat primus mēsis, Venerisque secundus ;

Haec generis princeps, ipsius ille pater ;

Tertius a senibus ; juvenum de nomine quartus :

Quae sequitur, numero turba notata fuit.

At Numa nec Janum, nec avitas praeterit umbras,

Mensibus antiquis apposuitque duos.

Ne tamen ignores variorum jura dierum,

Non habet officii Lucifer omnis idem.

Ille nefastus erit, per quem tria verba silentur :

Fastus erit, per quem lege licebit agi.

Neu toto prestare die sua jura putaris ;

Qui jam fastus erit, mane nefastus erat.

Nam simul exta Deo data sunt, licet omnia fari ;

Verbaque honoratus libera praetor habet.

Se, como de astros, intendêras de armas,  
mal por ti, pobre Romulo ! esses loiros  
que em derredor ceifaste, onde estariam ? !

D'aquelle erro de Romulo com tudo  
inda alguma rasão se aventa, ó Cesar :  
do gerar ao nascer dez mezes correm ;  
dez mezes a viuvez conserva o lucto ;  
suppoz que espaço equal bastasse ao anno.  
De um povo inculto o inculto purpurado  
não abrangia a mais. A Marte off'rece  
o mez primeiro, a Venus o segundo ;  
porque em Venus lhe prende a clara stirpe,  
e Marte foi seu pae ; terceiro, aos velhos ;  
aos mancebos o quarto ha destinado.  
Aos outros seis do numero fez nome.

Vem Numa ; vê que a Jano, e aos patrios mortos,  
fallece um culto ; para dar-lh'o, cria  
mais dois mezes, que aos dez prepõe na ordem.

Anno de  
Numa

Indole vária as leis hão dado aos dias ;  
têm diverso mister os soes diversos.

Dias fastos  
e nefastos

Cala o *dia nefasto* as tres *palavras* ;  
causas versa no fôro o *fasto dia*.

D'estas duas oppositas naturezas  
dias com tudo vêm que participam :  
nefastos de manhã, de tarde fastos.  
Mal que a entranha da rez ao deus foi dada,  
póde livre soar pregão forense,  
e exercer o pretor seu nobre encargo.

Est quoque, quo populum jus est includere septis;

Est quoque, qui nono semper ab orbe redit.

Vindicat Ausonias Junonis cura Kalendas :

Idibus alba Jovi grandior agna cadit.

Nonarum tutela Deo caret; omnibus istis,

Ne fallare, cave, proximus ater erit.

Omen ab eventu est: illis nam Roma diebus

Damna sub adverso tristia Marte tulit.

Haec mihi dicta semel, totis haerentia Fastis,

Ne seriem rerum scindere cogar, crunt.

Eccæ tibi faustum, Germanice, nuntiat annum ;

Inque meo primus carmine Janus adest.

Jane biceps, anni tacite labentis origo ;

Solus de Superis qui tua terga vides ;

Dexter ades ducibus, quorum segura labore

Dias ha, outrosim, para comicios,  
que apinhoam de povo o Campo-Marcio ;  
e dias, que ao mercado impreteriveis  
de cada lua o nono disco aponta.

Dias comi-  
ciaes, dias  
nundinaes

As *Calendas* na Ausonia arroga-as Juno ;  
nos *Idos* cahe a Jupiter cordeira  
alva e nedia ; sem nume`as *Nonas* ficam.  
*Nonas, idos, calendas*, egualmente,  
(notae bem, que no errar corrêreis p`rigo !)  
têm *dia negro* apoz ; tremendo agoiro,  
que a historia com successos nos confirma,  
pois sempre em dias taes contrario evento  
deu Marte mal propicio ás nossas armas.

Calendas,  
Idos e No-  
nas

D'estas noções, que têm de vir frequentes  
co'os *Fastos* misturar-se, aqui me aprouve  
tecer preludio breve aos longos cantos,  
que importunas depois m'os não quebrassem.



Lá vem Jano ! lá chega ! a ti, grão Cesar,  
traz novo anno feliz nuncio risonho ;  
para mim, cantor seu, traz-se a si mesmo.

Janeiro 4  
—Jano e  
sua festa

Nas boas horas para nós descendas,  
bifronte divinal, eterna origem  
dos annos tacitifluos ; deidade,  
que, unica entre ellas, para traz descobres !  
propicio assiste aos chefes generosos,



Otia terra ferax, otia pontus agit.

Dexter ades, patribusque tuis, populoque Quirini;

Et resera nutu candida templa tuo.

Prospera lux oritur; linguisque animisque favete;

Nunc dicenda bono sunt bona verba die.

Lite vacent aures, insanaque protinus absint

Jurgia; differ opus, livida lingua, tuum.

Cernis, odoratis ut luceat ignibus aether,

Et sonet accensis spica Cilissa focis?

Flamma nitore suo templorum verberat aurum,

Et tremolum summa spargit in aede jubar.

Vestibus intactis Tarpeias itur in arces;

Et populus festo concolor ipse suo est.

Jamque novi praeceunt fasces; nova purpura fulget;

Et nova conspicuum pondera sentit ebur.

Colla rudes operum praebent ferienda juvenci,

Quos aluit campis herba Falisca suis.

Jupiter, arce sua totum quum spectet in orbem,

Nil, nisi Romanum, quod tueatur, habet.

cujo heroico valor mantem segura  
a fertil terra em paz, em paz os mares !  
propicio ao teu senado ! alfim propicio  
a todo o povo do immortal Quirino !  
Vem, vem ! ao teu aceno os alvos templos  
de par em par festivos se descerrem.

Que alegre aurora pelos ceos desponta !  
religiosa attenção, silencio, ó turbas !  
ruim palavra sussurrar não ouse !  
convém ao *dia bom* palavras *boas*.  
Longe os pleitos crueis, a rixa insana ;  
e tu, censor mordaz, teu fel não vertas !

O dia de  
anno bom  
no Capito-  
lio

¿ Vedes as rescendentes labaredas ?  
¿ Sentís no fogo crepitar fumosas  
fartas espigas de cilisso nardo ?  
Da viva flama o rosicler esplendido  
da sacra estancia nos doirados tremulos  
borbuletêa, e na profunda abobada  
estampa alto clarão ! de toda a parte,  
de gallas novas, como cabe á festa,  
acode povo e povo ao Capitolio !

Vêl-os que vêm chegando, os novos *feixes* !  
Nova *purpura* os segue ! A consul novo  
vai o *curul marfim* ser nobre assento !  
Gordos bezerros dos faliscos pastos  
dão a intacta cerviz ao sacro ferro.

Jove, que lá do Olympo abrange o orbe,  
romano todo o vê. Salve mil vezes,

Salve, laeta dies; meliorque revertere semper,  
A populo rerum digna potente coli.

Quem tamen esse Deum te dicam, Jane biformis?  
Nam tibi par nullum Graecia numen habet.  
Ede simul causam, cur de caelestibus unus,  
Sitque quod a tergo, sitque quod ante, vides.

Haec ego quum sumptis agitare[m] mente tabellis,  
Lucidior visa est, quam fuit ante, domus.  
Tum sacer ancipiti mirandus imagine Janus  
Bina repens oculis obtulit ora meis.  
Obstupui; sensique metu riguisse capillos;  
Et gelidum subito frigore pectus erat.

Ille tenens dextra baculum, clavemque sinistra,  
Edidit hos nobis ore priore sonos:

Disce, metu posito, vates operose dierum,  
Quod petis, et voces percipe mente meas.

Me Chaos antiqui (nam res sum prisca) vocabant.  
Adspice, quam longi temporis acta canam:

Lucidus hic aer, et, quae tria corpora restant,  
Ignis, aquae, tellus, unus acervus erant.

Ut semel haec rerum secessit lite suarum,  
Inque novas abiit massa soluta domos;

Flamma petit altum; propior locus aera cepit:

ó mui risonho dia ! e mais risonho  
possas tu de anno em anno alvorecer-nos,  
sempre do povo-rei credor aos cultos !

¿ Que Nume és tu porem, biforme Jano,  
para que os versos meus te não falsêem ?  
deidade igual a ti não teve a Grecia !  
¿ Por que razão tambem, só tu desfrutas  
esse vêr simultaneo atraz e ávante ?

Invoca o  
Poeta a Ja-  
no

Como entre mim d'est'arte eu meditava,  
de estilo em punho, co'as tabellas promptas,  
sem me ousar decidir, eis, per si mesma,  
se me clarêa a subitas a estancia !,  
e me apparece Jano ! o proprio ! o nume  
dos rostos dois, da duplicada vista !  
bago na dextra, na sinistra, chave !  
Eu pasmo ! eu tremo ! eu gelo ! eu me arripio !....  
Foge-me a côr e a voz !.... — « Despede o susto,  
« laborioso cantor dos lacios dias —  
em tom benigno exclama — « a luz que imploras,  
« quiz eu proprio trazer-t'a : *origens* sondas,  
« mostrar-te *origens* venho. Entre os antigos  
« (que eu sou coisa antiquissima) fui cahos ;  
« (vê de quão longe te deduzo a historia)  
« este ar lucido, a terra, o fogo, as aguas,  
« foram congerie vasta ; a massa informe  
« fermentou pouco a pouco ; os elementos,  
« obrigados da mutua antipathia,  
« se desgregam, se apartam, se collocam  
« cada qual em seu posto : o leve fogc.  
« na região mais alta ; o ar, sob elle ;

Apparece  
Jano ao  
Poeta

Origem,  
nome, for-  
ma, e attri-  
butos de  
Jano, ex-  
plicados  
por elle  
mesmo

Sederunt medio terra fretumque solo.

Tunc ego, qui fueram globus, et sine imagine moles,

In faciem redii, dignaque membra deo.

Nunc quoque, confusae quondam nota parva figurae,

Ante quod est in me, postque videtur idem.

Accipe, quesitae quae causa sit altera formae;

Hanc simul ut noris, officiumque meum:

Quidquid ubique vides, coelum, mare, nubila, terras,

Omnia sunt nostra clausa, patentque, manu.

Me penes est unum vasti custodia mundi;

Et jus vertendi cardinis omne meum est.

Quum libuit Pacem placidis emittere tectis,

Libera perpetuas ambulat illa vias.

Sanguine letifero totus miscebitur orbis,

Ni teneant rigidae condita bella serae.

Praesideo foribus coeli cum mitibus Horis;

It, redit officio Jupiter ipse meo:

Inde vocor Janus. Cui quum Cereale sacerdos

Imponit libum, mixtaque farra sali;

Nomina ridebis: modo namque Patulcius idem,

Et modo sacrificio Clusius ore vocor.

Scilicet alterno voluit rudis illa vetustas

Nomine diversas significare vices.

« no meio do universo, a terra, os mares.  
« Foi então que eu de mole informe e rude  
« assumi como deus figura e *faces* ;  
« sim : *faces* ; ¿ não m'as vês ? ¿ não vês no ambiguo  
« do meu reverso e anverso inda lembranças  
« do meu antigo ser desordenado ?

« Outra razão de serem dois meus rostos  
« me vais agora ouvir, que juntamente  
« explica o mister meu ; tudo que avistas,  
« ceo, nuvens, terra, mar, tudo se fecha,  
« se abre, por minha mão ; sou do universo  
« o guardador supremo, o que o revolve  
« em continuado giro. A paz ridente  
« sai do meu templo, porque eu mando ; e livre  
« vai folgar, vai florir por toda a parte.  
« Se eu descerrasse os meus portões ás guerras,  
« todo esse globo se affogára em sangue.  
« Vélo no atrio do ceo co'as Horas ledas.  
« Para sair e intrar, Jupiter mesmo  
« necessita de mim ; d'onde me hão feito  
« de *janitor* o titulo de *Jano*,  
« e inda outros mais, que ao mesmo officio alludem :  
« quando no altar me offerta o sacerdote  
« os salsos grãos co'a cereal fogaça,  
« que me chama o Sacrífico ? (são nomes  
« que te hão de fazer rir) : *Patulcio* e *Clusio* :  
« *Patulcio*, porque entradas *patenteio* ;  
« *Clusio*, por *clausurar* ; no que em dois termos  
« me abrangeu todo a rude antiguidade.

« Já de minha figura extravagante

Tum patitur cultus ager, et renovatur aratro:

Haec anni novitas jure vocanda fuit.

Quaesieram multis; non multis ille moratus,

Contulit in versus sic sua verba duos:

Bruma novi prima est, veterisque novissima solis;

Principium capiunt Phoebus et annus idem.

Post ea mirabar, cur non sine litibus esset

Prima dies. Causam percipe, Janus ait.

Tempora commisi nascentia rebus agendis,

Totus ab auspicio ne foret annus iners.

Quisque suas artes ob idem delibat agendo:

Nec plus quam solitum testificatur opus.

Mox ego: Cur, quamvis aliorum numina placem,

Jane, tibi primo tura merumque fero?

Ut per me possis aditum, qui limina servo,

Ad quoscumque velim prorsus habere Deos.

At cur laeta tuis dicuntur verba Kalendis,

Et damus alternas, accipimusque preces?

Tum Deus incumbens baculo, quem dextra gerebat:

« terreo bercinho á suspirada prole.  
« Então que o lavrador renova as lidas  
« novo anno encetar mais proprio fôra. » —

Calo, escuto ; â pergunta derramada  
cifra resposta o Nume em sós dois versos :  
— « Na bruma finda um sol, outro começa ;  
« assim partem de um ponto os soes e os annos. » —

Perguntei mais, porque era permittido  
que o dia de anno bom, tão caro a todos,  
com forenses questões se entediasse.

Rasão de  
ser dia de  
trabalho o  
dia de an-  
no bom

— « A razão, eil-a aqui — me volve Jano —  
« praz-me que os tempos começando activos,  
« se auspiciem fecunda actividade :  
« todos por isso no primeiro dia  
« ao solito exercicio as mãos entregam. » —

— « Tão pouco me é notorio — acudo eu logo —  
« o porque, se aos mais numes sacrificio,  
« primeiro a ti o incenso e o vinho offerto. » —

Rasão de  
se brindar  
a Jano  
antes de  
qualquer  
sacrificio

— « É que sem mim, que aos aditos presido,  
acesso a nenhum deus obter podéras. » —

— « E d'onde vem que nas calendas tuas  
« nos damos mutuamente as boas festas,  
« este ir e vir de cumprimentos faustos ?

Rasão das  
boas festas

Arrimando-se ao baculo — « Principios  
« são tudo — me responde — « o ser das coisas



Omina principiis, inquit, inesse solent.

Ad primam vocem timidas advertitis aures ;

Et visam primum consulit augur avem.

Templa patent, auresque Deum ; nec lingua caducas

Concipit illa preces, dictaque pondus habent.

Desierat paucis ; nec longa silentia feci ;

Sed tetigi verbis ultima verba meis :

Quid vult palma sibi, rugosaque carica, dixi,

Et data sub niveo candida mella cado ?

Omen, ait, causa est, ut res sapor ille sequatur,

Et peragat coeptum dulcis ut annus iter.

Dulcia cur dentur, video : stipis adjice causam,

Pars mihi de festo ne labet ulla tuo.

Risit, et, O quam te fallunt tua saecula, dixit,

Qui stipe mel sumta dulcius esse putes !

Vix ego Saturno quemquam regnante videbam,

Cujus non animo dulcia lucra forent.

Tempore crevit amor, qui nunc est summus, habendi.

Vix ultra, quo jam progrediatur, habet.

Pluris opes nunc sunt, quam prisci temporis annis ;

Dum populus pauper, dum nova Roma fuit ;

Dum casa Martigenam capiebat parva Quirinum,

« d'elles sóe depender : ¿ rompe uma falla?...  
« fitaes o ouvido entre curioso o timido ;  
« ¿ pelos ermos dos ceos uma ave aponta?...  
« n'ella o Augur estuda um vaticinio.  
« N'este dia os Celícolas têm franco  
« seu templo ás turbas, sua mente ás preces ;  
« quantos votos lá vão, cumprem-se todos. » —

Mal findou, repliquei : — « ¿ Que significa  
« este presentearmo-nos côm tamaras,  
« encarquilhados figos, e cheiroso  
« candido mel em barrilinhos alvos? » —

Rasão das  
estrêas do-  
ces no dia  
de anno  
bom

— « São presagio, são votos; — me responde —  
« quer-se que d'esta sorte auspiciado  
« corra sabr'oso e doce o anno inteiro. » —

— « Bem : dos suaves dons entendo a causa ;  
« mas dinheiro ! um vil cobre ! um az ! o estipe !  
« ¿ que mimo pode ser ? ! dá-me que o saiba ;  
« nada ignorar do teu festejo quero. » —

Rasão por-  
que em dia  
de anno  
bom se dá  
o estipe

Ri-se, e a rir me responde : — « O' simples, simples !  
« não pareces do seculo em que vamos !  
« ¿ Pois ha mel que ao dinheiro eguale em gosto ?  
« Nos dias mesmo de Saturno, o velho,  
« mais de um humano, ou dois, não sei se hei visto,  
« para quem o metal não fosse encanto.  
« Medrou de edade a edade o amor do lucro ;  
« hoje, é no galarim. Lá no principio,  
« quando o povo era pobre, e Roma infante ;  
« quando ao filho de Marte, ao grão Quirino,

Et dabat exiguum fluminis ulva torum.

Jupiter angusta vix totus stabat in aede ;

Inque Jovis dextra fictile fulmen erat.

Frondebis ornabant, quae nunc Capitolia gemmis ;

Pascebatque suas ipse senator oves.

Nec pudor in stipula placidam cepisse quietem,

Nec foenum capiti supposuisse, fuit.

Jura dabat populis posito modo consul aratro,

Et levis argenti lamina crimen erat.

At postquam Fortuna Joci caput extulit hujus,

Et tetigit summos vertice Roma Deos ;

Creverunt et opes, et opum furiosa cupido ;

Et, quum possideant plurima, plura volunt.

Quaerere ut absumant, absumta requirere certant ;

Atque ipsae vitiiis sunt alimenta vices.

Sic, quibus intumuit suffusa venter ab unda,

Quo plus sunt potae, plus sitiuntur aquae.

In pretio pretium nunc est : dat census honores ;

Census amicitias ; pauper ubique jacet.

Tu tamens auspiciam si sit stipis utile, quaeris,

« bastava por vivenda uma choupana,  
« e os juncos fluviaes por brando leito ;  
« de Jove a imagem no acanhado templo  
« custava-lhe a caber, e o formidando  
« raio que tinha em punho era de argila.  
« O Capitolio, que adereçam gemmas  
« fulgidas hoje, verdes ramos rusticos  
« enfeitavam-n-o então. Levava ao pasto  
« o proprio senador suas ovelhas ;  
« não se corria de jazer na palha,  
« e em cabeceira de oleroso feno  
« somnos tomava a bom levar dormidos ;  
« iam do arado ao tribunal os consules ;  
« ter de prata uma barra era delicto.

« Porem, depois que esplendida fortuna  
« fez da aldéa cidade, e os cumes féros  
« foram de Roma topetar co'as nuvens,  
« foram crescendo bens, co'os bens cubiças :  
« mais se tem, mais se quer ; lidam freneticos  
« para haver de que afrouxo desbaratem ;  
« freneticos depois de novo lidam  
« porque o desbaratado ás mãos lhes volte.  
« Varia, vem e vai fortuna incerta ;  
« mas sempre, ou vá, ou venha, é pasto a vicios.  
« Hydropisia de oiro insaciavel !  
« só o oiro tem valor : mercam-se as honras,  
« mercam-se protecções, mercam-se amigos ;  
« em toda a parte agora ai do que é pobre !

« Intendo os olhos teus que me interrogam :  
« queres saber se na verdade encerra

Curque juvent nostras aera vetusta manus :

Aera dabant olim ; melius nunc omen in auro est :

Victaque concedit prisca moneta novae.

Nos quoque templa juvant, quamvis antiqua probemus,

Aurea ; majestas convenit ista Deo.

Laudamus veteres, sed nostris utimur annis :

Mos tamen est aequè dignus uterque coli.

Finierat monitus ; placidis ita rursus, ut ante,

Clavigerum verbis alloquor ipse Deum :

Multa quidem didici ; sed cur navalis in aere

Atera signata est, altera forma biceps ?

Noscere me duplici posses in imagine, dixit ;

Ni vetus ipsa dies extenuaret opus.

Causa ratis superest : Tuscum rate venit in amnem

Ante pererrato falcifer orbe Deus.

Hac ego Saturnum memini tellure receptum :

Coelitibus regnis ab Jove pulsus erat.

Inde diu genti mansit Saturnia nomen ;

Dicta quoque est Latium terra, latente Deo.

« presagios bons o *estipe*, e porque aceito  
« um dom safado de vetustos cobres.  
« É porque só de cobres costumava  
« prender-me a antiga gente; a gente d'hoje  
« com o oiro tem mais fé; cederam palma  
« os velhos numos aos dobrões modernos.  
« A nós mesmos (confesso-te) nos prazem  
« aureos templos tambem (sem que por isso  
« desdenhemos de outr'ora os cultos simplicies);  
« sim prazem-nos, que o fausto é proprio a deuses.  
« Louva-se o antigo, do presente se usa;  
« merecem um e outro acatamento. » —

Suas explicações aqui findava,  
quando outra vez, em respeitosos termos,  
ao clavigero deus d'est'arte inquirio :

Explica-  
se o cunho  
do *estipe*.

— « Á fé que muito arcano has descoberto ;  
« ; mas d'onde vem que no offertado *estipe*  
« se vê cunho *bicipite* de um lado,  
« do outro lado *um navio*? » — « Emblemas ambos  
« relativos a mim — responde o Nume. —  
« Sómente o denso veo da ancianidade  
« te impedio por ti mesmo decifrá-los.  
« Quanto aos dois rostos, de sobejo hei dito ;  
« do baixel direi ora. O deus da foice,  
« peregrinado o orbe, ao Tusco rio  
« chegou no seu baixel ; triste Saturno,  
« dos ceos por Jove expulso (inda me lembra)  
« só aqui finalmente achaste asilo !  
« d'onde a hospedeira gente edade longa  
« *Saturnia* se chamou, e *Lacio* a terra,

Advento  
de Satur-  
no á Ita-  
lia.

At bona posteritas puppim servavit in aere,

Hospitis adventum testificata Dei.

Ipsae solum colui; cujus placidissima laevum

Radit arenosi Tibridis unda latus.

Hic, ubi nunc Roma est, incaedua sylva virebat;

Tantaque res paucis pascua bubus erat.

Arx mea collis erat, quem cultrix nomine nostro

Nuncupat haec aetas, Janiculumque vocat.

Tunc ego regnabam, patiens quum terra Deorum

Esset, et humanis numina mixta locis.

Nondum Justitiam facinus mortale fugarat;

• Ultima de superis illa reliquit humum.

Proque metu populum sine vi pudor ipse regebat:

Nullus erat justis reddere jura labor.

Nil mihi cum bello: pacem postesque tuebar;

Et clavem ostendens, Haec, ait, arma gero.

Presserat ora Deus. Tunc sic nostra ora resolve,

Voce mea voces eliciente Dei.

Quum tot sint Jani, cur stas sacratus in uno,

« porque *latente* n'ella o deus esteve.  
« Por memoria da vinda e da hospedagem,  
« na popular moeda os pios netos  
« ficaram retratando o sacro lenho.

« Amenas terras, que da esquerda lambe  
« placida veia do arenoso Tibre,  
« deidade unica em vós não foi Saturno ;  
« que eu tambem vos fui hóspede. Aqui mesmo,  
« onde hoje é Roma, verdejava outr'ora  
« intonsa mata ; de alguns bois, apenas,  
« este, agora portento, era pastio.  
« Tive pois minha alcaçova no oiteiro,  
« que religiosamente inda em teus dias  
« de meu nome *Janiculo* se chama.  
« Reinei aqui nas fortunadas eras,  
« quando entre homens na terra andavam numes,  
« e a justiça tambem ; por derradeiro,  
« dos crimes ella própria horrorisada,  
« e dos mais deuses imitando o exemplo,  
« se arrancou, se partiu do globo indigno.  
« Bons tempos, quando, adstricto a seus deveres,  
« vergonha, e não temor, continha o povo !  
« Sobre taes corações ao bem propensos,  
« sem custo, e com delicias, se imperava.  
« Guerras, não n-as havia ; os meus cuidados  
« eram manter a paz, velar as portas ;  
« que as minhas armas unicas.... são estas.» —  
(Amostrava-me a chave.) Eu, receando  
que pozesse alli fim, pois se callára,  
tornei-o a provocar. — « De templos tantos,  
« como os que em Roma tens, n'um só diviso

Da resi-  
dencia de  
Jano to-  
ma nome  
o monte  
Janiculo

Reinou  
Jano em  
Italia na  
idade de  
ouro

A estatua  
de Jano  
junto ás  
duas pra-  
ças; sua  
origem



Hic ubi juncta foris templa duobus habes?

Ille manu mulcens propexam ad pectora barbam,

Protinus Oebalii rettulit arma Tati;

Utque levis custos, armillis, capta Sabinis,

Ad summae Tatium duxerit arcis iter,

Inde, velut nunc est, per quem descenditis, inquit,

Arduus in valles et fora clivus erat;

Et jam contigerat portam; Saturnia cujus

Demserat appositas insidiosa seras.

Cum tanto veritus committere numine pugnam,

Ipse meae movi callidus artis opus;

Oraque, qua pollens ope sum, fontana reclusi;

Sumque repentinas ejaculatus aquas.

Ante tamen gelidis subjeci sulphura venis,

Clauderet ut Tatio fervidus humor iter.

Cujus ut utilitas pulsus percepta Sabinis;

Quaeque fuit, tuto reddita forma loco est;

Ara mihi posita est, parvo conjuncta sacello;

Haec adolet flammis cum strue farra suis.

« patente a adorações a imagem tua :  
« d'esse fallo, que é junto ás duas praças. » —

Anediando as barbas venerandas,  
placido preceptor, entra a contar-me  
as guerras de El-Rei Tacio, oebalia prole ;  
como a insensata moça, a quem deslumbram  
aureas manilhas da sabina tropa,  
franquêa a Tacio, guardadora infida,  
acesso ao cume da Tarpêa Rocha.  
— « De lá descia ao valle e ás duas praças  
« a vereda precipite — diz elle —  
« que hoje em dia inda existe ; iam chegando  
« já por aquella parte os inimigos  
« á porta da cidade, e Juno infesta  
« com trêda mão lh'a havia aberto ; oppor-me  
« cara a cara a tal deusa era impossivel ;  
« ¿ que me ficava ? a fraude ; á fraude acudo ;  
« (e bem aponto que me veio a idéa,  
« pois só de mim pendia o desempenho).  
« Co' o meu condão de abrir, abro uma fonte,  
« que a subitas rebenta espadanando  
« estrepitosa encachoadada fervida,  
« pois de sulfureo fogo, antes de abril-a  
« a matriz lhe ataquei, por que a torrente  
« co' a insolita fervura intransitavel  
« tolhesse o passo ás legiões sabinas.  
« Surtiu-se o effeito : os barbaros refogem,  
« e ao ser primeiro restituo o sitio.  
« Vês aqui por que essa ara me erigiram,  
« que á pequena capella está conjuncta,  
« onde grãos cereaes e um bolo queimam. » —

At cur pace lates, motisque recluderis armis?

Nec mora; quaesiti reddita causa mihi:

Ut populo reditus pateant ad bella profecto,

Tota patet demta janua nostra sera;

Pace fores obdo, ne qua discedera possit.

Caesareoque diu nomine clausus ero.

Dixit: et attolens oculos diversa tuentes,

Adspexit toto quidquid in orbe fuit:

Pax erat; et vextri, Germanice, causa triumphi

Tradiderat famulas jam tibi Rhenus aquas.

Jane, face aeternos, Pacem, Pacisque ministros;

Neve suum, praesta, deserat auctor opus.

Quod tamen ex ipsis licuit mihi discere Fastis;

Sacravere patres hac duo templa die.

Acceptit Phoebos Nymphaque Coronide natum

Insula, dividua quam premit amnis aqua.

Jupiter in parte est. Cepit locus unus utrumque:

Junctaque sunt magno templa nepotis avo.

Quis vetat et stellas, ut quaeque oriturque, caditque,

Dicere? promissi pars fuit ista mei.

Felices animos, quibus haec cognoscere primis,

— « E esta usança : que em paz ninguem te avista,  
« e apenas sôa guerra as portas abres ? » —  
Perguntei, respondeu no mesmo instante :

Universa-  
lidade da  
paz no  
tempo de  
Cesar

— « Quando vão para a guerra, as portas abro  
« como presagio de feliz regresso ;  
« e na paz, porque a paz não fuja, fecham-se.  
« Fechadas d'esta vez, confio em Cesar  
« que as terei tempo largo ! » — Assim fallando,  
co'os olhos longos abarcava o mundo :  
floría tudo em paz ! altivo Rheno,  
de que alfim, ó Germanico, triumphas,  
servo e romano ao longe se arrastava !

Tal paz, e taes heróes, da paz autores,  
faze, propicio Jano, que desfrutem  
perpetua duração por bem do Imperio.

Passo de ouvir as prelecções de um Nume  
a estudar nos Annaes dos proprios ritos.

Em dia equal ao de hoje, hão consagrado  
nossos paes templos dois : n'aquella ilhota,  
que ao Tibre fende a vêa, agazalhou-se  
de Curonis e Phebo o sabio filho,  
e Jupiter tambem ; o avô e o neto  
convizinhos alli têm pois seus templos.

Templos  
de Escula-  
pio e Ju-  
piter na  
ilhota do  
Tibre.

Mas não prometti eu notar dos astros  
o nascimento, o occaso ? e quem m'o veda ?

Astrono-  
mia ; seus  
louvores

Ó credores de inveja, homens sublimes,

Inque domos superas scandere cura fuit !  
Credibile est illos pariter vitiisque locisque  
    Altius humanis exseruisse caput.  
Non Venus et vinum sublimia pectora fregit ;  
    Officiumve fori, militiaeve labor.  
Nec levis ambitio, perfusaque gloria furo ;  
    Magnarumve fames sollicitavit opum.  
Admovere oculis distantia sidera nostris,  
    Aetheraque ingenio supposuere suo.  
Sic petitur coelum ; non, ut ferat Ossan Olympus,  
    Summaque Peliacus sidera tangat apex.  
Nos quoque sub duçibus caelum metabimur illis,  
    Ponemusque suos ad stata signa dies.  
  
Ergo ubi nox aderit venturis tertia Nonis,  
    Sparsaque coelesti rore madebit humus,  
Octipedis frustra quaruntur brachia Cancri ;  
    Praeceptis occiduas ille subivit aquas.  
  
Institerint Nonae ; missi tibi nubibus atris  
    Signa dabunt imbres, exoriente Lyra.  
  
Quatuor adde dies ductis ex ordine Nonis ;  
    Janus Agonali luce piandus erit.

que, anciosos de saber, primeiro vòo,  
pela amplidão dos ceos abalançastes ;  
lá, tão por cima da terrena esfera,  
cuido vêr-vos folgar, sorrir, isentos  
dos vícios, das paixões, que o mundo infestam !  
Baccho, Venus, Amor, não vos deliram ;  
não se vos foi o abril da idade fértil,  
no arido fôro, na milícia crua ;  
mesquinhas honras, gloria vã, cubiça,  
não vos quebraram somno ; ingenhos raros,  
dos ceos a região, dominio vosso,  
vós aos olhos do mundo a avisinastes !

D'est'arte, sem cargar no Olimpo o Ossa,  
no Ossa o Pélion, se remonta ao Pólo  
e se conquista a luminosa esfera !  
Gigantes da sciencia, a vós eu sigo ;  
messo comvosco os ceos, e aos dias vários  
suas constellações vou designando.

À terça noite pois antes das *Nonas*,  
lá pelas horas do sereno orvalho,  
já o octípede *cancro* em vão se encherça ;  
mar do occaso o sumiu. Chegam as *Nonas* :  
por entre as negras nuvens borrascosas  
lá vos desponta a *Lira* ! O dia quarto  
sobre as nonas contado, vos intíma  
nas *Agonaes* sacrificar a Jano.

Janeiro 3  
Occaso do  
cancro

Janeiro 5  
Nascimen-  
to da lira

Janeiro 9  
Agonaes

Nominis esse potes succinctus causa minister,

Hostia coelitibus quo feriente cadit;

Qui calido strictos tincturus sanguine cultros,

‘Semper, Agone? rogas; nec, nisi jussus, agis.

Pars, quia non veniant pecudes, sed agantur, ab actu

Nomen Agonalem credit habere diem.

Pars putat hoc festum priscis Agnalia dictum;

Una sit ut proprio litera demta loco.

An, quia praevisos in aqua timet hostia cultros,

A pecoris lux est ista notata metu?

Pars etiam, fieri solitis aetate priorum

Nomina de ludis Graja tulisse diem.

Et pecus antiquus dicebat Agonia sermo;

Veraque iudicio est ultima causa meo.

Utque ea nunc certa est, ita rex placare sacrorum

Numina lanigeræ conjuge debet ovis.

Victima, quæ dextra cecidit victrice, vocatur.

? Mas do nome *Agonaes*, cantor de origens,  
que razão darei eu? talvez provenha  
do ritual vocabulo, que emprega  
o immolador das victimas, já quando,  
prestes, arregaçado, o ferro em punho...  
para que o descarregue, e rompa o sangue  
pergunta alfim: se *hade ferir*; o *Agóne*  
do nome de *Agonaes* suscita idéa.  
Alguns, por ver que as rêzes só forçadas  
ao sacrificio vão, do *acto* que as força,  
deduzem *Agonal*. Presumem outros  
que os *Agonaes* de *Agnaes*, antiga festa,  
se hão formado, ajuntando-lhe uma lettra.  
Poderá tambem ser, que, porque as victimas  
vendo no espelho d'agua estar brilhando  
o ameaçador cutello se apavoram.....  
d'essa *agonia* se fizesse o nome.  
Ha quem grego vocabulo o reputa,  
por se haverem d'ess'arte appellidado  
publicos jogos nas passadas eras.

No lacio idioma antigo acho comtudo  
mais propria explicação, mais verosimil:  
*Agónia* se dizia outr'ora o gado;  
e alafé, que hoje o *rei dos sacrificios*,  
para aplacar os deuses, lhes immola  
das ovelhas lanigeras o esposo.

¿ Mas de *Victima* o nome?! o nome de *Hostia*?!

Origem de  
VICTIMA e  
HOSTIA

*Victima* se chamou, porque a principio  
a dextra *vencedora* as immolára;



Hostibus amotis hostia nomen habet.

Ante, deos homini quod conciliare valeret,

Far erat, et puri lucida mica salis.

Nondum pertulerat lacrymatas cortice myrrhas

Acta per aequoreas hospita navis aquas;

Tura nec Euphrates, nec miserat India costum;

Nec fuerant rubri cognita fila croci.

Ara dabat fumos herbis contenta Sabinis,

Et non exiguo laurus adusta sono.

Si quis erat, factis prati de flore coronis

Qui posset violas addere, dives erat.

Hic, qui nunc aperit percussi viscera tauri,

In sacris nullum culter habebat opus.

Prima Ceres avidae gavisae est sanguine porcae,

Ultra suas merita caede nocentis opes;

Nam sata vere novo teneris lactentia succis,

Eruta setigeræ comperit ore suis.

Sus dederat poenas; exemplo territus hujus

Palmitibus debueras abstinuisse, caper.

*hostia*, alludindo ás repulsadas *hostes*.

Nem de hostias, nem de victimas concludo  
precisavam mortaes lá 'noutra idade,  
para conciliar favor celeste :  
um punhado de candida farinha,  
um grão de puro sal, eram bastantes.  
Inda os choros balsamicos da myrrha  
por solidões do mar em lenho ousado  
não vinham do Oriente ás praias nossas ;  
não nos dava India o cósto, Eufrate incensos ;  
nem o rubro açafão vertia aromas :  
fumava ara contente hervas sabinas,  
co'as laureas ramas a estrallar no fogo ;  
o devoto, que em rustica grinalda  
chegava a entrelaçar umas violetas,  
dava offerta de rico ; o largo ferro,  
que hoje abre entranhas a soberbos toiros,  
não havia uso algum nos sacrificios.

Sacrificios  
incruentos

Foi Ceres, que do sangue abrindo exemplo  
fôlgou, que a morte de nociva porca  
pagasse estragos que lhe fez nas messes.  
Da primavera ao bafo inda nos sulcos  
mal começava a inchar o grão lactente,  
quando a immunda cerdosa fossadora  
co'a voraz tromba a sementeira investe ;  
mas co'a vida o pagou. Podera os olhos  
pôr nella o cabro, que atassalha as vinhas,  
e a tempo escarmentar no damno alheio ;

O primei-  
ro sacrifi-  
cio cruen-  
to foi o da  
porca exi-  
gido por  
Ceres

Porque se  
imolaram  
cabro e ca-  
bra a Ba-  
cho

Quem spectans aliquis dentes in vita prementem.

Talia non tacito dicta dolore dedit :

Rode, caper, vitem ; tamen huic, quum stabis ad aram,

In tua quod spargi cornua possit, crit.

Verba fides sequitur : noxae tibi deditus hostis

Spargitur affuso cornua, Bacche, mero.

Culpa sui nocuit ; nocuit quoque culpa capellae ;

Quid, bos ? quid, placidae commeruistis, oves ?

Flebat Aristaeus, quod apes cum stirpe necatas

Viderat inceptos destituisse favos.

Caerula quem genitrix aegre solata dolentem

Addit haec dictis ultima verba suis :

Siste, puer, lacrimas ; Proteus tua damna levabit ;

Quoque modo repares, quae periere, dabit.

Decipiat ne te versis tamen ille figuris,

Impediant geminas vincula firma manus.

não n-o fez ; foi teimando ; até que um dia,  
alguem, que o vio na empreza andar mui ancho,  
morde aqui pucha além, e a fluz tozando  
pelos verdes sarmentos pampinosos,  
lastimado exclamou : — « Farta-te, bruto ;  
« roe roe, que sempre ao cabo á pobre vide  
« ha de ficar com que te regue os cornos,  
« quando o altar junto a si te vir pasmado. » —

Cumpriu-se a imprecação : no altar de Baccho  
de Baccho o estragador pagou seu crime,  
e da vide o licôr tingio-lhe a fronte.  
Era reo, teve a pena. A cabra teve-a,  
porque tambem foi ré ! ; Mas vós morrerdes,  
mansos bois ? ! ; vós, pacificas ovelhas ? !  
Porque ? Dirvol-o-hei. Rezam memorias,  
que uma vez Aristeu, como ia intrando  
pelo seu colmeal, o achou perdido :  
mortas até á ultima as abelhas ;  
os seus favos em meio, e tudo em roda  
solidão, e silencio ! A dor tamanha  
não pode resistir ; chorou, carpiu-se,  
quize-se mal ; eis que a mãe Sirene, a aquosa,  
accorre de taes lastimas doída ;  
não sem custo o consola, e — « Secca o pranto  
« ó filho meu — por derradeiro ajunta —  
« para o mal que te afflige inda ha remedio ;  
« vai pedil-o a Protheu ; porém cuidado  
« em lhe atares primeiro ambos os pulsos  
« rijo rijo ; senão... burlou-se o empenho,  
« pois bem sabes do tréfego o costume,  
« que é transformar-se e transformar-se a fio,

Origem de  
se sacri-  
ficarem  
bois; fa-  
bula de  
Aristeu

Pervenit ad vatem juvenis; resolutaque somno

Alligat aequorei brachia capta senis.

Ille sua faciem transformis adulterat arte;

Mox domitus vinclis in sua membra redit:

Oraque caerulea tollens rorantia barba,

Qua, dixit, repares arte, requiris, apes?

Obrue mactati corpus tellure juvenci:

Quod petis a nobis, obrutus ille dabit.

Jussa facit pastor; fervent examina putri

De bove: mille animas una necata dedit.

Poscit ovem fatum: verbenas improba carpsit,

Quas pia Dis ruris ferre solebat anus.

Quid tuti superest, animam quum ponat in aris

Lanigerumque pecus, ruricolaeque boves?

Placat equo Persis radiis Hyperiona cinctum,

Ne detur celeri victima tarda Deo.

« té que logre evadir-se aos que o consultam. » —

Dormia a frouxo o deus ancião fatidico,  
no instante em que Aristeu foi dar com elle ;  
prospero ensejo ! o moço resolutto,  
qual lh'o ensinara a mãe, as mãos lhe liga.  
Em vão recorre ás solitas astucias,  
figuras variando, o equoreo Nume ;  
das prisões constrangido, emfim se rende,  
e ao proprio ser tornado, alçando um pouco  
madido rosto de ceruleas barbas,  
— ; « Buscas industria — diz — « com que renoves —  
« a povoação de teus cortiços ermos ?  
« De immolado novillo interra o corpo ;  
« o que a mim vens pedir, tel-o-has por elle. » —  
Aristeu assim faz : na rez corrupta  
começam de brotar zumbir abelhas ;  
ferve reluz ao sol doirado enxame ;  
uma destruição brotou mil vidas.

Peccados teus, ó mansa, ó doce ovelha,  
ao sacrificio cru te hão conduzido !  
Sacras *verbenas*, que piedosa velha  
offertar costumava aos deuses rusticos,  
tu, tu, pobre sacrilega, as roeste !

Origem de  
se sacrifi-  
carem ove-  
lhas ; his-  
toria da ve-  
lha das  
verbenas

Que existencia haverá do ferro immune,  
quando assim vemos perecer nas aras  
a ovelhinha indefensa, o boi rurícola ?!

Ao Sol, porque veloz percorre a esfera,  
sangue de ageis corceis derrama a Persia.

Cavallos  
sacrifica-  
dos ao Sol

Quod semel est triplici pro virgine caesa Dianae,

Nunc quoque pro nulla virgine cerva cadit.

Extā canum vidi Triviae libare Sapaecos,

Et quicumque tuas accolit, Haeme, nives.

Caeditur et rigido Custodi ruris asellus.

Causa pudenda quidem est, huic tamen apta Deo:

Festa corymbiferi celebrabas, Graecia, Bacchi,

Tertia quae solito tempore bruma refert.

Di quoque cultores in idem venire Lycaci,

Et quicumque jocis non alienus erat:

Panes, et in Venerem Satyrorum prona juvenus,

Quaeque colunt amnes, solaque rura, Deae.

Venerat et senior pando Silenus asello;

Quique rubro pavidas inguine terret aves.

Dulcia qui dignum nemus in convivia nacti,

Gramine vestitis accubuere toris.

Para resgate de innocente virgem  
deu-se alva corsa á triplíce Diana ;  
por memoria, e não já para resgate,  
a Diana alva corsa inda se offerta.

Sacrificio  
da corça a  
Diana

Entre os Sapeus vi eu, vi entre os povos  
do Hemo nivoso, a Hécate libar-se  
o devente dos cães. Ao deus membrudo  
dos campos guardador, o asninho immolam.  
O caso de que a usança ha procedido,  
se não é muito honesto, é digno d'elle.

Cães a Hé-  
cate

Sacrificio  
do jumen-  
to

Era no inverno ; celebrava a Grecia  
seu triennial festejo em honra a Baccho,  
ao folgasão gentil coroado de heras.  
Haviam concorrido até deidades  
(que as ha devotas d'elle) ; em summa quantas  
de rir, de retoçar, não perdem azo :  
Pan, os lascivos satiros, as ninfas,  
dos frescos rios, das soidões campestres.  
Vel-o vai no ajoujado jumentinho  
bambaleando incerto o bom Sileno,  
ebrifestante velho !, e o deus das hortas,  
esse que rubro e nu vareja as aves !...

Festas gre-  
gas trien-  
naes a Bac-  
cho, fabu-  
la de Pria-  
po e Lotis

Todos e todas por commum consenso  
para logar da festa um bosque elegem,  
mui proprio pela umbrosa amenidade.  
Alli, por cima dos relvosos leitos  
é delicia em banquete reclinarem-se.



Vina dabat Liber: tulerat sibi quisque coronam:

Miscendas parce rivus agebat aquas.

Naides effusis aliae sine pectinis usu,

Pars aderant positis arte manuque comis.

Illa super suras tunicam collecta ministrat;

Altera dissuto pectus aperta sinu.

Exserit haec humerum; vestem trahit illa per herbas.

Impediunt teneros vincula nulla pedes:

Hinc aliae Satyris incendia mitia praebent;

Pars tibi, qui pinu tempora nexa geris.

Te quoque, inextinctae Silene libidinis, urunt:

Nequitia est quae te non sinit esse senem.

At ruber, hortorum decus et tutela, Priapus

Omnibus ex illis Lotide captus erat.

Hanc cupit, hanc optat; sola suspirat in illa;

Vinhos, dá-lh'os o deus heroe da festa ;  
agua para os lotarem (parcamente)  
fugaz arroio lh'a ministra ; as flores,  
cada qual para a cr'oa em torno as acha.

Eram de ver as naiades ! : Aquellas,  
soltas e ondadas as madeixas lucidas  
que o pentem não brunhio ! n'estas, as tranças  
de industriosa mão recém-toucadas !  
Das que vagam de pé, servindo ás mezas,  
qual anda té á curva arregaçada,  
qual deslaçando as pouco avaras roupas,  
permittle aos olhos devorar famintos  
soberbos pomos de animada neve ;  
um hombro, que de candido deslumbra,  
se vê alem passar ; aqui, de rojo  
vão pelas hervas magestosas vestes,  
libertos de prisões os pés mimosos.  
Oh ! que abraçar de sofregas cubiças  
em corações de Satiros ! oh ! pobre  
pobre deus de pinheiro ingrinaldado !  
Que tentações sem conto o desatinam !  
Até Sileno, o derrengado velho,  
(velho sim, mas no amor sempre viçoso)  
de appetites (coitado !) anda comido.

Só o deus que os jardins ampara, enfeita,  
só rubido Priápo é quem não gira,  
mariposa infiel de rosa em rosa :  
de Lotis, mal que a viu, sentiu-se escravo ;  
só n'ella os olhos tem, só n'ella o gosto ;  
só por ella suspira ; arde por ella.

Signaque dat nutu, sollicitatque notis.

Fastus inest pulchris, sequiturque superbia formam;

Irrisum vultu despicit illa suo.

Nox erat; et, vino somnum faciente, jacebant

Corpora, diversis victa sopore locis.

Lotis in herbosa, sub acernis ultima ramis,

Sicut era lusu fessa, quievit humo.

Surgit amans; animamque tenens, vestigia furtim

Suspense digitis fert taciturna gradu;

Ut tetigit niveae secreta cubilia Nymphae

Ipsa sui flatus ne sonet aura, cavet.

Et jam finitima corpus librabat in herba;

Illa tamen multi plena soporis erat.

Gaudet; et, a pedibus tracto velamine, vota

Ad sua felici coeperat ire via;

Ecce rudens rauco Sileni vector asellus

Intempestivos edidit ore sonos;

Territa consurgens Nymphe manibusque Priapum

Rejicit, et fugiens concitat omne nemus.

Com furtivos signaes lhe expõe seu fogo ;  
manda-lhe em brando olhar convites meigos.  
O orgulho é condição da formosura,  
é senão da beldade o ser esquiva ;  
Lotis ri do amator, despreza-o, foge-o.

Baixa a noite ; aos festins ebriridentes  
succede a languidez, succede o somno.  
Jazem, aqui, alem, dormentes corpos,  
e sepulcral silencio envolve a selva.  
Da selva quasi á orla, ao pé de um bordo  
que insombrá co'a ramada hervosa cama,  
rendida de Morpheu poisa sosinha  
Lotis, longe das mais. Eis surge o amante ;  
e, reprimindo o folego, tremendo  
que o minimo rumor o denuncie,  
vai no bico dos pés té onde alveja  
no camarim silvestre a clara ninfa ;  
nem já de leve a respirar se afoita.  
No relvado bem perto aos seus amores  
já n'um só pé suspenso se balança,  
sem que a bella dormente o presentisse.  
Mal cabe em si de jubilo o ditoso!  
Lá vai... co'a subtil dextra, arregaçando  
vestido que resguarda as plantas niveas,  
feliz caminho ao templo de seus votos.  
N'isto o hirsuto animal de longa orelha,  
que ao tropego Sileno as pernas supre,  
de intempestivo orneio atoa os echos.  
Sobresaltada a ninfa, acorda a subitas ;  
repulsa o temerario, e parte aos gritos,  
que alvorotando o bosque a turba espertam.

At Deus, obscena nimium quoque parte paratus,

Omnibus ad lunae lumina risus erat.

Morte dedit paenas auctor clamoris; et hinc est

Hellespontiaci victima grata Deo.

Intactae fueratis aves, solatia ruris;

Adsuetum silvis innocuumque genus;

Quae facitis nidos, quae plumis ova fovetis,

Et facili dulces editis ore modos.

Sed nihil ista juvant: quia linguae crimen habetis,

Dique putant mentes vos aperire suas.

Nec tamen id falsum: nam, Dis ut proxima quaeque,

Nunc penna veras, nunc datis ore notas.

Tuta diu volucrum proles, tum denique caesa est:

Juveruntque Deos indicis exta sui.

Ergo saepe suo conjux abducta marito

Uritur ignitis alba columba focus.

Nec defensa juvant Capitolia, quo minus anser

Det jecur in lances, Inachi lauta, tuas.

Nocte Deae Nocti cristatus caeditur ales,

Quod tepidum vigili provocat ore diem.

Acode-se em tropel ; e ao descobrir-se  
Priápo, que ao luar ficou pasmado,  
mas inda prestes á amorosa luta,  
despara tudo em longas gargalhadas.  
O rebate que deu co'a voz troante  
pagou co'a morte o burro, e ficou sendo  
sempre ao deus do Hellesponto acceita victima.

Só vós de immolador vos não temeis,  
passarinhos do ar, praser dos campos,  
magos cantores que animais as selvas ;  
vós, que entre os ramos suspendendo os ninhos,  
nutrindo a prole e modulando amores,  
na innocencia, na paz, volveis a vida.  
Sim, mas que prol?! sois garrulos ; e os deuses  
têm que os arcanos seus contaes á terra.  
Culpa da lingua vos levou ás aras,  
e aos deuses razão dou, que á patria sua  
vós vos alais, e no cantar, nos vãos,  
avisos do porvir trazeis aos homens.  
Eis porque vossa antiga immuidade,  
miseras aves, se quebrou, e aprouve  
aos immortaes, que o ferro descosesse  
dos delatores seus as quentes visceras.  
Eis porque tanta vez álva pombinha  
se arranca do consorte, e é dada ás chammas ;  
eis porque haver salvado o Capitolio  
não livra ao ganso de mandar seus figadões  
a teus lautos festins, Inachia deusa.  
Nas horas da nocturna escuridade  
se immola á deusa que prezide ás trevas  
ave cristada que provoca o dia.

Sacrificios  
d'aves, e  
origem  
d'elles

Sacrificio  
de pombas

Sacrificio  
do ganso a  
lo

Sacrificio  
do gallo á  
noite

Interea Delphin clarum super aequora sidus

Tollitur, et patriis exserit ora vadis.

Postera lux hiemem medio descrimine signat ;

Aequaque praeteritae, quae superabit, erit.

Proxima prospiciet Tithono nupta relicto

Arcadiae sacrum pontificale Deae.

Te quoque lux eadem, Turni soror, aede recepit ;

Hic ubi Virginea campus obitur aqua.

Unde petam causas horum moremque sacrorum ?

Dirigat in medio quis mea vela freto ?

Ipsa mone, quae nomen habes a carmine ductum,

Propositoque fave, ne tuus erret honos.

Orta prior Luna (de se si creditur ipsi),

A magno tellus Arcade nomen habet.

Hic fuit Evander ; qui, quamquam clarus utroque,

Nobilior sacrae sanguine matris erat ;

Quae, simul aetherios animo conceperat ignes,

Ore dabat vero carmina plena Dei.

Dixerat haec : nato motus instare sibi que ;

Multaque praeterea, tempore nacta fidem.

Nam juvenis, vera nimium cum matre, fugatus

Mas já do patrio mar ascende ao polo  
o esplendido *Golfinho*.

O sol, que o segue,  
da invernosa estação designa o meio.

A aurora que apoz vem, vos alumia,  
ritos pontificaes da Arcadia deusa.  
Foi esse mesmo o dia, irmã de Turno,  
que um templo te sagrou, lá onde regam  
o nobre Campo-Marcio agoas virgineas.

¿ D'este culto porem quaes os principios?  
¿ quem será meu piloto em mar tão amplo?  
Vem, Carmenta, a quem nome os *Carmes* deram;  
tu mesma a teu cantor soccorre, inspira,  
porque em louvores teus não vague á toa!

A Arcadia, que (se as chronicas lhe ouvimos)  
pede messas de antiga á propria lua,  
recebeu do grão Arcade seu nome.  
N'aquella região viveu Evandro,  
de heroes por mãe e pae famoso herdeiro,  
mas pela mãe fatidica mais nobre.  
Esta, assim que na mente um deus lhe ardia,  
na arrebatada voz caudal rojava  
luz do porvir em turbilhões de carmes.  
Já lhe tinham prognosticos ouvido  
de alterações no estado, e grãos successos  
a seu filho, a si propria, aparelhados.  
D'isso e do mais que nos futuros lêra  
nada se descumpriu. Da Arcadia sua

Janeiro 9  
— Ascen-  
ção do  
Golfinho

Janeiro 10  
— Parte-se  
a meio o  
inverno

Janeiro 11  
Festas  
Carmen-  
taes; fun-  
dação do  
templo de  
Juturna

Arcadia

Evandro e  
Carmenta



Deserit Arcadium, Parrhasiumque larem.

Cui genitrix flenti: *Fortuna viriliter*, inquit,

(*Siste, puer, lacrymas*) ista ferenda tibi est.

Sic erat in fati; nec te tua culpa fugavit;

Sed Deus. Offenso pulsus es urbe Deo.

Non meriti poenam pateris, sed numinis iram;

Est aliquid magnis crimen abesse malis.

Conscia mens ut cuique sua est, ita concipit intra

Pectora pro facto spemque metumque suo.

Nec tamen ut primus moere mala talia passus;

Obruit ingentes ista procella viros.

Passus idem, Tyriis qui quondam pulsus ab oris,

Cadmus, in Aonia constitit exsul humo;

Passus idem Tydens, et idem Pagasaeus Iason,

Et quos praeterea longa referre mora est.

Omne solum forti patria est; ut piscibus aequor;

Ut volucris, vacuo quidquid in orbe patet.

Nec fera tempestas toto tamen horret in anno;

Et tibi, (crede mihi), tempora veris erunt.

Vocibus Evander firmata mente parentis,

Nave secat fluctus, Hesperiamque tenet.

Jamque ratem doctae monitu Carmentis in amnem

Egerat, et Tuscis obvius ibat aquis.

de seu Parrhasio lar expulso fuge  
o moço Evandro (ai dor!) co'a mãe longeva,  
profetisa em seu mal nimio veridica.

— « Filho, filho — diz ella — « enxuga o pranto ;  
« oppõe tua hombridade á sorte adversa ;  
« culpa tua não foi ; foi lei dos fados,  
« foi a vingança de offendido nume,  
« quem da cidade te lançou no exilio.  
« Pagas iras de um deus, não crimes proprios ;  
« suavise-te a innocencia as agras dores.  
« Esperança ou temor das obras nasce ;  
« para nos dar a paz, ou destruil-a,  
« mora nos corações a consciencia.  
« ¿ A que vem affligir ? ! ¿ És o primeiro  
« que esses males padece ? Heroes sem conto  
« correrem na fortuna iguaes tormentas.  
« Vê Cadmo ! expulso vai da patria Tyro  
« desterrar-se na Aonia ! olha o que passam  
« um Tydeo, um Jasão.... e tantos, tantos,  
« que o numeral-os só daria enfado !  
« para os fortes é patria o mundo todo,  
« como ás aves o ar, o oceano aos peixes.  
« Mas, filho, ¿ viste nunca o anno inteiro  
« só de inverno constar ? florente quadra  
« após este negrume inda te espera. » —

Com taes palavras confortado Evandro,  
em vagabundo lenho as ondas rasga,  
e dá vista da Hesperia. Obediente  
ao maternal aviso, imboca o Tibre,  
á margem Tusca indireitando a prôa.

Urite, victrices, Neptunia Pergama, flammae :

Num minus hic toto est altior orbe cinis?

Jam pius Aeneas sacra, et, sacra altera, patrem,

Afferet. Iliacos excipe, Vesta, Deos.

Tempus erit, quum vos, orbemque, tuebitur idem,

Et fient ipso sacra colente Deo ;

Et penes Augustos patriae tutela manebit,

Hanc fas imperii frena tenere domum.

Inde nepos, natusque Dei, (licet ipse recuset),

Pondera coelesti mente paterna feret.

Utque ego perpetuis olim sacrabor in aris,

Sic Augusta novum Julia numen erit.

Talibus ut nostros dictis descendit in annos, ♪

Substitit in medios praescia lingua sonos.

Puppibus egressus Latia stetit exsul in herba.

Felix, exsilium cui locus ille fuit!

Nec mora longa fuit: stabant nova tecta; nec alter

« Consuma embora triumphal incendio  
« esse Pergamo altivo, essa formosa  
« fundação neptunina ; as cinzas suas  
« têm de assombrar por altas o Universo.

« Lá te vejo sahir por entre chammas,  
« piedoso Eneas ! vens curvado ao pezo  
« de teu sacro thesoiro, e de um thesoiro  
« não menos sacro : o Pae ! suprema Vesta,  
« acolhe, hospéda, Iliacas Deidades !  
« um dia todos vós e o Orbe todo  
« d'um protector commum tereis o abrigo,  
« sendo Homem-Nume o que ministre a Numes.  
« Então que á sombra Augusta a Patria medre !  
« nos Cézares o Imperio está seguro.  
« Logo o Filho de um deus de um deus o Neto,  
« constringido a acceitar paterna herança,  
« divino aguenta o leme á não do Estado !

« Lá n'essas eras do porvir longinquo  
« vejo altares incognitos erguer-se.  
« eis-me deusa ! eis-te deusa, Augusta Julia ! » —

Como assim no clarão da profecia  
lhe vinha alvorecendo a nossa idade,  
de repente calou. Salta do lenho  
o foragido Evandro ao chão do exilio,  
feliz exilio na viçosa Italia !

Não tarda que esses páramos tão mudos  
brotem habitações pollulem povo,  
e uma joven cidade ao sol floresca.

Evandro  
funda ci-  
dade junto  
ao Áven-  
tino

Montibus Ausoniis Arcade major erat.

Ecce boves illuc Erytheidas applicat heros

Emensus longi claviger orbis iter.

Dumque huic hospitium domus est Tegeaea, vagantur

Incustoditae laeta per arva boves.

Mane erat; excussus somno Tirynthius hospes

De numero tauros sentit abesse duos.

Nulla videt taciti quaerens vestigia furti:

Traxerat aversos Cacus in antra feros;

Cacus, Aventinae timor atque infamia silvae,

Non leve finitimis hospitibusque malum.

Dira viro facies; vires pro corpore; corpus

Grande: pater monstri Mulciber hujus erat.

Proque domo, longis spelunca recessibus ingens,

Abdita, vix ipsis invenienda feris.

Ora super postes affixaque brachia pendent,

Squalidaque humanis ossibus albet humus.

Por toda essa amplidão dos Lacios montes  
ninguem disputa a Evandro o poderio.  
Hercules, o da clava assoladora,  
peregrinado o mundo aqui chegara  
co'a manada soberba, opima gloria  
dos pastos Erytheus ; dera-lhe Evandro  
gazalhado condigno em seu palacio,  
e pelos verdes campos espaçosos  
ficára o gordo armento errando á toa.

Hercules  
hospeda-  
do por  
Evandro

Vem rompendo a manhã ; desperta Alcides ;  
os seus toiros reconta, e dois lhe faltam.  
Pelas pégadas rastrear o furto  
busca.... mas lida em vão. Manhoso Caco,  
porque vestígios taes o não trahissem,  
pela cauda arrastara ambos os brutos,  
para a caverna atroz seu negro albergue.

Caco

Terror, e infamia do Aventino bosque,  
de hospedados flagello e de visinhos  
era Caco, o silvestre infrene monstro ;  
medonha a catadura, o vulto enorme,  
forças e membros de cabal gigante.  
De Vulcano era filho ; a estancia tinha  
nas entranhas de um serro ; alta espelunca  
de tão emaranhado escuro accesso,  
por longos subterraneos labirintos,  
que mal as proprias feras a atinavam.  
Pendem pelos umbraes cabeças d'homens,  
braços nus ; pelo chão branquejam ossos  
com fétida sangueira enxovalhados.

Servata male parte boum Jove natus abibat :

Mugitum rauco furta dedere sono.

Accipio revocamen, ait; vocemque secutus,

Impia per silvas ultor ad antra venit.

Ille aditum fracti praestruxerat objice montis :

Vix juga movissent quinque bis illud onus.

Nititur hic humeris, (coelum quoque sederat illis)

Et vastum motu collabefactat onus.

Quod simul evulsum est, fragor aethera terruit ipsum ;

Ictaque subsedit pondere molis humus.

Prima movet Cacus collata praelia dextra ;

Remque ferox saxis stipitibusque gerit.

Quis ubi nil agitur, patrias male fortis ad artes

Confugit, et flammis ore sonante vomit ;

Quas quoties proflat, spirare Typhoea credas,

Et rapidum Aetnaeo fulgur ab igne jaci.

Occupat Alcides, adductaque clava trinodis

Ter quater adversi sedit in ore viri.

Ille cadit, mixtosque vomit cum sanguine fumos ;

Perdida a esp'rança de atinar co'os toiros,  
ia o filho de Jupiter partir-se ;  
rouco mugido lhe delata o furto.

— « Oíço o reclamo » — diz ; e a voz seguindo  
lá vai ardendo em sede de vingança  
pela floresta a dentro, e chega ao sitio  
da emboscada espelunca abominosa.  
Arrolhara-lhe a entrada o impio dono  
co' um penhasco estroncado da montanha,  
que dez juntas de bois o não moveram.  
Hombros que outr'ora em pezo o ceo tomaram  
lhe mete o heroe membrudo ; a mole inerte  
treme.... rue de rondão ! Retroa o estrondo  
por ceos ao longe ! o solo ao pezo afunda-se.

Surde o monstro colerico fremente,  
e rompendo o combate, lapas, troncos,  
toma, dispara ; amiuda os cegos tiros,  
que pelos rotos ares silvam zunem.

Baldos os furiosos arremessos,  
torna-se aos dons do Pae ; vomita flammæ.  
A cada turbilhão que lhe borbota  
cuidáras ver Typheu no fundo do Etna  
raios rojar das indignadas fauces.

Irado Alcides, co'a sinistra o colhe,  
e da clava em vaivem, tres, quatro vezes,  
lhe assenta o trus no espavorido rosto.  
Cai vomitando fumarada e sangue,



Et lato moriens pectore plangit humum.

Immolat ex illis taurum tibi, Jupiter, unum

Victor, et Evandrum ruricolosque vocat :

Constituitque sibi, quae Maxima dicitur, aram,

Hic, ubi pars Urbis de bove nomen habet.

Nec tacet Evandri Mater: prope tempus adesse

Hercule quo tellus sit satis usa suo.

At felix vates, ut Dis gratissima vixit,

Possidet hunc Jani sic Dea mense diem.

Idibus in magni castus Jovis aede sacerdos

Semmimaris flammis viscera libat ovis;

Redditaque est omnis populo provincia nostro;

Et tuus Augusto nomine dictus avus.

Perlege dispositas generosa per atria ceras;

Contigerunt nulli nomina tanta viro.

Africa victorem de se vocat: alter Isauras,

Aut Cretum domitas testificatur opes.

e estrebuchando na agonia o monstro,  
co'o largo peito o duro chão recalca.

O vencedor a Jove immola um toiro,  
convidando ao banquete o hospede Evandro,  
e de todo o contorno os lavradores.  
Para si constitue ara solemne,  
que *Maxima* se diz ; d'ella foi séde  
o bairro que do *boi* deduz seu nome.

ARA MA-  
XIMA fun-  
dada por  
Hercules

Logo ali de Carmenta os vaticinios  
declararam porem ser vindo o tempo  
em que ao orbe seu Hercules faltasse.

Eis como a afortunada profetisa  
cara aos deuses, é deusa, e tem seu culto  
n'este dia do mez sagrado a Jano.

Nos *Idos* continente sacerdote  
cresta no altar de Jupiter supremo  
entranhas de uma ovelha hermaphrodita.  
Foi n'este dia que as provincias todas  
Roma obteve, ó Germanico, e saudaram  
a teu Avô co'o o titulo de *Augusto*.

Janeiro 13  
Sacrificio  
de ovelha  
a Jupiter

Cogno-  
mentos  
em geral.  
Excellen-  
cia do de  
AUGUSTO

Percorrei pelos atrios d'esses nobres  
os simulacros de animada cêra  
dos ascendentes seus, e achae-me em tantos  
um só, que de igual titulo gosasse.  
D'Africa o vencedor diz-se *Africano* ;  
de *Izauras* se appella o que a domara ;  
*Cretense*, o que de Creta abate as forças ;

Hunc Numidae faciunt, illum Messana superbum :

Ille Nomantina traxit ab urbe notam.

Et mortem et nomen Druso Germania fecit.

Me miserum ! virtus quam brevis illa fuit !

Si petat a victis ; tot sumat nomina Caesar,

Quot numero gentes maximus orbis habet.

Ex uno quidam celebres, aut torquis ademptae,

Aut corvi titulos auxiliaris habent.

Magne, tuum nomen rerum mensura tuarum est :

Sed qui te vicit, nomine major erat.

Nec gradus est ultra Fabios cognominis ullus ;

Illa domus meritis Maxima dicta suis.

Sed tamen humanis celebrantur honoribus omnes :

Hic socium summo cum Jove nomen habet.

Sancta vocant augusta patres : augusta vocantur

Templa, sacerdotum rite dicata manu.

Hujus et augurium dependet origine verbi,

Et quodcumque sua Jupiter auget ope.

Augeat imperium nostri Ducis, augeat annos :

Protegat et vestras querna corona fores ;

um, debelados Numidas o afamam ;  
a outro, Messaneus ; outro, Numancia ;  
Germania deu a Druso a morte e o *nome* ;  
ai ! malogrado heroe !. Se das victorias  
tomára Cesar sempre os cognomentos,  
quantas são as nações do immenso mundo,  
tantos contára já. Té de um só *feito*  
deduziram alguns seus *appellidos* :  
tal do duelo em que interveio o *corvo*,  
se fez *Corvino*, e do *Colar Torquato*.  
Pompeu, tuas acções te hão feito *Magno* ;  
maior nome porem compete áquelle,  
que de tal vencedor logrou victoria.  
¿ E qualificação qual ha que exceda  
á dos Fabios ?, pois meritos lhe hão dado  
assignarem-se *Maximos* em Roma.

Sim ; mas pompas mortaes são todas essas ;  
em honras hobrear co'o proprio Jove,  
Germanico, só tu. Foros divinos  
encerra de ambos vós o *Tratamento* :  
lingua dôs nossos paes ás coisas santas  
sempre *augustas* chamava, e nós *augustos*  
aos templos, que por mão dos sacerdotes  
conforme aos ritos dedicados foram.  
De *Augusto*, *Augurio* vem ; em summa *Augustas*  
são quantas coisas por mercê de Jove  
*auges* de pompa insolita conseguem.  
Consiga-os, oxalá, desfrute-os sempre,  
ó Cesar, teu poder, e a vida tua !  
Possa o carvalho, que te c'róa as portas,  
co'a sombra amiga diffundir venturas !

TOM. I.

Eti molo-  
gia do no-  
me Au-  
gusto

**Auspibusque Deis tanti cognominis heres**

**Omne suscipiat, quo pater, orbis onus.**

**Respiciet Titan actas ubi tertius Idus,**

**Fient Parrhasiae sacra relata Deae.**

**Nam prius Ausonias matres carpenta vehebant;**

**Haec quoque ab Evandri dicta parente reor.**

**Mox honor eripitur; matronaque destinat omnis**

**Ingratos nulla prole novare viros.**

**Neve daret partus, ictu temeraria caeco**

**Visceribus crescens excutiebat onus.**

**Corripuisse patres ausas immitia nuptas,**

**Jus tamen exemptum restituuisse, ferunt.**

**Binaque nunc pariter Tegeaeae sacra parenti.**

**Pro pueris fieri virginibusque jubent.**

De tão grande cognome o claro Herdeiro  
tendo os Numes por Auspices, assumo,  
fadado como o Pai, do Orbe o pezo.

Sol que terceiro nasça após os idos  
vé da Parrhasia deusa as festas novas.  
Se intender sua origem vos releva,  
ora vol-a direi. De Ausonias Donas  
fôra estilo outro tempo andar em coches,  
os quaes (se me não mente a conjectura)  
*carpentos* de *Carmenta* se disiam.  
D'essa mui senhoril prerogativa  
veio porem a curia a despojal-as.

Janeiro 15  
— Festa  
de Car-  
menta

Arde em seus corações fatal despeito ;  
e entre si conjuradas, determinam  
que, por vingar-se dos varões ingratos,  
nunca jámais com prole os reproduzam.

Conjura-  
ção das  
Donas pa-  
ra não te-  
rem filhos

Eis os fructos d'amor (ó pejo, ó crime !)  
alvos de cegos temerarios golpes,  
inda antes de nascer são arrancados.  
Cheios de horror, com tão funesto escandalo,  
e querendo atalhal-o, os senadores  
com censuras asperrimas fulminam  
as espozas crueis, e ao mesmo tempo  
o denegado jús lhes restituem ;  
mas sob a condição que á mãe Tegea  
(dil-o a fama tambem) todos os annos  
se farão em vez de um dois sacrificios :  
um pelos filhos ; pelas filhas outro ;  
que a um e outro sexo as deshumanas  
haviam destruido os tenros germes.

Scortea non illi fas est inferre sacello,

Ne violent pueros exanimata focos.

Si quis amas ritus veteres, assiste precanti :

Nomina percipies non tibi nota prius.

Porrimum placantur, Postvertaque sive sorores,

Sive fugae comites, Maenali Nympha, tuae.

Altera, quod porro fuerat, cecinisse putatur :

Altera, versurum postmodo quidquid erat.

Candida, te niveo posuit lux proxima templo,

Qua fert sublimes alta Moneta gradus.

Nunc bene prospicies Latiam, Concordia, turbam ;

Nunc te sacratae restituere manus.

Furius antiquum populi superator hetrusci

Voverat, et voti solverat ante fidem.

Causa, quod a patribus sumtis secesserat armis

Vulgus; et ipsa suas Roma timebat opes.

Na festival capella é prohibido  
intrar quem leve em si qualquer alfaia  
de pelles d'animaes ; objectos mortos  
violariam do altar as puras flammæ.

Vós, a quem antigualhas deliciam,  
escutæ n'este rito os deprecantes ;  
ouvir-lhes-heis vocabulos ignotos :  
ali se invocam *Porrina*, *Postverta* ;  
ou de Carmenta irmãs, ou socias suas  
na expatiação feliz, que ao Lacio a trouxe.  
Do vetusto foi *Porrina* cantora ;  
*Postverta* do porvir, nos diz a fama.

*Porrina e  
Postverta*

O dia immediato é fausto dia :  
'nelle houveste, ó Concordia, esse alvo templo  
em que resides, convisinha ás altas  
escadarias da immortal Moneta.

Janeiro 16  
— Sagra-  
ção do  
templo da  
Concordia

Concordia, pois que alfim volveu teu culto  
por sacresantas mãos restituído,  
inclina olhos de amor ao lacio povo,  
que aos pés de teu altar corre a apinhar-se.

Festa da  
Concordia

Nem é novo entre nós teu culto, ó deusa :  
já Furio outr'ora, o vencedor da Etruria,  
templos te erguera em cumprimento ao voto,  
lá quando a plebe, em mó desamparando  
feroz, e armas em punho, a curia imbelle,  
foi no monte acolher-se, e Roma afflicta  
previu no esforço proprio a propria queda.

Origem  
d'esta fes-  
ta



Causa recens melior: passos Germania crines

Porrigit auspiciis, Dux venerande, tuis.

Inde triumphatae libasti munera gentis,

Templaque fecisti, quam colis ipse, Deae.

Haec tua constituit genitrix et rebus et ara,

Sola toro magni digna reperta Jovis.

Haec ubi transierint, Capricorno, Phoebae, relicto,

Per Juvenis cures signa gerentis aquam.

Septimus hinc oriens quum se demiserit undis,

Fulgebit toto jam Lyra nulla polo.

Sidere ab hoc, ignis, venienti nocte, Leonis

Qui micat in medio pectore, mersus erit.

Ter quater evolvi signantes tempora Fastos;

Nec sementiva est ulla reperta dies:

Quum mihi, sensit enim, lux haec indicitur, inquit

Musa: quid a Fastis non stata sacra petis?

Utque dies incerta sacro, sic tempora certa;

Seminibus jactis est ubi foetus ager.

State coronati plenum ad praesepe, juvenci.

Sim, mas teu culto novo, alma *Concordia*,  
vem melhorado em ser, mais nobre em causa :  
do principe de Roma ás leis e ao jugo  
desgrenhada *Germania* a fronte humilha.

Parabens, parabens, Principe excelso !  
Da triunfada gente o primo espolio  
tu á *Concordia* em oblação o has dado ;  
tu lhe alçaste com elle o santo alcaçar,  
em que serves tu mesmo, e onde a mãe tua,  
a digna espoza do terrestre *Jove*,  
altar e alfaias para o culto offrece.

Passada a festa da feliz *Concordia*,  
lá saís do *Capricornio*, e lá vizitas  
do gentil moço *Aquario* o signo, ó *Phebo*.

Janeiro 17  
— Sol no  
Aquario

Sette noites apoz, nem já vislumbre  
vereis da *Lira* na amplidão celeste.

Janeiro 23  
— Total  
de sa ppa-  
recimento  
da *Lira*

Mais outra noite, e a estrella que scintila  
no peito do *Leão*, desaparece.

Janeiro 24  
— Occaso  
do *Leão*

Nos *Annaes* onde as festas vêm marcadas  
festas em vão busquei das *sementeiras*.  
Vendo-me a folhear, cuidadoso, assiduo,  
e intendendo-me o empenho — « Em balde as buscas —  
rindo a *Musa* me diz ; — « ¿ festas mudaveis  
« das fixas no registro achar querias ?  
« Têm marcada a estação, e o dia incerto ;  
« celebram-se no praso em que estão prenhes  
« de sementes os chãos. Gosae do ocio  
« á farta manjadoira, ó bois c'roados !

Festas se-  
mentinas

Quum tepido vestrum vere redibit opus.

Rusticus emeritum palo suspendat aratrum :

Omne reformidat frigida vulnus humus.

Villice, da requiem terrae semente peracta :

Da requiem, terram qui coluere, viris.

Pagus agat festum. Pagum lustrate, coloni ;

Et date paganis annua liba focis.

Placentur matres frugum : Tellusque, Ceresque,

Farro suo, gravidae visceribusque suis.

Officium commune Ceres et Terra tuentur ;

Haec praebet causam frugibus, illa locum.

Consortes operum, per quas correcta vetustas,

Quernaque glans victa est utiliore cibo ;

Frugibus immensis avidos satiate colonos,

Ut capiant cultus praemia digna sui.

Vos date perpetuos teneris sementibus auctus ;

Nec nova per gelidas herba sit usta nives.

Quum serimus, coelum ventis aperite serenis ;

Quum latet, aetheria spargite semen aqua.

Neve graves cultis Cerealia dona, caveto,

Agmine laesuro depopulentur aves.

« Lá virá logo a activa Primavera,  
» á cerviz repousada impondo jugo,  
« co'a renascente lida affadigar-vos.  
« No abrigo do casal durma por ora  
« a cançada charrua ; a terra fria  
« não deseja, não soffre o ser rasgada. » —

Agora, que jaz finda a sementeira,  
lavradores, dae folga ao solo, aos braços :  
lustrem colonos sua aldêa em festa ;  
dêem a seus fogos a annual fogaça.  
Tellus e Ceres, madres das searas,  
já com seus mesmos grãos se propiciem,  
já co'as intranhas da suina femea :  
d'entre ambas nasce o grão que nos sustenta :  
Ceres, nol-o produz ; mantem-n-o a terra.

Festas pa-  
ganacs

O' consocias em dadiva tão rica,  
deusas, por quem a rude antiguidade  
se abrandou, se poliu, deixada a glande  
por mais nobre manjar, dae aos colonos,  
em premio a seu trabalho e a seus desvelos,  
colheita sem medida e que os sacie !  
Dae augmento continuo aos germes tenros,  
e que a neve á nascença os não destrua !  
Em quanto disparzirmos as sementes,  
alimpae-nos o ceo com ventos brandos ;  
mal que interrada fôr, mandae-lhe as chuvas ;  
e, pois são gloria vossa as pingues messes,  
que em vagas d'oiro ao longo d'essas veigas  
rumorejam fartura, eia ! salvae-as  
do avido bico das aladas hostes !

Invocação  
a Tellus e  
Ceres

Vos quoque subjectis, formicae, parcite granis :

Post messem praedae copia major erit.

Interea crescat scabrae robiginis expers,

Nec vitio coeli palleat aegra seges ;

Et neque deficiat macie, neque pinguior aequo

Divitiis pereat luxuriosa suis ;

Et careant loliis oculos vitiantibus agri ;

Nec sterillis culto surgat avena solo.

Triticeos foetus, passuraque farra bis ignem,

Hordeaque ingenti foenore reddat ager.

Hoc ego pro vobis, hoc vos optate, coloni ;

Efficiantque ratas utraque Diva preces.

Bella diu tenuere viros. Erat aptior ensis

Vomere ; cedebat taurus arator equo.

Sarcula cessabant ; versique in pila ligones,

Factaque de rastro pondere cassis erat.

Gratia Dis, domnique tuae : religata catenis

Jam pridem nostro sub pede bella jaecent.

Sub juga bos veniat ; sub terras semen aratas,

Pax Cererem nutrit : Pacis alumna Ceres.

Por ora, que inda a terra o grão recata,  
vós, formigas, poupae-o ! usura grande  
havereis d'elle, se aguardais a aceifa.  
Livre de torpe alforra a messe vingue ;  
e côr d'alma saude o ceo lhe influa ;  
que nem definhe palida, nem perca  
por excesso de viço e nimia pompa ;  
joio á vista nocivo os chãos não brotem ;  
nem torpe aveia as sementeiras mescle ;  
Só se vejam medrar profusamente  
as cevadas, o trigo, e a rija escandia,  
a escandia, a fogos dois predestinada !

Lavradores, por vós taes são meus rogos !  
Co'os rogos meus os vossos se misturem  
porque uma e outra deusa os ratifiquem !

Ferina longo tempo a humanidade  
só nutriu bellicosos pensamentos ;  
mais apreço que a relha a espada tinha,  
e em foros de nobreza era anteposto  
o corsel que peleja ao boi que lavra.  
Não trabalhava a enchada ; ia-se em lanças  
dos alviões o ferro ; o ensinho em elmos.

Paz actual  
em todo o  
Imperio

Graças, deuses, a vós, a vós, ó Cesares !  
o Genio marcial, agrilhado,  
já sob os pés de Roma em vão se estorce.  
O toiro, accete o jugo ; o solo, os germes ;  
Ceres, filha da paz, co'a paz triunfe.

At, quae venturas praecedet sexta Kalendas,

Hac sunt Ledaeis templa dicata Diis.

Fratribus illa Deis fratres de gente Deorum

Circa Juturnae composuere lacus.

Ipsum nos carmen deducit Pacis ad aram;

Haec erit a mensis fine secunda dies.

Frondebis Actiacis comtos redimita capillos,

Pax, ades; et toto mitis in orbe mane.

Dum desunt hostes, desit quoque causa triumphi:

Tu ducibus bello gloria major eris.

Sola gerat miles, quibus arma coerceat, arma;

Canteturque fera nil, nisi pompa, tuba.

Horreat Aeneadas et primus et ultimus orbis.

Si qua parum Romam terra timebit, amet.

Tura, sacerdotes, pacalibus addite flammis;

Albaque percussa victima fronte cadat.

Utque domus, quae praestat eam, cum Pace perennet,

Ad pia propensos vota rogate Deos.

Sed jam prima mei pars est exacta laboris,

Cumque suo finem mense libellus habet.

Das Calendas áquem, seis dias conta,  
e encontrarás a data, em que dicado  
foi aos gemeos Ledeus o templo duplex,  
que ao lago de Juturna está propinquo ;  
aos dois numes irmãos condigna offerta  
de dois, irmãos tambem, tambem divinos.

Janeiro 27  
— Castor  
e Pollux

Eis ao altar da Paz chegado o canto !  
Só resta um dia ao mez. Vem, coroada  
dos loiros d'Accio, ó Paz gentil e amena,  
presidir de teu culto ás doces festas,  
e do orbe, que é teu, não mais refujas.

Janeiro 30  
— Culto  
da Paz em  
Roma

Já Romano poder não tem contrarios !  
Cesse alfim a corrente dos triunfos !  
brioso o coração dos chefes nossos  
á gloria do vencer prefere a tua.  
Tão só para impedir que se ergam armas,  
armas traga o soldado ; e só festejos  
pregôe retroando a marcia tuba.  
Ao nome dos Eneades Romanos  
treme a terrea extensão d'um polo a outro,  
ou só perca o tremer para adoral-os !

Eia, as aras pacificas vos chamam ;  
sacerdotes, voae, chovei-lhe incensos ;  
e, rota a fronte co'o sagrado ferro,  
victima branca ás vossas mãos procumba.  
A rogos pios não resistem numes ;  
supplicae-lhes que a paz, e a clara estirpe,  
de quem a paz nos vem, perpetuas durem.

Da primeira tarefa alcanço o termo :  
jaz percorrido o mez ; repouse o canto.

Epilogo



# FASTORUM



## LIBER II

### Februarius mensis



**J**anus habet finem. Cum carmine crescit et annus.

Alter ut hinc mensis, sic liber alter eat.

Nunc primum velis, Elegi, majoribus itis;

Exiguum, memini, nuper eratis opus.

Certe ego vos habui faeiles in amore ministros,

Quum lusit numeris prima juvena suis.

Idem sacra cano, signataque tempora Fastis:

Ecquis ad haec illinc crederet esse viam?

Haec mea militia est; ferimus, quae possumus, arma;

Dextraque non omni munere nostra vacat.

Si mihi non valido torquentur pila lacerto,

Nec bellatoris terga premuntur equi,

Nec galea tegimur, nec acuto cingimur ense;

# OS FASTOS



## LIVRO II

### ● mez de Fevereiro

**P**assou Jano ; em seu giro avança o tempo.  
Reclama novo mez um canto novo.

Proposi-  
ção; invo-  
cação a  
Cesar

Estro, votado outr'ora a vãos assumptos,  
abre em mais largo mar mais amplas velas !  
Versos, que lá na flórea mocidade  
a meus brincos de amor tão promptos vinheis,  
hoje vos alço a memorar de Roma  
as sacras annuaes solemnidades ;  
Tal porvir quem jámais vos prediria !  
eis a milicia minha ; á patria inutil  
d'este modo sequer não peza o vate.

Se o dardo não arrojô, ou cinjó espada,  
se, coberto de ferreo capacete,  
em guerreiro corcel não vôo ás lides,

(His habilis telis quilibet esse potest);

At tua prosequimur studioso pectore, Caesar,

Nomina; per titulos ingredimurque tuos.

Ergo ades, et placido paulum mea munera vultu

Respice; pacando si quid ab hoste vacas.

Februa Romani dixere piamina patres;

Nunc quoque dant verbo plurima signa fidem:

Pontifices ab Rege petunt et Flamine lanas,

Quis veteri lingua Februa nomen erat.

Quaeque capit lictor domibus purgamina certis,

Torrída cum mica farra, vocantur idem.

Nomen idem ramo, qui caesus ab arbore pura,

Casta sacerdotum tempora fronde tegit.

Iipse ego Flaminicam poscentem februa vidi;

Februa poscenti pinea virga data est.

Denique quodcumque est, quo pectora nostra piatur,

Hoc apud intonsos nomen habebat avos.

Mensis ab his dictus, secta quia pelle Luperci

Omne solum lustrant, idque piamen habent;

Aut quia placatis sunt tempora pura sepulcris

Tunc, quum ferales praeteriere dies.

Omne nefas, omnemque mali purgamina causam

coisas que podem mil, que podem todos;  
pela patria, por ti, de amor fervendo  
canto, ó Cesar, teu nome, os teus louvores.  
Benigno o don me acceita; e se, no empenho  
de fundar co'a victoria a paz do Globo,  
tens hora de folgar, põe n'elle os olhos.

Ás sacras *expiacões* chamavam *Februa*  
romanos bisavós; e inda hoje duram  
d'esse antigo dizer patentes restos.

*Vellos de lâ*, que ao rei dos sacrificios,  
e ao Flámine os Pontifices requerem,  
*Februa* no antigo idioma os nomeavam;  
*Februa* igualmente ao *bolo* recosido,  
temperado co'o *sal*, que em lares certos  
se apresenta ao *Lictor*; e *Februa* o *ramo*  
que adorna a casta fronte aos sacerdotes.  
Flaminica vi eu, que ao pedir *februa*  
por *februa* a pinea vara recebia;  
tudo alfim, quanto alimpa a consciencia,  
dos hirsutos avós foi dito *februa*.

De *februa* Fevereiro arroga o nome;  
ou já porque de lategos em punho  
vão Lupercos lustrando os sitios todos  
a bem de os expiar; ou porque os tempos,  
então que as sepulturas se applicaram,  
e os *feraes dias* já lá vão, começam  
de novo a devolver-se amenos, puros.

Era crença robusta em nossos velhos,  
que não havia crime, horror, desgraça,

TOM. I.

Februas  
etimolo-  
gia de Fe-  
vereiro

Supersti-  
ção das  
expiacões

Credebant nostri tollere posse senes.

Graecia principium moris fuit: illa nocentes

Impia lustratos ponere facta putat.

Actoriden Peleus, ipsum quoque Pelea Phoci

Caede per Haemonias solvit Acastus aquas.

Vectam frenatis per inane draconibus Aegaeus

Credulus immerita Phasida iuvit ope.

Amphiaraides Naupactoo Acheloo,

Solve nefas, dixit; solvit et ille nefas.

Ah! nimium faciles, qui tristia crimina caedis

Fluminea tolli posse putetis aqua!

Sed tamen (antiqui ne nescius ordinis erres)

Primus, ut est Jani mensis, et ante fuit.

Qui sequitur Janum, veteris fuit ultimus anni.

Tu quoque sacrorum, Termine, finis eras.

Primus enim Jani mensis, quia janua prima est,

Qui sacer est imis Manibus, imus erat.

Postmodo creduntur spatio distantia longo

Tempora bis quini continuasse Viri.

Principio mensis, Phrygiae contermina Matri

Sospita delubris dicitur aucta novis.

Nunc ubi sint illis, quaeris, sacrata Kalendis

Templa Deae? longo procubuere die.

Caetera ne simili caderent labefacta ruina,

que 'nessas purgações não se extinguisse.

Tal fé nas *lustrações*, para tornar-se um scelerado á candida innocencia, quem senão tu, ó Grecia, a inventaria? Peleu *ablue* do derramado sangue a Patróclo; a Peleu, o *ablue* Acasto. Medêa em coche de dragões volantes chega ao credulo Egeu, e o nescio julga de ré tão negra a absolvição possivel. O filho de Amphiarau, diz a Achelóo: — « Solve-me o parricidio » — e logo é solto.

Credulidade vã! : suppôr que os rios do sangue esparso aos criminosos lavem!

Porque saibais os computos antigos, tinha Jano, como hoje, o mez primeiro; mas o mez, que entre nós succede a Jano, era o ultimo então, e as tuas festas, ó Termino, do anno as derradeiras. Jano, por que aos introitos preside, tinha do anno o introito; dos Manes era o prazo, em que o giro annual fenece. Foram (crê-se) os Decemviros, que uniram suprimindo o intervallo, os dois extremos.

No intrar de Fevereiro, aponta a fama, que em honra a ti, ó *Sospita*, dicaram ao pé da Phrigia Madre, um templo novo. Perguntam-me onde está? desfel-o a idade; desfel-o: porem vós, vós templos de hoje,

Fôra Fe-  
vereiro o  
mez ulti-  
mo do an-  
no

Fevereiro  
1—Juno  
Sospita

Cavit sacra provida cura Ducis ;  
Sub quo delubris sentitur nulla senectus,  
Nec satis est homines ; obligat ille Deos.  
Templorum positor, templorum sancte repostor,  
Sit Superis, opto, mutua cura tui.  
Dent tibi coelestes, quot tu coelestibus, annos ;  
Proque tua maneant in statione domo.  
Tum quoque vicini lucus celebratur Asyli ;  
Qua petit aequoreas advena Tiberis aquas.  
Ad penetrale Numae, Capitolinumque Tonantem,  
Inque Jovis summa caeditur arce bidens.  
Saepe graves pluvias adopertus nubibus Auster  
Concitat, aut posita sub nive terra latet.  
Proximus Hesperias Titan abiturus in undas,  
Gemmae purpureis quum juga demit equis ;  
Illa nocte aliquis, tollens ad sidera vultum,  
Dicet : Ubi est hodie, quae Lyra fulsit heri ?

não temais fado igual : um sacro chefe  
protector de homens, protector de numes,  
vos guarda, vos mantém do tempo illesos.  
Salve, Restaurador das aras priscas,  
e de aras novas Fundador ! os deuses  
te amparem (oxalá !) como os amparas !  
a duração, que lhes tu dás no culto,  
elles t'a dêem no Imperio, e se te postem,  
perpetua guarda a teus umbraes augustos !

Inda outras festas as calendas trazem :  
vai-se com pompa ao sacrosanto bosque  
do asilo, que á cidade está visinho,  
lá perto donde o Tibre as mansas aguas  
cançadas de correr ao mar entrega.

Festa no  
asilo

Cordeira de annos dois se immola a Vesta,  
no sanctuario seu, proximo ao sitio  
onde do velho Numa era a vivenda ;  
outra, no altar de Jupiter Tonante,  
via do Capitolio ; em fim terceira,  
ao mesmo deus da alcáçova no cume.

Sacrifica-  
se a Vesta

Sacrifica-  
se a Jupi-  
ter

Muita vez n'este praso Austro nubloso  
desata os ceos em chuva, ou se acoberta  
de branca neve a terra esmorecida.

Quando o seguinte sol houver soltado  
rubros corceis do aurigemente coche,  
quem para os ceos olhar — « Não vejo a *Lira* —  
dirá — « que hontem d'além me scintilava ! » —

Fevereiro  
2 — Occa-  
so da Lira  
e de parte  
do Leão



Dumque Lyram quaeret, medii quoque terga Leonis

In liquidas subito mersa notabit aquas.

Quem modo coelatum stellis Delphina videbas,

Is fugiet visus nocte sequente tuos,

Seu fuit occultis felix in amoribus index ;

Lesbida cum domino seu tulit ille lyram.

Quod mare non novit? quae nescit Ariona tellus?

Carmine currentes ille tenebat aquas ;

Saepe sequens agnam lupus est hac voce retentus ;

Saepe avidum fugiens restitit agna lupum ;

Saepe canes leporesque umbra cubuere sub una ;

Et stetit in saxo proxima cerva leae ;

Et sine lite loquax cum Palladis alite cornix

Sedit ; et accipitri juncta columba fuit.

Cynthia saepe tuis fertur, vocalis Arion,

Tamquam fraternis, obstupuisse modis.

Nomen Arionium Siculas impleverat urbes,

Captaque erat lyricis Ausonis ora sonis ;

Inde domum repetens puppim conscendit Arion,

Atque ita quaesitas arte ferebat opes.

Em quanto assim confuso a andar buscando,  
subito lá verá no equoreo pego  
metade do *Leão* ir-se ingolindo.

Mais uma noite.... e o que brilhava ha pouco  
estrellado Golfinho, eis desaparece !  
Quem dirá, claro peixe, a origem tua !  
¿ Serias o de tacitos amores  
medianeiro feliz ? ¿ ou sobre o dorso  
o que levou nadando, e poz em salvo  
co'a cithara divina o vate Lesbio ?

Fe vereiro  
3—Occa-  
so e histo-  
ria do Gol-  
finho

¿ A historia d'Arion quem ha que ignore ?  
toda a terra a conhece, e os mares todos.  
Elle as correntes rapidas sustinha ;  
indo-se apoz da ovelha, o lobo infesto  
parava para ouvil-o ; e para ouvil-o  
parava como o lobo a propria ovelha ;  
viam-se á mesma sombra os cães e as lebres,  
deitados escutar ; e a mesma rocha  
tranquillas reunir leoa e cerva ;  
gralha loquaz e o passaro de Pallas  
cessavam de renhir ; em fim suspensos  
poisavam n'um só ramo o açor e a pomba.  
Diana vezes mil teus sons ouvindo,  
suavissimo Arion, ficou suspensa,  
qual se escutara os canticos fraternos.  
Teu nome inchia as Siculas cidades ;  
de tua lira apoz corria Ausonia.

Fabula de  
Arion

D'Ausonia ia o cantor volver-se á patria  
fiando ao lenho undivago, que o leva,  
amplos thesoiros, que ajuntou seu canto.

Forsitan, infelix, ventos undamque timebas ;

At tibi nave tua tutius aequor erat :

Namque gubernator dextrico constitit ense,

Caeteraque armata conscia turba manu.

Quid tibi cum gladio? dubiam rege, navita, pinum :

Non sunt haec digitis arma tenenda tuis.

Ille metu vacuus, Mortem non deprecor, inquit ;

Sed liceat sumta pauca referre lyra.

Dant veniam, ridentque moram. Capit ille coronam,

Quae possit crines, Phoebe, decere tuos.

Induerat Tyrio bis tinctam murice pallam.

Reddidit icta suos pollice chorda sonos ;

Flebilibus veluti numeris canentia dura

Trajectus penna tempora cantat olor.

Protinus in medias ornatus desilit undas ;

Spargitur impulsa caerulea puppis aqua,

Inde (fide majus!) tergo delphina recurvo

Se memorant oneri supposuisse novo.

Ille sedens citharamque tenet, pretiumque vehendi

Talvez do mar, do vento ia medroso,  
quando o proprio baixel lhe urdia o damno,  
e a gloria de o salvar tocava ás ondas.

De espada em punho, o capitão seguido  
da chusma toda armada, eis se apresenta,  
(conjuracão medonha!) ao vate imbelle!  
Que tropel! que furor! que insania, ó impios!  
largae o ferro d'essas mãos improprio!  
regei o leme, que se vaga a tóa!  
O cantor imperterrito — « Escutae-me —  
exclama, — « não supplico o don da vida;  
« mas só me consintais o ultimo canto;  
« e curto será elle. » — Ao rogo annuem,  
riem da dilacção. Toma corôa,  
que adornaria a fronte ao proprio Phebo;  
manto retincto em múrice fenicio,  
aos hombros lança; e dedilhando as cordas,  
magoados sons desfere. Acreditáreis  
de algum candido cisne ao pé do Eurotas  
rota a cabeça de volante setta  
consternada harmonia estar ouvindo.  
Eil-o no meio do geral silencio,  
mesmo vestido, ornado, a lira em braços,  
dá comsigo precipite nas ondas!  
ao truz rebenta o mar em fôfa espuma;  
toda a azulada pôpa em torno orvalha.  
Logo (incrivel portento!) á carga estranha  
pio Delfim submete o curvo dorso.  
Pela campina azul lá trota o vate,  
lá vai da maga cithara esparzindo -  
ao bom do seu corsel jocundo premio.

Cantat; et aequoreas carmine mulcet aquas.

Di pia facta vident: astris delphina recepit

Jupiter, et stellas jussit habere novem.

Nunc mihi mille sonos, quoque est memoratus Achilles,

Vellem, Maeonide, pectus inesse tuum!

Dum canimus sacras alterno carmine Nonas,

Maximus hinc Fastis accumulatur honos.

Deficit ingenium, majoraque viribus urgent;

Haec mihi praecipuo est ore canenda dies.

Quid volui demens elegis imponere tantum

Ponderis? heroi res erat ista pedis.

Sancte Pater patriae! tibi plebs, tibi Curia nomen

Hoc dedit; hoc dedimus nos tibi nomen eques.

Res tamen ante dedit; sero quoque vera tulisti

Nomina: jampridem tu pater orbis eras.

Hoc tu per terras, quod in aethere Jupiter alto,

Nomen habes: hominum tu pater, ille Deum.

Romule, concedas: facit hic tua magna tuendo

Moenia: tu dederas transilienda Remo.

Te Tadius, parvique Cures, Caeninaque sensit.

E ao som do canto, que amacia os ares,  
das vagas loucas se esvaece a furia.  
O generoso feito aprouve aos numes :  
Jove assume o Delfim do oceano aos astros,  
e estrellas nove em galardão lhe outorga.

Quem me ora desse voz longitroante,  
e a Homeria tuba do cantor de Achilles ! :  
toca-me celebrar as sacras *nonas* ;  
opprime os versos meus o honroso incargo ;  
o ingenho se acovarda, e furta os hombros,  
quando á pompa do assumpto as forças mede.  
Requer tamanho dia eximio vate ;  
¿ como ousou plectro affeito ás elegias  
a foros de epopeia abalançar-se ? !  
— « O' sacro *pae da patria* » — a plebe, a curia  
clamam, clamamos nós, os cavalleiros. —  
Tarde tal nome, ó principe, te démos ;  
pae da patria, e do orbe, eras de muito.  
Primeiro do que nós, as acções tuas  
te haviam d'esse modo intitulado.  
O que Jove é nos ceos, és tu na terra :  
elle dos numes pae ; tu, pae dos homens.

Fevereiro  
5—Decre-  
ta-se titu-  
lo de PAE  
DA PATRIA  
a Augusto

Não injurio a Romulo, se affirmo  
que á tua protecção devem seus muros  
grandeza triumphal que hoje alardeam ;  
Remo saltava os delle ; os teus impunes  
desafiam as iras do universo.  
Elle, a Tacio venceu, Cenina, Cures,  
terrões mesquinhos de apoucada gente ;

Hoc duce Romanum est solis utrumque latus.

Tu breve nescio quid victae telluris habebas :

Quodcumque est alto sub Jove, Caesar habet.

Tu rapis ; hic castas duce se jubet esse maritas.

Tu recipis luco, submovet ille nefas.

Vis tibi grata fuit ; florent sub Caesare leges.

Tu domini nomen, principis ille tenet.

Te Remus incusat ; veniam dedit hostibus ille.

Coelestem fecit te pater, ille patrem.

Jam puer Idaeus media tenuis eminet alvo,

Et liquidas mixto nectare fundit aquas.

En etiam, si quis borean horrere solebat,

Gaudeat : a zephyris mollior aura venit.

Quintus ab aequoreis nitidum jubar extulit undis

Lucifer ; et primi tempora veris eunt.

Ne fallare tamen ; restant tibi frigora, restant ;

Magnaue discedens signa relinquit hiems.

Tertia nox veniat : custodem protinus Ursae

Adspicies geminos exseruisse pedes.

e o sol, desde que aos fados nos presides,  
no Oriente só vê, só vê no occaso  
nosso Imperio sem termo, e Roma em tudo.  
Fôra conquista d'elle e seu dominio  
área acanhada de não sei que solo ;  
de Cesar o poder abrange o globo ;  
quanto jaz sob os ceos, adora a Cesar.  
Elle, o rapto ordenou, e deu-lhe o exemplo ;  
tu, do santo Himeneu zelando os foros,  
das espozas mantens a castidade.  
Elle, asilava o crime ; e tu, o expulsas.  
Bruta violencia a Romulo prazia ;  
ao teu suave abrigo as leis florecem.  
Elle, senhor ; tu, principe te ostentas.  
Foi fraticida, os inimigos poupas.  
De seu pae lhe proveio o grao de nume ;  
grao de nume a teu pae tu grangeaste.

Já té á cinta do horisonte surge  
o copeiro de Jove, o Ideu menino,  
aguas e nectar a esparzir da urna.  
Vós, que aos sopros do inverno heis tiritado,  
folgae ; macios zephiros aspiram.

Desponta  
o Aquario

Quando o sol quinta vez desponte os lumes  
renasce primavera. O floreo nome  
não te engane porem ; que inda te aguardam  
da frigida estação não parques restos.

Fevereiro  
9 — Entra  
a Prima-  
vera

A' terça noite, o guardador da Úrsa  
já nos amostra os pés ; a historia d'ambos,  
se a desejais saber, contar-vos posso.

Fevereiro  
11 — A p-  
parição de  
Bootes



Inter Hamadryadas, jaculatricemque Dianam

Callisto sacri pars fuit una chori.

Illa Deae tangens arcus : Quos tangimus, arcus,

Este meae testes virginitatis, ait.

Cynthia laudavit; Promissaque foedera serva;

Et comitum princeps tu mihi, dixit, eris.

Foedera servasset, si non formosa fuisset.

Cavit mortales; de Jove crimen habet.

Mille feras Phoebæ silvis venata redibat;

Aut plus, aut medium sole tenente diem.

Ut tetigit lucum (densa niger ilice lucus,

In medio gelidae fons erat altus aquae)

Hac, ait, in silva, virgo Tegeaea, lavemur.

Erubuit falso virginis illa sono.

Dixerat et Nymphis; Nymphae velamina ponunt.

Hanc pudet, et tardae dat mala signa morae.

Exuerat tunicas; uteri manifesta tumore

Proditur indicio ponderis ipsa sui.

Bem que das Hamadriades consocia,  
era sempre Callisto, apoz Diana,  
quem do sagrado côro ia na frente.  
Um dia, pondo a mão no arco á deusa,  
— « Arco invicto — exclamou — « sê testemunha  
« do sacrosanto voto a que me obrigo,  
« de guardar sempre em flor minha innocencia. » —  
Diana a louva, a applaude ; e — « Persevera  
« no proposito — diz — « que eu te designo  
« do meu fragueiro sequito princeza. » —

Oppõe-se ao juramento a formosura :  
esquiva-se aos mortaes, succumbe a Jove.

Arde o sol no zenith. A casta deusa,  
lassa de montear por mattas brancas,  
vai buscando frêscura ; e dá 'num bosque  
de antigo azinheiral romurejante ;  
escuridade mística o povoa ;  
fonte perene lhe mantem no centro  
de frias aguas cristallino lago.  
— « Que espelho ! que frescor ! que paz ! que sombras ! —  
exclama — « ao banho, ao banho, arcadia virgem. » —  
Sentindo quanto o *virgem* lhe descabe,  
a infeliz se afogueia em tardo pejo.  
Ao convite de Phebe as mais folgando,  
rapidas se deslaçam, se despojam ;  
nudez alva de lirio acclara a selva.  
Callisto, de imital-as se acovarda ;  
o estranho demorar já dá suspeitas !....  
mas despe-se, as suspeitas se confirmam :  
o arredondado ventre, o seio.... a accusam.

Cui Dea, Virgineos, perjura Lycaoni, coetus

Desere, nec castas pollue, dixit, aquas.

Luna novum decies implebat cornibus orbem ;

Quae fuerat virgo credita, mater erat.

Laesa furit Juno, formam mutatque puellae.

Quid facis ? invicto pectore passa Jovem est.

Utque ferae vidit turpes in pellice vultus ;

Hujus in amplexus Jupiter, inquit, eat.

Ursa per incultos errabat squalida montes,

Quae fuerat summo nuper amanda Jovi.

Jam tria lustra puer furto conceptus agebat,

Quum mater nato est obvia facta suo.

Illa quidem, tamquam cognosceret, adstitit amens ;

Et gemit ; gemitus verba parentis erant.

Hanc puer ignarus jaculo fixisset acuto,

Ni foret in superas raptus uterque domos.

Signa propinqua micant. Prior est, quam dicimus Arcton :

Artophylax formam terga sequentis habet.

Saevit adhuc, canamque rogat Saturnia Tethyn,

Maenaliam tactis ne lavet Arcton aquis.

— « Foge, foge, ó perjura ! — exclama a deusa ; —  
« raça de Licaon, sae d'entre as virgens ;  
« não deslustres o puro á casta fonte ! » —

Decima vez a Lua inteira o disco ;  
a donzella é já mãe. Raivosa Juno,  
por vingar seu amor, seu grao, seus foros,  
a odiada rival transforma em ursa ;  
ignora que a mizerrima é sem crime,  
que lutou, que cedeu de Jove ás forças !  
e ufana co'a brutal metamorphose,  
— « Vai ! permitto-te — diz — « que a Jove abrace. » —

Ai ! lá vagueia pelas bravas serras,  
esqualida, medonha, a que inda ha pouco  
ao arbitro do mundo enamorava.

Já o nascido do amoroso furto  
tres lustros numerava, quando acaso  
se encontraram na caça a mãe e o filho :  
ella como que ainda o conhecera,  
absorta se detem ; entra aos gemidos ;  
ao amor maternal taes sons só restam.  
No ponto, em que o mancebo ia vibrar-lhe  
n'um cego tiro a morte, etherea força  
os arrebatá ás regiões sidereas ;  
lá, um visinho ao outro, estão brilhando.  
D'estas constellações é uma o Arctos,  
Arctophylas a outra, a mais pequena,  
a que da grande após correr parece.  
Não pára da Saturnia inda a vingança :  
da alva Thetis obtem, que nunca a ursa  
no equoreo pego logrará banhar-se.

A Ursa  
não tem  
occaso

**Idibus agrestis fumant altaria Fauni,**

**Hic ubi discretas insula rumpit aquas.**

**Haec fuit illa dies, in qua Veientibus arvis**

**Ter centum Fabii ter cecidere duo.**

**Una domus vires et onus susceperat urbis :**

**Sumunt gentiles arma professa manus.**

**Egreditur castris miles generosus ab isdem ;**

**E quis dux fieri quilibet aptus erat.**

**Carmentis portae dextro via proxima Jano est.**

**Ire per hanc noli, quisquis es ; omen habet.**

**Illa fama refert Fabios exisse trecentos ;**

**Porta vacat culpa ; sed tamen omen habet.**

**Ut celeri passu Cremeram tetigere rapacem,**

**Turbidus hibernis ille fluebat aquis ;**

**Castra loco ponunt : dstrictis ensibus ipsi**

**Tyrrhenum valido Marte per agmen eunt ;**

**Non aliter, quam quum Lybica de rupe leones**

**Invadunt sparsos lata per arva greges.**

**Diffugiunt hostes, inhonestaque vulnera tergo**

**Accipiunt ; Tusco sanguine terra rubet :**

Nos Idos fuma altar a Fauno agreste,  
na ilhota, que amoroso abraça o Tibre.

Feveiro  
13—Festa  
de Fauno

N'esse dia, as planicies dos Vegentes  
viram do ferro hostil cair ceifados  
trezentos seis heroes da Fabia gente ;  
nobre familia, que impunhando as armas  
cifra em si o valor da patria Roma,  
e dos fados de Roma assume o pezo !  
Nos trezentos e seis, soldados todos,  
não se apontava um só, que não podesse  
capitanear exercitos. Ouvi-me :  
da porta Carmental sabeis a estrada ?  
essa que tem á dextra o Janio templo ?  
fugi d'ella ; fugi !, que incerra agoiro :  
foi por lá, que os magnanimos saíram  
pela ultima vez. Do fado o crime  
não foi da porta, não, mas funestou-a.  
Voam, chegam do Crémera á corrente,  
c'o desatado inverno então raivosa ;  
ali poem arraial ; da espada arrancam,  
e pelo meio das Tirrhenas hostes  
incontrastavel impeto os remessa :  
taes descem de alcantis leões da Libia,  
e os gados na planicie investem prostram.  
O inimigo medroso arranca a fuga ;  
golpes e golpes do romano aceiro  
vão nas espaldas a chover-lhe opprobrio ;  
de tusco sangue a terra é toda um lago.  
Da victoria gentil, brotam victorias ;  
segunda vez, terceira, e quantas ousa  
em campo aberto contrapor-se aos Fabios,

Excidio  
dos Fabios

Ad bellum missos perdidit una dies.

Ut tamen Herculeae superessent semina gentis,

Credibile est ipsos consuluisse Deos ;

Nam puer impubes, et adhuc non utilis armis,

Unus de Fabia gente relictus erat ;

Scilicet ut posses olim tu, Maxime, nasci ,

Cui res cunctando restituenda foret.

Continuata loco tria sidera, Corvus ut Auguis,

Et medius Crater inter utrumque jacet.

Idibus illa latent : oriuntur nocte sequenti.

Quae sibi cur tria sint consociata, canam.

Forte Jovi festum Phoebus solemne parabat.

(Non faciet longas fabula nostra moras).

I, mea, dixit, avis, ne quid pia sacra moretur ;

Et tenuem vivis fontibus affer aquam.

Corvus inauratum pedibus cratera recurvis

Tollit, et aerium pervolat altus iter.

Stabat adhuc duris ficus densissima pomis :

Tentat eam rostro : non erat apta legi.

Immemor imperii sedisse sub arbore fertur,

Dum fierent tarda dulcia poma mora.

a todos n'um só dia a Parca os prostra.  
Cuidado foi porem dos proprios deuses  
(se á razão lér nos ceos é permittido)  
o conservar de tão herculea gente  
raiz que no futuro a renovasse :  
ás armas inda improprio, imberbe infante  
era ficado em Roma, ultimo Fabio.  
Foi dita ! foi superna providencia ! :  
afim de que nascer podesse um dia  
Maximo, o Tardador, broquel da patria.

Mas tres constellações lá vêm seguidas ! :  
*Corvo, Serpente, e o Vazo em meio d'ambos !*  
noite, que aos Idos segue, as manifesta.

Da conjunção das tres direi a origem :  
infado não temais ; é breve o conto.

Lembrou-se Appollo com solemne bodo  
a Jove regalar : — « Vai — disse ao corvo —  
« meu fiel, desce á fonte, e d'agua pura  
« traze presto o preciso á sacra festa. » —  
Co'as garras aurea talha o corvo impolga,  
desfere o vôo, pelos ceos desliza.

Densa figueira no caminho o tenta ;  
baixa, poisa, co'o bico apalpa a fruta,  
acha-a verde ; esqueceram-lhe recados ;  
impoleira-se, á espera que amadure.

Veio a propria estação ; comeu ; fartou-se.  
Farto de figos recordou-se d'agua !

Fevereiro  
14 — Nas-  
cimento  
das const-  
tellações  
Serpente,  
Corvo e  
Cratera ;  
sua histo-  
ria



Inde satur nigris longum rapit unguibus hydram ;

Ad dominumque redit, fictaque verba refert :

Hic mihi causa morae, vivarum obsessor aquarum ;

Hic tenuit fontes, officiumque meum.

Addis, ait, culpae mendacia? Phoebus, et audes

Fatidicum verbis fallere velle Deum !

At tibi, dum lactens haerebit in arbore ficus,

De nullo gelidae fonte bibantur aquae.

Dixit. Et antiqui monumenta perennia facti,

Anguis, Avis, Crater, sidera juncta micant.

Tertia post Idus nudos Aurora Lupercos

Adspicit; et Fauni sacra bicornis eunt.

Dicite, Pierides, sacrorum quae sit origo ;

Attigerint Latias unde petita domos.

Pana Deum pecoris veteres coluisse feruntur

Arcades ; Arcadiis plurimus ille jugis.

Testis erit Pholoe ; testes Stymphalides undae ;

Quique citis Ladon in mare currit aquis ;

Cinctaque pinetis nemoris juga Nonacrini ;

Altaque Cyllene. Parrhasiaeque nives.

¿ Que fará?... muito a ponto o acaso veio ;  
uma serpe!.... que achado! impolga a serpe,  
enche a talha, e lá vai. Do nume ás plantas  
depõe a carga, e diz : — « Tardei, meu nume,  
« mas não foi minha a culpa ; ahi tens o bruto,  
« o descortez, que me ha defeso a fonte.  
« Se não logro vencel-o, inda eu lá era ! » —  
— « ¿ Juntar o imbuste ao crime? — o deus prorompe —  
« a mim, que os fados leio, ousas burlar-me !  
« pena de tanto arrojo eu te condemno,  
« que nunca, nunca mais, em quanto o figo  
« lacteo se vir na arvore apegado,  
« logres dessedentar-te em fonte alguma. » —

Disse ; e para lembrança do successo,  
o *Corvo*, a *Serpe*, o *Vazo*, ahi brilham juntos.

Aos Idos sobrevêm co'a terça aurora,  
Bicornio agreste Pan, teus sacrificios,  
na cidade correndo nús Lupercos.

Musas, narrae a origem d'este culto,  
e d'onde foi trazido á Lacia terra.

É fama, que entre os Arcades antigos  
Pan dos gados fautor, grão culto houvera ;  
sua imagem se via em cada oiteiro ;  
vós, ó aguas stinfalides, tu, Pholoe,  
tu Ladon, que ligeiro ao mar te invias,  
vós, pinheiraes dos Nonacrinos serros,  
tu, fragoso Cillene, e vós não menos,  
Parrhasias neves, que digais se eu minto.

Fevereiro  
15 — Fes-  
tas Luper-  
caes em  
honra de  
Pan ; sua  
origem

Pan erat armenti custos, Pan numen equarum ;

Munus ob incolumes ille ferebat oves.

Transtulit Evander silvestria numina secum.

Hic, ubi nunc urbs est, tum locus urbis erat.

Inde Deum colimus, devectaque sacra Pelasgis.

Flamen adhuc prisco more Dialis agit.

Cur igitur currant ; et cur, sic currere mos est,

Nuda ferant posita corpora veste, rogas ?

Ipsè Deus velox discurrere gaudet in altis

Montibus ; et subitas concitat ille feras.

Ipsè Deus nudus nudos jubet ire ministros ;

Nec satis ad cursum commoda vestis erat.

Ante Jovem genitum terras habuisse feruntur

Arcades, et luna gens prior illa fuit.

Vita ferae similis, nullos agitata per usus :

Artis adhuc expers et rude vulgus erant :

Pro domibus, frondes norant pro frugibus, herbas

Nectar erat palmis hausta duabus aqua ;

Nullus anhelabat sub adunco vomere taurus ;

Nulla sub imperio terra colentis erat ;

Nullus adhuc erat usus equi ; se quisque ferebat.

Era Pan, que os armentos tutelava,  
que influa aos corseis a força, os brios,  
e ás ovelhas mantendo a sanidade,  
do humilde pegureiro obtinha offrendas.

Trouxe prófugo Evandro os patrios deuses,  
religião campestre, ao chão da Ausonia :  
era então sitio a Roma, o que hoje é Roma.  
Eis donde veio Pan aos ritos nossos ;  
eis porque a prisca usança inda conservam  
'nestes bons cultos de Pelasga origem  
os Flamines Diaes.

¿ Mas o luperco ?  
o despir-se ? o correr ? Que significam ?  
que esse ligeiro deus se apraz nas serras,  
de correr, de saltar, de ir espantando,  
de ir pondo em fuga em rebuliço as feras.  
Seus ministros quer nus, pois nu vagueia ;  
vestido perderia a agilidade.

Por que  
são nus os  
lupercos ?  
Primeira  
explicação

Da Arcadia é tradição que antecederá  
á nascença de Jove ; e que, primeiro  
que os ceos houvessem lua, havia Arcadia.  
Mas sem artes, sem trafego de industria,  
dos moradores seus a turba ignara  
de brutos animaes distava apenas :  
a moita lhe era albergue, as hervas mesa,  
taça as concavas mãos, e as aguas nectar ;  
não resfolgava o boi submisso ao jugo,  
nem donos conhecia o chão maninho.  
Livres o corsel rinchava de soberbo,

Segunda  
explicação

Ibat ovis lana corpus amicta sua.

Sub Jove durabant, et corpora nuda gerebant,

Docta graves imbres et tolerare Notos.

Nunc quoque detecti referunt monumenta vetusti

Moris, et antiquas testificantur opes.

Sed, cur precipue fugiat velamina Faunus,

Traditur antiqui fabula plena joci.

Forte comes dominae juvenis Tirynthius ibat.

Vidit ab excelso Faunus utrumque jugo.

Vidit, et incaluit ; Montanaque numina, dixit,

Nil mihi vobiscum est : haec meus ardor erit.

Ibat odoratis humeros perfusa capillis

Maeonis, aurato conspicienda sinu.

Aurea pellebant rapidos umbraculo soles ;

Quae tamen Herculeae sustinere manus.

vendo os homens como elle uzar das plantas :  
leda balia ao longe ovelha humilde,  
porque dos vellos avida thesoira  
para a outrem cobrir a não despia.  
Às intemperies do ar de longo affeitos  
os corpos dos mortaes indurecidos  
curtiam vento, chuva, ardores, frios.  
Lupercal desnudez memorias guarda  
do vivído lá n'essas priscas eras.

Ha inda outra razão, razão sem contra,  
por que Fauno aborrece as vestiduras,  
não as quer, não as soffre em seus ministros :  
ora ouvi, que tem sal o antigo conto.

Terceira  
explicação  
Fabula de  
Fauno,  
Hercules e  
Omphale

Ia uma vez passando o heroe Tirinthio  
co'a sua namorada, quando Fauno  
lá do viso de um monte onde então era,  
os avistou, e ardeu ; ardeu qual nunca.  
(Tem coriscos amor, vibrou-lhe um d'elles).

— « Adeus — exclama em si — « de vós me aparto,  
« e é para sempre, montesinhas deusas ;  
« aquella que alem vai, me leva esta alma. » —

E certo que era incanto o ver tal moça,  
lidia flôr, e rainha até nas graças ! :  
comas lustrosas perfumadas soltas !  
collo, espalda, hombros, nus ! alvor, que cega !  
de auripurpureas magestosas roupas  
turgido seio a trasbordar delicias !  
contra o fogo do sol lhe forma escudo  
leve umbrella doirada em mão d'Alcides.

**Jam Bacchæa nemus Tmoli vineta tenebat ;**

**Hesperus et fusco roscidus ibat equo.**

**Antra subit, tophis laqueataque pumice vivo :**

**Garrulus in primo limine rivus erat.**

**Dumque parant epulas potandaque vina ministri,**

**Cultibus Alciden instruit illa suis :**

**Dat tenués tunicas, Gaetulo murice tinctas ;**

**Dat teretem zonam, qua modo cincta fuit.**

**Ventre minor zona est : tunicarum vincla relaxat,**

**Ut possit vastas exseruisse manus ;**

**Fregerat armillas non illa ad brachia factas ;**

**Stringebant magnos vincula parva pedes.**

**Ipsa capit clavamque gravem, spoliūque leonis,**

**Conditaque in pharetra tela minora sua.**

**Sic epulis functi, sic dant sua corpora somno :**

**Et positis juxta succubere toris.**

**Causa : repertori vitis pia sacra parabant,**

**Quae facerent pure, quum foret orta dies.**

Já lá baixa o crepusculo da noite,  
quando aos Tmoleos vinhaes, selva de Baccho,  
chega o formoso par, e incontra albergue,  
que a ponto lh'o depara a natureza,  
n'um antro á industria d'ella só devido :  
leves tufacios, esponjosas pomices  
artezoada abobada lhe imbrecham ;  
palreiro arroio, que do umbral lhe mana  
com brando murmurinho o somno invida.

Em quanto a lauta ceia, os nobres vinhos,  
vão trazendo vão pondo activos servos,  
Omphale (phantazias namoradas  
de dama, e de mimosa !) entra em cubiça,  
de ver em seu amante o seu retrato ;  
dá-lhe a delgada tunica purpurea ;  
dá-lhe o listão subtil, que a cinta aperta.  
Mas no subtil listão não cabe o ventre ;  
mas da purpurea tunica não podem  
as vastas mãos surdir, sem que arrebentem ;  
a pulseira no rijo braço estala-lhe,  
nas prisões do calçado as plantas gemem-lhe.

¿ E ella em tanto ? Ella impunha a bruta clava ;  
a pelle inverga do leão felpudo ;  
e escolhendo entre as frechas as menores  
com essas o carcaz pendura á cinta.  
Assim se vão á ceia e d'ella ás camas,  
que inda que a par, são duas esta noite ;  
porque ? ! porque hão votado ao deus das uvas  
para em rompendo a aurora um sacrificio,  
que só por castas mãos pode offertar-se.



Noctis erat medium : quid non amor improbus audet !

Roscida per tenebras Faunus ad antra venit.

Utque videt somno comites vinoque solutos,

Spem capit in dominis esse soporis idem.

Intrat ; et huc, illuc, temerarius errat adulter,

Et praefert cautas subsequiturque manus.

Venerat ad strati captata cubilia lecti ;

Et prima felix sorte futurus erat.

Ut tetigit fulvi setis hirsuta leonis

Vellera, pertimuit, sustinuitque manum ;

Attonitusque metu rediit : ut saepe viator

Turbatum viso rettulit angue pedem.

Inde tori, qui junctus erat, velamina tangit

Mollia, mendaci decipiturque nota.

Adscendit ; spondaque sibi propiore recumbit ;

Et rigido cornu durius inguen erat.

Interea tunicas ora subducit ab ima ;

Horrebant densis aspera crura pilis !

Meia noite. Oh ! de amor audacia estranha ! :  
Fauno, co' o veio das trevas incoberto  
manso e manso lá vem.... lá chega ao antro ;  
pára ; escuta ; vigia ; os servos.... dormem,  
vinosos pelo portico estirados.  
— « Parabens ! fausto agoiro ! — em si discorre —  
« ambos dormem tambem ; triunfo ! é minha ! » —

Assim cuidando o temerario adultero  
entra, pé ante pé ; co' os braços longos  
vai e vem tenteando a escuridade ;  
á suspirada alcova emfim já chega !....  
topou logo com leito !.... auspicio fausto !  
vai ser, vai ser feliz ! mas ai ! c' o dedo  
roçou fêlpa leonina ! as mãos recolhe,  
e recua de horror, que ahi jaz Alcides !  
tal ao topar com repentina serpe  
treme o viandante, se retrae, vacilla.

Passa ao leito visinho ; apalpa as roupas ;  
estas, sim, qué são leves, são macias !  
co' a suave illusão resurge o fogo.  
Sustendo o respirar tumultuario,  
sobe mancinho ao leito ; a pouco e pouco  
se estende ; já da cama occupa a margem ;  
arfa-lhe a sensual concupiscencia  
com tumidez tão rispida, que as pontas,  
que lhe adornam a fronte, a não igualam.

Com sutil dextra á tunica mimosa  
procura, encontra a barra ; aos pés a furta,  
vai-a erguendo ;.... que assombro ! as que sonhara

Caetera tentantem cubito Tirynthius heros

Reppulit : e summo decidit ille toro.

Fit sonus ; inclamat comites, et lumina poscit

Maeonis : illatis ignibus acta patent.

Ille gemit lecto graviter dejectus ab alto ;

Membraque de dura vix sua tolit humo.

Ridet et Alcides, et qui videre jacentem ;

Ridet amatorem Lyda puella suum.

Veste Deus lusus, fallentes lumina vestes

Non amat ; et nudos ad sua sacra vocat.

Adde peregrinae causas, mea Musa, Latinas ;

Inque suo noster pulvere currat equus.

Cornipedi Fauno caesa de more capella,

Venit ad exiguas turba vocata dapes ;

Dumque sacerdotes verubus transsuta salignis

Exta parant, medias sole tenente vias,

de lizo jaspe morbidas columnas  
são grossos troncos de musgosa fêlpa!  
ia ávante.... ia a mais.... quando o Tirinthio,  
vibrando estremunhado um cotovello,  
o repulsa violento, o prega em terra.  
Ao subito fragor desperta a dama;  
grita sobressaltada — « Servas, luzes! » —  
o aposento se aclara, e vê-se a obra.

Alquebrado do tomo o pobre amante  
lá se ergue, como pode, entre gemidos.  
Quantos no chão a estrabuchar o hão visto,  
não se podem conter, que não desfexem  
em longa estrepitosa cachinada.  
Ri Hercules; a flux as servas riem;  
até ri, ri talvez mais do que os outros,  
a Meonia gentil, presencendo  
que influxos têm 'num Fauno incantos d'ella.  
Já vêdes por que illuso de vestidos  
por tal arte os detesta o deus bicornio,  
que só ministros nus admitte ás festas.

Gregas explicações has dado ó musa;  
latinas dá tambem: soltemos redeas  
aos corseis do meu carro em patrio solo.

Imolada ao Capripede uma cabra,  
segundo a antiga uzança, os convidados  
a tão magro repasto em chusma vinham.  
De espetos de salgueiro em tanto armados  
os sacerdotes em redor do fogo  
a victima esfolada iam assando.

Quarta ex-  
plicação,  
mais na-  
cional que  
as prece-  
dentes

Remo e  
Romulo

Romulus et frater, pastoralisque juvenus,

Solibus et campo corpora nuda dabant.

(Caestibus, et jaculis, et missi pondere saxi

Brachia per lusus experienda dabant.)

Pastor ab excelso : Per devia rura juvenos,

Romule, praedones, eripe, dixit, agunt.

Longum erat armari : diversis exit uterque

Partibus : accursu praeda recepta Remi.

Ut rediit, verubus stridentia detrahit exta,

Atque ait : Haec certe non nisi victor edet.

Dicta facit, Fabiisque simul ; venit irritus illuc

Romulus, et mensas ossaque nuda videt.

Risit ; et indoluit Fabios potuisse Remumque

Vincere, Quinctilios non potuisse suos.

Fama manet facti : posito velamine currunt,

Et memorem famam, quod bene cessit, habet.

Forsitan et quaeras, cur sit locus ille Lupercal ;

Quaevae diem tali nomine causa notet.

Ardia o sol a prumo ; pelos campos  
Romulo, Remo, a turba dos pastores,  
raça curtida ao tempo, nus lidavam  
pela força da calma em vivos jogos ;  
uns de césto, uns de dardo, outros de funda ;  
exercicios de esforço e escola ás guerras.  
Voz de pastor 'num alto eis entra aos brados :  
— « Romulo, acorre ! por alem vão toiros ;  
« fogem roubados co'os ladrões que os tangem ! » —  
Não ha que perder tempo em vestir armas ;  
Romulo sai com uns, com outros Remo ;  
cada qual por diverso atalho vòa.  
Chega Remo primeiro, e salva a presa.  
Regressado á campanha onde folgavam,  
dos tremulos espetos desinfia  
as rechinantes loiras assaduras,  
e diz : — « Quem não venceu não prova d'estas. » —  
Seus Fabios e elle, o dito desempenham ;  
Romulo ao recolher, co'as mãos vazias,  
só acha a meza e os ossos esbrugados ;  
ri, mas occulto espinho o roe por dentro  
de que a victoria a elle e aos seus Quintilios  
os burlasse, c'roando a Remo, a Fabios..

Em memoria do prospero successo,  
e por que então no subito do alarma  
para armar e vestir minguara o tempo,  
nus os Lupercos vaguear costumam.

; Mas por que *Lupercal* d'este festejo  
se chama ao sitio? e *Lupercal* ao dia?  
se o desejais saber, folgo em contal-o.

Origem  
do nome  
Lupercal  
Primeira  
explica-  
ção

Ilia Vestalis coelestia semina partu

Ediderat, patruo regna tenente suo.

Is jubet auferri parvos, et in amne necari.

Quid facis ? ex istis Romulus alter erit.

Jussa recusantes peragunt lacrymosa ministri ;

Flent tamen, et geminos in loca jussa ferunt.

Albula, quem Tibrin mersus Tiberinus in unda

Reddidit, hibernis forte tumebat aquis ;

Hic, ubi nunc fora sunt, lintres errare videres ;

Quaque jacent valles, maxime Circe, tuae.

Huc ubi venerunt, nec jam procedere possunt

Longius, ex illis unus, an alter, ait :

At quam sunt similes ! at quam formosus uterque !

Plus tamen ex illis iste vigoris habet.

Si genus arguitur vultu, ni fallit imago,

Nescio quem vobis suspicor esse Deum.

At, si quis vestrae Deus esset originis auctor,

In tam praecipiti tempore ferret opem ;

Ferret opem certe, si non ope mater egeret ;

Reinava Amulio no fraterno solio.  
Filha infeliz de Numitor, o expulso,  
Ilia, ao barbaro tio obedecendo,  
professara servir no altar de Vesta ;  
mas forçada de um deus irresistível,  
se perdera uma flôr, dois fructos dera.  
Ouvido o estranho caso, o Rei tiranno  
dá ordem, que de subito arrebatem  
os filhinhos á mãe, e os trague o rio.  
Mal sabes, ó perverso, a que te arrojas :  
um d'elles será Romulo ! Ministros  
cumprem, máo grado seu, tão impio mando ;  
vão chorosos, mas vão, co'a prole gemia  
para o marcado sitio. As aguas do Albula  
(de Tiberino a morte o fez ser Tibre)  
fãem-se então caudaes co'a hiberna chuva ;  
onde hoje os Foros são, bateis vogavam ;  
vogavam pelo valle, onde hoje é Circo.

Romulo e  
Remolan-  
cados ao  
Albula,  
depois Ti-  
bre, por  
ordem do  
Tio Amu-  
lio

Aqui chegando os dois executores,  
pararam, que ir ávante a cheia o veda ;  
e um d'elles, contemplando os pequeninos,  
— « Que parecidos são ! que graciosos ! —  
ao companheiro diz — « este comtudo,  
« se o olho me não mente, é mais forçoso.  
« Dizem que as gerações se lêem nos rostos ;  
« quanto a mim (se é verdade) estas creanças  
« procedem de algum deus !.... mas se assim fôra....  
« valera-lhes o pai 'neste agro trance !  
« pobresinhos, salvara-vos por certo  
« á menos que lh'o não tolhesse p'rigo  
« da vossa mãi, coitada ! Haver dois filhos....



Quae facta est uno mater, et orba, die.

Nata simul, peritura simul simul ite sub undas,

Corpora. Desierat ; deposuitque sinu.

Vagierunt clamore pari ; sentire putares.

Hi redeunt udis in sua tecta genis.

Sustinet impositos summa cavus alveus unda ;

Heu ! quantum fati parva tabella vehit !

Alveus in limo, silvis appulsus opacis,

Paulatim, fluvio deficiente, sedet.

Arbor erat ; remanent vestigia : quaeque vocatur

Rumina nunc ficus, Romula ficus erat.

Venit ad expositos (mirum !) lupa foeta gemellos ;

Quis credat pueris non nocuisse feram ?

Non nocuisse parum est : prodest quoque ; quos lupa nutrit.

Perdere cognatae sustinere manus ;

Constitit, et cauda teneris blanditur alumnis,

Et fingit lingua corpora bina sua.

« e de repente só !.... que amargo lance  
« para um peito de mãe seria aquelle !  
« Irmãos no nascimento, irmãos na morte,  
« corpinhos alvos, afogai-vos juntos ! » —  
E aqui, sem dizer mais, os solta ao rio.

Se os sentissem vagir, imagináreis,  
que intendiam seu damno. Os dois verdugos  
partiram-se a chorar. Piedoso o Tibre  
sustentou imbalando á flôr das agoas  
o cofre, berço e feretro dos miseros,  
urna leve, que incerra immensos fados !  
Assim vão aboiando intrar 'num bosque,  
onde hervançaes aquaticos os liam,  
té que a cheia escoando os larga em seco.

Arvore de que um resto inda se amostra,  
vicejava então lá : nomeia-se hoje  
*figueira Ruminal* ; *Romula* outr'ora.  
D'aquella arvore á sombra (ó maravilha)  
loba recemparida acha os expostos,  
é benigna se achega ! elles (portento !  
portento não menor !) da fera á vista  
não manifestam medo ! ah ! para assombros  
não é tudo que um monstro os não devore ;  
inda ha mais : da-lhe o leite, e os acarinha ;  
aos que um tio persegue, um bruto, os salva.

São ama-  
mentados  
pela loba

Era de vér a rispida alimaria  
junto d'elles em pé, como a filhinhos  
lambel-os meiga, meneando a cauda.  
Já nos gemios se nota o marcio brio :

Marte satos scires ; timor abfuit, ubera ducunt ;

Et sibi promissi lactis aluntur ope.

Illa loco nomen fecit ; locus ipse Lupercis.

Magna dati nutrix praemia lactis habet.

Quid vetat Arcadio dictos a monte Lupercos ?

Faunus in Arcadia templa Lycaeus habet.

Nupta, quid expectas ? non tu pollutibus herbis,

Nec prece, nec magico carmine mater eris.

Excipe fecundae patienter verbera dextrae ;

Jam socer optati nomen habebit avi.

Nam fuit illa dies, dura quum sorte maritae

Reddebant uteri pignora rara sui.

Quid mihi, clamabat, prodest rapuisse Sabinas ?

Romulus ; (hoc illo sceptrum tenente fuit :)

Si mea non vires, sed bellum injuria fecit,

Utilius fuerat non habuisse nurus.

Monte sub Esquilio, multis incaeduus annis

Junonis magnae nomine lucus erat.

Huc ubi venerunt, pariter nuptaeque virique,

Suppliciter posito procubuere genu :

Quum subito motae tremuere cacumina silvae,

Et Dea per lucus mira locuta suos :

com semblantes impavidos, risonhos,  
põem na silvestre teta as bocas avidas ;  
sorvem vigor em não femineo leite.  
Da *Loba*, *Lupercal* se chama o sitio ;  
do *Lupercal*, nomeiam-se os *Lupercos*.  
Ama de taes heroes, tal foi teu premio.

Se outra origem quereis, *Lupercos* venham  
de um nome de montanha em terra Arcadia ;  
pois no Arcadio Liceu tem Fauno templos.

Casada, a quem avara a natureza  
dos prazeres d'amor denega frutos,  
se a teu sogro de avô dar nome queres  
a plantas e orações em vão recorres ;  
pedes em vão remedio a magos versos :  
busca os açoites de Luperco errante ;  
vir-te-ha de sua mão fecundidade.

Houve um tempo, em que as miseras esposas  
raramente eram mães. — « Que prol me ha sido  
« roubar Sabinas ? — Romulo exclamava ;  
(foi nos dias de Romula o successo)  
— « cuidei forças ganhar ; ganhei combates :  
« tanto lidar por conjuges estereis !....  
« antes folgarmos do consorcio isentos ! » —

Sob alta invocação de Juno, a grande,  
do Esquilio na raiz surgia um luco,  
de annos largos ao ferro inviolavel ;  
ali, ante a immortal curva joelho  
supplice a turba dos varões e esposas ;  
eis tremor subitaneo agita os cumes ;

Segunda  
explicação

A flagella-  
ção lupercal fecun-  
da as mu-  
lheres es-  
tereis. A  
origem  
d'isto data  
do reinado  
de Romu-  
lo

Italidas matres, inquit, caper hirtus inito.

Obstupuit dubio territa turba sono.

Augur erat : nomen longis intercidit annis ;

Nuper ab Etrusca venerat exsul humo.

Ille caprum mactat ; jussae sua terga maritae

Pellibus exsectis percutienda dabant.

Luna resumebat decimo nova cornua motu ;

Virque pater subito, nuptaque mater erat.

Gratia Lucinae ; dedit haec tibi nomina lucus,

Aut quia principium tu, Dea, lucis habes.

Parce, precor, gravidis, facilis Lucina, puellis ;

Maturumque utero molliter aufer onus.

Orta dies fuerit : tu desine credere ventis ;

Perdidit illius temporis aura fidem.

Flamina non constant : et sex reserata diebus

Carceris Aeolii janua laxa patet.

e pelas negras bobedas da selva  
estes do nune oraculos reboam !

— « *Dará mães hirto capro á terra Ausonia.* » —

Terror e confusão por todos lavra.  
Recemvindo da Etruria, augur insigne  
ali então se achava, cujo nome  
jaz no volver dos seculos sumido.  
Este, colhendo o senso á voz ambigua,  
rispido bode immola, extrae-lhe a pelle,  
em látegos a corta ; e faz que as donas  
dêem ao sonoro açoite a liza espalda.

Fulgiu desena lua apóz tal dia ;  
não ha casa em que o jubilo não reine :  
aos collos maternas já pendem filhos ;  
co'ó titulo de paes esposos folgam.

As graças d'este don Lucina as houve ;  
dado a Juno esse nome, ou já do *luco*,  
ou de *luz* ; porque á luz nos desabrocha.

Etimolo-  
gias de  
Lucina

O Lucina, ó deidade, ó protectora,  
presta benigno ouvido ás preces nossas !  
hora feliz ás gravidas concede.

Agora que lá surge o dia novo,  
findou-se a quadra de fiar nos ventos ;  
a seu talante os ares alvorotam ;  
seis dias descerrada Eolia furna  
os deixa tumultuar infrenes, livres.

Continua-  
ção do  
mesmo 15  
de Feve-  
reiro. —  
Ventos  
varios

Jam levis obliqua subsidit Aquarius urna ;

Proximus aetherios excipe, Piscis, equos.

Te memorant, fratremque tuum, nam juncta micatis

Signa, duos tergo sustinuisse Deos.

Terribilem quondam fugiens Typhona Dione.

Tunc quum pro coelo Jupiter arma tulit ;

Venit ad Euphratem comitata Cupidine parvo,

Inque Palaestinae margine sedit aquae.

Populus et cannae riparum summa tenebant,

Spemque dabant salices, hos quoque posse tegi.

Dum latet, intonuit vento nemus ; illa timore

Pallet, et hostiles credit adesse manus.

Utque sinu natum tenuit : Succurrite, Nymphae,

Et Dis auxilium ferte duobus, ait.

Nec mora ; prosiluit ; Pisces subiere gemelli :

Já co'a urna tombada Aquario leve  
desceu. Do sol o carro avança aos Peixes ;  
estes, hoje no ceo consocios astros,  
foram no Oceano irmãos, irmãos na dita,  
que ambos no dorso a nado hão salvo a Numes.

Desce o  
Aquario ;  
entra o sol  
em Piscis

Lá quando Jove a defender ô Olimpo  
gigantes guerreava ; um d'esses monstros,  
o terrivel Tiphon, deu impia caça  
á melindrosa, á candida Dione.

Do infantil Cupidinho acompanhada,  
fugia-lhe a infeliz de terra em terra ;  
té que foi dar na Euphratica ribeira,  
solo da Palestina ; o sitio ameno,  
á beira d'agua, repouzar convida :  
canaveais sonoros, verdes choupos,  
bordam a varzea ; tremulos salgueiros  
varrem o chão co'as arqueadas ramas,  
e sob um veo frondente, á mãe e ao filho  
refugio, salvação, deleite off'recem.  
Mal era no viçoso esconderijo,  
quando o vento a rugir pela espessura  
a sobressalta ! pallida de susto,  
ergue-se novamente ; e já perdida  
do seu perseguidor se crê nas garras :  
ao seio palpitante aperta o filho ;  
e — « Oh ! ninfas d'este rio, a vós me intrego —  
clama — « salvai-nos ! protegei dois numes. » —  
E abisma-se no pégo. Ao mesmo instante,  
do álveo fundo dois gemios peixes surdem,  
a ampararem-lhe a quéda, a sotoporem



Pro quo nunc, cernis, sidera munus habent.

Inde nefas ducunt genus hoc imponere mensis,

Nec violant timidi piscibus ora Syri.

Proxima lux vacua est : at tertia dicta Quirino ;

Qui tenet hoc nomen, Romulus ante fuit.

Sive quod hasta curis priscis est dicta Sabinis,

Bellicus a telo venit in astra Deus ;

Sive suum regi nomen posuere Quirites ;

Seu quia Romanis junxerat ille Cures.

Nam pater armipotens, postquam nova moenia vidit,

Multaque Romulea bella peracta manu :

Jupiter, inquit, habet Romana potentia vires ;

Sanguinis officio non eget illa mei :

Redde patri natum : quamvis intercidit alter,

Pro se, proque Remo, qui mihi restat, erit.

Unus erit, quem tu tolles in caerula coeli ;

Tu mihi dixisti ; sint rata dicta Jovis.

Jupiter annuerat : nutu tremefactus uterque

á deusa, ao filho os seus recurvos dorsos.  
Em premio do serviço os vedes astros.

Desde então, nunca mais nas Sirias mezas  
se viu manjar piscoso ; o só proval-o  
seria entre esse povo um sacrilegio.

Foge a proxima luz de festas vaga.  
Mas lá lhe vem na cola a de *Quirino*.

Do por que assim a Romulo chamassem,  
é varia a explicação : talvez procede  
da lança, dita *Cure* entre os Sabinos ;  
¿ e que mais proprio que ascendendo a nume  
cognome eterno receber das armas ? !

Talvez, de que reinou sobre os *Quirites* ;  
ou de *Cures*, que ha junto aos seus Romanos.

Marte, ao vêr já de pé, já com muralhas  
lorigada a cidade, e memorando  
que de guerras perfez, que de victorias  
o Romuleo valor ha já colhido,  
sobe a Jove, e lhe diz : — « Adulta é Roma ;  
« forças tem ; de meu filho escusa o brâço ;  
« restitue-m'o ! Eram dois, um só me resta ;  
« por elle, e pelo irmão, preciso havel-o.  
« Ter de ser este o unico, disséras,  
« a que a cerulea abobada se abrisse ;  
« recordo-te a promessa ; é tua, e basta » —

Jove annue : treme o ceo nos polos ambos ;

TOM. I.

Fevereiro  
16 — sem  
festa

Fevereiro  
17 — Fes-  
ta de Qui-  
rino  
Etimolo-  
gias de  
QUIRINO:  
Primeira

Segunda  
e terceira

Ascensão  
de Romu-  
lo ao ceo

Est polus; et coeli pondera sensit Atlas.

Est locus: antiqui Capream dixere paludem;

Forte tuis illic, Romule, jura dabas.

Sol fugit; et removent subeuntia nubila coelum;

Et gravis effusus decidit imber aquis.

Hinc tonat, hinc missis abrumpitur ignibus aether.

Fit fuga; rex patriis astra petebat equis.

Luctus erat; falsaeque patres in crimine caedis;

Haesissetque animis forsitan illa fides.

Sed Proculus longa veniebat Julius Alba;

Lunaque fulgebat; nec facis usus erat:

Quum subito motu nubes crepuere sinistrae;

Rettulit ille gradus, horreruntque comae.

Pulcher, et humano major, trabeaque decorus,

Romulus in media visus adesse via;

Et dixisse simul: Prohibe lugere Quirites;

Nec violent lacrimis numina nostra suis.

e geme Atlante ao redobrado pezo.  
Cáprea palúde se chamou de antigos  
o logar, onde Romulo se estava  
a distribuir aos subditos justiça.  
Subito foge o sol ; negrejam nuvens ;  
o ceo se obumbra ; horrisono chuveiro  
se desata precipite ; rebrama  
trovão tétro ; relampagos tremulam ;  
rochos coriscos pelas sombras giram ;  
foge-se ; 'neste horror, mavorcio coche  
voa aos ceos ! lá vai Romulo ser nume.

Falta elrei ! ferve o pranto ; o luto reina.  
Odiosa suspeição de regicidio  
sobre os padres da Curia está pezando.  
Quem n-a hade refutar ? successo estranho !

De Alba-longa caminho vem de Roma  
Próculo Julio. E' noite ; a lua esplende ;  
ao seu facho sereno alveja a estrada.  
Eis de improviso.... á sestra parte.... nuvens  
densas a revolver-se ! a crepitarem !  
Recua horrorisado. Então lhe assoma,  
parado, em pé, na solitaria via,  
gentil no parecer, maior que humano,  
magestoso co'a trábea, o sacro Romulo ;  
e lhe falla :

— « Em meu nome intima ao povo,  
« que dispa o luto. Lagrimas, lamentos  
« á minha divindade injuria foram.  
« Ao novo deus Quirino ardam incensos,

Luto romano pelo  
de sapparecimento  
de Romulo

Apparição de Romulo a  
Julio Próculo

Culto de Romulo  
Quirino

Tura ferant, placentque novum pia turba Quirinum ;

Et patrias artes militiamque colant.

Jussit : et in tenues oculis evanuit auras.

Convocat hic populos, jussaue verba refert.

Templa Deo fiunt, collis quoque dictus ab illo ;

Et referunt certi sacra paterna dies.

Lux quoque cur eadem Stultorum festa vocetur,

Accipe ; parva quidem causa, sed apta, subest.

Non habuit tellus doctos antiqua colonos ;

Lassabant agiles aspera bella viros.

Plus erat in gladio quam curvo laudis aratro :

Neglectus domino pauca ferebat ager.

Farra tamen veteres jaciebant ; farra metebant.

Primitias Cereri farra resepta dabant.

Usibus admoniti flammis torrenda dedere,

Multaue peccato damna tulere suo.

Nam modo verrebant nigras pro farre favillas ;

Nunc ipsas igni corripuere casas.

Facta Dea est Fornax. Laeti Fornace coloni

Orant, ut fruges temperet illa suas.

Curio legitimis nunc Fornacalia verbis

« renda turba piedosa affeto e cultos.  
« Que as artes de meu pae, como eu, pratiquem ;  
« ceifem co'a espada, para honrar-me, os loiros ! » —

Callou ; desapareceu. Chegado a Roma,  
Próculo o povo aggrega ; as ordens cumpre.  
Já se erguem templos á deidade nova ;  
já de seu nome se appellida um monte.  
Inda agora annualmente em praso certo,  
damos ao pae da patria as mesmas honras.

Etimolo-  
gia do  
monte  
Quirinal

Mas d'onde vem chamar-se o mesino dia  
*feira dos parvos*? relatar-vos devo  
a causa, que é mui propria, inda que humilde.  
Sabios cultores nossos paes não foram ;  
guerreiros sim, que os adestrava a guerra.  
Cedia á espada o ferro da charrua.  
O terreno em desprezo os dons fallia.  
Só de Ceres os grãos indispensaveis  
soiam semear ; e em vindo a aceifa,  
da seara a premicia era de Ceres ;  
o de mais da colheita, a sua industria,  
seu uso era torral-o ; e d'aqui vinham  
azos a danos mil : que ora varriam,  
em vez de grão, carvões, ora um descuido  
lhes desfazia a choça em labaredas.

Festa dos  
parvos

Para obviar a taes desastres, criam  
aos *fornos*, sob o titulo de *Fornax*,  
deusa, que lh'os proteja ; e lhe supplicam,  
defenda co'a poisada, o pão, que a nutre.

Festas for-  
nacaes

São hoje as *Fornacaes* mudaveis festas.

Maximus indicit; nec stata sacra facit.

Inque Foro, multa circum pendente tabella

Signatur certa curia quaeque nota.

Stultaque pars populi quae sit sua curia nescit;

Sed facit extrema sacra relata die.

Est honor et tumulis. Animas placate paternas;

Parvaeque in extinctas munere ferte pyras.

Parva petunt Manes: pietas pro divite grata est

Munere; non avidos Styx habet ima Deos.

Tegula projectis satis est velata coronis;

Et sparsae fruges. parvaeque mica salis;

Inque mero mollita Ceres, violaeque solutae.

Haec habeat media testa relicta via.

Nec majora veto; sed et his placabilis umbra est.

Adde preces positis, et sua verba, focis.

Hunc morem Aeneas pietatis idoneus auctor

Attulit in terras, juste Latine, tuas.

Ille patris Genio solemnia dona ferebat;

com phrazes, que a tal rito a lei prescreve,  
o summo Curião lhes marca o dia ;  
e em tabellas, que em torno ao Foro pendem,  
a vez de cada Curia é signalada.

Mas, porque ha parvos mil na plebe inculta,  
que ignoram qual a Curia a que pertencem,  
no fim do dia a sua vez foi posta.

Ouvi !.... ouvi !.... os tumulos nos chamam.  
Almas de nossos paes, sê-de applicadas.  
não pedem ricos dons as pobres cinzas ;  
pouco lhes basta ; não se negue o pouco.  
Aceitam por thesoiro um brando affeto.  
Cubiça é dos mortaes ; não é dos mortos ;  
os deuses d'além-mundo a desconhecem.

Festas pa-  
rentaes,  
dia de fi-  
nados

Basta aos finados a singela telha,  
onde os seus vão lançar-lhe as floreas c'roas,  
uns grãos de farro esparso, uma pedrinha  
de alvo sal, uma sopa em vinho puro,  
com seu punhado de violetas soltas ;  
tudo isto no seu ferculo de barro  
se deixe em meio da trilhada via.  
Mais preciosos dons, não vos proíbo ;  
mas já com estes applicais as sombras,  
uma vez que acendendo-lhes seus lumes,  
lhes deis as orações, e as phrases proprias ;  
ritos piedosos, que o piedoso Eneas  
ás terras de Latino ha trasladado.

Orfem  
troiana  
das Paren-  
taes

Vendo que heroe tamanho ao patrio genio  
solemnes oblações apresentava,



Hinc populi ritus edidicere pios.

At quondam, dum longa gerunt pugnacibus armis

Bella, Parentales deseruere dies.

Non impune fuit: nam dicitur omine ab isto

Roma suburbanis incaluisse rogis.

Vix equidem credo: bustis exisse feruntur,

Et tacitae questi tempore noctis avi;

Perque vias Urbis, Latiosque ululasse per agros,

Deformes animas, vulgus inane, ferunt.

Post ea praeteriti tumultis redduntur honores;

Prodigiisque venit, funeribusque, modus.

Dum tamen haec fiunt, viduae, cessate, puellae.

Exspectet puros pinea taeda dies.

Nec tibi, quae cupidae matura videbere matri,

povos bons adoptaram-lhe o costume ;  
uso, amor, e saudade o consagraram.  
Viu-se com tudo nos antigos tempos,  
durando longo o vortice das guerras,  
preterir-se esquecer, a pia uzança.  
Sim ; mas viu-se tambem fatal flagello  
das festas parentaes vingar a injuria.  
De lá veio, se diz, que nos suburbios  
foram as piras funebres tão bastas,  
que seu lume affrontava a Roma inteira.  
Agro se faz de crer ; mas tambem narram,  
que lá pela calada da alta noite  
saíam do sepulchro a lamentar-se  
de nossos paes esqualidos espectros ;  
que pelas ruas da cidade attonita,  
que pelos campos italos, se ouviam  
ulular turbas vãs d'aerias formas.  
Escarmentado o povo, as interruptas  
honras volveu aos tumulos, por onde  
cessaram para logo as maravilhas ;  
e a brava morte recolheu o açoite.

Vós, que a viuvez tomou na flor dos annos,  
e que, saudosas dos passados gostos,  
cubiçais renovar de amor os laços,  
temei as *Parentaes*, temei-lhe o influxo ;  
aguardae que Himeneu co'os pineos fachos,  
em dias puros vos adite as bodas.

Tu, donzella, tu, flor, que olhos maternos  
julgam já na sasão de ser colhida,  
e por vêr-te impregada estão cuidadosos,

Castigo de  
se have-  
rem inter-  
rompido  
as Paren-  
taes

Durando  
as Paren-  
taes não  
se devem  
c a s a r  
v i u v a s  
nem don-  
zellas

Comat virgineas hasta recurva comas.

Conde tuas, Hymenaeae, faces, et ab ignibus atris

Aufer : habent alias maesta sepulcra faces.

Di quoque templorum foribus celentur opertis ;

Ture vacent arae ; stentque sine igne foci.

Nunc animae tenues, et corpora functa sepulcris

Errant ; nunc posito pascitur umbra cibo.

Nec tamen haec ultra, quam tot de mense supersint

Luciferi, quot habent carmina nostra pedes.

Hanc, quia justa ferunt, dixere Feralia lucem.

Ultima placandis Manibus illa dies.

Ecce anus in mediis residens annosa puellis

Sacra facit Tacitae ; vix tamen ipsa tacet ;

Et digitis tria tura tribus sub limine ponit,

Qua brevis occultum mus sibi fecit iter.

Tum cantata ligat cum fusco licia rhombo ;

Et septem nigras versat in ore fabas.

Quodque pice adstrinxit, quod acu trajecit ahena,

não consintas por ora ás mãos do amante,  
que os virgineos cabellos te divida  
hasta recurva, do noivado emblema.

Deus dos consorcios, teus brandões retira ;  
não queiras t'os accenda, e te funeste,  
o feio lume que preside aos mortos.  
Nem só tu ; Deus nenhum se amostre ao povo ;  
não se abra templo ; não rescenda fumo ;  
não luza fogo em sacrosantas aras,  
'neste prazo fatal ; que andam por fóra  
as subtis almas e os sepultos corpos,  
do offertado banquete a aproveitar-se.

Incerro  
dos tem-  
plos du-  
rando as  
Parentaes

Não devem entre lanto estas obsequias  
ultrapassar o mez ; contais seus dias,  
se aos versos meus as sillabas contardes.  
Da *afferencia* dos dons ás sepulturas,  
se nomeou *Feral* o extremo dia,  
em que a filial piedade applica os mortos.

Fevereiro  
18— Ulti-  
mo dia das  
Parentaes

Etimolo-  
gia de Fe-  
ral

Mas.... que vejo !.... ¿entre circulo de moças,  
que faz esta caduca ?! oh ! sacrifica  
á deusa do silencio ! emtanto palra !  
Com tres dedos lá põe tres grãos d'incenso  
por baixo da soleira, em buraquinho,  
que um morganho subtil lavrou nas trevas.  
Em denegrido redopiado rombo  
prende umas tramas, que abrevou d'incantos !  
Remoe na bocca sette favas pretas !  
de uma anchova a cabeça, que primeiro  
cubriu de pez, furou com enea agulha,

Festa á  
deusa Ta-  
cita ou  
Muta

Obsutum maenae torret in igne caput.

Vina quoque instillat. Vini quidcumque relictum est,

Aut ipsa, aut comites, plus tamen ipsa, bibit.

Hostiles linguas inimicaque vinximus ora,

Dicit discedens; ebriaque exit anus.

Forsitan a nobis, quae sit Dea Muta, requiras;

Disce, per antiquos quae mihi nota senes.

Jupiter, indomito Juturnae captus amore

Multa tulit tanto non patienda Deo.

Illa modo in silvis inter corileta latebat;

Nunc in cognatas desiliebat aquas.

Convocat hic Nymphas, Latium, quotcumque tenebas;

Et jacit in medio talia verba choro:

Invidet ipsa sibi, vitatque, quod expedit illi.

Vestra soror summo jungere membra Deo.

Consulite ambobus: nam quae mea magna voluptas,

Utilitas vestrae magna sororis erit.

Vos illi in prima fugienti obsistite ripa,

Ne sua fluminea corpora mergat aqua.

Dixerat; annuerunt Nymphae Tiberinides omnes,

Quaeque colunt thalamos, Ilia diva, tuos.

pespontando-lhe a bocca, ao lume a torra !  
Vineas gottas lhe esparze ! da que resta  
abundante porção, bebe ella, e todas ;  
mas sobre todas, ella. Diz : — « Prendi-vos  
« ahi, linguas ruins, boccas praguentas. » —  
E tonta co'a embriaguez sai titubando.

Perguntais-me quem seja a deusa Muda ?  
dil-o-hei, qual d'anciãos me foi narrado.

Jove amava a Juturna ; amar !.... que disse !  
frenetico de amor soffreu-lhe coisas  
para um rei d'immortaes intoleraveis.  
Por toda a parte a desdenhosa impune  
lhe esvoaçava e sumia-se ; taes vezes,  
entre os avelleirae, nos mui folhudos  
labirintos selvaticos ; taes outras,  
nas amigas correntes abismando-se.

Cansado de a seguir, de arder sem premio,  
Jove do Lacio todo ajunta as ninfas ;  
e entre o coro loução d'est'arte arenga :  
— « Vossa irmã, quando unir-se a um deus recusa  
« a si mesma quer mal ; repelle a dita.  
« No servir-me, a servís ; eu possuil-a,  
« será meu summo goso, e gloria d'ella.  
« Quando a virdes fugir-me, obstae-lhe á fuga ;  
« dos rios vossos m'a sustende á beira,  
« que a perla entre os cristaes se me não suma. » —  
Disse : annuem do Tibre as ninfas todas,  
e todas as do Annieno, essas que viram  
de Iliã divina o fluvial consorcio.

Quem seja  
a deusa  
M u d a :  
L a r a ou  
L a l a

Amor de  
Jupiter a  
Juturna

Forte fuit Nais, Lara nomine ; prima sed illi

Dicta bis antiquum sillaba nomen erat,

Ex vitio positum. Saepe illi dixerat Almo :

Nata, tene linguam ; nec tamen illa tenet.

Quae, simul ac tetigit Juturnae stagna sororis,

Effuge, ait, ripas. Dicta refertque Jovis.

Illa etiam Junonem adiit ; miserataque nuptam,

Naida Juturnam vir tuus, inquit, amat.

Jupiter intumuit : quaque est non usa modeste,

Eripuit linguam ; Mercuriumque vocat.

Duc, ait, ad Manes ; locus ille silentibus aptus ;

Nympha, sed infernae Nympha paludis, erit.

Jussa Jovis fiunt. Accepit lucus euntes ;

Dicitur illa duci tum placuisse Deo.

Vim parat hic ; vultu pro verbis illa precatur ;

Et frustra muto nititur ore loqui ;

Fitque gravis ; geminosque parit, qui compita servant,

Uma porem das Naiades presentes  
era Lara, a quem *Lala* appellidaram  
(e cabia á palreira o grego apodo).  
Que de vezes Almon lhe repetia !  
— « Filha, fallas de mais ; coíbe o genio. » —  
Coíbil-o era fôro de impossiveis.

Mal saiu do congresso a falladora,  
corre direito ao lago de Juturna,  
e diz : — « Sou boa irmã, quero avisar-te :  
« nunca te afoites a subir ás varzeas ;  
« pois te aguarda.... » — (e narrou-lhe o succedido).  
Passa a Juno ; e mostrando-lhe que pena  
lhe faz, vêr uma esposa assim burlada  
— « Sabe » — diz — « que o teu Jove ama a Juturna. » —

Contra a gárrula vil o deus raivando  
lhe arranca a lingua ; por Mercurio chama ;  
e — « Leva-m'a » — lhe diz ; — « no Orco a deixa ;  
« onde habita o silencio, agora habite ;  
« naiade sim, mas naiade no Averno. » —  
Partem.

Por selva horrenda atravessavam ;  
Mercurio, contemplando a ré, tão linda !,  
e a solidão de emtorno, a amor tão propria !....  
arde, cubiça, imprende, imprega a força ;  
a misera, pedir, queixar-se intenta ;  
mas só o rosto, e as mãos com dôr alçadas,  
expressam de sua alma o sentimento.  
Succumbe alfim.

È mãe : produz dois gemeos ;  
estes os Lares são ; custodios numes

De Lara  
nascem os  
Lares



El vigilant nostra <sup>á</sup>sempre in aede, Lares.

Proxima cognati dixere Caristia cari;

Et venit ad socias turba propinqua dapes.

Scilicet a tumulis, et, qui periere, propinquis,

Protinus ad vivos ora referre juvat;

Postque tot amissos, quidquid de sanguine restat,

Adspicere, et generis dinumerare gradus.

Innocui veniant. Procul hinc, procul impius esto

Frater, et in partus mater acerba suos;

Cui pater est vivax, qui matris digerit annos,

Quae premit invisam socrus iniqua nurum.

Tantalidae fratres absint, et Iasonis uxor,

Et quae ruricolis semina tosta dedit:

Et soror, et Progne, Tereusque duabus iniquus;

Et quicumque suas per scelus auget opes.

Dis generis date tura bonis: Concordia fertur

Illo praecipue mitis adesse die.

Et libate dapes, ut grati pignus honoris

Nutriat incinctos missa patella Lares.

Jamque ubi suadebit placidos nox ultima somnos,

de incruzilhadas, e hospedes amigos,  
que velam da cozinha as casas nossas.

O immediato sol traz as Carístias ;  
banquete convival entre os parentes ;  
festejo ao qual o affecto ha dado o nome.  
Pois que aos nossos no tumulto brindámos,  
justo é brindar agora os vivos nossos.  
Em vez de tantos que perdemos, cumpre  
a vista consolar nos que nos restam,  
estreitarmos prisões que urdira o sangue.

Fevereiro  
19 — Ca-  
rístias

Mãos puras, peitos sãos, almas sem dólo,  
accorrei ao convivio ; os impios, fujam !  
longe, longe os irmãos desnaturados ;  
a mãe barbara ; o filho abominoso,  
que dos cançados pais reconta os dias ;  
a sogra que é da nora algoz domestico ;  
longe enfim os de Tantalo progenie :  
os Thiestes e Atreus, Medéas, Inos ;  
Philomelas, Tereus, Prognés ; e aquelles,  
que os bens e as honras com flagicios compram.  
Dae puro incenso aos genios da familia.

Crê-se que 'neste dia alma Concordia  
mais benigna que nunca assiste ao bodo.

Libae cada vianda aos promptos Lares,  
e em seus pratinhos lhe inviae da meza,  
em signal d'honra, o seu quinhão devido.

Libações  
no ban-  
quete Ca-  
rístico aos  
Lares

Quando na antemanhã, já das estrellas

TOM. I.

Bebe-se á  
saude do

Parca, precaturae, sumite vina, manus.

Et, Bene nos, patriae, bene te, pater, optime Caesar,

Dicite, suffuso per sacra verba mero.

Nox ubi transierit, solito celebretur honore,

Separat indicio qui Deus arva suo.

Termine, sive lapis, sive es defossus in agro

Stipes ab antiquis, sic quoque numen habes.

Te duo diversa domini pro parte coronant ;

Binaque sarta tibi, binaque liba ferunt.

Ara fit ; huc ignem curto fert rustica testu

Sumtum de tepidis ipsa colona focis.

Ligna senex minuit, concisaque construit alte ;

Et solida ramos figere pugnat humo.

Dum sicco primas irritat cortice flammis,

Stat puer, et manibus lata canistra tenet.

Inde, ubi ter fruges medios immisit in ignes,

Porrigit incisos filia parva favos.

Vina tenent alii ; libantur singula flammis.

sentirdes orvalhar-se-vos nos olhos  
sumo de perguiçosas dormideiras,  
tomae das libações o sobrio vaso,  
que é vinda hora de preces ; clamam todos :  
— « Prol a nós ! prol a ti, bom pai da patria ! » —  
regando a cada prol com vinho puro.

impera-  
dor

Finda a noite, alvoreça a costumada  
festa do deus que nos comparte os campos.

Fevereiro  
20 — Fes-  
tas Termi-  
naes

Quer tosca pedra, ó Termino, te imbleme ;  
quer tronco informe, pela mão de antigos  
interrado no chão, sempre és deidade.

Para ti, donos dois, de oppostas partes,  
c'rôa e c'rôa te cingem ; bolo e bolo  
te vem, de cá, de lá ; como á porfia  
ahi se te ingenhou ara campestre !  
Lá nos traz a açodada fazendeira  
no seu testó quebrado as ascuas vivas  
que apurou do borralho. O bom do velho  
racha a lenha miuda, ergue-a em piramide ;  
sua a cravar no chão ramos festivos.  
Agora em cascas seccas ceva o fogo,  
tendo em pé ao seu lado, em quanto assopra,  
o filhinho abraçado a largo cêsto ;  
tres vezes d'ali tira, e lança ao lume,  
punhados de aurea Ceres. Toma os favos,  
que a filha pequenina lhe apresenta  
pelo meio cortados. Trazem outros  
o vinho ; tudo aqui se liba ás chammas.

Spectant, et linguis candida turba favent.

Spargitur et caesa communis Terminus agna ;

Nec queritur, lactens quum sibi porca datur.

Conveniunt, celebrantque dapes vicinia simplex ;

Et cantant laudes, Termine sancte, tuas.

Tu populos, urbesque, et regna ingentia finis :

Omnis erit sine te litigiosus ager.

Nulla tibi ambitio est ; nullo corrumpere auro ;

Legitima servas credita rura fide.

Si tu signasses olim Thyreatida terram,

Corpora non leto missa trecenta forent ;

Nec foret Othryades congestis lectus in armis.

O quantum patriae sanguinis ille dedit ;

Quid, nova quum fierent Capitolia ? nempe Deorum

Cuncta Jovi cessit turba, locumque dedit.

Terminus, ut veteres memorant, conventus in aede

Restitit ; et magno cum Jove templa tenet.

Nunc quoque, se supra nequid, nisi sidera, cernat,

Alvitrajada a turba espectadora  
religioso silencio attenta observa.  
; Co'o sangue quente de immolada ovelha,  
que ufano purpureja o vulto informe  
do commum velador, o honrado Termino!  
e quando, em vez d'ovelha, haja leitoa,  
não temais que se anoje. O brodio é franco  
aos bons visinhos, corações lavados,  
que o celebram com fé; que jubilosos  
vão tecendo um louvor a cada prato;  
ouvi, ouvi seu rustico descante!  
é do deus do festejo o panegirico.

Salve ó Termino sacro! ó tu que extremas  
bairros, cidades, reinos! cada campo  
fôra sem ti um campo de batalha.  
Mantens, desambicioso, insubornavel,  
as herdades em paz das leis á sombra.  
Se a terra Thireatide te houvéra,  
não ceifaria a morte heroes seiscentos,  
d'Argos e Esparta no fatal duello;  
não se lêra de Othriades o nome  
'num vão trofeo de mentirosas armas,  
que inda á patria infeliz custou mais sangue.  
Capitolino Jupiter que diga  
que invencivel te achou, quando, ao fundar-se-lhe  
a área do templo, ao passo que os mais numes  
para dar-lhe logar retrocediam,  
tu só, qual nol-o conta annosa fama,  
ousaste resistir, ficar, ter parte  
no templo augusto, e adorações com Jove;  
e inda lá (por que nada alfim te insombre)

Louva-se  
ao deus  
Termino

O termo  
conserva-  
do no Ca-  
pitolio

Exiguum templi tecta foramen habent.

Termine, post illud levitas tibi libera non est.

Qua positus fueris in statione, mane.

Nec tu vicino quidquam concede roganti ;

Ne videare hominem praeposuisse Jovi.

Et, seu vomeribus, seu tu pulsare rastris,

Clamato : Meus est hic ager, ille tuus.

Est via, quae populum Laurentes ducit in agros ;

Quondam Dardanio regna petita duci ;

Illac lanigeri pecoris tibi, Termine, fibris

Sacra videt fieri sextus ab urbe lapis.

Gentibus est aliis tellus data limite certo ;

Romanae spatium est urbis, et orbis, idem.

Nunc dicenda mihi regis fuga. Traxit ab illa

Sextus ab extremo nomina mense dies.

Ultima Tarquinius Romanae gentis habebat

Regna ; vir injustus, fortis ad arma tamen.

sobre ti ao ceo livre é rota a abobada.  
Nume de tão gentil perseverança,  
em qualquer a leveza achara venia ;  
contradição em ti, suicidio fôra.  
Mantem pois sempre, ó sacra sentinella,  
mantem pois sempre, ó Termino, o teu posto.  
Despreza os rogos do visinho avaro ;  
não lhe concedas do terreno um ponto ;  
¿ ceder a humanos, quem resiste a Jove ? !  
¿ Vem bater-te inchadão ? roçar-te arado ?  
proclama a vozes : — « Meus confins são estes :  
d'além, tu ; d'aquem, elle ; ambos coíbo ;  
e em coibir aos dois, aos dois protejo. » —

Uma estrada une Roma aos Laurentinos,  
reino que o Teucro profugo buscára ;  
lá, dos marcos o sexto, em honra tua  
vê que lanosa victima se immola.

Sacrificio  
a Termino  
na via  
Laurenti-  
na

Termino, já que aceitas cultos nossos,  
ampara-nos, sustenta o nosso imperio.  
De cada povo o espaço é circunscripto ;  
são de Roma os confins confins do globo.

Prece a  
Termino

Vem a expulsão dos reis, do throno a queda.  
Foi esse dia memorando, o sexto  
áquem do fim do mez : o proprio nome  
do monarcha final expressa a data.

Fevereiro  
24 — Abo-  
lição da  
realeza em  
Roma

*Sexto* Tarquinio sustentava as redeas  
da Romulea nação ; tiranno, injusto,  
mas forte, mas audaz. Que de cidades

Historia  
de Sexto  
Tarquinio



Ceperat hic alias, alias everterat urbes ;

Et Gabios turbi fecerat arte suos.

Namque trium minimus, proles manifesta Superbi,

In medios hostes nocte silente venit.

Nudarant gladios ; Occidite, dixit, inermem.

Hoc capiant fratres, Tarquiniusque pater ;

Qui mea crudeli taceravit verbere terga ;

(Dicere ut hoc posset, verbera passus erat).

Luna fuit ; spectant juvenem, gladiosque recondunt,

Tergaque, deducta veste, notata vident ;

Flent quoque, et, ut secum tueatur bella, precantur.

Callidus ignaris annuit ille viris.

Jamque potens, misso, genitorem appellat, amico,

Prodendi Gabios, quod sibi monstret iter.

de seu braço ao poder se não renderam !  
quantas não arrasou ! como dos Gabios  
se fez senhor com perfido artificio !

De seus tres filhos o menor em annos,  
mas já grande em traição, já copia d'elle,  
nos Gabios arraiaes entra de noite.

Prendem-no ; já mil laminas fulgentes  
das bainhas se arrancam ; mil revérberos  
lhe lampejam catastrophe cruenta.

— « Matae-me ; inerme estou ; fartem-se — exclama —

« de meu sangue os irmãos, e o pai Tarquinio !

« que digo *o pai* !!!... o algoz ; que inda estas carnes

« de seu barbaro açoite em sangue escorrem. » —

(Para abono do imbuste o fementido  
sujeitára a flagello o dorso infame).

Brilhava a lua ; os duros inimigos  
vêm-lhe no rosto a ingenua mocidade ;  
às bainhas os ferros prompto descem ;  
e, desnudada a juvenil espalda,  
descobrem do supplicio as claras mostras !  
Guerreiras faces humedece o pranto ;  
á victima infeliz propõem, supplicam,  
que, por lavar a injuria em sangue alheio,  
contra o commum tiranno as armas vista.  
Á sincera proposta annue o astuto ;  
já dos Gabios no exercito milita ;  
breve ganha poder e autoridade.

Invia fido nuncio ao pai, rogando  
lhe declare, lhe ordene o mais que resta ;  
como lhe hade intregar, perder os Gabios.

Tomada  
ardilosa  
dos Gabios  
pelo prin-  
cipe Tar-  
quinio

Hortus odoratis suberat cultissimus herbis,

Sectus humum rivo lene sonantis aquae.

Illic Tarquinius mandata latentia nati

Accipit; et virga lilia summa metit.

Nuntius ut rediit, decussaque lilia dixit,

Filius, agnosco jussa parentis, ait.

Nec mora: principibus caesis ex urbe Gabina,

Traduntur ducibus moenia nuda suis.

Ecce, (nefas visu!) mediis altaribus anguis

Exit, et extinctis ignibus exta rapit.

Consultitur Phoebus; sors est ita reddita: Matri

Qui dederit princeps oscula, victor erit.

Oscula quisque suae matri properata tulerunt,

! Pelos vastos jardins da estancia augusta  
o monarcha soberbo então vagava  
junto de fresco arroio murmurante,  
por entre plantas mil, louçãs, cheirosas.  
Ali, ouvido a sós do filho o nuncio,  
alça a yara, e dos lirios mais ufanos  
que perto de si vê, decepa as frontes.

Ouvida aquella tacita resposta,  
— « Intendo » — o filho diz ; e dentro em pouco  
o inhumano preceito era cumprido :  
da capital Gabina immola os chefes.  
Os indefensos consternados muros  
succumbem á traição.

Eis dentro em Roma  
(oh ! sacrilega vista !) horrenda serpe  
do meio dos altares se alevanta,  
e d'entre as chamas que de vél-a expiram,  
as intranhas da victima arrebatada !  
Aterrado Tarquinio, invia a Delphos  
dois dos filhos, que o oraculo lhe inquiram.  
Mas de ambos ambição devora os peitos ;  
ambos ao deus fatidico perguntam  
quem no paterno solio hade sentar-se.

— « *O que na MÁI der osculo primeiro,  
« será esse quem vença »* — o deus lhes volve.  
Crentes na profecia, inda que illusos  
quanto ao senso recondito, os ouvintes,  
alvorçados, sofregos, regressam,  
a qual mais prestes se apresente em Roma,  
a qual nos maternaes saudosos labios

! Um agoi-  
ro em Ro-  
ma

Consulta-  
se o ora-  
culo de  
Delphos;  
sua res-  
posta

Non intellecto credula turba Deo.

Brutus erat stulti sapiens imitator, ut esset

Tutus ab insidiis, dire Superbe, tuis.

Ille tacens pronus matri dedit oscula terrae,

Creditus offenso procubuisse pede.

Cingitur interea Romanis Ardea signis,

Et patitur lentas obsidione moras.

Dum vacat, et metuunt hostes committere pugnam,

Luditur in castris; otia miles agit.

Tarquinius juvenis socios dapibusque meroque

Accipit; atque illis rege creatus ait:

Dum nos difficilis pigro tenet Ardea bello,

Nec sinit ad patrios arma referre Deos;

Ecquid in officio torus est socialis? et ecquid

Conjugibus nostris mutua cura sumus?

Quisque suam, laudant; studiis certamina crescunt;

Et fervent multo linguaque corque mero.

Surgit, cui clarum dederat Collatia nomen:

Non opus est verbis; credite rebus, ait;

colhendo um beijo colherá o imperio.  
Bruto vinha tambem ; Bruto, o prudente,  
que no fingir-se estolido lucrava  
fugir perseguições do audaz tiranno.  
Este, como que o pé lhe haja fallido,  
cai ; e oscula em segredo a *madre* terra.

Astucia de  
Bruto pa-  
ra se apro-  
veitar da  
resposta

Cercada pelo exercito romano,  
um sitio pertinaz soffria Ardéa.  
Em quanto a dura guerra está pendente,  
em quanto aventurar feroz combate  
teme a prudencia ; os chefes e os soldados  
folgam nos arraiaes em ocio ledó.

Historia  
de Lucre-  
cia

'Nisto o filho do Rei, Tarquinio o moço,  
a esplendido festim convida os socios ;  
e reinando a alegria assim lhes falla :  
— « Agora, que de Ardéa o vagaroso  
« assedio nos detem, nos não permite  
« as armas conduzir aos patrios deuses ;  
« dos toros conjugaes a fé mantendo,  
« as esposas gentis, que suspiramos,  
« suspirarão por nós ? serão quaes somos ? » —

Já cada qual sem termo a sua exalta ;  
acceso pelo amor, cresce o debate ;  
dos brindes no licor feroso e puro  
a mente, o coração, e a lingua, fervem.

Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle  
a quem de alto appellido honrou Colacia,  
— « As palavras são vãs ; creia-se em coisas :

Nox superest ; tollamur equis, urbemque petamus.

Dicta placent ; frenis impediuntur equi.

Pertulerant dominos ; regalia protinus illi

Tecta petunt ; custos in fore nullus erat.

Ecce nurum regis, fuis per colla coronis,

Inveniunt posito pervigilare mero.

Inde cito passu petitur Lucretia ; nebat ;

Ante torum calathi, lanaque mollis, erant.

Lumen ad exiguum famulae data pensa trahebant ;

Inter quas tenui sic ait ipsa sono :

Mittenda est domino ; (nunc nunc properate, puellae)

Quam primum nostra facta lacerna manu.

Quid tamen audistis ? (nam plura audire soletis) ;

Quantum de bello dicitur esse super ?

Postmodo victa cades ; melioribus, Ardea, restas ;

Improba, quae nostros cogis abesse viros !

Sint tantum reduces ; sed enim temerarius ille

« a noite nos sobeja ; esporeemos  
« os robustos cavallos ; eia ! a Roma ! » —

O dito agrada ; infreiam-se os ginetes ;  
os sofregos mancebos partem voam.

Vão da estancia real primeiro ás portas,  
onde guarda nenhum velando incontram.  
Entram ; colhem de subito ingolfada  
em festivo prazer e em rubro nectar,  
as tranças com mil flores desparzidas,  
a que ao filho em consorcio o Rei ligára.

Promptos caminham logo a vêr Lucrecia.

Alvejavam da candida matrona  
no fuso luzidío as mãos de neve ;  
no estrado aos pés do leito as lãs se viam  
nos curiosos cestos coguladas ;  
em torno á luz sollicitas as servas  
a nocturna tarefa promoviam.

Lucrecia em tom macio, em voz mimosa,  
d'est'arte lhes dizia, as incitava :

— « É para Colatino ; eia apressae-vos ;

« cumpre mandar em breve ao meu consorte

« isto em que a nossa industria exercitamos.

« Vós, que tanto indagais e ouvis, soubestes

« quanto ainda se cré que dure a guerra ?

« Dos fortes ao poder te oppões sem fruto ;

« vencida cairás, Ardéa iniqua,

« que de nossos esposos nos separas.

« Tornem, tornem, ó ceos !.... Mas ai ? que idéa !



Est meus, et stricto qualibet ense ruit.

Mens abit, et morior, quoties pugnantis imago

Me subit, et gelidum pectora frigus habet.

Desinit in lacrymas; intentaque fila remittit;

In gremio vultum deposuitque suum.

Hoc ipsum decuit: lacrymae decuere pudicae;

Et facies animo dignaque, parque, fuit.

Pone metum, venio, conjux ait. Illa revixit;

Deque viri collo dulce pependit onus.

Interea juvenis furiales regius ignes

Concipit, et caeco raptus amore fúrit.

Forma placet, niveusque color, flavique capilli,

Quique aderat nulla factus ab arte, decor.

Verba placent, et vox, et quod corrumpere non est;

Quoque minor spes est, hoc magis ille cupit.

Jam dederat cantum lucis praenuntius ales,

Quum referunt juvenes in sua castra pedem.

Carpitur attonitos absentis imagine sensus

Ille; recordanti plura magisque placent.

« o meu é destemido, é temerario,  
« tem genio de arrojarse ao fogo, ao ferro !....  
« foge-me a luz, o alento, esfrio, e morro  
« quando entre os inimigos o afiguro. » —

'Nisto o pranto amoroso a voz lhe corta ;  
cai-lhe o fio da mão ; e o lindo gesto  
sobre o molle regaço inclina a triste ;  
dobram-lhe a graça as lagrimas pudicas,  
e mostra um coração igual ao rosto.

Eis o esposo apparece ; e — « Não receies ;  
« aqui me tens » — lhe diz ; ella revive,  
ella os braços lhe lança, e longo espaço  
pende do collo amado o doce pezo.

Em tanto de amor cego o regio moço  
arde, morre, e lhe atrai, lhe inleva os olhos  
a forma, a nivea côr, e a loira trança,  
e o grave adorno, limpido, e sem arte ;  
a falla o prende, as expressões o incantam,  
e o que á vil seducção não é sujeito.

Quanto menos esperas, mais desejas,  
mais te afogueias, sequioso amante.

Cantára o nuncio da risonha aurora,  
e aos fortes arraias os socios volvem.  
Atonito em paixão Tarquinio ferve,  
gozando na revolta fantasia  
a bella imagem de Lucrecia ausente ;  
e ali tudo o que viu mais lindo observa.

Sic sedit ! sic culta fuit ! sic stamina nevit !

Neglectae collo sic jacuere comae !

Hos habuit vultus ! haec illi verba fuere !

Hic decor ! haec facies ! hic color oris erat !

Ut solet a magno fluctus languescere flatu ;

Sed tamen a vento, qui fuit, unda tumet ;

Sic, quamvis aberat placitae praesentia formae,

Quem dederat praesens forma, manebat amor.

Ardet ; et injusti stimulis agitatus amoris,

Comparat indigno vimque dolumque toro.

Exitus in dubio est : Audebimus ultima, dixit ;

Viderit, audentes forsne, Deusne juvet.

Cepimus audendo Gabios quoque. Talia fatus,

Ense latus cingit, tergaque pressit equi.

Accipit aerata juvenem Collatia porta,

Condere jam vultus sole parante suos.

Hostis, ut hospes, init penetralia Collatini ;

Comiter excipitur, (sanguine junctus erat).

Quantum animis erroris inest ! parat inscia rerum

Infelix epulas hostibus illa suis.

Functus erat dapibus ; poscunt sua tempora somni.

— « Assim — diz entre si — « a achei sentada ;  
« era o seu trage assim ; e a mão suave  
« o longo teque fio assim torcia ;  
« d'est'arte lhe caiam no alvo collo  
« aureas madeixas, ao desdem lançadas ;  
« tinha este modo ; estas palavras disse ;  
« este o semblante, a graça, a côr, e a boca. » —

Como se vê no mar depois que os ventos,  
as azas sacudindo, o flageláram,  
que, já puros os ceos, inda esbraveja  
co'a rispida impressão do horrendo assalto ;  
tal, posto que tão longe a bella estava,  
o incendio que ateou no amante ardia.  
Penando, e de paixão desesperado,  
projecta macular com força e dolo  
o talamo sagrado, o casto objecto.

— « O effeito é duvidoso, — eis diz o insano —  
« porém não se fraqueje ; ousemos tudo ;  
« audazes corações proteje a sorte ;  
« foi co'o ousar que me apossei dos Gabios. » —  
Cala-se, e já pendura ao lado a espada ;  
já de um rapido bruto opprime as costas.

Corre ; está de Colacia á ferrea porta,  
quando o sol já mergulha o carro de oiro.  
O inimigo, como hospede, nos lares  
do ausente Colatino é logo aceito,  
(que o vinculo do sangue os dois prendia) ;  
a dama com primor o acolhe o trata ;  
ai que enganada está ! Manda que aprontem,  
sem suspeita do crime, a lauta meza.

Nox erat; et tota lumina nulla domo.

Surgit, et auratum vagina liberat ensem;

Et venit in thalamos, nupta pudica, tuos.

Utque torum pressit: Ferrum, Lucretia, mecum est;

Natus, ait, regis; Tarquiniusque loquor.

Illa nihil; neque enim vocem, viresque loquendi,

Aut aliquid toto pectore mentis habet.

Sed tremit, ut quondam stabulis deprensa relictis

Parva sub infesto quum jacet agna lupo

Quid faciat? pugnet? vincetur femina pugna;

Clamet? at in dextra, qui necet, ensis adest;

Effugiat? positis urgetur pectora palmis,

Nunc primum externa pectora tacta manu.

Instat amans hostis precibus, pretioque, minisque;

Nec prece, nec pretio, nec movet ille minis.

Nil agis: eripiam, dixit, pro crimine vitam;

Falsus adulterii testis adulter erit:

Interimam famulum, cum quo deprensa fereris.

Contente do alimento, o somno exiges,  
ó lassa natureza.

Era alta noite ;  
na estancia lume algum não scintillava ;  
levanta-se o traidor, um ferro impunha,  
vai manso e manso ao talamo pudico ;  
mal que o toca : — « Um punhal comigo trago,  
« Lucrecia — elle lhe diz — « eu sou Tarquinio,  
« sou o filho do Rei. » — Nada responde,  
nem pode responder Lucrecia absorta ;  
de assombro, de terror jaz fria e muda ;  
mas, como a lamentavel cordeirinha,  
que no tosco redil desamparada  
entre as garras se vê do lobo infesto,  
ante o fero amador Lucrecia treme.

¿ Que fará ? ¿ contender, ? ¿ lutar com elle ?  
Ella é debil mulher, será vencida.  
¿ Gritará ? Tem na dextra um ferro o monstro.  
¿ Fugirá ? Dura mão lhe aperta o peito,  
não manchado até li de toque infame.

Insta com rogos o inimigo amante,  
com premios, e ameaças ; mas seus rogos,  
seus premios, e ameaças.... nada alcançam.

— « Não cedes, inhumana, a meus transportes ?  
« pois — o barbaro diz — « hei-de arrancar-te  
« com este ferro a vida, apregoando  
« que em adulterio vil co'um torpe escravo  
« te colhi ; a teu lado o porei morto,  
« e horrenda ficará tua memoria ! » —

Succubuit famae victa puella metu.

Quid, victor, gaudes? haec te victoria perdet.

Heu quanto regnis nox stetit una tuis!

Jamque erat orta dies; passis sedet illa capillis;

Ut solet ad nati mater itura rogam.

Grandaevumque patrem fido cum conjuge castris

Evocat; et posita venit uterque mora.

Utque vident habitum, quae luctus causa, requirunt,

Cui paret exsequias, quoque sit icta malo.

Illa diu reticet; pudibundaque celat amictu

Ora; fluunt lacrymae more perennis aquae.

Hinc pater, hinc conjux, lacrymas solantur; et orant,

Indicet; et caeco flentque, paventque metu.

Ter conata loqui, ter destitit; ausaque quarto;

Non oculos adeo sustulit illa suos.

Hoc quoque Tarquinio debemus? eloquar, inquit!

Eloquar infelix dedecus ipsa meum?!

A matrona infeliz, temendo a fama,  
á furia succumbiu do fementido.

Indigno vencedor, para que exultas?  
será tua ruína essa victoria.  
ai! quanto ao solio teu custa uma noite!

Dissipando-se as trevas, apparece  
Lucrecia desgrenhada, e qual costuma  
ir lacrimosa mãe do filho á pira.  
O consorte fiel e o pae longo  
chama do campo; os dois accodem logo.  
Vêem-lhe o luto, e do luto a causa inquirem.  
Perguntam-lhe que mal, que dôr a anceia,  
e as honras funeraes a quem consagra.

Ella fica em silencio um longo espaço,  
e no veo lutuoso esconde a face,  
soltas em fio as lagrimas formosas.

Consolando-a co'a voz, e co'os affagos,  
d'aqui lhe roga o pae, d'ali o esposo  
que falle emfim, que exprima o que padece;  
e choram, tremem com pavor incerto.

Tres vezes começou, parou tres vezes;  
á quarta se atreveu a declarar-se,  
mas sem a vista erguer: — «¿ Tarquinio a isto  
« me obrigará tambem?! — profere a triste —  
«¿ eu mesma hei de narrar a injuria minha?  
«¿ eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me?!!» —



Quaeque potest, narrat; restabant ultima; flevit;

Et matronales erubuere genae.

Dant veniam facto, genitor, conjuxque, coacto;

Quam, dixit, veniam vos datis, ipsa nego.

Nec mora: celato figit sua pectora ferro;

Et cadit in patrios sanguinolenta pedes.

Tunc quoque jam moriens, ne non procumbat honeste,

Respicit; haec etiam cura cadentis erat.

Ecce super corpus communia damna gementes,

Obliti decoris, virque, paterque, jacent.

Brutus adest; tandemque animo sua nomina fallit;

Fixaque semanimi corpore tela rapit;

Stillantemque tenens generoso sanguine cultrum

Edidit impavidos ore minante sonos:

Per tibi ego hunc juro fortem castumque cruorem,

Perque tuos Manes, qui mihi numen erunt,

Tarquinius poenas profuga cum stirpe daturum.

Jam satis est virtus dissimulata diu.

Illa jacens ad verba oculos sine lumine movit;

Visaque concussa dicta probare comā.

Conta o que pode... cala o mais... e chora ;  
e o pejo lhe afogueia a face honesta.

O pai e esposo o crime involuntario  
perdoam. — « ¿ Perdoais ? ! eu não » — diz ella  
e aguçado punhal, que traz occulto,  
co'a melindrosa mão no seio imbebe.  
Cai aos paternos pés insanguentada,  
e olhando para si, já moribunda,  
para ver se o pudor na queda offende ;  
este o cuidado da infeliz morrendo.

Eis junto ao corpo amado o pae, o esposo,  
deslembrados da gloria e do decóro,  
jazem carpindo seu commum desastre.

Bruto, que a scena infausta presencêia,  
e o nome com o espirito desmente,  
do peito semivivo arranca o ferro ;  
e ali na mão com elle, que distilla  
da victima formosa o puro sangue,  
n'um ar ameaçador taes vozes solta  
do affeito coração : — « Por este honrado,  
« por este varonil egregio sangue,  
« e por teus Manes que serão meus Numes,  
« juro ao feroz Tarquinio um odio eterno ;  
« juro de o proscreever, e á prole infame ;  
« seus crimes infernaes serão punidos !  
« tens, ó virtude, assaz dissimulado. » —

Ao som d'estes impavidos protestos,  
os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia :  
meneando a cabeça, aprova e morre.

Fertur in exsequias animi matrona virilis,

Et secum lacrymas invidiamque trahit.

Vulnus inane patet. Brutus clamore Quirites

Concitat; et regis facta nefanda refert.

Tarquinius cum prole fugit; capit annua consul

Jura. Dies regnis illa suprema fuit.

Fallimur? an veris praenuntia venit hirundo,

Et metuit, ne qua versa recurrat hiems?

Saepe tamen, Progne, nimium properasse quereris;

Virque tuo Tereus frigore laetus erit.

Jamque duae restant noctes de mense secundo;

Marsque sitos junctis curribus urget equos.

Sobre funereo leito se colloca  
o gentil corpo da heroina excelsa.  
O espectaculo triste expõe-se a todos,  
e deve a todos lagrimas e inveja.  
Vai patente a ferida. O denodado  
Bruto, vociferando, incita o povo,  
e do mancebo audaz lhe narra o crime.

Com a estirpe cruel Tarquinio foge.

Foi aquelle o famoso ultimo dia,  
em que o duro oppressor deu leis a Roma.

Succede á  
realizaçã o  
consulado

Cessa o reinado ; os consules se eriam,  
e as redeas tomam do annual governo.

¿ Ingano-me?! nos ceos uma andorinha?!  
Salve, nuncia gentil da florea quadra!  
com razão inda a medo os ares fendes;  
que o proceloso inverno ao retirar-se  
não raro se arrepende; e pára, e volve.  
¿ Quem sabe, se teus canticos d'amores  
não tens de os converter em mestos pios!,  
queixosa de quão cedo a nós tornaste!?  
Hospeda amavel, melindrosa Progne,  
só por que de teu mal Tereu não ria,  
regeladas manhãs te não magoem.

Dá prin-  
cipio a  
Primavera

Duas noites sómente ao mez nos restam.  
Agora Marte em fervida quadriga  
punge. esforce os valentes corredores.  
Elle mesmo no campo de seu nome

Fevereiro  
26 — Fes-  
tas equi-  
rias

Ex vero positum permansit Equiria nomen,  
Quae Deus in campo prospicit ipse suo.

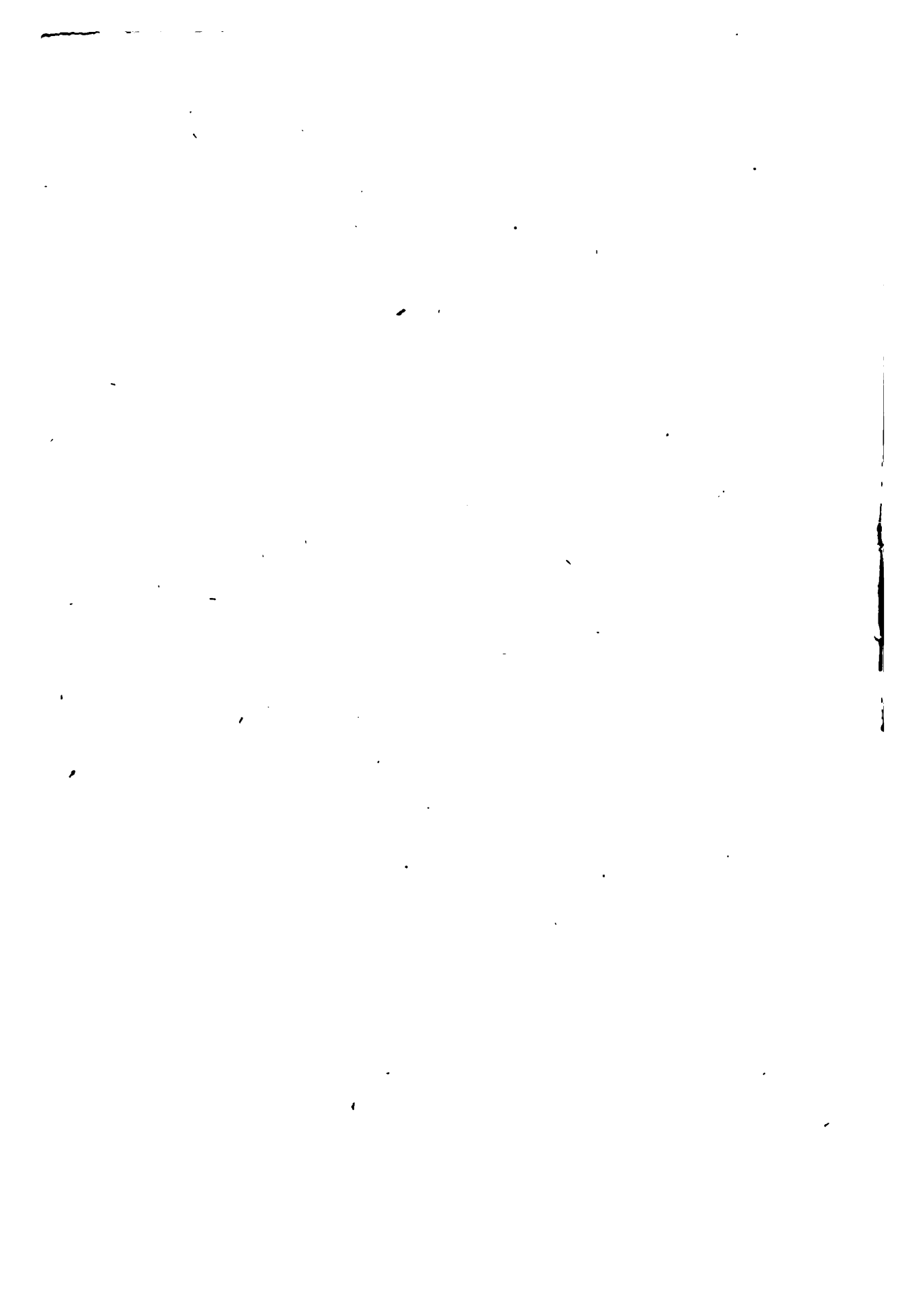
Jure venis, Gradive; locum tua tempora poscunt;  
Signatusque tuo nomine mensis adest.  
Venimus in portum, libro cum mense peracto.  
Naviget hinc alia jam mihi linter aqua.



às *Equirias* preside ; antigos jogos,  
pelo *equestre* certame assim chamados.

Gradivo, a tempo vens ; teu mez assoma ;  
já pizas seus confins. Suspende, ó Musa :  
fevereiro, e meu canto, o porto afferram.  
Amanhã nossas velas desfraldadas  
tomarão vento novo em novo rumo.

Despedida  
do livro ;  
fim do  
mez



# NOTAS

AOS

**DOIS LIVROS CONTIDOS NESTE PRIMEIRO VOLUME**



E não se pense que n'isto o apouco e desairo, ou tenho por somenos. Certamente não. Verdade seja, com as idéas que temos do livrinho popular conhecido por esse nome, mal se creeria hoje que pudesse um almanak tornar-se poema, e o poema conter-se no almanak. Mas que não faz e refaz, que não melhora e transforma um talento creador! Que não faria por tanto aquelle peregrino ingenho, que, sem querer, com vocação irresistivel, com prodigiosa espontaneidade, enflorava e poeticava quanto lhe cahia debaixo da mão!

Quid quid tentabam scribere versus erat.

Em Roma engrandecia-se tudo, e tudo tomava a feição de Roma. Que o diga o que da cidade antiga sobreviveu na cidade moderna. O seu annuario, truncado no meio, ficou ainda um monumento. Um poeta primoroso emprenheu o lunario, a folhinha, o borda-d'agoa do povo latino. A memoria d'ambos ficou eterna!

Nos *Amores* e na *Arte de amar* mostrara-se Ovidio o cantor gracioso, fecundo e sensual da licenciosidade elegante, apurada na escolla de Catullo. Nas *Heroides*, e principalmente nas *Metamorphoses*, inflammado do enthusiasmo juvenil, trasbordara os esplendores da phantasia sumptuosa nos mais variados quadros das lendas gentlicas (1), primando tanto na profusa flexibilidade

o nome. Era preciso ser igual a Ovidio pelo menos, e não imital-o, porque a poesia do christianismo não se imita. LEMIERRE escreveu tambem os *Fastos do Anno*, e a sua tentativa, posto que ainda distante dos meritos do poeta de Sulmona, tem mais valia do que lhe attribue LA HARPE. Antes de Ovidio, CALLIMACHO de Cyréna escreveu o poema intitulado *As Causas* (*Αἰτίαι*); mas n'essa composição, exclusivamente didactica, no conceito dos mais authorisados, fica muito áquem da do vate latino, que, posto participe d'aquelle genero, se levanta frequentemente á grandiosidade épica.

(1) QUINTILLIANO, bom juiz, bom que extremamente frio e severo,

de estillo e imagens, que, talvez por isso, sapientes (1) opiniões o avantajaram em originalidade ao proprio Virgilio. Nos *Fastos* foi o poeta da patria. Assim os desenhou de certo, soffreando a musa impetuosa, contendo a luxuosidade dicaz, que lhe era como ingenita, para dar ás suas narrativas, com a sobriedade e a escolha, a singeleza grave que pertence aos magestosos padrões.

N'este devocionario pagão não ha só uma grande naturalidade e um grande saber (2); ha mais, ha um museu nacional, cujo conhecimento não é menos util á intelligencia da vida e sociedade romana do que a Historia de Tito-Livio e os Annaes de Tacito (3). Para que não pareça temeraria a asserção veja-se como o proprio Livio o confirma declarando a importancia que tinham os *Fastos*, não só como repositorio do culto, senão tambem como influencia politica.

Instituíra-os Numa para completar com a acção religiosa o que tinha começado a força das armas. Nas mãos dos pontífices,

por vezes caracteriza com muita concisão e energia o defeito, que mais commumente se tem reprehendido a Ovidio: *nimum amator ingenii sui*. SENECA, o rhetorico, pouco menos authorisado e competente, confirma aquelle juizo quando diz: *in carminibus non ignoravit vitia sua, sed amavit*. Não admira porem que aos praxistas inexoraveis parecesse sobejidão a efflorescencia de um ingenho prodigo. Os phenomenos não vem nas regras, e quem lecciona o arteficio mal se accomoda com a natural feracidade que o supre e o vence. Se a abundancia e oppulencia de Ovidio sam defeitos, não sei. Sei só que sam raros, e que a mediocridade esteril e rasa é muito commum, e por tanto muito mais commoda. Defeitos serão; mas levam os olhos. Quem me dera sempre com elles! *Dulcibus vittis!*

(1) DR. BEHN; professor na Universidade de Heidelberg, *Manual da Historia da Litteratura romana*, (traduc. de Roullen).

(2) SCALIGERO (J. C.) na *Hypercritica* diz: *stylus faciliis candidus; eruditio prisca et multa*.

(3) THEOD. BURETTE, Prolog. ás obras de Ovidio, na edicção Panckoucke.

a quem os mysterios asseguravam a authoridade, os Fastos passaram em breve de mero ritual de festividades e cerimoniaes a verdadeiro registro do Estado.

Ficaram então como os definiu Servio (1).

O poder theocratico, apoderando-se dos espiritos na infancia das sociedades, cimenta involuntario os alicerces da sciencia popular. Succede o mesmo sempre e em toda a parte. E' uma como lei providencial. Da tradicção procede a historia, e são os monumentos d'aquella preambulos e anteloquios infalliveis d'esta.

Eis a explicação melhor da valia moral do poema dos *Fastos*. Ha n'estes ao mesmo tempo um commento liturgico, um epitome de usos e costumes, um ementario compendioso de datas e acções, um chronicon da terra e do Olympo, o resumo biographico dos deuses e dos homens, um agiologio complexo, um Plutarcho pelo braço de Aulo-Gellio, um La Bruyere acarelado de Rivarol, um Brantôme da corte do ceu, enfim um Matheus Laensberg sublime!

E' verdadeiramente o almanak moderno nas suas principaes condicções; mas um almanak unico, e por tanto incomparavel.

O que no almanak moderno falta, e no poema antigo maravilha, é a ordem, a regularidade, o encadeamento harmonioso d'uma successão de pinturas e relações, mutuamente independentes, que o poeta liga com raro artificio, e sabe aviventar com uma inspiração sempre viçosa. O caracter monumental dos *Fastos* reside n'esta feliz alliança de variedade e grandexa (2). Era

(1) *Fasti sunt annales et rerum indices.*

(2) Nos *Fastos* procurou Ovidio affastar-se do seu particlular estillo, que é, como diz Nisard, seguindo as doudas investigações philologicas do alemão lanh: «un mélange de familiarité presque vulgaire et d'élégance presque précieuse.» Exigia-lh'o a natureza dos assumptos e o caracter do poema. Na graciosidade dos quadros, e delicadeza das imagens transparece porem frequentemente o caracter do eminente poe-

preciso, na verdade um eminente, e bem eminente, poeta para dar á aggregação e cumulo de tantos e tão diversos argumentos a alteza conceituosa, o constante enlevo que os tem recommendado aos seculos, e os traz conservados e accrescentados na admiração, que ainda não deixou de acompanhá-los. A poesia, a boa, a melhor, a verdadeira, conta poucos milagres e triumphos como este de illuminar de tal gloria o kalendario d'uma religião morta. A crença, que tanto póde, poude menos do que a musa. Onde aquella succumbiu fez-se esta immortal.

Na familiaridade do imperador Octavio, aclamado Augusto, vivera Ovidio como todos os grandes poetas seus predecessores e seus coetaneos, mais do que nenhum talvez, por desgraça d'elle. Dias houve, em que, sob as grinaldas dos festins, o glorioso despota bem podera dizer ao vate seu commensal (1) o que depois disse Carlos IX a Ronsard :

Tous deux également nous portons des couronnes!

E com mais e melhor razão o faria, que já por aquelles tempos era o cantor de Sulmona o herdeiro affamado de Tibulo e Propercio, de quem pouco antes fôra rival, e por direito lhe

ta, sem todavia prejudicar o sentimento religioso, que dá ao todo o cunho especial que distingue esta composição. Da elevação ou lhaneza dos termos mal poderemos ajuizar hoje a tamanha distancia dos costumes. Talvez seja porem o mais singular attractivo de tão complicado lavor a lucta entre a indole d'um grande ingenho e a indole d'um grande thema. A tendencia de Ovidio para os refinamentos e requintes deve attribuir-se á época litteraria em que viveu. Quando a decadencia se aproxima cresce o luxo e a ornamentação. Mas o luxo fica bem aos ricos, e poucos o foram como elle.

(1) NISARD pretende que o poeta fugia á corte. As suas relações attestam que lhe andava estreitamente ligado. E' averiguada a facilidade do seu accesso e entrada com a familia imperial. Podia elle comprar-se no retiro, mas nem por isso é menos notoria a privança de que por muito tempo gozou. BREZZON, na sua *Historia analytica e critica*

tocara o sceptro lyrico depois de Horacio, — pouco mais ou menos como, ao cabo de dezoito seculos, veiu tambem a empunhá-lo Dellille depois de Boileau. A elegia polida, aperfeiçoada, esmerada com rara selecção por tantos cultores e tantos mestres, ia fechar com elle o periodo brilhante da virilidade litteraria de Roma. D'aquelles grandes nomes fadados á immortalidade era Ovidio o ultimo na ordem chronologica, bem que um dos primeiros na eminencia dos meritos.

Parece porem que ao declinar da vida, Octavio, como Luiz XIV, penitenciava com a austeridade dos escrupulos as fragilidades da juventude (1). Livia-Maintenon exacerbava-lhe interessadamente a tendencia para os rigores expiatorios (2). A bella

*da litteratura romana*, livro utilissimo como indicador e como guia, exprime-se n'estes termos: « *Son intimité avec le chef de l'Etat, ses relations amicales avec les hommes les plus influents de Rome, la gloire dont il etait environné, l'aisance dont il jouissait, l'aimable insouciance de son caractère, devaient assurer á Ovide une vie heureuse et tranquille.* » O desastre que o feriu no melhor d'estas prosperidades parece ter tido origem, por uma ou por outra razão, n'um excesso de intimidade, como adiante se verá. Esta circumstancia, sem excluir o desejo e propensão attribuida ao poeta, indica todavia mais frequencia do que abstenção.

(1) O proprio poeta dá a intender que a indignação do imperador não vinha só de um erro, ou offensa particular, senão tambem dos seus versos, necessariamente os primeiros, justamente os que lhe haviam dado reputação, e o tinham recommendado ao favor da corte;

*Perdiderent quum me duo crimina, carmen et error,*

(2) Sam muitas e diversas as opiniões relativamente á relegação de Ovidio. Relegação digo, porque havia na jurisprudencia romana uma grande differença entre desterrar e relegar. O desterro, antes degredo, implicava a infamia, e a confiscação dos bens; a relegação era apenas uma remoção, um afastamento, ou, como hoje usamos, a deportação simples. O castigo imposto ao poeta foi d'estes. O *porque* ficou obscuro. A historia tem ás vezes d'estes enigmas, que exercem a sagacidade dos conjecturistas, e onde cada qual adduz seu fundamento. Uns at-

Coriana, continuando a dynastia amorosa das Delias, das Neéras, e das Cynthias, foi menos feliz do que as suas antecessoras. Ou por muito conhecida, ou por demasiado voluptuaria, assustou a contricção recente do imperial e edoso arrependido. Sabia-se o que podiam as iras d'aquelle Jupiter terrestre. Ovidio quiz naturalmente amercear a divindade, e applacar a tormenta que no horisonte se escurecia.

D'esse desejo se pôde plausivelmente inferir que nasceu a idéa mãe dos *Fastos*.

Não são estes, como os *Tristes* e as *Ponticas*, longas deplo-

tribuiram a catastrophe a ter Ovidio designado a propria filha, ou netta, de Octavio Augusto, com o nome de Corinna, que era a personificação dos seus amores; outros explicaram-n'a por uma vingança pouco generosa do ministro Mecenas, enfadado de não ter sido sequer mencionado nos seus versos, depois de tão louvado por Virgilio. Esta ultima interpretação, um pouco cerebrina e arbitraria, não se auxilia de nenhum testemunho sufficientemente authorisado, e apenas exprime a ambição d'uma novidade explicativa. POUSINER DE SIVRY suppõe que Ovidio, exercendo o cargo de decemviro, revellára imprudentemente algum grande crime do moço Agrippa, neto de Octavio. Os padres CAZOU e ROUILLÉ na sua *Historia romana* imaginam que o poeta fôra testemunha ocular de uma scena deprimente ou indecorosa para o imperador, e estribam-se na anecdota de ΑΤΗΝΟΒΟΛΟ. Tambem não faltou quem visse a causa do subito desgraciamento, já na publicação sacrilega dos mysterios de Eleusis, já no afrontado pudor de Livia, referindo-se a uma allusão do poeta. De todas as versões porem a que hoje reune maior numero de bons sufragios, e a que se fundamenta em mais solidos indicios, é a que apurou MR. DE VILLENAVE na sua *Vida de Ovidio*. Livia Drusilla, mulher de Tiberio Claudio, inspirára tal paixão a Octavio, que este a desposára roubando-a ao primeiro marido, e promovendo o divorcio com este. Livia era astuta e ambiciosa. Dominava o imperador e queria a successão da corôa para Tiberio, seu filho do primeiro matrimonio. Marco Agrippa, neto de Octavio, herdeiro presumptivo, fôra desterrado. Ovidio, afeiçoado a Julia, filha de monarcha, e mãe de Agrippa, propendia naturalmente a favorecer os interesses d'este.

rações soluçadas no extremo desconforto (1). E' uma concepção vigorosa, inspirada pelo sólo natal, bebida nos annaes religiosos e consulares, pensada na convivencia dos mais illustrados e nobres caracteres de que se adornava o grande seculo de Roma, amadurecida na intimidade do sabio Varrão ; d'Hygino, o mythographo e bibliothecario de Palacio ; de Celso, o Hippocrates latino ; de Caro, o mestre dos Cesares ; de Macer e Albinovano, os poetas ; de Germanico, o heroe ; de Fabio Maximo, o confidente do imperador ; de Severo, de Valerio Messalino, de Maximo Gotta, de Ruffo, de Pomponio Flacco, e de Sexto Pompeo. Se, como o poeta por ventura esperava, lhe não poude tal commettimento remir o desterro, nem apagar a memoria das exube-

O imperador chegou a arrepender-se de haver expoliado Agrippa, seu sangue, em proveito de Tiberio, um intruso. A influencia de Livia prevaleceu porem. PLUTARCHO e TACITO conservam-n'os os vestigios d'essa curiosa lucta interior. Tacito conta-n'os como o imperador foi visitar incognito seu neto á ilha de Planasia. Acompanhava-o unicamente Fabio Maximo, o maior amigo de Ovidio. Esta mysteriosa entrevista importava um segredo de estado, porque Tiberio, adoptado já, era o Cezar reconhecido, e Livia avassalava o senhor do mundo, que não ousava afrontal-a. Segredo de estado era, e segredo perigoso, porque dava tantas esperanças a Agrippa, como trances a Tiberio e sua mãe. Todos sabem aonde levam as ambições desconfiadas e inquietas n'um regimen despotico. Segredo de morte foi com effeito, que, por mal guardado, impelliu Maximo ao suicidio. Tivera d'elle conhecimento Ovidio pelo seu amigo, e o mesmo que a este custou a vida lhe custou a deportação. A licenciabilidade do poeta foi o pretexto apparente; a causa verdadeira foi o segredo fatal, consequencia da sua intimidade na familia do imperador, e tristissima prova d'essa mesma intimidade. A historia, como se vê, auxilia poderosamente as indicações de Villenave, que d'este modo se tornam as mais plausiveis.

: (1) A residencia nas orlas semi-barbaras do império, em frente dos Dacios e dos Gethas invasores, nas frigiditas plagas da Scythia, era certamente dolorosa para um epicureo, um requintado, um alfenim de Roma, como o capitulo *De medicamine faciei* está inculcando que foi Ovi-

rancias lascivas (1); que, mais do que erro proprio, tinham sido culpa das tradições, do exemplo, da idade, da religião, do século e do clima, completou-lhe no conceito dos entendidos e no applauso da posteridade honras, que só pertencem aos primeiros (2). As coroas que lhe cingiram foram tão bem gran-

dio. Os criticos porem censuram com razão as excessivas queixas do poeta, e vêem n'ellas, deve-se dizer tudo, um symptoma da sua fraqueza de animo. Grasset formúla nos seguintes versos uma opinião, que tem numerosos adeptos:

Je cesse d'estimer Ovide  
Quand il vient sur de faibles tons  
Me chanter, pleureur insipide,  
De longues lamentations:  
Un esprit mâle et vraiment sage,  
Dans le plus invincible ennui,  
Dédaigne le triste avantage  
De se faire plaindre d'autrui;  
Dans une égalité hardie  
Foule aux pieds la terre et le sort.  
Et joint au mépris de la vie  
Un égal mépris de la mort.

As almas energicas não de concordar, com o poeta da *Chartreuse*, por mais que lamentem o triste deportado do Ponto Euxino.

(1) MARMONTEL descreve assim a indole poetica de Ovidio:

Enfant gâté des Muses et des Graces,  
De leurs trésors brillant dissipateur,  
Et des plaisirs savant législateur.

Como já fica observado, a licenciosidade de alguns versos de Ovidio nas suas primeiras obras foi um pretexto. Esse pretexto porem, como é natural, havia de ser frequentemente invocado na cõrte, depois de o ter sido pelo monarcha.

(2) JOSÉ SCALIGERO, filho do author da *Hypercritica*, exprime-se n'estes termos: *principes poetae Virgilius et Ovidius*. VIGNOLLE DE MARVILLE diz dos *Fastos*: « c'est le chef d'oeuvre de ce poete. » Se a opinião mais geral prefere as *Metamorphoses*, é forçoso confessar que os *Fastos* rivalisam, não só com ellas, senão com o melhor da antiguidade. Os



geadas e logradas por este presentimento da musa desditosa, como pelas rizonhas imagens dos annos prosperos (1).

Singulares coroas são as dos poetas! Sempre coroas de martyres, mesmo quando lhes celebram triumphos!

E muito mais singulares as coroas dos poetas modernos. Deu-as o Capitolio a Petrarcha desterrado e ao Tasso morto. Deu-as o féretro ao Dante prófugo e proscripto. Deu-as a posteridade a Camões agomizante n'um hospital; a Cervantes extenuado de miseria; a Milton, que para viver mais dois dias mal ponde obter dez libras pelo *Paraiso perdido*, a magnifica Illiada christã, a gloria poetica da oppulenta Inglaterra, a epopéa da luz, concebida nas trevas como a de Homero.

Que são estas coroas senão ironias impias, irrisões sacrilegas, sarcasmos entre tumulos?

Regosijae-vos, pensadores inspirados, exultae eleitos da Providencia, felicitae-vos largamente, vós todos, que do melhor dos vossos corações, do mais puro dos vossos espiritos, do mais trabalhado da vossa vida, apuraes e achrisolaes os raios que alu-

dois eruditos *Vossio e Heinsio*, encarecendo os meritos do author, refutam calorosamente as severidades d'uma critica menos favoravel. Ovidio foi incontestavelmente o poeta latino mais fecundo e numeroso, e o que deixou mais obras á posteridade, sem contar as que o tempo confundiu e perdeu, e de que só constam os titulos por authenticas memorias e testemunhos.

(1) O poema dos *Fastos*, iniciado, meditado e evidentemente estudado em Roma, parece ter sido apurado e concluido entre os Sarmatas, na dura residencia de Tomes (Temeswar); e só provavelmente se vulgarisou nos primeiros annos do reinado de Tiberio. Tem-se davidado e discutido muito este ponto, aliás de secundaria importancia. A invocação a Germanico Cezar, e mais ainda a commemoração das suas glorias militares, inclina as opiniões para esta conclusão. A época brilhante da reputação guerreira de Germanico é a do seu segundo triumpho, dois annos depois da morte de Octavio Augusto.

miam a vossa terra, as harmonias que levam o seu nome ao longe pelos povos e pelas gerações! Tendes estas palmas e estas corôas. Que importa que ellas sejam um requinte de supplicio, como a cana verde e o diadema de espinhos?

A sociedade é justa; é principalmente governada e castelosa. Tem tudo em conta corrente. Agenciaes eleições? equilibraes orçamentos? primaes no acrobatismo politico, ou espaires o tedio aos magnatas? Não. Apenas conservaes illezas as memorias da patria acima das revoluções, das tempestades, e dos seculos. Quem vol-o encommendou? Nas serenas e espirituaes regiões da arte levantaes esses padrões superiores, diante dos quaes mal se percebem as ambições arrogantes, e passam para nunca mais lembrarem as luctas ephemeras, as grandezas pygmeas, as paixões sem horisonte. Que valor tem isso no mercado? Daes a immortalidade ás nações? Bella empresa na verdade! Quem toma acções da immortalidade? Quem as cota e negocia? A immortalidade! Vivei d'ella.

N'esta conclusão epigrammatica está tudo epilogado e resumido. Ha-de o poeta ser mais do que um homem, e os ecónomos, os fiscaes vigilantes d'esta sociedade, cheia de precauções e de simplezas, não lhe darão nem um minimo do que ella se deixa candidamente extorquir pela exploração *habil*. O poeta, que o mine e devore a chama interior, e morra d'isso. E' a sua sina. Quem o mandou adoptar um modo de vida menos rendoso do que o de contractador de senhas?

Tenha elle a ousadia incrivel de tentar um dia colher logar no banquete commum, e vereis como lhe tomam a rol os bocadoes, como lh'os contam, como lh'os amargam, ao pobre faminto, os convivas replectos! vereis como lhe regateiam as migalhas para alimento dos ocios! vereis como lh'as disputam para regalo da adulação! vereis como lh'as invejam para a avidex parasita! vereis enfim com que amêna complacencia se accumu-

lam as prebendas á importunidade dobradiça, e com que apertada parcimonia se medem os soccorros ao ingenho creador.

Para o industrial.... de qualquer industria.... ha uma indulgencia inexaurivel; a elasticidade dos seus algarismos não assusta os prudentes. Para as mais altas funcções intellectuaes ha uma pauta estreita, severa, implacavel, que faz as delicias dos calculistas eméritos. Não faltará quem vos prove com a arithmetica nas mãos que um grande poeta, com o dizimo da retribuição ordinaria de um tenor sem voz, deve passar folgadoamente e ajuntar para a velhice. Ha gente para tudo!

Dam ao poeta a realeza e impõe-lhe a penuria ou a sordicia. Ha-de ter a frente no ceo para meditar as verbas dos gastos domesticos. Rodeam-n'o d'estas delicias e magnificencias, e exigem-lhe o esplendor e a magestade!

Atroz zombaria !....

Pois tem elle realmente a audacia de querer viver? Para que? Não se diz que dispõem da immortalidade? A immortalidade não tem nada com a vida terrena, essencialmente material e finita. E' ser contradictorio.

Esse sim, que é o poderoso, o concludente, o invencivel argumento. Que merece a immortalidade dos monumentos litterarios, isto é, a fidalguia d'uma lingua; isto é, a gloria d'um povo; isto é, a independencia d'uma nação? Se fosse o juro d'uma vaidade !....

Como pretende pois o insensato que lhe contem esse trabalho como um trabalho, se é todo para dentro, e todo para o futuro?

A futilidade, a nullidade dos direitos do poeta á vida dos outros homens fica assim exuberantemente demonstrada. Diga comsigo o triste: « não é deste mundo o meu reino, » e deixe-se ir resignado. Toleram-lhe isso. Para o animar n'estas boas disposições a logica humana não cessa de bradar-lhe com seriedade inalteravel: *morre e verás!*

E' com effeito indispensavel que morra para vêr...

Para vêr o que? Para vêr petrificado, fundido, erecto em estatuas e monumentos, accumulado em manifestações, em subscripções, em ostentações, dez, cem, mil vezes mais oiro do que a parca somma, que lhe teria prolongado a vida, desobscurecendo-a de cuidados, aliviando-a de fadigas, depurando-a de ignobéis tarefas, tornando-a menos ágra e procellosa.

Tudo isto é de hoje!

Se os progressos da civilisação offerecem algumas excepções... sam excepções! E' um melhoramento; mas vagaroso e incompleto. Não está extinto o mal.

Accreditaes acaso a cabal sinceridade de tantas glorificações da intelligencia? Triste illusão! Olhae para as mais proximas e esclarecidas edades, para os mais adiantados e potentes paizes. Não é só a Italia dividida, não é só a Hespanha fanatisada, não é só o pequeno Portugal, que dam o funesto exemplo do talento em desamparo, tardiamente afferido, quando não ludibriado pela glória posthuma. No seculo XVIII, tão jactancioso das suas philosophias, a culta França deixa morrer Gilbert alienado de penuria, e Malfilâtre devorado de fome. E' já d'este o miserando fim de Aloysio Bertrand, recolhido a um hospicio pelo estatuario David. O suicidio de Nerval é de hontem.

Na poderosa Gran-Bretanha, Chaterton acaba desesperado, e mais de um ingenho notavel, para se não finar jejuando os loiros, calleja em rudes profissões a mão que sustenta uma lyra. Que o digam Allan Cunningham, o poeta pedreiro, Bloomfield o poeta proletario, Burns, o poeta lavrador, e Hogg, o poeta pegureiro!

As mesmas prosperidades de muitos — da maior parte — que são tambem senão confirmações tristissimas d'essa triste incuria ou indiferença? Se querem provar de longe a vida da sua natureza, tão facil aos privilegiados da fortuna, que fazem esses?

Exploram a curiosidade, lisongeiam a multidão, sacrificam a consciencia, fazem da arte um officio ; ou então, se o deus interno é imperioso e não transige, convertem-se em forçados, e n'essas galés, que o mundo ignora, abreviam os dias queimando-os ao novo lume da Vesta infatigavel.

Tudo no seculo segue o impulso do movimento acelerado. O improviso é uma lei da actualidade. As faculdades reflexivas são anachronicas. A elaboração lenta, que se faz na contemplação, na soledade, na meditação, nem quasi se intende. Este elemento germinador, este principio vital das obras primas, das obras que ficam, das obras que adiantam, das obras que ensinam, chega a parecer extravagancia. Ou especular ou succumbir. Os levithas da arte têm de cahir martyres d'ella !

Profanado o templo, sam raros n'elle os sacerdotes, e quasi não vão ahi senão para carpir saudades do culto esquecido !

A musa fez-se commercial onde ha ganancia e mercancia. Aqui, nem isso. Vagabundêa pelas ruas ás injurias do tempo e da plebe, com as vestes candidas salpicadas e polluidas, ociosa e desnorreada, a lér e relér cartazes e annuncios pelas esquinas, a pasmar diante das taboletas, de diversas taboletas, de infinitas taboletas.

Se algum devoto pouco vulgar a recolhe, a agasalha e aninha com o mimo e estimação devida, é por pouco tempo, que não póde com as despesas da hospedagem. Se algum antigo predilecto lhe conserva em casa um canto recatado, seu casto refugio e seu santuario, tem esse a heroicidade da abnegação e a vocação do sacrificio. E nem póde dar-se por mal pago, porque lhe não pagam bem nem mal.

A musa em Portugal é supranumeraria : lá fóra é correctora.

Não era assim em Roma, que a iam procurar e festejar aonde estava sem necessidade de empenhos. Não era assim no

seculo de Augusto, nem será assim quando cada paiz tiver cabal consciencia do que lhe convem. Não sam communs os Mecenas. Um povo livre dispensa-os porem, por que é elle o seu proprio Mecenas. Se exerce o poder, cabe-lhe a acção e a iniciativa.

Em Roma, os verdadeiros poetas, ainda que tivessem nascido plebeus e necessitados, podiam á vontade pensar, limar e aperfeiçoar as suas obras, para as tornar dignas da patria e da posteridade. Verdade é que, em compensação, não medravam os ignorantes.

Horacio, filho de um liberto, e Virgilio, filho de um fazendeiro, ambos na infancia expoliados dos seus tenues patrimonios pelas ultimas convulsões da republica, viveram honrados, e trabalharam livres das preocupações vulgares da vida (1). Não os deixavam os principes, representando o Estado, distrahir as altas cogitações nas lidas triviaes de um grangeio precario : punham estes o seu cuidado e gloria em lhes guardar bonanças as elevadas esferas onde a poesia desfere os vôos para a luz e para o céu. Assim se instigam e preparam os monumentos que o tempo não gasta. Assim se fundam as reputações, que perpetuam a memoria e o espirito de um povo !

A nossa orgulhosa civilização ainda não fez mais nem melhor.

De taes e tão preciosas condições vem talvez a admiravel perfeição dos mestres da antiguidade, laboriosa perfeição de conceito, de locução, de harmonia, que em Ovidio parecia dom na-

(1) Horacio deveu á munificencia de Mecenas a quinta de Tibur, onde vivia correspondendo-se com o proprio imperador, como testifica Suetonio. Ahi passou trinta annos para escrever dez mil versos, menos de um verso por dia. Virgilio, lendo o 6.º canto da *Eneida* em presença de Augusto e de Octavia, só esta mandou dar ao poeta dez mil sextercios (40\$000 rs. pouco mais ou menos), por cada um dos versos em honra de Marcello. Estas liberalidades lhe permittiram consumir doze annos nos doze cantos da *Eneida*, e ordenar no seu testamento que o poema fosse queimado por não o reputar ainda concluso nem perfeito.

criar e propagar-se tanto mais quanto mais cabalmente for conhecido.

Assim, para o trasladar, mais, para o transferir para uma lingua diversa, de modo que esta o possa adoptar e perfilhar como nascido de casa, e elle n'ella resuscitar inteiro com as suas graças, com o seu espirito, com o seu toque e feição, o que não é preciso? É preciso ser um segundo Ovidio, e não um Ovidio egoista e avaro de si, senão um Ovidio que vá com o

dignas de particular menção, as comprehendidas na bibliotheca latina de Panckoucke, 1834, e na de Nisard, 1850, e outra posterior, sem fallar nas de Alemanha, menos conhecidas entre nós; a edição classica annotada por S. Lesage, e authorisada pelo conselho de instrução publica em França, 1858, e a das obras escolhidas, publicada no mesmo anno com um novo estudo sobre Ovidio por J. Janin. Ovidio está traduzido em quasi todas as linguas cultas. D'estas diversas traducções ha seiscentas e sessenta e quatro edições comprehendendo as reimpressões; oitenta e tres são francezas, setenta e uma italianas, e trinta e tres inglesas. Os outros paizes figuram n'uma escalla numericamente inferior. As traducções mais reimpressas sam, em inglez, a das *Metamorphoses*, de Dryden, e em francez a das *Heroides*, de Melin de Saint-Gervais, cognominado o Ovidio francez, que teve doze edições successivas. Esta superioridade de consumo e multiplicidade de edições nos dois paizes explica-se pela universalidade das duas linguas, principalmente da segunda. Ovidio tem sido traduzido mais vezes em verso do que em prosa, e na maior parte por ecclesiasticos. Ha para ambos os casos uma razão obvia: para o primeiro a sumptuosa ornamentação do estilo a que a prosa repugna; para o segundo o ter residido por muito tempo no claustro e na egreja a superioridade da instrução. Deve-se ainda mencionar uma particularidade: é em França que Ovidio tem sido mais repetidamente traduzido. Ha tambem para isso uma causa especial, alem da do maior movimento litterario—é a natureza do proprio talento de escriptor, que prima sobre tudo na agudeza. Examine-se, e achar-se-ha que é elle o mais francez de todos os postas latinos. A totalidade das edições de Ovidio, quer do texto, quer de versões, sóbe a mil quatrocentas e cincoenta. Só a Bibliotheca Nacional possui cento e quarenta

culto da arte até à abnegação, para subordinar a uma ardua interpretação as mais ricas faculdades creadoras (1). É naturalmente

e tres d'aquellas edicções, sendo vinte e cinco de traduções em diversas linguas, e cento e dezoito do texto, commentarios, e notas. Sam as mais recommendaveis entre as primeiras a da versão italiana, antes graciosa paraphrase, das *Metamorphoses*, de Anguilara, em oitava rima; a da versão ingleza da *Arte de amar*, de Dryden; a de Nisard, bem conhecida; a do abbade Banier, versão e texto; formosa pelas gravuras de Picart. Entre as segundas figuram com grande distincção quatro do seculo xv: a da *Arte de amar*, de Beneto Locatello, Veneza, 1492, fol.; a dos *Tristes*, com a glossa de Paulo Marso, Veneza, 1492, fol.; a dos *Fastos*, com os commentarios de Antonio Constantino e Paulo Marso, Pariz, 1496, fol.; outra dos *Tristes*, de Tridino, Veneza, 1499, fol. Sobresahem mais no valor e estimação a Blaviana (*opera omnia*), inteirada por Nicolau Heinsio, Amsterdam, 1683, 8.º, 3 vol.; a Lugdunnense, de Anissonio, (*opera, ad usum Delphini*), 1689, 4 vol., 4.º; a de Jansonio Waesbergio, (*opera omnia*) com os complementos de Jacob Micyllo, Hercules Ciofani, e Nicolau Heinsio, Amsterdam, 1727, 4 vol. 4.º; a de Barbou, (*opera*), Pariz, 1762, 3 vol., 12.º; finalmente uma Plantiniana, e tres Elsevirianas, tão apreciadas como se sabe. Pena é que muitas d'estas joias bibliographicas, utilissimas aos bons estudos, sejam em grande parte ignoradas dos proprios nacionaes.

(1) SAINTE-BEUVE reputa uma boa versão dos mestres tão grande commettimento, que só poderão tental-o poetas de igual pulso e valia. Estes, no conceito do illustrado critico, por isso mesmo que sam mestres tambem, não querem de ordinario sacrificar a outrem a sua triunfante individualidade. «Nul doute (diz elle todavia) que si un vrai et grand poete se mettait en tête de nous traduire Virgile, Homere, ou Dante, ou tel autre maitre, il n'y reussit a force de temps et de soins, sinon pour la lettre stricte, du moins pour le sentiment et la couleur.» A condição expressa, alem d'um porfioso trabalho, é que seja *um verdadeiro, um grande poeta*, isto é um poeta traductor da estatura do poeta traduzido. O sr. Rebello da Silva, no seu magnifico *Estudo litterario sobre Elmano*, com muita elegancia e verdade ratifica esta doutrina nas seguintes phrases: «Transportar as riquezas de uma lingua para outra diversa, e algumas vezes opposta na indole e na construcção, ornando



por isso que bem pode dizer-se não ser ainda devidamente conhecido em portuguez o eminente poeta. Não fóra temeridade afirmar-se que, antes do sr. A. F. de Castilho, só por alguns congestos felizmente inspirados se haviam de aproximadamente medir os vãos d'aquelle ingenho primoroso (1). O que n'esta

a phrase alheia de gallas proprias quando esmorece, sustentando-lhe o brilho quando fulgura, e ao mesmo tempo fugir da exactidão infel e prosaica sem trahir o pensamento, requer um conhecimento tão intimo dos dois idiomas, e um tacto tão subtil em apreciar as opulencias e as pobrezaas de ambos, que torna o passo difficilimo, e a victoria quasi mais gloriosa do que se a palma se cortasse no lavor de composições originaes.» O sr. Castilho, em todas as suas versões dos mestres da antiguidade, confirma com admiraveis exemplos a authoridade d'estas opiniões.

(1) Sam os fragmentos vertidós por Bocage: uns dois terços do livro 1.º das *Metamorphoses*, breves excerptos dos livros 2.º, 4.º 6.º, 10.º, 11.º, 12.º, 14.º, e 15.º, e a *Morte de Lucrocía* extrahida do livro 2.º dos *Fastos*, nos quaes trechos brilham principalmente os raptos naturaes do poeta traductor. Algumas vezes é verdadeiramente portentosa a força intuitiva d'aquelle grande estro. O sr. Castilho, respeitando a elaboração feita, não duvidou adoptar muitos versos do seu incompleto predecessor. Este é o maior louvor que se lhe tem tributado. Afóra estes fragmentos, que sam os mais dignos de citação, que eu saiba, só existiam, antes do vasto emprehendimento do sr. Castilho, o *Compendio das Metamorphoses* por José Antonio da Silva Rego, de que ha duas edicções de Lisboa, uma de 1772, 8.º, e a Rollandiana de 1815, 12.º, pequena e insignificante explanação, que só serve ao uso pueril a que é destinada; os *Quatro primeiros livros das Metamorphoses* (o 4.º incompleto) versão de Almeno (Fr. José do Coração de Jesus), Lisboa, 1805, em verso solto, solto de todo e em tudo, por nossos peccados e do pobre do frade, que em metter-se com as musas fez do habito a camiza de onze varas mais bem-medida de que tenho noticia; o *Remedio de amor e as Queixas de Dido contra Eneas* (cinco odes) por João Bento Said, Angra, 1831, que mostram boa vontade e um louvavel sentimento de harmonia metrica; as *Heroides*, expurgadas de obscenidades (diz o traductor) e posta em rima vulgar (vulgarissima) por Miguel do Couto Guerreiro, Lisboa, 1780, dois vol., 8.º, livro de um homem douto, mas in-

parte nos faltava, e não deve faltar na litteratura de nenhum povo culto, já nos não falta agora. Com as *Metamorphoses* ha dezoito annos, com os *Fastos* agora, encheu, acogulou a lacuna est'outro grande poeta, est'outro poeta oppulentissimo, que bem poderemos cognominar Ovidio-Castilho, com mais razão e verdade do que Voltaire teve em chamar ao traductor das *Georgicas* Virgilio-Delille.

Motivadamente anda por ahi desacreditado o officio de traduzir, dês que officio o fizeram, e officio dos mais mechanicos, plebeus e illetrados. Em novellas de má morte e peças de theatro, verdadeiras peças pregadas aos auditorios, o desenobreceram e arrastaram quantas ignorancias atrevidas intenderam, que, para na-

capaz de conhecer e avaliar as subtilezas conceituosas de Ovidio, e só apto para as desfigurar, como fez nos seus tercetos, tornando-se ao mesmo tempo singular pelas affectações nas *Respostas* de sua lavra; a *Exposição dos Fastos* e a dos *Tristes*, pelo padre Domingos Fernandes, Lisboa, 1749, 4.º, traducção litteral acompanhando palavra por palavra o texto, quando muito um soffrivel *pae velho*, como se diz nas escolas, para auxiliar principiantes; finalmente, o *Commento sobre os cinco livros dos Tristes*, por Mathias Viegas da Silva, de que ha duas edicções, uma de Lisboa, 1733, 8.º, e outra de Coimbra, 1735, 8.º, que está no mesmo caso da *Exposição dos Fastos*. A primeira grande versão de Ovidio, o primeiro trabalho completo, em tudo completissimo, que nos revelle inteiro o poeta, é a *Traducção dos 15 livros das Metamorphoses*, começada a publicar em 1841 pelo sr. A. F. de Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional. No erudito prologo d'esta edicção vem citada, —reconhecida e authenticada, digamos, —uma versão manuscripta das *Metamorphoses* por Candido Lusitano (o padre Francisco José Freire.) A *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa, a que o mesmo prologo tambem se refere, menciona a existencia de outra versão, igualmente manuscripta, intitulada *Fabulas de Ovidio, traduzidas em outavas e sylvas castelhanas, em estyllo jocoso*, por Jorge da Camara, ecclesiastico poeta do seculo xvii, de quem só sei que mereceu de D. Francisco Manoel, bom intendedor, o nome de «Marcial portuguez.»

cionalisar qualquer obra, sobrava ter uns taes ou quacs laivos da lingua extranha desconhecendo a propria. Não se cuide porem que em taes desaeatos e impiedades ficou exauthorada a alteza e legitima jerarchia dos trabalhos de consciencia e verdade. A patria e a posteridade hão-de sempre honrar a audacia feliz de um grande ingenho, que sabe medir todas as difficuldades para as accommetter e superar, enriquecendo a sua terra e idade com os mais valiosos thesouros do tempo e do espirito. As versões ou inversões ignaras não deslustram aquellas grandes elaborações, antes lhes avivam o merito, tornado mais evidente na comparação, como da memoria das catastrophes se realça o esplendor dos triumphos.

Louvar o traductor dos *Fastos* é já trivial. Quem o não louva e admira? Nem ha-de nunca um homem apurar maior nem melhor louvor do que esse louvor collectivo e unanime, louvor popular, louvor incontestado, louvor maximo, com que a nação o aclama, com que extranhos o saúdam, com que a republica litteraria o declara mestre entre os mestres.

Apreciar o cantor da *Primavera*, das *Ezoavações Poeticas*, das *Cartas de Ecco*, dos *Ciumes do Bardo*, da *Noite do Castello*, de *Amor e Melancholia*, de tantos poemas primorosos, em tanta variedade de generos, com tantas e tamanhas excellencias de inspiração, de sciencia, e de arte; aprecial-o sobre tudo, n'esta sua, muitas vezes portentosa, e sempre triumphante justa com um dos maiores genios da antiguidade, com o poeta das *Heroides*, das *Ponticas*, dos *Tristes*, dos *Amores*, e das *Metamorphoses*, emprehendimento fôra para quebrantar os mais fortes e os mais resolutos. Seria preciso seguir com os olhos, com o animo, com o espirito, e ainda mais com a contemplação e o assombro, o dédalo interior d'esse immenso edificio, em que fadas parece terem posto a mão.

Aqui o panegyrico descalhira em redundancia, e a analyse subira a temeridade.

Um escrupuloso e cabal exame, como a taes obras se deve, requerera, não um, senão muitas dezenas de volumes. Só assim, — e bem o sabem os entendidos — se poderam contar, expôr e explicar, uma a uma, e cada qual de per si, as formosuras innumeráveis do original, e as outras tantas, e mais, que na versão lhes correspondem, ou se lhes avantajam. Só se lograria demonstrar toda a valia de tal obra com a acareação minuciosa dos dois textos; com a afferção do seu valor intrinseco e relativo; com a nota dos passos arduos e dos obstaculos supplantados; com a glossa dos caracteristicos, dos nimos, das subtilezas e differenças de ambos os idiomas; enfim, com o apuramento das perfeições, e os quilates de estilo, e o rol amplissimo de tantas agudezas, elegancias e sumptuosidades de elocução, de tão lustrosos atavios e gallas de phantasia, como as que no Ovidio latino e no Ovidio portuguez se disputam a palma.

Não pôde quem passa como de visita contar sequer as riquezas da esplendida galeria, a que não ha vêr fim, nem as maravilhas d'aquelle labiryntho de architecturas, em que esta se dilata. Succede-lhe como áquelles a quem de repente se descortina uma deslumbrante reunião de magnificencias. Suffoca-os o fulguroso conspecto, e, quando se lhes desopprime o peito, só lhes chega o folego para exprimir o enthusiasmo n'um brado.

Ninguem como os antigos soube qualificar a arte na mais pura expressão do bello; não sem razão lhes chamaram elles *divina!*

Na impossibilidade de relatar e especificar todas as excellencias, que tornam esta versão dos *Fastos* um verdadeiro thesouro litterario, limitar-me-hei a mencionar duas, entre outras, relevantissimas prendas, por serem das mais raras e qualificadas. É a primeira aquella perpétua invenção de linguagem, que dá ao nosso Ovidio tantos ares de parentesco e intimidade com o romano, e poem em tam perfeita correspondencia os dois monu-

mentos. É a segunda aquelle sancto amor da antiguidade, que se contrahe nos grandes estudos, que inflama os grandes ingenhos, e sem o qual fóra impossivel pôr tam acabada mão em obra tam profusa.

Só possuindo, como o sr. Castilho, uma inexaurivel mina de termos, um viveiro sempre renascente de locuções originaes, uma facilidade admiravel em variar a textura da phrase, se nos podia ahi repôr o proprio espirito latino em poesia de tanto sabor nacional. Sob o veu oppulentissimo d'esta versificação de uma harmonia tam portugueza, não crêdes como distinguir todas as fragrancias e aromas, os mais subtlis, dos fecundados vergéis do Lacio, viçados e reffloridos em terra nossa e ao sol dos nossos dias ?

Mede o intendimento com pasmo a grandeza do esforço necessario para realisar esta que é ao mesmo tempo identificação e transfiguração.

É n'essas paginas a antiguidade tam formosa, tam careadora dos animos e vontades, tam *nova* emfim, que para aqui parecem talhados, e como expressamente feitos para o nosso segundo Ovidio, — segundo só na ordem dynastica, — estes versos, de La Motte creio, com que ponho ponto, forçado das instancias do tempo, n'estas paginas bem inferiores aos meus sentimentos e desejos :

Digne de l'univers, l'univers pour l'entendre  
Aime a redevenir latin.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

## NOTA SEGUNDA

### ADDITAMENTO À PRECEDENTE

#### DESTERRO DE OVIDIO

**É** em tanta maneira interessante, e não só aos devotos da poesia, o arcano do desterro de Ovidio, que, ainda depois de ouvirmos sobre este assumpto o nosso amigo, o nosso immortalizador Mendes Leal, escutaremos de muito boamente o que ao mesmo proposito escreve na primeira parte da sua opulentissima Grinalda Ovidiana, o editor da nossa Paraphrase dos Amores, o nosso bom irmão J. F. de Castilho. Affoitamente pois o trasladamos para aqui.

A. F. DE CASTILHO.

É um dos problemas, que assaz tem occupado a imaginação dos biologos.

O infeliz refere-se a dois motivos; um que nos confessa, outro que elle cautellosamente cala.

O confessado tem sido, em todos os tempos, considerado um pretexto futil, destinado a encobrir a verdade.

É certo que de Roma, e do senso-commum, se zombou, attribuindo a relegação á corrupção que nos costumes causára a Arte de Amar!

Esse poema, uma das primeiras tentativas litterarias de Ovidio, foi composto aos vinte annos de idade; quasi durante seis lustros tinha ornado todas as bibliothecas, sido cantado em to-

dos os theatros, corrido todas as mãos; imaginaes Augusto tão analphabeto que, mais de vinte annos, ignorasse a existencia de um livro, que o ultimo quirite sabia de cór?

Dêmos de barato que esse obração fosse um prodigio de moral. Todavia é uma herototechnia, uma *arte*, que nada ensina; puro brinquedo da phantasia. Nem uma expressão se lê ahi descomèdida na linguagem, brutal, obscena. O amor, de que ahi se falla, é sempre o formoso, o natural iman dos dois sexos. Procediam assim Catullo, e Marcial, e Ticida, e Calvo, e Memmio, e Cinna, e o proprio Horacio e o proprio Virgilio? Não eram presados, e protegidos, os auctores de tão licenciosas poesias? Todos esses exprimiam as maximas torpezas, as mais infames bestialidades, pelos termos mais deshonestos e com as imagens mais libidinosas. Tomos se tornaria segunda Athenas, se para ali relegassem, com mais motivos, todos esses jubilados e decanos da immoralidade.

E finalmente quem é este severo Catão Censor, este Lucrecia de barbas, cujo pejo estremece, em presença de uns versos amorosos? É aquella immunda personagem, cuja biographia, reduzida ao decimo do que os historiadores nos legaram, fórma ainda um compacto tecido de monstruosidades.

Não affirma Suetonio que esse perverso explicava aos amigos os seus frequentes adulterios, por um calculo politico, afim de, pelas revelações das mulheres, colher os segredos dos maridos? Não praticou elle os mais abominaveis incestos? Não usou de *ambas as Venus*, da mais sordida maneira? E no proprio assumpto de versos livres, não temos 'nelle mesmo *confitentem reum*?

Não se conservam poesias de Augusto (como o epigramma, Marc. xi. 21), em que tantos como as palavras são os horrores? (1)

(1) Conta-se que Augusto, durante o triumvirato, compuzera versos livres e grosseiros, (dos que denominavam *lescenninos*) contra Pollião

Verdade seja que Augusto, como Luiz XIV, depois de ter escandalizado o mundo, quiz, chegado á velhice, dar exemplos de severidade nos costumes, tornando d'ella victimas, nunca a si mas a terceiros; não obstante, é evidente que o principe allegou essa razão especiosa, com que a real ficasse encoberta.

Assim eliminado o pretexto, qual terá sido a causa real de tão inexoravel pena?

A circumspecção do poeta, provavelmente necessaria, nol-a abscondeu; e ainda os proprios dados que nos ministra são vagos e talvez contradictorios. Ora se proclama innocente; ora se reconhece culpado! Ora se apresenta victima de alheio facto; ora declara o castigo brando para o seu delicto! 'Noutra parte exclama:

« Foi meu crime ter olhos; e porque olhei eu para aquillo que não devia vêr? »

Porem que é isso que viu?

Suspeitam alguns que Ovidio surprehendêra Augusto, commettendo um incesto. Prova, diz Voltaire, de que ali andava incesto, ou aventura secreta e escandalosa da familia imperial, é que Tiberio, monstro, tanto de lascivia como de dissimulação (o bode de Capria, immortalizado pelas medalhas que nos representam as suas devassidões) não revocou a Ovidio do desterro.

Celio Rhodigino cita fragmentos de um certo Cecilio Minuciano Apuleio, auctor que diz quasi contemporaneo d'Augusto, o qual parece ter sido o primeiro que aventou a versão do incesto. « Pulsum quoque in exilium, quod Augusti incestum vi-

(o mesmo que a Tito Livio censurava a patavinidade); mas que este, aliás capacissimo de retorquir, tivera a prudencia de calar-se « porque dizia elle, não queria graças com um sujeito, que, por qualquer cousa, puzha um homem a caminho. » Seguiu o preceito dos *Animali parlanti*:

Non me ne fate autor; io non vo'guai.

Massime col Leon che stimo assai:



disset » (Ansiq. lect. l. XIII c. 1) « Proedicabat autem (Caligula) matrem suam ex incesto, quod Augustus cum filia sua admisisset, procreatam (Suet. Calig. c. XXIII) » Grande argumento é um dito d'esta torpeza, em boca de um Caligula !

Parece-nos esta explicação inacceitavel ; ninguém no mundo levou mais longe que o poeta a delicadeza, o melindre, o que hoje se chama *tacto das conveniencias*.

O homem que, para não comprometter as suas amantes, as designava por pseudonymos, — por não prejudicar, do desterro, aos seus amigos, lhes supprimia os nomes, — que enfim dava a cada passo demonstrações da nobreza de seus sentimentos, não lembraria tantas vezes áquelle principe, de quem aliás tudo dependia, um successo que devêra confundil-o.

Menos improvavel seria pois a segunda versão, a de que, tendo intrada franca no paço de Augusto, que lhe estimava o talento, ali presenciasse acção vergonhosa para a familia imperial. E isso mesmo estriba-se em algum fundamento ?

Poucos mysterios da antiguidade tem, tanto como este, exercido os animos. O campo da phantasia, fecundo em miragens, descortina horisontes sem termo ; e por isso mesmo que os dados são tenuissimos, — que nenhum contemporaneo nem de leve tocou em tal assumpto — que as hypotheses só começaram seculos depois — cada escriptor tem dado larga rédea á sua imaginação, e assim se continuará até que os manes de Augusto ou Ovidio se resolvam a subir alguns momentos á terra, por que se dignem de esclarecer-nos.

Entre as muitas versões, eis aqui a de Rosmini, em additamento á de Tiraboschi, que não parece dos menos plausiveis romances.

— O motivo da relogação de Ovidio não foi real delicto, por elle commettido, mas sim a sua cooperação para as devassidões de Julia, sobrinha de Augusto.

Dos muitos illustres amigos do poeta, algum o teria apresentado a ella, então casada com Lucio Paulo, joven, bella, fogaosa, e de costumes ligeiros.

Ovidio, que adorava as petulantes, comprouve-se no tracto com Julia; leu-lhe seus poemas; brindou-a com a sua *Arte de Amar*; embebeu-a em suas pouco austeras maximas.

Entre os muitos arrastados da formosa, um havia a quem Ovidio, passado pela idade de primeira a terceira pessoa, protegeu, orando a seu favor, exaltando-lhe os dotes com a facundia e persuasão proprias de poeta, e de tal poeta como elle. Rendeu-se o terno coração da bella, e a praça capitulou ante o inexpugnável vencedor.

Um dia o novo medianeiro colheu os amantes em demasiada familiaridade; outros se gabaram do mesmo.

Fez estrepito o caso; chegou aos ouvidos de Augusto que, indignado, inquiriu os accusados; e Julia, para aliviar o proprio crime, accusou Ovidio como seductor.

Involvidos no negocio varios amigos d'este, e achando-se no toucador de Julia a *Arte de Amar*, considerou-se esta como corpo de delicto para condemnação do poeta. Augusto, encolerizado, desterrou sobrinha, amante, e seductor; mas como lhe não conviesse dar o verdadeiro motivo, pretextou a *Arte de Amar*.

Já se vê que o poeta não commetteu delicto algum com Julia, só cooperou para os delictos d'ella, sendo por isso relegado, *sem confisco*; motivo por que elle confessava ter sido tractado com clemencia.

Tudo, nas palavras de Ovidio, concorda com esta versão. Diz elle que a amizade com os grandes occasionou sua ruina — que commetteu não um crime, mas um êrro — que nenhuma vantagem d'ahi lhe resultou — que o seu êrro foi mais estulticia que outra coisa. Queixa-se dos companheiros e dos servos, que o denunciaram; reconhece não poder defender-se de toda a culpa etc.

Tal a versão de Rosmini que, se não parecer fundamentada, também se não taxará de absurda. Bem pôde conjecturar-se que a punição lhe fosse infligida, por se achar incurso nas disposições da lei juliana, *De adulteriis coercendis* (Dig. 48. tit. x.), promulgada pelo anno 17, antes de Christo; é certo que as provisões d'essa lei, como as conhecemos, não mencionam poesias obscenas; mas o seu titulo, no Digesto, prova que se estendia além do castigo das partes directamente comprehendidas no adulterio, puzindo egualmente, entre outros, os que para tales fins facultavam suas casas.

Sonha um biographo que elle tomára parte 'numa conspiração para restabelecer os direitos dos filhos de Augusto ao imperio; observa ter o poeta sido relegado para a Scythia, exactamente ao tempo em que era também espulso de Roma o mais proximo herdeiro do throno, e banida Julia, irmã d'Agrippa; o que não decide é se o revolucionario (o terno, o elegiaco Ovidio conspirador!) foi criminoso, ou sómente indiscreto.

Vagando 'nesse campo de politica, Villenave, Ginguené, Schoell e outros suppuzeram que a causa do desterro fôra a ira produsida no animo de Augusto, pela revelação e divulgação de um segredo de estado, qual o da sua visita ao neto Agrippa e reconciliação com elle, que tanto devia contrariar a omnipotente Livia (mulher de Augusto e mãe de Tiberio) (1); dizem que o

(1) Lê-se com effeito nos *Annaes de Tacito* (versão de Freire de Carvalho): — «... Ia-se augmentando a doença de Augusto, e não sem suspeitas de ser ajudada pelas maldades da mulher. O certo é, que poucos mezes antes, já circulava um rumor de que Augusto, dando a saber seus intentos a alguns amigos, tinha ido, só com Fabio Maximo, a Planasia, visitar o neto Agrippa; e que, derramando então ahi ambos muitas lagrimas, se haviam dado reciprocos signaes de amisade, sendo o final resultado da visita, que o pobre mancebo tornaria a ser restituído a casa do avô: o que Maximo revelou a sua mulher Marcia, e da mesma sorte a Livia. Tiberio foi logo d'isto informado; e succedendo pouco depois a

imperador só fôra acompanhado de Fabio Máximo, parente da mulher de Ovidio, o qual commetteu a imprudencia de segregar o acontecido a sua esposa Marcia; esta á de Ovidio; est'outra ao marido; este a varios.

Outros imaginam ter ahi andado galanteio do poeta com Livia, ou alguma das Julias, o que nem exame tolera; outros vão devaneando a seu talante. *Non nostrum tantas componere lites!* Acerca d'esse *Mascara de Ferro* da antiguidade, romancie cada um o que lhe approuver; nem d'ahi resultará que a esphera perturbe a sua marcha, tropeçando 'nesse obstaculo.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

---

### NOTA TERCEIRA

---

PAGINA 3—VERSO 4

#### PROPOZIÇÃO DO POEMA

Um grande povo, uma religião imaginosa, um poeta elegantissimo! Tres coisas são estas, que chegando um dia a encontrar-se deviam produsir alguma grande maravilha. Foi ella um poema. O povo era o romano, a religião o polytheismo, o poeta

morte de Máximo (que ficou em duvida se foi violenta) dizia-se ter-se ouvido, no seu funeral, accusar-se Marcia entre mil gemidos e gritos, de haver causado a morte do marido.»

Ovidio. A obra d'estes poderosos collaboradores vêmo-l'a hoje nos *Fastos*, que, vestidos á portugueza, sem desdizerem da gravidade e formosura romana, achamos agora naturalizados e quasi de novo ideados e coloridos por um poeta, que mais do que ninguem sabe trazer em amigavel e amena convivencia as musas antigas e modernas.

· Todos os grandes póvos tem quasi desde o berço colligido em fórmãs poeticas as tradições mythologicas dos seus primeiros tempos, combinadas com as lendas heroicas dos seus primeiros fundadores. Antes de haver historias graves, precede-as a poesia, que engrandece a origem das nações. Todos os póvos, no seu orgulho nacional, prendem no céu a cadeia historica dos seus destinos. A humanidade inteira são elles. Eram de toda a eternidade predestinados a exercerem o primado entre os seus iguaes, e a terra pareceu-lhes creada para que elles a dominassem como um feudo, em que tivessem por dependentes e escravos seus os homens de diversa nacionalidade.

São os poetas os primeiros peccadores na soberba das nações, mas desculpavel é o crime, porque o excusa um grande sentimento, sem o qual a civilisação, pela indifferença dos povos, ficaria perpetuamente estacionaria. Ora é o poeta, que excita nos seus compatriotas, o estimulo do amor da patria, e os anima pela apothese do passado aos audazes commettimentos do presente e ás esperanças arrogantes do futuro.

Os fastos mythologicos e heroicos da Grecia escreveu-os Homero e Hesiodo. Os fastos do oriente traçou-os ha milhares de annos a inspiração hindostanica nos livros sagrados d'aquelle formoso berço de todas as civilisações do velho mundo. Os fastos primitivos dos póvos scandinávos, lêem-se ainda hoje nos *Sagas* da Noruega e da Islandia. Onde, entre as tribus menos cultas, faltaram artes de perpetuar em caracteres e em symbolos a historia meio-fabulosa, meio-heroica do povo, suppriu a tradição

oral e a memoria, sempre grata ás lendas maravilhosas. Os romanos parece não haverem tido um corpo de tradições primitivas, onde se achassem confundidas as lendas heroicas dos tempos ante-historicos com as crenças religiosas dos seus primeiros dias.

Os romanos tiveram commum com os demais povos italicos, principalmente latinos e etruscos, todo o seu thesouro mythologico. O livro das tradições suppre-o muitos seculos depois da fundação da cidade, o poema dos *Fastos*, em que a erudição mais selecta não prejudica as elegancias e primores da poesia na idade aurea das letras latinas.

Os *Fastos* são de feito o calendario romano, illustrado com todas as notas religiosas e historicas, que podem caber na commemoração de cada periodo do anno. Posto de parte o merecimento da obra como criação de um engenho felicissimo, qual era o de Ovidio, o poema dos *Fastos* é ainda um precioso repertorio de informações sobre os costumes, as constituições, os ritos, as usanças e as tradições religiosas e guerreiras do povo romano. Os eruditos tem citado em todos os tempos o poema dos *Fastos*, como um documento, com que comprovar as suas investigações sobre as antiguidades do calendario e da religião latina. A valia dos *Fastos*, como testemunho historico, é ingrandecida pela consideração de que o calendario romano, segundo o poema de Ovidio, concorda quasi inteiramente com o calendario gravado em marmore, por onde parece haver-se regulado a distribuição das festas e dos actos solemnes da vida publica e civil entre os antigos conquistadores do universo.

Festas do Iacio anno, origens suas,  
Quaes astros vão, quaes vem, dirão meus versos.

Esta proposição simplicissima resume o intento e o objecto do poema inteiro.

Depreende-se da propria textura da obra que o poema dos  
TOM. I. 14

*Fastos* é principalmente destinado a commemorar as festas que o povo rei celebrava pelo decurso do seu anno. O poema é pois evidentemente theologico. Qual foi porem a origem da instituição de cada festa? Qual é a genealogia do deus ou do heroe, cujo culto celebrou o povo em cada uma das suas numerosas festividades? Que feito das armas romanas, que turbação civil, que acto da vida guerreira ou politica se mesclou na origem á festa, descripta por Ovidio? Que instituição civil prende com a solemnidade religiosa, que elle canta? Que circumstancias astronomicas influiram na divisão do anno, e na sua repartição pelas festas da religião romana?

Eis aqui os problemas que o poema resolve.

Vem o poeta, por exemplo, a fallar do mez de Março? Ouvil-o-hemos discursar sobre as origens, que a tradição ou a conjectura attribue a este que foi o primeiro dos mezes de Roma no velho calendario do seu hoje problematico fundador. Com que arte admiravel não acha o poeta as mais curiosas relações entre o mez que descreve, as festas que o distinguem, as instituições que elle recorda, as historias que lhe andam ligadas!

Ouiremos a historia poetica de Marte, a predilecção dos romanos por este deus turbulento e dominador, e veremos confirmada uma verdade demonstrada por todas as mythologias, e vem a ser, a preeminencia concedida por todos os povos guerreiros, por todas as tribus ainda não policiadas, ao deus que simbolisa e inapira os brios guerreiros e a ambição vertiginosa das victorias.

O poema dos *Fastos* é uma trilogia admiravel da astronomia, da mythologia, e da historia dos romanos. É um poema, que á luz da critica horaciana, ou da esthetica vulgar, entrará forçadamente nas estreitas classificações da poesia.

É poema didascalico, porque 'nelle se insinúa, disfarçada a asperesa nas fórmulas correctas e primorosas da metrificacão la-

tina, toda a sciencia que tem ligação com a divisão do anno e as solemnidades religiosas. É um poema narrativo, porque muitas vezes Ovidio conta com a brilhante seducção da sua palavra as origens romanas, as tradições engrandecidas pelo tempo e já poetisadas pela fantasia d'este grande desaffectedado poeta, que se chama povo. É um poema erotico, porque 'nelle a imaginação do cantor exilado brinca igualmente facil e complacente com as voluptuosidades dos deuses e com os amores ardentes dos homens. Vêde-o agora desenhar o touro espadaúdo e possante, que devora o espaço, levando no dorso a nova desposada do pai dos deuses conquistada : a Europa. Observai-o logo esboçando com o pincel meio-erotico, meio-burlesco os amores silvestres e apaixonados dos satiros. E quem não dirá que ha nos *Fastos* o que quer que seja de inspiração épica, contemplando o povo romano, que desfila diante de nós, levando nos carros dourados os seus triumphadores, guiando o cortejo das suas ovações, honrando as imagens dos seus antigos, hasteando as suas aguias victoriosas, e apresentando-se para levar as insignias da magestade romana, sob os auspicios e sob a fortuna de Augusto, até os ultimos confins do orbe conhecido !

Em todas as idades poeticas, em todas as civilisações ha um poema, que resume o estado da cultura de um povo, e apresenta 'num epilogo brevissimo a synthese de todas as suas idéas e de todas as suas crenças.

Entre as gregos são os poemas de Homero. Não se pode dizer que seja entre os romanos o poema de Virgilio. Não, por que a Eneida é a imitação do poeta grego. É a musa hellenica, que desce do Parnaso até o Tibre, para dar á lisonja e á adulação ás agigantadas fórmas da epopéa. Virgilio era o servilismo romano — tão desmedido como o fôra já a magestade popular sob a republica — escrevendo para a posteridade, gravando nos marmores da epopéa o elogio de um tiranno, e obrigando os deuses a



curvarem o joelho diante do soberano dominador de Roma. Todos os epicos romanos são libellistas sublimes, assalariados moralmente ao serviço das facções. Que poema pôde pois representar a individualidade romana? São, não o podemos duvidar, os *Fastos* de Ovidio.

Attendidas as diferenças profundas que separam duas civilisações absolutamente oppostas, descontando a indole diversa dos dois poetas, não poderíamos aventurar-nos a dizer que Ovidio é para os romanos, gracioso, elegante, jovial, pagão, mas tantas vezes satirico, o que é para a idade média o Dante, christão, austero, rude e melancolico? Não ha em ambos os poemas a alliança do ceo e da terra, da eternidade e do nada? não ha 'nelles ambos o resumo de toda a sciencia do seu tempo? não está 'nelles representada como 'num *Cosmos* poetico a unidade mistica de todas as coisas? Guardada a diferença infinita que vai da theologia christã á theologia do paganismo, e do poeta sceptico do seculo de Augusto, ao poeta religioso de Florença, não são ambos os cantores a expressão da fé, que dominava no seu tempo? com que arte admiravel não inlaça o poeta a cada passo as idéas da imperfeita astronomia do seu tempo com as mythologicas lendas, que personificam as estrellas e os planetas como a representação das divindades, dos semi-deuses e dos heroes!

É quasi universal nos tempos de simplicidade e de ignorancia a crença na divindade dos astros. O sabeismo é o primeiro culto das nações. O sol é um deus, porque é elle a força, a vida, a renovação, a alegria, a esperança, a luz, a formosura da criação. A rude intelligencia, toma o testemunho pela divindade, a expressão pela idéa, a apparencia physica pelo principio espiritual e eterno do universo. A credulidade cega acceita ao principio litteralmente os phenomenos, como se fossem as proprias causas. Vem depois um novo periodo. O espirito, sem

progredir no vigor do raciocínio, tinge nas côres da imaginação poetica as suas primeiras crenças. O universo povoa-se de innumeraveis divindades. O sol, é Phebo, que despede frechas d'oiro. O raio, é Vulcano, que fabrica as armas temerosas de Jupiter. A tempestade, é Neptuno, que agita com o tridente as aguas infurecidas. Sabeismo, ou antes do culto dos phenomenos da natureza physica, do que pode chamar-se o *naturalismo*, grosseiro dos povos ignorantes vai apenas um passo ao polytheismo. O Olympo surge trazendo já sentados na sua poetica assembléa os deuses da gentilidade. É uma religião toda *analytica*. Cada phenomeno, cada acção, cada producto do universo tem uma causa, um agente, um deus particular. É uma espécie de descentralisação anarchica nos poderes da natureza. É o feudalismo transplantado ao governo do mundo. Jupiter é um suserano frouxo e *fainéant*. As divindades subalternas arrogam-se a omnipotencia na circumscripção, a que presidem. Cada região tem o seu deus, cada cidade o seu nume tutelar, cada habitação os seus penates. A poesia d'esta religião latitudinaria deifica as virtudes e os vicios, os bons e os maus eventos da vida humana. Cada acto da existencia tem um deus, que lhe preside. Uma turba de nunes nupciaes conduz pela mão a noiva desde a casa paterna ao thalamo. esponsalicio. Os deuses peregrinos recebem fóros de cidade e naturalisação no largo Pantheon de Roma. Quando o polytheismo exhaure em extravagancias a fertil imaginação popular, chega a época da philosophia, que sóbe da analyse a uma *synthese* racional. É o tempo em que Platão e Socrates reconhecem a unidade da causa universal e suprema. É o tempo, em que Cicero, nos seus colloquios philosophicos, surri dos absurdos da religião romana, em que o indifferentismo religioso se disfarça commodamente na liberdade illimitada d'eleger novos deuses e de honral-os, ou antes os deshonorar, com um culto irracional e pervertido.

Caso é notavel e digno de reparo ; que o mesmo livro aberto nas suas paginas mais eloquentes, ao sabio e ao indouto nos mesmos caracteres inspire tão contrarias interpretações. O aspecto dos ceos e dos astros, aos homens rudes e inexpertos, ensina o culto material da natureza ; aos sabios o culto do seu autor. A uns parece estar clamando que existem tantos deuses quanto ha de estrellas a scintillarem, e de planetas a discorrerem os seus orbes. A outros ensina que uma causa unica, espiritual, omnipotente, os arredondou e diffundiou pelos espaços, para serem os trombetas e os arautos da sua gloria. A uns exhorta a deificar o sol, porque allumia e aquece. A outros a adorar a unica Divindade, que com duas palavras inundou os céos e a terra em torrentes de luz. Mas o paganismo e a verdadeira religião se accordam, se é possível consonancia entre a verdade e o erro, ao menos 'num ponto unico. É que a formosa estructura do universo desperta em todos os espiritos a idéa, ou antes o sentimento de Deus. Para o polytheismo, Deus divide-se e expande-se pelo universo, reside na sua obra, confunde-se com ella. Para a verdadeira religião, Deus está fóra da natureza, presidindo elle só a toda a immensidade da criação. O polytheismo é talvez a fórmula poetica do que, depois formulado e raciocinado pela agudeza blasphema dos philosophos, se chama o *pantheismo*. Um deus materialisado em cada elemento, em cada corpo celeste, em cada região da terra, em cada phenomeno da natureza, não é quasi esse Deus de Spinoza e de Epicuro, de Hegel e de Schelling, que se reparte ao infinito, e que se não pode distinguir da sua propria criação ? não será pois o polytheismo uma traducção poetica, uma versão fantasiosa, em que o pantheismo perde as fórmulas severas e abstractas da philosophia, para vestir a carne d'estes deuses humanados pelo mais grosseiro *anthropomorphismo* ? não será o polytheismo o proprio pantheismo, por assim dizer, dramatisado ?

Deixemos porem a digressão philosophica e volvamos ao assumpto especial que nos propomos.

Cantar as festas do anno latino e as suas origens, e os phenomenos celestes, que lhes presidem, é o intento do poema dos *Fastos*.

Pelas festas reparte o poeta o anno de Roma, e pelos mezes as vai enumerando e descrevendo.

Qual era porem a divisão, que do anno civil e religioso tinham feito os romanos? Com os tempos variou esta repartição. Teve a sua primeira fórma com o calendario de Romulo, se não é que o tomaram os romanos d'algum dos povos commerciaes, de quem trouxeram a origem, a cidade, os ritos, a lingoagem, e os costumes. De Numa Pompilio, ou da época, a que este mytho corresponde, segundo as theorias dos modernos criticos e historiadores, recebeu o anno de Roma nova divisão. Chegada a republica ao cumulo das suas glorias, reduzidos os reinos barbaros a provincias romanas, mettida de posse a republica nos mais celebrados imperios do saber antigo, aberta a Grecia á curiosidade dos eruditos, patente o Egypto aos intendimentos romanos, divulgados na Asia os thesouros da sciencia, naturalizada e cidadã na agonisante republica a sabedoria do velho mundo, Cesar o venturoso triumphador, que deu fórmas desusadas ao governo, imprimiu tambem no calendario o sello do seu genio innovador. Tão verdade é que por onde passa um temeroso conquistador, a quem anima o fogo do talento, com a mesma espada, com que parece exterminar, vai talhando e lapidando uma face nova a este immenso diamante, que se chama a civilisação.

Refere-se que Romulo (ou a primitiva e rude civilisação que este nome symbolisa, a seguirmos 'nesta parte as idéas de Niebuhr) dividira o anno em só dez mezes, que apenas comprehendiam trezentos e quatro dias. Certifica este parecer o doutissimo Varrão, que nas antigualhas de Roma e origens de suas institui-

ções, se deve ter por boa autoridade. Dizem outros que o anno de Romulo se repartia em doze mezes, como o nosso, e que trezentos e cincoenta e quatro dias o inteiravam. É porem esta divisão e este numero de dias, o que vulgarmente se attribue ao anno de Numa Pompilio, o qual com sua reformatão concordou melhor o calendario com os phenomenos celestes, por onde todos os povos e todas as civilisações tem sempre afferido, como por um segurissimo padrão, o compúto dos tempos. Com a correcção que recebeu o nome de juliana, veio o anno a conformar-se muito mais exactamente com os factos astronomicos, então melhor averiguados e entendidos que no primeiro alvorecer da civilisação romana. Julio Cesar deu ao anno trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto, o que pouco se afasta da duração fixada hoje a este periodo.

Apparece evidente aos menos versados na astronomia que nenhum phenomeno celeste autorisava o calendario de Romulo. Nem pelo curso do sol (antes da terra, segundo o ensina a já hoje vulgar astronomia) nem pela revolução da lua se ajustava tão estranha computação, vindo por ella a confundir-se a ordem natural das estações, de fórma, que os frios e as tempestades do inverno aconteceriam muitas vezes nos mezes, consagrados pelo calendario, ás amenidades da primavera ou ás doçuras do estio. Com melhor conhecimento das coisas astronomicas; industriado por ventura na sciencia dos gregos, por então já investigadora e florescente, accrescentou Numa Pompilio ou a idade que 'nelle se personifica o anno civil com mais cincoenta dias, repartindo-se d'este modo o anno por doze periodos que julgaria corresponderem a doze lunações.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO.

## NOTA QUARTA

PAGINA 3—VERSO 1

ANNO DOR ROMANOS

Collocado no meio da successão das coisas o homem conheceu bem depressa quanto lhe era necessario estabelecer alguma medida 'nesta admiravel successão ; e a sua actividade intellectual não parou no meio das difficuldades, que se antolhavam em objecto tão importante, para o qual não eram sómente bastantes uma longa experiencia, e repetidas observações, mas se exigiam tambem mais apurados esforços de intelligencia.

O dia, e a noite, que o homem podia distinguir com facilidade pela presença, ou privação da luz, que tão admiravelmente succedem com breve intervallo ; — o frio, e o calor, que marcam as differentes estações, foram o seu ponto de partida para procurar no ceo a medida reguladora do periodo de tempo, do qual se formou o anno.

Sem entrar agora na marcha progressiva d'estes esforços da razão humana, que sobejamente attesta a grande variedade, que entre os differentes povos se encontra na duração do anno, o qual para chegar ao estado, em que hoje o vemos, dependia de adiantados conhecimentos na sciencia dos astros, trataremos sómente das alterações, porque o mesmo passou entre os romanos, dando primeiro algumas noções, que se fazem igualmente applicaveis ao seu calendario.

As revoluções da lua, e o giro apparente do sol em roda da

terra, sendo os elementos, de que o homem se serviu para medir a duração do tempo, constituem a maior, ou menor extensão do anno, que, segundo o diverso movimento de cada um d'estes astros, se chama *lunar* ou *solar*. O primeiro, tendo por base as revoluções da lua em roda da terra, forma um periodo de 354 dias e oito horas, que, divididos por mezes de 29 e 30 dias alternadamente, fazem que qualquer d'elles corresponda com pequena differença a uma lunação. Tal é o anno dos arabes, e dos musulmanos, que não concorda com o nosso, nem com o giro do sol. O segundo porem, que se denomina *solar*, ou *tropico*, comprehendendo na sua duração 365 dias, e quasi seis horas, quantidade a mais approximada ao tempo necessario á terra para completar o seu giro em roda do sol, faz que esta venha a collocar-se na mesma situação relativamente áquelle astro. Foi este o que serviu de base na reforma do calendario mandada fazer por Julio Cesar; na qual depois de tres annos communs se segue um chamado bissexto de 366 dias para preencher as seis horas, que têm de mais cada um dos annos, o qual dia se nomea intercalar.

D'estes dois participa o anno chamado *luni-solar*, que, seguindo inteiramente a mesma disposição do anno lunar, por meio d'uma intercalação feita em determinados periodos de tempo, vem a dar na totalidade igual duração á que tem o anno solar. Tal fôo o anno da reforma de Numa, o mesmo de que usaram os gregos, e que alguns povos da Asia ainda hoje seguem.

Sendo estes os differentes modos, pelos quaes se tem regulado a duração do anno, já depois de assiduos esforços, e avultados progressos da razão humana, não é para admirar, que o mesmo passasse entre os romanos por algumas variedades inescapaveis dos primeiros ensaios do homem até alcançarem a perfeição possivel. Romulo, a quem se attribue o anno, pelo qual se regulou este povo até o reinado de Numa, ou por que elle o or-

denasse; ou por que achando-o já introduzido em Alba, d'onde os romanos traziam a sua origem (1), o mandasse observar, o que achamos mais provavel, não lhe deu mais de 304 dias divididos por dez mezes, que principiando em Março findavam em Dezembro. Um tal periodo de tempo não estava em relação com o giro do sol, nem com as revoluções da lua, nem podia ajustar-se com a marcha das estações. Porem para obviar a um tal inconveniente costumavam os romanos accrescentar no fim de Dezembro sem nome de mez, nem numero certo de dias, o tempo necessario para começar o novo anno no praso, em que podesse coincidir com os fenomenos celestes (2).

(1) O celebre grammatico Censorino, a quem devemos preciosos documentos 'nesta materia, reconhece que o anno chamado de Romulo era o dos albanos: «qui decem mensium putaverunt fuisse: ut tunc Albanis erat, unde orti romani. Cap. 20. De die Natali. «E no cap. 22 seguindo a autoridade de Fulvio, e Junio attribue sómente a Romulo os nomes dos mezes: «Nomina decem mensibus antiquis Romulum fecisse, Fulvius et Junius auctores sunt.» Com tudo isto mesmo ainda não passava por assentado; por que, como elle diz no logar citado, Varrão pensava, que os romanos receberam tambem dos latinos os nomes dos mezes, que existiam muito antes da fundação de Roma: «Varro autem romanos a latinis nomina mensium accepisse arbitratur.» Assim vemos que o sabio Varrão não dava a Romulo a honra de impôr nomes aos mezes.

(2) Assim o diz Macrobio no cap. 12 do liv. 1 dos Saturnaes, onde affirmando, que o anno de Romulo era de dez mezes, e de 304 dias accrescenta logo: «Sed cum is numerus neque solis cursui, neque lunae rationibus conveniret. . . tantum dierum sine ullo mensis nomine patiebantur absumi, quantum ad id anni tempus adduceret, quò coeli habitus instanti mensi aptus inveniretur.» Este é tambem o sentir de Censorino, que, fallando da variedade que se encontrava na duração do anno entre os mesmos povos da Italia, em que entravam os albanos, e romanos, conclue que todos tinham em vista ajustar os seus annos civis por meio de alguns mezes intercalares com o verdadeiro anno natu-



Licinio Macer porem, Fenestella, e Plutarco, na vida de Numa, pretenderam que o anno de Romulo fosse logo de 360 dias distribuidos por doze mezes, sendo uns de 20, outros de 35 dias; e que, como accrescenta o mesmo Plutarco, não havia idéa alguma de differença entre o movimento do sol, e o da lua, attempando-se unicamente em dar ao anno 360 dias. Esta opinião, com quanto tenha agradado a alguns modernos escriptores, que encontram 'nella um meio de conciliar melhor o anno civil de Romulo com os phenomenos celestes, não nos parece, que mereça antepôr-se á mais seguida dos autores romanos, que convem quasi unanimes em dar 304 dias de duração aos annos da primeira época da existencia social d'este povo (1).

Em assumptos de tão remota antiguidade não é raro encontrar tropeços d'esta natureza, que os mais proximos áquelles tempos não poderam superar; com tudo sendo Julho, então chamado *Quintilis*, o quinto mez, e contados numericamente os seguintes até Dezembro, que era o decimo, esta ordem de coisas não teria logar, quando na sua formação o anno fosse de doze mezes. A erudição discute e duvida, mas os factos pertencem á historia, e o seu testemunho é preferivel.

O anno dos romanos na sua primeira época constava de dez mezes, quatro de trinta e um dias, que eram, Março — Maio — Julho, ou *Quintilis* — e Outubro; os outros seis — Abril — Junho — Agosto, ou *Sextilis* — Setembro — Novembro — e Dezembro, de trinta dias cada um; e assim continham na sua totalidade os 304 dias, da duração do anno attribuido a Romulo. Os

ral. «Omnibus tamen fuit propositum, suos civiles annos, varie intercalandis mensibus, ad unum verum illum naturalem corrigere.» De die Natali. Cap. 20.

(1) Para não amontoar citações accrescentarei sómente o que diz o mesmo Censorino, a quem não foi desconhecida a opinião contraria: «Licinio Macer, e depois d'elle Fenestella escreveram, que o anno ro-

escriptores d'este povo procuraram dar aos dois primeiros mezes, Março e Abril, uma etymologia gloriosa para o seu fundador, fazendo-o descender d'aquelles, que elles veneravam como deuses; porem similhantes tradições não têm valor algum historico, e só servem de alimento ao mal entendido orgulho nacional.

O reinado de Numa, que succedeu a Romulo, marca o primeiro periodo da civilisação romana. Começou então este povo dado á pilhagem, e ao manejo das armas, a sair do estado de ferocia e de barbarie, a que o tinham levado continuas guerras com os povos visinhos; e por meio de instituições religiosas e civis a conservar em paz o imperio usurpado á força. Numa, fingindo-se inspirado da ninfa Egeria, conseguiu dominar o espirito d'esta nação inculta, e assim pôde introduzir muitas e uteis reformas, entre as quaes não foi de pequena importancia a do anno romano, que, admittindo uma intercalação arbitraria, estava sujeito a variedades sempre incommodas.

'Nesta nova reforma do calendario, Numa accrescentou os dois mezes de Janeiro e Fevereiro aos dez, que já tinha o anno romano, e tomou por base da disposição d'elle, assim como os gregos, os movimentos da lua em roda da terra; porem por effeito do acaso, ou d'uma superstição commum a muitos povos da antiguidade, que tomavam por máo agoiro o numero par, em vez de dar ao anno 354 dias, tempo mais aproximado a doze revoluções d'este astro, ordenou que elle tivesse 355 para acabar em numero impar; e que começando em Janeiro viesse a terminar em Fevereiro. Alem d'isto tirou um dia aos seis me-

mano já no seu principio fôra de doze mezes; porem merecem maior credito Junio Gracchano, Fulvio, Varrão, Suetonio, e outros, que sómente lhe deram dez mezes, como tinham os albaeos, d'onde vieram os romanos. Estes dez mezes continham 304 dias.» Cap. 20. De die, Natali.

zes d'Abril, Junho, Sextilis, Setembro, Novembro, e Dezembro, e ajuntando estes 6 dias aos 51 que accrescentára ao anno de Romulo, dividiu os 57 dias pelos dois mezes de Janeiro e Fevereiro (1), dando áquelle 29 dias, e a este 28, que por ser destinado para expiações, e sacrificios pelos mortos ficou com o numero par, embora fosse de mau agoiro (2).

Os 355 dias do anno, segundo esta nova organização, excediam quasi dezeseis horas a doze revoluções da lua, e para estarem em harmonia com o giro do sol faltavam-lhes 10 dias e seis horas, que por calculos mais exactos se conheceu depois, que não passavam de 5, e perto de quarenta e nove minutos. Numa, querendo dar ao anno a forma luni-solar, accrescentou em cada biennio um mez, que foi chamado Mercedonio (3), de 22, e 23 dias alternadamente, o qual seria intercalado a 24 de Fevereiro, ou segundo o computo romano no dia sexto antes das calendas de Março, depois das festas do deus Termino, seguindo-se no fim d'aquella intercalação os dias, que restavam para completar a duração do mez (4).

Eis aqui a primeira reforma do calendario feita no reinado de Numa, que, atravessando as vicissitudes politicas do povo romano, durou até a época de Julio Cesar, sem outra alteração mais que a mudança do mez de Fevereiro, que, sendo o ultimo do anno, passou a ser immediato ao de Janeiro. Ovidio deixa em duvida, se esta innovação teve logar de mandado dos de-

(1) *At Numa nec Janum, nec avitas preterit umbras;  
Mensibus antiquis opposuitque duos.*

OID. FAST. Lib. 1. v. 43 e 3. 151 v.

(2) *Propter pares Februarius, quasi ominosus, Diis inferis deputatur.* Solin. Polyhist. Cap. 1. n. 40 e Cicero de Legib. 2. Cap. 21.

(3) O nome Mercedonio era uma derivação da deusa Mercedonia, que presidia aos contractos, e pagamentos das mercadorias.

(4) *Macrob. Saturn. Lib. 1. cap. 13.*

cemviros (1); porém Ausonio pretende, que a mesma fôra feita em tempo de Numa (2).

Foi Numa o autor d'esta reforma, ou teve elle outro, que regulasse d'esta sorte o anno? é o que em tão remota antiguidade não é facil decidir. Macrobio diz: «que elle obrara por suas proprias luzes, ou pelo que os gregos já praticavam (3).» Porena o tão famoso, quanto infeliz Bailly, bem longe de dar 'nesta parte a preferencia á Grecia, não hesita em afirmar, que a antiga Italia estava muito mais adiantada em methodos astronomicos (4). O que porem não admite duvida, é que Pythagoras, como suppõe Ovidio no verso 153, do livro 3 dos *Fastos*, e alguns autores latinos, não podia concorrer de modo algum para esta reforma, tendo o mesmo chegado á Italia depois da Olympiada 50, quando Numa já governava em Roma na 5.<sup>a</sup> Olympiada (5).

Qualquer que fosse o autor d'esta reforma, é incontrastavel, que a mesma deixa ver não pequeno progresso na sciencia

(1) Postmodo creduntur spatio distantia longo  
Tempora bis quini continuasse Viri.  
FAST. Lib. 2. v. 53. — Petav. De vet. ann. rom. cap. 73.

(2) Unus erit tantum duodetriginta dierum,  
Quam Numa praeposito voluit succedere Jano.  
ECLOG. 10. 7.

Muncker. De intercalatione variarum gentium. Lugd. Batav. 1680.

(3) Solo ingenio magistro comprehendere potuit, vel quia Graecorum observatione forsitan instructus est. Saturn. Lib. 1. cap. 13.

(4) *Hist. de l'astronomie ancienne* 7—9.

(5) Livii Histor. Lib. cap. 18. «Auctorem doctrinae ejus, quia non extat alius, falso Samium Pythagoram edunt quem Servio Tullio regnante, centum amplius post annos. . . in ultima Italiae ora, circa Metapontum. . . juvenum aemulantium studia coetus habuisse constat. — Dionys. Halicar. Lib. 2. cap. 59. — Bayle-Diction. Hist. art. *Pythagoras*, not. B.

dos astros, e que, apesar d'algumas imperfeições, poderia continuar, quando não houvesse causa de a modificar. Porém pertencendo ao collegio dos pontifices annunciar as solemnidades do culto religioso em dias determinados, foram elles os encarregados de regular o anno, segundo este novo plano, e de observar a intercalação ordinaria. D'aqui seguiu-se a confusão, em que teve parte a ignorancia, e mais que tudo a politica, e a superstição, dando-lhes tambem a faculdade de intercalar os dias do anno afim de evitar-se, que o principio d'elle coincidisse em dia de Nonas, ou que estas concorressem em algum dos chamados *nundinaes*, que eram destinados ao mercado publico.

Os romanos, diz Macrobio (1), solemnizavam o dia das nonas em memoria de Servio Tullio, que nascêra em um d'aquelles dias; e não sabendo o mez, determinaram festejar todas as nonas do anno. Esta solemnidade, continuando ainda depois de estabelecida a republica, deu motivo a evitar-se que tivesse logar em dias de maior concurso do povo para que não houvesse alguma manifestação em favor da realza. D'esta sorte adquiriram os pontifices um poder, que para logo degenerou em abuso, incurtando, ou augmentando a duração do anno conforme aos interesses, e não poucas vezes á vingança (2). E assim foi tal a confusão, que os mezes não correspondiam ás estações (3).

Coube a Julio Cesar a gloria de pôr termo a esta desordem. Constituido pela terceira vez dictador e consul, reunindo tambem a dignidade de chefe do collegio dos pontifices, foi elle o que reformou o antigo calendario. Plutarco, escrevendo a vida d'este homem grande, diz: que elle confiara aos philosophos, e ma-

(1) Lib. 1. Saturn. cap. 13.

(2) Sed horum (*Pontificum*) plerique ob odium, vel gratiam. . . plus minusve extitillindo intercalando, rem sibi ad corrigendum mandatam, ultro depravarunt. Censorinus De die Natali. Cap. 20.

(3) Cicero ad Atticum, Lib. 10. Ep. 17.

thematicos mais insignes um trabalho tão importante (1). Porem Plinio designa principalmente Sosigenes, que Cesar conhecera na campanha do Egypto, e que passava então pelo maior astrónomo de Alexandria (2).

Este reconheceu logo quanto era difficil dar uma forma regular e permanente ao anno, tendo elle por base as revoluções da lua; e por isso supprimindo as intercalações, regulou a duração do anno romano pelo giro do sol, que é de 365 dias e seis horas, como se conhecia desde o tempo de Hipparcas. Segundo este plano foram acrescentados dez dias aos 355 do calendario de Numa; e como ainda restassem seis horas, que formavam um dia todos os quatro annos, estabeleceu, que o mesmo se intercalasse depois de vinte e quatro de Fevereiro, ou sexto antes das calendas de Março, conforme ao computo dos romanos, d'onde vem chamar-se bissexto o quarto anno, que contem 366 dias.

Para completar esta organização faltava somente collocar os 10 dias, que se augmentaram ao anno de Numa; os quaes foram divididos pelos mezes, que no antigo calendario não passavam de 29 dias, dando a Janeiro, Agosto e Dezembro 2 dias; e a Abril, Junho, Setembro, e Novembro 1; e assim ficaram todos com o numero igual ao que ainda hoje conservam. Porem estes dias supplementares só tiveram logar no fim dos mezes, que guardaram a mesma ordem das Nonas, e dos Idos para não mudar as solemnidades conhecidas do povo (3).

Tal foi o resultado dos trabalhos de Sosigenes concluidos no

(1) Plutarc. Vies des hommes illustres, traduites par mr. Dacier. Vie de Cesar. tom. 9. edit. de Paris. 1811.

(2) Plin. Natural. Histor, Lib. 18. cap. 57.

(3) Eosque dies extremis partibus mensium apposuit, ne scilicet religiones sui cujusque mensis a loco summoverentur. Censor. De die natal. cap. 20. — Macrob. Saturn. Lib. 1. cap. 14.

anno 707 da fundação de Roma; em que era tal a irregularidade do calendario, que querendo Cesar, que em Janeiro seguinte começasse a vigorar a nova reforma, foi necessario intercalar além dos 23 dias do mez Mercedonio, dois mezes mais entre Novembro, e Dezembro, um d'elles de 33, outro de 34 dias; e assim o ultimo anno, que foi chamado da *confusão*, teve quinze mezes, e 445 dias. O dictador mandou observar esta nova reforma em todo o imperio; e Flavio escriba redigiu o novo calendario das festas dos romanos conforme ao antigo uso.

Eisaqui o famoso anno *Juliano*, que, contando mais de dezenove seculos, levantou á memoria de Cesar um monumento, que a par dos seus escriptos, o tempo não tem podido destruir. O imperio desapareceu; os seus magestosos edificios estão em ruinas; mas o anno Juliano, apesar de algumas leves imperfeições, inseparaveis das obras do homem, e que foram corrigidas pelo papa Gregorio XIII subsiste ainda, e é a norma seguida nos paizes catholicos.

Esta reforma embora reclamada pelas luzes do século, como pela mais imperiosa necessidade, não deixou por isso de encontrar detractores, entre os quaes Cicero (1). Tal é a sorte de todos os que pretendem acabar com abusos envelhecidos, e quasi sanccionados pelo tempo! Mas Cesar nada perdeu da sua gloria; por que dois annos depois os romanos deram ao mez *Quintilis*, em que elle nascera o nome Julio (2); e a posteridade tanto

(1) «Os invejosos, e os que não podiam tolerar o seu grande poder, lançaram á zombaria esta reforma tão util; por que Cicero, se não me engano, ouvindo a um dizer: amanhã nascerá a constellação da Lira, não pôde conter-se que não respondesse: sim, á ordem do dictador.» Plutarc. Vida de Cesar.

(2) Nam, qui quintilis fait, julius cognominatus est, Caio Caesare v, et M. Antonio Consulibus, anno Juliano secundo. Censorin. De die natali. cap. 22.

mais justa, quanto mais desapaixorada, preferindo o anno Juliano a quaesquer outros methodos de computar o tempo, lhe tem feito completa reparação, podendo agora gloriar-se melhor de não haver deixado no estrepito das armas o estudo dos astros, e de roubar a palma aos fastos d'Eudoxo.

..... media inter proelia semper  
 Stellarum, coelique plagis, Superisque vacavi,  
 Nec meus Eudoxi vincetur fastibus annus.

LUCAN. PHARSAL. LIB. 10. v. 185.

Taes foram as alternativas, por que passou o anno dos romanos até á sua ultima organisação. Ovidio as descreveu em lindos versos no terceiro livro dos *Fastos* desde 75 até 166; e quasi toda a Europa conserva ainda os nomes dos mezes com a mesma ordem, e numero de dias.

Agora para que melhor se possam conhecer á primeira vista estas alternativas, ajuntamos a seguinte tabella:

ANNO DE ROMULO DE 10 MEZES E 304 DIAS	ANNO DE NUMA DE 12 MEZES E 355 DIAS	ANNO DE JULIO CESAR DE 12 MEZES E 365 DIAS
	Janeiro . . . . . 29	Janeiro . . . . . 31
	Fevereiro . . . . . 28	Fevereiro . . . . . 28
Martius . . . . . 31	Março . . . . . 31	Março . . . . . 31
Aprilis . . . . . 30	Abril . . . . . 29	Abril . . . . . 30
Maius . . . . . 31	Maio . . . . . 31	Maio . . . . . 31
Junius . . . . . 30	Junho . . . . . 29	Junho . . . . . 30
Quintilis . . . . . 31	Julho ( <i>Quintilis</i> ). 31	Julho ( <i>Quintilis</i> ). 31
Sextilis . . . . . 30	Agosto ( <i>Sextilis</i> ). 29	Agosto ( <i>Sextilis</i> ). 31
September . . . . . 30	Setembro . . . . . 29	Setembro . . . . . 30
October . . . . . 31	Outubro . . . . . 31	Outubro . . . . . 31
November . . . . . 30	Novembro . . . . . 29	Novembro . . . . . 30
December . . . . . 30	Dezembro . . . . . 29	Dezembro . . . . . 31



Passamos a dar em seguida o calendario romano segundo a ultima reforma de Julio Cesar, por ser a que serviu de base aos *Fastos de Ovidio*. Infelizmente só restam d'este importante trabalho seis livros correspondentes aos seis primeiros mezes do anno; nem podemos affirmar, se o tempo que consumiu algumas das suas famosas composições poeticas, nos roubou tambem a continuação d'esta; ou se a amargura do mais barbaro exterminio, e a saudade da patria, não lhe consentiram levar ao desejado fim a sua obra. Para supprir esta falta muito nos serviu o antigo calendario, assim como os excellentes trabalhos de Thomaz Dempster, Goltzio, e Pedro Gassendi, que foram alem de outros, os que melhor trataram esta materia.

Não é porem de igual valor o calendario, que em muitas edições do poeta se encontra á frente dos *Fastos*. Este foi dado ao prelo a primeira vez (1) em 1513 com o titulo: — *Fastorum libri sex diligentissime recogniti. Addito calendario romano venerandae vetustalis, nunquam ante impresso. Viannae Pannoniae per Hieron. Victorem, et Io. Singrenium.* — Porem o celebre Nicolau Heinsio, a quem Ovidio deve a mais apurada correcção do seu texto, reconhece ser o mesmo calendario obra d'um homem pouco versado em materias taes, cheia de muitos erros, e que não corresponde aos *Fastos Nazonianos*. Tal é tambem o parecer do famoso Grevio no prologo ao tomo 8. do *Thezouro das antiguidades romanas*, onde se podem ver as muitas variantes, que elle encontrára em um antigo manuscrito.

(1) Panzer. — *Annales typographici ab artis inventae origine ad annum m. d. tom. 9. pag. 18. Nuremberg. 1793 em 4.º*

CALENDARIO DE JULIO CESAR					
LETRAS NUMERAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	JANEIRO ( <i>JANUARIUS</i> ) DEBAIXO DA PROTECCÃO DE JUNO	FASTOS LIVRO I
A	F.	1	<i>Kalendis</i> Jan.	Sacrificios a Jano; a Juno; a Jupiter, e a Esculapio na ilha do Tibre.	172e289
B	F.	2	iv Nonas	Dia funesto ( <i>Dies ater</i> ).	
C	C.	3	iii »	Occaso do Cancer.	311
D	C.	4	Pridie Nonas		
E	F.	5	Nonis Jan.	Nasce a Lira. Occaso da Aguia á noite.	316
F	F.	6	viii Idus		
G	C.	7	vii »		
H	C.	8	vi »	Sacrificio em honra de Jano. ( <i>Antigo calendario</i> ).	
A		9	v »	Os Agonaes ( <i>Agonia</i> , ou <i>Agonalia</i> ). Nasce o Delfim.	317
B	E. N.	10	iv »	Meiado do inverno.	459
C	N. P.	11	iii »	Os Carmentaes ( <i>Carmentalia</i> ). Sacrificios e festas a Carmenta. Dedicção do templo de Juturna no campo de Marte.	461-463
D	C.	12	Pridie Idus	Os Compitaes ( <i>Compitalia</i> ). Dia dedicado aos Lares.	
E	N. P.	13	<i>Idibus</i> Jan.	Sacrificio a Jupiter. Octavio foi chamado Augusto. Entrega das provincias.	587
F	E. N.	14	xix Kal Febr.	Dia vicioso por deliberação do Senado ( <i>Antigo calendario</i> ).	
G		15	xviii »	A Carmenta, Porrima e Postverta.	617-636
H	C.	16	xvii »	Dedicção do templo da Concordia.	639
A	C.	17	xvi »	O sol no signo d'Aquario.	651
B	C.	18	xv »		
C	C.	19	xiv »		
D	C.	20	xiii »		
E	C.	21	xii »		
F	C.	22	xi »		
G	C.	23	x »	Occaso da Lira.	658
H	C.	24	ix »	As Festas das Sementeiras. ( <i>Sementinas</i> ).	657
A	C.	25	viii »	Occaso da estrella no peito de Leo.	
B	C.	26	vii »	Paganaes ( <i>Paganalia</i> ) Festas nas aldeas.	669
C	C.	27	iv »	Festa da dedicção do templo de Castor e Pollux.	705
D	C.	28	v »		
E	F.	29	vi »	Equirios ( <i>Equiria</i> ) no campo de Marte. ( <i>Antigo calendario</i> ).	
F	F.	30	iii »	Festa em honra da paz.	709
G	F.	31	Pridie Kal. Febr.	Aos deuses Penates patrios e urbanos ( <i>Antigo calendario</i> ).	

LETRAS MENDIANS	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	ABRIL ( <i>APRILIS</i> ) DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE VENUS	FASTOS LIVRO IV
C	N.	1	<i>Kalendis Aprilis</i>	A Venus com flores e murta. A fortuna viril.	133e145
D	C.	2	iv Nonas	Occaso das Pleiades.	
E	C.	3	iii "		
F	C.	4	<i>Pridie Nonas</i>	Jogos Megalesios á mãe dos deuses por oito dias.	181
G		5	<i>Nonis Aprilis</i>		
H	N. P.	6	viii Idus	A fortuna publica primigenia no Quirinal.	373
A	N.	7	vii "	Nascimento d'Apollo, e de Diana.	
B	N.	8	vi "	Jogos pela victoria de Cosar. Occaso de Libra. Esconde-se o Orion.	377e386
C	N.	9	v "	Jogos a Ceres ( <i>Cerealiae</i> ).	389
D	N.	10	iv "	Jogos Circenses. ( <i>Antigo Calendario</i> ).	
E	N.	11	iii "		
F	N.	12	<i>Pridie Idus</i>	A mãe dos deuses conduzida a Roma. Jogos em honra de Ceres no circo por oito dias.	
G	N. P.	13	<i>Idibus Aprilis</i>	A Jupiter vencedor, e templo da liberdade	621e624
H	N.	14	xviii Kal. Maii	Augusto vence Antonio junto a Modena.	625
A	N. P.	15	xvii "	Os Fordicidas ( <i>Fordicidia</i> ).	629
B	N.	16	xvi "	Augusto é acclamado imperador. Occaso das Hyadas.	673e677
C	N.	17	xv "		
D	N.	18	xiv "	Os Equirios no grande circo. Queima das raposas.	680
E	N.	19	xiii "	O sol no signo de Tauro. Os Cereaes ( <i>Cerealia</i> ).	713
F	N.	20	xii "		
G	N. P.	21	xi "	Os Palilios, ou Parilios ( <i>Palilia</i> ou <i>Parilia</i> ). Fundação de Roma.	721
H	N.	22	x "		
A	N. P.	23	ix "	Os primeiros Vinalios a Jupiter, e a Venus.	863
B	C.	24	viii "		
C	N. P.	25	vii "	Os Robigaes ( <i>Robigalia</i> ). Meio da primavera. Occaso do Aries.	901
D	F.	26	vi "	Nasce o cão.	
E	C.	27	v "	Ferias latinas no monte sagrado.	
F	N. P.	28	iv "	As Floraes ( <i>Floralia</i> ). Jogos por seis dias.	945
G	C.	29	iii "		
H	C.	30	<i>Pridie Kal. Maii</i>	A Vesta no monte Palatino. Os Larentaes ( <i>Larentalia</i> ).	949

LETRAS NUMERAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS & C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	MAIO (MAIUS)	
				DEBAIXO DA PROTECCÃO DE APOLLO	FASTOS LIVRO V
A	N.	1	Kalendis Maii.	Aos Lares Prestites. À deusa Bona. Nasce a cabrinha.	111a149
B	F.	2	vi Nonas.	Os Compitaos ( <i>Compitalia</i> ). Sacrificios, e festa em honra dos Lares nas encrusilhadas. Nascem as Hyadas.	163
C	C.	3	v »	Nasce o Centauro. Acabam os jogos Floraes.	183
D	C.	4	iv »		
E	C.	5	iii »	Nasce a Lira.	415
F	C.	6	Pridie Nonas.	Esconde-se metade do Escorpio.	417
G	N.	7	Nonis Maii.	Nascem as Virgílias de manhã.	
H	F.	8	viii Idus.		
A	N.	9	vii »	Os Lemurios ( <i>Lemuria</i> ) por tres noites.	490
B	C.	10	vi »		
C	N.	11	v »	Occaso do Orion. Dias infelizes para as nupcias.	
D	N. P.	12	iv »	Jogos a Marte vingador no circo.	597
E	N.	13	iii »	Nascem as Pleiadas. Começa o Estio.	600
F	C.	14	Pridie Idus.	Nasce o Tauro.	603
G	N. P.	15	Idibus Maii.	Os Argeos ( <i>Argei</i> ). Festa dos mercadores. Nascimento de Mercurio.	621
H	F.	16	xvii Kal. Jun.		
A	C.	17	xvi »		
B	C.	18	xv »		
C	C.	19	xiv »	O sol no signo de Gemini.	695
D	C.	20	xiii »		
E	N. P.	21	xii »	Os Agonaes ( <i>Agonalia</i> ) a Jano.	721
F	N.	22	xi »	A Vejove. Nasce o canis.	723
G	N. P.	23	x »	Os Tubilustros ( <i>Tubilustra</i> ). Ferias de Vulcano.	725
H	Q. REX C. F.	24	ix »	O segundo Regifugio ( <i>Regifugium</i> ).	727
A	C.	25	viii »	Consagração do templo da Fortuna Publica. Aparece a Agua.	729
B	C.	26	vii »	Occaso do Arcturo.	733
C	C.	27	vi »	Nascem os Hyadas.	
D	C.	28	v »		
E	C.	29	iv »		
F	C.	30	iii »		
G	C.	31	Pridie Kal. Jun.		

LETRAS MUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS & C.	DIAS DO MES	CALENDAS, NONAS E IDOS	JUNHO (JUNIUS) DEBRAIXO DA PROTECCÃO DE MERCURIO	FASTOS LIVRO IV
H	N.	1	<i>Kalendis Jun.</i>	A Carna, a Moneta, a Marte, á Tempestade. Nasce a Aguia.	101e195
A	F.	2	iv Nonas.	Nascem as Hyades. Tempo chuvoso.	197
B	C.	3	iii »	A Bellona.	201
C	C.	4	Pridie Nonas.	A Hercules no circo.	209
D		5	<i>Nonis Jun.</i>	A Jupiter Trinomio, ou deus Fidio, sancto, sempater. É mao casar antes dos Idos.	213e234
E	N.	6	viii Idus.	Jogos Piscatorios.	235
F	N.	7	vii »	Ao entendimento no capitolio.	241
G	N.	8	vi »	As Vestaes ( <i>Vestalia</i> ). Altar de Jupiter Pistor. Os burros corcados de flores. No Crasse foi vencido e morto pelos Parthos.	249a468
H	N.	9	v »	Nasce o Delfim á noite.	470
A	N.	10	iv »	As Matralias ( <i>Matralia</i> ) Festas a Matuta.	475a637
B	N.	11	iii »	Á Fortuna. Á Concordia.	
C	N.	12	Pridie Idus.	Dedicacão do templo de Jupiter Invencivel: Os Quinquatros menores. Começa o calor.	650
D	N. P.	13	<i>Idibus Jun.</i>		
E	N.	14	xviii Kal. Jul.		
F	Q. St. D. F.	15	xvii »	Tirar a immundicia do temple de Vesta. Nascem as Hyadas.	711
G	C.	16	xvi »	Nasce o Orion. Sopra o Zefiro.	715
H	C.	17	xv »	Apparição total do Delfim.	720
A	C.	18	xiv »		
B	C.	19	xiii »	A Minerva no Aventino. O sol no signo de Cancer.	725
C	C.	20	xii »	A Summano no circo maximo. Nasce o Serpentario.	729
D	C.	21	xi »		
E	C.	22	x »		
F	C.	23	ix »	Dia funesto ( <i>dies ater</i> ). Flaminio é vencido pelos cartagineses.	763
G	C.	24	viii »	Victoria de Masiniassa; e morte d'Asdrubal. A Fors Fortuna. Banquetes em barcas ornadas sobre o Tibre. Solsticio do ostio.	769
H	C.	25	vii »		
A	C.	26	vi »	Nasce o cinto do Orion.	785
B	C.	27	v »	Aos Lares, e a Jupiter Stator.	791
C	C.	28	iv »	A Quirino no monte Quirinal.	795
D	F.	29	iii »		
E	C.	30	Pridie Kal. Jul.	A Hercules, e ás Musas. Fugida do povo.	797

LETRAS MUNDINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	JULHO ( <i>JULIUS</i> ou <i>QUINTILIS</i> ) DEBAIXO DA PROTECCÃO DE JUPITER
F	N.	1	<i>Kalendis Julii.</i>	Mudança de casas, e primeiro dia d'aluguer.
G	N.	2	vi Nonas.	
H	N.	3	v »	
A	N. P.	4	iv »	Occaso da Coroa de manhã. Nascem as Hyadas.
R	N.	5	iii »	A fugida do povo ( <i>Populi-fugium</i> ). Jogos em honra d'Apollo por oito dias. Incendio do Capitolio em tempo de Sylla.
C	N.	6	Pridie Nonas.	À Fortuna das mulheres.
D	N.	7	<i>Nonis Jul.</i>	As Nonas Caprotinas. Festa das creadas, e desappareição de Romulo.
E	N.	8	viii Idus.	Esconde-se o meio do Capricornio. Sacrificios á deusa Vitula.
F	N.	9	vii »	Apparece á noite o Cepheo. Denota tempestade.
G	C.	10	vi »	Começam a soprar os ventos Ethesios.
H	C.	11	v »	
A	N. P.	12	iv »	Nascimento de Julio Cesar.
B	C.	13	iii »	Jogos Circenses.
C	C.	14	Pridie Idus.	O Mercato ( <i>Merkatus</i> ), ou os Mercuriaes por cinco dias. À Fortuna das mulheres.
D	N. P.	15	<i>Idibus Jul.</i>	A Castor e Pollux. Os cavalleiros sahem montados do templo da Honra para o Capitolio.
E	F.	16	xvii Kal. Aug.	
F	C.	17	xvi »	Dia funesto da batalha d'Allia.
G	C.	18	xv »	
H	N. P.	19	xiv »	Os Lucarios ( <i>Lucaria</i> ). Jogos por quatro dias.
A	C.	20	xiii »	Jogos pela victoria de Cesar. O sol no signo de Leo.
B		21	xii »	Os Lucarios ( <i>Lucaria</i> ).
C	C.	22	xi »	
D		23	x »	Jogos a Neptuno ( <i>Neptunalia</i> ).
E	N.	24	ix »	
F	N. P.	25	viii »	Os Furrinaes ( <i>Furrinalia</i> ) á deusa Furina Jogos por seis dias.
G	C.	26	vii »	Apparece a Canicula.
H	C.	27	vi »	Jogos Circenses.
A	C.	28	v »	
B	C.	29	iv »	
C	C.	30	iii »	Occaso da Agua. Denota tempestade.
D	C.	31	Pridie Kal. Aug.	

LETRAS NUNDINAS	DIAS FASTOS, NEFASTOS & C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	AGOSTO ( <i>AUGUSTUS</i> ou <i>SEXTITIS</i> )  DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE CESARES
E	N.	1	<i>Kalendis</i> Aug.	Dedicação do templo de Marte. Jogos e combates equestres. A Esperança na praça Olitoria.
F	C.	2	iv Nonas.	Ferias por ser o dia, em que Cesar subjugou a Hespanha citerior.
G	C.	3	iii "	
H	C.	4	Pridie Nonas.	Apparece o meio de Leo.
A	F.	5	Nonas Aug.	A deusa Saude no monte Quirinal.
B	F.	6	viii Idus.	Occaso do meio do Arcturo.
C	C.	7	vii "	Esconde-se o meio do Aquario.
D	C.	8	vi "	Ao Sol Indigete no monte Quirinal.
E	N. P.	9	v "	
F	C.	10	iv "	A Opis, e a Ceres.
G	C.	11	iii "	Occaso da Lira. Principio do Outono.
H	C.	12	Pridie Idus.	A Hercules no Circo Flaminio.
A	N. P.	13	Idibus Aug.	A Diana no bosque Aricino. Festa dos escravos, e das creadas. A Vertumno.
B	F.	14	xix Kal. Sept.	Occaso do Delfim de manhã.
C	C.	15	xviii "	
D	C.	16	xvii "	
E	N. P.	17	xvi "	As Portumnaes ( <i>Portumnalia</i> ). Ferias pela construcção do templo de Portumno.
F	C.	18	xv "	Os Consuaes ( <i>Consualia</i> ). Rapto das Sabinas.
G	F. P.	19	xiv "	Os segundos Vinaes ( <i>Vinalia</i> ). Morte de Augusto.
H	C.	20	xiii "	Esconde-se a Lira. O sol no signo Virgo.
A	N. P.	21	xii "	Os Vinaes Rusticos.
B	En.	22	xi "	Nasce de manhã o Vindimador.
C	N. P.	23	x "	Os Vulcanaes ( <i>Vulcanalia</i> ) no circo Flaminio.
D	C.	24	ix "	As Ferias da Lua.
E	N. P.	25	viii "	Os Opiconsivos ( <i>Opiconsivia</i> ) no Capitolio.
F	C.	26	vii "	
G	N. P.	27	vi "	Os Volturnaes ( <i>Volturnalia</i> ).
H	N. P.	28	v "	Dedicação do altar da Victoria na Curia. Acabam os ventos Ethesios.
A	F.	29	iv "	
B	F.	30	iii "	O mundo patente.
C	C.	31	Pridie Kal. Sept.	Nasce Andromeda á noite. Nascimento de Cesar Germanico.

LETRAS MUNDINAS	DIAS FASTOS, NEFASTOS &C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	SETEMBRO ( <i>SEPTEMBER</i> )  DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE VULCANO
D	N.	1	<i>Kalendis</i> Sept.	Ferias de Neptuno.
E	N.	2	IV Nonas.	A Victoria naval, que alcançou Augusto de Marco Antonio, e Cleopatra.
F	N. P.	3	III "	Os dionisiacos, ou as vindimas.
G	C.	4	<i>Pridie</i> Nonas.	Jogos romanos por oito dias.
H	F.	5	<i>Nonis</i> Sept.	
A	F.	6	VIII Idus.	
B	C.	7	VII "	
C	C.	8	VI "	Tomada de Jerusalem por Tito.
D	C.	9	V "	
E	C.	10	IV "	Apparece a cabeça de Medusa.
F	C.	11	III "	
G	N.	12	<i>Pridie</i> Idus.	Apparece o meio do Arcturo.
H	N. P.	13	<i>Idibus</i> Sept.	Dedicação do Capitolio a Jupiter. O Pretor mette um prégo no lado direito do templo.
A	F.	14	XVIII Kal. Oct.	Dia d'experimentar os cavallos. ( <i>Antigo calend.</i> )
B	C.	15		Os grandes jogos circenses por cinco dias.
C	C.	16	XVII "	
D	C.	17	XVI "	
E	C.	18	XV "	
F	C.	19	XIV "	O sol no signo de Libra.
G	C.	20	XIII "	Nascimento de Romulo. O Merkatus, ou Mercuriaes por quatro dias.
H	C.	21	XII "	
A	C.	22	XI "	Occaso do Argo, e do Pisces. O primeiro consulado d'Augusto.
B	N. P.	23	X "	Nascimento d'Augusto. Jogos no Circo. Apparece o Centauro.
C	C.	24	IX "	Equinoxio do Outono.
D	C.	25	VIII "	A Venus, a Saturno, e a Mania.
E	C.	26	VII "	
F	C.	27	VI "	Ferias á Venus mãe na Praça de Cesar. Ao feliz regresso.
G	C.	28	V "	Apparece a Virgo.
H	F.	29	III "	O Banquete de Minerva. ( <i>Antigo calend.</i> )
A	C.	30	<i>Pridie</i> Kal. Octob.	



LETRAS MUNDINAS	DIAS FASTOS, NEFASTOS &C.	DIAS DO MEE	CALENDAS, NONAS E IDOS	OUTUBRO ( <i>OCTOBER</i> ) DEBAIXO DA PROTECÇÃO DE MARTE
B	N.	1	<i>Kalendis Octob.</i>	
C	F.	2	<i>vi Nonas</i>	
D	C.	3	<i>v "</i>	
E	C.	4	<i>iv "</i>	Occaso do Bootes de manhã.
F	C.	5	<i>iii "</i>	O mundo patente.
G	C.	6	<i>Pridie Nonas.</i>	
H	F.	7	<i>Nonis Oct.</i>	
A	F.	8	<i>viii Idus.</i>	Apparece a estrella brilhante da corôa.
B	C.	9	<i>vii "</i>	
C	C.	10	<i>vi "</i>	Nascem as Virgílias á tarde.
D		11	<i>v "</i>	Os <i>Meditrinaes (Meditrinalia)</i> .
E	N. P.	12	<i>iv "</i>	Os <i>Augustaes (Augustalia)</i> . Volta d'Augusto para Roma. Á Fortuna.
F	N. P.	13	<i>iii "</i>	As <i>Fontinaes (Fontinalia)</i> . Apparição total da corôa de manhã.
G	EN.	14	<i>Pridie Idus.</i>	
H	N. P.	15	<i>Idibus Oct.</i>	O cavallo immolado a Marte. Nascimento de Virgilio.
A	F.	16	<i>xvii Kal. Nov.</i>	
B	C.	17	<i>xvi "</i>	
C	C.	18	<i>xv "</i>	
D	N. P.	19	<i>xiv "</i>	O <i>Armilustro (Armilustrum)</i> .
E	C.	20	<i>xiii "</i>	O sol no signo de Escorpio. Começa o occaso das Virgílias.
F	C.	21	<i>xii "</i>	Jogos por quatro dias.
G	C.	22	<i>xi "</i>	
H	C.	23	<i>x "</i>	Occaso do Tauro.
A	C.	24	<i>ix "</i>	
B	C.	25	<i>viii "</i>	
C	C.	26	<i>vii "</i>	Jogos á victoria por cinco dias.
D	C.	27	<i>vi "</i>	
E	C.	28	<i>v "</i>	Occaso das Virgílias. Chuva com frio.
F	C.	29	<i>iv "</i>	
G	C.	30	<i>iii "</i>	As Férias de Vertuno.
H	C.	31	<i>Pridie Kal. Nov.</i>	Occaso do Arcturo.

LETRAS NUMINAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS &c.	DIAS DO MEE	CALENDAS, NONAS E IDOS	NOVEMBRO (NOVEMBER)  DEBAIXO DA PROTECCÃO DE DIANA
A	N.	1	<i>Kalendis</i> Nov.	
B	F.	2	iv Nonas.	Occaso do Arcturo á noite.
C	F.	3	iii "	
D	F.	4	<i>Pridie</i> Nonas	
E	F.	5	<i>Nonis</i> Nov.	
F	F.	6	viii Idus.	Jogos por sete dias. ( <i>Antigo calend.</i> )
G	C.	7	vii "	O mundo patente.
H	C.	8	vi "	
A	C.	9	v "	
B	C.	10	iv "	
C	C.	11	iii "	O mar fechado até 10 de Março. Occaso das Virgílias.
D	C.	12	<i>Pridie</i> Idus.	
E	N. P.	13	<i>Idibus</i> Nov.	O Lectisternio ( <i>Lectisternium</i> ). Banquete de preceito.
F	F.	14	xviii Kal. Dec.	Dia d'experimentar os cavallos.
G	C.	15	xvii "	Jogos plebeos no Circo por tres dias.
H	C.	16	xvi "	Fim da sementeira do trigo.
A	C.	17	xv "	
B	C.	18	xiv "	O Merkato, ou Mercuriaes por tres dias. O sol no signo do Sagittario.
C	C.	19	xiii "	
D	C.	20	xii "	Escondem-se as pontas do Tauro.
E	C.	21	xi "	Occaso da Lepre de manhã.
F	C.	22	x "	
G	C.	23	ix "	
H	C.	24	viii "	Os Brumaes ( <i>Brumalia</i> ) por tres dias.
A	C.	25	vii "	Occaso da Canicula ao nascer do sol.
B	C.	26	vi "	
C	C.	27	v "	Sacrificios funebres pelos gregos e gauleses desenterrados no fóro Boario.
D	C.	28	iv "	
E	C.	29	iii "	
F	C.	30	<i>Pridie</i> Kal. Dec.	

LETRAS MUNDIAES	DIAS FASTOS, NEFASTOS & C.	DIAS DO MEZ	CALENDAS, NONAS E IDOS	DEZEMBRO (DECEMBER) DEBAIXO DA PROTECCÃO DE VESTA
G	N.	1	<i>Kalendis</i> Decemb.	À Fortuna das mulheres por acabar a guerra neste dia.
H		2	iv Nonas.	
A		3	iii "	
B		4	<i>Pridie</i> Nonas.	Senado legitimo.
C	F.	5	<i>Nonis</i> Decemb.	Festa de Fauno ( <i>Faunalia</i> ) nos bosques e prados.
D	C.	6	viii Idus.	Esconde-se o meio do Sagittario.
E	C.	7	vii "	Nasce a Agua de manhã.
F	C.	8	vi "	
G	C.	9	v "	A Juno Jugal.
H	C.	10	iv "	
A	N. P.	11	iii "	Os Agonaes ( <i>Agonalia</i> ).
B	En.	12	<i>Pridie</i> Idus.	
C	N. P.	13	<i>Idibus</i> Decemb.	Os Equirios, ou corridas de cavallos.
D	F.	14	xix Kal. Jan.	Os Brumaes ( <i>Brumalia</i> ).
E	N. P.	15	xviii "	Os Consuaes ( <i>Consualia</i> ). Nasce de manhã o Escorpio.
F	C.	16	xvii "	
G		17	xvi "	Os Saturnaes ( <i>Saturnalia</i> ) por tres dias.
H	C.	18	xv "	Nasce o Cisne. O sol no signo de Capricornio.
A	N. P.	19	xiv "	Os Opalios ( <i>Opalia</i> ).
B	C.	20	xiii "	Os Sigillarios ( <i>Sigillaria</i> ). Férias por dois dias.
C	N. P.	21	xii "	As Divaes, ou Angeronaes ( <i>Divalia</i> vel <i>Angeronalia</i> ). A Hercules, e a Ceres.
D	C.	22	xi "	Férias dedicadas aos Lares; e jogos.
E	N. P.	23	x "	Os Larentaes ( <i>Larentinalia</i> ). Férias de Jupiter.
F	C.	24	ix "	Os jogos Juvenaes ( <i>Juvenales</i> ).
G	C.	25	viii "	O solsticio do Inverno.
H	C.	26	vii "	
A	C.	27	vi "	Nasce de manhã o Delfim.
B	C.	28	v "	
C	F.	29	iv "	Occaso da Agua á noite.
D	F.	30	iii "	Occaso da Canicula á noite.
E	C.	31	<i>Pridie</i> Kal. Jan.	

'Neste mez havia tambem a festa dos sete montes (*Septimontium*), cujo dia se não sabe.

O calendario não é somente uma divisão do anno. Para corresponder ao interesse do homem deve elle indicar-lhe os dias com relação ao culto, e usos civis e politicos do povo. Nesta accepção tomavam commummente os romanos a palavra *Fastos*, que dão o nome ao poema de Ovidio, e que segundo Verrio, são a serie dos dias, de que se forma o anno; *Fasti sunt dies, quibus dierum totius anni continetur computatio*; porem este vocabulo comprehendia tambem os marmores, em que se gravavam pela ordem dos annos os nomes dos consules, e outros magistrados supremos da republica, d'onde veiu serem os mesmos denominados *Fastos Consulares* (1).

Por muito tempo foi o calendario uma das attribuições do collegio pontificio. Encarregado de regular o anno, declarando os dias *fastos*, ou *nefastos*, e de observar as instrucções sobre os sacrificios, ceremonias, e outros ritos proprios a cada uma das divindades admittidas no Lacio, que formavam o codigo religioso (*Indigitamenta*) escripto por Numa (2); tinha elle adquirido supremacia sacerdotal, de que os seus membros souberam aproveitar-se para formar uma casta privilegiada, que por muitos annos foi a depositaria do direito divino e humano. Cneio Flavio porem, que exercia o logar de escriba do pontifice Appio Ceco, foi o primeiro, que para vingar-se dos patricios divulgou a parte respectiva ao direito civil, collocando no fóro uma taboa branca

(1) *Idem consules, si appellandi sint consules, quos nemo est, qui non modo ex memoria, sed etiam ex Fastis evellendos putet. Orat pro Sextio cap. 14, e Ovidio liv. I. Fast. vers. 11.*

*Quaeque ferunt illi pictos signantia Fastos,  
Tu quoque cum Druso proemia fratre feres.*

(2) *Idem (Numa) nefastos dies fastosque fecit. Livio liv. 1, cap. 19, e no cap. 20 acrescenta: Pontificom. . . ex Patribus legit, eique sacra omnia exscripta exsignataque attribuit; quibus hostiis, quibus diebus, ad quae templa sacra fierent.*

na qual designava os dias, em que podiam ter cabimento negocios forenses (1). Desde então conservaram os pontifices a sua competencia no chamado direito divino, até que este mesmo se fez vulgar em grande parte com a introdução do calendario, principalmente depois da republica.

A propagação do christianismo, e os seus rapidos progressos, diminuíram se não annullaram, o valor dos calendarios, que indicavam as festas do polytheismo; e a invasão dos barbaros veio depois destruir estes monumentos de grande preço para melhor se conhecer a vida religiosa e civil do povo romano. Com tudo algumas excavações no solo de Roma tem deixado ver entre as ruinas muitos fragmentos, e mesmo um calendario em parte deteriorado, que bem mostram quanto elles eram vulgares na cidade, e tambem nos campos. Entre estes se distinguem particularmente o calendario urbano, gravado em um marmore pertencente á familia Maffei, que os criticos assentam ser do tempo de Augusto, e o rustico que se conservava no palacio Farnesi; aos quaes se pode acrescentar o calendario Valentino, que foi publicado por Grevio (2) com breves notas do famoso Lambecio.

Do exame d'estes antigos fastos calendares, que serviram de typo aos que depois se fizeram, resulta que os mesmos alem das festas religiosas e civis dos romanos, continham tambem a divisão dos mezes em tres periodos chamados calendas, nonas, e

(1) C. Flavius. . . civile jus repositum in penetralibus pontificum evulgavit, fastosque circa forum in albo proposuit, ut quando lege agi posset, sciretur. Livio, lib. 10, cap. 46, e Macrobio, Saturn. lib 1, cap. 15.

(2) Thesaur. antiquit. romanar. tom. 8, onde se podem ver, alem d'outros fragmentos, os calendarios, de que fallamos; e melhor ainda na obra de Foggini impressa em Roma em 1779 com o titulo:—Fastorum anni romani reliquiae— em a qual se encontram alguns mais, que depois de Grevio se descobriram até áquelle tempo.

idos, os dias fastos e nefastos, assim como comiciaes, em que tinham logar as assembléas populares, e as nundinaes, ou dias destinados ao commercio entre os moradores da cidade, e do campo. Qualquer d'estes objectos forma uma respectiva columna, como se vê no calendario, que para melhor intelligencia, procuraremos desenvolver succintamente quanto permittem os limites d'esta nota.

*Lettras Nundinaes.* Os romanos tiveram sempre dias destinados para o commercio interior, nos quaes os que habitavam no campo vinham á cidade permutar o fructo de seus trabalhos e industria. Em quanto a população não recebeu maior desenvolvimento, diz Varrão que o mercado só tinha logar uma vez no mez, e no mesmo dia das *nonas*; porem augmentando-se ella consideravelmente, foi necessario dar maior extensão ao commercio, estabelecendo que se fizesse feira todos os nove dias, d'onde vem a origem da palavra *nundinae*. Alguns pretendem que fosse Romulo, ou antes Servio Tullio, que as instituiram; mas preferimos a autoridade de Gemino, e do citado Varrão, o mais versado nas antiguidades romanas, que as reconhecem somente no tempo da republica, já depois da expulsão dos reis (1). Estes dias eram feriados para as classes superiores, e somente dados ao commercio; mas a lei Hortensia os declarou fastos para todo o povo, e d'esde então foram destinados para a promulgação das leis, que exigiam o *trinundino* (2), e escolhidos com especialidade pelos candidatos aos cargos da republica, que se apresentavam ao povo afim de alcançar votos aos comicios.

Para conhecer os dias das nundinaes serviam-se os romanos das oito primeiras lettras do alfabeto continuadas successivamente

(1) Varrão. De lingua latin. — Lib. 6, num. 28. Macrob. Saturni. lib. 1, cap. 16.

(2) Dionys. Halic. lib. 7, cap. 58. Cicero Famil. lib. 16, epist. 12.

como se vê na primeira columna do calendario, para que a immediata depois da oitava fosse a letra *nundinal*, que indicasse os dias de feira pelo curso do anno. Assim suppondo que A, primeira letra do calendario, fosse a *nundinal*, o 1.º, 9, 17, 25 de janeiro, e todos os mais até 27 de dezembro, em que esta se encontra, seriam dias de mercado. Da mesma sorte, tomando a letra E correspondente ao ultimo de dezembro, a qual é a quinta do alfabeto, e ajuntando-lhe as quatro primeiras de janeiro, segundo o calendario, que fazem nove, será D a *nundinal* do anno seguinte.

As letras iniciais F. N. C. da segunda columna designam os dias *fastos*, *nefastos*, e *comiciaes*. *Fastos*, que traz a sua origem de *fari* (fallar) eram aquelles, em que o pretor vinha ao tribunal, e podia a todas as horas, sem offensa de lei, ou rito religioso, exercer as funcções do seu cargo, symbolisadas em as palavras *Do-Dico-Addico*. *Nefastos*, vocabulo composto de *ne* e *fari* (não fallar) chamavam-se os dias, em que se não devia reunir o povo em comicios, nem era permittido ao pretor fazer acto algum do poder judicial. Estes dias nem sempre eram totalmente *fastos*, ou *nefastos*. Uns, que tinham sido *fastos* de manhã, deixavam de o ser á tarde; outros eram *nefastos* á tarde, e *fastos* de manhã. Os primeiros vem notados com as iniciais F. P. isto é *Fastus prima parte*: os segundos por N. P. que significam *Nefastus prima parte*. Algumas vezes o mesmo dia tinha horas, em que era *nefasto*; e outras assim antes, como depois, nas quaes o pretor podia exercitar as suas attribuições. Estes são os designados pelas letras E. N. que denotam ser dia *Endoterciso*, a que alguns autores chamavam tambem *Interciso*.

A estes pertencem igualmente os dias, em que no calendario se encontram as letras: Q. S. D. F. (*Quando stercus delatum, fas*), e Q. REX. C. F. (*Quando rex comitiavit, fas*), que mostram, que depois de tirada a immundicia do templo de Ves-

ta, assim como offerecido pelo rei sacrificador o sacrificio no comicio, o mais do dia era fasto. Varrão de ling. latina, liv. 6, num. 31 e 32 e festo.

Plutarco interpreta por differente modo as iniciaes Q. REX. C. F. lendo (*Quando rex comitio fugit*), e Ovidio deixa logar a duvida, se não entendeu da mesma sorte, dizendo no livrò 5.º dos *Fastos*, v. 727.

Quatuor inde notis locus est, quibus ordine lectis  
Vel mos sacrorum, vel fuga regis inest.

Comtudo concordando todos em que o rei sacrificador ia 'neste dia ao comicio, e até offerecia o sacrificio, que pertencia aos reis de Roma, depois do qual se retirava, a divergencia é de tão pequena importancia, que julgamos não dever desamparar Varrão, e outros archeologos romanos, dizendo expressamente aquelle, que quando o rei sacrificador deixava o comicio, o mais do dia era fasto.

A constituição republicana de Roma, como as da antiga Grecia, não admittia formas de representação. Os povos exerciam o seu direito em propria pessoa; e a nomeação dos consules, e maiores cargos publicos, a declaração da guerra, ou paz, e todos os negocios de maior importancia, dependiam do suffragio universal. Para este fim tinham os romanos dias determinados, nos quaes se reuniam em comicios por tribus, ou centurias, que são os indicados no calendario pela letra inicial c. (*Comitalis*). Quando em qualquer d'estes dias não tinham logar as assembleas populares, que podiam tambem ser convocadas extraordinariamente, eram os mesmos considerados *fastos*, e 'nelles exercitava o pretor as attribuições do poder judiciario. Macrob. Saturn. lib. 1. cap. 16.

*Calendas, Nonas, e Idos.* São tres periodos, ou pontos de partida, de que usavam os romanos para contar os dias do mez.



Calendas era o primeiro do mez, assim chamado do verbo grego *kalō*, por que 'neste dia o rei sacrificador, offerecendo o sacrificio a Juno, annunciava ao povo reunido no Capitolio junto á curia Calabra a novilunio, e o dia das nonas, invocando Juno cinco ou sete vezes, se estas vinham a sete, ou a cinco do mez. Varrão nos conservou as palavras sollemnes, de que o mesmo usava em tal occasião, e são estas *Dies te quinque calo Juno Novella* — *Septem dies te calo Juno Novella* (1). Os gregos não tinham calendas na divisão do mez; pelo que Ovidio lhes dá o epitheto *Ausonias*, *Fast.* liv. 1, v. 55: e como 'neste dia os credores exigiam o interesse do dinheiro mutuado, o mesmo poeta diz: que corriam *apressadas* (2); e o famoso Horacio, que eram *tristes* (3) para os devedores.

As *Nonas* não tinham divindade tutelar (4); mas os camponeses vinham 'neste dia á cidade, e o rei sacrificador annunciava ao povo no Capitolio o motivo das ferias, e o que deviam observar 'naquelle mez. Os romanos as festejavam em memoria de Servio Tullio, já depois da expulsão de Tarquinio, e do seu odio á soberania, por ser o mesmo um rei popular; ou por conservar o antigo costume dos toscanos, que todos os nove dias vinham tratar seus negocios, e saudar o soberano (5). Chamavam-se *Nonas*, por que precediam sempre nove dias aos *Idos*; e nos mezes de março, maio, julho e outubro, eram a sete, e nos outros a cinco.

*Idos.* Discrepam os mesmos archeologós romanos sobre a

(1) Varr. De ling. latina. lib. 6, num. 27.

(2) Ovid. Remed. amor. 561.

(3) Horat. lib. 1. satyr. 3, vers. 85.

(4) Nonarum tutela Deo caret. Ovid. *Fast.* lib. 1. v. 57.

(5) Varr. De ling. latin. lib. 6, num. 28, e Macrobr. Saturn. lib. 1, cap. 15. Apud Tuscus. . . nono quoque die regem suum salutabant, et de propriis negotiis consulebant.

origem d'este vocabulo, ainda que todos reconheçam, que nos mezes, que tinham as nonas a sete, os idos eram a quinze; e quando as mesmas vinham a cinco, estes caíam a treze. Comtudo no meio de tão variadas opiniões, que se podem ver em Macrobio, seguimos a que deduz a etymologia d'esta palavra do verbo *iduaré*, que na lingua etrusca significava (*dividere*) dividir, tomando os idos pela divisão dos mezes. Nesta parte temos por abonadores, alem do citado Macrobio e Varrão (1), que a reputam mais provavel, a Dionisio d'Halicarnassio, que lhe chama *dia divisor do mez* (2) e Horacio, Liv. iv, ode a Phyllid, v. 16

..... Idus tibi sunt agendae;  
Qui dies mensem Veneris marinae  
Fíndit Aprilem.

As duas ultimas columnas contêm a distribuição dos dias do mez em tres periodos, calendas, nonas, e idos; é a de que usamos por ordem numerica. Confrontando ambas se vê que os romanos seguiam a inversa, e ~~retrogradavam~~ diminuindo os numeros até ao ultimo do mez, que chamavam *pridie kalendas*, isto é, dia anterior ás calendas. D'onde se infere, que as calendas de qualquer dos mezes vinham no antecedente. Lallemand. De anno romano, no Thezouro d'antiguidades de Grevio, tom. 8.º, fol. 271.

Entrar agora no desenvolvimento do calendario seria longa tarefa, que nos levaria muito alem dos limites d'uma nota. Ovidio apresenta-nos o brilhante quadro do polytheismo romano com seus ritos magnificos, e tradições graciosas, como se achava constituido na sua ultima phase, quando elle bem differente da sim-

(1) Varr. lib. 6, num. 28 e Macrobi. Saturn. lib. 1, cap. 15. Nobis illa ratio nominis vero propior existimatur, ut Idus vocemus diem, qui dividit mensem. *Iduare* enim etrusca lingua *dividere* est.

(2) διχομητιδα ημερων.

plicidade primitiva tinha dado o privilegio de cidadão aos cultos das nações, onde chegaram as armas d'este povo. Comtudo sem penetrar as trevas da mythologia, a mesma inspecção dos *Fastos*, ajudada pela critica da historia, nos offerece em resultado que as idéas religiosas dos romanos estavam associadas ao seu governo politico, o qual formava d'ellas uma poderosa alavanca, que collocando no ceo o seu ponto d'apoio, pretendia dominar os espiritos, suspender toda a terra. Aqui pomos termo a esta nota, felicitando-nos em ver enriquecida a litteratura patria com uma versão, que não nos permite invejar alguma das melhores, que possuem as nações cultas da Europa.

O DEÃO ANTONIO JOAQUIM GONÇALVES E ANDRADE  
Socio provincial da Academia Real das Sciencias.

## NOTA QUINTA

PAGINA 3—VERSO 2

### NASCIMENTOS E OCCASOS HELIACOS (1)

Respeitavel collega e senhor.

A versão dos *Fastos de Ovidio*, que v. está a ponto de publicar, é certamente uma producção, que não ha de contribuir menos para a sua gloria do que as outras, com que v. tão distin-

(1) Carta a A. F. de Castilho.

ctamente tem enriquecido a nossa litteratura. Ainda que a minha opinião, sempre humilde, não tenha valor algum em tal materia, posso contudo affirmal-o afoitamente, fundado no julgamento de um dos homens mais conhecedores da litteratura latina, e apreciadores delicados das bellezas poeticas.

Uma obra tão magistral merece, na verdade, ser acompanhada de muitos esclarecimentos, que habilitem o leitor a ter cabal conhecimento dos variados objectos, a que o poeta allude, e a ajuizar melhor do talento, com que foram por v. vencidas tantas difficuldades.

No que v. porem não acertou foi em me contemplar no numero das pessoas capazes de o auxiliar no desempenho d'esta segunda parte. Entretanto para corresponder de alguma forma a tão honroso convite, darei breves explicações a respeito de um ponto, sobre o qual não me parece fóra de proposito chamar a attenção do leitor: refiro-me ao apparecimento das estrellas no horizonte quando o sol está proximo a nascer, ou pouco depois de se ter occultado; circumstancias, que os astronomicos denominam nascimentos e occasos heliacos; mas antes d'isso seja-me permittido notar quanto é importante o conhecimento da bella sciencia astronomica, para a intelligencia de muitos passos dos antigos e modernos poetas.

---

Cum sole et luna semper Aratus eris.

Esta menção, que Ovidio faz do poeta Arato, é devida, conforme a opinião dos melhores criticos, a ter elle sabido cantar em versos harmoniosos as sublimidades astronomicas, que havia explicado Eudoxo.

Apesar dos romanos se terem dado pouco á cultura das sciencias naturaes, os seus poetas, longe de se afastarem da senda já trilhada, procuraram conhecer os factos astronomicos, e as ex-

plicações que d'elles então se davam, para com isso realçarem as suas imagens.

Se consultarmos o Dante, acharemos no pai da poesia moderna, muitos trechos, que se referem á astronomia; por exemplo, no 16.º canto do *Paraiso*, onde faz allusão á entrada do planeta Marte no signo do Leão, dizendo:

Da qual di, che fu detto Ave  
Al parto, in che mia madre, ch' é or santa,  
S'allivió da me, ond'era grave,  
Al suo Leon cinquecento cinquanta  
E trenta siate venne questo fuoco  
A rinfiammarsi sotto la sua pianta.

Não só d'estas referencias, á astronomia, por assim dizer soltas, como apparecem no nosso Camões, Tasso e outros, se tem servido os poetas. Alguns, como Voltaire, na sua celebre epistola a madame du Chatelet, e José Agostinho de Macedo, no seu poema *Newton*, dedicaram-se exclusivamente a cantar as sublimidades da sciencia.

Esta constante tendencia, a que as grandes imaginações são pròpensas, não é para admirar, quando reflectimos nos maravilhosos phenomenos, que a abobeda celeste nos apresenta. Nas primeiras idades a mythologia ligou-se aos astros. A superstição, ora risonha, ora terrivel, mas sempre inspirada, ou pelo suave clima da Grecia, ou pelo nebuloso firmamento do norte, deu origem a mil ingenhosas fabulas, que todas prendem mais ou menos com os phenomenos astronomicos. Nos tempos modernos a revolução que o christianismo operou, e o grande progresso da sciencia desde Copernico, se destruíram a crença de muitas ficções, não despiram das suas galas a natureza. Milton e Chateaubriand bem o mostraram.

É sem duvida pois que certos conhecimentos astronomicos são necessarios para a intelligencia dos poetas antigos e moder-

nos ; por falta d'elles mais de um commentador não acertou com o verdadeiro sentido de algumas frases. Foi o que aconteceu, conforme a opinião de Lalande, a respeito da palavra *averso*, no seguinte passo das *Georgicas*, que Delille classifica como inintelligível :

Candidus auratis aperit cornibus annum  
Taurus, et aversus cedens canis occidit astro.

A astronomia gosa do precioso predicado de ser a sciencia mais perfeita, e a que melhor se presta a ser estudada independentemente de apparatusos preliminares, e de uma de tantas technologias, arrevesadas aos nossos ouvidos, que assustam sobremaneira os que só querem achar deleite na cultura das sciencias. Desde a publicação das cartas do grande Euler, sobre a astronomia, escriptas a uma princeza da Allemanha, até á famosa obra de Arago, recentemente publicada com o titulo de *Astronomia popular*, muitos homens do maior merecimento, figurando entre elles o nome de Herschel, procuraram explical-a, em toda a sua sublimidade, servindo-se unicamente dos principios mais elementares. Arago, na sua grande obra, contenta-se com que o leitor tenha os simples conhecimentos mathematicos, que se adquirem 'numa escola ordinaria do primeiro gráo.

Aquillo para cujo descobrimento foi necessaria a intelligencia, e indispensavel a sublimidade dos calculos de Leibnitz, de Newton, e de Laplace, pode ser hoje facilmente intendido sem aparato algum scientifico. Magestoso exemplo, que nos revela a necessidade de certos homens especiaes possuirem profundos conhecimentos, para que a luz da verdade, o incontestavel progresso, se derrame sem difficuldade !

Sirva esta pequena digressão, tão incompleta como é, para inculcar áquelles que, em horas de descanso, procuram nos livros uma diversão agradável, que a podem encontrar facilmente

e com o maior deleite e instrucção, em algumas obras de astronomia.

Um dos assumptos relativos a esta sciencia em que Ovidio mais insiste, assim como outros poetas da antiguidade, é o que diz respeito ao que então se chamava, *Apparencia*; objecto que mereceu tanto a attenção de Ptolomeu que compoz um tratado que especialmente lhe consagrou.

Todos sabem que o movimento apparen-te do sol se completa em 365 dias e uma fracção, caminhando elle do occidente para o oriente. A este movimento alludem os versos da pag. 19, assim traduzidos :

Na bruma finda um sol, outro começa;  
assim partem de um ponto os soes e os annos.

O solsticio de inverno, aqui designado pela palavra bruma, isto é, uma das duas épocas do anno em que o sol parece não ter movimento no sentido norte sul, é facil de observar. Ainda hoje se conservam os restos do celebre obelisco do campo de Marte em Roma, que servia para este effeito; mas qualquer poste, com uma placa na parte superior convenientemente prefurada satisfaz cabalmente ao mesmo fim.

A notavel circumstancia das sombras, observadas por este meio, não variarem sensivelmente durante alguns dias antes e depois do sol ter chegado ao seu limite para a parte do sul, era por tanto muito propria para servir de ponto de partida, e por consequencia indicar quando elle tinha completado uma revolução inteira; o que constitue o anno tropico.

A causa d'este phenomeno é mui facil de perceber, notando o que aconteceria a um corpo que se movesse successivamente no circulo, que sobre o globo, denominado terrestre, se designa pelo

nome de ecliptica. Ver-se-ia que as differenças das distancias successivas do corpo ao equador se tornavam insensíveis, quando aquelle se approximasse do ponto da ecliptica que mais dista da linha equinocial. Ora como estas distancias são as que determinam as sombras maiores ou menores, é claro que cessando a causa cessa aqui o effeito.

As estrellas, e por consequencia os grupos que d'ellas se formaram, chamados constellações, carecem inteiramente d'este movimento attribuido ao sol; a sua posição relativa pode-se considerar constante. D'esta sorte o sol no seu movimento annuo vai como encontrar as que parecem estar no seu caminho, e muda de posição a respeito de todas as outras. De maneira que se hoje o sol depois do seu occaso deixa ver uma estrella, proxima tambem a sumir-se no horisonte, amanhã, em virtude do movimento solar, podem os occasos ser tão proximos, que o brilhantismo da estrella se annulle na intensidade da luz solar.

Pela mesma razão o nascimento do sol é successivamente acompanhado de diferentes estrellas, antecipando-se de dia para dia o apparecimento de cada uma d'ellas sobre o horisonte.

Este movimento solar pode reputar-se quasi uniforme; assim os nascimentos e occasos do sol e das estrellas tão proximos quanto seja necessario para estas serem vistas, são muito proprios para fixar determinadas épocas do anno. É isto que os antigos faziam formando d'esta sorte uma especie de calendario, que se podia ler no ceo; o que se na verdade era muito mais poetico, era comtudo muito menos commodo do que as nossas folhinhas ordinarias.

Já se vê quanto este assumpto é importante pela ligação que tem com a fixação das épocas mais remotas. É porem necessario advertir que nem sempre se pode prestar credito ao que os antigos escreveram a esse respeito. Columella, na especie de calendario que fez para uso dos romanos, entre outras inexacções,



suppõe, servindo-se talvez das observações de Alexandria, que a constellação chamada a *Grande ursa*, tinha occaso na latitude de Roma. Ovidio que parece ter sabido mais das coisas do ceo do que este seu contemporaneo, diz o contrario nos versos da pag. 96 do 2.º livro, assim traduzidos :

Não pára da Saturnia inda a vingança;  
da alva Thetis obtem, que nunca a ursa  
no equoreo pego logrará banhar-se.

Já não foi tão veridico o poeta, nos versos da pag. 32 assim traduzidos na 33

..... Chegam as *Nonas*;  
por entre as negras nuvens borrascosas  
lá vos desponta a lira!

Este annuncio do nascimento heliaco da lira para o dia 5 de Janeiro é inexacto, e deveria referir-se a perto de dois mezes antes.

---

Não se devem confundir os nascimentos e occasos heliacos com outros a que os antigos, e ainda os modernos, chamam nascimentos e occasos cosmicos e acronycos. Estes ultimos referem-se á occasião, em que o sol e a estrella se acham ao mesmo tempo no horisonte; seja quando ambos se elevam ou occultam, ou quando um nasce e o outro se occulta.

Um exemplo de occaso acronyco de uma constellação dá-se nos versos da pag. 86 assim traduzidos :

Mais uma noite. . . e o que brilhava ha pouco  
estrellado golfinho, eis desaparece!

Felizmente é mui facil verificar, sem dependencia de qual-

quer calculo, se os antigos na apreciação d'estes phenomenos foram tão exactos quanto podiam ; basta para isso ter conhecimento dos diversos circulos, de que se compõe o globo celeste artificial. Os curiosos que se quizerem entreter 'neste genero de indagações, podem consultar entre outros livros, o resumo da Astronomia de Lalande, onde acharão a par de muita erudição a materia tratada com a maior clareza.

De V. etc.

JOÃO FERREIRA CAMPOS.

## NOTA SEXTA

PAGINA 3—VERSO 3

CESAR GERMANICO

**A** quem dedicou Ovidio os seus *Fastos*? ; A Tiberio, como querem alguns, fundados 'neste verso 59 do L. 2.º do Poema :

Templorum positor, templorum sancte repostor,

quando é certo que Tiberio não fez mais do que concluir alguns templos começados no reinado d'Augusto ?

; Foi a Augusto, como parece deprehender-se do seguinte passo dos *Tristes*, referindo-se aos *Fastos*, (*Tristes* L. 2.º, v. 551) e de muitos outros, que se encontram espalhados no corpo d'este poema ?

Idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar,  
Et tibi sacratum. . . . .

; Foi ao neto de Livia, esposa d'Augusto em segundas nupcias, a Druso Germanico, que elle appellida Cesar, porque os netos d'Augusto receberam como distincção este tractamento?

Este logar dos *Fastos* diz claramente que sim. Foi ao sobrinho de Tiberio, e seu filho pela adopção, foi ao filho pelo sangue de Druso Claudio Nero, tambem denominado Germanico em memoria das suas victorias na Germania, que o poeta relegado dedicou sem questão o L. 1.º dos *Fastos*.

Com quanto se não designe expressamente o nome de Druso, e mesmo haja na historia das illustrações de Roma dois individuos — pai e filho — assim chamados com o appellido de Germanico, vê-se que Ovidio na dedicatoria d'este poema o consagra ao segundo :

1.º Porque o poeta no verso :

Tu quoque cum Druso praemia fratre feres.

dizendo que Germanico era irmão de Druso não podia referir-se semão a Druso, filho de Tiberio, de quem o Germanico, como já dissemos, era tambem filho pela adopção.

2.º Porque Ovidio implora o auxilio d'um poeta, e nós sabemos que o Germanico cultivava a poesia no meio do estrepito das armas, e tanto que existe d'elle uma traducção em versos latinos dos *Phenomenos* d'Arato.

3.º Porque Ovidio, que sente estremecer a pagina em que lança os seus versos pelo juizo, que d'elles fará um principe esclarecido, allude tambem ao seu talento como orador fecundo,

Quae sit enim culti facundia sensimus oris,  
Civica pro trepidis quum tulit arma reis.

e Tacito diz-nos que o busto de Germanico, depois da sua mor-

te, foi collocado na sala do senado, entre os dos illustres oradores, que tinham honrado a patria com a sua eloquencia.

Entretanto dos *Fastos* serem dedicados a Druso Germanico, logo nos primeiros versos do liv. I, o que parece tornar geral o offercimento do poema, não se segue que os cinco restantes livros lhe fossem tambem consagrados; e é isto tanto assim que nestes, e em mais d'um logar, o Cesar louvado, festejado e requerido para tomar sob a sua protecção a obra dos *Fastos* é Augusto, o imperador, que com um dos seus *firmans* despoticos arrancou o poeta ás delicias de Roma para o lançar 'num paiz inhospito, povoado de barbaros.

É a Augusto, que Ovidio se dirige nas seguintes palavras do liv. II, de versos 15 a 19:

At tua prosequimur studioso pectore, Caesar,  
Nomina per titulos ingredimurque tuos.  
Ergo ades et placido paulum mea munera vultu  
Respice.....

Vejamos o motivo d'esta singularidade, porque o é effectivamente.

Ovidio foi desterrado no anno 763 da fundação de Roma, e os seus *Fastos*, com quanto só fossem publicados, é a opinião mais geral, depois da sua morte, acontecida em 771, ou 770, como querem outros, foram visivelmente começados, e talvez continuados até ao ponto em que os deixou, nos ultimos annos, que precederam o seu exilio, de 752 a 762.

É o que se deduz do exame reflectido do poema, e é a opinião de Lacroix 'numa excellente Memoria ácerca da religião dos romanos apresentada á faculdade de letras de Paris.

'Neste tempo presidia Augusto aos destinos do imperio. Ambicioso, desejando reunir em si todos os poderes, havia-se, depois da morte do triumviro Lépido, declarado pontifice maximo; e desde então as fundações dos templos, as celebrações dos jo-

gos, as consultas dos livros sibyllinos, as modificações do calendario tudo correu por elle. Se os *Fastos* eram a commemo-  
ração de tudo isto, a quem deviam ser dedicados? ao semi-Deus,  
ao santo pai da patria — *sancte pater patriae*, áquelle a quem  
cabia na terra o nome que no Olympo competia a Jupiter :  
(*Fast.* liv. II, vers. 132).

Hoc tu per terras, quod in aethere Jupiter alto,  
Nomen habes.....

Correram os annos, e Ovidio no desterro, curtindo as mais  
desconsoladas saudades de Roma, implorou o Cesar, implorou o  
valimento de quantos lhe podiam acudir para o salvarer das as-  
peresas da Scythia.

A Augusto, de quem fez a apothese, que infelizmente se  
perdeu, e que fôra escripta em lingua gética para que os elogios  
do seu perseguidor resoassem nas margens do Ponto-Euxino —  
Pont. liv. IV, epistol. 13.<sup>a</sup>.

Ah pudet! et gético scripsi sermone libellum,  
Structaque sunt nôstris barbara verba modis.  
Materiam quaeris? Laudes de Caesere dixi;

a Augusto, que Ovidio adorou como um deus, erguendo-lhe um  
altar quando soube da sua morte, consagrâra, vivendo, ainda  
os *Fastos*; supplicára-o com palavras, que nem na apothese,  
nem nos incensos do altar foram excedidas; mas o Cesar, como  
se vira no desterrado um inimigo perigoso, foi inabalavel nas  
suas resoluções.

Livia, a esposa d'Augusto, a que Caligula denominava com  
bastante propriedade — um Ulysses de saias — *stolatam Ulys-  
sem* — tinha sobre o imperador a influencia, que uma mulher  
audaciosa, dotada d'ambição e espirito, tem quasi sempre sobre  
o homem, que a ama. Dezoito annos antes do seu desterro, pela

morte de Druso Claudio Nero, filho de Livia tinha o poeta em versos sentidíssimos escripto a *Consolação a Livia*. Depois já nas agruras do exilio, havia aconselhado a esposa para que fosse ajoelhar-se aos pés, implorando o seu valimento para com o Cesar, e esta mãi sem coração, esta mulher desnaturada, foi surda a todas as vozes.

Tiberio subiu ao throno imperial depois da morte d'Augusto. Ovidio cantou-lhe as victorias, escreveu um poema, que tambem infelizmente se perdeu: *Os Triumphos de Tiberio*, exaltando o nome do heroe. — Pont. liv. II, epistola 5.<sup>a</sup>:

Nuper ut huc magni pervenit fama triumphi  
Ausus sum tantae sumere molis opus.

Mas Tiberio, o filho digno de Livia, o tiranno sem alma, acolheu as supplicas do desterrado com a indifferença d'Augusto.

Se Augusto, se Livia, se Tiberio o não escutaram, se os amigos mais influentes e dedicados nada puderam no animo dos Cesares para o restituir á patria, que restava a Ovidio? Um nome só, o de Druso Nero, o triumphador da Germania, o vingador de Varo, o querido dos soldados e do povo romano.

Foi em 768 de Roma, que Druso, vingando a derrota de Varo, dictou a paz ás tribus da Germania. Os *Fastos* estavam por publicar, Augusto, a quem elles tinham sido dedicados havia fallecido; Ovidio olhou para o astro que se levantava, e pondo 'nelle uma esperanza, intendeu que devia revêr a sua obra e offerecel-a a Druso Germanico.

Outra circumstancia concorreu ainda para esta resolução. No anno 770 de Roma (17 da Era Christã), com o pretexto de suffocar as perturbações da Armenia e da Syria, foi Druso mandado por Tiberio ás provincias do Oriente, com poderes superiores aos dos proconsules e proprettores que as governavam. Por isso mesmo que o sobrinho de Tiberio era querido dos soldados

e popular em Roma, tinha contra si a vontade tanto de Cesar como de Livia, e este era o meio de lhe diminuir a influencia na patria.

Druso querendo ver pelos seus olhos as provincias que lhe estavam confiadas, depois de visitar os logares em que as victorias d'Augusto o tinham feito senhor do imperio romano, dirigiu-se a Athenas, atravessou Lesbos, Byzancio e o Bosphoro, chegou até ás margens do Ponto Euxino.

Ao approximar-se o grande homem, deveu bater mais apressado o coração do poeta, e se ainda então não estava decidido a substituir nos *Fastos* o nome d'Augusto pelo de Germanico, sem duvida que se decidiu 'neste momento.

Baldada esperanza! Pôz mãos á obra, corregiu o primeiro livro, concluiu a sua revisão, mas quando se destinava a continual-a nos outros, veio a morte arrancar-o ás dores de oito annos d'exilio.

Ovidio morreu no anno de 771 de Roma, deixando d'este modo o primeiro livro dos *Fastos* dedicado a Germanico, e os cinco restantes a Augusto, como em principio os havia composto.

Ha destinos implacaveis, a que se não foge. Se o poeta mimado pelo desalento, e pelas tristezas, não tivesse tão cedo deixado as prisões da terra, e levasse por diante o seu proposito, de nada lhe valéra. 'Nesse mesmo anno, envenenado por Pisão, governador da Syria e confidente de Tiberio, acabou os seus dias na esperançosa idade de trinta e cinco annos o vencedor da Germania.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO.

三  
日  
十  
月  
九  
日  
白  
三

